



MARCADA
por mim

JOANE SILVA



MARCADA
por mim

JOANE SILVA

Copyright © 2020, Joane Silva

Revisão: Wânia Araújo

Diagramação digital: Joane Silva

Capa: E.S Designer

Silva, Joane

Marcada por mim

1ª Ed.

Brasília - DF, 2020

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor.

A violação de direitos autorais é crime previsto na lei nº. 9.610,

de 19 de fevereiro de 1998.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor, qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência. Todos os direitos desta edição reservados pela autora.



Sinopse

Pode o amor causar dor?

Aos 19 anos, Ella leva uma vida simples e tranquila e o fato de viver com tão pouco não é capaz de apagar o brilho no seu olhar, pois acredita que o seu lugar é onde está o seu coração. Mas tudo muda depois da chegada de Diego Estrada, filho do maior dono de terras da região, um homem frio e misterioso que não faz questão de ser cordial com quem está à sua volta. Sua chegada transforma o mundo de Ella conhece e sua inocência deixa de existir.

O seu toque causa mácula, a sua voz provoca medo e, principalmente, a sua alma e o seu olhar lhe despertam arrepios.

Aos 30 anos, Diego pensa ter perdido tudo, até mesmo um pouco da sua humanidade, e voltar para o lugar do qual partiu tantos anos atrás lhe causa muito mais do que incômodo. Quando ele conhece a bela e inocente

Ella, a bondade e a ingenuidade da moça provinciana perturbam-no e trazem à tona desejos que há muito tempo estavam adormecidos.

Pode o amor curar?

Medo e dor. Paixão e erotismo, esta não é uma simples história de amor.



Dedicatória

Para você que não desiste dos seus sonhos, que acredita que o raiar de um novo dia trará novos sonhos e novas oportunidades.

Para aqueles que acreditam na força do amor e em segundas chances.

Este livro é para vocês.



Prefácio



Nunca é alto o preço a pagar pelo privilégio de pertencer a si
mesmo...

Friedrich Nietzsche



Sumário



[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[CAPÍTULO 51](#)

[CAPÍTULO 52](#)

[CAPÍTULO 53](#)

[CAPÍTULO 54](#)

[RECOMEÇOS](#)

[CAPÍTULO 55](#)

[CAPÍTULO 56](#)

[CAPÍTULO 57](#)

[CAPÍTULO 58](#)

[CAPÍTULO 59](#)

[CAPÍTULO 60](#)

[CAPÍTULO 61](#)

[CAPÍTULO 62](#)

[CAPÍTULO 63](#)

[CAPÍTULO 64](#)

EPÍLOGO

[BÔNUS – TONY E BIA](#)

[OUTROS LIVROS DA AUTORA](#)

[REDES SOCIAIS](#)



Prólogo

SANTA RITA - VILA DAS FLORES

— Chegou atrasada, mocinha — a senhora de 65 anos me repreende na porta da igreja, a única paróquia existente em uma vila que só não foi totalmente esquecida no mapa por ficar perto da maior fazenda da região e que também é a maior fornecedora de rosas da cidade de Santa Rita.

A fazenda do senhor Luiz Estrada é próspera e nada é tão belo quanto os roseirais que estão plantados em terras férteis e que parecem infinitas. Por causa da fazenda, muitos aqui têm emprego e condições de colocar comida na mesa.

— Por que, vovó? Está acontecendo alguma festa aí dentro? — Da escada, tento espiar o interior da igreja, mas o sol forte do lado de fora me dá a impressão de que está tudo escuro no interior da pequena paróquia.

— Um velório — fala, com espantosa naturalidade, e se eu não estivesse me segurando no corrimão de madeira envelhecida, teria saído rolando pelos cinco degraus que separam a porta da paróquia da calçada de paralelepípedo.

Como pode a minha avó estar tão satisfeita em falar que os moradores da cidade estão participando de um velório?

Eu sei que é uma vila pacata e que nada acontece nesse lugar, mas, ainda assim, um velório não deveria causar esse tipo de sentimento. Se a dona Ester está assim, sendo geralmente a mais sábia do lugar, não quero imaginar como estará o resto dos moradores.

Será que eles pelo menos sabem quem é a pessoa que faleceu? Aliás, como é um lugar pequeno, presumo que deva ser alguém de fora, já que todos se conhecem e não se teve notícia de nenhum falecimento.

Deus! Que pensamentos mórbidos para se ter em plena manhã de outono.

— Quem faleceu? — indago.

— Bem... — O fato da minha avó parar para pensar já responde o que eu queria saber. Não, eles não fazem ideia de quem está ali, ou melhor, podem até saber, mas não conhecem a história da pessoa, não têm intimidade com a família do morto e não se importam em saber. Para todos, o mais

importante é ter um evento para comparecer, mesmo que seja um tipo peculiar de evento.

— Onde está o vovô? — Mais uma vez tento espiar, pois, se tem uma coisa que ainda não sei controlar, é a curiosidade. Não que algum dos meus vizinhos saiba.

— Onde mais ele estaria, criança? — com as mãos na cintura, a senhora ainda jovem para a sua idade me questiona.

— No campo? — É uma constatação óbvia, uma vez que o meu avô é um dos melhores funcionários do campo do senhor Luiz.

Ele tem um amor tão grande pela terra, por cada muda plantada, que realmente não é difícil encontrá-lo por lá. O meu avô, assim como dezenas de outros homens, é responsável pelo belíssimo campo de rosas brancas e vermelhas e girassóis.

Tanto a cidade de Santa Rita quanto a Vila das Flores são conhecidas Brasil afora pelo cultivo e revenda das mais belas flores da região. O negócio do fazendeiro Luiz Estrada movimenta a cidade e suas flores estão em todos os lugares, seja enfeitando a igreja ou o restaurante ou à venda na floricultura e na lojinha de presentes.

Desde pequena, o meu maior prazer é ficar na fazenda, observando os campos, que parecem intermináveis. A natureza me fascina, as

flores me encantam e, principalmente, o perfume delas aquece a minha alma, mantendo vivas a minha alegria e a esperança de que um dia sempre será melhor que o outro. Isso faz com que eu acredite na magia do amor, da bondade e na beleza dos sonhos.

Nos meus 17 anos, pouco vi e vivi da vida e mal conheço algo fora da pequena vila, mas, ainda assim, acredito no amor e no lado bom de todas as coisas, pois é impossível viver em um lugar como esse, sentir a presença de uma força muito maior do que os nossos olhos podem ver e simplesmente não acreditar.

— Sim, minha criança, no campo e, por favor, não vá até lá atrapalhar os trabalhadores. Deixe para ir ao final do dia, quando não tiver mais ninguém por lá — aconselha, sabendo e tendo entendido que nada pode me afastar daquele campo. Desde muito pequena, ele é a paixão da minha vida e, se pudesse, trabalharia com o meu avô, colhendo as flores que tanto amo. Tenho um carinho por todas, mas as rosas brancas exercem um fascínio incomum sobre mim.

Como só homens trabalham nos roseirais, junto o útil ao agradável ao colher as rosas e os girassóis que, por alguma razão, não são considerados bons o suficiente para a venda e, acompanhada da minha cesta de palha, corto-os com a minha inseparável tesourinha e vendo-os na praça.

Às vezes, ofereço-os na porta dos estabelecimentos comerciais para aqueles que não têm condições de comprá-los pelo valor normal.

Aqui na vila, assim como na cidade, as flores são valorizadas como merecem, já que são o cartão de visitas da cidade e a principal fonte de renda dos moradores.

— Estou entediada, vovó — reclamo, olhando para todos os lados da praça e vendo-a vazia como não costuma ficar.

— Aos 17 anos, eu também era como você, ficava o tempo todo procurando coisas para fazer — relembra, olhando para a movimentação na porta da paróquia. As pessoas começam a sair e me pergunto como tanta gente coube em um espaço tão pequeno.

Com figuras conhecidas e outras não tão notórias, vejo um aglomerado se formar e me chama a atenção a presença do seu Luiz, todo vestido de preto e, no rosto, óculos escuros. O homem sempre pareceu ser uma figura inatingível, mas, ainda assim, é gentil e bondoso com todos da vila.

— Por que o senhor Luiz está aqui? — indago, mas logo somos interrompidas pelas amigas da minha avó, que se aproximam para contar a última fofoca.

Aproveitando-me da situação, pego a minha cesta, que havia

colocado na calçada enquanto conversava com a minha avó, e, de fininho, me afasto da praça. Vou até a minha casa, pego a bicicleta e, com um sorriso no rosto, vou para o campo.

O perfume das flores me dá boas-vindas, a beleza delas enche os meus olhos e o milagre de sua existência aquece o meu coração. Minhas mãos acariciam as rosas, meu nariz se aproxima para sentir o aroma e, quando a maciez das pétalas toca o meu rosto, chega o momento em que eu me perco. Uma a uma, toca-as antes de separá-las e colocar na minha cesta.

O tempo passa sem que eu me dê conta e o dia começa a dar lugar à noite. Olho para a cesta, vejo que já tenho rosas suficientes e estou me preparando para deixar o campo quando ouço um barulho estranho.

Sem que eu saiba de onde vem e de quem se trata, ouço o choro de alguém. Um homem, o choro sofrido pertence a um homem, disso não tenho dúvidas. A escuridão que começa a cobrir o campo aberto torna difícil a minha visão, mas tudo o que o meu coração quer é se aproximar e levar embora a dor do homem que chora de uma maneira tão dolorida que é quase como o rugido de um leão ferido.

Cegamente e sentindo que, logo hoje, a noite está caindo mais rápido, caminho por entre os corredores de flores, olhando de um lado para o outro e guiando-me pelo som do choro copioso. Ao longe, avisto uma

silhueta, uma sombra alta e, como eu pensava, pertence a um homem.

Pisando de leve na terra fofa para não o assustar, me vejo cada vez mais perto dele. No meu interior, existe um misto de sentimentos e o que predomina é a forte sensação de que preciso fazer isso, de que esse homem precisa de alento. Ele não pode sofrer tanto em um cenário tão belo como esse.

— Vá embora daqui. — A voz é baixa e rouca, como se ele não tivesse o costume de falar com frequência. — Me deixe sozinho ou você irá se arrepender.

Sua ameaça faz com que eu trema de medo, mas o receio não é maior que o meu desejo de chegar perto dele para saber por que chora e sofre tanto.

— Eu não vou — falo com firmeza e ele não diz mais nada.

Às suas costas, vendo apenas a sombra por causa da escuridão quase completa, reparo nas suas roupas e, por elas, fica claro que ele não é daqui. Trata-se de alguém em quem eu nunca pus os olhos e continuo sem conhecer, já que ele não se vira para me olhar de frente.

Não que eu o esteja julgando por isso, é ele quem sofre aqui e sou eu quem invade o seu espaço pessoal e não respeita o seu momento.

O homem leva as duas mãos ao rosto e, como se tivesse decidido

que não valia a pena pausar o seu momento de dor por causa uma intrusa, volta a chorar com mais intensidade. Seu corpo todo treme e, como se uma força me atraísse, chego mais perto, o mais perto que posso, e levo as minhas mãos aos seus ombros.

Ele primeiro fica tenso, mas não faz nenhum movimento para me repelir, apenas continua a chorar, o que começa a me angustiar por não conseguir imaginar o que abalou um homem tão alto e forte como ele.

Passando de todos os limites, minhas mãos começam vagorosamente a descer, passam por entre os seus braços e se fincam na altura do seu peito. Minha palma pousa perto do seu coração e eu estranhamente sinto um alívio por escutá-lo batendo contra a minha mão. O leão ferido, mais uma vez, não faz nada para me afastar ou repelir a minha ousadia. Quando minha cabeça se deita nas suas costas, meu corpo se encosta no seu e minhas mãos sentem com mais intensidade as batidas do seu coração. Da minha boca, sai a única frase possível para um momento como esse:

— Eu sinto muito.

É com surpresa que sinto o seu primeiro movimento e o momento em que ele leva as mãos até as minhas e entrelaça os nossos dedos. Ainda na altura do seu peito, o homem aperta as minhas mãos pequenas

demais entre as suas, o que chega a machucar, já que no meu dedo anelar existe um anel que eu sempre uso.

Ele aceita o meu conforto, mesmo sem saber quem eu sou e eu o conforto, mesmo sem saber quem ele é. Chora mais contido e baixinho, sem nunca soltar a minha mão e eu, como se estivesse absorvendo parte da sua dor, também começo a chorar. Não consigo entender por que estou tão triste por ele, mas sei que para algumas coisas não existe explicação.

O tempo passa e não há como quantificá-lo, nenhuma palavra é dita e, no meio do roseiral e do perfume das flores, existe um homem e uma garota, dois desconhecidos unidos por uma força maior, a força da dor e da compaixão.

Quando eu já estava começando a acreditar que passaria a eternidade sentindo as batidas do seu coração e ouvindo o som da sua respiração, o leão ferido, sem nome e sem rosto, fala:

— Obrigado. — A voz me causa arrepios, um tipo diferente de arrepio que nada tem a ver com o temor que a sua voz me causou da primeira vez. Quando, lentamente, vai descendo as nossas mãos ainda unidas, ele termina: — Adeus, garota das flores.

De maneira inesperada, ele se afasta e começa a andar com passos mais largos do que eu sou capaz de reproduzir. Quando começo a

gritar para que não fuja, como um animal acuado, o desconhecido começa a correr. Ele desaparece e meu estado de choque e solidão faz com que eu me pergunte o que foi que acabou de acontecer.

Solto a respiração, que não sabia que estava presa, olho em volta e, quando a brisa provoca um arrepio em mim, levanto a mão bem diante dos meus olhos, notando os meus dedos vazios. O anel da minha família já não está na minha mão esquerda.

Ele se foi, levou uma lembrança minha e não deixou nada em troca, nada que me faça crer que tudo isso foi real, nada que tornasse a minha história, no mínimo, aceitável, caso fosse contá-la aos meus avós para que eles acreditassem que não foi somente uma fantasia ou um sonho romântico inventado pela minha mente.

No meu íntimo, guardei com carinho o encontro inusitado e de algum modo especial para mim. A noite em que, no meu lugar preferido, vi e toquei em um homem sem rosto. Sem nunca esquecer, fantasiei que significou mais do que realmente foi, apenas para mais tarde descobrir que seria melhor se eu nunca o tivesse conhecido.



Capítulo I



— Eu estou realmente exausta. — Jogo-me sobre o sofá gasto da nossa modesta casa, aproveitando o final do dia para enfim me sentar, tirar uma sapatilha de cada vez e massagear o peito dos meus pés. É uma dor gostosa e traz o alívio necessário para eles, que estão tão castigados.

— Vá descansar, minha filha — meu avô diz, sentando-se ao meu lado sem conseguir esconder o seu abatimento e a tristeza pela perda. Além da tristeza, nos olhos do seu Murilo vejo a preocupação de quem sabe que agora o nosso futuro está mais incerto do que quando descobrimos que o senhor Luiz estava doente.

— Vocês vão ficar bem? — pergunto, preocupada.

— Sim, minha filha, vá se deitar que o dia hoje foi longo e você está com uma carinha muito abatida.

Antes de sair, peço a bênção deles e beijo o rosto das únicas pessoas que tenho no mundo. Eles são a única família que tenho desde que perdi a minha mãe no mesmo dia em que nasci e fui abandonada pelo homem que deveria ser o meu pai.

Ao entrar no cômodo pequeno, mas que tem tudo do que preciso, tiro o meu vestido, tomo um banho rápido, visto o meu pijama composto por uma calça e uma blusa de flanela e dou ao meu corpo o que ele tanto precisa: uma cama.

Hoje foi um dia de tristeza e ninguém na vila teve coragem de fazer ou pensar em outra coisa que não fosse a partida do seu Luiz. Ele, que durante meses lutou pela vida, infelizmente acabou perdendo a batalha.

Quando ele ficou de cama por causa de uma doença rara, toda a vila e a cidade ficaram em estado de alerta, já que o homem era quase o rei do lugar, mas não do tipo que exercia a sua autoridade pela riqueza que tinha ou pela influência que o seu nome carregava. Para nós, Luiz Estrada era mais como uma figura protetora, um homem que, apesar de sério, não tinha nada em si que não fosse bondade e gentileza. Olhava para o nosso pedaço de chão

esquecido pela prefeitura da cidade, tornava a nossa vida melhor e, principalmente, amava o cultivo das flores e dava valor ao que o negócio próspero lhe proporcionava.

O mais triste de toda a situação foi que, durante o tempo em que ficou doente, toda a vila sentiu a sua ausência, viveu a insegurança pelo futuro e até os roseirais sentiram que ele estava prestes a partir. Nas duas últimas estações, as flores não pareciam tão belas quanto antes e muitas foram descartadas.

A segurança que tivemos durante toda a vida está ameaçada com o falecimento do senhor Luiz. A sua fazenda, que vai muito além dos roseirais, já não parece manter o ritmo de funcionamento de antes. Isso tudo eu sei graças às conversas dos meus vizinhos e principalmente da minha avó, que há muitos anos trabalha como cozinheira na sede da Fazenda Solar.

O homem, que era tido como um líder nato, tem apenas um filho e ele é um mistério que eu e todos os curiosos da vila tentamos desvendar. O que se ouve sobre Diego Estrada são histórias que ninguém sabe se são verídicas ou apenas fofocas inventadas por mentes férteis e desocupadas.

Durante os meses em que o senhor esteve lutando pela vida, soubemos que o filho esteve o tempo todo ao lado de sua cama, o que joga por terra a fama de filho pródigo que ele tem. O problema é que nem todos

acreditam nessa hipótese. Eu mesma não os culpo. Como acreditar se nem mesmo a sombra do homem foi vista por essas bandas?

Se Diego Estrada esteve aqui em Santa Rita nos últimos meses, ele certamente é um fantasma ou então um homem, no mínimo, estranho. Já estive várias vezes na sede, tentei descobrir algo e não cheguei nem perto de ver o tal Diego.

A minha avó — que foi usada por todos, inclusive por mim — nunca abriu a boca para negar e muito menos confirmar a veracidade dos boatos. Da minha parte, estou mais propensa a acreditar que o filho do senhor Estrada é um desalmado que não veio ver o pai, até porque a minha avó não teria motivos para escondê-lo de mim. Não ela, que nunca foi capaz de esquecer o menino que viu crescer de perto, que me contava histórias ao seu respeito sem que eu sequer tivesse perguntado.

O dia hoje foi muito triste, o velório e o enterro reuniram uma multidão de pessoas, todas da vila e da cidade. Se o cara estava ou não presente, isso eu não pude saber, considerando que não tive a chance de chegar tão perto quanto gostaria para me despedir do senhor que sempre foi tão bondoso com os meus avós, tornando a nossa vida humilde muito mais fácil ao empregá-los e pagar um salário acima do que talvez outras pessoas na cidade pagariam.

— Eu não vou conseguir dormir de jeito nenhum — em voz alta, constato. Não tem como dormir com a minha cabeça fervilhando de pensamentos, ideias e questionamentos.

Antes do falecimento do seu Luiz, quando todos já sabiam que ele estavam indo de mal a pior em decorrência de uma doença que nem mesmo os médicos podiam dar garantias, já que se tratava de uma doença rara no sangue, muito se especulou sobre como tudo ficaria caso o pior acontecesse. Pode parecer insensibilidade pensar assim quando alguém claramente lutava pela vida, mas quem vê de perto e vive como todos nós vivíamos, entende que tais preocupações eram normais, levando-se em conta a incerteza do futuro.

Talvez eu esteja sendo paranoica demais e dramática além da conta. O senhor era experiente e tenho certeza de que, antes de partir, ele pensou em algo para assegurar que tudo continuasse como antes ou pelo menos bem perto disso. Todos sabem que ele tem um filho e, por mais que aparente desprezar o lugar onde nasceu, talvez ele mostre serviço e faça o que se espera dele. Se será uma boa ideia, só saberemos amanhã. Até lá, tentarei descansar e varrer para o fundo da minha mente a sensação de que a perda do senhor Estrada foi a pior coisa que poderia ter acontecido para todos aqui da vila e até mesmo para a cidade de Santa Rita.

Em um sono perturbador e inquieto, a noite passa sem que eu realmente consiga descansar. O dia amanhece e não é preciso que a luz do sol invada o quarto para que eu abra os olhos.

Levanto-me menos disposta do que é normal, tomo banho, visto um vestido leve com estampa floral e me dirijo para a pequena sala. Meus avós, que sempre acordam bem cedo, já estão sentados à mesa de quatro lugares tomando café.

— Bom dia, minha querida. Dormiu bem? — meu avô pergunta, enquanto beijo os seus rostos e me acomodo no meu lugar.

— Não muito, mas nada que um café não resolva. — Pego a garrafa, encho a minha xícara e corto um bom pedaço do bolo de milho que a minha avó faz e eu adoro. — Vai para o campo, vovô?

— Hoje não. Na verdade, todos os trabalhadores foram convocados para uma reunião na sede da fazenda — explica.

— Reunião? Mas o homem acabou de morrer e o administrador já está pensando em fazer reunião?

— Não foi o administrador, minha criança, foi o seu Diego. — Assim que dona Ester fala, eu quase cuspo o meu café.

— Ele pelo menos compareceu ao enterro do pai? — questiono e meus avós olham de um para o outro, talvez não entendendo o motivo da

minha implicância com o homem. Não sou de fazer algo do tipo, aliás, nunca fiz, estou mais para a jovem bobinha da vila. É o que todos dizem, mas não baixo o suficiente para que não chegue aos meus ouvidos.

— Ele estava lá e cuidou do pai durante todos esses meses — ela confirma com tranquilidade o que antes era apenas uma suspeita. Isso significa que o povo aumenta, mas não inventa.

— Uma pena que não tenha conseguido vê-lo. — É o seu Murillo quem lamenta. — Quem sabe se vocês se tornassem próximos, ele...

— Murilo! — minha avó corta antes que ele conclua, e isso me deixa com uma enorme pulga atrás da orelha.

O que esse homem tem de tão misterioso?

— Tudo bem, já estou de saída. Vê se não se atrasa, mulher. — Antes de sair, vejo-o beijar a testa da mulher com quem é casado há mais de 35 anos e penso que nem o tempo foi capaz de diminuir o amor e o cuidado que um tem pelo outro.

Enquanto termino o meu café, me pergunto se algum dia terei um relacionamento igual ao que os meus avós têm. O tipo de amor devotado e feito para durar uma vida inteira.

Com certa frequência, ainda mais agora que já tenho 19 anos, me pego desejando conhecer alguém, experimentar o amor que vejo nos filmes e

nas novelas, o sentimento que determina vários aspectos da vida de alguém e tudo para o bem, nunca para o mal.

Aos 19 anos, nunca tive um namorado, não por falta de vontade, e sim porque nenhum dos rapazes da minha idade despertou meu interesse o bastante para fazer com que eu concedesse esse título a um deles. Na época do colégio, tinha alguns rapazes que até pareciam agradáveis aos meus olhos, mas nada que acendesse sequer uma pequena fagulha no meu coração. A falta de interesse aumentou depois dele, o meu leão ferido. Depois daquele dia, a vida seguiu com normalidade, mas uma pequena parte dentro de mim mudou.

Se alguém me perguntar o que mudou depois do encontro com o homem no roseiral ou o que chamou tanto a minha atenção nele, certamente não saberei como responder. O que eu poderia dizer?

Para qualquer um, ele seria apenas um homem sem rosto que chorava copiosamente, mas para mim é muito mais do que isso. Naquele dia, senti como se estivesse me conectando com ele. Senti a sua dor, a sua alma e, desde então, não fui capaz de esquecê-lo.

Não parei de pensar no episódio e passei tanto tempo tentando descobrir quem ele era que acabei deixando os garotos de lado e eles também perderam o interesse em mim.

De alguma forma, sei e sinto que o meu destino não está aqui. O

meu coração jamais aceitou de outra forma e, enquanto algo não acontece para mudar isso, escolhi ficar sozinha para um dia entregar o meu amor para quem saberá cuidar dele e retribuí-lo com a mesma intensidade.

Não fazer o que se espera de uma garota da minha idade me rendeu alguns apelidos e piadas maldosas e eu nem os culpo por isso, afinal, quem hoje em dia ainda acredita em contos de fadas e príncipes encantados?

— Outra vez com a cabeça no mundo da lua, Ella? — Dona Ester sacode o meu ombro, mas nem de longe o tom é de repreensão. Os dois me entendem, respeitam o meu jeito de ser e me deixam livre para decidir o que é melhor para a minha vida.

Respeitar-me foi o que eles fizeram quando decidi não sair da vila quando terminei o colegial, assim como fez a maioria dos meus colegas. Simplesmente não consegui pensar na possibilidade de ficar longe dos meus roseirais.

— Já está de saída? — Reparo que ela já pegou a bolsa que costuma levar quando vai sair.

— Preciso ouvir o que o menino está planejando — diz.

— Menino? Ele tem quantos anos?

— Não sei ao certo, mas já passa dos 30, apesar de aparentar ser mais velho. Em breve, você irá conhecê-lo.

— Mal posso esperar — minto, não querendo cortar a sua empolgação com o inevitável encontro que uma hora ou outra terá de acontecer.

— Até mais tarde, minha querida — despede-se.

Quando fico sozinha, uso o tempo livre para tirar a mesa do café da manhã e dar uma geral na casa, que geralmente está em ordem, tudo para ocupar a minha mente e tentar aplacar o frio na barriga pela ansiedade de saber o que será dito na tal reunião e o que o homem pretende fazer agora que o pai se foi.

Eu e a vila inteira sabemos que tem muita coisa em jogo com o retorno do filho ausente do senhor Luiz. Sabemos que a partir de hoje tudo dependerá das suas decisões e, enquanto a hora parece se arrastar, fico na torcida para que o tal Diego Estrada seja pelo menos sensato, já que o pouco que sei sobre ele não me causou uma boa impressão. Espero estar errada e torço para que, no fundo, ele não seja tão diferente do pai e que a minha imaginação esteja distante da realidade.



Capítulo 2



Está quase na hora do almoço e eu já lustrei até o teto, então paro para cuidar das minhas rosas e prepará-las para outras pessoas. Os cuidados são basicamente cortar os espinhos, separá-las em ramalhetes e enrolar fitas de cetim em algumas delas para o caso de algum apaixonado querer comprar o buquê ao invés da unidade.

Enquanto, de maneira minuciosa, faço o meu trabalho, tenho a atenção atraída pelas vozes dos meus velhos e logo me empertigo. Deixo de lado o que estava fazendo e me encaminho para recebê-los na porta. Pelas suas expressões, não dá para saber como foi a tal reunião e a apreensão e a

curiosidade corroem as minhas entranhas.

— E aí, gente, como foi? — pergunto logo que eles entram.

— Calma, criança. Deixe os seus avós entrarem e se sentarem primeiro. Sabe que já não temos mais a sua idade, não é mesmo? Esses ossos gastos precisam de descanso. — Seu Murilo tira o chapéu de palha que, de tanto usar, acaba esquecendo de tirar da cabeça nos dias em que não está trabalhando no campo.

— É claro.

De frente para o sofá, vejo-os se acomodarem. Minha avó calmamente tira a bolsa do ombro e coloca ao seu lado sobre o sofá, que deve ter mais idade do que eu.

Na realidade, queria mesmo é ter ido para a reunião, mas, como o senhor Diego convocou somente os trabalhadores dos campos de rosas e os que trabalham na lida da fazenda, fiquei de fora, uma vez que não me enquadro em nenhuma das duas categorias.

— O que o homem decidiu?

— Não há motivos para preocupação, pelo menos não por enquanto.

Meu avô começa e alterna o olhar entre mim e a minha avó. Não

sei se dá para acreditar piamente no que ele afirma, já que na sua fala não existe qualquer firmeza.

— Pelo menos por enquanto? Me conte essa história direito, seu Murilo.

— O menino não tem qualquer intenção de ficar permanentemente aqui na cidade ou até mesmo nas redondezas.

— Não?

— Não. — Seu Murilo mais uma vez toma a palavra e continua:
— Ele quer retornar para a sua vida no Rio de Janeiro o mais rápido que puder e não pretende ficar por aqui mais que o tempo necessário para deixar tudo em ordem.

— Como assim o tempo necessário? Como ele vai colocar tudo em ordem? — faço a pergunta mais para mim mesma, não podendo acreditar no que os meus ouvidos estão escutando.

— Foi o que ele decidiu, meu amor. Temos que respeitar e, da forma como ele falou, creio que nada o fará mudar de ideia.

Meus ombros caem, o desânimo toma conta do meu corpo e não consigo entender a calma dos dois. Como podem estar tão tranquilos quando a vida de todo mundo está em jogo por causa de decisões de um homem mimado que provavelmente nunca soube o que é trabalhar e por isso não

deve dar valor ao que o seu pai deixou? Não faz ideia do que o legado do seu pai representa para toda uma cidade e por isso não tem a menor empatia.

— O que o idiota pretende com isso de colocar tudo em ordem?

— Ele pretende observar o trabalho do administrador e, quando estiver seguro de que é confiável, partirá para o Rio de Janeiro, lugar onde ele pretende continuar vivendo.

— E o que ele sabe da lida com a fazenda e dos roseirais para decidir se alguém está ou não prestando um bom serviço? Quando esse homem esteve aqui por mais de dois dias para saber algo a respeito do trabalho que o pai fez por toda uma vida?

Estou furiosa e a minha reação fica parecendo desproporcional, se comparada com a calma dos dois.

— Não podemos fazer nada, criança. Se você visse como o menino mudou... Ele não é nada daquilo que foi um dia.

A mudança a que a minha avó se refere provavelmente é por causa da perda da esposa, a pessoa que estava sendo velada na paróquia no dia em que conheci o meu leão ferido. Sobre ele e a causa da morte da esposa, eu nunca fiz muita questão de saber, pois na época eu era muito jovem e não queria pensar em mais nada que não fosse no meu encontro no roseiral e no porquê de ele ter levado o meu anel quando desapareceu.

— Não o defenda, vovó — reclamo, não entendendo os motivos para ela e até mesmo o seu Murilo terem tanta consideração por um homem que virou as costas para esse lugar e só voltou a colocar os pés aqui porque o pai adoeceu. — Esse homem vai acabar colocando todos nós em apuros.

— O que eu acho é que o rapaz não pode ficar aqui em Santa Rita contra a própria vontade. Ele deve ter as suas ocupações na cidade em que vive. Deve inclusive ter uma bela dama à sua espera.

— Com aquele humor? Duvido muito — Dona Ester discorda do marido e estamos perdendo o foco do assunto.

Ouvi-la falar do humor dele me lembra mais uma vez que estive perto do Diego todo esse tempo e não me disse nada.

— Fique em paz, minha neta. Vamos torcer para que o rapaz saiba o que está fazendo. É só isso que nos resta.

— Mas...

— Sua avó tem razão, Ella. Não perca seu sono. Seu Diego parecia muito seguro da sua decisão, aceite e siga com a sua vida normalmente. Temos apenas que torcer para que esse administrador dê conta do recado. O trabalho que o Senhor Luiz fazia não é para qualquer um.

Tudo o que o meu avô está dizendo já passou pela minha cabeça. Luiz Estrada comandava com maestria a fazenda e o campo e tinha o auxílio

do administrador Bráulio, um homem que conta com a antipatia de todos da vila. Orgulhoso e prepotente, o homem, que está na casa dos 50 anos, nunca escondeu de ninguém a sua mania de grandeza. Sempre tratou todos como se fosse superior e, pior, não inspira a menor confiança. Segundo relatos do meu avô, o administrador sempre prestou um bom serviço, mas isso só acontecia quando estava na presença do patrão.

Quando o dono das terras virava as costas, ele passava a agir como se fosse o patrão, mostrando que é um homem que faz de tudo para dificultar a vida de cada um dos trabalhadores. Sei que, por mais que os dois estejam tentando colocar panos quentes, meus avós, assim como todos que dependem dos Estrada para ter comida na mesa, têm a mesma preocupação. Todos sabem quem era o Bráulio quando o senhor estava vivo, mas aposto que ninguém quer pagar para ver como será agora que Luiz Estrada se foi e que o filho pretende fazer o mesmo.

Ele corre o risco de acabar com tudo o que o pai construiu em um piscar de olhos e, se não fosse o fato de tanta gente depender dele para viver, eu seria capaz de pagar para ver e não mover um dedo para alertar o homem.

— Vocês têm razão. Se não há nada que possa ser feito, só me resta torcer para dar tudo certo, não é mesmo? — de um modo que raramente

acontece, minto para os dois.

Não tem a menor chance de eu permanecer de braços cruzados, vendo o desastre prestes a acontecer, e não fazer nada. Não sei como vou fazer, mas preciso tentar colocar um pouco de juízo na cabeça do *mimadinho*. Farei, pois não conseguirei ficar em paz com a minha consciência se pelo menos não tentar.

— Podemos cuidar do almoço? Confesso que toda a ansiedade pelo resultado dessa reunião me deixou morrendo de fome — digo, pois realmente estou com fome, mas também quero mudar de assunto. Eles me conhecem melhor do que ninguém e tenho medo de que percebam a mentira estampada bem na minha cara.

Como em uma típica tarde de sábado, eu e os meus avós preparamos a nossa refeição, Ester cuidando das panelas e eu cortando a salada e os legumes, juntamente com o seu Murilo. É uma rotina que costumamos seguir, algo corriqueiro que me faz dar valor às pequenas coisas e entender o quanto sou feliz e me sinto segura ao lado deles. Na vila onde todos se conhecem, a vida é pacata, porém feliz.

E em nome da vida feliz e tranquila, não só a minha, como também da maioria dos moradores, não posso ficar de braços cruzados, vendo a nossa segurança ser ameaçada. Sei que a maioria entende no que a decisão

do filho do Senhor Luiz implica e não tem coragem para fazer algo, mas eu não sou como eles. Hoje mesmo pensarei em uma maneira de chegar perto de Diego Estrada e demonstrarei minha resistência aos seus planos insanos.



— Está tudo bem com você, Ella? — Ester chega ao meu lado na janela de madeira azul. Até o momento, eu estava tomando o vento frio da noite no rosto, enquanto observava o movimento na praça.

Esse é um hábito que tenho há mais tempo do que posso recordar e, quando faço isso, a minha mente viaja. Gosto de pensar em como estará a minha vida daqui um, dois ou até mesmo dez anos. Fantasio com alguém sem rosto, mas que a presença sempre esteve marcada no meu coração. O que para qualquer um — e com razão — pareceria loucura, foi especial para mim. O toque das suas mãos, o som da sua respiração e a sua breve presença, nada disso foi esquecido e não creio que um dia será.

Às vezes, me pergunto se ele também se lembra de mim quando olha para o anel que levou. Pergunto-me se ainda tem o anel consigo...

— Tudo maravilhoso. — Volto-me para responder quando sinto

meu ombro ser levemente sacudido. Dou um pouco de atenção para a minha velha, enquanto minha cabeça trabalha sem parar, pensando em como abordarei Diego Estrada. Faço, pois sei que o momento agora é de ser prática e não de ocupar a mente com o meu leão ferido. Não é hora para sonhos românticos com alguém que eu talvez jamais descubra quem é.



Capítulo 3



— Estou indo me deitar, criança.

Atordoada de sono, dona Ester — como de costume — levanta-se antes de o filme terminar e já está pronta para dormir. Assistir à TV depois do jantar e antes de se preparar para dormir é um programa comum em um lugar onde não tem tantas coisas para se fazer. Por aqui, existem dois tipos de pessoas: os que ficam na intimidade do lar, assistindo a algo na televisão, como é o meu caso e o da minha avó, já que seu Murilo apaga bem antes de nós duas, e os que ficam sentados na porta de casa, batendo papo com os vizinhos até tarde da noite, inventando e espalhando fofocas.

Em um lugar onde se consegue enxergar a placa de entrada e a da saída sem que seja preciso caminhar muito, todo mundo se conhece e, conseqüentemente, sabe da vida do outro, o que significa transformar uma fagulha em um incêndio e uma pequena fofoca em uma verdade absoluta.

Como já sou vista com estranheza por muitos, prefiro ficar dentro de casa mesmo, assim pelo menos não dou munição para a língua do povo. Felizmente, ninguém — além dos meus velhos — sabe o que aconteceu há pouco mais de dois anos nos roseirais, pois, se soubessem, eu provavelmente seria conhecida como a garota que transou com um desconhecido no meio do campo.

— Boa noite, vó — respondo, vendo-a se levantar, ir até a cozinha e pegar o seu copo com água para levar para o quarto.

Para não despertar nenhuma suspeita, levanto-me também, escovo os dentes e, quando estou indo para o quarto, fico atenta para ter certeza de que ela realmente já foi se deitar. Como ela é uma senhora muito esperta, espero mais 30 minutos antes de sair de fininho. Quando fecho a porta atrás de mim com cuidado, solto a minha respiração, que até então estava presa, e meu coração bate disparado. No momento estou tão nervosa que mais parece que estou saindo para cometer um crime e não para ter uma conversa com o todo poderoso — e burro — Diego Estrada.

Por outro lado, talvez eu não esteja sendo exagerada na minha apreensão, considerando que já passa das 10h da noite, um horário nada propício para estar na rua, não quando estamos falando da Vila das Flores, lugar onde a disposição do povo em inventar coisas é pautada pelo tédio e falta de algo mais interessante para fazer. Olhando de um lado para o outro, me esgueiro pela lateral da casa torcendo para que ninguém me veja.

Por sorte, esse é um horário em que todos já estão dentro das suas próprias casas e eu posso pegar a minha bicicleta para ir atrás do filho pródigo. Atenta, atravesso a praça e logo me arrependo por não ter colocado uma blusa de frio. Estamos em pleno inverno e não ajuda em nada sair de casa usando apenas um *short* de malha e uma blusa regata, isso para uma viagem que durará no mínimo 15 minutos, se por sorte eu for boa em pedalar como juro ser.

Já na entrada da fazenda, a primeira coisa que vejo é um cachorro quase maior do que eu e a segunda é um homem que de tão alto e forte mais parece um armário. Ele está mantendo guarda perto do chafariz, que fica no centro do pátio, em frente à porta da sede da fazenda.

Foi fácil passar pela porteira, a missão agora é saber se conseguirei entrar na casa e falar com o homem.

O cachorro começa a latir quando percebe a minha presença e

isso logo chama a atenção do gigante. Do começo do pátio, vejo quando ele se vira e nota a minha presença, a cara não está muito boa e com certeza pertence a um desconhecido. Não me lembro de já tê-lo visto por aqui e suponho que tenha vindo com o senhor Diego.

Ele começa a vir na minha direção com passos duros e não faço ideia do que falar nem de como fazer meu corpo parar de tremer. A ideia parecia ótima na minha cabeça, mas não é o que acontece na prática.

— Boa noite, moça. Existe alguma razão para estar aqui a essa hora? — Confere o relógio e imagino que já passa das 10h30min da noite. Eu demorei mais que o esperado para chegar até aqui e meu corpo treme de medo e de frio.

— Vim para ver o Diego — digo, cortando o *senhor* para tentar passar uma ideia de intimidade para o *Armário*, quem sabe assim ele não facilita a minha entrada.

— Ele está à sua espera? — O homem me analisa com incredulidade.

— É claro que sim, senão por qual outro motivo eu viria? — Não faço ideia se estou sendo convincente o bastante nem o que passa por sua cabeça quando me observa tão atentamente. — Posso entrar agora? Creio que ele não ficará muito contente se tiver que esperar.

— Primeiro, preciso que me diga quem é a senhorita. Diego não me falou que estava esperando alguém.

— Eu sou amiga dele. — Coloco certa ênfase e malícia no *amiga* e ele olha primeiro para a minha bicicleta, depois para os meus cabelos desgrenhados pelo vento e por fim para o meu corpo, só então se dando por convencido.

— Entre. Na situação em que ele está, acredito que ficará muito contente em ver uma *amiga*. — Ele arqueia uma sobrancelha e sinto meu rosto pegar fogo por tê-lo induzido a pensar tamanho absurdo.

Tenho certeza de que uma *amiga* não chegaria pedalando, com uma roupa maltrapilha e muito menos de cara limpa e cabelos desgrenhados.

— Muito contente? — pergunto, porque simplesmente não posso manter a língua dentro da boca. Acho que não conseguiria nem se a minha vida dependesse disso.

— Aí você terá que descobrir e me contar depois, se quiser — diz e pisca para mim com um sorrisinho besta.

Tudo bem, isso aqui está ficando estranho demais.

— Deixe-me ir, não posso fazê-lo esperar. — Viro-lhe as costas.

Deixando o *Armário* com o olhar confuso para trás, sigo em

frente, preocupando-me com a forma de caminhar — agora que, em tese, sou uma profissional do sexo — e imaginando que tipo de roupa as prostitutas costumam vestir quando vão encontrar seus clientes. Só tenho certeza de que não é *short* de malha e blusa regata. Nos lábios, devem colocar um batom chamativo e os cabelos devem estar penteados.

Assim que as grandes e pesadas portas se abrem ao meu toque, o que me recebe em nada lembra o que vi nas muitas vezes que estive aqui com a minha avó.

As janelas, sempre abertas, agora estão todas trancadas e o fato de estarem com cadeados deixa claro que não estão assim só porque é noite de inverno. Não há luzes acesas em toda a casa, que de tão grande cabe 10 da minha dentro. Não existe iluminação a não ser alguns feixes de luz que passam por entre as dobradiças da janela e, para não denunciar de cara a minha presença ao bater em algum móvel, ligo a lanterna do meu celular.

Sigo para a cozinha, olho a copa e só então subo as escadas, lugar onde imagino ter quartos suficientes para transformar a casa grande em uma pousada de luxo. Em um primeiro momento, fico meio perdida, pois nunca passei da sala nas vezes em que estive aqui. Agindo com insensatez, ao invés de virar as costas e ir embora admitindo que errei em vir tão tarde da noite quando poderia ter esperado até amanhã pela manhã, continuo a minha

curiosa caminhada e abro a primeira porta. Dentro existe um quarto vazio e as próximas três portas também revelam cômodos desertos.

Quando chego à quinta, já pensando que não tem ninguém em casa e que o homem já deve ter ido embora para o Rio de Janeiro, fico surpresa ao sentir um perfume diferente dentro do aposento, nada parecido com os quatro anteriores, que eram sem cheiro e impessoais.

Ainda trêmula e com medo, fecho a porta atrás de mim, caminho para perto da cama e vejo que tem uma criança dormindo tranquilamente, algo pelo qual não estava esperando. Paro do lado da cama grande demais para ele e, com o máximo de cuidado para não o acordar, arrumo melhor as cobertas para que não sinta frio e em seguida tiro os cabelos lisos e castanhos que cobrem o seu rosto. Como tem um abajur ligado ao lado da cama, vejo seu rostinho de perto e sinto meu coração se encher de ternura pela criança.

Ele é tão lindo, parece um anjinho dormindo de maneira tão serena. Acredito que não deve ter mais do que dois anos de idade. Os cílios longos chamam a minha atenção, assim como o narizinho arrebitado e a pele alva de quem não costuma tomar sol. Ainda fico uns minutos olhando encantada para a criança, até que me lembro que não foi para isso que vim até aqui.

O homem, que provavelmente é o seu pai, é o meu objetivo e, se

o garotinho está nesse quarto, presumo que o do senhor Diego fica atrás da porta que vejo à minha frente. Os quartos devem fazer ligação um com o outro e, antes de vencer o curto espaço que me separa da entrada, começo a suar frio, fazendo força para lembrar o que tenho para falar.



Capítulo 4



Ao abrir a porta, sou recebida pela escuridão, assim como aconteceu em todos os outros cômodos. O quarto aparentemente está vazio, mas o cheiro de perfume masculino e amadeirado me permite saber que, diferente dos outros cômodos, aqui dorme alguém e esse alguém é provavelmente o dono da casa, Diego Estrada.

Como no quarto da criança, a única iluminação vem de um abajur, que fica ao lado da cama. Sem entender por que estou com tanto medo depois de ter sido corajosa ao pedalar até aqui tão tarde da noite, respiro aliviada por não ter dado de cara com Diego.

Talvez eu devesse ter pensado melhor antes de vir até aqui.

Quem sabe ensaiado melhor as minhas falas.

Penso nisso enquanto aproveito para caminhar na direção da mesma porta por onde entrei. Como alegria de pobre dura pouco, mal dou um passo quando o barulho de uma porta sendo aberta faz com que eu fique em choque, paralisada no lugar e sem conseguir ao menos respirar com tranquilidade.

Foi muita ilusão da minha parte pensar que entraria na casa de alguém sem ser convidada e sairia tão facilmente, sem passar pelo constrangimento de ser pega em flagrante.

O importante é que pelo menos eu tentei.

— Quem é você e o que está fazendo dentro do meu quarto? —
A voz que ressoa pelo ambiente é muito grossa e firme o suficiente para fazer com que eu quase faça xixi na roupa de tanto medo.

Minhas pernas tremem como dois gravetos ao vento e, mesmo estando na merda, ainda tenho tempo para me divertir com pensamentos bobos, como, por exemplo, o fato de as minhas pernas realmente se parecerem com dois gravetos.

— Eu estou falando com você! — irrita-se e, de repente, percebo que a sua voz está mais próxima.

Irritei o homem quando entrei no seu quarto e agora estou trabalhando com a finalidade de piorar a minha situação ao perder tempo com pensamentos bobos, quando deveria tentar me defender ou dizer minhas últimas palavras.

Não que exista alguma razão para temer o homem, apenas sei que ele não é muito sociável, já que acabo de descobrir que ficou preso dentro dessa casa durante meses e ninguém o viu pelas ruas de Santa Rita.

Que homem louco!

“Esse não é o momento para análises e julgamentos, Ella. Primeiro você precisa salvar a sua pele!”

É o que diz a voz dentro da minha cabeça. Ela com frequência aparece e eu costumo chamar de consciência, outras pessoas costumam chamar de loucura. É apenas uma questão de ponto de vista. O ponto de vista dos meus vizinhos é que eu sou doida.

— E-eu... Eu...

— Você é louca ou não aprendeu a falar? — Depois que o homem de voz marcante fala, o quarto é invadido pela claridade.

O pródigo acende a luz e não tenho coragem de virar de frente para ele. Precisando pensar rápido, tomo a decisão mais burra da história e simplesmente corro.

Sem olhar para trás ou responder qualquer pergunta, miro a segunda porta e corro em sua direção. Fora do quarto, deixo que ela bata com força atrás de mim. Olho de um lado para o outro e, sem lembrar muito bem por onde vim, decido seguir para a esquerda.

Voltando a ligar a lanterna do meu celular, ando com rapidez pelo corredor, quase aliviada por ele, aparentemente, não ter me seguido. O único e sério problema é que não faço ideia de onde estou e muito menos de como chegar à saída. O lugar é grande e não o conheço o suficiente para não me perder.

— Tudo bem, Ella. Está tudo em ordem, se você conseguiu chegar até aqui, também conseguirá sair sem se deparar com o homem de voz ameaçadora.

“Ele nem tinha motivos para parecer ameaçador. Só porque me flagrou dentro do seu quarto?”, penso com ironia.

Quando percebo que, aparentemente, escolhi o caminho certo e, bem próxima, avisto a comprida escada que leva até a sala, me permito voltar a ficar calma. A passos largos, caminho na sua direção, mas sou impedida de prosseguir quando uma mão segura com firmeza o meu braço.

Meu coração acelera e o meu corpo todo treme quando ele volta a falar:

— Espero que haja uma explicação muito boa para ter te encontrado dentro do meu quarto, menina. Se não tiver, espero que tenha um bom advogado, pois vai precisar dele.

— Não tenho advogado — prefiro esclarecer, ao invés de pensar em uma boa mentira.

Esse homem não parece ser do tipo que recebe bem uma afronta, como eu estava pensando em fazer. Pensei, mas saí correndo como uma doida na primeira oportunidade.

Que piada! Se os moradores da vila dependessem da minha oratória, eles estariam fodidos.

— Por que você está com essa lanterna apontada para o meu rosto? — fala, entredentes e exasperado. Em seguida, agarra a minha outra mão e a desce, tirando a luz que eu apontava em sua direção.

Estou tão nervosa que a ação de apontar para o seu rosto foi involuntária. Pena que não fui capaz de olhar para ele, pois ainda sinto medo.

— Perdão — digo.

— Perdão você deveria pedir por ter entrado na casa de um estranho sem ser convidada.

— Eu precisava falar com você — afirmo, me perguntando se

ele seria capaz de me jogar escada abaixo.

Para garantir, tento manter distância, o problema é que ele não afrouxa o seu agarre, mesmo que eu esteja puxando o meu braço a todo instante.

— Creio que nós não nos conhecemos, criança, portanto, não tenho nada para falar com você. Peço que vá embora e não volte a me importunar — pede, voltando atrás em sua exigência para que eu dissesse o porquê de estar no seu quarto.

Ele é ranzinza e me pergunto que tipo de gente ele é que não tem nem mesmo a curiosidade de perguntar o que eu queria falar.

Enquanto falava, aproximou o rosto do meu e ficou tão perto que pude sentir o seu hálito tão alcoolizado que me deixou meio bêbada.

— Eu não sou criança!

— Sim, você é! Adeus — Sem aviso, solta o meu braço e vira as costas, aparentemente dando a conversa por encerrada.

Como não sou a pessoa mais sensata do planeta, pergunto antes que me deixe sozinha no topo da escada:

— Não vai perguntar o que vim fazer aqui? Pode ligar essas luzes e conversar um pouco comigo?

Com movimentos rápidos, Diego volta, leva a mão até a parede e liga o interruptor. O ambiente se enche de luz e agora tenho a sensação de estar prestes a desmaiar.

Na minha frente, sem estar encoberto pela escuridão, vejo o homem mais bonito que tive a chance de encontrar na minha curta e pacata vida. Ele parece muito com o pai, nem se quisesse poderia negar que era filho do falecido senhor Estrada. A diferença é que, além de mais jovem, também é mais bonito.

Muito mais bonito.

Antes que comece a gritar, me aproveito do fato de ele também estar me analisando para apreciar a sua beleza marcante.

O homem não tem nada de delicado nos seus traços, é rústico e parece um leão feroz. Começo pelas suas coxas grossas, agarradas a um *jeans* velho e subo para peitoral. Esse está coberto por uma camisa xadrez em tons de vermelho e preto, que não pode esconder os músculos bem trabalhados.

Parece ser o tipo de homem que dedica parte do tempo para cuidar do corpo e imagino que isso deva deixar suas namoradas muito satisfeitas. Eu ficaria, caso um homem assim lançasse um segundo olhar na minha direção.

O seu rosto não poderia ser mais intrigante. A começar pelo

cabelo longo e que alcança a altura ombro, ele parece misterioso com a barba bem maior do que os homens habitualmente usam. A pele clara, o olhar intenso, o nariz e o pouco que a barba permite que eu veja da boca, tudo forma um conjunto que faria qualquer mulher tremer e certamente não seria de medo.

Eu mesma estou tremendo neste exato momento. O motivo não é outro além da beleza máscula e agressiva.

— Parece um leão.

— E você parece um passarinho assustado, menina — diz e o meu rosto pega fogo com o constrangimento quando percebo que falei em voz alta.

— Eu não sou uma menina! — tal qual uma criança, faço birra. — Não percebe que sou uma mulher? — Ele insiste em não enxergar isso e eu insisto em tentar convencê-lo do contrário.

— Tem quantos anos? Quinze? — indaga, exasperado.

— Ora! Seu...

— Você tem um minuto para dizer o que quer e depois dar o fora daqui. Se não sair por bem, eu mesmo te coloco para fora — ameaça e o seu rosto diz que ele seria perfeitamente capaz de fazer isso.

Da minha parte, fico feliz por ele ter, pela terceira vez, mudado de ideia e agora queira me ouvir.

— Vim para o emprego de babá — minto, perdendo a oportunidade de fazer o que me propus quando vim aqui. De toda essa loucura, estou certa de que, mais tarde, quando deitar a minha cabeça no travesseiro, não saberei o que me levou a tomar tal atitude.

— Você, babá? — indaga e no seu rosto posso ver uma mistura de desdém e desconfiança. — E posso saber por que uma candidata a babá viria tão tarde assim? — Analisa-me e respiro aliviada por não ter sido pega na mentira.

Já pensou se ele não estivesse à procura de uma babá?

Vamos lá, Ella, diga alguma coisa!

— Eu... não...

Merda!

— Já pode ir embora. Você é muito jovem, não parece ser uma pessoa equilibrada o bastante para cuidar do meu filho — avisa, frio, e sem o menor tato.

Certamente esse deve ser o seu estado constante. Apesar da aparência que promete momentos quentes na intimidade de um quarto, todo o

resto remete à frieza e distanciamento. Para a minha sorte, não estou realmente em busca de uma vaga como babá, porque, se fosse o caso, seria uma provação ter de suportá-lo por mais tempo.

— Vou com prazer, lenhador dos infernos. — É o melhor que posso fazer quando, irritada, desço a escada o mais rápido que consigo sem correr o risco de cair e sair rolando por ela.

— Espero nunca mais te ver na minha frente, passarinho. — Ainda o ouço falar quando chego à sala. — Está proibida de se aproximar de mim e das minhas terras!

— E eu desejo que você encontre rápido o caminho de volta para casa. Não é isso que quer? — enfrento-o, olhando para cima, e agora sem medo de ele descer e chutar o meu traseiro.

Estou aqui embaixo e ele no andar de cima. Qualquer ameaça é só eu sair correndo e dar utilidade para as minhas pernas de graveto.

— O que você sabe da minha vida, porra? — Tanto tentei que consegui tirar uma reação mais enérgica e agora ele está verdadeiramente irritado.

— Ah, vai te catar! — Sem querer ouvir mais nada que saia da boca mal-educada, viro-lhe as costas e vou embora.

— A visita foi rápida, não é mesmo? — O *Armário* é malicioso

em seu comentário, assim que coloco os pés para fora da casa.

— Para você ver! Ele parecia cheio de pressa — afirmo.

O tamanho dos olhos do homem aumenta a ponto de eu temer que saltem para fora do seu rosto.

— Bom... — começa, sem saber bem o que dizer, e duvido que tenha algo para ser dito sobre o suposto desempenho sexual do patrão.

— Boa noite, *Armário* — Rapidamente passo por ele com a minha bicicleta. Tão rápido que não dá tempo de ouvir o seu protesto por causa do apelido.

Enquanto pedalo o mais rápido que consigo, maldigo a mim mesma pelo fracasso na missão de conversar com o Diego acerca da besteira que está pensando em fazer. A vida de várias pessoas está em suas mãos e nem a capacidade de trocar duas palavras que não fossem insultos e mentiras eu tive.

Mais do que a preocupação com o meu futuro e o do meu povo, da minha mente não sai o olhar congelante do leão, não o meu leão ferido e sim um leão barbudo e lenhador. Apesar de ser um homem bonito, deu para perceber que não tem cuidado da própria aparência além do corpo e, se não fosse por isso, seus olhos denunciariam sua alma aparentemente atormentada.

Parece ser um homem solitário — apesar do garoto — e triste.

Só me resta apenas torcer para que eu não demore a estar novamente na sua presença, pois, em um lugar onde nada acontece e o tédio por vezes predomina, desvendar a sua vida parece um desafio instigante.

Depois de voltar para casa e agir com toda a calma e silêncio para não correr o risco de ser vista por alguém ou ser pega pelos meus avós, tomo banho e, quando deito a cabeça no travesseiro, o faço com um único desejo em mente: voltar a ver Diego o mais rápido possível. Se não acontecer naturalmente, darei um jeito de promover esse encontro.

Capítulo 5



— Como você ousa deixar uma pessoa entrar na minha casa e no meu quarto, Tony? — pergunto para o segurança que há anos trabalha comigo, logo que avisto o rastro de poeira que a bicicleta da garota deixou.

Ele me olha confuso quando, na verdade, deveria estar envergonhado pelo erro que cometeu.

— Não era para entrar? Mas como vocês dois...

— Nós dois o que, homem? Fale de uma vez! — exijo, vendo o seu rosto ficar vermelho, corado como o de uma moça.

— Bom, já que a moça veio te entreter, não achei que seria necessário avisar da sua chegada. Achei que ela queria te fazer uma surpresa no quarto. Se é que me entende.

Não! Eu não entendo.

— Me entreter?

— Diego, está me constrangendo. Sei que tipo de serviço meninas como a que acabou de sair daqui prestam. E perdão se estou sendo indiscreto, mas ela não parece o tipo de mulher com quem você costuma andar. Tão diferente da senhora...

Quanto mais ele fala, menos eu entendo e, antes que termine a frase, Tony se interrompe, pois tem amor à própria vida e sabe quais assuntos e nomes não podem ser mencionados na minha presença.

— Por que a babá do Alex precisaria fazer o meu tipo? — questiono.

— Babá? Mas ela disse que... Quer dizer, não disse com todas as letras, mas eu pensei que...

— Pensou?

— Ela me fez acreditar que era uma garota de programa — afirma e não me surpreende. Fiquei poucos minutos na presença da

encrenqueira e parece exatamente o tipo de coisa que ela faria.

— Ela te enganou, Tony. E para o bem da nossa boa amizade e da manutenção do seu emprego, não vou perguntar o que te faz pensar que eu preciso contratar uma prostituta.

Dou-lhe as costas, mas, antes de entrar, dou o último aviso:

— Não quero que aquela maluca e mentirosa volte a entrar nessa casa, não quero sequer vê-la por essas terras. Dê um jeito de garantir que eu não seja obrigado a colocar os olhos novamente naquela criança sem juízo.

Já em casa, não consigo entrar no meu próprio quarto, pois sei que o faria apenas para ficar andando de um lado para outro e olhando para a cama, tudo para depois perceber que não irei conseguir pregar o olho por toda a noite.

Quando decidi sair do escritório e tomar um banho relaxante, jamais imaginei que encontraria uma estranha mentirosa dentro do meu quarto, uma adolescente de roupa curta. A doida disse que tinha vindo pelo trabalho de babá, mas isso não pode ser verdade, pois não pedi nenhuma cuidadora para o meu filho. Pelo menos, não ainda. Quando ela mentiu, eu soube disfarçar muito bem e só não a coloquei para fora porque queria ver até aonde seria capaz de ir.

Se eu tivesse senso de humor, poderia até ter achado divertido o

seu atrevimento, mas, como não tenho, tudo o que senti foi irritação e vontade de escoraçá-la — com a língua ferina, que só disse besteiras — para longe de mim.

Só agora me questiono o que a garota poderia querer dentro do meu quarto e chego à conclusão de que é apenas mais uma maluca, afinal, o que uma desconhecida teria para falar comigo?

— Inferno! — esbravejo, andando de um lado para o outro no meio da sala, tentando me acalmar e esquecer o incidente, o momento em que alguém apareceu para perturbar a minha vida.

Se ela soubesse o quem eu sou, pensaria duas vezes antes de fazer esse tipo de brincadeira.

Após mais de uma hora andando de um lado para o outro, como um leão enjaulado no meio da sala, vou em busca da única pessoa que pode me acalmar. A razão de o meu coração continuar batendo dentro do peito mesmo que para isso eu tenha que fazer um esforço sobre-humano e sinta dor a cada respiração.

Calmamente, abro a porta para não o acordar, a penumbra me recebe e, ao ligar o abajur, sinto o alívio tomar pouco a pouco todo o meu corpo. A respiração fica melhor, a dor diminui e então lembro as razões pelas quais devo seguir em frente.

— Meu pequeno.

Como um anjo, o bebê de 2 anos, que já passou por muita coisa nessa vida, dorme tranquilo e protegido da maldade do mundo lá fora. Se depender de mim, a sua vida sempre será fácil, pelo menos mais fácil do que tem sido desde o dia em que nasceu.

— O pai está bem aqui, velando o seu sono, como faz todas as noites. Nenhum mal se aproximará de você, nunca. A vida sempre lhe sorrirá e não existirá nada que eu não faça por você, meu pequeno. Nada! — falo bem baixinho ao seu ouvido para não o acordar.

Ainda cansado psicologicamente pelo embate com o pequeno passarinho, me permito deitar ao lado do meu filho, ao invés de ir para o meu quarto frio e impessoal. Um lugar que não será ocupado por tempo o suficiente para que eu me acostume.

A verdade é que esse lugar me incomoda muito, os dias se arrastam e parece não chegar nunca o momento em que poderei ir embora para nunca mais voltar.

Como sempre acontece quando me deito ao lado do pequeno Alex, durmo como não consigo fazer em qualquer outro lugar. O calor do seu corpinho, o ato de saber que está respirando me lembra todos os dias de também fazer o mesmo.

É como se olhar para ele ativasse um aviso dentro da minha mente, um aviso que não pode ser ignorado e diz:

Siga em frente por ele. A vida sempre valerá a pena porque ele existe e respira o mesmo ar que você respira...



Sinto algo agarrando o meu rosto, especialmente ao meu nariz. Ele está sendo fortemente puxado e tenho de me esforçar para não espirrar por causa da cócega que sua curiosidade provoca.

— Você não gosta mesmo de acordar tarde, não é, garoto? — falo com o bebê branquinho e de cabelos lisos e castanhos caindo sobre a testa, apenas para receber o silêncio como resposta.

— O que eu faço com você? Será que devo me preocupar? — brinco, ao terminar de abrir os olhos e pegá-lo nos meus braços, já que até então ele estava lutando para escalar o meu peito. — Veja só, o dia ainda está amanhecendo. Estou começando a achar que você puxou ao seu avô.

Sobre o meu peito, os olhos do meu filho me mostram que ele

está bem e contente por estar deitado em cima de mim. Alex ainda é um bebê, mas é cheio de vontades e muita personalidade. Quando quer alguma coisa, dá um jeito de mostrar e não hesito em fazer o que ele quer.

Não que precise de muito, o menino é doce demais e basta olhar para qualquer pessoa para tê-la morrendo de amores. Felizmente a tragédia não o atingiu em todos os aspectos, por isso, eu agradeço todos os dias para quem quer que esteja no controle da minha vida.

— Venha, meu filho, acho que está na hora de descermos para procurarmos algo para comer. Deve ter alguma coisa aqui — digo, preocupado com questões para as quais já deveria ter dado a devida atenção.

Passei meses dentro dessa casa, ao lado do meu velho e, quando a saudade já estava insuportável, pedi para que Tony fosse buscar meu filho no Rio de Janeiro. Quando soube que o meu pai estava doente, também fui avisado de que ele não teria muito tempo de vida. O coração, que não bate por muitas pessoas, ficou muito apertado dentro do meu peito e eu vim o mais rápido que pude.

Deixei o meu filho com uma babá e com Tony, amigo que confio de olhos fechados e tive que conviver com a saudade enquanto via meu pai piorar a cada dia. Só agora, depois de ter enterrado o meu velho, pude trazer o meu pequeno para o meu lado e não paro de pensar que nunca

mais quero ficar tanto tempo longe da pessoa que é tudo o que tenho.

Depois de escovar os dentes, enquanto Alex caminha de um lado para o outro, olhando com curiosidade e mexendo em tudo que pode alcançar no quarto desconhecido para ele, pego-o no colo, sem trocar o seu pijama com estampa de ursinhos, e me dirijo para a cozinha.

Ao passar pela sala, o relógio de parede antigo mostra que ainda não são 8h da manhã — cedo demais — e por isso fico surpreso ao entrar na cozinha e encontrar dona Ester mexendo nas louças. Antes de Alex chegar, eu não descia tão cedo, por isso não sabia que ela chegava antes das 8h.

Ela está de costas, andando de um lado para o outro e, de repente, sinto como se o tempo não tivesse passado. Vejo-me ainda adolescente, entrando nesse cômodo, que não mudou nada, e presenciando a mesma cena.

Ester trabalha na sede da fazenda desde que me entendo por gente e agora me veio a lembrança de como éramos próximos. Ela tratava muito bem o garoto que foi deixado pela mãe quando era criança e que, na época, precisava de uma figura feminina por perto.

— Meu Deus! Que susto você..., digo, o senhor me deu, seu Diego. — Ao se virar, leva as mãos ao coração e os olhos estão a ponto de saltar do rosto.

Não me passa despercebido o fato de ter se corrigido quanto à forma de tratamento, mas não irei comentar, pois, apesar de termos um passado em comum e de ser uma mulher muito amorosa nas minhas lembranças, creio que esse tempo entre nós já passou.

Hoje já não temos qualquer relação de afeto ou proximidade. Eu sou o patrão; ela, a empregada e assim deve ser a nossa relação e sua forma de se referir a mim.

— Perdão — digo, olhando em volta do lugar, à procura de algo para o meu filho.

— Esse garoto é do senhor? — questiona, curiosa, apontando na direção dele com uma colher de pau.

O danado balança os bracinhos e só falta cair dos meus braços. Certamente está querendo pegar a colher para colocar na boca. Está na fase de fazer isso, ainda mais agora que os dentes estão nascendo e deixando-o cada dia mais incomodado e enjoado. Até dois dias atrás, ele estava com a babá e ela sabia lidar com a situação melhor do que eu. Enquanto estiver aqui, terei que aprender a acalmá-lo ou então contratar uma babá, como quis sugerir a pequena petulante.

— Alex Estrada, meu filho — digo sem esconder o orgulho.

— Parece com o senhor, menos os olhos.

Ela tem toda razão, os olhos são verdes e idênticos aos da mãe, uma lembrança constante de quem eu não jamais poderei esquecer, mesmo que queira.

— Preciso de algo para ele comer — digo, preferindo não rebater o seu comentário anterior e sem querer esticar a conversa.

— Posso fazer um mingau de milho para ele, se o senhor quiser. Fazia muito para a minha neta quando tinha a idade dele. O senhor precisa ver a menina forte e bonita que ela se tornou.

— Quando estiver pronto me avise, por favor — peço, deixando claro que não me interessa em absoluto saber qualquer coisa a respeito da sua neta ou de alguém desse lugar.

Depois da uma espécie de sopa de milho que o pequeno adorou e fez uma bagunça gigante pela sala, subo com ele para trocar a sua roupa e em seguida desço, tendo a sua cabeça cuidadosamente coberta com uma touca que protegerá o seu ouvido do vento frio da manhã.

— Agora o papai vai trabalhar, amigão. Espero que se comporte bem, pois só assim iremos para a casa o mais rápido possível — digo, ainda que tudo em mim implore para que eu me tranque dentro das paredes da casa e não tenha que lidar com as pessoas.

Como resposta para algo que não pode compreender, Alex

apenas agarra as minhas bochechas com força e puxa a minha barba.

— Ai! Devagar, campeão.

Com cuidado, abro os seus dedinhos e os afasto do meu rosto, que ele ama pegar.

No pátio da sede, sinto o vento tocar o meu rosto e os raios tímidos do sol nos alcançar. Sem que entenda o porquê de estar fazendo isso, sigo na direção dos roseirais que ficam bem próximos da casa grande. De longe, os avisto e o perfume que há muito não sinto me convida para chegar mais perto.

Um convite irrecusável.

Quando dou por mim, já estou entre as rosas vermelhas, em um campo a perder de vista, quase um milagre divino para quem ousa acreditar em milagres.

Agitado, o pequeno começa a se mexer nos meus braços e solto-o, deixando que coloque os pés sobre a terra, o chão onde fui criado, onde brinquei quando a vida parecia fácil.

Com os braços e os pensamentos livres, fecho os olhos e me permito recordar o dia em que fui tocado por um anjo.

Não vi o seu rosto, não sei o seu nome e até poderia acreditar

que não foi real, se comigo não carregasse a lembrança daquele encontro. Estava perturbado e não queria ficar com ninguém além da minha tristeza. Sutil como o vento, senti o seu abraço e o alento que sabia não merecer.

Por saber disso, abdiquei da pequena centelha de paz que seu toque de carinho me proporcionou e simplesmente corri. Corri sem olhar para trás, mas levei comigo algo que serve como prova de que tudo foi real. Ela existe em algum lugar e não faço ideia de quem seja.

Algumas vezes senti vontade de descobrir a sua identidade, mas logo a vontade passou, pois sinto que não posso contaminar alguém que parece só conhecer a luz com as trevas que há em mim.

Ao abrir os meus olhos para apreciar a brisa e o perfume das flores, olho para a terra e ela está vazia.

Meu filho não está onde eu o deixei. O meu estômago embrulha, a minha garganta ameaça se fechar e a sensação é de ter a minha alma lentamente puxada do corpo, apenas pelos temores que passam pela minha mente.

Meu filho!

— Alex! — grito o mais alto que posso, o som da minha voz se espalha pelo campo e apenas o silêncio e o balançar das folhas são ouvidos em resposta.



Capítulo 6



Como se ontem não tivesse existido, finjo para mim mesma que não passei a noite virando de um lado para o outro na cama, pensando nele. Nem ler, algo que gosto muito de fazer, consegui.

O homem mais bonito que já vi na minha curta vida. Não é como se eu tivesse tido a oportunidade de ver tantos, considerando o tamanho reduzido da população de Santa Rita, mas, ainda que tivesse visto uma infinidade de belos rapazes, duvido que eles fossem como o barbudo.

Do pouco que pude ver do seu rosto parcialmente coberto pela

barba e que parece ter esquecido como sorrir, estou convicta de que deve deixar muitos corações apaixonados por onde passa.

A beleza rústica e melancólica contrasta com a sua personalidade irritadiça e mal-educada. Esse fato, mesmo que bem pouco, deve assustar as mulheres que sonham em se tornar a senhora Leão Feroz Estrada, se é que existe essa possibilidade.

Talvez o homem tenha uma noiva e aqui estou eu, pensando em sua beleza física, na personalidade que, no mínimo, é estranha e no seu *status* de relacionamento.

— A essa altura, ele já deve ter proibido a sua entrada na fazenda e nesse roseiral, Ariella! — digo a mim mesma em voz alta enquanto, com a minha velha tesoura, corto as rosas para vendê-las mais tarde. Com cuidado, separo as que tenho autorização para pegar e a minha atenção desvia do que faço quando sinto algo tocar a barra do meu vestido, que se arrasta na terra, já que eu estou agachada.

Assustada com o toque tão leve e que poderia muito bem ser de um inseto qualquer, bem típico de lugares como esse, acabo espetando o meu dedo no espinho e a dor é igual a de um corte profundo.

Tá! Talvez eu esteja exagerando um pouco — muito —, mas o susto com certeza é o mesmo.

Quando tento fingir que o toque leve não existiu, sinto-o mais uma vez, bem próximo do meu tornozelo, e então sou obrigada a olhar para descobrir quem é o monstro que está me atacando.

Eu diria que, em câmera lenta, tiro os olhos das minhas rosas e abaixo a cabeça até onde está o inseto.

— Meu Deus! O que você está fazendo aqui?

O meu coração de repente começa a bater muito forte e então se enche de puro amor e ternura. Encarando-me com enormes olhos claros e os cabelos bem lisinhos e castanhos, vejo o bebê gordinho e mais fofo do mundo.

— Como você é lindo, meu amor!

Incapaz de fazer qualquer outra coisa que não seja olhar para ele, enquanto sinto o meu coração a ponto de não caber dentro do peito, tamanho são os sentimentos que a criança está despertando em mim, tiro a tesoura do meu dedo e acabo me sentando no chão.

Ele veste uma blusa de mangas compridas, tem uma touca na cabeça e eu fico aliviada por vê-lo protegido do vento frio da manhã. Um instinto protetor toma conta de mim e, quando me dou conta, estou com os braços abertos e estendidos.

Sem qualquer resistência, o bebê, que parece mal ter aprendido a

dar os seus primeiros passinhos, vem na minha direção e, sem que eu estivesse preparada, se joga nos meus braços.

Eu o abraço com toda força e amor que tenho dentro do meu peito e sinto quando ele envolve os pequenos braços em torno do meu pescoço. Assim ficamos como se nada mais existisse além de nós dois.

— O que faz aqui sozinho? — Olhando por mais tempo para o seu rosto, me dou conta de que ele é o mesmo garoto que vi ontem na casa do ogro.

Mas como ele veio parar aqui no meio do campo?

Olho-o mais uma vez para ver se revela alguma coisa que me dê uma dica, mas ele continua em silêncio. Fica olhando para mim e está mais preocupado em puxar o meu nariz.

— Ai, bebê! — reclamo, quando mete o dedo dentro de uma das narinas e tenho de me esforçar para não soltar um grande espirro. — Que fascínio é esse pelo meu nariz?

Como se estivesse entendendo o que digo, mesmo ainda tão pequeno, o garoto ensaia um sorriso e passa do nariz para o meu cabelo.

— É, já vi que você não tem jeito — brinco, começando a me preocupar de verdade com o fato de tê-lo encontrado sozinho no meio do roseiral, ainda mais tão cedo.

Além de mim, creio que aqui não tenha mais ninguém e o mistério de como ele veio parar ao meu lado é, no mínimo, intrigante.

— Cadê o seu pai? Sabia que ele não gosta de mim? Tenho certeza de que não ficará contente se me vir com você, mas, por outro lado, tem é que me agradecer por... Ah! Esqueça — falo quando percebo que estou tagarelando e ele está mais preocupado em puxar o meu cabelo.

— Alex! — Ouço uma voz masculina, que parece desesperada, gritar e me dou conta de que minha pergunta foi respondida.

Provavelmente é o pai dele quem o chama, louco de preocupação por estar longe o filho.

Enquanto ele continua a chamar, a voz vai ficando mais perto e eu, para acabar com a sua agonia, caminho em direção ao som e assim continuo até estar frente a frente com o dono da voz.

Na minha frente, parecendo desesperado, está ele, o homem que é tão bonito quanto perturbador e que, neste momento, me encara com um misto de irritação e alívio no olhar.

Deve estar irritado porque tinha ordenado para que eu não voltasse a colocar os pés nas suas terras — o roseiral obviamente faz parte delas — e aqui estou eu, nas suas terras.

O alívio fica por conta do bebê. Não tem como se sentir de outra

forma quando coloca os olhos sobre ele e constata que está tudo bem, apesar de estar nos braços da última pessoa que gostaria de ver na sua frente, poucas horas depois de ter exigido o contrário.

Como Diego Estrada, além de irresponsável, é estranho, a raiva vence o alívio e ela é dirigida a mim quando, mal-humorado, pergunta:

— Você tem algum problema em cumprir ordens?

Enquanto fala, os seus olhos não saem do menino, que está nos meus braços. Eu o seguro e nem me ocorreu soltá-lo para que vá para os braços do pai. Quero segurá-lo por mais tempo — o quanto puder — e sentir o seu cheirinho de bebê e o seu corpo próximo ao meu, pois o calor da sua respiração me conforta e o bater do coração parece melodia para os meus ouvidos.

Diego me olha de uma forma que quase faz parecer que eu estou a ponto de sair correndo com o bebê, levando-o para longe dos seus braços.

Será que pensa que sou louca a esse ponto?

— Apenas com pessoas que não têm o direito de me dar ordens — digo, obviamente tendo feito uma péssima escolha de palavras quando Diego diz o óbvio, que eu teria percebido se pensasse antes de falar.

— O meu pedido foi bem simples, passarinho. Disse que não gostaria de te ver e creio que esteja no meu direito de fazê-lo, considerando

que tudo isso aqui me pertence e você não é bem-vinda. Se eu quisesse você na minha casa, teria te convidado e então não teria invadido o meu quarto na calada da noite.

— Vai falar disso a vida toda? — enfrento-o, pois existe algo nele que me leva a agir assim ou talvez seja apenas mais um ato insensato da minha parte.

— Não a vida toda. Dentro de algumas semanas voltarei para o Rio de Janeiro e você não terá que ouvir o que não te agrada. Da minha parte, será um prazer não ter que esbarrar com você no meu quarto ou próximo o suficiente para que eu seja obrigado a ter esse tipo de conversa logo cedo — fala.

Com tudo que tem acontecido, a loucura de ser pega no seu quarto e o encontro com o pequeno agora há pouco, acabei esquecendo do meu propósito de confrontá-lo por causa dos seus planos. Agora sinto que as minhas razões para não querer que ele se vá vão muito além da preocupação com o futuro da minha gente.

De uma forma ou de outra, o nosso embate trouxe um pouco de novidade para a minha rotina que às vezes chega a ser tediosa.

— Não precisa ir embora com tanta pressa — sem qualquer direito, digo, estando ciente de antemão que gostarei do que irei ouvir.

— E você me conhece há quanto tempo para achar que pode opinar em algo, criança? — Esperei que fosse ser grosseiro, mas ele me surpreendeu. Falou baixo até demais e, pela primeira vez, me olhou com mais atenção.

O seu olhar se demora pelo meu rosto e depois passeia lentamente pelo meu corpo. Sinto um tremor me atravessar lentamente, mas não sei o que passou pela sua cabeça enquanto me fitava, já que, ao fazer o caminho de volta, a sua expressão não me diz nada enquanto o meu corpo diz tudo.

Desconfio de que gostaria de gritar comigo, mas não o faz por causa da criança, que continua agarrada ao meu pescoço, ora olhando para o pai, ora olhando para mim. Em silêncio, ele observa com atenção a interação entre nós dois.

— Tenho 19 anos — digo, odiando o fato de ele me enxergar como uma criança.

Eu não quero que esse homem — lindo — odioso me veja como uma menina quando já sou uma mulher.

— Criança que não deveria estar segurando o meu filho nos braços — afirma e, com passos largos, corta a distância que nos separa.

De repente as minhas pernas ficam fracas, o coração bate mais

acelerado e, para a minha completa vergonha, sou obrigada a admitir que o que sinto com a sua perigosa proximidade não tem qualquer relação com o medo.

São sensações desconhecidas por mim, mas sinto que são muito perigosas. Sensações das quais não posso me defender, como faria se estivesse com medo dele.

— Eu o encontrei por aqui, puxando a barra do meu vestido. Perguntei onde você estava, mas ele não respondeu — explico para que entenda que deveria estar me agradecendo e não sendo grosseiro.

Ingrato!

— O meu filho não fala — assevera sem demonstrar quaisquer sentimentos e me pergunto se esse homem tem um coração batendo dentro do peito.

Diego Estrada é um grande bloco de gelo e, além de frio, parece carregar o peso de todo o mundo sobre os ombros. De perto, quando me permito olhar para a sua aparência descuidada, apesar de bela, vejo a palavra cansaço estampada no seu rosto.

Cansaço não só físico, mas também psicológico.

— Eu sinto muito — digo.

Diego fica ainda mais carrancudo e estende as mãos na minha direção.

— Aqui, filho, venha com o pai.

Na hora que ele tenta pegar o bebê, seus dedos tocam acidentalmente os meus seios, nossos olhares se encontram e se fitam com intensidade.

O momento é interrompido quando Diego tenta puxar o filho e ele, de maneira surpreendente para nós dois, envolve os dois braços com mais força no meu pescoço, esconde a cabeça de cabelos lisos no espaço entre o meu pescoço e o ombro e começa a chorar.

O bebê se agarra a mim e começa a chorar!

Capítulo 7



Mesmo que não deva e, aparentemente, esteja agindo como um menino apenas por ter o tipo de reação que prefiro não deixar que a garotinha bonita perceba, não posso deixar de me ressentir com a cena que se desenvolve diante dos meus olhos.

É inusitada e até mesmo chocante.

A surpresa faz com que eu, instintivamente, me afaste dos dois, sentindo como se estivesse sobrando. Alex nunca foi assim, ele é um menino doce e bem sociável, mas essa simpatia só acontece depois que ele convive

algum tempo com a pessoa e não de imediato, como foi com essa garota. Ele simplesmente gostou dela e não faço ideia do porquê.

Bom, talvez eu faça, porque nem eu mesmo estou imune a essa criatura espaçosa. Se ontem ela não fez nada além de me causar irritação com a sua invasão e falas sem sentido, agora, sem que pudesse resistir, permiti que os meus olhos passeassem pelo seu corpo e eles gostaram do que viram. O meu corpo concordou quando os meus dedos tocaram sutilmente a lateral do seu seio e teve reações que não tenho com mulheres muito mais atraentes do que ela.

Ela é uma garota simples, chata e intrometida além do que posso suportar, mas isso não muda o fato de eu estar percebendo só agora o quanto ela é bonita. Uma beleza bem natural e simples, mas, ainda assim, linda. Diferente das mulheres com as quais eu estou acostumado e talvez isso justifique a minha admiração.

Ela é alta e mesmo assim não alcança o meu ombro. O seu corpo é esguio e cheio nos lugares certos, o que me faz pensar que deve ter uma fila de pretendentes no seu encalço. O espetáculo fica por conta do seu rosto. Os olhos do passarinho são enormes e brilhantes, chegam quase a ser infantis. Os lábios são carnudos e, se eu fosse do tipo aficionado em beijos, teria prazer em beijar essa boca. Morder, certamente, eu seria do tipo que mordiscaria os

lábios carnudos.

O conjunto da obra fica ainda mais atraente quando olho seus cabelos ruivos de fios lisos e compridos e que alcançam o meio das costas. Olho para eles e visualizo a massa enrolado na minha mão, enquanto...

— Diego, está tudo bem? Por que está me olhando dessa forma? Olhe, não precisa se preocupar, ele já está parando de chorar, não vê?

Com a sua capacidade — que notei muito rápido, para o meu desespero — de falar centenas de palavras por segundo e fazer perguntas umas por cima das outras, sem esperar pelas respostas, a garota continua a falar e, por mais que eu não queira, sou obrigado a esperar pelo momento em que enfim calará a porra da boca. Bom, pelo menos a sua tagarelice me ajuda a tirar da cabeça os desejos que não são bem-vindos e que não tem a menor possibilidade de se concretizarem.

Olhando para o meu rosto insatisfeito e com o meu filho agarrado ao seu pescoço como se fosse um bote salva-vidas, ela para de falar, mas antes pede desculpas, parecendo submissa, algo que não combina com tudo o que vi até aqui a respeito da sua personalidade, e não posso negar que é um fato que despertaria o meu interesse se a situação fosse outra.

— Acontece quando fico nervosa — justifica quando o seu rosto se tinge de vermelho, fazendo algo que imaginei que as mulheres não fossem

mais capazes de fazer, pelo menos não as que eu conheço.

— Estou te deixando nervosa? — A minha pergunta carrega uma insinuação involuntária que pode muito bem ser interpretada como algo de cunho sexual, fazendo com que eu me questione o que está acontecendo comigo.

— N-Não... — ela nega, mas está gaguejando, o que contraria a sua afirmação.

Voltando a atenção para o meu filho por um momento, dou-me conta de que ele nem ao menos se mexe em seus braços e que a cabecinha está deitada no espaço entre o seu pescoço e ombro. Atenta ao meu olhar e suponho que fazendo ideia do que passa pela minha cabeça, ela fala:

— Acho que ele está dormindo ou bem perto disso — fala baixinho, como se estivesse tomando cuidado para não o acordar.

A percepção me toca mais do que eu gostaria de admitir, o que acontece quando o assunto é o meu filho, pessoa por quem vivo e daria a minha vida, se preciso fosse.

— Ele não está dormindo, acabou de acordar. Está assim, quietinho, porque gostou do seu colo — admito, a contragosto.

Eu só quero voltar para a minha vida e não é nada bom que o Alex se apegue a alguém de quem, em breve, terá que se afastar.

Ela não diz nada, mas parece ter gostado do que ouviu. Aproximo-me dos dois — perto demais — e o pego nos braços. Tenho a sensação de que ela reluta em se afastar da criança que acaba de conhecer e, se não fosse pela reação do seu corpo tenso, seus olhos a entregariam. Eles não saem de cima do Alex e para mim é difícil compreender o que aconteceu entre os dois.

— O seu filho é muito bonito, parabéns — elogia.

— Obrigado — digo, deixando claro que não estou disposto a esticar a conversa. Se estou aqui até agora, é somente por não ter escolha, considerando que Alex estava tão satisfeito nos seus braços que ela pensou que estivesse dormindo.

— Vai levá-lo para a sede? — pergunta.

— Não seja intrometida — peço, doido para ficar o mais longe possível da sua presença.

— Grosso!

— Que seja. — Dou-lhe as costas, mas, antes de partir, volto-me novamente e aviso: — Continuo não querendo ver você pelas minhas terras e menos ainda aqui, colhendo flores. Espero que não presenciar essa cena novamente — assevero quando olho para a sua cesta, que está cheia de rosas brancas. — Esse lugar não existe com a finalidade de atender aos seus

caprichos de passar o tempo livre brincando com flores — digo, mordaz, vendo-a ficar furiosa.

Percebo que sinto prazer em vê-la dessa forma, o que me deixa alarmado, pois não tenho por que gostar ou deixar de gostar de nada que diga respeito a ela, que vi apenas duas vezes e nenhum dos encontros foi agradável.

De maneira doentia, percebo que tenho vontade de ser desagradável — mais do que aprendi a ser — sempre que sinto a ameaça de estar começando a pensar algo de bom a seu respeito, como aconteceu quando percebi como o meu filho gostou dela e como retribuiu ao segurá-lo com carinho e de forma tão protetora em seus braços.

— Saiba que não estou furtando as suas preciosas rosas, Diego Estrada. O seu pai me deu permissão para que fizesse isso. Se parar de ser tão ranzinza, perceberá que as rosas que colhi estão murchas ou menos belas do que as outras. Eu as pego porque dificilmente seriam aproveitadas e acabariam em uma cesta de lixo. — A sua defesa é muito boa, o que evidencia que tem um dom com as palavras.

— Tudo bem, faça como achar melhor — volto atrás por não querer contrariar uma ordem do meu falecido pai. — Só tome cuidado para não atravessar o meu caminho da próxima vez.

Com passos largos, abandono-a sem que tenha oportunidade de dizer mais alguma coisa. Dou poucos passos, mas não consigo prosseguir e deixá-la depois do que aconteceu aqui. Volto-me novamente, mesmo sabendo que mais tarde me arrependerei da decisão tomada.

— Aqui está um pouco frio. Se quiser, pode ir até a sede para tomar um copo de chocolate quente — falo e o convite parece estranho até mesmo para os meus ouvidos.

Eu quero essa garota longe de mim e do meu filho, não quero?

Como se estivesse esperando pelas minhas palavras, ela chega depressa ao meu lado e me questiono o quão rápido essa moleca pode correr. É o que ela parece: uma moleca. Por mais que seja bonita e que eu tenha chegado a vê-la como mulher por um breve momento, suas atitudes são de uma menina.

— Obrigada por você...

— Não fale comigo, passarinho, te chamei somente como forma de agradecimento pelo que fez pelo Alex. Não pense que existe algo além disso — corto, pois não quero que tenha ideias erradas a meu respeito.

— Mas, Diego...

— Senhor Diego, para você — corrijo e o faço de caso pensado.
— Faça como te pedi e, pelo menos dessa vez, me obedeça. Às vezes, o

silêncio é bom, menina. Permita-se viver essa experiência. — Olho de soslaio para ela, que finalmente não me contraria.

Caminhando ao seu lado e em um silêncio surpreendentemente agradável, estou levando-a para a minha casa, mesmo que tenha dito e desejado o contrário.



A curta caminhada até a sede foi feita em total silêncio, assim como ele pediu. Isso mesmo, pediu, ao invés de dar ordens, como parece estar acostumado a fazer. Eu poderia ter negado a sua oferta, mas a minha vontade de ficar mais um tempo com esse homem estranho e seu filho lindo é maior do que a minha sensatez.

Ao adentrar a sala depois dele, desvio a minha atenção para o corredor esquerdo da enorme e rústica residência, imaginando que neste momento a minha avó deve estar na cozinha, as voltas com a preparação das refeições do leão ogro e do leãozinho fofo.

— Vou subir para buscar alguns brinquedos do Alex — fala, já na direção da escada e pela minha cabeça passam imagens dele sentado aqui no tapete brincando com o filho. — E, você, se aqueça e vá para casa. Agradeço por ter olhado o meu filho quando ele sumiu da minha vista. Adeus. — Diego fala adeus como se nós nunca mais fôssemos nos ver. Mas é claro que não iremos, ele é a pessoa que fica presa dentro dessas paredes, como um animal enjaulado, e o faz por sua própria escolha.

Ele também gosta de dizer que ficará em Santa Rita por pouco tempo e o fato chama a minha atenção, porque a forma como fala me faz perceber que nada do que eu disser o fará mudar de ideia. O que não quer dizer que eu não possa continuar tentando.

Ontem à noite, deixei a sua casa com a sensação de que uma conversa entre nós seria impossível, mas hoje, em alguns momentos, pude perceber que existe uma pessoa de carne e osso por trás do bloco de gelo e, por mais que esteja firme na sua decisão de fugir daqui o mais rápido que conseguir, talvez eu possa fazê-lo compreender algumas coisas.

— Diego! — grito, antes que alcance a escada, mas o seu olhar duro faz com que eu rapidamente corrija: — Digo, senhor Diego.

Tendo ele parado os seus passos rápidos e largos, corro até onde está e beijo a cabecinha cheirosa do pequeno leãozinho de quem tanto gostei.

Foi amor à primeira vista. Confesso que a minha definição de amor à primeira vista não é exatamente eu me afeiçoando a uma criança tão rapidamente a ponto de sentir um aperto no peito só de pensar que esse rabugento irá embora e eu nunca mais verei o menino.

Sem nada dizer, o senhor Leão Ogro segue o seu caminho e some das minhas vistas. Respirando aliviada e com a sensação de que estive prendendo o ar durante todo o tempo em que fiquei na presença do lenhador, vou para a cozinha fazer jus ao seu convite, mesmo que a minha vontade seja ir atrás dele para observá-lo com o pequeno.

— Bom dia, vovó! — cumprimento e a vejo quase derrubar a colher de pau pelo susto que levou.

Dona Ester fica tão entretida quando está com as suas adoradas panelas que não é nada difícil pegá-la de surpresa.

— Quer me matar do coração, menina!?

— Desculpe, não queria assustar a senhora — peço e não faço cerimônia para me aproximar da mesa, puxar uma das cadeiras e me sentar.

— O que faz aqui, criança?

— Encontrei o senhor Diego nos roseirais e ele me convidou para vir até aqui tomar um chocolate quente. — Dou de ombros, como se não fosse nada demais.

Ela me olha com curiosidade e certa apreensão, abre a boca umas três vezes, mas acaba não dizendo nada. Alguns minutos se passam, tomo a bebida, que espanta o frio, e então, depois de falarmos sobre coisas que nada tem a ver com a minha presença aqui na sede, a minha avó acaba tocando no assunto sobre o qual estava querendo falar e que parece só ter encontrado as palavras agora.

— Desde quando você e o senhor Diego são amigos, minha filha? — pergunta, sem esconder a preocupação.

— Não somos amigos.

— Como não? Ele até mesmo te trouxe aqui.

— Não somos, vovó. Na verdade, eu nem gosto desse homem, ele me irrita como nenhuma outra pessoa fez antes...

— Ella, cale a boca! — Dona Ester pede, mas eu decido continuar. Preciso desabafar.

— Homem mais arrogante não existe, só porque é bonito e tem isso tudo aqui, acha que pode tratar a nossa gente como se fosse inferior a ele? Que piada, ficar trancado dentro dessa casa... Eu tenho pena do Alex, a criança não merece um pai que...

— Eu quero você fora daqui agora!

A voz furiosa faz com que eu dê um pulo da cadeira e ela cai no chão, fazendo um barulho estrondoso. Fui pega falando muita merda e agora o deixei mais furioso do que quando me pegou dentro do seu quarto. Nem ao menos posso julgá-lo, pois sei que falei besteira.

É tudo o que realmente penso dele — pelo menos a parte que posso dizer em voz alta —, mas não deveria falar isso dentro da casa dele.

— Perdão, Di... senhor Diego, eu...

— Vá embora!

— Mas...

Sem que eu possa dizer mais alguma coisa, Diego mostra que não está nem um pouco a fim de ouvir as minhas desculpas, chega perigosamente perto, segura a minha mão e, apressado, sai me puxando para fora da cozinha, passamos pela sala, até chegarmos à porta da casa.

— Fique aí, vovó, está tudo bem — peço quando olho para trás e percebo que ela estava vindo atrás de nós dois, tentando justificar a minha boca grande, quando não existe nenhuma justificativa para eu ter sido pega falando mal do homem.

Sabendo que posso dar conta do ogro, ela para e dá meia volta para a cozinha.

— Ande mais devagar, seu infeliz! — aviso com os olhos cheios de lágrimas pela humilhação de ser enxotada, quando já estamos descendo a escada que separa as grandes portas da área do pátio.

— Não apareça mais na minha frente ou irá se arrepender, garota idiota — fala com o rosto quase colado ao meu e não esconde a sua fúria.

— Seu perturbado! — ofendo-o e em seguida me arrependo, porque sei que acabei indo longe demais.

Ele solta a minha mão, segura o meu braço mais firmemente e, tentando me defender, começo a esmurrar o seu peito com todas as minhas forças.

— Imbecil, acha mesmo que eu gostaria de te ver novamente? Será um prazer não ter mais que olhar para essa tua cara azeda! — jogo os fatos no seu rosto enfurecido, tanto quanto o meu deva estar, e continuo a lhe bater.

— Garota louca dos infernos!

Como se estivesse acontecendo em câmera lenta, sinto o momento em que Diego me solta e, na intenção de se defender, agarra o meu corpo com os dois braços, deixando-nos completamente colados.

A sua pegada forte e bruta me deixa sem fôlego e arrepiada. Agora estamos completamente em silêncio, os corpos quase se fundindo e os

rostos muito próximos.

A fúria rapidamente começa a dar lugar a tremores de excitação. Sinto a sua respiração contra o meu rosto, assim como acredito que ele esteja sentindo a minha. O olhar, que antes era de raiva, fita a minha boca e não posso deixar de imitá-lo.

O ar está carregado de pura eletricidade e eu não saberia dizer como isso aconteceu, caso alguém me perguntasse. Sinto que todo o meu corpo está trêmulo e arrepiado e poderia jurar que os seus braços possessivos em volta da minha cintura estão queimando-a.

Capítulo 8



Ainda que estivesse furioso segundos atrás, agora sinto tudo, menos fúria. Na tentativa de conter o seu ataque, tive de abraçá-la pela cintura com firmeza e talvez esse tenha sido o maior erro na minha forçada relação com ela, que não sai do meu caminho, mesmo que eu tenha pedido para que o faça mais de uma vez.

Agora estamos com os corpos colados de cima a baixo e até mesmo sinto a sua respiração ofegante. Não posso evitar que meus olhos encontrem os seus e, só agora, percebo que eles têm a cor-azul claro e me fitam de uma maneira que me deixa perturbado.

— Diga para mim, passarinho, qual é o seu problema? — início

uma conversa com ela para ignorar as reações do meu corpo ao simples contato com o seu. Não quero reagir assim a ela, mas também não faço nada para soltá-la ou me afastar um milímetro sequer.

A garota precisa entender de uma vez por todas com quem está lidando e quem sabe falando assim, bem de pertinho, perto o suficiente para beijar a sua boca com um pequeno movimento, ela compreenda melhor as minhas palavras e perceba que não é bom brincar comigo, que não pode brincar com o fogo, pois vai sair mais queimada do que poderá se recuperar um dia.

— Desculpe, não era para você ter ouvido tudo aquilo. Não deveria ter tocado no nome do seu filho.

— Não mesmo! Você não tem esse direito. Não sabe nada da minha vida. Nada! — digo perigosamente baixo, ao invés de gritar, como é o meu desejo.

— Pode me soltar? — pede.

Não faço qualquer movimento que demonstre a intenção de atender ao seu pedido e ela, conformada com a ideia de que deixará os meus braços somente quando eu quiser, acaba levando as duas mãos para o meu peito e as deixa apoiadas nele. O seu toque parece queimar a minha pele, o tipo de queimadura que vai de encontro ao gelo que corre por minhas veias.

— Não vou te soltar, passarinho. Só farei isso depois que você entender que não pode e não vai mais chegar perto de mim.

— Ariella, o meu nome é Ariella. Ella para os íntimos, o que não é o seu caso, *senhor* Diego. — Cheia de ironia, ela coloca ênfase no *senhor*.

A sua petulância evoca em mim desejos de colocá-la sobre as minhas pernas e surrar a sua bunda até que fique vermelha e que tenha aprendido uma ou outra lição sobre como deve se dirigir a mim.

Quando exigi que me tratasse como senhor, não imaginei que seria tão perturbador ouvir tais palavras saírem da sua boca. Isso mostra que ela, com a sua vivacidade e beleza discreta, me atrai mais do que estou disposto a admitir.

— Ella, você não pode me desrespeitar dentro da minha própria casa e na frente de uma empregada — digo e sua expressão sofre uma sutil mudança.

— A empregada a quem se refere é a minha avó.

A revelação me surpreende e então a sua tentativa de defender a menina passa a fazer sentido. Mais cedo, a senhora mencionou a neta, mas eu jamais poderia imaginar que seria essa criatura intrometida.

— Sim, a sua cozinheira, que trabalha aqui desde que me entendo por gente, é a minha avó, assim como o meu avô trabalha no campo

— sarcástica, continua a tagarelar, enquanto explica e talvez não esteja percebendo que parou de resistir e está bem quieta entre os meus braços, que, contra a minha vontade, estão adorando abraçar o seu magro e pequeno corpo.

— Quer dizer que toda a sua família depende de mim? — indago com um proposital tom de ameaça, imaginando ter encontrado uma forma de mantê-la longe, já que parece não entender quando peço de outra forma.

Já estou confortável para admitir a mim mesmo que não sou imune a ela. A moça é muito atraente e não posso deixar de lado sua propensão a me desafiar, o que não deixa de ser excitante. Senti-la tão de perto, como faço agora, me faz ter a certeza de que não posso ficar esbarrando com ela enquanto estiver aqui na cidade, não quando não ficarei por tempo o suficiente para fazer qualquer coisa, não quando não preciso desse tipo de complicação na minha vida.

O meu corpo parece sentir atração pelo dela enquanto estamos em contato e, para mim, quanto mais longe ela ficar, melhor será para nós dois.

— Você não pode... — começa, ao perceber a ameaça por trás das minhas palavras. Irritada, tenta se soltar, mas não tem sucesso.

— Vai ficar longe de mim ou seus avós sofrerão as

consequências da sua teimosia. Não me importo com a sua opinião ao meu respeito, desde que não ouse dizê-la dentro da minha própria casa. Apenas não apareça mais na minha frente, você é um problema com P maiúsculo e não preciso de mais complicações na minha vida.

— O que fiz para você? Por que me odeia tanto? — pergunta, olhando dentro dos meus olhos, e me dou conta de que ainda estamos muito próximos. — Foi porque entrei no seu quarto ontem à noite? Se for por isso, peço que me desculpe. Só não tire o emprego dos meus avós. É tudo o que eles têm — pede, usando um tom humilde pela primeira vez, e não posso negar o incômodo que isso me causa.

A Ella que tem me irritado desde ontem não é assim e, por mais que ame a ideia de submissão, ela só me agrada quando estou em um quarto. Fora dele, são mulheres donas de si que me excitam, assim como ela parece ser.

— Você entrou no meu quarto sem permissão, invadiu as minhas terras e agora há pouco te peguei falando de mim pelas costas, quando tentei ser gentil e te convidei para vir até aqui. Não espere, portanto, que sinta alguma simpatia ou benevolência.

— Por favor... — Sem que eu estivesse esperando tal atitude da sua parte, vejo-a eliminar o espaço que existia entre as nossas bocas,

deixando-as bem mais próximas.

Sinto o calor da sua respiração passar como um veneno para dentro da minha boca, fazendo com que nossos hálitos se misturem. Não posso evitar que o meu pau comece a endurecer e isso me deixa com raiva por entender o que Ella está tentando fazer.

— Acha mesmo que, tentando me seduzir como uma vadia, conseguirá o que quer? Se pensou, está redondamente enganada, menina. Caipiras como você não fazem o meu tipo, não quando tenho a companhia que eu quiser, basta um estalar de dedos.

Sei que estou sendo cruel, mas não pode ser de outra forma. Não gostei nada que tenha tentado recorrer a algo com o qual talvez nem saiba lidar, o que me faz questionar quantas vezes ela tentou essa mesma cartada com outros homens quando precisou de algo e não pôde conseguir de outra maneira.

Vejo o seu rosto tingir-se de vermelho e, em meio a um descuido meu, o pequeno pássaro acaba se soltando e foge. Cheia de agilidade, vejo-a correr rapidamente até onde deixou a cesta cheia de flores, pendurá-la no guidom de uma velha bicicleta — que não tinha visto encostada na cancela — e subir em cima da velharia.

— Ella! — grito por ela, sem ter nada para dizer.

A garota olha para trás e, antes de sair apressada, afirma:

— Não se preocupe, seu ogro, não terá mais o desprazer de me ver na tua frente. E saiba que não me arrependo de nada que você ouviu na cozinha. Espero que vá embora o mais rápido que puder e nunca mais volte.

Ela se sente no direito de ser desaforada antes de ir embora, deixando que o vento espalhe seus cabelos vermelhos e lisos. No pátio, fico olhando até que desapareça das minhas vistas e um sorriso involuntário começa a se formar.

De ontem para hoje, a garota estranha trouxe vida para onde não existia e um pouco de luz onde havia apenas escuridão. De qualquer forma, fiz o que deveria ser feito e a mandei para longe de mim, não preciso dela e nem de ninguém ao meu lado. O meu filho me basta.

Nunca mais deixarei que mulher alguma chegue perto de mim para, no fim, não ser capaz de dar o que ela precisa.



O vento muito frio bate no meu rosto e é recebido como um castigo pelas merdas que aprontei. De tudo de errado que fiz, desde o momento em que vi o homem pela primeira vez, tentar me insinuar em um momento de desespero foi o pior dos erros.

Para a minha completa vergonha sei que, no fundo, não estou arrependida e nem mesmo envergonhada pelo que fiz, o que sinto é ressentimento pela sua rejeição. No desespero e sem saber ao certo o que estava fazendo quando tentei encostar as nossas bocas, tentei beijar Diego Estrada e ele não teve o menor problema em jogar na minha cara o quão patética achou a minha atitude.

Pedalando o mais rápido que posso, sentindo as minhas pernas começarem a doer pelo grande esforço que não estou acostumada a fazer, sinto as lágrimas geladas rolares pelo meu rosto e prometo a mim mesma nunca mais falar com o ogro cruel, nunca mais atravessar o seu caminho e nem permitir que fale comigo da forma como falou hoje.

Pela primeira vez, senti na pele o que é ser rejeitada e estou certa de que é algo pelo qual não preciso mais passar.



Depois de ter passado o dia sozinha pensando no que aconteceu ontem à noite e hoje pela manhã e preparando as minhas flores, saio para vendê-las no início da noite e, como o resto do dia, as vendas são uma merda.

O movimento é fraco, não vendo quase nada e, ao voltar perto das 9h da noite, ainda tenho que enfrentar a curiosidade e a preocupação da minha avó. Ela quer falar sobre o que aconteceu na sede da fazenda e eu não estou nem um pouco disposta a conversar sobre Diego Estrada.

Já estou indo para o meu quarto quando ela, surpreendentemente, avisa que o patrão pediu que ela me levasse à fazenda amanhã, pois precisa falar comigo. Como não sou louca como ele deve ser e nem gosto de ser maltratada, peço para a minha avó mandar um recado.

Diego saberá que prefiro ver o capeta na minha frente a ter que vê-lo novamente, não importa o quanto a sua beleza rústica de macho com pegada tenha me impressionado e menos ainda que eu tenha sentido uma vontade louca de beijá-lo, desejo que pouco teve relação com o medo de vê-lo cumprir a ameaça de mandar os meus avós embora, caso não eu saísse do

seu caminho.

Capítulo 9



— Você gosta, não é mesmo, campeão?

Passeando pelas calçadas de paralelepípedos da movimentada Vila das Flores, é preciso que eu abaixe o corpo para falar com Alex, que dá os seus passinhos curtos ao meu lado. Depois de meses sem me permitir andar por essas ruas, por ele fiz o sacrifício de sair e explorar o lugar que há anos não via, a vila onde cresci e os meus amigos moravam, apesar de eu ser de outra classe social e de viver na fazenda.

Tive uma infância feliz — apesar do que sou hoje — e na época

não me imaginava morando em outro lugar que não fosse aqui, uma cidade pequena, mas onde todos vivem bem e felizes, dentro das suas possibilidades.

— Diego? Eu não acredito no que estou vendo! Finalmente se lembrou da existência desse lugar esquecido por Deus?

Na minha frente, está um homem alto, moreno e um pouco acima do peso. A pele está castigada pelo sol, certamente por causa do trabalho no campo de rosas. Como o próprio nome diz, tudo nessa vila tem relação com as rosas. Uns trabalham no campo, desde a preparação até o momento de colher as flores para a venda. Quem não está no campo tem seu comércio, também relacionado às rosas brancas e vermelhas e aos girassóis, em menor escala.

— Rico, tudo bem com você? — bem menos entusiasmado, eu o cumprimento de volta. O homem à minha frente costumava ser o meu amigo mais próximo e seria impossível não o reconhecer.

— Bem e surpreso por ainda te ver por aqui. Achei você voltaria correndo para a sua querida cidade grande depois do funeral do seu pai.

— Tenho assuntos para resolver por aqui, mas partirei dentro de algumas semanas — explico.

Querendo me livrar do reencontro, olho para baixo e vejo o meu pequeno puxando o tecido da minha calça *jeans*. Pego-o no colo, como faço

sempre que ele se sente deixado de lado.

Alex se aconchega nos meus braços, lugar que eu gostaria de mantê-lo para sempre. O fato de termos somente um ao outro faz com que sejamos muito apegados e preciso me policiar para não o mimar demais e torná-lo um menino fraco e dependente do pai.

— Ele é seu? — Rico insiste em manter o papo, deixando claro que continua sendo o mesmo de sempre.

Pelas poucas palavras que trocamos, pude notar que ele não mudou, mas eu mudei. Do Diego que ele conheceu não existe mais nada, aquele morreu e não acredito que Rico ou qualquer outro amigo do passado gostaria de ser amigo do homem que me tornei.

Eu não consigo gostar de mim. Como esperar que qualquer outra pessoa goste?

— Sim, meu filho.

— Sinto muito pela morte dela. — Rico se refere à minha esposa, que morreu 2 anos atrás. Seu velório foi aqui na cidade, na paróquia que é visível da praça, e ele, assim como todos os curiosos da vila, deve ter comparecido.

— Eu também sinto — digo, abraçando mais apertado o corpo gordinho do meu bebê, que brinca com os botões da minha camisa.

Dê uma flor para o seu amor. Elas não são remédios, mas podem curar um coração ferido. Elas não são santas, mas são capazes de operar verdadeiros milagres. A unidade custa apenas três reais. Por dez reais, você leva este lindo buquê e um laço de fita de brinde. Presenteie quem você ama.

Do outro lado do chafariz, que enfeita o centro da praça, vejo Ella, o pequeno e petulante passarinho. Ela usa uma saia que deixa as pernas longas e alvas à mostra e uma blusa branca, que deixa uma pequena porção de pele da sua barriga descoberta. No braço direito, carrega uma cesta cheia de flores e parece empenhada em berrar como uma bezerra desmamada e interpelar todos que passam ao seu lado.

— Essa é Ariella, a garota mais estranha da cidade.

— Estranha? — Volto a minha atenção para o homem, subitamente interessado no seu falatório.

— É o que todos dizem. Fica perambulando por aí todos os dias, oferecendo essas flores, quando é evidente que não vende o suficiente, pelo menos não a ponto de justificar todo o esforço que faz.

— Deviam admirá-la por ser tão trabalhadora e esforçada — defendo-a, mesmo sem entender de onde saiu tal necessidade.

A garota desperta o meu pior lado e o que tenho em mente vai

contra tudo o que penso a seu respeito e contra o meu pedido para que mantenha distância.

— Não discordo de você, ela é uma boa pessoa. Muito gentil e bondosa com todos ao seu redor, o problema é que ela merece mais do que isso aqui, todos se foram e ela ficou apegada a esse lugar até o último fio de cabelo — revela, sem tirar os olhos de onde Ella está.

Eu também não consigo desviar os meus olhos da sua figura, existe algo de fascinante em vê-la de um lado para o outro, quase gritando e interpelando algumas pessoas.

— Talvez a moça não pense como todos vocês — pondero, repentinamente, esquecendo o meu desejo de fugir da conversa com o expansivo Rico, tudo porque Ella tornou-se o tema.

— Pode até ser, mas ela só saberá o que é melhor para a sua vida no dia que cruzar a fronteira — insiste ao desviar a atenção dela e voltá-la novamente para mim. — Precisa de ajuda com alguma coisa? — Seus olhos saem de cima de mim e vão para o meu filho, que abre um sorriso para o homem.

— Não precisa se incomodar, ainda me lembro de tudo que diz respeito a essa vila. Na verdade, vim dar uma palavrinha com a moça das flores — revelo e o faço de caso pensado. Está claro que o passarinho

gritador já percebeu a minha presença, mas faz de tudo para fingir que não.

De longe, a impressão que tenho é de que a sua voz está até menos firme. Nos meus braços, Alex parece ter percebido a presença da moça e já começa a se agitar. Ele criou um vínculo muito estranho com Ella e por causa dele pedi para que a avó levasse o passarinho até a fazenda, logo depois de tê-la proibido de chegar perto das minhas terras.

— Por que não disse antes? — pergunta e depois faz o que pensei que faria. — Ella! Venha aqui, garota! — O seu grito é tão alto que chama não só a atenção de enxada como também de toda a praça. — É rapidinho, venha. — Gesticula e ela não tem outra saída a não ser parar de fingir e caminhar na nossa direção.

Quando a vê chegando mais perto, Alex fica a ponto de pular do meu colo e eu, como não sou capaz de lhe negar nada, coloco-o no chão.

— Vá lá, amigão, sei que é isso que você está querendo — digo, dando uma tapinha na sua bunda. — Vá encontrar o seu passarinho.

Com os passos ainda incertos, ele corre o mais rápido que as suas pernas curtas conseguem e, de longe, a menina se agacha e o espera de braços abertos.

— Que cena bonita, meu amigo. Se eu não os conhecesse, poderia jurar que eram mãe e filho — do meu lado, Rico pondera.

— Ela é muito nova para ter filhos — afirmo e não entendo o gosto amargo que fica na minha boca quando as palavras saem.

— Tem razão. Agora me deixe ir andando porque o trabalho me espera — Após dar duas batidas no meu ombro, ele vira as costas e não espera pelas minhas palavras.

Não demoro a olhar novamente para onde está o meu filho e a garota impertinente de quem ele tanto gosta.

Gosta a ponto de ter mudado de comportamento. Ontem, depois de ter acordado, senti que ele estava meio agitado, comportando-se de uma forma muito estranha, quando não tinha nenhuma razão aparente para tal mudança. Depois de parar para pensar com mais tranquilidade, lembrei que o encontro com o passarinho foi o que de mais inusitado aconteceu no seu dia.

Imaginei que ela seria a razão da sua carinha de desânimo e, pelo meu filho, pedi para que voltasse à fazenda. Ella, como sempre, quis me desafiar e não fez o que pedi. Pela manhã, a avó chegou sozinha, dizendo que a neta se recusou a vir com ela e jurou nunca mais pisar os pés na fazenda.

Depois de um dia inteiro remoendo a sua audácia e tentando engoli-la a seco, decidi dar uma volta pela vila e tentar pegá-la desprevenida, como aconteceu quando a vi vendendo suas preciosas rosas.

Ver o meu filho nos seus braços me dá a resposta de que eu

precisava e não tenho dúvidas de que ela não se recusará a aceitar a minha oferta.

Por mais que eu saiba que é uma péssima ideia, a pior que tive em muitos anos, tendo em vista algumas sensações adormecidas que ela consegue despertar, sinto que devo fazer o melhor para o Alex e, se para ele o melhor é ficar perto da garota pelo tempo que permaneceremos por aqui, é perto dela que ele ficará.

Consequentemente, ela também estará perto de mim, mas acredito que sou vivido o suficiente para conseguir lidar com uma mulher ainda tão jovem.

— Tudo bem? — cumprimento, assim que ela para ao meu lado. De imediato, pego a cesta das suas mãos, para que assim possa segurar Alex melhor, já que ele está atracado ao seu pescoço.

Meu filho se afeioou a Ella de um jeito único. Ele a conheceu ontem e age como se ela sempre tivesse feito parte da sua vida.

— O que faz aqui? — questiona, um pouco mais agressiva do que deveria.

— Por acaso você é a proprietária da praça para que eu tenha que lhe dar explicações? — devolvo.

— Não vou ficar aqui perdendo o meu tempo com você. Pediu

para que eu não voltasse a atravessar o seu caminho e agora está atravessando o meu — acusa.

Diante dos meus olhos, vejo a sua mão acariciar as costas do Alex, a sua boca bonita beijar a cabecinha de cabelos lisos e, quando tenta me devolvê-lo, Alex a abraça e torna impossível a concretização das suas intenções.

— Ele gosta muito de você — aviso, como se o fato já não estivesse suficientemente claro.

— Eu também gosto dele. Muito — afirma e eu acredito. A garota pode ser o que for, mas o carinho que sente pelo meu pequeno é genuíno.

— Se gosta tanto dele, não vai recusar a minha proposta — digo ao me abaixar para colocar a cesta no chão.

— Proposta?

— Quero que seja a babá do Alex enquanto estivermos aqui em Santa Rita. Ele, por algum motivo, se apegou muito a você e quero que fique na sua companhia por mais tempo. O menino sentiu a sua falta hoje, depois de um único encontro.

— Ele é um garoto especial. — É só que tem a dizer, depois de tudo que ouviu.

— Quer dizer que...

— Não quer dizer nada, senhor Diego — Ella me interrompe e só posso pensar no quanto é tentador ouvi-la me chamar de senhor.

— Não me chama de senhor. A partir de agora, dirija-se a mim apenas pelo meu primeiro nome — peço, decidido a acabar com esses pensamentos perigosos.

— Mas...

— Nada de “mas”, passarinho, sei que tinha exigido o contrário, assim como disse que não queria te ter por perto, mas acontece que posso mudar de ideia e foi isso que fiz em ambos os casos. Quero você na minha fazenda e perto do meu filho.

— É louco?

— Dizem que sim, mas, se você ficar longe o suficiente, não será atingida pela minha loucura.

— Acabou de dizer que... Desisto!

— Disse que te quero perto do meu filho, não de mim. Disse que pode frequentar a minha casa e a fazenda, não a minha cama.

— Não quero frequentar a sua cama — esbraveja com escárnio, mas no final abaixa o tom para não assustar o pequeno, que brinca entretido

com as mechas do seu cabelo.

— Mesmo se quisesse, isso não iria acontecer. Eu não me relaciono com ninguém, Ariella. É bom que tenha isso em mente.

— Eu não sei por que está falando essas coisas.

— Para que fique claro o seu papel na minha vida e na do meu filho — falo, tratando o assunto com a frieza e a praticidade que ele merece.

— Não sei...

— Pago bem.

— Poderei colher as minhas rosas como fazia antes?

— Claro que sim — afirmo e olho para a cesta, entendendo o porquê de ela, aparentemente, vender tão pouco.

— Sem mais ameaças ao emprego dos meus avós?

— Nenhuma.

— Eu não...

— Responda, passarinho, você vem comigo para a minha casa?

— percebendo Ella ainda incerta, volto a perguntar, mesmo que saiba qual será a sua resposta.

Não pode ser outra, não quando ela está bem à minha frente,

diante dos meus olhos. Contra tudo o que preciso para mim mesmo e, principalmente, o que não preciso na minha vida, estou trazendo a garota para perto e espero não me arrepender amargamente da decisão tomada.



Segurando o seu filho nos meus braços, fico incerta sobre o que devo dizer, ainda que ele tenha certeza de que irei aceitar mesmo depois de ter me pedido para ficar longe e eu mesma ter dito que não queria mais olhar para a sua cara.

Não tenho a ilusão de que será fácil lidar com um homem como Diego, ainda que me orgulhe de ter falado de igual para igual pelo tempo em que estivemos juntos de ontem para hoje. Terei trabalho para lidar com o seu gênio difícil e sua aparente facilidade de mudar de humor de uma hora para outra e não sei se eu mesma poderei lidar com os sentimentos que o homem desperta em mim. Com as reações do meu corpo quando ele chegar tão perto, quando sinto o seu perfume, misturado com o seu cheiro de homem.

— E então, Ella, eu estou esperando a sua resposta — pressiona.

Eu poderia me acovardar e escolher o caminho mais fácil, que seria recusar e ficar o mais longe possível do homem que tanto me perturba, mas acabo escolhendo o mais difícil. Escolho porque quero ficar mais perto do pequeno Alex e porque tenho certeza de que Diego ficará fora do meu caminho, assim como eu tentarei ficar fora do dele.



Capítulo 10



Por mais que tenha jurado para mim mesma que não voltaria a pisar nas terras do leão ogro, não pude dizer não ao seu pedido, não quando envolve o Alex. Gosto do menino e não quero ficar longe dele pelo tempo em que ele estiver por aqui.

Estou certa de que sofrerei muito mais quando ele se for, mas tal certeza não é suficiente para me fazer recusar o pedido do Diego.

— O que faz aqui, minha filha? — Minha avó enxuga as mãos no pano de prato assim que me vê entrar no cômodo. — Não tinha dito que

não viria?

— Pois é, vó. Ele me convenceu a vir. A verdade é que não posso resistir ao Alex, é tão lindo...

— Se você pudesse ver como os seus olhos brilham quando fala do menino, Ella — fala e o seu ar de preocupação não passa despercebido. — Tome cuidado para não sofrer, querida — avisa. — Não esqueça que eles vão embora e que isso não vai demorar a acontecer.

— Está tudo bem, não vou me apegar muito a eles — minto e dona Ester só presta atenção em uma palavra. Ela é esperta e poucas coisas lhe passam batidas.

— Eles? — indaga, ainda mais preocupada.

— Ele, foi o que quis dizer. Não existe a menor possibilidade de eu ficar apegada a um homem com o senhor Diego — nego, pensando nas meias-verdades que saem da minha boca.

Tudo bem que o homem tem o gênio do cão, mas também é bonito como o próprio diabo com a sua barba grande e os olhos escuros. Seria muito fácil me apegar a ele, caso fizesse o menor esforço para ser agradável.

— Continue pensando assim, minha menina. Só te peço isso.

A forma como a minha avó fala me causa arrepios. Sinto como

se ela quisesse falar alguma coisa, mas prefere não o fazer.

— A senhora está sabendo de alguma coisa? — indago.

— Não sei de nada, é apenas uma intuição — afirma e prefiro não pensar muito no que acaba de dizer. É isso ou não conseguir fazer o meu trabalho, que é cuidar do bebê.

— Estou indo, vó, acho que Alex já deve ter acordado. — Chego perto de onde ela está, beijo o seu rosto e saio da cozinha.

Cheia de pressa, subo as escadas, mas, antes de fazer o que deveria e entrar no quarto do Alex, paro na porta ao lado, o quarto do Diego. Curiosa para saber se ele está em casa ou saiu antes de eu chegar, coloco o ouvido contra a madeira.

Não conseguindo ouvir nada que denunciasse a sua presença, não penso muito e por isso decido fazer besteira, indo contra a minha decisão de me manter afastada. Sem entender qual a necessidade de me meter dentro do quarto da fera, entro e o cheiro amadeirado do seu perfume chega às minhas narinas e um arrepio prazeroso atravessa o meu corpo.

Apesar de não ter vivido nada que chegue perto de uma relação física entre um homem e uma mulher, percebo que, apesar dos encontros difíceis, o meu corpo tem reações diferentes quando está na sua presença. Gosto do som da sua voz, mesmo que da sua boca ainda não tenha ouvido

palavras gentis. Gosto da lembrança que tenho dos seus braços em volta da minha cintura, mesmo que o toque tenha acontecido em meio a uma ameaça.

O seu cheiro parece gravado na minha memória e tenho a sensação de que já faz tempo que está aí, como uma memória antiga, mas não esquecida. No automático, os meus passos me levam para perto da sua cama, ainda desfeita, e pego a camisa que estava jogada em cima dela. Levo o tecido até nariz e o cheiro impregnado nela é bem-vindo. Com ele, sinto como se estivesse chegando ao meu lar depois de uma longa viagem.

— O que está acontecendo com você, Ella? — Com a pergunta que fiz em voz alta, jogo a camisa novamente sobre a cama, agindo como se ela estivesse em chamas.

Com o susto pelo rumo dos meus pensamentos, tomo um maior ainda quando ouço a sua voz e a porta sendo batida com toda força.

— E mais uma vez eu te encontro dentro do meu quarto, Ella. Por que gosta tanto de entrar onde não deve?

Olho para trás e o fato de ele estar com a camisa cinza suada e colada ao corpo torna difícil a minha respiração e só consigo olhar para ele, todo suado e, aparentemente, ofegante.

Parece que, de repente, o meu corpo começa a pegar fogo e então sou eu quem fica ofegante de uma forma que meia hora pedalando na

minha velha bicicleta não me deixaria.

— Desculpe, confundi as portas e acabei entrando no seu quarto, ao invés de ir para o do pequeno — minto descaradamente e ele, obviamente, não acredita.

— E por que não saiu quando percebeu o engano? — irônico, ele indaga, andando de maneira ameaçadora na minha direção.

Os meus pés parecem chumbados no chão e, ao invés de correr para o quarto do meu pequeno, permaneço parada.

— Porque eu vi a porta de ligação entre o seu quarto e o do bebê — justifico. — Já estava indo para o lá quando me assustei com a sua entrada repentina.

Quando termino de falar, Diego já está muito próximo a mim, o seu corpo está a um palmo de distância do meu. O cheiro do homem misturado ao seu perfume me deixa levemente emocionada e para conseguir sustentar o peso do meu corpo sobre as pernas, acabo cometendo o erro de levar as mãos ao seu peito suado, que a camisa molda com perfeição.

Seus olhos vão direto para as minhas mãos e, prontamente, Diego leva as suas para os meus pulsos. Ele os segura e não o faz com brutalidade, como, até o momento, imaginei que era a sua única forma de agir. Apenas afasta o meu toque, como se não fosse capaz de suportá-lo, e

solta os meus braços no ar.

— Não volte a me tocar — pede.

— Por quê? — faço a pergunta, a curiosidade sendo maior do que qualquer outro sentimento, até mesmo o medo que deveria sentir apenas pelo que vejo no seu rosto.

— Porque não quero. Satisfeita? — fala entredentes, no momento, bem perto do meu rosto. O seu peso se agiganta sobre o meu e então Diego parece ameaçador, como um leão prestes a atacar a sua presa.

Com ele, sinto um misto de medo e desejo. Medo do inesperado, desejo pelo desconhecido.

— Satisfeitíssima! — digo com uma segurança que por dentro não sinto. — Agora vou ver como o Alex está. — Viro as costas, mas Diego volta a me chamar e o som da sua voz e a sua presença me causam arrepios quando chama o meu nome com seriedade.

— Ella. — Volto-me em sua direção, olhando para o meu pulso, quando ele o agarra com uma firmeza que não me causa dor.

Agora o homem sombrio tem o meu corpo próximo ao seu e eu, como se estivesse hipnotizada, observo a sua cabeça se aproximar e até jogo a minha levemente para o lado, quando aproxima a boca da minha orelha e diz duas palavras, as mesmas de sempre, mas que são capazes de arrepiar todo

o mesmo corpo, ainda que esteja cansada de ouvi-las.

— Longe, passarinho. — O pedido parece distante e o que fica é somente o cheiro do seu perfume.

— Diego... — chamo, mesmo sem saber o que quero.

Na verdade, ainda não entendo nada do que se passa dentro de mim, acerca dos meus sentimentos com relação a esse ogro. Sobre o amor romântico, sei apenas do leve interesse que senti pelos garotos quando era adolescente, pelas novelas que sempre assisti com a minha avó e pelos muitos livros de romances que li. Diego, apesar de ter uma beleza diferente, lembra os protagonistas das novelas, mas é só na aparência mesmo. A personalidade se aproxima a de um vilão e parece que ele faz questão de que o vejam dessa forma.

Não quer que ninguém se aproxime e o seu pedido faz com que eu fique mais curiosa a seu respeito. Atiça a garota inconsequente que nunca fui, pelo menos não tanto quanto tenho vontade de ser agora.

— Já pode ir, Ella. Faça jus ao seu trabalho e ao bom salário que irá receber — Diego debocha de mim e mesmo que tenha vontade de ser impertinente e queira ficar olhando para o seu peitoral e sentindo o cheiro do perfume, apenas solto o meu pulso do seu agarre e saio pela porta de ligação entre os quartos de pai e filho.



Como um intruso, espio pela fresta da porta a interação entre o meu filho e a sua bela babá. Se no início o fiz pela desconfiança e querendo ver como ela trataria o Alex estando a sós com ele, agora o faço porque não consigo me mover. Sinto como se estivesse sob o efeito de hipnose. Observo os dois e não posso virar as costas, não quando é a primeira vez que o vejo tão afeiçoado a uma figura feminina. Não sei ao certo o que ela tem, mas não é só ele quem está assim, eu também tenho dedicado alguns minutos do meu tempo para pensar nela.

Nada que me agrade ou que seja lisonjeiro, Ella é apenas alguém muito diferente de tudo o que conheci e, por mais que queira se fazer de forte e seja muito bocuda para o seu bem, percebo que é uma garota boa, muito inocente e que não sabe nada sobre a vida. Ella é tudo o que eu não sou e isso chega a ser perturbador.

— Como você passou a noite? — pergunta com carinho,

beijando a cabeça do meu pequeno, que está entretido com os seus brinquedos.

Mais cedo, sentindo o meu corpo tenso, saí por alguns minutos para dar uma corrida na parte de trás da casa, por onde não vi ninguém passar, e o deixei aos cuidados de dona Ester, que prometeu ficar de olho nele. Agora vejo que ele está muito contente com a presença da garota sentada no tapete ao seu lado.

As pequenas mãos abraçam o seu pescoço e, como fez em todas as outras vezes, se afasta, mas não solta os seus cabelos. Alex tem certo fascínio pelos fios longos, lisos e avermelhados e ela, que parece já ter percebido, pergunta:

— Você gosta? — Alex fica olhando para ela com atenção e a garota toma isso como um sim. — Então eu vou mantê-los sempre assim, longos e soltos, para que você possa sempre mexer neles.

A garota fala como se não soubesse que não será babá do meu filho por muito tempo e o sorriso que ele lhe dá, que passa a impressão de entender suas palavras, começa a me preocupar.

Por tudo o que já passou, sempre fiz e estou disposto a fazer tudo pelo meu menino, mas desta vez fazer o que ele quer talvez possa lhe trazer um sofrimento muito maior do que ele teria se eu tivesse agido de outra

forma, se eu não a tivesse trazido para mais perto.

— Agora eu vou te levar para tomar o seu café. Depois nós dois iremos tomar um pouco de sol e colher rosas.

Quando a moça começa a trocar o seu pijama por outra roupa, ele ajuda, cheio de ânimo, e eu aproveito para fechar a porta com cuidado e, pensativo, vou cuidar do meu trabalho, que está mais abandonado do deveria desde o dia em que me vi tendo de voltar para essa cidade.

No escritório que fica ao lado esquerdo da grande sala que faz o estilo rústico, assim como toda a propriedade, olho para a mesa do meu pai e me vejo obrigado a me aproximar dela. Estou no lugar onde ele costumava passar horas do seu dia trabalhando. O homem que foi o meu herói quando eu era criança, mas que a vida tratou de nos afastar na fase adulta.

Ao me sentar atrás da mesa de madeira polida, fico por um tempo olhando para o computador fechado e então, depois de várias semanas, sinto que tenho algo para escrever. Como em um passe de magia, as ideias começam a surgir e prefiro não pensar muito na causa de tamanha mudança, enquanto os meus dedos frenéticos começam a digitar.

Capítulo II



— Já está tarde, Diego, saia desse computador e venha se deitar. — Com a sua barriga de 8 meses e caminhando de maneira compassada, Larissa, minha esposa, se aproxima de onde estou há horas e atrapalha o meu trabalho.

— Preciso terminar este capítulo. Vá deitar, depois eu vou. — Aponto para a porta, torcendo para que ela faça o que peço e me deixe em paz.

— Você sempre precisa terminar alguma coisa e esse dia nunca

chega. Sempre trancafiado dentro dessa sala com a cara no computador.

— Trabalho para sustentar o seu luxo, então deveria parar de ser desnecessária e me deixar em paz! — falo com rudeza.

Ela sai, mas não sem antes praguejar:

— Tomara que você e o seu precioso trabalho se explodam...

Tomara que você e o seu precioso trabalho se explodam...

— Droga!

Exasperado, jogo uma bola de papel amassado dentro do cesto de lixo, que fica ao lado da cadeira. Faço para aliviar a tensão de ter chegado à conclusão de que tudo que digitei ficou uma merda.

É o que acontece quando me sento para escrever e as lembranças de um passado conturbado invadem a minha mente. Por esse motivo, os fãs do romancista Ângelo D'Ávila estão há quase dois anos sem o lançamento de um livro novo e o meu agente e a editora já não têm mais paciência para esperar que eu faça algo que preste e venda ou, pelo menos, agrade aos fãs fiéis e muito crédulos no talento do seu ídolo.

Sou um homem que já cometeu muitos erros na vida, mas o pior deles foi ter me casado com Larissa Andrade. Casado tão cedo e pelos motivos errados.

Quando estava saindo da adolescência, as minhas atenções se voltaram para ela, a garota que eu e todos os outros rapazes da minha idade consideravam a maior beldade da vila. Eu era um jovem de boa aparência e, mesmo se não fosse, ainda assim ela teria me escolhido, já que eu era a pessoa que poderia satisfazer seus caprichos.

Não era segredo para ninguém que a beldade era uma pessoa fútil e cheia de caprichos. Além de tudo, ela também não gostava do lugar em que nascemos. Para ela, Santa Rita era o fim do mundo e, aos poucos, com seus eficazes meios de convencimento, Larissa conseguiu enraizar em mim os seus desejos de grandeza.

— Já chega!

Não suporto os pensamentos que me acometem ainda tão cedo. Normalmente eles e os pesadelos me acompanham durante as noites mais solitárias e, em algumas ocasiões, até quando eu saía em busca de companhia para não enlouquecer com as minhas próprias lembranças. Frustrado, bato com força a tela do notebook contra o teclado, preferindo não pensar que, provavelmente, esse será mais um dia em que não escreverei como deveria. O pouco que ainda consegui teve como inspiração uma pequena impertinente, além de intrometida, é claro.

Vê-la com Alex operou algo dentro de mim e nem ao menos sei

explicar do que se trata ou, talvez, eu saiba, mas prefiro não pensar muito no assunto. Não tenho certeza se gosto mais de vê-la com o meu filho, de como eles parecem bem juntos ou se prefiro a ideia de vê-la sob o meu domínio. Minha é mansa de uma forma que passa longe de seu jeito insolente de ser.

Caminhando pelo escritório grande, mas que parece minúsculo para mim e a perturbação na minha cabeça — algo que parece ter piorado com a minha vinda para Santa Rita —, me apresso em deixar o ambiente sufocante.

Atravesso a sala e, ao chegar no pátio da sede, avisto o sol, que começa a esquentar. Olho para o relógio no meu pulso e me pergunto o que andam aprontando o meu filho e a sua babá. Se não estiver enganado nas minhas percepções motivadas pelo pouco que já conheço da garota, ela está no campo colhendo rosas. Lembro de tê-la ouvido falar a respeito no quarto, mas parece ter passado tempo demais para que ainda estejam por lá.

Por outro lado, Ella é capaz de algo assim. A garota parece ter tanto amor pelas benditas rosas que olhar para sua silhueta no campo me traz a sensação de que ela está no lugar ao qual pertence. Um amor que eu mesmo tive muitos anos atrás. É um passado tão distante que tenho a sensação de que aconteceu em outra vida, com outra pessoa

— Sabe onde eles estão, Tony? — indago para o meu segurança

e amigo, que mexe em alguma coisa na porteira da fazenda.

Antônio é um cara que conheci em uma das minhas muitas noites de diversão em um clube restrito de sexo e ele acabou se tornando meu amigo. O único que conseguiu se aproximar o bastante para receber esse título. Eu o conheci enquanto ele comia uma mulher em público, fui convidado para participar da festinha e na mesma noite descobri que ele era segurança.

Quando percebi que seria necessário ser mais cuidadoso para manter a minha identidade em segredo, não pude pensar em outra pessoa para me ajudar com a questão. Entendi que ele é muito mais do que demonstra ser por trás da fachada de segurança particular e por isso confio a ele questões que eu mesmo não sou capaz de resolver.

— Se está se referindo à menina e ao garotão, vi os dois indo na direção dos roseirais e ainda não voltaram, pelo menos, por aqui não passaram.

— Tudo bem, vou atrás daquela maluca.

— Ela parece ser uma boa moça, Diego — Tony se apressa em defendê-la, o que me incomoda um pouco.

Ele me conhece e sabe muito bem do estrago que fui e sou capaz de fazer e por isso mesmo não deveria falar esse tipo de coisa. Não quando já

deveria saber que não existe a possibilidade de eu me aproximar da menina mais do que o estritamente necessário.

— Quando foi que chegou a essa conclusão, Tony? — pergunto com sarcasmo. — Foi enquanto olhava para a bunda dela?

— Não fiz isso ainda, mas você está me dando uma ótima ideia — provoca. — E você olhou o suficiente para a bunda da babá do seu filho? Sim, porque se fez essa pergunta, deve ter visto algo digno de uma segunda olhada.

— Olhe lá o que você fala, Tony. Não esqueça que sou eu quem paga o seu salário — digo e ele apenas arqueia a sobrancelha, porque nós dois sabemos que ele não depende de mim para viver.

Dou-lhe as costas, pensando que talvez — com certeza — eu tenha dado uma ou duas olhadas na bunda da Ella. Não que isso seja grande coisa, porque não tenho culpa de ela ser deliciosa indo e vindo. Além disso, não é porque decidi não a tocar, que não posso apreciar sua beleza.

Se, na primeira vez que a vi no meu quarto, estava irritado demais para notá-la, bastou vê-la à luz do dia para perceber que não se tratava de uma menina, mas sim de uma mulher. Jovem, mas uma mulher desejável e que não deveria estar tão perto, não quando já me dei conta do quanto tudo sobre ela me atrai.

Não pense nisso, Diego!

A voz da razão toma à frente do meu corpo, que passa a desejar algo que não pode ter, o que seria perigoso e um completo desastre, caso eu agisse com essa menina da mesma forma que faço com outras mulheres quando meu corpo clama por alívio.

Ella tem cheiro de inocência e eu, por mais que não seja o mais decente dos homens, não faria algo para, deliberadamente, machucar a pobre moça. Ela não merece menos do que deve estar esperando para si mesma e o meu filho não precisa que o pai destrua a moça de que tanto gosta.

Depois de me encaminhar para o sul e caminhar alguns metros, chego ao início das terras onde são cultivadas as flores e, de longe, consigo avistar Ella e Alex. Com a massa de cabelos lisos cobrindo-lhe o rosto, ela está com o joelho na terra e, bem à vontade, Alex está sentadinho no chão.

Curioso para ver o que ele tanto faz, me aproximo em silêncio e noto que está entretido brincando com terra, enquanto a babá faz alguma coisa com as rosas que estão dentro da cesta.

Vê-los dessa forma me causa um incômodo porque traz recordações que faço de tudo para esquecer. Do passado de alguém que não existe mais.

Quando paro atrás dela, Alex é o primeiro a notar minha

presença. Ele começa a bater palmas, estende os braços e a moça olha para trás. Parece surpresa ao me ver e logo trata de se levantar.

Os joelhos estão sujos terra e, quando se vira de frente para mim, Ella percebe que estou olhando para eles e comete o erro de se abaixar para limpá-los. Seu movimento fez com que o decote do vestido deixe o início dos seus seios em evidência e tenho que rapidamente desviar o olhar. Olho para o além, tudo para não ficar duro aqui e agora.

Depois de limpar os joelhos, o passarinho ainda se volta para pegar meu filho nos braços e o ato de se abaixar — outra vez — deixa a sua bunda quase à mostra e fica faltando pouco para que eu veja sua calcinha. Vergonhosamente, feito um moleque no auge da puberdade, quando sou um homem que está há meses sem sexo, internamente torci para ela se abaixar só mais um pouquinho, apenas para me presentear com essa visão.

Os seus gestos despretensiosos fazem com que eu sinta raiva, porque para mim é difícil acreditar que esteja me seduzindo sem precisar fazer nada para esse intuito. Está apenas sendo ela e isso basta para despertar meu interesse sexual. Neste momento, eu não poderia estar mais arrependido de ter tomado a decisão de trazê-la para perto de mim, de chamá-la para ser babá do meu pequeno.

Ariella é muito bonita em sua naturalidade e eu não posso olhá-

la sem sentir uma ponta de desejo. É inevitável.

Agora cabe a mim não permitir que algo aconteça e, além disso, torcer para que a garota não se sinta da mesma forma. Espero até que tenha algum namoradinho e seja apaixonada por ele. Não preciso combater o meu próprio desejo e o de outra pessoa.

Seria exigir demais de um homem cujas escolhas erradas foram a sua própria ruína.

— O que faz aqui? — pergunta, olhando para o Alex, talvez para checar se ele não conseguiu ficar coberto de terra, mas, aparentemente, apenas suas mãos estão muito sujas.

— Lembro que já tivemos essa conversa... Mas posso repetir, se você quiser.

— Não precisa, já sei que é o dono e blá blá blá...

É impertinente, mas, preferindo não rebater para evitar uma discussão boba e sem propósito, acabo mudando de assunto.

— Preciso ir ao estábulo dar uma olhada nos cavalos. Pensei em levá-lo para que conheça, já que ainda não estive lá e gosta de animais — aviso, animado, porque se escolhi passar meses sem deixar a casa para ficar ao lado do meu pai e, no tempo, livre tentar, em vão, escrever alguma coisa, agora tudo em mim pede por esse contato.

A proximidade com tudo que um dia foi importante para mim. A terra, ajudar meu pai na lida com os animais. Passar um tempo entre as rosas, da mesma forma que a garota faz...

— Tudo bem, eu posso esperar até que... — começa a falar e o som da sua voz é bem-vindo para me puxar para a realidade.

— Você vem com a gente — aviso e ela fica surpresa. Eu também fico. — É a babá dele e acredito que ficará mais feliz tendo você junto — afirmo e escolho acreditar que a criança é a única razão para eu querer levá-la para os estábulos, quando poderia tranquilamente dispensar a sua presença.

— Tudo bem — diz, colocando-o no chão, em seguida. A moça segura a sua mãozinha e sai na minha frente.

Por um tempo fico para trás, apenas observando os dois caminhando com tranquilidade. Enquanto faço o meu caminho, minha mente me leva para dois anos atrás e a minha mão vai para o anel que está preso em uma corrente prateada pendurada no meu pescoço.

Algo que carrego todos os dias comigo, sempre por baixo da camisa para que ninguém, além de mim mesmo, saiba que ele existe. Assim como levo o anel, na minha lembrança guardo cada detalhe do dia em que fui tocado por um anjo. No meio das lembranças ruins, está ela, a que me serve

como um bote salva-vidas. Se não fosse pelo anel, acreditaria que tudo não passou de uma ilusão.

O seu toque foi o alento que eu não merecia, mas precisava. A lembrança daquele encontro é algo que carrego e, todos os dias, me esforço para não o esquecer. Foi a melhor coisa que me aconteceu depois do nascimento do meu filho e, por essa razão, a minha mente não pode me trair dessa forma.

Ao chegarmos no estábulo, Alex se agita ao passarmos pelas baias dos cavalos e, com o meu aceno, Ella solta a mão dele, permitindo que veja com mais liberdade o lugar.

Ao todo são oito baias, todas estão fechadas e somente as cabeças dos animais estão para fora. O menino parece muito feliz em contato com eles e eu também fico, pois para mim ele é tudo o que importa.

— Se vocês fossem ficar aqui, já dava para comprar um pônei para ele. — A voz da Ella chama a minha atenção para o fato de ela ter parado ao meu lado na terceira baia.

— Não vamos ficar — garanto, sem, no entanto, entender o porquê de ela parecer tão interessada em me convencer do contrário.

— Por quê? — Volta-se para mim e agora estamos um de frente para o outro. A sua expressão agora é de desânimo e até seus ombros

parecem ter caído.

— Fale você. Por que quer tanto que eu fique em Santa Rita?

— Eu... — A sua coragem parece ter ido embora quando começa a falar, incerta.

Não sou bobo e sei que ela tinha algo para dizer quando entrou no meu quarto na calada da noite e com certeza não era sobre o emprego de babá, que eu não havia solicitado.

— Seja sincera e fale comigo, passarinho. Sei que gosta do meu filho, mas também sei que você tem outros motivos para querer que eu fique e por conta disso foi capaz até mesmo de invadir o meu quarto. Por que não me fala de uma vez o que quer comigo? Tem algo a mais ou quer apenas pular na minha cama? — provoco ao virar para o seu lado e agarrá-la pela cintura com firmeza, deixando-a surpresa e observando meu rosto de perto.

Eu não deveria estar fazendo isso! É uma pena que o meu instinto tenha sido mais rápido do que a minha sensatez.

Antes de responder, ela olha para o lugar onde Alex está, constata que ele está entretido olhando os cavalos e então, toda armada, volta a atenção para mim.

— Você é um ogro que pensa que é um presente de Deus para a humanidade. Fala sem pensar nos sentimentos de quem está ouvindo as

grosserias que saem da sua boca.

— O que você quer de mim? — pressiono, ignorando o seu ataque, porque estou mesmo curioso.

— Quero que deixe de ser egoísta e pense bem no que irá fazer ao virar as costas para tudo o que o seu pai construiu. Você nem ao menos conhece esse administrador. — Ela está irritada, mas não tanto quanto eu.

— E você o conhece de onde? — O tom de insinuação não passa batido e sou rápido ao segurar sua mão no ar. — Não se atreva! — Brusco, solto a sua mão e, bem próximo a ela, prossigo: — Você não tem que se meter em assuntos que não lhe dizem respeito. Espero que essa seja a última vez que falamos sobre ele — sério, aviso.

— Como o senhor quiser. — Agora está sendo irônica e eu estou a um passo de fazer algo do qual irei me arrepender. — Achou mesmo que eu queria ir para a sua cama? — desdenha, muito a fim de me atacar.

— Não foi você que tentou me beijar quando mencionei o emprego dos seus avós?

— Aquilo foi um erro do qual eu me arrependerei pelo resto dos meus dias!

— Fala em arrependimentos e posso te dar reais motivos para isso. — Agora eu tenho os braços firmes em volta da sua cintura, os nossos

corpos estão tão juntos que nem o ar passa entre eles.

Pela sua expressão, percebo que minha ameaça a assustou e estou certo de que não sabe a que me refiro. Não sabe que meu arrependimento seria muito maior, mas valeria a pena, se me proporcionasse momentos fugazes de prazer.

— Eu não tenho medo de você — assevera, convicta.

— Está certa do que diz? — Estou provocando-a, sabendo que já ultrapassei todos os limites ao abaixar a cabeça e levar a boca até o seu pescoço.

— Estou... — Já não fala com tanta convicção quando mordo a carne macia e cheirosa do seu pescoço.

— Não está sendo sincera. Diga a verdade... — sussurro no seu ouvido.

— Às vezes tenho... A forma como me olha, parece que enxerga a minha alma. O que me faz sentir quando me segura em seus braços... — confessa e só consigo pensar que sou eu quem tem motivos para temê-la.

— Já deixou que algum rapaz beijasse sua boca? — Faço a pergunta íntima quando já deveria tê-la soltado. Quando deveria lembrar a minha decisão de não me aproximar dela.

— Alguns...

— Que bom ouvir isso — falo porque já não posso voltar atrás.
Porque sei que ela quer isso tanto quanto eu.

Apenas uma prova. Só preciso provar dos seus lábios uma única vez e o farei sabendo que não serei o primeiro, que ela deve ter tido a experiência com alguém com quem se importa e não com um homem que não tem nada para oferecer, além desse momento fugaz.

— Eu... — começo e, como aconteceu poucas vezes, não sei como prosseguir.

— Eu quero...

Os seus braços estão em volta do meu pescoço, os meus em volta da sua cintura e então, pela primeira e última vez, os nossos lábios se tocam.



Capítulo 12



Tenho 19 anos e nunca fui beijada.

Nunca fui beijada e também sou uma mentirosa.

É o que repete a vizinha chata dentro minha cabeça e vinda lá do fundo do meu subconsciente, enquanto me sinto apertada contra o leão ogro, que é bem maior do que eu. Fantasiei algumas vezes como o meu primeiro beijo, mas nunca chegou perto do que acontece aqui.

Não pensei que seria tão estranho, com um homem mais velho e logo depois de uma discussão, algo que sempre acontece quando estamos

juntos.

Diego me beijou!

Não fui eu quem teve a iniciativa, foi ele e isso é algo em que devo pensar quando esse momento terminar.

Tem dois segundos que ele colou os nossos lábios e Diego está imóvel. O rosto nem a boca se movem, enquanto passo vergonha por não saber o que fazer.

Quando Diego fez a pergunta, eu tinha três opções de resposta e apenas uma delas era sensata:

A – Falar que o assunto não lhe dizia respeito, como gosta de falar comigo quando tento dar uma de intrometida.

B – Falar a verdade e sugerir que fosse o primeiro.

C – Mentir quando não cheguei nem mesmo a dar um selinho em um rapaz.

Obviamente, escolhi a pior das opções e agora ele sabe que, além de ser boca virgem, também sou mentirosa. Ele deve estar provando o pior beijo da sua vida, não tem como outro ter sido pior.

Imagino que estou passando muita vergonha tentando beijá-lo. Os meus lábios se abrem muito mais do que os dele, que permanecem quase

imóveis, a situação já começa a ficar constrangedora quando ele segura os meus braços e me afasta.

Eu o olho e a sua expressão de incredulidade me faz esperar pela abertura de um buraco abaixo dos meus pés para que eu possa me esconder dentro dele e fugir da humilhação que acabo de passar. Não posso nem mesmo dizer que foi por sua culpa. Senhor Diego perguntou e eu menti.

— Tem 19 anos e não sabe beijar na boca?

Apesar do constrangimento, fico surpresa por ele lembrar da minha idade, isso significa que prestou atenção em pelo menos alguma coisa do que falei.

Também fico contente, não posso negar. Uma bobagem, mas que para mim tem grande significado, apesar de não entender bem qual.

— Acho que o senhor conseguiu notar, não é mesmo? — enfrento-o e faço isso sem afastar o meu corpo um centímetro sequer do seu. Ele, se quiser, que se afaste.

Olhar para um homem tão grande, forte e que está sempre carrancudo pode dar medo em qualquer pessoa, inclusive em mim. Estranhamente, são poucas as ocasiões em que isso acontece. Dele, só tenho medo dos olhos, do que tem escondido por trás deles, mas não o suficiente para querer me afastar. Não o suficiente sufocar a curiosidade e o desejo de

estar sempre perto, mesmo com sua frieza e o fato de estar sempre mandando que eu me afaste.

— Aqui, nesse lugar, não tem homens ou eles são cegos?

Diego parece quase indignado nos seus questionamentos e eu prefiro encarar isso como um elogio. Do jeito dele, o leão ogro está dizendo que eu sou bonita. Não acho que seja para tanto, mas já que ele pensa assim...

— Acha que sou bonita?

— É por isso que nunca foi beijada. Você fala demais e é inconveniente — declara e todo o progresso que eu pensei ter feito vai por água abaixo com suas palavras sinceras.

— E você gosta de mim mesmo assim — rebato.

— E, além de tudo, é convencida! — fala contra o meu rosto, olhando fixamente para a minha boca, que há pouco tentou engolir a dele e não teve sucesso.

Quero ficar me derretendo nos seus braços, mas a responsabilidade fala mais alto e olho para onde tinha deixado o meu pequeno leãozinho. Vejo que ele continua sentadinho no chão, agora observando com curiosidade os cavalos dentro das baias e tentando tirar o tênis que coloquei nele antes de sairmos para o campo.

— Gosta de mim? — indago.

Não é que eu esteja me humilhando em troca de um pouco de atenção. Estou apenas tentando quebrar sua pose, pois se ele é o durão que não gosta de sorrir, agora encontrou uma adversária à altura.

— Na verdade, não. Não gosto de você e já disse isso mais de uma vez...

— Mas?

— Não tem um “mas” nessa frase. Não gosto e ponto final.

— Tudo bem. — Tento me soltar, mas o senhor leão não afrouxa o seu agarre.

— Mas isso não significa que não possa te ajudar a parar de passar vergonha, menina.

Levo um tempo para entender do que está falando, mas logo a ficha cai e só posso pensar que o leão poderia ter arrumado uma desculpa melhor para conseguir um beijo meu.

É o que ele quer. O seu corpo diz. Os olhos não mentem, apesar da boca tentar negar.

— Mas eu não passei vergonha em momento algum — assevero para ver até onde ele vai, embora imagine aonde está querendo chegar.

Espero realmente estar certa e não que esteja sendo uma tonta iludida, apenas para justificar meus próprios desejos. Mesmo que tenha achado extremamente estranho o primeiro toque dos nossos lábios, no fundo, ficou a curiosidade e o desejo de tentar novamente. A certeza de que, quando pegar o jeito e souber o que estou fazendo, beijar esse homem ou qualquer outro, será uma das melhores coisas que poderei fazer com a boca.

Sempre gostei de pensar que tinha deixado de viver algumas coisas naturais na vida de qualquer pessoa por não ter encontrado o homem que despertasse um real interesse em mim. Acreditava que essa pessoa ainda não havia chegado e que, quando acontecesse, saberia reconhecer. O meu coração reconheceria.

O coração, com certeza, não reconheceu Diego, mas meu corpo, esse o reconheceu. Com Diego sinto vontade de beijar pela primeira vez. Sinto reações e o vejo de uma forma como não vejo os outros rapazes da vila. São sensações gostosas, mesmo que ele seja extremamente desagradável.

— Passou vergonha quando tentou me beijar sem saber como se faz — afirma.

— Posso saber como o senhor irá me ajudar? Isso se eu permitir, é claro. — Permito-me relaxar nos seus braços, estando o tempo inteiro ciente de onde está o leãozinho.

— Vou te ensinar como se faz, mas veja isso como um aprendizado. Um favor que estou fazendo para você, mesmo que não mereça. Tenho certeza de que, ao sair com outro rapaz, saberá o que está fazendo quando for beijá-lo.

— Foi você quem quis me beijar — joga os fatos em sua cara.

— Porque você disse que eu não seria o primeiro. Não deveria ter mentido — fala e começa a me soltar, mas eu não permito e abraço seu pescoço. — Essa foi uma péssima ideia. Nós dois juntos somos sinônimo de desastre e não é isso que eu quero para mim. Não é do que eu preciso.

— Quero que me ensine. Eu sei que quer fazer isso, sinto. Se não fizer, pedirei para outro fazer — minto.

Não se trata de aprender ou não alguma coisa, até porque cheguei aos meus 19 anos virgem de tudo e isso nunca foi alvo da minha preocupação. Não é como se eu estivesse desesperada em busca de experiência.

Tudo se trata desse homem. Do que eu quero dele e, hoje, neste exato momento, preciso que me beije, que faça o que ele mesmo me incitou a desejar. Quero ser beijada por esse ogro, sentir a sua barba macia acariciando o meu rosto, fazendo um tipo diferente de cócegas.

— Porra de garota louca! — As suas palavras são acompanhadas

de uma pegada forte que deixa os nossos corpos e rostos tão juntos quanto é possível.

Diego Estrada, lindo como uma obra de arte e perigoso como um leão feroz, volta a unir os nossos lábios. No início, sem saber muito bem como agir, permaneço com os olhos abertos, provavelmente arregalados, encarando-o com um misto de curiosidade e excitação. O medo? Ele passa longe, pois sei que tudo de ruim que poderia ocorrer já aconteceu quando Diego descobriu que nunca fui beijada.

Seus olhos também se mantêm abertos no início, quando passa a lambe meus lábios e depois a chupá-los com uma torturante lentidão. Faz tudo sem abrir muito os lábios. Diego me olha de uma forma que me faz entender o que quer sem precisar abrir a boca para pedir. Quer e eu faço.

Imitando seus movimentos, também passo a ponta da língua em cada um dos seus lábios, também chupo cada um deles e, quando estou pronta para o próximo passo, sinto meus olhos começarem a se fechar e ele passa a abrir mais a boca. Eu também abro a minha e o que pareceu estranho na primeira tentativa, torna-se delicioso e viciante.

O homem afasta os lábios, eu faço o mesmo. Inclina a cabeça para um lado, eu inclino a minha para o outro. As bocas parecem se encaixar cada vez melhor, eu o agarro e sou agarrada com mais entusiasmo. Acredito

ter descoberto a melhor sensação do mundo, quando Diego decide mostrar que estamos apenas começando e que o que me ensinou até então é apenas uma pequena amostra do verdadeiro prazer que existe no beijo entre um homem e uma mulher.

Lentamente, o homem começa a insinuar a ponta língua para dentro da minha boca e, entendendo que tenho de imitar seus movimentos, faço o mesmo. Quanto mais o tempo vai passando, mais ousado ele se torna e mais viciante o seu toque parece. Chega o momento em que eu já sei exatamente como fazer para corresponder à sua intensidade. Sua boca devora a minha e me faz retribuir. Nossas línguas se buscam com sofreguidão.

Consigo ouvir os sons do meu ofegar e as batidas frenéticas do meu coração contra o dele. Seus braços me apertam com força e eu me seguro com desespero no seu pescoço para não ceder à fraqueza das minhas pernas. Começo a sentir seu sexo duro contra a minha barriga e está tão gostoso. Eu quero mais, estou prestes a pedir por mais...

A minha perna! Tem uma mãozinha batendo na minha perna.

Agora não, bebê, por favor! Eu estou beijando o seu pai...

Ele continua e não tenho outra saída a não ser acabar com a minha alegria. Aos poucos, afasto minha cabeça, mas o homem torna tudo muito mais difícil. Eu afasto e ele avança dando leves selinhos...

— Ella, pare com isso, porra! — reclama, tentando recomeçar o beijo.

— O seu filho, ele... — digo a palavra mágica, então ele para e, atordado, olha para baixo. Nós dois olhamos.

O pequeno, apesar de não entender o que se passa, olha para nós dois com curiosidade. Constrangida por ter, por um momento, me esquecido de tudo — até mesmo dele — por causa do beijo que deixou minhas pernas bambas e o sangue correndo quente pelas veias, pego-o nos braços.

Volto minha atenção para Diego e ele tem uma expressão muito estranha no rosto, uma que não sei decifrar. Só não parece que está ansioso para me beijar outra vez.

— Eu... — começo, sem saber o que dizer depois do que acabou de acontecer entre nós dois.

— Não vai voltar a se repetir. Esqueça o que aconteceu aqui, porque eu já esqueci.

É tudo o que diz, antes de virar as costas para mim e o seu filho. Disse com espantosa frieza e me fez perceber o quanto estava enganada quando acreditei que estava começando a conhecê-lo.

Capítulo 13



Ella tem 19 anos e nunca tinha beijado um homem.

Eu fui o primeiro a tocar seus lábios macios.

A constatação se repete na minha cabeça quando entro no escritório, lugar de onde tinha fugido mais cedo como um covarde. Escondome do pequeno passarinho que conseguiu mexer comigo de uma forma que nenhuma outra mulher fez. Estive com muitas delas e nenhuma experiência anterior me preparou para Ariella e a sua falta de habilidade para beijos.

Quando estou com ela, sinto-me mais perto do jovem que muitos

anos atrás deu as costas para tudo o que conhecia e apreciava. O jovem que preferiu se deixar seduzir por sentimentos até então desconhecidos.

Se Ella, de maneira involuntária, me traz lembranças de um passado distante, porém feliz, os meus erros me puxam para longe de tudo o que quero, pois não posso esquecê-los.

Como poderia, se são os meus erros que alimentam o monstro que existe em mim?

Todos os dias — e nas noites insones — lembro-me de como tudo aconteceu. De como fiquei envaidecido e me gabei para os meus amigos quando a moça mais linda da cidade voltou suas atenções para mim. A mãe do meu filho era tudo o que eu não era e talvez tenha sido esse o motivo do nosso fracasso, a razão de eu não poder me perdoar por ter causado a sua morte precoce, sem que tenha tido nem mesmo tempo de conviver com o filho.

Diferente de mim, que amava a vida no campo e o perfume das rosas com o mesmo entusiasmo que consigo enxergar no passarinho, Larissa desprezava tudo no lugar em que nasceu e as nossas conversas, enquanto amigos e depois que começamos a namorar, giravam em torno de como ela queria deixar Santa Rita e do quanto tinha ficado deslumbrada com a cidade do Rio de Janeiro quando foi visitar umas primas.

Se no início eu protestava e fazia uma ferrenha defesa do lugar que para mim tinha tudo o que me fazia feliz, aos poucos, fui me deixando seduzir pelas suas ideias, suas ambições de ver o mundo além das ruas de Santa Rita. Eu amava o trabalho na lida com os animais que fazia com o meu velho, mas ela me fez enxergar que eu era inteligente e merecia mais. Eu amava, acima de tudo, o campo de rosas, mas Larissa me mostrou que os meus rascunhos — que eu nunca havia mostrado para qualquer outra pessoa por medo do que iriam pensar de um rapaz que escrevia romances picantes para *mulherzinhas* — mereciam ser vistos pelo mundo.

Acreditei em cada uma das suas palavras. A garota elevava a minha autoestima e eu gostava disso. Estava apaixonado e deslumbrado com o primeiro relacionamento e então seus sonhos se tornaram os meus sonhos. A minha essência moldou-se a ela e não demorou mais do que um ano para eu deixar Santa Rita.

Fui sem olhar para trás, ignorando a decepção do meu pai, que já não conhecia o garoto que amava tudo o que ele amava. Eu não sabia ao certo o que estava buscando, sei apenas que meu único momento de satisfação e felicidade completas foi o nascimento do meu filho. Eu me apego à alegria que ele me traz para não me perder totalmente.

Sinto-me perdido nos meus sentimentos de culpa, sem saber o

caminho de volta para casa. Sem saber se tenho para onde voltar ou se já não é tarde demais.

Encaminho-me para a mesa e me sento na cadeira giratória. Automaticamente, minha cabeça pende para trás e meus olhos se fecham.

A minha cabeça está uma confusão e gostaria de continuar pensando e remoendo meus erros, desde o início até o final trágico, mas a minha mente tem outros planos. Os meus pensamentos teimam em ir para o que acaba de acontecer. O beijo mais louco que pude experimentar.

Louco, mas bom, quer dizer, bom não é uma palavra que consiga expressar o que senti enquanto a desastrada tentava me dar um beijo. No início, foi estranho e difícil entender que uma garota de 19 anos nunca tinha sido tocada por outro homem.

Quando decidi que me permitiria um único beijo, não imaginei que seria tão intenso. Que ela aprenderia tão rápido e me viciaria a ponto de me fazer esquecer do porquê de ser uma péssima ideia.

Chegou um momento em que eu não queria mais soltar o passarinho. Se não fosse o meu filho — que vergonhosamente, mal lembrei da presença —, estaria até agora beijando aquela boca gostosa e que não serve apenas para falar bobagens.

Comecei a ficar muito excitado e agora, parando para pensar, me

sinto até culpado por tê-la forçado a tanto, quando não sabia o básico. Por um momento, mesmo que breve, pensei em prensá-la contra uma das paredes de madeira do estábulo e fazê-la mulher no sentido mais básico da palavra. Agora que aconteceu, só consigo pensar que eu lhe ensinei algo hoje e poderia ensinar muito mais. Poderia, mas não vou.

Ella é boa demais e tem que encontrar alguém que a mereça e lhe dê o que busca, ainda que eu não tenha ideia do que seja. Beijá-la me fez ficar possessivo e sei que será muito difícil de cumprir a minha intenção de não repetir mais o que fizemos no estábulo.

O meu corpo e os meus desejos mais básicos querem que aconteça muito mais do que alguns beijos, mas o meu lado racional sabe que não vai ser possível, pois existe um mundo que nos afasta. Além de eu não ser a pessoa certa para alguém como Ella, tenho a intenção de ir embora em breve e não seria capaz de sequer cogitar cometer os mesmos erros do passado.

Acredito que esse pedaço de terra seja o lugar dela e não a faria escolher entre viver algo que não tem possibilidade de ir adiante e o lugar que é tudo o que conhece. Não em nome de uma atração física entre pessoas que não tem nada em comum.

Durante as semanas em que teremos que conviver, por causa do

amor que o meu filho sente pela moça, precisarei lutar para esquecer o que aconteceu agora há pouco e o que poderia acontecer, caso as coisas entre nós não fossem como são. Comigo, mesmo que não mereça tal presente, carregarei guardada a lembrança de ter lhe proporcionado uma primeira experiência. Outras virão e só me resta aceitar que as terá com outro homem.

Nem sei ao certo em que momento essa menina me tocou dessa forma. Talvez tenha sido no primeiro encontro nos roseirais, quando percebi que era tão linda e gostosa quanto sua boca era esperta. Ter ciência de que estou cada vez mais atraído pela babá do meu filho é a pior coisa que poderia ter acontecido neste momento da minha vida e, se antes o meu anjo dos roseirais era a única lembrança boa que guardava, agora tenho muito mais do que uma lembrança, é uma pessoa de carne e osso. Perto o suficiente para precisar tomar cuidado para não cometer erros que podem ser irreparáveis.

— Senhor... — a avó da dona dos meus pensamentos me chama do lado de fora do escritório e dá duas batidas antes de abrir a porta por completo.

— Entre e venha aqui, Dona Ester — peço, precisando falar mais de perto com a mulher que esteve tão presente quando eu era criança e adolescente. Costumava ser próximo a ela e os anos separados nos tornaram estranhos um para o outro. — Algum problema com o meu filho? — indago,

ansioso para saber se já voltaram para a sede.

— Eles estão no pátio. — Aponta na direção da janela e sinto vontade de ir até ela e espiar, não por causa da garota, mas sim para ver se meu filho está bem. — Correndo como duas crianças — avisa, com um sorriso no rosto

— No entanto, apenas um deles é criança. — O sorriso morre no seu rosto com a minha fala sarcástica e, para não ficar uma situação chata, trato de mudar de assunto. — O que te trouxe até aqui?

— Vim perguntar o que faço para o almoço.

— Pergunte para a Ella — falo e ela reage com uma careta.

— A minha neta?

— Tem outra pessoa chamada Ella aqui em Santa Rita? — questiono.

— Mas, senhor...

— Diego, dona Ester. A senhora pode me tratar apenas pelo primeiro nome — aviso, pensando que somente uma única pessoa precisa usar esse tratamento e ela atende pela alcunha de Ariella do beijo viciante.

Ele certamente não foi melhor do mundo, mas a intensidade e o nosso entusiasmo foram inegáveis. Com a prática, que não será comigo, ela

ficará *expert* no assunto.

— Diego, por que tenho que perguntar para a minha neta? Ela é apenas mais uma empregada nesta casa.

— É a babá do meu filho e ele já come comida de sal há um tempo, portanto, Ella deve saber o que é bom ou não para o menino. Eu como o que for escolhido por Ella — afirmo, ignorando o que está passando por sua cabeça.

— Tudo bem, Diego. Vou falar com a minha neta.

— Algo de errado? — indago quando percebo que continua parada à minha frente, ao invés de virar as costas e ir embora.

— Daqui a alguns dias será a quermesse da paróquia, se o senhor quiser comparecer, será bem-vindo.

— Quermesse?

— Para arrecadar fundos para fazer algumas melhorias na paróquia. Ela precisa urgentemente de uma reforma — explica.

— É claro. Vou ver se dou uma passadinha com o Alex, ele precisa se divertir um pouco.

— Fico feliz que esteja começando a sair, não faz bem ficar preso dentro de casa, se privando do ar puro aqui do campo — pondera.

Ela só não sabe que, se estou saindo da porra desse escritório é única e exclusivamente por causa do meu filho. Se não fosse ele, eu não faria questão de me relacionar com ninguém desse lugar.

— Vai ser bom para você lembrar como fazia quando era moleque. Só saía da praça quando a festa acabava, morto de cansaço — lembra, deixando-me incomodado com as lembranças que traz à tona. A senhora parece ter percebido a mudança no meu semblante, pois sai sem dizer mais nenhuma palavra.

Como poderia não lembrar da quermesse anual da Vila das Flores, se sempre foi um dos eventos mais importantes e esperados do lugar?

Lembro que o evento mobilizava todo o pequeno povoado e vinha gente de toda a cidade de Santa Rita. Cada ano com uma finalidade diferente, o dinheiro arrecadado sempre era revertido para a única paróquia ou alguma causa social.

Há anos não participo e, agora que a senhora avisou, me pergunto se o evento ainda é tão animado como era anos atrás. Mesmo tendo diversas brincadeiras e sorteios, para mim e os rapazes da minha idade nada chamava mais atenção do que a barraquinha do beijo. Na adolescência, aproveitávamos a oportunidade para dar alguns beijos nas moças mais belas da vila — eram sempre as mais belas quem ficavam na tenda — e o correio

do amor para mandar e receber bilhetes amorosos.

Se o estábulo e o celeiro daqui da fazenda falassem, eles certamente contariam histórias para maiores de 18 anos e não seriam poucas, penso com um sorriso nostálgico, dando-me conta de que as boas lembranças estão vindo sem que eu consiga controlá-las.

Enquanto a mente me leva para o passado, meus pés me guiam para a janela. Puxo a pesada cortina, que ainda não havia sido aberta depois que cheguei, e meus olhos logo procuram os dois: o meu filho e o passarinho beijoqueiro.

Ella, parecendo uma menina, está deitada de costas no chão, tem os joelhos dobrados e segura Alex em cima da sua barriga. Posso notar que ele não para de sorrir e bater palmas. O pequeno realmente se deu bem com a garota e a forma como ela parece retribuir esse carinho mostra que tomei a melhor decisão ao trazê-la para perto dele, apesar das nossas questões.

A interação divertida dos dois me prende até o momento em que precisam entrar, provavelmente para almoçar, e me vejo tendo que fazer a mesma coisa, já que não poderia me esconder para sempre. Além do mais, o hábito de comer com o meu filho é sagrado e não deixarei de fazer isso por conta de alguém que acabo de conhecer.

Rapidamente, Ella ajeita Alex na cadeira própria para que faça

suas refeições e não deixo de notar a sua intenção de ir embora.

— Fique e almoce com a gente. — A garota ainda não olhou para minha cara desde o momento em que cheguei na cozinha e agora que estou falando diretamente com ela, não terá como fugir.

— Mas eu pensei que o senhor não quisesse.

— Eu não digo nada que não queira, Ella. Se estou te convidando para ficar é porque quero que almoce com a gente — assevero. Olho para a Dona Ester e ela nos observa com atenção sem deixar transparecer o que passa por sua cabeça. — Sente-se e coma. Eu mesmo darei almoço para o pequeno. — Olho para a criança, que em silêncio nos observa, muito contente e sem ter ideia do que se passa entre nós dois.

A minha ordem faz com que a branquinha me lance um olhar cheio de raiva, mas, submissa, não diz nada e apenas faz o que peço.

Enquanto Ella bate o garfo com força no prato, como se quisesse assassiná-lo, eu dou o arroz com feijão preto e costela na boca do Alex. Quando começo a acreditar que Ella, finalmente, entendeu como serão as coisas entre nós dois, somos interrompidos por um intruso.

— Bom dia, pessoal.

— O que faz aqui? Não deveria estar no seu horário de almoço?
— questiono ao rapaz que cuida dos estábulos.

Eu o encontrei pelo caminho, enquanto tentava fugir da presença da peste da Ella e, pelo visto, ser inconveniente faz parte da sua personalidade, considerando que me fez perguntas que deveriam ser feitas para o administrador e agora chega na hora do almoço e sem ser convidado.

— Desculpe incomodar, patrão. Vim falar com a senhora Ester sobre a quermesse.

— Diga de uma vez — peço, depois de ter recebido olhares que pediam permissão.

— O padre quer saber se a senhora pode cozinhar algumas coisas na sua casa. Já temos os ingredientes para a pamonha e os bolos de milho, agora só precisamos das suas mãos de fada.

— Diga ao padre Gregório que pode contar comigo como sempre — diz, muito animada.

— E você, Ella, o que fará? — dirige-se à garota e tem tanto a sua, quanto a minha atenção. — Ainda temos vaga na barraca do beijo.

— Sei que recusei nos últimos dois anos, mas agora acredito que estou pronta para aceitar essa tarefa.

— Vai mesmo ajudar?!

— Barraca do beijo? — pergunto diretamente para a descarada

e, na sua boca, começa a surgir um sorrisinho debochado que me faz ter ganas de surrar sua bunda.

Ella parece estar querendo iniciar um jogo, mas não sabe com quem está lidando e nem o quão perigoso ele pode se tornar.



Capítulo 14



— Você enlouqueceu, menina? — indaga, depois do almoço que transcorreu em total silêncio e pura tensão, depois que Zeca saiu, levando a minha palavra de que irei ficar na barraca do beijo.

Sendo uma das poucas moças solteiras da vila, já que a maioria casa bem jovem, fui convidada para a barraca nos dois últimos anos, convite esse que foi prontamente recusado nas duas ocasiões. Não aceitei porque não queria ficar à mercê dos safados da cidade. Rapazes que se aproveitam do evento beneficente para tirar uma casquinha das moças.

Dessa vez, não pensei duas vezes antes de dizer sim e fiz para provocar o leão ogro. Por despeito, depois de ter sido abandonada, completamente sem rumo, enquanto ele agia como se não tivesse quase arrancado minha boca de tanto beijar. Saiu do estábulo como se fosse o dono do mundo; e eu, nada além de um inseto.

Ainda fiquei por um tempo tentando me organizar, aceitar que tinha beijado o meu patrão até sermos interrompidos pelo filho dele.

Aceitei ficar na barraca e já me arrependi. Aconteceu mais ou menos cinco segundos depois de ter dito. O olhar que o senhor Diego me lançou durante toda a refeição e agora também me faz sentir que fiz algo de muito errado, quando, na verdade, ele não tem nada a ver com que faço ou deixo de fazer com a minha vida.

Agiu como se o que aconteceu entre nós dois não tivesse significado nada, saiu prometendo que não voltaria a me tocar e agora se sente no direito de exigir alguma explicação.

Homem doido!

— O senhor não tem o direito de entrar aqui dessa forma — aviso, andando para trás, fugindo da sua presença e da briga que provavelmente teremos.

Por alguma razão, o meu sangue gela e o meu coração dispara

quando eu o vejo fechar a porta, nos isolando no quarto que passei a ocupar aqui na sua casa. A princípio, protestei contra a sua ideia de que preciso ocupar um quarto, considerando que posso muito bem ir e vir todos os dias com a minha avó para a fazenda, mas ele acabou me convencendo de que seria melhor dormir aqui em algumas noites, porque o meu pequeno pode sentir a minha falta e não conseguir dormir.

— Eu posso, Ella, você está na minha casa. Controlo tudo que acontece aqui dentro. E você, enquanto estiver aqui, terá que fazer o que eu quero — afirma com convicção e eu, mesmo não sabendo nada da vida e dos homens em particular, sei que sua fala e seus pensamentos são extremamente problemáticos.

Errado em todos os níveis e, ainda assim, não consigo deixar de achá-lo fascinante. Existe uma parte minha que quer fazer tudo o que me pede, todas as suas exigências. Submeter-me ao homem que disse, todas as vezes que nos encontramos, que não devo ficar perto dele, que não me quer por perto. Existe um outro lado que se rebela, que quer chutar sua bunda e fazê-lo entender que ele não é o dono do mundo. Que não é assim que a vida funciona. Que seja lá quem ou o que o fez pensar assim, ele está completamente errado.

Apesar de tudo, principalmente depois que nos beijamos, quero

testar seus limites, chegar cada vez mais perto da escuridão e tristeza que vejo refletidas nos seus olhos. Sei que ele não é um homem bom ou pelo menos é o que pensa de si mesmo e quer me fazer acreditar nessa ideia, mas nada disso é capaz de aplacar a minha curiosidade, de me fazer atender suas ordens para me manter longe.

Tenho necessidade de tentar afastar a dor que vejo nos seus olhos, a escuridão que emana da sua alma. Se conseguir, não me importo de me contaminar, desde que esteja perto, sempre perto.

Não entendo a necessidade e o tamanho fascínio por um homem que não faz outra coisa além de me tratar mal — apesar de ter me ensinado a beijar e de eu ansiar por mais dos seus beijos. Apesar disso, me conheço e não sou de desistir quando tenho algo em mente e, neste momento, só tenho uma pessoa em mente: Diego, o leão que, por alguma razão, odiou a ideia da barraca do beijo.

— Por que está me olhando assim?

— Não sei do que está falando — digo, mas posso apostar que passei a ideia de que estou dividida entre estapear seu rosto e arrancar sua roupa.

Ele se aproxima, segura meu braço com firmeza e não sei se isso deveria causar excitação, mas é exatamente o que acontece.

— Não brinque comigo, passarinho, você não sabe com quem está lidando. — A sua afirmação, em tom de ameaça, é dita contra o meu rosto e vendo-o tão perto, com a boca a poucos centímetros de distância da minha, só desejo diminuir o espaço e unir as nossas línguas novamente.

É assim que tem acontecido entre nós dois. Diego pede para que eu me afaste e tenta me rechaçar, mas não é o que acontece, porque, quanto mais tenta, mais atraída por tudo o que ele representa eu me sinto.

— Estou lidando com um ogro que não deveria ter a liberdade de entrar no quarto de uma moça solteira, mesmo que esse quarto fique na casa dele — digo, como sempre, sem pensar na sua reação. — Se você me apertar mais contra o seu corpo, tenho certeza de que nos fundiremos em breve. — Diego olha para os nossos corpos juntos, mas não me solta e nem afrouxa o seu agarre.

— Estamos no século XXI, sabia? Não tem qualquer problema em estarmos trancados dentro desse quarto. Não é como se um flagra fosse nos obrigar ao casamento.

— A minha avó ficaria escandalizada se visse uma coisa dessas — aviso, lembrando que estou atrapalhando o trabalho da pobre.

Pedi apenas cinco minutos para subir e trocar essa roupa por uma mais leve e, no entanto, aqui estou, trancada dentro do quarto com Diego

Estrada.

— Foco, Ella. Me diga que ideia idiota é essa de barraca do beijo — fala e, por mais que queira, não consegue disfarçar o incômodo. Está carrancudo desde o momento em que aceitei a tarefa.

Da minha parte, fico contente de tê-lo atingido, quem mandou me deixar sozinha e de pernas bambas na baia dos cavalos?

Quando ele saiu da mesa e deixei o pequeno com a minha avó, fiz de caso pensado. Precisava mesmo trocar de roupa para brincar com ele no pátio, antes de colocá-lo para dormir mais tarde, mas também porque suspeitava que ele viria atrás de mim e de fato o fez.

— Não é uma idiotice, é uma quermesse para angariar fundos para a reforma da paróquia — explico, mas aposto que ele sabe, considerando que viveu aqui até o início da vida adulta e esse evento acontece todo ano. — Por que está me abraçando? — pergunto, antes que ele diga alguma coisa, quando sinto que o seu toque mudou, que o agarre apertado está mais para um abraço entre amantes.

— Porque é o que você quer, não é mesmo? — fala, porque eu não devo ter sido nada sutil nas minhas intenções.

— Se prefere acreditar nisso, senhor, eu posso tudo — tento negar, mesmo que ele não vá acreditar. — Sinto informar, mas você não é o

dono do mundo — aviso, mas não movo um único dedo para me afastar do seu abraço, pelo contrário, torço para que me pegue com mais força.

— Segundo quem? Você? — fala, fitando-me com seus expressivos olhos negros.

— Segundo o pensamento de qualquer pessoa normal.

— Talvez eu não seja um homem normal — diz com toda calma, como se não fosse nada demais. — Você precisa parar com esse jogo, Ella. Não me provoque.

— Não estou...

— Está sim. O que pensa que vai conseguir se sair beijando um bando de idiotas?

— Não estou pensando nada, quero apenas ajudar na festa. — Dou de ombros, fazendo-me de inocente, quando as minhas intenções não são tão nobres quanto deveriam.

— Ajude de outra forma! — exige e me deixa nervosa. — Não vai ficar na porra da barraca do beijo. Você está me entendendo, Ella? Não vai!

— Você não tem esse direito! — De supetão e agora verdadeiramente chateada, desvencilho-me do seu agarre e me afasto dele. —

Não ouse chegar perto — aviso, quando ele ameaça vir atrás mim.

Só agora, olhando para ele com mais atenção, para a sua expressão que causaria temor em outra pessoa e sua presença marcante, percebo que não o conhecia da forma como pensei que estava começando a acontecer. Ele falou coisas estranhas e parece ter pensamentos distorcidos sobre o que é uma relação entre pessoas. O que quer que tenha vivido, fodeu muito a cabeça desse homem.

— Não pode me dizer o que fazer, passarinho.

— E nem você pode fazer isso. Não é nada além de meu patrão. Não é o meu dono e, mesmo se fosse, não é assim que as coisas funcionam.

— Poupe os meus ouvidos dessa ladainha, Ella. Você não vai ficar na porra da barraca e acabou essa discussão!

— Como pretende me impedir? — Vou atrás quando o idiota barbudo vira as costas e se encaminha para a porta, ignorando que está falando com uma pessoa e não lidando com um dos animais da fazenda. — Vai me amarrar ou prender dentro de um quarto?

— Fique longe de mim — fala com toda a calma, olhando para minha mão quando seguro seu braço.

Procurro pelos seus olhos em busca de resposta, mas os encontro completamente vazios de emoções. Se elas existem, ele é muito bom em

conseguir mascará-las.

Quando aceitei ficar na barraca, o fiz para mostrar que ele não é o único homem do mundo e, se não me quer, existem muitos outros querendo meus beijos — uma ideia idiota e infantil, eu sei —, mas não imaginava que o homem reagiria dessa forma.

Está tendo atitudes completamente irracionais e desproporcionais para uma bobagem como uma tenda em que os beijos passam longe do que demos mais cedo. Pela lembrança que tenho dos anos anteriores, eles geralmente são no rosto e, quando chega a ser um selinho leve, o bilhete é bem mais caro. Mesmo que seja a moça mais bonita da cidade — neste ano, não será —, poucos estão dispostos a pagar por um simples tocar de lábios.

— Diego... — O som da minha voz não sai no tom de que eu precisava. Sai calma quando deveria estar gritando com ele.

— Não vá, Ella. — Volta-se para mim e pede em um fio de voz quase inaudível.

— Por que está agindo assim? Você nem mesmo suporta que eu fique perto de você — falo.

— Não me faça perguntas, passarinho. Apenas faça o que eu estou te pedindo. — Ele está sendo evasivo e acredito que não exista nada

mais frustrante do que isso.

Quando termina de falar, ele volta a se aproximar e, sem olhar nos meus olhos, beija demoradamente o canto da minha boca, deixando o quarto em seguida.

Mortificada, levo a mão à boca, como se assim pudesse impedir que a sensação dos seus lábios sobre os meus fosse embora.

Diego, dentro desse quarto, deixou que parte da sua máscara caísse e eu vi que, por baixo da pose de frieza, existe um animal ferido com a mente perturbada e que, de alguma forma, foi duramente marcado pela vida. Ele está se mostrando como é e eu não posso resistir ao desejo de curar suas feridas, de tirar a tristeza que vejo nos seus olhos.

Tudo em mim, pelo menos a parte mais sensata, me diz para ficar o mais longe possível do ogro, mas tem outro lado, o que me domina quando estou perto dele, que me diz para ficar e descobrir o porquê de não conseguir obedecê-lo. O porquê de simplesmente não poder me afastar quando sei que Diego pode me machucar muito mais do que eu seria capaz de suportar.

Chegarei mais perto, mesmo que encontre algo com o qual não possa lidar. Eu o desafiarei, mesmo que as consequências sejam mais sérias do que as possibilidades que começam a passar pela minha cabeça. Farei,

porque prefiro esse senhor Diego ao que ele vinha mostrando. Ele não quer que eu fique na barraca do beijo e farei exatamente o contrário.



Capítulo 15



ALGUNS DIAS DEPOIS...

— Menina, como isso aqui está animado! — diz Bia, dando pulos, como milho de pipoca estourando dentro da panela. Ela tem 17 anos e é uma das minhas poucas amigas, em um lugar que as garotas da minha idade quando não estão arrumando as malas para ir embora de Santa Rita, estão preparando o casamento com algum peão, na sua maioria, homens bons e trabalhadores. — Olhe como todos estão animados!

Ela tem razão, mal anoiteceu e a praça já está ficando cheia. Os adultos conversam, as crianças brincam de correr e, vez ou outra, param para comprar algo para comer nas barraquinhas que têm os mais deliciosos pratos típicos de Santa Rita.

— Todos os anos é assim, Bia. Não seja exagerada, garota! — De dentro da minha tenda, já pronta para começar, permito que meus olhos varram toda a praça bem iluminada e enfeitada, checando cada pessoa que se faz presente e quem ainda está chegando.

Obviamente, é difícil de acompanhar tudo, mas a minha obsessão não me permite fazer ou prestar atenção em qualquer outra coisa por mais do que cinco segundos.

— Não finja que não notou a diferença, Ella. Todos aqui se empenharam bem mais esse ano e foi por causa do filho do senhor Estrada. Todos querem ter a chance de impressionar o homem que não sai daquela fazenda.

— Agem como se ele fosse o dono, não só da vila, mas também de toda a cidade — irrito-me mais do que deveria fazer na frente de outra pessoa ao falar sobre Diego Estrada.

Todo esse empenho e para quê? Para ele nos virar as costas como um mal-agradecido, colocando tudo o que o seu pai construiu na mão

de um administrador que não passa de um canastrão e que é motivo de chacota perante toda a vila por conta da sua mania de puxar o saco dos patrões. Um lambe botas de respeito e nem mesmo ele pode negar esse fato.

Seria até divertido presenciar as tentativas do Bráulio de agradar, se eu não soubesse que ele age de caso pensado e com intenções escusas. Até finge ser um bom administrador, mas isso é só até a página dois. O problema vai ser quando o ogro barbudo for embora para o Rio de Janeiro e ele começar a se sentir o dono de toda a cidade de Santa Rita, assim como todos os moradores pensavam que o senhor Estrada era e agora acham o mesmo do seu filho.

Com toda a minha inexperiência e somente 19 anos de vida, tenho idade o bastante para perceber que pessoas precisam cuidar de perto dos seus negócios e patrimônios, sejam eles grandes ou pequenos. Qualquer criança nessa praça sabe disso, menos o ogro beijoqueiro. Provavelmente até saiba, mas não se importa o suficiente para fazer alguma coisa que preste.

Pensar nessa possibilidade faz com que o meu coração fique pequenininho dentro do peito porque, mesmo que não seja tola de esperar alguma atitude de um homem que tem provado todos os dias não ser o melhor dos seres humanos, é triste ter esse fato jogado na cara. Diego não se importa com ninguém nesse lugar, não tem o menor carinho por onde nasceu

e foi criado.

Não se importa nem mesmo comigo. Nem um pouquinho.

— Mas eles são praticamente os donos da cidade... Ella, eu estou falando com você! Por onde essa sua cabecinha de vento tem viajado, garota?

— Bem de longe, ouço sua voz e o estalar de dedos na frente do meu rosto chama a minha atenção. — Me fale sobre ele.

— Oi? — questiono, não podendo acreditar no que estou ouvindo.

Ela não pode estar pedindo isso, não para mim.

— Isso mesmo que você ouviu, sua sonsa — brinca a adolescente morena e de baixa estatura. — Você é a babá do filho do homem, está praticamente morando naquele casarão, com certeza deve saber mais sobre ele do que qualquer um dessa cidade.

— Não tenho o que contar, ele é...

— Lindo, ao melhor estilo lenhador? É forte e tem o olhar penetrante?

— Sim... Quer dizer, não! — nego o óbvio, confusa sobre o que dizer quando, claramente, ela quer falar apenas dos atributos físicos do leão ogro.

Diego é lindo do seu jeito dominante de se portar perante todos...
Ou será que somente eu o vejo dessa forma?

Será que alguém consegue vê-lo além das aparências?

— Eu não sou cega, sua maluquinha. Pode falar outras coisas a respeito do homem, mas a aparência dele não está em discussão, afinal, tenho olhos e bom gosto — diz, escorando o corpo na bancada de madeira da tenda, assim como eu estava, com os meus cotovelos apoiados e de olho no movimento, antes de Bia chegar e me interromper. — Fale como ele é com você. Te trata bem? São amigos?

— Não somos amigos! — nego, com mais convicção e desgosto do que deveria, o que faz com que ela me olhe com desconfiança.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou — diz, mas sei que não deixará a sua curiosidade morrer e que voltará a me perguntar sobre o Diego. Bia sempre foi assim, não será agora que ela irá mudar de comportamento.

No fim e vencida pelo cansaço, sei que acabarei falando tudo para ela. Acredito que seja até bom falar com alguém, ao invés de guardar tudo para mim. A minha vó, com certeza, não é uma opção, porque ela, mais do que qualquer um, me conhece e deve conhecer um pouco melhor o senhor Diego. Ela sabe que algo entre nós dois seria completamente improvável, a

receita certa para o desastre.

— Onde está a sua avó e o senhor Murilo? — indaga, olhando pela praça, que a cada instante fica mais cheia, o que faz com que eu me arrependa da ideia de ficar justamente na barraca do beijo, a que causa mais confusão em todos os anos.

Sempre alguma coisa vergonhosa acontece nessa barraca, seja porque algum engraçadinho tenta comprar mais do que cinco bilhetes — o que é proibido —, seja porque algum homem comprometido quer contribuir para o evento, justamente no lugar onde se engraxará com outra garota que não seja a sua.

— Vovó deve estar às voltas com as panelas. O seu Murilo está ali, de papo com os peões. — Aponto, ela segue o meu olhar e ele acaba encontrando quem eu estava procurando desde o momento em que tirei os pés de casa.

Vejo Diego, lindo, com suas botas de couro e a camisa xadrez que faz par com o jeans azul escuro. O cabelo, maior do que se costuma usar por aqui, está preso no alto da cabeça, em um coque frouxo. Ele está muito lindo e não fui só eu quem percebeu.

— Como esse homem é lindo, minha amiga! Você tem sorte de poder ver esse deus grego todo os dias — diz, aparentemente sem conseguir

tirar a atenção dele.

— Um ogro...

— O que você disse? — questiona, desconfiada.

— Nada, só estava pensando alto — minto, com a atenção no leão e no filhotinho que está bem arrumado, algo que não canso de admirar, já que o pai dele é o responsável por isso.

Diego, apesar de ser um leão ogro e mal-humorado, é um bom pai. Isso ninguém pode negar. Faz de tudo pelo filho e é tocante ver de perto o quanto se amam. O ogro, apesar de aparentar ser um homem forte e invencível, parece necessitar do menino, tanto quanto Alex, tão pequeno e indefeso, precisa do pai.

— Vou ali, você pode ficar babando no patrão que não é seu amigo. — Com uma piscadela, Bia sai saltitando da mesma forma que chegou.

Apesar dos pensamentos maliciosos da minha amiga, não menti quando disse que Diego e eu não somos amigos e nem nada que seja parecido com isso, ainda mais depois do nosso encontro no meu quarto, o dia em que ele agiu de modo estranho. Excitante — não posso negar —, mas estranho.

Depois do seu rompante, o homem fez questão de ignorar completamente a minha existência dentro da sua casa. Tem agido como se eu

fosse invisível quando estamos no mesmo recinto e, quando precisa falar algo sobre o pequeno, diz somente o estritamente necessário, isso quando não o faz através da minha avó, que passou a ser uma espécie de intermediária entre nós dois.

Ela sabe que tem algo diferente acontecendo, mas, estranhamente, não chegou a perguntar diretamente do que se trata. Ainda bem que não o fez, pois eu não saberia mesmo explicar o que aconteceu e o que não está acontecendo entre nós dois.

Como falar para a minha avó, a mulher que me criou, que nosso patrão, o homem mais poderoso da religião, chegou a ponto de quase implorar para que eu não ficasse na barraca? Tudo depois de ele mesmo me beijar por vários minutos e depois virar as costas.

O pior de tudo seria dizer que nada do que ele faz ou diz, coisas que seriam capazes de colocar para correr qualquer outra garota mais sensata, é capaz de aplacar o meu desejo de experimentar mais dos seus beijos, de ter mais dos seus toques e palavras estranhamente possessivas e perturbadoras.

Quando paro e penso com mais calma a respeito do que aconteceu no quarto que ocupo na sua casa, confesso que, primeiro, fiquei animada achando que ele tinha agido motivado pelo ciúme. Agora, tendo se passado vários dias, vendo-o cada hora mais distante e agindo como se o

nosso beijo e o seu surto no meu quarto nunca tivessem acontecido, descarto a ilusão do ciúme e entendo que apenas não queria ser contrariado.

Não nego que o seu afastamento e frieza tenham me chateado. Não deveria, mas foi o que aconteceu, porque para mim era melhor quando estávamos discutindo ou ele agindo como um homem das cavernas. Eu preferia isso a ter que suportar seu distanciamento.

É tão estranha a sua atitude que ele até mesmo evita o filho quando estou por perto, o que acontece com muita frequência, já que cuido do menino e passo a semana na fazenda. Só saio para vender as minhas rosas às sextas, sábados e domingos à noite.

Ele tanto ameaçou, mas o evento finalmente chegou e Diego não fez nada, tanto é que, no momento, estou aqui, arrependida de ter topado ficar nessa barraca. Certamente esse deve ser o meu castigo por ter aceitado dar a minha contribuição por motivos nada nobres. Agora terei que suportar a fila de homens que começa a se formar bem na minha frente. Todos com os seus bilhetes nas mãos e cheios de ânimo, enquanto quem interessa não olha nem na minha direção.

Merda! Por que você está fazendo isso, Diego? A culpa é toda sua e agora terei de beijar o senhor Carlos. O homem tem 65 anos, mas faz jus ao velho ditado: estou velho, mas não estou morto.

Só espero que, assim como eu, todos os homens, rapazes e até mesmo as crianças que estão nessa fila entendam o espírito desse evento e se comportem, coisa que eu mesma não fiz e agora estou tendo o meu castigo.

— Boa noite, senhor Carlos — fingindo estar animada, cumprimento o idoso, que é o primeiro da fila. Essa é apenas a primeira de mais ou menos 3 horas de quermesse. — O seu bilhete? — peço e, todo animado, ele me entrega.

Olho para a sua ficha e, com alívio, vejo que comprou o mais em conta: beijo no rosto.

Quando ele se aproxima com a boca, que falta alguns dentes, ao invés de dar o rosto, a minha mente começa a trabalhar rápido em busca das melhores palavras para explicar que as coisas não serão exatamente da forma como ele está imaginando, mas uma voz rouba tanto a minha quanto a atenção do senhor Carlos.

— Boa noite, senhorita Ella. — O seu rosto tem uma expressão indecifrável, mas somente o fato de tê-lo aqui, falando comigo depois de tantos dias ignorando a minha existência, me diz que Diego vai cumprir com a sua ameaça. Alguma coisa ele vai fazer.

Ingênua fui eu de acreditar que ele aceitaria ser contrariado numa boa. Estou certa de que tem algo em mente para intervir e depois me

castigar pela desobediência, só não sei se estou temerosa ou ansiosa para descobrir o que será, porque se passei todos esses dias pensando na sua ameaça como algum tipo de castigo que envolveria nós dois em um jogo de sedução, só agora penso na hipótese de ser um castigo no sentido literal da palavra. Do tipo que me obrigue a ficar longe do Alex.

Capítulo 16



Com seus enormes olhos azuis a me fitar, o passarinho rebelde parece não acreditar no que vê.

— O que o senhor está fazendo aqui? — indaga, insegura, e acho divertido vê-la dessa forma, quando não teve o menor problema em passar por cima do meu pedido para que não ficasse na porra dessa barraca, que agora conta com uma fila de filhos da puta querendo tirar uma casquinha da moça bem-intencionada.

Por outro lado, não tenho certeza do quão bem-intencionada essa

moleca está. Do jeito que é, não duvido que tenha feito tudo de caso pensado para me irritar. Ela me desobedeceu e vai pagar pela sua afronta. Ella foi avisada e decidi esperar pelo seu castigo. Só espero que ela esteja preparada para as consequências e para o fim dessa palhaçada.

— Não posso? A senhorita é a dona da vila? — pergunto, cheio de uma ironia que não posso controlar, escondida por baixo de uma irritação que venho carregando há dias, enquanto fazia de tudo para não chegar perto da garota. Para não agir da mesma forma como agi dentro do seu quarto.

— Não foi isso que eu quis dizer...

— Aqui estão as minhas fichas. — Coloco as fichas sobre o balcão de madeira e os seus olhos, naturalmente grandes, ficam maiores ainda quando percebe a quantidade que comprei.

— O que significa isso, senhor Diego?

— Significa que não tem mais fichas para ninguém, todas estão comigo — digo alto o suficiente para que todos que estão na fila ouçam.

Enquanto encaro a criança geniosa, um burburinho se inicia entre os homens, mas eles não ousam reclamar em voz alta. Não sei exatamente o que o meu pai fez, mas nesse lugar existe uma ideia de respeito a quem pode mais, como era o caso do meu pai, e agora o meu caso, já que sou seu único herdeiro. Só não sei se todo o respeito que essa gente devotava

ao meu pai era genuíno ou era apenas o temor pelo poder que ele detinha em suas mãos por controlar toda aquela região.

Tudo aqui depende dos negócios da família Estrada, que hoje se restringe a mim e ao meu filho, pelo menos é o que acho, já que sou filho único e o único irmão do meu pai é um fazendeiro que mora em outro Estado e nunca se importou com nada relacionado ao meu pai e aos seus negócios com as rosas e a criação de gado.

Agora que meu velho não está mais aqui, tudo o que ele representava para essa gente foi transferido para mim e não quero, de forma nenhuma, qualquer responsabilidade com pessoas desconhecidas. Simplesmente não me importo com ninguém desse lugar, foi assim que escolhi há tantos anos. Existem tantos monstros a serem exorcizados que não quero e não poderia ser o tipo de líder de que eles necessitam.

Não sou o meu pai e fui eu quem escolheu assim. Não posso simplesmente seguir em frente, como se meus erros não existissem, como se não tivesse esquecido quem fui e abandonado esse lugar por uma vida que prometia ser perfeita.

Poderia ser muito mais fácil se não existisse uma exceção. Ela é o que de melhor tem nessa vila e está aqui, na minha frente, muito bonita com seu vestido curto florido — como não poderia deixar de ser —, olhando-me

com espanto.

— Por favor, saia daqui. O senhor Carlos comprou o bilhete dele e está esperando, não é mesmo, senhor Carlos? — refere-se ao idoso que nem deveria estar de assanhamento, quando mal se sustenta sobre as próprias pernas. Talvez faça isso acreditando que ele a ajudará a se safar de mim.

O que o passarinho não sabe é que nada e nem ninguém irá me deter, que eu não estava brincando quando disse que não deixaria que nem um outro homem a tocasse.

Passei dias tentando entender o rompante que tive com ela, mas nada, nenhuma ponderação do quão errado fui naquele quarto, me fez aceitar que ela poderia ser beijada por outro homem. Por qualquer homem, na verdade, considerando que é uma mulher solteira. É isso que diz a minha sensatez, mas o meu lado que não deveria vir à tona não vê da mesma forma. Esse lado acredita que a garota não pode ser tocada por ninguém, homem ou mulher.

Sei que a fera que existe em mim, rugindo para tomar conta da situação, sabe o porquê de eu não conseguir sequer pensar em alguém com as mãos em cima dela sem que sinta desejos irrefreáveis de cometer um crime. Mas a parte que eu ainda domino luta para controlar a situação, pois sabe que ela não teria nada além de sofrimento ao se envolver com alguém que não é

capaz de amar e que sente prazer ao infligir dor.

— Meu rapaz, sei que comprou todos os outros bilhetes, mas eu, assim como todas essas toupeiras — aponta para os outros na fila —, compramos os nossos e muito antes do você chegar. Dirija-se ao final da fila e aguarde sua vez.

Diferente do que acho que possa acontecer com os outros, o tal do senhor Carlos parece disposto a insistir no assunto e cobrar pelo beijo que, de forma alguma, irá acontecer.

— Não sei se vocês foram informados, mas eu acabei de falar com o padre Gregório e as atividades dessa barraca estão suspensas. Essa senhorita não dará beijos a ninguém.

— E posso saber por quê? — O senhor ainda é o único que tem coragem de falar, enquanto os outros idiotas, ainda que também insatisfeitos, apenas cochicham entre si. O passarinho, que está separado de mim por uma maldita tenda, vendo tudo em silêncio, muda de uma forma que até me faz questionar se essa é a mesma garota que só abre a boca para me irritar e me fazer sentir vontade de estapear sua bunda. — É direito nosso.

— Vão reclamar com o padre ou até mesmo com Deus — agora falo para todos, enquanto abro o travamento da porta da tenda de madeira, seguro Ella e a puxo para fora da barraca. A branquinha ainda reluta, mas,

para não chamar atenção para a nossa estranha relação, acaba colaborando e vindo de boa vontade, quando a abraço pela cintura fina e bem marcada. — Essa moça é a babá do meu filho — aviso lembrando dele e buscando-o com o olhar para encontrá-lo nos braços do seu Murilo, avô do passarinho — e hoje ela está trabalhando.

Uso a pior justificativa que poderia inventar e, mais uma vez, o insistente idoso decide questionar e falar o que eu não gostaria de ouvir.

— Em pleno sábado à noite? Eu sei que esse é um lugar esquecido por Deus, mas ainda existem leis que garantem os direitos dos trabalhadores.

— Senhor Carlos, está tudo bem. — Só agora Ella resolve abrir a boca e me deixa curioso para ver o que fará, já que foi tão corajosa ao me contrariar. — Vocês podem esperar na fila que eu vou encontrar outra garota para ficar aqui no meu lugar. Por favor, não saiam daí. — É ela quem sai pisando duro, praticamente correndo.

Rapidamente, ela fala alguma coisa com a avó, que agora está ao lado do marido, com um avental e touca na cabeça, dá um beijo no rosto do pequeno e depois sai sem olhar para trás.

Você não irá fugir, passarinho!, grita a minha cabeça quando, discretamente, olho para os lados, para ver se não tem ninguém de olho no

que acontece entre nós dois e vou atrás dela, que já faz a volta para os fundos da paróquia.

Eu a encontro com as costas apoiadas na parede menos iluminada na parte de trás da paróquia e, felizmente, por aqui não circulam pessoas, então terei privacidade para conversar com a garota safada.

— Ella — chamo bem baixinho, pois não quero assustá-la, mas a forma como olha para mim mostra que na verdade está a fim de brigar. Não mais do que eu estou.

— O que faz aqui?

— Preciso falar com você — aviso, mas falar não é bem o que quero fazer.

— Quer falar comigo, senhor Diego? — Chega mais perto, nem um pouco preocupada com o fato de eu ser o seu patrão e que, normalmente, não é dessa forma que um empregado trata o seu empregador.

Mas a quem estou tentando enganar? Entre nós, os limites já foram ultrapassados há muito tempo. Eu não a vejo e nunca a vi apenas como a babá do meu filho, pelo contrário, o fato de Alex gostar dela foi apenas mais um pretexto que inconscientemente usei para trazê-la para perto de mim. Trouxe porque sou um sádico que gosta de sofrer e de fazê-la sofrer por insistirmos em começar algo que nos machucará.

Não sei como agir de outra forma, basta olhá-la e ver como a deixei chateada porque agi mal e o fiz só porque ela não se acovardou diante de uma ameaça minha para impedir que outros chegassem perto.

Agi como se a garota fosse minha e tivesse a obrigação de me obedecer. Naquele momento, desejei que não estivesse dominada a ponto de não sentir vontade de fazer algo que me desagradasse. É quem eu sou, o lado obscuro que há anos mantenho escondido por baixo da superfície e que ela está, dia após dia, trazendo à tona. Não posso negar que estou começando a nutrir um desejo que beira à obsessão e não sei até quando poderei resistir porque somente Ella faz isso comigo.

O passarinho tem esse poder, ainda que não saiba, e isso de maneira nenhuma pode ser considerado algo bom na sua vida. Para essa garota de 19 anos, furiosa e presa entre o meu corpo e a parede, melhor seria se eu não tivesse sido obrigado a voltar e ela nunca tivesse me conhecido.

— Eu falei para você não fazer isso, passarinho. Qual o prazer que você tem em fazer tudo ao contrário do que eu peço? — indago, precisando lembrá-la que eu tentei evitar que chegássemos a esse ponto. — Quantas vezes eu pedi para você se afastar de mim, Ella? Para que ficasse fora da minha fazenda e longe dos roseirais?

— Eu...

— Avisei para você e o fiz por algum motivo. Você não deveria ter ignorado os meus pedidos. Olhe só como nós dois estamos agora.

— Foi você quem me pediu para ser babá do Alex. Me fez entender e depois voltou atrás.

— Não deveria ter aceitado a minha oferta, mesmo amando muito o meu filho. — A minha fala faz com que faça uma careta de desgosto e, mesmo que estejamos em um canto mal iluminado, ainda consigo vê-la.

A sua reação mostra que, de todos os erros que poderia cometer, trazê-la para a vida do meu pequeno foi o pior de todos, porque sei que o momento da minha partida chegará logo e não consigo imaginar uma separação definitiva entre eles, que estão cada vez mais apegados. Amam-se verdadeiramente e, mesmo que eu mostre uma foto de Larissa e diga para Alex que ele teve uma mãe e quem foi ela, é pelo seu passarinho que os olhos dele brilham. É dela que sente falta nas noites em que não dorme no casarão.

— Não meta o menino nessa história. E não acredito que exista algo que justifique o que fez agora há pouco.

Vejo-a cruzar os braços por cima dos seios e o subir e descer deles, mais rápido por conta da sua respiração alterada, mostra que está muito brava, o que para mim não significa nada, porque não me arrependo do que fiz.

— Onde você está? Olhe para mim. — O seu toque delicado no meu rosto serve para mostrar que eu estava perdido nos meus próprios e confusos pensamentos.

— Não aja com esse ar de inocência, passarinho. Acha que não percebo? Você fez isso tudo para me provocar, esperou que eu fizesse alguma coisa. Está aí, agora você entende por que eu não te queria por perto?

Perto dessa moça, que tem cheiro de inocência, apesar de em alguns momentos querer agir como se não fosse, me torno possessivo a ponto de sequer conseguir imaginar outro homem a tocando. De ter medo de pensar no que faria com o sujeito.

Passei dias tentando me manter afastado, buscando dentro de mim o controle para não agir conforme os meus instintos. Tentei tirar da minha mente imagens e fantasias do que faria se a tivesse submissa a mim dentro de um quarto. Tudo foi em vão, porque, quanto mais os dias passavam, mais ela entrava no meu sangue, como um veneno cujo antídoto não existe.

Ela é tudo o que eu não sou. O passarinho me mostra de perto o tipo de pessoa que me tornei e estou certo de que, se ficássemos juntos, seria ela quem sairia marcada e não o contrário. Quem me dera fosse diferente...

— Desculpe... — Tento me afastar, mas ela não permite. Olho

para o seu rosto e percebo a mudança. A branquinha já não está mais tão irritada. Ela parece confusa.

— É tudo tão estranho, as minhas e as suas reações. Nós não temos nada e não tem por que você se incomodar com quem beijo ou deixo de beijar. Se eu quiser, posso beijar e até mesmo transar com quem bem entender e você não poderá fazer nada para impedir. Eu não sou sua. Sou dona de mim e das minhas próprias vontades.

Sua afirmação é dita bem de perto. Ella olha dentro dos meus olhos e não tem ideia do que suas palavras fazem comigo.

Capítulo 17



Sou dona de mim e das minhas próprias vontades...

A sua afirmação me parece tão errada que simplesmente não consigo pensar no que sou e no que não quero ser quando a agarro pela cintura com força e sem qualquer cuidado, trazendo-a para mim. Olho bem para o seu rosto e Ella parece mesmo acreditar nas bobagens que diz.

— Pare de falar besteiras, menina. Acha que é dona do seu corpo para quê? Para se portar como uma vagabunda? — A garota levanta a mão, mas sou rápido e pego-a no ar, sem afrouxar o agarre na sua cintura. — Não

se atreva, porque não gostará das consequências — ameaço, esquecendo todo o autocontrole que lutei para ter de volta nos últimos dias.

Fiquei o mais longe que pude, disse a mim mesmo que nada estava acontecendo. Não com ela. Iludi-me ao pensar que o surto de possessividade havia sido apenas um caso isolado por causa da sua rebeldia e ousadia em desafiar alguém que deveria respeitar. Foi a forma que consegui para tentar me enganar, mas agora me dou conta de que não posso mais fugir.

A garota das flores, apesar da sua aparência delicada e de parecer inofensiva, desperta o que há de pior em mim, o monstro adormecido, que todos os dias luto para manter dessa forma, mas basta que ela respire perto de mim para que o desejo de despir a minha máscara venha com força total, o desejo de dominá-la e subjugá-la às minhas vontades. Essa é a única forma com que sei me relacionar, a que me tornou alguém indigno de perdão.

— Você está me assustando, Diego. Me solte, por favor — pede, ao invés de gritar, o que mostra que, de fato, está assustada. Em outra ocasião, Ella estaria mostrando as garras. — O que está acontecendo com você?

— Aquele que você viu no seu quarto e esse que está deixando seus olhos marejados e o corpo tremendo de medo sou eu. A minha verdadeira face. Quem eu não queria que você visse. Foi por isso que pedi

para que ficasse longe, porque não queria mais ver esse olhar no rosto de ninguém.

— Que olhar? Não tem olhar nenhum — ela fala rápido e atropelando as palavras quando afrouxo o meu abraço e, calmamente, solto o seu braço que ainda segurava no ar. — Eu não tenho medo de você, Diego — afirma.

Noto que já é a segunda vez que não me trata por senhor. Algo que agora não tem a menor importância, pois eu gostaria de ouvi-la gritar — e não falar — esse tratamento, enquanto pediria por misericórdia e ao mesmo tempo gritaria por mais, muito mais do prazer e do castigo que estaria recebendo.

Um desejo que não permitirei que se concretize, mesmo que morra por fazer isso. Com custo, me afasto da garota que está me deixando obcecado e dou dois passos para trás. Ela tenta se aproximar novamente, mas não permito.

— Eu tenho mesmo que ir — digo ao virar-lhe as costas.

De modo inesperado, sinto quando ela me abraça por trás, passa os braços em volta da minha cintura e, lentamente, sobe as mãos para o meu peito, parando uma delas bem próximo ao meu coração, que bate frenético por ela. Pela intensidade dos meus desejos e fraquezas por essa mulher.

— Me solte, Ella. É melhor que se afaste — peço quando levo uma das mãos até a sua.

De repente, a cena me parece muito familiar. Parecida demais com algo que vivi dois anos atrás. Sem aviso, viro-me de frente para ela, agarro-a pela cintura e, bem de perto, observo seu rosto e a respiração ofegante. Uma ideia passa pela minha cabeça, mas é absurda demais para que eu possa levá-la adiante. Essa menina não pode ser o meu anjo dos roseirais!

Ela não pode ser aquela mulher!

Mas por que eu tenho a sensação de que pode ser perfeitamente possível? Não existe pessoa que ame mais aquele lugar do que Ella. Então sim, se tem uma pessoa que poderia ser encontrada naquela terra seria esse passarinho enxerido.

— Agora não! — falo e solto o seu corpo, como se ele estivesse me dando choque.

Já estava perturbado, mas a suspeita que agora povoa minha mente me abalou mais ainda. Não quero mais um adicional à atração que sinto por essa peste. Não preciso de mais nada que me faça desejar fazê-la minha. Entender o que para ela significaria ser tocada por alguém como eu.

Uma menina virgem e que merece ter uma primeira experiência que não posso lhe dar. Nem a primeira e nem uma outra.

— Então que horas? — insiste, aparentemente não entendendo quando falo de um jeito mais educado.

Ella parece ser tão instável emocionantemente quanto eu, tanto que há pouco estava querendo me matar por ter acabado com seus planos idiotas e agora está implorando para que eu não vá embora.

— Adeus, Ella. — Viro-lhe às costas, provavelmente, deixando-a sem palavras.

Afasto-me antes que faça alguma besteira da qual possa me arrepender. Preciso de um tempo longe para colocar, mais uma vez, meus pensamentos em ordem, mesmo que saiba que não adiantará de nada, pois, lá no fundo, uma decisão irracional e pautada por um desejo que flerta com a obsessão já foi tomada.

Por pelo menos uma hora, fico andando pela praça, dando atenção para o meu pequeno, que parece deslumbrado com tudo o que vê, talvez por nunca ter estado antes no meio de tanta gente ou próximo de garotos da sua idade. Vejo meu menino muito contente, livre de uma forma que nunca o tinha visto antes.

Parece que aqui é o seu lugar, assim como parece ser o do seu passarinho. Ella, a garota perturbadora que rouba toda a minha atenção para si. Mesmo fazendo questão de ficar a metros de distância dela, nunca a perco

de vista. Sei onde está e ela parece bem com a minha escolha de ficar afastado em um momento em que as minhas emoções estão à flor da pele.

Tudo muda quando alguém diferente se aproxima da roda de conversa em que estão ela e outra garota morena que deve ser da mesma faixa etária do passarinho. Na verdade, são duas pessoas, um casal, mas só me importei com o rapaz, que certamente é mais jovem do que eu e tem boa aparência.

Apesar de pouco sair da fazenda, das poucas vezes em que estive na vila, não vi o casal e eles não parecem ser daqui de Santa Rita. Um alerta pisca na minha mente, porque ele me lembra uma conversa que tive comigo mesmo sobre não ser um homem para Ella e sobre quem seria essa pessoa.

— E não é que o franguinho é mesmo boa pinta? — Rico diz e sua fala me traz de volta para a conversa que estávamos tendo, antes que a aproximação do casal de jovens chamasse a minha atenção.

Daqui vejo o padre, dona Ester, o casal e Ella, que segura o meu pequeno nos braços. Em algum momento ele a viu e não conseguiu mais desgrudar dela.

— Do que você está falando, homem? — indago para ele, que ainda não desistiu de tentar se aproximar, talvez imaginando que possamos voltar a ser os amigos que éramos.

Sei que Rico é um bom homem. Honesto, trabalhador e conhece a fazenda como poucos. Sou eu quem mudou e ele parece não perceber, já disse que me vê como era quando adolescente e, por falta de opção, sou mais próximo e gentil com o meu amigo de infância do que com o resto dessa gente.

— Aquele dois são os irmãos Bernades, vieram para a vila a pedido do padre Gregório. Eles moram no mesmo lugar que você, Rio de Janeiro. — Aponta, sem o menor constrangimento ou preocupação de alguém saber que estamos falando da vida alheia como duas moças.

— O que eles querem aqui em Santa Rita? — Mais ciumento do que curioso, preciso saber mais, enquanto meus olhos os observam e percebem que o cara deu um jeito de ficar mais perto e monopolizar a atenção da branquinha do demônio.

A safada desvia rapidamente a atenção para mim porque para ela não foi o suficiente tentar me provocar com a ideia estapafúrdia da ficar em uma barraca de beijo. Agora quer me fazer ciúme ao dar atenção para o menino que parece nunca ter visto uma mulher. Não estou tão perto, mas sua expressão corporal não conta outra história. Os hormônios masculinos do macho estão em festa por estar perto de uma moça bonita e essa moça é justamente a minha mulher.

Não. Porra!

Ela não é a minha garota! É apenas a babá do meu filho!

— Eles são sobrinhos do padre, filhos da irmã dele. Vieram cuidar das melhorias que terá na paróquia — explica.

— Ele é pedreiro? — pergunto, irônico, sem desviar meus olhos da interação dos jovens.

Quanto mais vejo, mais algo dentro mim se agita e já começo a vislumbrar o momento em que irei até aonde estão e tirarei Ella e meu filho de perto do cara.

— Não seja idiota, Diego. — Olho para ele com uma sobrancelha arqueada, esperando que se retrate por tamanha falta de respeito com alguém que, apesar de tudo, é o seu patrão, mas Rico, sem noção como sempre foi, apenas sorri de canto e prossegue: — Pela conversa que rola por aqui, os sobrinhos do padre trabalham com restaurações de obras de arte. No caso, eles vão trabalhar nas imagens sacras da paróquia.

— O padre poderia ter chamado profissionais mais qualificados para um trabalho tão importante para igreja — azedo, digo, trincando os dentes quando vejo o rapaz falar algo ao ouvido do passarinho.

Ela abre um dos seus sorrisos bonitos e, surpreendentemente, olha diretamente para mim, piscando de maneira discreta e que só eu percebo.

Se Rico tivesse percebido, teria feito um dos seus comentários maldosos.

Eu dei uma chance para que fugisse, mas, maior do que o perigo que eu represento, é a sua atração por ele. Se por vezes penso que Ella não tem ideia do que está querendo para si mesma, insistindo em chegar cada vez mais perto de mim, há momentos em que tenho certeza de que, no fundo, ela sabe o que sou e o que precisaria fazer para ficar comigo.

Ella atravessou uma fronteira e talvez seja o momento de eu mesmo aceitar o que é inevitável.

A dor é inevitável.

Macularei a sua alma com a minha escuridão, pois não existe outra maneira de fazer o que nós dois queremos. Não posso mais negar que quero essa menina para mim. Não importa para onde isso nos leve ou o fim que esse envolvimento terá. Só preciso marcar Ella como minha.

— Você está muito a fim da maluca da Ella. — Uma voz ressoa dentro da minha mente e ela parece demais com a voz do Rico. Olho para o lado e o idiota tem um sorriso no rosto.

— Disse alguma coisa? — questiono, apenas para ter certeza de que não estou ficando louco.

— Você está implicando demais para quem não conhece aqueles dois — afirma. — Só pode estar querendo a babá do seu filho, assim como o

garotão ali parece querer.

— Ele não está querendo a moça — aviso, apesar de isso estar bem nítido para qualquer um que os observe com mais atenção.

Sobre ela, prefiro imaginar que não está retribuindo, para o bem da minha sanidade mental e, principalmente...

— E você está?

Olho para ele, que tem uma sobrancelha arqueada e, antes de sair pisando duro e cansado de agir com uma civilidade que não faz parte de mim, não quando se refere ao objeto do meu desejo, apenas aviso:

— Você está demitido.

Dirijo-me para onde eles estão, cansado de fugir e de fingir. De me sentir desafiado como nunca fui antes. Meus olhos encontram os do passarinho, que demonstram medo porque é assim que Ella age. Provoca para chamar a minha atenção, mas não sabe o que esperar quando tem o que deseja. Não sabe se poderia me dar o que eu quero, porque não sabe nada sobre a relação entre um homem e uma mulher. Não sabe nada sobre o que exijo de uma mulher quando ela está na minha cama, à minha mercê.

Por mais que seus olhos implorem, não me sinto capaz de voltar atrás e pensar com racionalidade, assim como não pensei quando a imaginei sendo tocada por outros na maldita barraca.

— Senhor Diego... — Ella é a primeira a falar quando surjo no meio da animada conversa.

Surpreende-me o fato de ela, discretamente, tocar a palma da minha mão, como se o gesto fosse capaz de me passar um recado. Olho para seu belo rosto, que tem pouca maquiagem, porque não precisa de muita coisa para ficar bonita, e ela parece um pouco receosa. Com o meu olhar, pergunto para ela se pensa que vai se safar depois de tudo que aprontou na noite de hoje.

— Pessoal, boa noite — cumprimento ao soltar a mão da Ella, virar-me em sua direção e pegar um Alex muito feliz e cansado nos braços. — Padre Gregório.

Em coro, todos me respondem e não dou espaço para que seus sobrinhos sejam apresentados para mim. Entrego Alex à dona Ester e peço:

— Pode ficar com ele por um momento? Garanto que será rápido.

Com forçada uma simpatia, fito a pequena e ela não diz nada, emudeceu depois de aprontar sem pensar no que viria em seguida.

— É claro, menino — fala e não me importo com a sua mania de me chamar de “menino”, considerando que foi a pessoa que chegou mais perto de uma figura materna para mim, depois de ter sido deixado pela

mulher que me deu à luz.

— Venha, Ella. Precisamos conversar.

Seguro no braço de Ella e vamos para longe do pequeno grupo.

— Me solte, seu ogro! — O momento de rebeldia do passarinho começa assim que não podemos mais ser vistos por ninguém. — Pare de agir como um louco! Primeiro me virou as costas e agora me carrega como se eu fosse um saco de batatas. Você é louco e vai me enlouquecer.

— Você fala demais. Cale a boca, Ella — peço, levando-nos para os fundos da paróquia, o mesmo lugar em que estivemos mais cedo. — O que foi aquilo que eu vi?

— Olhe, Diego, a noite está muito boa e não vou deixar você estragá-la com suas mudanças de humor inesperadas — diz e tenta fugir, mas entro na sua frente.

— Você gosta de agir como se fosse o mais inocente dos seres, não é mesmo, Ella? Faz de tudo para me provocar. Pensa que eu não percebo? Provoca e depois age como se eu fosse louco. Qual é o seu problema?

— Eu... quer saber? Tenho que ir. — Dá passos para frente, mas não deixo que saia.

Só por cima do meu cadáver ela irá novamente para o lado do cara que a olhava como se fosse um pedaço de carne.

O pensamento possessivo — e que é errado em todos os níveis — atravessa a minha mente e deixo que corra livre, pois não vejo mais como frear o que ela mesma desencadeou.

— Quer ir para quê? Ficar de papo com aquele garoto? Será que é tão fácil assim? — A sua mão mais uma vez voa na direção do meu rosto, mas sou mais rápido, pego-a no ar e jogo o seu corpo de encontro à parede.

— Você está completamente descompensado, Diego... — A sua fala fica difícil quando levo o meu nariz ao seu pescoço, tudo com o seu consentimento. — Eu... eu não deveria deixar você... Ai! — protesta, quando mordo a carne macia em que sinto pulsar uma veia.

— Dói? — indago.

— Sim... — murmura, trazendo o meu corpo para mais junto do seu, enquanto lambo o lugar magoado e marcado com o meu dente.

— Quer que eu pare?

— Não, por favor! Não quero que pare. — O tom da sua voz é suplicante.

— Será sempre assim... A dor, no fundo, dá prazer. O perigo, ele

é... excitante.

— O que está querendo dizer? — Ella leva as mãos para os meus ombros e puxa minha cabeça para poder olhar para o meu rosto.

— Isso não tem importância. Agora, você precisa pagar o que me deve. Quero agora, passarinho.

— Pagar o quê?

— Todos os beijos que comprei. — O rosto de menina se transforma em pura surpresa e, com ela, vem a curiosidade e o desejo. Porque Ella é transparente e tudo nela me diz que nada é maior do que a curiosidade que sente de experimentar o desconhecido comigo, mesmo que, no fundo dos seus olhos, eu enxergue o medo.



Capítulo 18



Tudo bem, Ella. Você precisa se acalmar. Não era isso que você queria? Quem estava ressentida por ele ter conseguido manter o controle, mesmo depois de tudo que falou e das promessas sombrias que carrega nos olhos?

Agora, não do jeito que imaginei que seria esse momento nos últimos dias, tenho ele na minha frente, parecendo uma fera faminta, pronta para devorar a sua presa. Diego, apesar de ter agido de modo estranho na noite de hoje, causa em mim sentimentos e desejos que me impedem de agir e pensar com clareza e racionalidade.

A sua forma de me tocar, de me afastar de outras pessoas, como se nem elas e nem a minha opinião sobre o fato de ele querer falar comigo importasse, é errada, eu sei que é. Mesmo sabendo, não consigo me sentir diferente. Não posso negar a excitação de vê-lo exatamente como é, de conhecer a possessividade que me deixa quente e querendo ser dele. De todas as formas possíveis e imagináveis.

— Eu... — começo, depois de um tempo olhando-o, sentindo o calor do seu corpo perto do meu, o olhar que parece invadir a minha alma e a dureza do seu sexo contra a minha barriga.

— Você... — diz, voltando a boca para o meu corpo, tocando no ponto onde fica a junção do pescoço e do ombro.

Ainda sinto o latejar no lugar onde deu a mordida dolorosa a ponto de me fazer sentir vontade de chorar, mas não o suficiente para fazer com que eu desejasse sair correndo. Pelo contrário, além do latejar de dor, também sinto uma vibração no meio das minhas pernas, o que me traz o desejo de esfregar uma na outra para aliviar o inédito tesão que de repente passei a sentir.

— Tenho medo dos desejos que você desperta em mim. Essa pessoa que me torno quando estou com você não sou eu de verdade... — A fala sai quase como um ofegar quando ele, aparentemente tendo esquecido

dos pedidos para que eu não me aproximasse, está cada vez mais perto de mim, tão colado quanto é possível.

Os pelos da sua barba são macios ao tocar a minha pele e pensar nele acariciando outras partes do meu corpo me causa um gostoso arrepio. É por esse tipo de reação que disse que me torno outra quando estou na presença dele, porque tenho desejos que sequer cheguei a ter por outros, antes da sua aparição na minha vida.

— Com você eu me sinto mais perto da luz, porque tudo em você me remete a um passado em que eu sabia o que era ser feliz. Mas você também me deixa mais próximo da escuridão, porque também desperta desejos até então adormecidos, perversões para as quais você não está preparada.

Ele revela tantas coisas, palavras cheias de significado e que, certamente, me farão perder algumas horas de sono tentando lembrá-las.

— Quem é você, Diego Estrada? Por que eu tenho a impressão de que a vida não foi generosa com você? — indago ao segurar o seu rosto com as duas mãos, afastando a sua boca da minha e dando-me conta de que esse foi o mesmo pensamento que tive dois anos atrás com o meu leão ferido.

O homem que carreguei no coração e nos pensamentos, mas que, estranhamente, tenho deixado de pensar com tanta frequência depois que

conheci esse outro leão.

— Você não deveria querer saber sobre o meu passado e nem nada relacionado a mim. Você não deveria estar tão perto e nem deixar que as minhas mãos e minha boca tocassem seu corpo.

— Por que diz isso? Eu quero ficar com você, Diego. Não sei nada sobre uma relação entre homem e mulher, mas desejo viver isso com você. Por que não podemos, se está na cara que quer isso tanto quanto eu?

Apesar de já ter deixado claro até demais o meu desejo por ele, pela primeira vez digo com todas as letras o quão profundamente atraída estou, o tamanho da minha necessidade, mesmo que com tudo venha o medo do desconhecido, das suas palavras que foram ditas para tentar me afastar, mas que não são mentirosas.

— Eu vou te machucar, meu passarinho. O tipo de ferida que macula o corpo e a alma. Você não sabe o que está pedindo, mas eu sei o que estou desejando e as consequências de ir até o fim. Entenda que o que você viu e ouviu não é nada perto do que posso fazer.

— Eu não tenho medo, Diego. Nada do que disse aqui me fez mudar de ideia sobre o que venho querendo desde o início — confesso, porque agora que comecei, nada irá me deter.

— Desde o início? Quando isso começou? Foi no dia em que foi

bisbilhotar no meu quarto? — provoca ao citar o dia em que passei uma das maiores vergonhas da minha vida.

— Não tente me distrair... Ai! — mais uma vez reclamo quando sinto seus dentes, agora no meu ombro desnudo, depois de ele mesmo ter afastado a manga do vestido.

A vestimenta mais sensual que encontrei no guarda-roupa, escolhida especialmente para impressioná-lo, considerando que eu tinha certeza de que ele compareceria, apesar de preferir viver recluso na fazenda e trancado dentro do escritório.

— Pare com isso... — O pedido não tem a menor firmeza. Não enquanto ele tenta me enlouquecer com a sua língua, que chupa onde mordeu e o faz com força suficiente para deixar o meu corpo trêmulo. — Que mania é essa de ficar mordendo?

— Preste bem atenção no que eu vou dizer. — De modo inesperado, ele leva a mão direita até os cabelos da parte de trás da minha cabeça, segura-os com firmeza e não sei se percebe ou se não se importa de estar fazendo isso com força suficiente para machucar. Seus olhos, de repente, se parecem com um bloco de gelo e então sinto o meu coração retumbar dentro do peito. Presa entre o seu corpo e a parede, ouço seu aviso: — Esta é a última chance que estou te dando, precisa entender que essas

mordidas são o que de menos doloroso eu faria se você fosse para minha cama. Se nem isso pode suportar, é melhor que vá embora.

Vagarosamente, mantendo meus olhos presos aos seus, Diego solta o meu cabelo, dá dois passos para trás e então me sinto vazia e desesperada. O calor dá lugar ao frio e, sem pensar, talvez por saber que a reposta não poderia ser outra, encurto outra vez a nossa distância e abraço-o. Encosto minha cabeça no seu peito, sentindo as batidas do seu coração. Está acelerado, embora Diego use uma máscara de frieza e aparente sempre estar no controle das suas emoções.

Seus braços não envolvem a minha cintura, mas eu mesma tiro das suas mãos a escolha de fazê-lo ao segurar seus braços e os colocar em volta de mim. Na penumbra, atrás da paróquia, onde mais ninguém passa a essa altura, estamos juntos e abraçados. Ele, bem maior do que eu, agora me segura nos seus braços fortes e não posso acreditar no que está acontecendo.

Quando me vi com idade para começar a pensar em rapazes como potenciais namorados, foi apenas para perceber, bem rápido, que o que eu buscava não estava em Santa Rita. Via as garotas da minha idade com seus namoradinhos e não sentia vontade de ficar com nenhum garoto, tinha a sensação de que a pessoa que abalaria as minhas estruturas viria de longe. Então Diego apareceu aqui na vila e ele é tudo em que consigo pensar desde

então.

Não ocorreu da forma que aconteceria com qualquer pessoa normal e sei que Diego tem necessidades que desconheço e talvez não possa lhe dar o que espera, mas, ainda assim, não penso em desistir. Preciso começar a viver e sei que, com ele, conseguirei o que busquei por tanto tempo, mesmo que de maneira inconsciente.

— Nós não deveríamos estar fazendo isso, passarinho... — começa, mas eu o impeço de continuar ao colocar dois dedos em cima dos seus lábios.

— Você quer e tenho certeza de que não é um homem covarde.

Fico na ponta dos pés e substituo os dedos pelos meus lábios. Beijo-o de leve, nós dois permanecemos com os olhos abertos, o tempo todo nos fitando. Quando afasto a minha boca da sua, o homem de rosto marcante arqueia a sobrancelha e pergunta:

— O que significa isso?

— Significa que estou apenas começando a pagar a dívida que tenho com você. Sei que comprou quase todos os bilhetes e que tem direito a muitos beijos essa noite — digo, na tentativa de ser ousada, mas talvez o tiro tenha saído para a culatra, já que a sua expressão, que havia suavizado, volta a ficar séria.

— Tenho direito a todos os seus beijos e não só por essa noite — afirma. — E não pense que eu esqueci da sua tentativa de me provocar, nem que estava de sorrisos para aquele cara.

— Quem, o Guilherme? Mas ele é sobrinho do padre e meu amigo — aviso, apesar de ter conhecido ele e a irmã ontem. Chegaram para trabalhar nas obras da paróquia e foram a sensação da vila.

Os rapazes e garotas que ainda estão solteiros ficaram em polvorosa com a novidade, mas a chegada dele pouco me afetou, apesar de Guilherme ser um rapaz bonito. Ontem toda a minha atenção estava voltada para essa quermesse e para a expectativa de ver Diego em ação. Estava certa de que faria algo, que o surto de possessividade dentro do meu quarto não tinha sido à toa.

— Amigo? Quer ser amiga de um cara que quer te comer? Não o deixe se aproximar de você, passarinho. — Agora seus braços não estão me abraçando e sim me prendendo, porque ele parece combinar palavras com ações quando age dessa forma que me faz ter vontade de gritar com ele e depois me esfregar no seu corpo.

Já percebi que o seu jeito tanto me irrita quanto me excita e isso acontece pela simples constatação de que se sente dessa forma por minha causa, que se importa o bastante para não querer que outro sequer chegue

perto de mim. É muito louco, mas é a forma que ele me quer. E antes que tenha tempo de parar para pensar no que implica cada uma de suas palavras, acuso, flertando com o perigo:

— Mandão e possessivo.

— Que seja! Você vai ser minha, Ella. Seus beijos, seu corpo e até seus pensamentos. Eu vou querer tudo! Consegue compreender o que estou querendo dizer?

— Entendo — digo, ainda que não seja totalmente verdade.

A frase que acaba de sair da sua boca é algo que me faz pensar, mas não quero fazê-lo nesse momento. Agora preciso sentir sua boca sobre a minha, suas mãos no meu corpo e ter a certeza de que não está me mandando embora, não está mais me afastando.

Embora não tenha entendido o que quer de mim, estou disposta a dar o que for necessário, desde que tenha mais da sua intensidade, do seu domínio e de tudo mais que estiver disposto a me dar em troca.

— Me beije, passarinho — pede bem baixinho, sussurrando ao meu ouvido. — Esses beijos serão apenas o nosso começo.

Apesar do pedido, o homem não espera e ele mesmo parte para o ataque. Toma a minha boca de uma forma muito dura e que certamente a deixará toda borrada de batom depois que ele se sentir satisfeito. Mesmo com

a surpresa inicial, não me faço de rogada e correspondo-o da forma que sei, como ele mesmo me ensinou.

Diego volta a pressionar minhas costas contra a parede, cola completamente seu corpo ao meu, permitindo que eu sinta sua excitação. Minhas pernas ficam fracas, a minha calcinha se torna úmida e ele, talvez notando as reações do meu corpo, o içá e enrola minhas pernas em torno da sua cintura.

Estou ciente de que é um sacrilégio estarmos dessa forma contra o muro da paróquia, mas está prazeroso demais para que eu consiga fazer diferente. Da forma como estamos, famintos e nos devorando, acredito que ainda ficaremos por muito tempo por aqui e eu não poderia estar mais satisfeita com o fato. É exatamente o que eu queria. Aliás, muito mais do que eu almejava quando, sem qualquer constrangimento, o perseguia.



Capítulo 19



DIAS DEPOIS...

— Mas não era você quem não me queria por perto? Não estou te entendendo. Imagina se quisesse, não é mesmo, senhor Diego? — Estou passando pelo corredor quando o homem aparece, cheio de ousadia, metendo um tapa seco na minha bunda. — Por que parece que, de repente, é o senhor quem está em todos os lugares por onde passo?

— Porque, basicamente, você passa por esses corredores, pela sala e pelo pátio da minha casa. É por isso, garota das flores — diz, da forma como sempre fez, mas agora está diferente. Faz para provocar e não para humilhar.

— Você está me perseguindo? — indago, aproveitando para olhá-lo de cima a baixo, ainda não me acostumei com a beleza e a virilidade desse homem.

É impressionante como a presença dele é marcante aonde quer que vá e é algo natural. Na vila, as pessoas parecem temê-lo com a mesma proporção que sentem respeito, diferente do que acontecia com o pai que era atencioso e talvez até conhecesse cada um da pequena vila pelo nome.

Diego não, ele é educado quando é preciso, mas é sério e distante. Nunca está sorrindo e não faz questão de se aproximar de ninguém. Ele o faz apenas comigo e é apenas em níveis mais básicos, o que por enquanto me deixa satisfeita, considerando que eu poderia não ter nada, como acontece com a maioria das outras pessoas à sua volta.

— O meu pau está te perseguindo. — Ouço sua voz, mas como estava perdida em pensamentos, me pergunto se não ouvi errado. — O meu pau está te perseguindo, até mesmo em sonho.

Depois de falar algo inesperado e que deixa as minhas pernas

fracas e o corpo todo arrepiado, ele desencosta da parede que fica na frente da porta do quarto do bebê e vem para perto de mim.

A cada passo dado, mais forte o meu coração bate, olho de um lado para o outro, vendo se a minha avó ou outro empregado não estão por perto e termino nas suas mãos. Tremo de expectativa e não sei como ainda não joguei no chão os brinquedos que acabo de juntar, só para estar livre para ele, que tem a barba mais macia do mundo — apesar de eu nunca ter tocado em outra. Nem sentido qualquer uma passar pelo meu rosto, ou desejado que estivesse entre minhas pernas.

Depois do que aconteceu na quermesse, tudo entre nós começou a acontecer rápido e intenso demais. Bastou que ele parasse de negar o que nós dois desejávamos quase desde o primeiro momento para a nossa relação mudar da água para o vinho. É como se nós dois estivéssemos recuperando o tempo perdido e agora usamos as bocas para beijar ao invés de discutir. Seus braços e mãos agora me agarram ao invés de me repelirem.

Nós ainda somos as mesmas pessoas. Ele é o leão que às vezes fica distante, frio e que fala coisas enigmáticas. E eu sou aquela que ainda gosta de provocá-lo. A diferença é que agora corremos para os braços um do outro e não em direções opostas.

— Você está vermelha, sabia? O seu corpo fala por você e, neste

momento, ele diz que está pensando em algo que deseja muito, mas ainda não teve. Um toque mais íntimo que você está louca para pedir, mas não o faz com todas as letras porque tem medo da minha resposta. Não aguentaria uma negativa para o que tanto quer. O que tem tirado o seu sono, porque deseja o que ainda não conhece, mas está doida para experimentar.

Com as suas declarações certeiras, a voz forte, levemente rouca e que deixaria qualquer uma sem rumo, Diego vem me agarrar, porque é assim que tem sido entre nós dois nos últimos cinco dias, depois da quermesse e da intimidade que tivemos nos fundos da paróquia.

Foram tantos toques, beijos e mãos bobas, mais suas do que minhas, que eu terminei a noite com a boca e outras partes do meu corpo muito sensíveis. Passei a ficar mais consciente de mim mesma como mulher e ansiar pelo dia seguinte, com receio de que o leão mudasse de ideia. No dia seguinte, quando nos encontramos logo cedo, ele não parecia arrependido ou desconfortável com o que tinha acontecido entre a gente. Pelo contrário, ele me agarrou como fez na quermesse, só que com mais intimidade, já que não existia o tentador perigo de sermos pegos em uma situação comprometedora perante toda a vila.

— Você fala cada coisa... — Já sinto dificuldade de concluir o raciocínio e nem estamos inteiramente colados. Nas minhas mãos ainda trago

um bocado de brinquedos e não poderia estar mais satisfeita com isso, pois estou no meu horário de trabalho e tenho quem me dedicar completamente ao meu pequeno Alex e não ao seu pai.

— A verdade é você ama ouvir — afirma, dando apenas a primeira mordida do dia e o faz no meu lábio inferior. Depois, ele o puxa para dentro da sua boca e, como acontece sempre, sinto vontade de ir até o banheiro e jogar água no meu rosto e pescoço para aliviar o calor. Para o fogo no rabo, provavelmente, seria necessário um extintor de incêndios.

— Eu tenho que entrar agora. — Olho para a porta do quarto do pequeno e ele entende.

— Cadê ele?

— Acaba de dormir. Brincou tanto que cansou — digo.

— Então por que não solta esses brinquedos? — pergunta, mas já está tirando-os das minhas mãos e colocando-os no chão.

Depois, o homem segura minha mão e me leva para dentro do seu quarto. Não é a primeira vez que fazemos isso nos últimos cinco dias, mas não acontece com a frequência que eu desejo.

Diego fecha a porta e me encosta contra ela. Abaixa-se na altura da minha barriga, dá um beijo nela por cima da blusa e depois agarra as minhas coxas. É rápido no seu movimento e coloca as minhas pernas em

volta da sua cintura.

— Estou viciado na sua boca. Só penso em devorá-la e depois vê-la e senti-la quente e habilidosa em volta do meu pau.

— Você está mesmo. Sempre que pode, me agarra com essas mãos grandes e esse corpo muito mais forte do que o meu. Parece um leão querendo devorar a sua pressa — provoco, bem satisfeita de estar trepada em cima dele.

— Mas é exatamente que eu quero: te devorar até que não tenha forças para caminhar. O seu corpo estará tão gasto que não existirá nenhuma parte dele que não esteja consciente de que eu estive em você. Por todas as partes, marcada por mim.

— E por que não faz? — bem direta, me insinuo, pois, quando se trata desse ogro e dos meus desejos por ele, não tenho qualquer limite.

Torno-me outra e nem de longe lembro a garota que alguns pensam que é maluca e outros que é lésbica. Bom, eu nunca acreditei que fosse lésbica, na verdade, gosto muito de homem, principalmente, desse homem.

Um macho com M maiúsculo, cujas mãos fortes e o corpo grande, quando estão nos lugares certos, me deixam com a calcinha molhada, reação física que passa bem longe da pequena fagulha que eu possa ter

sentido em outra ocasião.

— Você está se oferecendo, é isso? — A surpresa, certamente, se deve ao fato de eu estar fazendo isso pela primeira vez, apesar dos amassos que demos aqui no seu quarto e em vários outros lugares desse casarão.

— Estou?

— Você quer que eu te coma aqui? — o homem pergunta enquanto passa a barba pelo meu rosto, sabendo que é um dos carinhos que me deixa mais doida. — Contra essa porta, mesmo sendo a sua primeira transa? — ele provoca e estou certa de que seria capaz disso e de coisa pior.

— Sim... — digo e ofego, porque já estou excitada demais com o seu pau roçando na minha boceta para pensar no que digo.

Sim, a garota que, até dias atrás, não tinha dado um beijo sequer tem pensado na própria vagina como *boceta* e no pênis do patrão como *pau*, mas também não poderia ser de outra forma, não quando ele tem a boca tão suja quanto a de um ator de filmes pornô.

Como eu sei? Talvez eu tenha dado uma olhada ou outra em alguns sites, afinal estou na expectativa de ter a minha primeira transa e não quero fazer feio com um homem tão experiente. Pelo menos o básico eu precisava saber.

— Não vai acontecer, passarinho. Não hoje.

— Mas...

— Tem muitas coisas que você ainda precisa aprender antes de me dar o que eu quero de você. Antes de te comer, quero brincar um pouco com o seu corpo. — Agora está passando a língua quente no meu pescoço, além de roçar a ereção na barriga.

— Brincar? — indago, porque a única brincadeira que tem feito é me beijar sempre que pode e pegar na minha bunda. Não só pegar, ele aperta as nádegas e também as estapeia e o faz com força considerável, pois meus olhos se enchem de lágrimas, as palavras de protesto ficam na ponta da minha língua, mas ele nunca permite que elas saiam, antes toma minha boca com a sua e o protesto de dor é substituído pelo prazer de sentir sua língua em contato com a minha. De sentir que o meu beijo lhe dá tanto prazer.

— Sim, brincar, branquinha. Tem coisas quero fazer com você... — afirma e uma sombra passa pelos seus olhos quando se interrompe. — Além do mais, tem um tempo que eu não transo...

— Quanto tempo? — A pergunta vem com um tom de ciúme, algo que não cabe entre nós dois, não ainda. Talvez nunca.

— O bastante para ter que tomar cuidado com a intensidade da vontade que tenho de comer você. Está difícil, mas, se queremos fazer isso pelo tempo que ainda me resta aqui, tenho que te ensinar da maneira menos

dolorosa como será o nosso sexo. — Enquanto fala isso, ele já não está mais se esfregando ou fazendo qualquer safadeza. Apenas me tem agarrada nele, porque o assunto é sério.

Sempre que fala em ir embora, algo que eu já sabia que aconteceria desde o dia em que soube da sua chegada na cidade, uma dor forte comprime o meu peito, porque simplesmente não consigo mais enxergar minha vida sem a presença do meu bebê. Ele, que em tão pouco tempo deu mais cor a minha vida, embora eu já me considerasse uma pessoa feliz.

Tem também esse homem misterioso, que não deixa que eu me aproxime mais fisicamente. Ele é alguém que, de alguma forma, traz a vitalidade de que a minha vida sem grandes perspectivas estava precisando. Eu nem sabia que estava, mas cada minuto na sua presença me mostra que tinha alguma coisa faltando.

— Tudo bem, eu tenho que ir — falo, tentando me soltar, sem conseguir esconder o meu incômodo de sempre quando o assunto é a sua volta para o Rio de Janeiro.

— Você não vai para lugar algum! — Pega-me com mais força e, se não fossem os pensamentos nada bons que rondam a minha mente, estaria toda ferosa, porque já admiti para mim mesma que amo a sua pegada bruta. O toque que me deixa marcas, mesmo que não as faça de caso pensado.

Quando acontece, seus olhos ficam diferentes, noto algo que não sei discernir ou talvez até saiba, mas não quero acreditar que sinta prazer em me ver dessa forma.

— O Alex, ele...

— Acabou de dormir e não acordará tão cedo.

— O que quer?

— Primeiro beijar a sua boca e depois...

— Depois? — antecipo, ansiosa, já voltando a entrar no seu clima de sedução, até porque sei que não adianta nada ficar me martirizando por algo que será inevitável.

Ao invés de sofrer, preciso aproveitar o meu pequeno e esse homem que me faz perder noites de sono e, quando acontece, sonho que estou na sua cama ou no galpão onde o feno é estocado, fazendo atividades mais quentes do que beijos.

— Espere que eu vou te mostrar, passarinho ganancioso —
Diego termina de falar e decide que a conversa acabou.

Ele leva a mão para os cabelos da parte de trás da minha cabeça, bem perto da nuca, lugar onde o couro cabeludo é bem mais sensível e o segura com firmeza. É dessa forma que ele gosta de me dominar quando

estamos nos beijando. Sinto o incômodo e uma fisgada de dor, mas seus lábios e sua língua a tornam suportável. É estranho porque ainda sinto a dor de ter o cabelo puxado, mas ela fica em segundo plano, é quase como se fizesse parte do prazer.

Assustadoramente, me dou conta de que talvez não me sentisse da mesma forma caso o leão fosse diferente.

— Me dê sua língua — pede, depois de um demorado toque de lábios, em que estivemos os dois com os olhos abertos, nos fitando intensamente, como é a atração cada vez mais forte entre nós.

— Quero que esqueça tudo que não seja nós dois. Agora vamos avançar mais um pouco e preciso que me dê tudo o que tem: seu corpo, seus desejos e seus pensamentos. Tudo é meu, você é minha, Ella.

Com os lábios, ele chupa a minha língua para dentro da sua boca, em um vai e vem que me faz revirar os olhos. As mãos, que estavam no meu cabelo e cintura, descem para a minha bunda e então Diego começa a esfregar o pau na minha boceta. Ele se curva de uma forma que nos deixa em contato direto e tudo o que eu faço é gemer e molhar minha calcinha.

— Você está muito quente, passarinho — afirma Diego, meio desnorteado de desejo, e depois continua: — Vamos para minha cama.

Capítulo 20



Com certa dificuldade para andar, devido a ereção que sustento nesse momento por causa dessa garota que está me fazendo agir como um adolescente com os hormônios em erupção por causa de mulher, levo-a para minha cama, lugar onde tenho feito o máximo de esforço para não a trazer, pelo menos não agora quando não estamos preparados para transar. Melhor dizendo, ela não está, pois eu estou mais do que pronto e esse é justamente o problema.

Desejo foder essa mulher com uma intensidade que poderia estragar com tudo, já que estou tentando introduzi-la com mais calma no

mundo do prazer, da intimidade entre sexos opostos e que se desejam como acontece conosco.

Não posso dizer exatamente em que momento aconteceu, mas agora a atração que sinto por essa menina beira à insanidade. De forma alguma ela é a mulher mais bonita que já conheci, apesar de não poder negar que é sim uma moça bonita em sua simplicidade. Ariella tem muito mais. Talvez seja a sua personalidade rebelde, mas que flerta com a submissão quando está nos meus braços. Talvez seja o cheiro do seu perfume floral ou a forma que ama o meu filho. Apenas sinto que o desejo se tornou mais forte do que sou humanamente capaz de resistir.

Simplesmente não posso pensar no erro que é me envolver com a jovem babá do meu filho, quando não consigo ficar no mesmo recinto que ela sem que esteja desejando entrar na sua calcinha. Foder sua boceta e, para começar, surrar sua bundinha, que é redonda e macia de pegar.

Ela tem despertado sentimentos controversos em mim, porque, embora seja a pessoa que faz com que eu me sinta contente, o que é muito mais do que tenho sido nos últimos anos, ela também me deixa inquieto. Olhar para ela é sentir os meus mais obscuros desejos cada vez mais perto. É querer mostrar como existe beleza na dor, quando sei que é uma ilusão.

Ariella parece representar a luz e a escuridão que há em mim e

eu me sinto atraído da mesma forma pelos dois lados.

— Diego... — começa a protestar, notando que estou há um tempo em pé, somente observando-a estirada sobre a cama com o *short* de malha, que deixa suas longas pernas de fora e a blusinha que exhibe metade da sua barriga.

— Senhor Diego — eu a corrijo, abrindo os dois primeiros botões da minha camisa, tirando meus sapatos para ficar mais à vontade e deixando de lado tudo que não seja esse momento.

— Mas...

— Mas nada, passarinho. Você precisa entender que sou eu quem está no comando aqui. Eu exijo e você faz. Eu mando e você obedece, estamos entendidos? — indago, curvando meu corpo sobre o seu para que veja de perto que estou falando sério sem, contudo, deitar-me sobre o seu corpo, como tenho ganas de fazer.

No seu rosto, observo a surpresa pelo que ouviu, mas ela não se atreve a protestar, na verdade, faz o oposto.

— Está bem...

— Aqui no quarto e em qualquer outro momento de intimidade nosso, eu serei o senhor Diego. Diga, Ella — peço porque tenho a necessidade de ouvir e saber que está em minhas mãos, que é toda minha.

— Senhor Diego.

Ouvir sua voz macia e doce faz coisas por mim que nem uma hora ininterrupta de foda dura com qualquer outra mulher faria. Um lado meu que ela mesma trouxe à tona e que precisa ser alimentado luta para tomar o controle e me convencer a comê-la com força neste exato momento, jogando para o alto o cuidado que já dura cinco dias de beijos e alguns toques que tornam a vontade ainda maior.

Para o sádico, o que tem a necessidade subjugar-la de todas as formas, vê-la deitada sobre essa cama, à minha mercê para que eu possa fazer o que eu bem desejar, é uma enorme e irresistível tentação. Sentir o seu calor e o cheiro da sua excitação, saber que está tão molhada, tudo é demais para mim e o meu pau não poderia estar mais duro.

Não poderia estar mais fora de controle como nesse momento. Ela parece ter sido feita para a fera adormecida que não quer amá-la, mas sim devorá-la, tocá-la de um modo que sua marca nunca seja esquecida...

— Di... Senhor, por que está me olhando dessa forma?

Essa voz... Esse rosto...

— Eu quero que tire o *short* — peço, porque não consigo ser forte, os meus desejos imediatos são maiores do que eu. Porque, de alguma forma, preciso prová-la.

— Mas...

— Agora, Ella!!! O que foi que nós acabamos de conversar, menina? Você faz o que eu peço.

Como sabe que estou falando sério, leva as mãos até o elástico do short de malha e começa a descê-lo.

— A calcinha fica — ordeno e seu o rosto se tinge de vermelho, pois, apesar de me querer e não se envergonhar em demonstrar, ainda não tem experiência para controlar suas emoções.

Quando a peça passa pelo meio das suas pernas, chego mais perto e a ajudo. Pego o pedaço de pano e jogo-o aos pés da cama.

Sei que está constrangida por conta da sua calcinha branca — tinha que ser branca — e que não foi feita para seduzir um homem. Da minha parte, ela não poderia me importar menos, porque estou mais interessado em tê-la sem a peça.

A minha visão chega a ficar turva quando avisto a mancha mais escura na parte da frente da peça íntima, o que evidencia o quanto me deseja, como quer que eu a foda, da mesma forma que eu quero fazer.

— Você não tem ideia do que essa imagem faz comigo, esse cheiro de mulher com tesão. — Abaixo-me sobre ela, que apenas me acompanha com o olhar, cheia de expectativa. — O quanto você me quer

aqui, garota das flores?

O meu dedo indicador a toca em cima da mancha mais escura e, como não pode disfarçar os seus desejos, a branquinha não se constrange em roçar uma perna na outra em busca de alívio para o desejo sexual não satisfeito, depois de dias em que apenas a provoco. Beijo sua boca da forma como faria se estivéssemos transando. Toco nos seus seios entre um corredor e outro. Já lhe encontrei no roseiral e nos beijamos enquanto o Alex estava distraído brincando com terra. Já fomos aos estábulos e onde fica armazenado o feno. Foram beijos e toques que nos trouxeram a esse momento de pura frustração sexual.

— Se eu soubesse que poderia me controlar, te comeria agora mesmo, no meio da tarde, enquanto o nosso pequeno dorme tranquilo aqui do lado, onde qualquer um poderia estranhar o nosso sumiço. E eles não imaginariam que você estaria sendo comida pelo seu dono. Da forma que quis desde o início.

— No início, eu não... — tenta falar, mas os movimentos dos meus dedos na sua boceta fazem com que as palavras morram pela metade dentro da sua boca.

— No início, sim. Da mesma forma que você me impressionou, mas eu não queria admitir porque, apesar de ser irritante, também é linda e

cheia de vida.

— Por favor, Diego...

— Senhor!

— Senhor Diego — corrige-se.

— O que você quer, passarinho? Me fale — peço, quando seguro as laterais da sua calcinha e começo a tirá-la. Faço porque não aguento mais esperar.

— Dói — diz e não creio que precise falar mais nada.

— Você ainda não sabe nada sobre dor, Ella — aviso, curvando-me sobre ela e beijando seu rosto e depois o canto da sua boca.

Sentindo-me ganancioso, não me contento em ter apenas a visão da sua pequena boceta, preciso de muito mais e então subo sua blusa. Felizmente, o fecho do sutiã é frontal e não tenho a menor dificuldade para desnudar os seios pequenos e rosados.

— Quer a minha boca aqui? — Não espero pela resposta e abocanho o mamilo rosado, enquanto, com a mão livre, brinco com o outro, apertando-o com força suficiente para fazê-la protestar.

— Ai! Isso doeu...

— Quer que eu pare? — indago, só para ouvi-la, pois sei que

não iria parar, daria um jeito de fazê-la desejar esse tipo de toque, como pretendo fazer quando formos até o fim.

— Não pare! Dói, mas eu gosto... — fala e sua afirmação faz o meu pau sacudir porque, mesmo que ainda não entenda, ela sente prazer com as mesmas sensações que eu. Em cinco dias, comecei a ensinar-lhe a minha forma de dar e sentir prazer e a branquinha está aprendendo e gostando.

Sente a dor do aperto e dos beliscos no seu mamilo, mas se concentra nas sensações da minha boca quente e gananciosa. Com suas reações, ela me mostra que eu não estava tão errado quando escolhi viver a atração que nos unia e dar ao meu corpo o que ele vem pedindo há anos.

— Eu não vou parar, gostosa! Isso aqui é só o começo do que tenho para você. — Com uma última e vigorosa chupada, passo para o outro seio e dou uma única lambida. Sei que deve estar dolorido e latejando, mas é assim que eu quero que esteja, pois o latejar da dor é igual ao latejar de tesão da sua boceta.

— Senhor...

— A sua voz suplicando dessa forma me faz desejar passar o dia inteiro aqui, socando na sua boceta virgem. Ver o meu pau tingindo-se de vermelho por causa do rompimento do seu hímen. Eu farei isso com você, passarinho, e você será minha pelo tempo que essa nossa relação durar. Diga

que é só minha e que ninguém, além de mim, tocará em você. Fale, garota das rosas.

— Sou... sua... — fala enquanto desce a mão para o meio das próprias pernas, mas não tenho certeza se realmente sabe no que implicam as minhas palavras.

— Não se toque, linda. Sou eu que vou fazer isso por você. Nunca faça sem que eu esteja presente, isso não é um pedido, Ella — falo com seriedade ao tirar a camisa, a calça e ficar somente de cueca. Não a tiro porque sou capaz de socar de uma vez na sua boceta e não é disso que ela precisa hoje.

— Apenas faça... — implora, quando a puxo pelas pernas mais para o meio da cama e me ajoelho aos pés dela. Agora suas pernas estão nos meus ombros e o meu rosto está muito perto do seu centro apertado, do jeito que eu vinha desejando.

— Fazer o quê? — provoco e, com a ponta do dedo, aliso o meio de suas dobras, que está deslizando pela umidade do seu desejo.

— A boca ou o dedo... — sugere e eu acho curioso.

— Como você sabe? — indago, mesmo que não devesse estranhar o seu conhecimento do que, em tese, acontece entre quatro paredes com um casal.

— Vi em um filme — sem filtro, responde e a minha mão cai sobre sua coxa. — Aí, seu louco! — Tenta se sentar, mas eu a empurro com a mão e ela cai deitada novamente.

— Não assista filmes pornô, branquinha. Aquilo não tem nada a ver com que farei com você. Além do mais, não quero que veja o pau de outros homens — ciumento, digo.

— Eu não acredito.

— Se ousar me desobedecer, menina, será castigada.

— Você gosta de ameaçar, mas não faz nada, ainda estou esperando que cumpra as ameaças que fez na quermesse... — ela me provoca, mesmo pirando por estar sendo masturbada com os meus dedos que entram e saem superficialmente do seu canal apertado.

— Não sabe o que está falando, garota das flores. Eu sabia que você estava doida pelo seu castigo, pois é curiosa demais para que seja diferente, mas estava esperando o melhor momento e talvez ele tenha chegado — aviso, arreganhando suas pernas e dando a primeira e longa lambida na sua boceta.

O seu cheiro é inebriante; e o sabor, viciante. Se pudesse, perderia algumas horas do meu dia só para ficar comendo-a com a boca e os dedos.

— Hum... como isso é bom... — Contorce-se sobre a cama quando a chupo com maior força.

Abro as suas dobras com os dedos e então encontro seu clitóris durinho. Passo a língua vagorosamente, de uma forma que a deixará implorando.

O meu próprio tesão está nas alturas, ficou maior depois da primeira prova do seu sabor e por isso levo uma das mãos até a cueca e tiro o meu membro para fora.

De joelhos perante uma mulher, comendo sua boceta com a boca e me masturbando com a mão. É isso que me vejo fazendo. É a esse extremo que o meu desejo por uma menina me leva. Nunca fiquei ajoelhado e agora estou assim, perante uma boceta virgem.

— Senhor... Por favor... Eu preciso... — começa a implorar no mesmo instante em que os movimentos de vai e vem no meu pau ficam mais vigorosos e necessito de todo o controle para não gozar na minha mão.

— Você quer gozar, não é mesmo, sua safada? — Com a respiração um pouco difícil, coloco-me em pé, deixando-a trêmula e necessitada.

Deito-me parcialmente sobre o seu corpo, sustentando o meu peso nos braços, para não o colocar todo em cima do seu, que é bem pequeno

em relação ao meu, e então começo a esfregar o meu pau duro e cheio de porra para liberar na sua boceta molhada de desejo e da minha saliva.

A sensação da fricção dos nossos sexos é tão gostosa que eu preciso beijar a sua boca para que consiga pensar em outra coisa que não seja meter com força até o talo. Rasgá-la e torná-la mulher. Está tão molhada que seria fácil, muito fácil.

Eu me livraria da sua virgindade e então poderia fazer o que quisesse com ela. Apenas um movimento e estaria dentro... Sentindo o seu calor me apertando como um punho de ferro.

— Porra, Ella! Eu preciso tanto te comer. Vou enlouquecer se não fizer isso... — digo contra seus lábios, mordendo com força o inferior. Forte o bastante para sentir o gosto metálico de sangue.

Ella está tão louca de desejo que não protesta, apenas geme e se esfrega no meu pau.

— Então faça... Por favor, eu estou aqui... — A sua frase faz com que eu recobre minimamente a razão e é o suficiente para que não faça algo de que poderia me arrepender depois.

Sou eu quem tem que controlar o meu corpo e não o contrário.

— Não hoje. Você não está merecendo — digo e saio de cima dela.

Não estava planejando que fosse dessa forma, mas foi como tudo aconteceu e a garota precisa aprender uma valiosa lição.

— Vista-se e saia do meu quarto, Ella — digo e ela parece não acreditar no que está ouvindo, assim como eu não acredito no que estou falando.

Na minha intenção de castigá-la, estou me castigando também.

— Está me mandando embora depois de tudo o que fez comigo?

— Você não estava esperando o seu castigo? Pois então aí está ele. Você não vai gozar. E não ouse se tocar, Ella, porque, acredite, eu saberia se fizesse.

— Seu... Seu... Ogro dos infernos! — esbraveja, frustrada e irritadíssima ao pular da cama e se dirigir pelada e melada na direção da porta.

— Ella...

— O que foi, porra? — Volta-se para mim, olho para o seu corpo gostoso de cima a baixo e assim ela entende. — Você vai me pagar por isso — ameaça e não o faz aos gritos, pelo contrário, está tão calma que não resta a menor dúvida de que está falando sério.

— Ella — começo ao chegar bem perto dela, deixando inclusive

que a minha ereção toque sua barriga. — Não ouse me desafiar. Será pior para você. — Fecho a mão em volta do seu pescoço sem imprimir força, seus olhos se alarmam e eu apenas colo os nossos lábios.

O beijo é para ser leve, o passarinho tenta aprofundar, mas eu não permito.

— Vou tomar banho — digo para uma Ella muito irritada e frustrada. — Não ouse se aliviar sozinha. — Viro-lhe as costas, deixando-a perplexa e sabendo que terei um bom momento a sós com a minha mão, enquanto imagino que estou comendo a boceta virgem da minha rosa selvagem.



Capítulo 21



Envergonhada... Não, envergonhada é uma palavra forte demais para o que estou sentindo nesse momento. Seria até hipocrisia falar em vergonha, depois de tudo o que fizemos. Irritada seria a palavra correta. O ogro safado me fez querer abrir as pernas — abri, na verdade — para depois se virar e se esconder no banheiro.

Agora estou tremendo e com o corpo pegando fogo por desejar algo que ele não vai me dar. Mas a culpa é minha por ser tão fácil para ele, por deixar que me agarre no meio de tarde, quando o meu dever — que faço com prazer — é cuidar do meu fofinho. Ficar me agarrando pelos cantos com

o leão ogro é uma atitude que eu não deveria ter e que qualquer pessoa condenaria.

Pior é saber que não quer nada além de sexo. Que ainda pretende ir embora e levar o Alex com ele. Se pudesse, faria qualquer coisa para mantê-lo na cidade, mas nada é mais certo do que o seu desejo de virar as costas para a vila e toda a nossa gente. Eu posso até estar doida por esse homem, mas ainda não esqueci do meu objetivo de fazê-lo abrir os olhos e não desistirei até conseguir. Diego pode ir embora e levar junto o meu coração, mas não deixará minha gente nas mãos do Bráulio. Isso eu não permitirei.

É uma questão de honra!, determino enquanto, apressada, luto para colocar novamente a minha roupa ou, pelo menos, parte dela. Felizmente, o quarto do pequeno é integrado com o dele e assim conseguirei me recompor no banheiro de Alex. Só não posso aparecer na cozinha com a cara de quem estava na cama com o patrão. A minha avó já tem me olhado de maneira estranha.

— Que soninho gostoso, meu amor. — Ao chegar perto da cama, não resisto e beijo o topo da sua cabeça. — A sua Ella vai se refrescar rapidinho. Sabe como é, o dia hoje está extremamente quente...

Por alguma razão, sinto a necessidade de me explicar para um

menino que tem dois anos de idade, mas, no fundo, sinto-me incomodada com outra coisa. Antes de ir para o banheiro, olho para a cômoda infantil que está na frente da cama e lá está ela. Em um porta-retratos, a mulher muito bonita me encara e então fico com a sensação de que estou fazendo algo errado.

Pego o porta-retratos, aliso o seu rosto e me pergunto qual foi a sua história. Se foi feliz e como foi a sua relação com o leão. Não sei nada acerca da vida da mulher que deu à luz ao meu anjinho sem voz, que foi a esposa do homem com quem estive há pouco. Por alguma razão, pensar nela me faz sentir que estou desrespeitando sua memória, por isso procuro não pensar muito.

No banheiro, olho-me no espelho e tenho a impressão de que tem alguma coisa diferente no meu rosto. Pareço realmente alguém que estava implorando para ser penetrada? Ou será que é a vergonha na cara que há pouco não tive? Não creio que seja realmente uma garota depravada, tanto que cheguei aos 19 anos virgem de tudo. O problema é Diego. Óbvio que é ele.

Diego Estrada, o homem que aparentemente não tem qualquer tato, considerando que vive trancado entre essas paredes, tem muitas habilidades com as mãos e a boca e não posso imaginar quantas mulheres

foram necessárias para que ele tivesse tanta experiência. Não que eu tenha outro ponto de comparação, mas para me transformar em uma devassa e louca por algo que nunca tive, deve ser alguém muito bom no que faz.

Os toques do lenhador vão além do simples prazer, estão sempre acompanhados de dor, o que torna as experiências ainda mais intensas. Diego me fez descobrir que, além de safada, quando estou nos seus braços também sou masoquista. É bastante perturbador perceber que suas judiações não me deixam com vontade de sair correndo. Pelo contrário, o susto inicial me faz ficar na expectativa pelo que virá a seguir.

— Você precisa se confessar, Ella! Isso não pode ser normal. Toda essa perversão ... — em voz alta, digo a mim mesma, depois de jogar água no rosto e pescoço, na tentativa de me recompor, antes que o meu menino acorde todo manhoso e carente de atenção.

A fim de livrar meu corpo e meus pensamentos das lembranças do que aconteceu, rapidamente termino de limpar o meio das minhas pernas e de ajeitar a minha roupa.

De volta ao quarto, noto que Alex não está nem mesmo se mexendo e então, para não correr o risco — pequeno, já que tenho certeza de que ele se trancou no escritório — de encontrá-lo pelo caminho, pego o livro que estava lendo ontem e sento-me na cadeira macia, que fica próxima à

grande janela que faz vista para o pátio.

O leão e eu já estamos há alguns dias nos agarrando por aí. Na verdade, desde o dia da quermesse, em que ficou decidido por ele mesmo que não iria mais resistir ao que queremos, mas nunca fomos tão longe quanto hoje. Nunca deixei que ele tocasse minha vagina e muito menos que colocasse a boca lá. Hoje lambia tanto que parecia muito com o que faz quando está beijando minha boca.

Não me constranjo pelo que permiti que ele fizesse comigo, porque sei que fiz porque desejo muito os toques mais íntimos, estou mesmo é frustrada por não termos ido até o fim. Não fomos porque ele foi mais sensato e nos parou antes.

Diz que quer, mas não faz.

Você é doido, Diego estrada, penso, prometendo a mim mesma que não irei mais ser tão fácil para ele, assim como não deixarei barato a expulsão do seu quarto, que me deixou completamente insatisfeita.

Passa-se mais de uma hora até Alex começar a se mexer e acordar. Já começa a anoitecer e por isso eu dou banho nele e o levo para a mesa da cozinha, lugar onde costuma jantar todas as noites com o pai. Na casa até tem uma sala de jantar, mas, segundo a minha avó, Diego prefere fazer as refeições na cozinha, pois diz que não há necessidade de arrumar a

mesa de jantar apenas para ele o filho.

— Isso está cheirando que é uma maravilha, vó — elogio ao colocar o pequeno sentado em sua cadeirinha. Silencioso, mas muito alegre, como uma criança da sua idade deve ser, Alex está distraído, brincando com dois carinhos em cima do tampo da mesa.

— Fiz frango assado na brasa com batata, eu tenho certeza de que o menino vai gostar — gaba-se, feliz em poder agradar o patrão de quem ela tanto gosta, mesmo que ele seja muito distante.

A minha avó guarda boas lembranças, mas está claro que ele não é mais a mesma pessoa. O “menino”, como gosta de chamá-lo.

Menino! Só mesmo a minha avó para chamar um homem daquele tamanho, barbudo, másculo e gostoso de menino.

— Boa noite — Pensando no capeta... Ele se apresenta em toda a sua beleza, que me faz sentir vontade de socá-lo e depois beijar sua boca, quase encoberta pelos fios macios e bem cuidados.

— Boa noite — eu e a minha avó respondemos em uníssono, mas não faço questão de olhar nos seus olhos.

Como faz o que quer e acha — com razão — que está no comando e pode controlar tudo e todos, principalmente a minha pessoa por conta de uns beijos, Diego se senta bem na minha frente, logo depois de

beijar a cabecinha do filho.

— Agora que já chegou, acho que posso me preparar para ir embora. Vou subir e arrumar minhas coisas — aviso, porque, se existem algumas noites em que fico para jantar e dormir, essa com certeza não será uma delas.

Não que isso vá mudar alguma coisa na vida do homem, mas na minha vai. Além de não querer papo, depois da forma como me mandou embora, preciso colocar a minha cabeça no lugar, entender o que sinto de verdade por esse homem. O que faz com que eu me torne essa pessoa que sente vontade de experimentar tudo o que ele propõe. Que se oferece para uma experiência que todos dizem ser ruim na primeira vez e sem ao menos levar em conta a velha informação. Só por hoje, preciso de um tempo de Diego Estrada.

Amanhã será diferente, ele que não pense que ficaremos pelos cantos do casarão, nos agarrando como dois adolescentes com hormônios em ebulição. Ele não vai dar uma de idiota e esperar que eu aja como se nada tivesse acontecido.

— Fique para jantar — pede porque está na frente da minha avó, mas na verdade está me dando uma ordem.

O problema é que, apesar de gostar do seu jeito mandão,

dominador e possessivo nos momentos de intimidade, ainda não sei como me sinto quanto a isso em outros momentos. Apenas estou certa de que hoje não estou nem um pouco a fim de ser a garota obediente que ele quer.

— Agradeço a gentileza, senhor Diego. — Coloco ênfase no *senhor* e tenho certeza de que a minha avó está de olho para comentar depois. — Mas não estou com fome. Além do mais, tenho que preparar minhas rosas para vender na praça. — Levanto-me, não permitindo que continue a tentar, se é que era essa a sua intenção — A senhora me espera só um instantinho, vó? — Ela balança a cabeça em confirmação e saio da cozinha com a consciência tranquila, porque sei que Diego coloca o filho em primeiro lugar e o ajudará a se alimentar sem que faça uma bagunça tão grande na tentativa de ser independente e acertar a colher na boca.

Não dura nem 20 minutos a minha ida até o quarto que ocupo. Dá tempo de tomar apenas um banho rápido, pentear os cabelos molhados, vestir-me e juntar os pertences pessoais que levo e trago todos os dias na bolsa.

Quando desço, encontro os dois homens da casa na sala, Alex brincando com os carrinhos no tapete e o ogro em pé, olhando na direção da escada. Tento ignorar, passar para a cozinha, mas sou interrompida pelo seu aviso:

— A sua avó já foi. Pedi para Tony levá-la em casa.

— Mas eu pedi que me esperasse.

— Eu disse que temos que falar alguns assuntos sobre o meu filho e que depois te levaria em casa.

— Está tudo bem com o meu bebê? — Alarmada, vou até ele e, aparentemente, está tudo em ordem. Alex brinca como sempre faz.

— Está tudo bem com o seu bebê. Quem não está bem é o pai do bebê.

— O que você tem? — Não faço nada quando me abraça por trás, enrolando os braços na minha cintura.

— Estou frustrado e puto com você, menina. O que te leva a crer que pode brincar comigo? — pergunta.

Diz que está puto, mas já está chupando meu pescoço feito um vampiro.

— Não estou fazendo isso... — Eu, mesmo estando firme na decisão de que preciso pensar e que não devo lhe dar tanta ousadia, não posso evitar sentir prazer com a boca tão deliciosa, que morde com força e depois chupa o lugar dolorido, gestos que mandam mensagens direto para o meio das minhas pernas.

— Está assim porque não te deixei gozar mais cedo?

— Você é maluco, homem.

— Não sou em quem conversa com flores — acusa e sinto que minha cara está queimando de vergonha. Em algum momento ele deve ter me visto nos roseirais e isso não deveria ter acontecido. O meu momento com as minhas flores é apenas meu e de mais ninguém.

É por isso que alguns me chamam de maluca, mas não me importo e nunca deixaria de falar com elas por causa disso.

— Então se afaste. Sou maluca e posso ser perigosa.

— Você ainda precisa aprender algumas coisas antes de irmos até o fim...

— Está bem, agora me deixa ir embora, está ficando tarde e...

— Boa noite. — A voz masculina nos assusta e faz com que ele se afaste de mim. — Não sei se estou atrapalhando alguma coisa...

— Não está! — apresso-me em negar, olho do visitante para Diego e o ogro parece não ter ficado satisfeito com minhas palavras.

O que ele esperava? Que eu dissesse que estávamos discutindo sobre quando faremos sexo?

— Guilherme, o que faz aqui?



Capítulo 22



— Boa noite, Ella. Senhor Estrada. — Aproxima-se de onde estamos, estende a mão e Diego demora tanto para aceitar que, por um momento, cheguei a pensar que ele fosse deixar o outro no vácuo, causando um constrangimento maior do que estou sentindo neste momento.

Será que deu tempo de ele ver e entender que estávamos nos agarrando no meio da sala?

— O que faz a essa hora na minha casa? — pergunta e não faz questão de esconder a sua insatisfação com a presença de Guilherme.

Acredito que já o conheço bem o bastante para saber que, por baixo da postura fria, está furioso, simplesmente porque ele é e sente dessa forma. Sente-se possessivo com tudo o que diz respeito a mim e deixou claro que não gostou da proximidade do rapaz no dia da quermesse.

Guilherme é um homem bonito e muito galante, mas essa informação Diego não saberá, pelo menos, não pela minha boca. Não precisa saber que o outro tem demonstrado certo interesse desde o nosso primeiro encontro, uma atenção que foi sutilmente dispensada, porque, de uma forma ou de outra, meus olhos estão voltados para Diego desde o dia em que ouvi a minha avó citar seu nome do meio de uma conversa.

— Desculpa a invasão, senhor, mas eu estava passando aqui por perto e encontrei a sua avó, Ella.

— Ela está bem? Aconteceu alguma coisa com a minha avó? — Intenciono ir em sua direção, mas Diego segura a minha mão. — Me solte. — Puxo com força e ele, surpreso com a minha reação, não diz nada.

— Calma, está tudo bem com ela, apenas me pediu para fazer um favor. Como estava aqui por perto, pediu para que eu viesse te pegar. — A respiração que eu estava prendendo sai aliviada quando ele termina de falar, mas o alívio logo se transforma em incredulidade.

Como a minha avó pôde pensar em algo assim?

Primeiro que não tenho intimidade com ele para que faça um pedido desses. Segundo que isso complicará ainda mais a minha relação com o leão, que agora tem o maxilar cerrado. Ainda não disse nada, mas aposto que está se mordendo de ciúme.

— Não precisa se incomodar, Guilherme.

Mas não precisava mesmo!

Por outro lado, Diego bem que está precisando de uma lição. Não pode achar que vai ser um ogro, que irá me deixar frustrada e ficará por isso mesmo. Mesmo que esteja cometendo um erro, aceitar a carona do Guilherme é a melhor coisa a se fazer, até porque, seria estranho resistir, ainda mais depois de ele ter nos flagrado agarrados na sala.

Não teria o menor problema em ser vista com Diego de uma forma que extrapola a relação de trabalho, o problema é que todos sabem que ele vai embora e eu não quero ser vista como a garota que é boa para o homem rico ter um caso, mas não boa o suficiente para fazê-lo repensar suas decisões. Para fazer com que ele se abra para algo que vá além do sexo que quer fazer comigo.

— Não é incômodo nenhum, garota. Será um prazer e, como eu disse, estava passando aqui por perto da fazenda.

— Eu irei levá-la em casa.

— Não precisa se incomodar, senhor Diego — digo, fazendo a minha melhor expressão de inocência para alguém que sabe que de inocente eu só tenha a cara. — Guilherme já estava indo para a vila mesmo... Eu irei com ele.

— Ella... — O seu chamado é como um aviso, mas eu escolho desafiá-lo, já pensando nas consequências. Da outra vez, pensei que ganharia outro tipo de castigo, não que fosse me atirar e deixar na mão. Consola-me saber que ele também ficou.

— Guilherme, você poderia me dar só um instante? Tenho que me despedir do pequeno. — E da fera do pai dele.

— É claro, estou indo para o carro. Boa noite, senhor Diego. — Não espera pela resposta que não viria e deixa a casa.

— Meu pequeno, amanhã a Ella está de volta, tudo bem? — Agacho-me para ficar na altura do seu rosto e ele me abraça apertado.

Quando ele volta para a sua brincadeira, chego perto do Diego, mas ele me pega antes que eu diga alguma coisa.

— Quer me enlouquecer?

— Mas, Diego...

— Eu estou com ciúme, porra! É isso que você quer? — Ele me

deixa surpresa com a confissão, abro a boca umas três vezes, mas ele não me deixa falar e pede: — Vá com ele.

— Diego...

— Vá! Não deixe que ele a toque, nem mesmo na sua mão. Promete? — Ele parece atormentado e eu aceno em confirmação, porque não temos mais nada para falar hoje.

O homem está no seu modo ogro e já se fechou dentro de si mesmo. Ainda que eu dispensasse a carona, de nada adiantaria porque ele se trancaria dentro do maldito escritório e não falaria comigo. Ainda não consegui atravessar sua armadura, nem acredito que algum dia conseguirei. Diego é muito possessivo, mas não está disposto a me dar nada que não seja sexo. Saber disso me entristece, não deveria, já que ele nunca me enganou, mas me entristece porque gosto dele e, no fundo, acredito que um dia será diferente.

— Está tudo bem com você? — Guilherme indaga quando, perdida nos meus pensamentos, me sento no banco do carona.

— É claro, só estou um pouco cansada. Aquela criança tem uma energia — digo uma meia verdade, pois Alex, apesar de ser como qualquer criança, não me dá tanto trabalho. O motivo do meu cansaço se chama Diego Estrada.

— Amanhã estará novinha em folha — gentil, ele afirma.

— É claro.

— Sem querer ser invasivo, mas você e o senhor Diego...

— Não! Claro que não! — nego antes que conclua, mas a minha cabeça grita:

Sim! E que boca gostosa e habilidosa aquele homem tem. Lambeu, mordeu e chupou a minha boceta de uma forma que parecia que queria me devorar.

— Foi uma bobagem que passou pela minha cabeça. O homem tem uma vida no Rio de Janeiro, não deixaria tudo para trás. — Sem se dar conta, ele joga os fatos na minha cara e atiça minha curiosidade.

— Você o conhecia antes de vir para cá? — Sei que eles moram no mesmo lugar, mas também sei que é um Estado muito grande.

— Já ouviu falar no romancista Ângelo D' Ávila?

— O que escreve erótico? — Como eu poderia não conhecer se ele é um dos meus autores favoritos?

Para uma pessoa apaixonada por romances adultos, a lista de nomes é enorme, mas com certeza ele se sobressai, justamente por ser homem, quando geralmente são mulheres que escrevem o gênero. Não só por

ser homem, mas também por ter a escrita primorosa e por saber escrever casais cheios de química. As cenas de sexo são as melhores, elas são tão bem detalhadas que é impossível não imaginar que o homem vivenciou tudo o que escreve.

— Esse mesmo. Ele nunca chegou a revelar sua identidade e todos sabem que se trata de um pseudônimo, mas, há alguns anos, começou a rolar o boato de que talvez ele fosse Diego Estrada, marido da socialite Larissa Estrada, e não lembro porque esse boato começou. Foi um pouco antes de ela falecer e o senhor Diego não negou o boato e nunca mais foi visto. A história virou praticamente uma lenda urbana. O homem recluso que pode ou não ser um escritor famoso.

É com puro espanto que escuto tudo o que sai da boca do Guilherme. Ele me revela fatos sobre a vida do meu ogro que eu jamais ouviria da sua boca.

Não posso crer que seja ele quem escreve todas aquelas safadezas que adoro ler até tarde da noite. Que a maioria das informações que penso ter sobre sexo, aprendi através dos seus livros, que são quentes e românticos ao mesmo tempo.

— Você, que está com ele todos os dias, já viu alguma coisa? —
tão curioso quanto eu, pergunta.

— Não vi nada — minto, porque não quero comprometer o leão, mas acredito que seja perfeitamente possível, já que passa tanto tempo trabalhando no escritório.

A única certeza que tenho é de que farei de tudo para descobrir se ele é o tal escritor e de que não lerei os livros do homem da mesma forma. Já estou até me vendo relendo as cenas e imaginando nós dois fazendo todas as safadezas.

— De qualquer forma, ele tem a vida dele no Rio, impossível se envolver com você ou com qualquer outra moça daqui de Santa Rita.

— Pois é, impossível.

Apesar das informações ficarem martelando na minha cabeça, Guilherme felizmente muda o rumo da conversa e não toca mais no nome do Diego. Metade do caminho eu o deixo falando sozinho, mas me interessa quando começa a falar da cidade grande e de como por lá existem vários negócios prósperos que envolvem paisagismo. Revela até que tem amigos do ramo que pode me apresentar, caso tenha interesse de aprender mais e leve a sério a venda de rosas.

Quando para na frente da minha casa, agradeço a carona e as dicas, além de desviar de mais uma de suas tentativas de me chamar para sair. Guilherme é um cara legal e respeitoso, o problema está em mim, que só

penso no leão.

— Cheguei, vovô e vovó! — da sala, grito, me jogo com bolsa e tudo sobre o sofá e eles vêm da cozinha.

— Vou preparar o seu jantar, minha querida — avisa e volta para a cozinha.

— E eu vou me deitar porque o dia hoje foi duro. Boa noite, minha neta. — Dá um beijo na minha testa e se dirige para o quarto.

Depois que ele some, solto a minha bolsa e vou para a cozinha. Sento-me à pequena mesa e não faço rodeio para perguntar:

— Por que pediu para o sobrinho do padre me dar carona?

— Ele estava por perto.

— Dona Ester...

— Minha filha, o rapaz está interessado em você e é um homem de bem.

— Eu não estou interessada nele — aviso.

— Não está porque gosta do menino e eu não estou gostando nadinha disso, Ariella.

— Eu não...

— Não negue porque eu te conheço. Ele também parece gostar de você de alguma forma, mas sinto que não é o suficiente, minha filha. Diego não pertence a esse lugar e eu não quero te ver sofrer — preocupada, diz.

— Eu sei me cuidar, vó. Não precisa se preocupar comigo.

— Não pense que não vejo vocês dois de cochicho pelos cantos, que não noto quando somem pelo campo e sabe-se Deus para onde.

— Eu levo o pequeno para tomar sol e colher as flores e ele, às vezes, vai ver como anda a lida com o gado e com as rosas — minto, porque nas vezes em que saio, Diego vai atrás de mim como um leão faminto. Nunca perde a chance quando temos a oportunidade de ficar a sós.

— Não quero que chegue perto do quarto dele, você é uma moça de família. Sabe que as pessoas desse lugar falam sem motivos, imagine se tiverem.

— Não faria isso, vovó.

Ela não sabe da missa a metade... Não só me deitei na sua cama, como deixei que tirasse a minha roupa e chupasse a minha boceta. Pior, fui eu mesma quem o incentivou a ir até o fim.

— Sei que não.

Dou um sorriso amarelo e começo a comer a canja que acaba de colocar na minha frente. Com medo de que faça mais pergunta, engulo a refeição o mais rápido que posso, despeço-me dela e vou para o meu quarto.

Tomo um banho e não faço o que Diego me proibiu de fazer, mesmo que a vontade seja grande. Depois de escovar os dentes, deito e pego o primeiro livro do Ângelo D' Ávila que encontro na minha pilha. Olho por um tempo para a capa, como se ela fosse me dar alguma resposta para as suspeitas de todo o Rio de Janeiro e que agora também são minhas e, antes de dormir, leio algumas cenas aleatórias, as mais quentes — como não poderia deixar de ser — e me excito ao pensar que ele pode ser o autor por trás de tamanha intensidade e por imaginar nós dois no lugar dos mocinhos.

Estou completamente nua, de joelhos sobre a luxuosa cama de casal. O quarto não é como os outros, as paredes são rústicas e tudo aqui tem o tom de verde. As suas mãos se aproximam dos meus olhos e então ele os cobre com um pedaço de tecido preto.

Envolta na mais completa escuridão, fica apenas a certeza de que terei horas de prazer e dor. Ou seria dor e prazer? No fim, a resposta não importa, porque, para ele, ambas as sensações estão intimamente ligadas.

Capítulo 23



— Você não deveria estar aqui, cara. A sua esposa está para dar à luz e você está aqui, se divertindo com outras mulheres.

— Por que não cuida da sua vida? Não é porque deixo que você me veja comer algumas mulheres que isso te dá o direito de se meter na minha vida pessoal — digo.

Hoje, a noite está fraca e não consigo parar de pensar no quanto a minha vida é uma merda, no mar de insatisfação em que vivo submerso desde que reneguei o meu passado, a minha essência.

É isso que eu faço quando tudo se torna difícil demais. Venho para esse clube fazer sexo. Com uma, duas ou três, não importa, eu nunca me sinto plenamente satisfeito, porque muito mais do que o meu corpo, é a minha alma que precisa de alívio para a tormenta que faz morada dentro dela.

— Querem ir para o quarto? — pergunto para duas gostosas. E elas não escondem a satisfação de serem as escolhidas da noite. — Duas garrafas de vodca, por favor — peço para o cara do bar, enquanto observo as mulheres, uma negra e uma loira, e torço fortemente para que deem conta do recado, porque hoje eu só preciso esquecer.

Foi a noite em que eu transei até não ter mais forças para mexer um músculo sequer. Fiz porque, mais do que nunca, não queria lembrar, queria me afastar pelo menos por algumas horas de quem sou.

E quem eu sou? Sou um homem que vive em uma casa de luxo, tem uma esposa linda e grávida. Pena que nada disso é o bastante. Pena que meu casamento é uma merda, que a minha esposa foi uma filha da puta e que eu não consiga perdoá-la.

A minha incapacidade de perdoar a deixou doente e eu me sinto cada vez mais cansado dela, do lugar e de todos que me rodeiam. Só por um momento, nem que fosse por um segundo, eu gostaria de poder reviver a

sensação dos meus pés pisando na terra, de sentir o perfume das rosas e a brisa suave enquanto galopo em meu cavalo...

— Diego. — Com duas batidas na porta, Tony me livra de entrar em um espiral de lembranças ruins, imagens, falas e acontecimentos que estão tão nítidos na minha memória que eu poderia escrever sobre eles ou mesmo pintá-los em uma tela. Certamente é o meu castigo, um que carregarei para o resto da minha vida.

— Pode entrar, Tony.

— Só vim avisar que estou indo para o meu chalé... O que está acontecendo, cara? Você está bem? — Ele entra e a cena que vê não é inédita.

Estou sentado na frente de uma garrafa de vinho que já está no final. Depois do dia de hoje, entorpecer meus sentidos é tudo do que preciso.

— Você e essa sua mania de se meter na minha vida, não é mesmo, Tony? — Amargo, bebo mais um gole.

— Você precisa superar o passado, homem. Dois anos já se passaram...

— O que eu preciso superar, cara? O fato de ter matado a minha mulher ou estar doido por uma garota que é inocente demais e que não merece ficar perto de alguém como eu?

— Diego, você não tem culpa da morte da Larissa, tem que aceitar isso, ela estava doente. — É o que diz, mas só porque é meu amigo. — E quanto a menina, se está se referindo a Ella, tenho certeza de que é mais esperta do que você pensa e sabe muito bem onde está se metendo.

— Hoje eu estive por um triz de...

— De?

— Não vou te falar da minha relação com a Ariella. Bata a porta ao sair.

Ele me deixa sozinho e então volto a fazer o que mais tenho feito nos últimos dia: pensar na garota espevitada.

Fui longe demais no quarto, mas não tão longe quanto eu gostaria. Também não fiz o que gostaria quando não a tranquei dentro do meu quarto para que não fosse para casa com aquele filho de uma puta. Tive que guardar para mim mesmo todas as formas que pensei de esganar o idiota que está a fim de uma mulher que já tem dono.

Dono.

Não queria pensar dessa forma porque, até pouco tempo, isso não fazia mais parte de mim ou pelo menos eu não queria que fizesse.

Deixei que fosse, mas foi só porque não queria dar na vista o que

acontece entre a gente na frente de outro cara, não quando Ella não quer ficar mal falada na cidade. Agora, com o redemoinho de emoções que existe dentro da minha mente, estou louco para ir até ela e só não o faço porque não tenho com quem deixar o meu filho. Ele dorme, mas...

Não! Não posso fazer isso!

Nem que eu passe a noite inteira em claro esperando, terei que ficar aqui. O meu Alex sempre virá em primeiro lugar. Jamais o deixarei sozinho para ir atrás de uma garota que nem é importante para mim.

— Droga! — O resultado do meu descontrole emocional é a taça de vidro sendo espatifada na parede.

Ela saiu com outro homem... E se ele tiver ousado tocá-la...

— Alô, Tony? Você pode voltar aqui, por favor? — Quando dou por mim, já estou ligando para o meu amigo e segurança.

— O que houve, homem? Algo com o pequeno? — Ele entra apressado e me encontra na sala, caminhando de um canto para o outro, como uma fera enjaulada.

— Ele está dormindo e eu preciso que você fique de olho nele.

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada. Vou rapidinho ali na vila. Preciso resolver um

problema e não posso deixar para amanhã.

Realmente não posso, até tentei, mas tenho que ver a porra da menina ou sou capaz de enlouquecer. Ela tem aproximado os monstros que tenho escondido e será ela a acalmá-los.

— Vai atrás da garotinha?

— Não faça perguntas! — Sem esperar por mais outra provocação, pego as chaves do carro e o deixo na sala. Confio nele e sei que nada acontecerá ao meu pequeno enquanto eu estiver fora.

Eu preciso conversar com você. É urgente. Estou indo para a sua casa.

Mando a mensagem de texto no seu celular antes de dar a partida. Ela visualiza e logo responde.

Você não pode vir até aqui, ainda mais a essa hora da noite! Enlouqueceu? Viraríamos notícias em toda Santa Rita.

Você não vai me dizer o que fazer, Ariella. Se estivesse tão preocupada com a sua reputação, não teria saído com outro homem quando eu tinha dito que iria te levar em casa.

Está bem, seu ciumento! Me encontre no campo de rosas. Darei um jeito de sair daqui.

Não vai sair sozinha, é perigoso.

Esse lugar é tudo, menos perigoso, Diego, além disso, de bicicleta são apenas cinco minutos daqui.

Te espero na entrada do campo. Tome cuidado, se acontecer alguma coisa com você, eu irei castigá-la.

Não gosto dos seus castigos!

Leio e um sorriso involuntário se abre em minha boca, mesmo que esteja perturbado por sua causa. Diz não gostar de castigos, mas os terá aos montes, porque é petulante demais. Está longe de ser uma submissa, algo que terei de ensiná-la.

— Eu não acredito que você me fez sair da cama a essa hora. Já é mais de 22h, homem! — reclama quando se aproxima do carro e eu saio do veículo.

É engraçado a forma como ela fala tão admirada pelo horário, quando no Rio de Janeiro, a essa hora, a noite está apenas começando.

— E eu não acredito que saiu de casa com essa roupa! — Olho para o seu corpo, muito delicioso, coberto por um *short* bem fino e curto e uma blusa transparente e de alças finas. É transparente e posso ver seus mamilos. Está sem sutiã e aposto que sem calcinha também. — Não tem juízo? Às vezes me pergunto se tem mais do que 17 anos.

— Desculpe se não pensei em colocar uma roupa — rebate, com o nariz em pé.

— Venha aqui. — Seguro sua mão e nos levo do meio da estrada para dentro do campo de rosas. A terra, que está envolta na quase completa escuridão, é iluminada apenas pela luz da lua e por alguns lampiões, estrategicamente colocados. — Você já fez demais por um dia, garota atrevida. Está merecendo...

— Mereço o que, senhor leão?

— Merece uns tapas bem dados nessa bunda para que aprenda uma ou outra lição. — Ela dá de ombros e, com isso, extrapolo os limites do que poderia suportar das suas provocações para um único dia. — De costas.

— Mas...

— Eu disse: vire-se de costas, passarinho! — sussurro, firme. O dia hoje foi intenso, preciso liberar a minha frustração e só pode ser com ela, que é tudo de bom e de ruim que tem acontecido desde a minha chegada aqui.

— O que pretende?

— Eu preciso te marcar, branquinha. É mais do que precisar, é uma necessidade. — Ofegante e com o coração aos trancos dentro do peito, mordo o lóbulo da sua orelha, enquanto levo a mão livre para o elástico do seu *short*.

— Marcar como? Vai doer?

— A princípio sim, mas, no fim, eu te farei gostar e implorar por mais. Só me deixe te tocar, passarinho, só dessa vez.

— Sim... — Ofega quando sente a minha mão entrar no seu short e lentamente ir descendo pelo seu sexo, tocando-o só com a ponta dos dedos.

Aos poucos, introduzo dois dedos de maneira superficial, brinco por alguns poucos minutos até conseguir deixá-la muito molhada, do jeito que eu preciso que esteja nesse momento. Afasto-me do seu corpo e ela protesta.

— Não, Diego...

Não presto mais atenção nas suas palavras, porque agora os meus olhos estão fixos na sua bunda. O meu sangue esquentava nas veias e o meu pau fica tão duro que chega a doer.

— Ella, eu preciso que conte até cinco.

— Para que... — Quando o primeiro tapa atinge a banda esquerda, ela dá um sobressalto, mas não diz nada, nem mesmo um som de protesto. O segundo cai sobre a outra banda e o passarinho continua em silêncio, suportando a fisgada de dor que deve estar sentindo. Bato controlando a força porque não a quero assustar nesta primeira vez, já basta

que esteja fazendo dessa forma.

Uma, duas, três... cinco bofetadas e que vão ficando mais fortes a cada golpe. Na última, os seus soluços já não podem mais ser disfarçados e o seu corpo todo sofre espasmos pelo choro copioso.

— Meu passarinho, eu não queria... — Ouvindo o som das suas lágrimas, fico horrorizado com a perda do meu controle, em ver até onde fui capaz de ir sem antes prepará-la. A garota está assustada.

Ela não é como eu. Como eu pude me enganar tanto?

— Perdoe-me, eu não queria te machucar. — Foi o que fiz e esse será apenas mais um erro adicionado à minha lista. — Deixe-me te levar para casa.

Viro de costas, mas sou impedido quando sinto o seu corpo se colar ao meu por trás. Ela me abraça e mais uma vez a cena de um passado não tão distante volta à minha mente. De imediato, viro-me de frente para ela, analiso o seu rosto banhado de lágrimas e continuo me recusando a acreditar que seja a minha garota das flores.

Mas por que eu sinto que é ela?

— Você não me machucou, Diego. Pelo menos, não da forma como está pensando.

— Não minta para mim, branquinha. Não faça isso para me agradar, errei com você.

— Eu só estou assustada. É disso que você gosta, não é? Por isso fica falando tantas coisas estranhas e que eu não consigo entender.

— Disso e muito mais.

— Eu posso entender — fala ao me abraçar.

— Isso não é uma coisa que se possa entender, Ella.

— Faça de novo, só mais uma vez. Eu preciso que faça. — A sua voz e até os seus olhos mostram sinais de súplica e sinto que é demais para que eu possa resistir.

Essa garota é a minha fraqueza.

— Vire-se. — Quando está na posição, estapeio a sua banda esquerda só mais uma vez e bem de leve, em seguida, levo a mão até a sua boceta por dentro do *short*.

— A dor nunca é só dor, amor. Ela tem um propósito, sempre tem. Conosco, se você deixar, será o prazer sem limites. — Estoco algumas vezes, adorando a sensação de senti-la tão quente, mas não permito que goze.

Eu a viro de frente e não é preciso que eu diga nenhuma palavra, apenas uno as nossas bocas e o passarinho corresponde com avidez, como se

não tivesse acabado de ter a sua bunda surrada, como se ela não estivesse ardida, vermelha e formigando. Super sensível, o que me faz desejar estar em outro lugar para cuidar dela. Para beijar e lambe cada pedaço de pele avermelhada, o que seria um prazer para ela.

O meu pau dá uma sacudida só pelas ideias que passam na minha mente e por isso o beijo se torna mais intenso. A minha boca devora a sua, que corresponde da mesma forma. A minha língua envereda na sua repetidas vezes e os únicos sons que são ouvidos no lugar escuro são das nossas salivas sendo trocadas e do balançar das rosas. As suas preciosas rosas.

Quando precisamos respirar, aos poucos, diminuo o ritmo e, no fim, antes que nossas bocas se afastem por completo, já estamos com os olhos abertos, nos fitando em silêncio.

— Você me bateu... — fala em um fio de voz, porque só agora a sua ficha realmente caiu.

— Bati.

— Será sempre assim?

— Nem sempre, dependerá do nosso tesão do momento, do que eu quiser. Se você quiser também. Se me aceitar, eu tenho tantas coisas para te ensinar.

— Por que...

— Não tente buscar explicações, Ella. Eu sou assim e não tem nenhum trauma por trás, é somente a minha forma de dar e receber prazer. Sinto prazer em infligir dor. Agora você entende por que eu não queria que chegasse perto de mim? Que não me deixasse te tocar? Você, Ariella, despertou um lado meu do qual eu estava tentando fugir.

— Você se excita com a minha dor?

— Sim. Só penso na delícia que será ver a sua pele vermelha, nas marcas que eu deixarei pelo seu corpo. Porque saberei que fui o responsável, que só eu posso fazê-las em você, porque o seu corpo me pertence. Posso fazer a sua bunda arder, mas também posso te mostrar o prazer que vem depois.

— Eu jamais pediria para que me batesse — afirma, se afasta e me vira as costas. — Eu estou tão confusa. Não sei se posso lidar com isso. Como eu posso ter... ter..

— Permitiu que eu surrassse a sua bunda e...

— Não fale mais nada.

— Por que deixou que eu te batesse? Será que é por que também quer isso?

— Não! Eu não sou assim! — nega com veemência, mas seus olhos não mentem. — Sabe por que eu fiz? — Ella volta a se virar na minha direção, agora recomeçando a chorar, e emenda: — Eu gosto de você e mesmo que não entenda as suas preferências, eu faria só para te agradar.

As suas palavras são como um soco no estômago e então, por um momento, fico sem saber como reagir.



Capítulo 24



— Faria mesmo? — indaga ao passar os dedos pelo meu rosto. No seu, vejo que, pela primeira vez, o deixei sem saber como agir depois da minha afirmação equivocada.

Agora, apesar da paixão, começo a entender o porquê de ele ter insistido tanto para que me afastasse quando demonstrava estar atraído por mim como sempre estive por ele. Diego é um homem de desejos e emoções muito complexas e, se eu deixar, passará por cima de mim feito um rolo compressor.

— Acho que sim. — Retiro a certeza de minha afirmação anterior, pois, apesar de estar gostando muito dele, mais do que ele imagina, existem limites que desconheço e não sei se estaria disposta a ultrapassá-los.

— Você fode com a minha mente, passarinho. — Ele levanta a mão na direção do meu rosto, na tentativa de acariciá-lo, mas não permito que o faça. A compreensão do que acaba de acontecer me abate por completo e perco o rumo.

Diego me bateu.

Diego meu bateu e eu deixei!

Diego sente prazer em infligir dor...

Eu acho que senti prazer com a dor que ele me causou.

É só no que consigo pensar, enquanto eu o olho.

— Olhe, sei que você deve estar...

— Eu tenho que ir para casa, por favor. Preciso de um tempo para pensar no que aconteceu aqui e não será com você e no meio de todas essas rosas que conseguirei fazer isso.

— Não, você não vai! — afirma e me prende dentro dos seus braços.

— Você não vai me dizer o que devo ou não fazer, Diego! Eu

não vou aceitar isso, porra! — Pela primeira vez me imponho e ao invés de se assustar com a minha reação, ela parece satisfeito.

Ele é louco!

Ou será que a louca aqui sou eu?

— Ella, o meu dia hoje foi fodido, estou cansado para caralho. Só me deixe cuidar de você.

O ogro fala de cansaço e eu o vejo estampado no seu rosto. O meu coração fica apertado e tudo o que eu quero é abraçá-lo, fazer com que se abra e converse comigo. Sei que algo o atormenta e eu só queria entender o que é, porque se não for assim, eu jamais poderei chegar realmente perto dele.

— Eu não sei... — digo, incerta, mesmo que no fundo já saiba a resposta que quero dar.

Não quero deixá-lo ainda. Não depois de tudo que acabou de acontecer.

Não quando tenho a bunda ardida, mas também a calcinha molhada. Quero ficar por mais tempo olhando para os seus olhos, tentando entendê-lo e quem sabe me entender também, já que de alguma forma o leão está me fazendo descobrir coisas que eu mesma não sabia ao meu respeito.

— Posso, pelo menos, te levar até a sede por 10 minutinhos? — pede e, mais uma vez, vejo traços de humildade nele. Não está ordenando, como prefere fazer.

— Para quê? Com quem você deixou o meu bebê? — preocupo-me tarde demais, só agora lembrando que ele veio até aqui já tarde da noite.

— O Alex está dormindo, mas deixei o Tony na sede para ficar de olho nele e, quanto à sua pergunta, preciso olhar sua bunda.

— Diego! — repreendo, sentindo o meu rosto quente.

— Não é isso que está pensando, sua safada. Quero apenas verificar como está a situação e cuidar de você.

— Eu não...

— Por favor — insiste e sei o quanto deve estar sendo difícil para ele agir dessa forma quando está acostumado a exigir.

— E depois eu vou embora — afirmo, tentando convencer a mim mesma.

— Tudo bem.

Como o campo fica muito perto da porteira da fazenda, o suficiente para ir andando, é o que fazemos. Também não acredito que conseguiria me sentar em qualquer superfície, não com a bunda ainda

dolorida.

O nosso caminhar pela noite fresca é feito no total silêncio, ele com os seus pensamentos e eu com os meus. Os mesmo de sempre.

Deixei que Diego surrasse a minha bunda e depois deixei que me beijasse, como se o mundo fosse acabar naquele momento. Mesmo com o latejar no traseiro, quando estava entre os seus braços possessivos, só consegui me concentrar nas sensações do beijo, na sua língua tocando a minha e mandando correntes elétricas para o meio das minhas pernas, o centro que pulsa e sente falta do que ainda não teve dentro de si.

Foi só quando me permiti ter um pequeno lampejo de bom senso que me dei conta do quão longe estava deixando que ele fosse comigo. Em nome da paixão que sinto por um homem que não ficará comigo por mais do que alguns dias. Ele pretende ir embora, mas o que restará de mim depois disso?

O que farei com as marcas que ele deixará no meu corpo e no meu coração?

Ao adentrarmos a sala, vejo o *Armário* quase cochilando sentado no sofá e com o celular em cima da barriga. Diego dá um pigarro e ele quase pula, todo alarmado.

— Você já pode ir, Tony. Obrigado pela força — diz, cheio de

pressa. Diego dispensa o homem e ele, malicioso, arqueia uma das sobrancelhas e depois olha demoradamente para o meu corpo, fazendo com que eu me incomode com a roupa que visto.

Quando Diego mandou a mensagem, eu primeiro me assustei, imaginando que poderia ser algo com o meu pequeno, mas logo me acalmei, chegando à conclusão de que estava perturbado por causa da carona que o Guilherme me deu. Naquele momento, só pude pensar em uma forma de sair da maneira mais discreta possível e não lembrei que sair de pijama não combinava em nada com a minha ideia de discrição.

A roupa é curta, levemente transparente e não achei que seria necessário vestir calcinha para dormir.

— Se não quer que eu arranque os seus olhos, aconselho que pare de olhar para a minha mulher. Saia daqui neste exato minuto e esqueça que um dia a viu com tão pouca roupa.

A forma de ele falar é tão séria e perigosa que faz o homem que chamo de *Armário* sair correndo como um garotinho de 12 anos.

Minha mulher.

Não queria me iludir e nem dar tanta importância para isso, mas... porra! Ele disse mesmo que sou a sua mulher!

Se controle, perna de graveto! Isso não deve significar nada

para ele. Deve ter várias mulheres lá pelo Rio de Janeiro.

— Vamos para o quarto? — convida, dirigindo-se a mim, depois de alguns minutos em silêncio.

— Não pode ser aqui? Se me der um analgésico, creio que resolverá. Amanhã estarei novinha em folha — sugiro porque lembro do que aconteceu mais cedo quando ele me levou para o seu quarto.

Se passei o resto do dia maldizendo-o por ter me deixado frustrada, agora desejo exatamente o contrário. Preciso que não me olhe da forma como está fazendo neste momento, que não queira começar com os seus beijos indecentes e suas mãos grandes pelo meu corpo. Não consigo resistir e, no momento, preciso colocar os meus pensamentos em ordem, me convencer de que o que aconteceu no roseiral não é normal. Ficar mais segura de que ele está equivocado com a ideia de que eu possa gostar de ser surrada.

Tudo bem que ele já vinha me dando uns “tapinhas” entre um beijo e outro, mas não como fez no campo, não de uma forma que me fizesse começar a entender que é disso que ele gosta. Acredito que isso é apenas o começo das suas preferências.

— Venha aqui.

— Não — digo só porque sei que ele não gosta e que me pegará

de qualquer forma, como acaba de fazer, antes mesmo que eu conclua o pensamento...

O ogro me joga em cima do seu ombro e ainda mete o tapa na minha bunda já magoada.

— Seu ogro! — Meto uns murros nas suas costas e ele não se abala.

Quando entra no quarto, se dá apenas ao trabalho de ligar o interruptor e depois me joga de costas sobre a cama. O contato direto com o colchão faz com que os meus olhos se encham d'água, mas me seguro para não chorar mais na sua frente.

— Me perdoe, meu passarinho. Não era para ter feito isso. — De joelhos, sobe na cama e, dessa vez, com cuidado, me vira de bruços.

Eu prefiro ficar em silêncio e apenas esperar pelo que ele tem em mente. Acredito que já fiz demais por hoje. Agora, sinto-me cansada e não quero pensar em mais nada, não nesse momento. Escolho me deixar levar por ele e o que tem em mente para a sua ideia de *cuidado*.

O seu corpo paira sobre o meu, sinto sua respiração perto do meu ouvido e isso me causa um gostoso arrepio. Morde a ponta da minha orelha e, quando a voz sai, o tom é rouco.

— Você me pertence, Ariella. Não posso mais voltar atrás, já fui

longe demais — sussurra, passando a mão por dentro da minha blusa, alisando as minhas costas, um carinho oposto aos tapas na bunda. — Diga que me pertence.

— Eu pertenço a você — afirmo porque me sinto dessa forma. Quero entender o que ele e eu fizemos, mas também sei que amanhã, no primeiro encontro que tivermos, desejarei que me pegue com seus beijos famintos e mãos bobas.

— Branquinha, você irá sentir prazer com tudo o que faremos na cama, seja o sexo lento ou o violento. Irá implorar por cada experiência que te darei — afirma e eu estremeço.

Depois, Diego sai e sinto a falta do seu calor nas minhas costas. Dou uma espiada e o vejo olhando fixamente para a minha bunda. Em seguida, desce o tecido até o meio das minhas pernas e os olhos ficam mais escuros do que são naturalmente.

Sinto quando as duas mãos acariciam as minhas bandas e um calor começa a se alastrar pelo meu corpo, começando na pontinha dos dedos dos pés. O toque no local sensível é acalmado pela mão que não parece ser tão pesada. É uma mistura inebriante de agonia com o prazer de estar sendo acariciada pelo leão. Diego acalma a dor que ele mesmo provocou e não lembro de ter estado tão consciente da minha sexualidade quanto estou nesse

momento.

— Está gostoso, não é mesmo? — A sua fala está mais para uma afirmação do que para uma pergunta. Certamente chegou a essa conclusão por conta do gemido que deixei escapar.

— Humm — murmuro.

— Isso é só o começo, branquinha — avisa e começa a cumprir sua palavra quando a língua dá a primeira lambida.

Com uma mão, acaricia uma das nádegas enquanto a outra recebe a atenção de sua língua. É tão íntimo e a sensação do molhado no quente faz a umidade se juntar no meio das minhas pernas. Quando passa a acalmar a outra banda com a língua, já estou esfregando uma perna na outra e, sem pudores, roçando o meu corpo no colchão, em busca de alguma fricção.

— Como você é receptiva, minha bela... — Diego fala, em determinado momento, e depois pede: — Fique de quatro para o seu homem. Preciso te comer tanto quanto você precisa gozar.

O homem não deixa que eu tenha tempo de ter qualquer reação, ele me segura pela cintura e me puxa para que fique sobre os joelhos. Pega um travesseiro que estava perto da minha cabeça e coloca por baixo da minha barriga. Agora eu estou de quatro, a famosa posição que vi nos poucos filmes

adultos que assisti na vida e li nos seus e nos demais livros eróticos que costumo devorar. Estou exposta para suas mãos e seus olhos e tudo que posso sentir é expectativa.

Estou excitada de uma forma que já não me importo se irá bater na minha bunda ou em qualquer outra parte do meu corpo, desde que depois me dê o prazer que senti com as carícias da sua boca quente e hábil.

— Você tem a boceta perfeita.

Para o elogio, fico na dúvida de devo permanecer calada ou agradeço, afinal de contas, ninguém nunca a elogiou.

O meu devaneio é interrompido com a sua primeira chupada, que começa desde o meu ânus e vai até o clitóris. Dá uma, duas, três.... sete chupadas longas — sim, eu tive que contar para distrair a minha mente do tesão e conseguir manter o peso do meu corpo nos joelhos e cotovelos —, até que começa a usar a mão para afastar os meus lábios vaginais. A sensação é tão boa que não aguento mais do que duas chupadas mais intensas para sentir o meu corpo convulsionar e os meus joelhos cederem.

A sensação é de estar em queda livre e, quando os pés tocam o chão, o corpo está leve, plenamente satisfeito. Acabo de ter o meu primeiro orgasmo e foi pela boca do homem que tem sido o primeiro em todas as minhas experiências importantes e sei que será em algumas que nem estou

planejando.

— Comer a sua boceta com a boca pode perfeitamente se tornar a minha refeição diária — diz ao subir novamente o corpo para cima do meu. — Sente? Está assim por você. Só por você, passarinho. — Diego esfrega a ereção, que está escondida dentro da calça, entre as bandas da minha bunda e já recomeço a ficar assanhada.

A sensação que tenho é de vazio. Algo que nunca tive, mas que agora parece essencial. Depois de ter sido tocada por ele, sinto a falta de algo entre as minhas pernas. Do seu comprimento dentro de mim. Em mim, por todas as partes. Sei que é insano, principalmente porque nunca experimentei, mas, agora, depois de descobrir o verdadeiro significado de sentir prazer, não posso ler uma cena picante, não posso assistir a uma cena de sexo, sem desejar que nós sejamos os protagonistas. Sem fantasiar com o seu pau invadindo-me, lentamente, até o fim.

— Gostosa! — Faz movimentos que simulam mais duas arremetidas e então se joga ao meu lado, de costas sobre o colchão. — Ella, me fale que ele não te tocou.

— Então tudo o que aconteceu no roseiral, a sua necessidade de me ver, foi por causa da carona que o Guilherme me deu?

— Me responda! — Puxa-me pela cintura para cima do seu

corpo e eu sou tão pequena que fico tranquilamente equilibrada.

— Não — digo, escondendo o seu convite para sair.

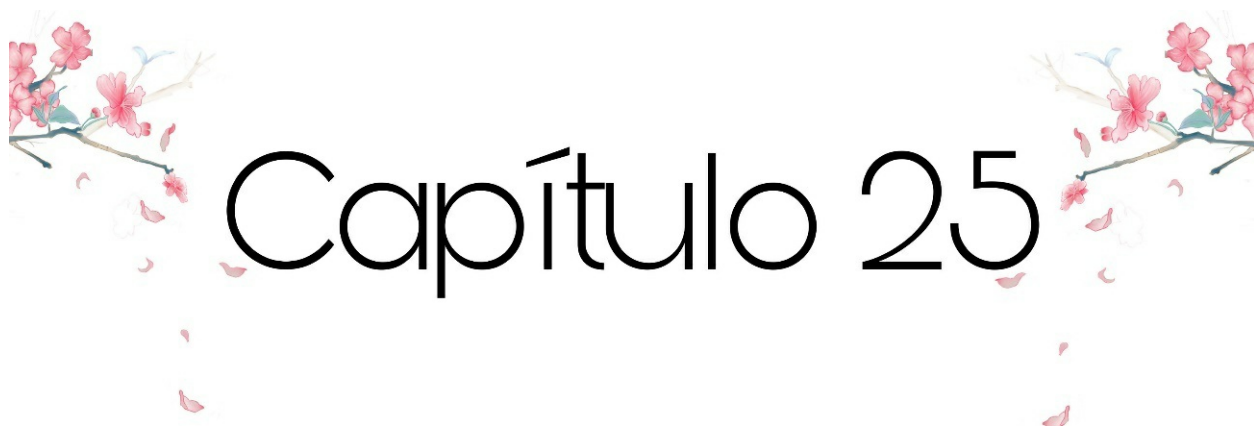
— Se ousar encorajar mais uma vez aquele moleque, o seu castigo será pior — afirma, acariciando as minhas costas por baixo da blusa, agindo como se não estivesse me ameaçando.

— Eu tenho que ir embora — digo, preferindo não responder. Tento me desvencilhar, mas ele não deixa.

— Só mais um pouquinho. — Segura com firmeza os cabelos da minha nuca e então me beija.

Em cima do corpo forte, sentindo a sua dureza e sua boca me devorar, permito-me apenas sentir. Entregar-me a ele que, ao contrário do que pensei a princípio, não faz com que eu me transforme em alguém que não sou. Ele me mostra um lado meu que eu não conhecia.

A Ella que Diego desnuda deixou que ele a surrasse. A Ella que ele controla, agora há pouco, esperou pelo tapa que não veio e se frustrou por causa disso. A Ella que ele possui acredita que sentirá prazer com tudo que der prazer a ele, até mesmo a dor. Porque a dor faz parte dele.



Capítulo 25



Desperto sendo levemente sacudida e com uma mão pequena batendo no meu rosto.

Uma mão pequena...

Não! Não pode ser!

Deitada de bruços, viro a cabeça para trás e vejo o pequeno sentado em cima das minhas costas, batendo palmas, todo animado.

Volto a enfiar a minha cara no travesseiro, não acreditando que dormi com Diego. A última lembrança que tenho é de nós dois nos beijando,

bem-comportados...

Na versão original, a minha última lembrança era de estar lânguida sobre a cama, depois do segundo orgasmo — que ele conseguiu com extrema facilidade, bastou tocar na parte da frente do meu *short* com as pontas dos dedos algumas vezes, algumas chupadas no pescoço e eu me desfiz nos seus braços. O sono veio forte, mas ele disse que era apenas a languidez por conta do orgasmo. Falou que eu não iria dormir e agora acordo na sua cama.

No mesmo dia em que prometi para a minha avó que não iria passar na frente do quarto do homem, acordei na cama dele.

— Venha aqui, seu pequeno bagunceiro. — Com cuidado, tiro-o de cima de mim e ele cai de costas na cama. — Você acordou cedo demais. — Levo a mão até a sua barriguinha e ele começa a sorrir.

O meu som preferido em todo o mundo. Alex é uma criança especial demais e o meu coração fica apertadinho dentro do peito só de imaginar que o pai o levará para longe de mim.

— Eu te amo, sabia? Se ficar longe de você, eu morro — digo, sentindo-me exatamente dessa forma.

Quero ficar perto dele por muito tempo, ensiná-lo e aprender com ele. Quem sabe um dia ouvi-lo dizer suas primeiras palavras.

— É meu amor, a Ella ama muito você, do tamanho desse mundão. — Mesmo sendo tão pequenininho, quando falo com ele, tenho a sensação de que Alex me entende perfeitamente, que sente o meu amor e me ama de volta.

Alex pega uma mecha do meu cabelo que, por sua causa, penso em manter longo por um tempo, e fica vários minutos brincando, distraído.

— Quem é o menino da Ella? Quem é, bebê? — falo com ele, que apenas sorri em silêncio. — Você não sabe o quanto desejo ouvir o som da sua voz, meu amor. Sinto que um dia isso irá acontecer e esse dia será o melhor de toda a minha vida.

— Ella. — A voz do Diego atrás de mim me assusta. Estava distraída e não esperava vê-lo agora, não tão cedo, já que todas as manhãs ele se tranca para trabalhar.

— Está aí há muito tempo? — pergunto ao levantar-me.

— Tempo suficiente — fala bem sério e com certeza ouviu tudo o que disse para o meu pequeno. Pela expressão séria, bem diferente do homem apaixonado de ontem, não gostou nada do que ouviu.

— Está bem, você pode ficar com ele só um instante? Preciso muito usar o banheiro — falo e corro para o meu quarto, que fica na frente do quarto do pequeno.

Na frente do espelho, ajeito o meu cabelo em um coque frouxo e escovo os dentes. Felizmente tenho algumas poucas peças de roupas aqui e não precisarei dar de cara com a minha avó usando um pijama. Ontem eu fui muito inconsequente e nem sei o que ela pensaria se desconfiasse que passei a noite na cama do homem que não quer nada sério comigo.

Para a minha sorte, saí com a bicicleta — que ficou na caçamba da caminhonete do Diego — e às vezes costumo sair de casa antes dela para chegar cedo ao casarão.

— Você quer me matar de susto, homem? — Quase caio para trás quando vou sair do banheiro e dou de cara com Diego. Ele permanece sério e tenho vontade de mandá-lo para o inferno.

— Ella, você sabe que o Alex não é seu, não é? — joga a queima roupa e não tenho nem tempo de me preparar para o baque.

— Eu sei, não preciso que você fique me lembrando disso — afirmo, não conseguindo esconder a minha chateação.

Ele não é meu filho, mas isso não faz com que eu o ame menos e nem ameniza a tristeza que sinto sempre que lembro que ele vai para longe de mim.

— Digo isso para que não se apegue e não sofra demais quando formos embora daqui a algumas semanas. Mas saiba que eu fico muito feliz

por ver o quanto gosta dele e tenho certeza de que Alex não vai esquecer de você, eu não vou deixar.

Ele me abraça e me afasto porque seu toque não é bem-vindo, não neste momento, quando toca em um assunto que me machuca e o faz com naturalidade, talvez até de propósito para me ferir.

— Você está me rejeitando, passarinho? — questiona quando viro as costas.

— Tenho que fazer o meu trabalho, que é cuidar do seu filho.

— Não fique assim. — Abraça-me por trás, antes que eu deixe o quarto e beija o meu pescoço. — Você está bem?

— E por que não estaria?

— E a bundinha gostosa?

— Ela vai bem, obrigada — falo a verdade porque nem parece que ontem à noite ela sofreu com o peso da sua mão.

— A sua avó perguntou por você — avisa e me gira dentro dos seus braços. Agora estamos de frente e, enquanto olho para o seu rosto, vem à minha mente a lembrança dos seus pelos fazendo cócegas no meio das minhas pernas, da intimidade que tivemos ontem e que parece não existir mais hoje.

— Tudo bem, vou já falar com ela. Solte-me, Diego — peço, cansada demais para mais uma guerra de vontades.

A verdade é que falar e pensar na ida deles para o Rio tira completamente o meu humor e estar na presença do Diego só piora tudo.

— Quero que fique aqui hoje à noite.

— Algo com o Alex? — faço a pergunta com aparente naturalidade, mas, dentro do peito, o meu coração está aos pulos.

— Tem a ver conosco. Com o fato de eu estar louco por você e não aguentar mais esperar. Quero que seja completamente minha hoje à noite — fala, deixando-me a ponto de desmaiar, talvez por estar prendendo a respiração.

— Não pode ser amanhã? — pergunto, porque preciso me preparar para o momento, porque eu poderia jurar que, até segundos atrás, estava achando que ele era um ogro insensível e querendo distância.

— Pode ser amanhã. É a sua primeira vez, então que seja do seu jeito. Tudo para você, meu passarinho — afirma e beija a minha boca do seu jeito *homem-possessivo-de-ser*, porque tudo nele remete a força e domínio. Porque tudo em mim quer ser dominado por ele.

— Até qualquer hora, branquinha. — Termina com um beijo leve e quando me solta, sinto falta dos seus braços fortes envolvendo o meu

corpo.

— Até qualquer hora, leão ogro.

Quando ele deixa o quarto, permito-me alguns segundos de suspiros, até que a realidade bate à minha porta. Corro para o quarto do Diego para pegar o pequeno, levá-lo para tomar café e agir, na frente da minha avó, como se não tivesse passado a noite com o meu patrão.

O dia de hoje será muito longo, estou certa disso. Agora que sei que a minha primeira vez tem dia marcado, eu não poderia estar mais ansiosa para o momento. Ansiosa e um pouco receosa, com medo de não ser exatamente o que ele espera.

Será que ele irá bater na minha bunda novamente?

Tremo só de pensar e não posso mentir ou me enganar, fingindo que o meu tremor é causado pelo medo.



Os seus seios pequenos e macios têm os mamilos rosados e enchem a minha boca d'água. Há dias que só penso na Ella, em como será bom quando estiver socando fundo no seu canal apertado.

Ella é uma mulher...

Magda é uma mulher...

— Merda! — Fecho a notebook, depois de ter apagado o nome da Ella pela trigésima vez no meio de uma cena.

Depois de ter passado tanto tempo sem inspiração para escrever algo que não se parecesse com uma grande merda, ela veio por causa de uma mulher. Veio porque só penso nela. Porque tudo o que estou conseguindo produzir é porque a tenho na minha cabeça. Nas cenas de sexo, visualizo nós dois e fico excitado quando termino. Nesse momento, eu estou louco de tesão, que ficou mais intenso porque decidi que chegou a hora de transarmos.

Estava tentando ir mais devagar, mas não faz mais sentido depois de ter dormido com ela em meus braços.

Há quanto tempo isso não acontece? Há quanto tempo eu não durmo tão bem como fiz ontem à noite?

Tudo graças a Ella e ao seu corpo macio. Graças ao cheiro floral dos seus cabelos contra o meu nariz, enquanto ofegava baixinho durante o sono. Ao calor, que ontem e a cada segundo que passo ao seu lado, tem

amenizado o frio da minha alma.

Não faz sentido postergar o inevitável depois do que fiz no campo quando, de maneira equivocada e da qual me arrependo, lhe dei uma amostra do meu descontrole — coisa que eu achava que tinha superado — e de como serão os nossos momentos de prazer.

Como só uma garota da sua idade externaria, Ella falou que fez aquilo para me agradar, mas logo voltou atrás, é claro que voltou. Ella, apesar da minha necessidade de submetê-la a mim, é rebelde demais, bocuda demais e jamais agiria apenas para agradar a terceiros.

Por outro lado, o seu corpo não mente e ele diz que está disposto a suportar tanto o meu toque de dor quanto o de prazer.

Despertar com Ella na minha cama foi como um soco no estômago, mas não do tipo que me fizesse correr, mas sim forte o suficiente para me fazer entender que não daria mais para adiar, perder o pouco tempo que teremos juntos. Faz dias que quero tocar cada parte do seu corpo, fodê-la tanto que, mesmo que esteja longe, ela nunca conseguirá esquecer quem é o seu dono, porque eu sinto, ainda que não queira, que jamais poderei me esquecer dela.

Quando desisto de escrever, ao me dar conta de que não conseguirei fazê-lo, saio para o pátio e encontro o meu pequeno correndo,

enquanto a sua Ella está sentada em cima de uma manta, trabalhando nas rosas e em alguns girassóis que deve ter saído para colher mais cedo.

A cena é inspiradora, não posso negar, porque, apesar de tudo, sou um escritor — ou era — e ainda sei reconhecer uma cena familiar quando a vejo acontecer bem diante dos meus olhos.

A ligação que os dois criaram em tão pouco tempo é muito forte e por isso precisei tocar no assunto com a garota mais cedo. Ela não é a mãe de menino e se sentir assim tornaria o momento da separação ainda sofrido.

Sei que não existe outra maneira de essa história terminar e quanto menos ela se apegar ao pequeno, melhor para todos será. Isso também serve para mim, que todos os dias procuro relembrar que a forte atração física é apenas isso: uma atração física que deixará de ser tão intensa quando a levar para a cama.

Amanhã.

Amanhã eu terei uma primeira prova dela e estou certo de que não terei mais dificuldade para enxergar o que existe entre nós exatamente como é: um caso com prazo de validade.

Prefiro acreditar que toda a possessividade, os desejos de domínio e de moldá-la para mim sejam apenas a potencialização do tesão reprimido, dos meses sem me sentir completamente satisfeito com nenhuma

mulher.

Não posso acreditar que essa garota interiorana, que não sabe nada da vida, tenha o poder de me tocar dessa forma, como ninguém nunca fez, como eu não permiti que fizessem.

Sou eu a deixar marcas e não o contrário.



Capítulo 26



— Dê flores para a sua amada. Estão na promoção e cada uma custa dois reais. Presenteie o seu amor!

Com a cesta pendurada em uma das minhas mãos, grito para ser ouvida por quem passa pela praça, mas não tão alto para não atrapalhar a missa. Hoje é sexta-feira, a paróquia está lotada e isso significa que terão mais pessoas para ouvir o meu falatório. Os dias que mais vendo são as sextas, por conta da missa, e os sábados, que é o dia em que o restaurante — o único da vila — fica bem movimentado. São nesses dias que eu entro no estabelecimento e abordo os casais de mesa em mesa.

É chato? Eu sei que é, mas tenho a necessidade de vender as minhas rosas antes que terminem de murchar. Elas são mais baratas por não estarem em seu melhor estado e existem homens que são pães-duros demais para comprar as melhores na floricultura.

— Dê uma rosa para o seu amor! — grito mais uma vez, mas o meu texto vai ficar pela metade, porque de longe avisto Guilherme e a irmã, Cora, aproximando-se.

Os sobrinhos do padre são tão distintos e elegantes que, de longe, se nota que não são daqui de Santa Rita. Admiro, inclusive, o fato de eles terem vindo parar logo aqui.

— Boa noite, Ella. Como estão as vendas?

— Ótimas — respondo ao simpático Guilherme, enquanto a irmã permanece em silêncio, apenas nos observando.

Ao contrário do irmão, a moça de pele morena e olhos escuros é fechada e não faz muita questão de socializar com o pessoal da vila. A impressão que dá é que ela não gosta de estar aqui. Se o tédio tivesse um rosto, com certeza seria o da Cora.

— Eu quero meia dúzia, garota das flores — pede e a sua forma de tratamento só me lembra do meu leão de beijos divinos.

Apesar de Guilherme ter pensado no mesmo apelido, a forma

que ele fala é diferente da de Diego. Não faz com que o meu coração palpite e nem com que as minhas pernas bambeiem.

— Obrigada — agradeço quando entrego as flores e recebo a nota.

Abro a minha bolsa para guardar o dinheiro e tirar o seu troco, mas ele não aceita. Prefiro insistir, para que ele não pense que estou lhe dando alguma abertura. Não que eu esteja querendo ser presunçosa, mas está clara a sua tentativa de me agradar, pena que não sabe que alguém tem conseguido isso com bem menos.

Basta que ele me toque com aquelas mãos grandes e ruja como um leão feroz no meu ouvido, sempre que está no auge do seu tesão. Basta que diga todo sério que sou sua.

Sua mulher. Amanhã será a nossa primeira noite de sexo e eu não poderia estar mais ansiosa, tanto que a minha vinda para a praça foi providencial para que não ficasse em casa, pensando que a hora não está passando rápido o suficiente.

Guilherme fica alguns minutos conversando e faz questão de dizer que ficará pela praça passeando com a irmã, que chegou muda e saiu calada. Passear pela praça é um dos programas mais interessantes que se pode fazer se a pessoa for jovem e tiver um namoradinho ou namoradinha ou se

tiver amigos para ficar de olho na vida alheia.

Agora, por exemplo, as poucas pessoas que não estão na missa, estão de olho nos sobrinhos do padre. Cochicham e não fazem questão de disfarçar.

Após menos de 30 minutos, já vendi todas as rosas e fico feliz por não ter precisado esperar que os fiéis saíssem da paróquia para poder abordá-los. Estou dando um tempo antes de ir para casa descansar quando sou parada por uma criança de, no máximo, seis anos de idade.

— Oi, Ella. — O pequeno tem as mãos estendidas para trás e eu fico me perguntando de quem ele é filho. Existem tantas crianças nesse lugar que fica difícil decorar o nome de cada uma.

— Boa noite, pequeno.

— Mandaram que eu te entregasse isso. — Ele estende a mão e então me entrega uma dúzia de flores vermelhas. Pela aparência, todas foram anteriormente vendidas por mim.

— Quem mandou você me entregar? — pergunto, curiosa, mas logo procuro e encontro um pedaço de papel pequeno e quadrado.

— O moço pediu para que eu não falasse — assevera e sai correndo.

Antes que eu pegue o papel no meio das rosas, o meu coração já está disparado; e minhas mãos, um pouco trêmulas. Não posso evitar a esperança de que elas tenham sido enviadas pelo ogro. É claro que foi ele, quem mais poderia ser?

Para a moça mais linda da cidade. Você parece ainda mais linda na companhia de tão belas rosas. Elas são lindas, mas não tanto quanto você.

Guilherme.

Quem mais poderia ser além do Guilherme?

Era assim que eu deveria ter pensado desde o início. Como pude pensar que logo o Diego teria um gesto romântico desses, se nem bem assume para si mesmo o que sente por mim?

Olho para onde ficam alguns banquinhos e o avisto sentado com a irmã, ele acena para mim e eu devolvo, esperando que entenda que essa é minha forma de agradecer o gesto de carinho. É uma pena que o gesto não tenha me deixado feliz. Pelo contrário, o meu ânimo caiu pela metade quando li e percebi o quão iludida fui por um breve momento.

Ainda estou olhando para onde os irmãos estão, perdida nos meus pensamentos, antes de ir para casa, quando sinto um leve toque na minha perna. Olho para baixo e não posso crer nos meus olhos.

— Meu amor, o que você está fazendo aqui? — Agacho-me até ficar na altura do seu rosto. Com um sorrisinho matreiro, o meu bebê me entrega uma rosa branca que segurava e eu nem tinha me dado conta. — Obrigada, rapazinho. Você é muito galanteador, sabia? — Beijo o seu rosto e ele sorri.

No caule da única rosa, tem um envelope grudado e está claro que ele se deu ao trabalho de ir à floricultura comprá-la para mim.

Diego, dessa vez, foi ele!

Foi ele quem escolheu, mas o remetente sou eu. Para que você não esqueça que amanhã será completamente minha. Não sei se conseguirei fechar os olhos essa noite, porque não consigo parar de pensar no momento em que comerei a sua boceta apertada surrando essa bundinha atrevida.

D. E.

Quando termino de ler o cartão, a primeira coisa que faço é olhar de um lado para o outro, porque tenho a sensação de que li para que todos ouvissem. Depois, sinto que o meu rosto está pegando fogo quando penso na moça da floricultura escrevendo e ele ditando. Dou mais uma olhada e me convenço de que a letra só pode pertencer a um homem. Por fim, vem a alegria por tal gesto.

Depois de ter me iludido com a entrega do Guilherme e me

convencido de que o Diego não seria capaz de tal gesto, ele me surpreende. É discrepante a diferença entre as mensagens nos cartões. Guilherme foi muito carinhoso e romântico nas suas palavras, mas foram as do Diego que fizeram o meu mundo sacudir, que encheram o meu coração de alegria, porque eram exatamente as palavras que esperaria dele, o meu ogro.

— Bebê, onde está o papai? — Pego-o nos braços e, por alguma razão, os meus olhos vão para o lugar mais escuro da praça.

No canto lateral da loja de rosas, encoberto pela escuridão, está ele, porque não poderia estar de outra forma. Segurando o meu menino em um braço e a cesta com a minha rosa, o bilhete safado e o presente de Guilherme no outro, tenho a sensação de que as minhas pernas de gravetos não são ligeiras o suficiente.

Olho para todos os lados, encurto a pequena distância que separa o lugar de onde estou e acredito que pelo menos um fofoqueiro verá minha furtividade para me encontrar com o homem que, em tese, é apenas o meu patrão. De qualquer forma, isso é culpa do leão, que não só veio até aqui como também usou o pequeno como mensageiro.

— Eu não esperava o senhor aqui — já começo tentando provocá-lo, porque simplesmente não consigo resistir.

— Também não esperava que aquele idiota te mandasse flores?

— fala entredentes, mal disfarçando a irritação.

Ainda que estejamos em um local mais discreto, olho para trás, apenas para checar se não tem ninguém de olhos compridos em nós.

— Por acaso está me vigiando? — indago quando ele pega o pequeno dos meus braços e eu coloco a cesta perto dos meus pés.

— E se eu tiver, te incomoda? — Dá de ombros, como se isso fosse a coisa muito comum de se fazer.

— É claro que sim, você tem que confiar em mim, caso queira levar adiante qualquer tido de envolvimento entre nós — aviso e estou tão perto que é difícil não sentir o calor do seu corpo.

— Você não pode dizer como devo agir ou não — fala de maneira dura —, mas, se isso te deixa feliz, saiba que eu não estou te vigiando. Apenas vim dar uma volta com o Alex e vi o idiota tentando impressionar alguém que já tem dono.

— Eu tenho dono? — falo, fazendo-me de inocente e o leão, que gosta de rugir, me agarra, fazendo com que eu quase caia por tropeçar na cesta que estava na minha frente. — Se eu tivesse caído, amanhã estaria cancelado — brinco para ver a sua reação.

— O que são uns arranhões perto do que eu posso fazer com todo o resto do seu corpo? Doerá bem mais e tenho certeza de que você

gostará — assevera. Até penso em negar, mas prefiro nos poupar.

Ainda não sei como me sinto quanto à sua forma de sentir e dar prazer, mas, com certeza, não repudio a ideia como outra pessoa na minha situação faria, tanto que desejei que agisse daquele jeito ontem na sua cama para saber como me sentiria e fiquei levemente decepcionada quando não rolou nem um tapinha.

Você é muito pervertida, garota!, brigo comigo mesma, mas é apenas porque acredito que devo fazer isso, que devo me escandalizar e não ver com naturalidade o jeito possessivo de falar e de agir do ogro.

— E, respondendo a sua pergunta, tem dono e sabe muito bem disso — afirma, apertando-me contra o seu peito com um só braço em volta da minha cintura.

Olho para o pequeno, ele começa a se agitar por estar entre nós dois, o pai dele percebe e então o solta no chão. Curioso, ele se agacha e começa a mexer na cesta que chama a sua atenção.

— E você, tem dona? — Mais à vontade, envolvo o seu pescoço com um braço.

— É você, a garota impertinente, da qual eu pretendo passar a noite em cima amanhã, matando essa sua tara, que parece a de uma cadelinha no cio.

— Cadelinha é a senhora sua...

— Ella...

— Perdão! – peço, pois, sua expressão me diz que fui longe demais.

— Preciso te provar, acalmar o sangue que corre quente nas minhas veias e me convencer de que as horas não estão se arrastando. Passei a sentir necessidade de você. — Olha rapidamente para o bebê, que está brincando de despetalar uma das rosas e depois me fita com os olhos escuros e exige: — Toque em mim.

— Como? — pergunto, porque não posso acreditar que ele esteja se referindo ao que acaba de passar pela minha cabeça.

Mas por que não estaria? Esse é Diego Estrada e, na sua cabeça, ele pode tudo, desde que satisfaça seus desejos.

— Assim, passarinho — falando baixinho, ele pega a minha mão, que estava solta, e leva para o seu sexo. Com a sua por cima, faço movimentos de sobe e desce por cima do jeans, acariciando seu pau, que está muito duro. O comprimento parece uma barra de ferro, só que de carne, viva, quente e pulsante por baixo da minha mão. — Eu tento, mas não consigo trabalhar. Os meus pensamentos sempre estão em você e é assim que eu fico, duro e louco de frustração. Fico frustrado por não poder meter em você,

sempre que a vontade vier.

As suas palavras têm o poder de me excitar, de fazer o meu sexo se apertar e, mais acima, os bicos dos meus seios estão entumecidos de excitação.

Quando sua boca morde meu lábio inferior forte o suficiente para que eu sinta o gosto metálico de sangue e uma dorzinha fina, a minha mão começa a correr sozinha pelo seu comprimento e a minha boca enche-se d'água pela súbita vontade de levá-lo à boca, como algumas vezes li em livros e recentemente vi em um vídeo para adultos, algo que despertou o meu interesse somente agora que o conheci.

Gosto de tocar no seu sexo, ouvir o seu leve ofegar e saber que tenho esse poder sobre ele. Não me importo de estarmos praticamente em público quando Diego leva a mão para dentro da minha saia e toca a minha boceta por cima da calcinha.

— Você está sempre molhada? — questiona, com os olhos perdidos de desejo.

— Por você — digo.

— Eu gosto de saber disso, passarinho. — Agora os dedos estão dentro da minha calcinha, ele me alisa o clitóris e diz no meu ouvido: — Não é excitante saber que está masturbando o meu pau e deixando que eu toque na

sua boceta quente em um lugar onde podem nos ver a qualquer momento? E se alguém passasse por essa rua neste momento? O que essa pessoa pensaria de você, que age como uma puta e deixa o seu homem te tocar assim, no meio da rua?

— Diego... — suplico pelo seu nome, sem estar assustada com o que acabou de falar, e sim excitada.

— Eu não vou te fazer gozar, branquinha, não aqui. Aqui é só um aperitivo, algo para nós dois pensarmos até amanhã.

A sua voz parece distante, eu já nem toco mais o seu sexo quando ele dá duas arremetidas com os dedos na minha boceta e depois, com cuidado, tira a mão de dentro da minha saia. Depois, passa os dedos diante dos meus olhos, mostrando que estão úmidos. Fico lívida quando o vejo levar os dois à boca e chupar com gosto, sem piscar ou tirar os olhos de mim. Quando termina, agarra a parte de trás dos meus cabelos e leva a minha boca até a sua.

Com as respirações sôfregas e mãos para todos os lados, nos beijamos com as nossas línguas em ação e nos esfregamos um no outro da forma como conseguimos. Quando nos afastamos ofegantes, ele fica me olhando em silêncio, assim como eu faço com ele.

Quando a sua respiração se acalma, ele simplesmente se agacha,

pega o seu filho e some na escuridão. Eu fico encostada no muro, sem entender muito bem a loucura que fizemos, mas com a certeza de que a noite de hoje e o dia de amanhã serão longos demais.

Capítulo 27



Quando o sol desponta, me levanto da cama, rumo para o banheiro a fim de fazer a minha higiene pessoal e nem posso dizer que acabo de acordar. Geralmente os meus fantasmas não me permitem ter uma noite completa de sono, mas ontem os motivos foram outros. A minha falta de sono foi causada pela excitação que somente a branquinha poderá aplacar.

A noite inteira eu fiquei virando de um lado para o outro e não ajudou o fato de ter o seu cheiro ainda impregnado nas cobertas, depois do que fizemos ontem em cima delas. Um aroma de rosas, como não poderia deixar de ser. Hoje, quando a noite cair, estarei aplacando a minha fome, o

desejo que dia após dia vem crescendo e não posso frear a avalanche de emoções que ela causa dentro de mim.

O sexo que vinha fazendo nos últimos anos, mais precisamente depois da morte da minha esposa, não chegava nem perto de me satisfazer e agora sinto-me como um leão faminto, prestes a experimentar um succulento pedaço de carne.

A menina é mais especial do que sinto vontade de admitir e, com certeza, me faz sentir mais prazer com simples toques do que eu sentiria com muitas horas de sexo.

Ao descer as escadas, ainda bem cedo, me surpreendo com a presença dela na casa. A branquinha está adentrando a sala com a sua inseparável bolsa de ombro e tem um leve sobressalto quando percebe a minha presença.

— Chegou cedo — aponto arqueando uma das sobrancelhas para que receba a mensagem. Preciso saber se está tão ansiosa quanto eu para hoje à noite.

Eu poderia encarar como apenas mais uma transa, com a naturalidade que encaro todas as outras mulheres, mas não o faço porque ela não é só mais uma. Ela é muito jovem, virgem e faz o meu sangue ferver. Esses são bons motivos para me transformar em um adolescente que nunca

fez sexo, mas ainda existe o bônus da garota ser a babá do meu filho. Alguém de quem ele gosta muito e temo que veja como uma figura materna.

Ainda que tenha me tornado essa pessoa da qual não me orgulho, não machucaria propositalmente a pessoa que ama tanto o meu pequeno e é amada de volta por ele. Sei que, de uma forma ou de outra, o sofrimento será inevitável, mas certamente não será por causa da nossa relação íntima. A dor que causarei será desejada pelo passarinho. Ella desejará. Implorará e será apenas para o nosso prazer.

— Acordei cedo demais e vim pedalando.

— E a sua avó? — pergunto, já sondando o terreno para saber se poderei ter mais uma prova dela, assim como a loucura que fizemos ontem à noite no meio da rua. Estava escuro, mas corríamos o risco de sermos pegos a qualquer momento e por qualquer pessoa.

Disse que fui a praça para passear com o Alex, mas a intenção também foi de encontrar a pequena. Sabia que estaria oferecendo suas preciosas flores. Impressiono-me como a imagem é bonita e significativa. Uma linda moça, vendendo rosas e falando de amor quando ela mesma não sabe nada sobre ele.

— Ainda estava preparando o café quando saí — responde, olha na direção das escadas e eu me apresso em avisar:

— Ainda está dormindo — aviso e então diminuímos o espaço entre os nossos corpos.

Abro os braços, ela se joga em mim com braços e pernas e eu a deito de costas no sofá.

Por vários minutos, ficamos nos beijando e nos tocando da forma como conseguimos e só nos separamos quando ouvimos o barulho de passos. Ella sai tropeçando nos móveis e eu vou para o escritório. Diferente do que vinha acontecendo nos últimos anos, escrevo dois capítulos e me sinto satisfeito com o resultado.

Trabalho, mas, vez ou outra, os meus pensamentos me levam para a garota que cuida do meu filho. No fim da tarde, saio satisfeito do escritório e vou para o meu quarto. Tomo banho e faço hora até descer para o jantar. Sentados à mesa, um de frente para o outro, parece que só tem nós dois no lugar. O ar parece carregado de eletricidade e eu trato de alimentar o meu filho para que ele vá brincar um pouco e depois dormir. Sei que, quando isso acontecer, a noite será só nossa. Para treparmos até não restar uma gota de energia nos nossos corpos.



— Ele está sentindo a minha falta, vovó — justifico com uma mentira o fato de ficar para dormir. Não é a primeira vez que acontece, mas, talvez por estar mentindo, sinto a necessidade de me justificar.

— Filha, tenha juízo — pede, ao acariciar o meu rosto.

— Pode deixar, vó — minto, porque juízo é tudo o que eu não terei essa noite.

Ela poderia não estar me dando esse aviso, mas sabe da queda que tenho pelo Diego, só não sei se desconfia que ele também tem por mim e que estamos prontos para transar, a primeira vez de muitas, espero.

Sinto um frio no estômago só de pensar, porque pensar e agir com naturalidade quando está mais distante é diferente de quando está prestes a acontecer. Na última hora, fui pega por todo tipo de insegurança e já tive vontade de sair correndo, mas o desejo e a curiosidade são maiores.

Ao me ver sozinha na cozinha, desligo as luzes do andar de baixo e depois subo as escadas. A porta do quarto do meu pequeno está entreaberta, espio e sou pega por Diego. Ele, debruçado sobre o bebê com um

livro de histórias nas mãos, joga uma piscadela para mim e eu pisco de volta, sentindo que as minhas pernas viraram gelatina. Alex também olha na direção da porta, mas não tem nenhuma reação, já que os seus olhos já estão quase se fechando de sono e isso serve como um aviso para que eu corra.

Rumo para o quarto ao lado, tomo um banho bem caprichado e checo se a depilação está em dia. Fico indecisa na hora de escolher qual roupa vestir, mas acabo optando por um conjunto de calcinha e sutiã porque ele parece ter gostado da outra vez. Opto por um conjunto de shortinho e blusa de alça e deixo os cabelos soltos, da forma como ele uma vez disse gostar. No rosto não coloco nenhuma maquiagem, pois prefiro ficar o mais natural possível, pois não sei nada sobre seduzir um homem e profiro não passar vergonha.

Fico sem saber se espero ou se vou à sua procura e no fim acabo escolhendo a segunda opção. A porta está entreaberta e o quarto está na penumbra. Penso em descer para procurá-lo, mas mudo de ideia por não acreditar que ele possa estar em outro lugar que não seja nesse quarto.

Entro de vez e vejo que existem algumas velas acesas e que impedem o quarto de mergulhar na mais completa escuridão. O ambiente montado por ele é muito sedutor e intimista. Diego está de costas, olhando para o pátio pela janela e o fato de estar sem camisa, com a calça moletom

verde lodo pendurada na cintura é um sinal de que está tão pronto quanto eu. A pouca luz das velas não me impede de babar na beleza dos seus ombros largos e braços fortes. Pela primeira vez reparo em uma bunda, descobrindo o quanto a bunda de um homem pode ser bonita.

Ele logo percebe a minha presença e, com um gesto, pede para que eu me aproxime. Vou de cabeça erguida, mas minhas pernas estão fracas; e o coração, aos pulos dentro do peito. Estou indo para os braços do homem com quem terei a minha primeira experiência sexual.

Quando paro ao seu lado, ele me puxa para a frente do seu corpo. Sinto-me tão pequena e frágil tendo as costas coladas no seu peito, mas para mim as diferenças tornam tudo o que estamos prestes a fazer mais interessante.

— Você demorou, passarinho — diz e os seus braços envolvem a minha cintura, colando os nossos corpos o máximo que a posição permite. — Demorou, mas valeu a pena. A sua pele está cheirosa e eu quero te lamber todinha. — Agora fala no meu ouvido e a minha respiração já começa a ficar alterada.

Tendo o pátio e as terras infinitas como visão, sinto quando sua mão esquerda começa a subir por dentro da minha blusa e fazer um caminho longo e torturante até alcançar o meu seio. Como das outras vezes, aperta o

mamilo entumecido até que eu comece a sentir uma dorzinha fina. Com a outra mão, faz movimentos circulares na minha barriga e fica impossível concentrar-me apenas no mamilo sensível pelo seu aperto. A dor se mistura com o prazer do toque brando e então passo a não conseguir distingui-los. Ambos se misturam e tornam-se um só.

Acredito que isso faça parte de quem é Diego e o fato de eu gostar muito dele faz com que eu ache a dor, o prazer e a sombra que vejo nos seus olhos irresistíveis.

— Gosta?

— Acho que sim... — digo, um pouco incerta, pois não sei exatamente até onde pode ir e até que ponto permitirei que vá.

— Hoje, branquinha, será tudo sobre você. Você no controle. Só dessa vez — afirma.

A mão que aperta fica mais leve, massageia o mamilo e o seio, ao invés de beliscá-los. A mão que acariciava a minha barriga começa a entrar pelo elástico do meu *short*.

— Abra as pernas para mim, Ella. Quero tocar a sua boceta, acariciá-la até que esteja toda melada e você fique pronta para me receber. — Faço o que me pede sem que precise dizer mais nada.

Afasto as minhas pernas e seguro na janela para que tenha

equilíbrio sobre elas quando a mão cobre o meu sexo. Primeiro ele o segura de mão cheia e depois, dobra dois dedos, começando a massagear-me internamente. Toca em todos os lugares, menos no clitóris, que necessita da sua atenção.

— Está muito quente, sua putinha. Você quer gozar? — A pergunta não espera por resposta, embora eu tenha respondido com um balançar de cabeça.

Com os olhos voltados para o pátio deserto e tendo o céu sem estrelas acima da nossa cabeça, estou sendo intimamente tocada e o calor que começa a consumir o meu corpo está prestes a me fazer entrar em combustão. Com uma mão amassando o meu seio e a outra dentro do meu *short*, com dois dedos entrando e saindo do meu centro, que está muito molhado pelo desejo que provoca em mim, Diego me tem toda dele, porque é isso que sou desde o primeiro instante.

O ogro gosta de dizer que sou dele e sei que realmente sou. Cada terminação nervosa do meu corpo, das minhas vontades e desejos mais íntimos pertence a Diego Estrada.

Colocados em pé na frente da grande janela amadeirada, deixo que Diego tire peça por peça da minha roupa e mal me dou conta de que faz isso. Estou inebriada demais pelas sensações que suas mãos e sua boca

despertam em mim para que preste atenção em algo que não seja ele.

— Você é linda, garota. A sua pele macia e leitosa me traz ganas de deixá-la vermelha, apenas para que se olhe no espelho e saiba que é minha. Para que vejam que pertence a mim — fala quando me vira de frente para ele e já estou sensível demais para que consiga fixar a minha atenção no seu rosto.

Tudo em mim pulsa pelo toque, pelas palavras e pelo desejo de estar com ele. Senti-lo dentro de mim. O seu membro rasgando a minha membrana, da forma como ele desejar, porque esse leão solitário me moldou para pensar dessa forma, o seu toque me faz querer dessa forma.

— Olhe para mim, passarinho — ordena e só dessa forma consigo fincar a minha atenção no seu rosto, que parece distorcido de desejo.

— Quero que olhe dentro dos meus olhos enquanto eu te como e saiba quem é que está te fazendo mulher. Cada estocada dentro da sua bocetinha virgem será como um lembrete de que aqui, neste quarto, você está entregando não só o seu corpo a mim. Está entregando seus pensamentos e suas vontades, porque ser minha será a sua prioridade — diz contra a minha boca e são afirmações sérias e problemáticas demais.

Deveria assustar-me, mas isso faz com que eu sinta um arrepio gostoso de prazer. A sua voz me faz derreter como cera quente e o aperto no

meu baixo ventre não me deixa pensar, deseja apenas satisfação.

— É o que quer? — Ainda me dá uma chance, mas eu já fui longe demais. Tenho a sensação de ter vivido para esse momento. Dentro desse quarto sombrio, pronta para me jogar nas águas profundas do desconhecido.

— Eu sou sua, faça de mim o que quiser — peço, sem desviar a minha atenção do seu rosto e o meu homem de barba macia me pega com um braço só pela cintura e enrola as minhas pernas em volta do seu quadril.

Diego me deita de costas no centro da cama, paira com o corpo sobre o meu, mas, para a minha decepção, se afasta ao invés de me cobrir com o seu peso. Apoio o meu peso nos meus braços e o observo tirar a calça. Em seguida tira a cueca e o seu pau, deliciosamente duro, salta livre para a sua barriga, apontando para frente. Ver a sua ereção vigorosa faz o meu coração e uma parte mais específica da minha anatomia pulsarem.

A minha boca fica seca quando pela minha mente começam a passar imagens muito quentes em que estou de joelhos na sua frente. Suas mãos agarram meus cabelos...

— Que cara de tarada é essa, passarinho? — ele indaga, enquanto leva o pacote laminado à boca e o rasga.

Com atenção, o observo cobrir o pênis com o látex, tanta que

quase esqueço de responder à sua pergunta. Só não acontece porque subo o olhar pelo seu abdômen definido, coberto por alguns pelos bem aparados e, ao chegar ao seu rosto, encontro o olhar faminto que já aprendi a diferenciar.

— Não sei do que você está falando — nego, mesmo sabendo que ele está certo. Com a vontade que estou de lambar sua barriga até alcançar o seu pau, só posso estar parecendo uma tarada mesmo.

Nem pareço uma garota que está em vias de comportar um pau que parece grande e grosso demais para a sua pobre vagina. Se amanhã eu ainda estiver andando, considerarei um milagre.

— Não sei como se manteve virgem por tanto tempo sendo tão safada — comenta, vencendo a distância que o separava da cama onde estou à sua espera, insana demais para lembrar que essa será a minha primeira vez, experiência que não deve ser tão agradável, mesmo que seja com o meu leão.

— Estava esperando por um certo homem.

— Ele fica mais duro só de pensar que será o primeiro a comer a sua bocetinha, garota das flores. Minha. — Finalmente vem para cima de mim com o seu corpão quente e mãos que sabem como e onde me tocar.

Diego começa pela minha boca, com um beijo leve e breve, desce para o pescoço, morde e depois chupa. Passa para o meu peito e chupa, ao invés de morder ou apertar. Como um bebê faminto, suga o pequeno seio

com avidez e depois dá atenção ao outro.

Na parte de baixo do meu corpo, que já está convulsionando de prazer, dois dos seus dedos começam a socar dentro do meu sexo com movimentos rápidos, mas não profundos. Todos os seus toques fazem crescer um redemoinho de sensações em mim, deixando-me louca para me desfazer, mas ele não permite.

Quanto passo a me mover, na tentativa de fazê-lo ir mais fundo com o dedo indicador e médio dentro da minha boceta, enquanto o polegar massageia o clitóris, Diego de imediato afasta a mão e dá um tapa seco na parte de fora da minha coxa.

— Ai! Por que fez isso, seu ogro? — reclamo, sentindo o local latejar, assim como a minha vagina.

— Porque eu quis e você não pode tornar as coisas mais difíceis do que já estão. Estou tentando ser cuidadoso na sua primeira vez. Depois, minha putinha, eu vou dar exatamente o que você quer e merece — fala, abrindo mais amplamente as minhas pernas e acomodando-se entre elas. A mão direita alisa a minha coxa que, certamente, tem a marca da sua mão tatuada.

De olhos abertos, o leão começa a passar a ponta da língua pelos meus lábios e a abaixar o quadril sobre o meu.

— Você está pronta, garota das flores? — pergunta, procurando a resposta nos meus olhos, antes mesmo que eu abra a boca.

— Estou. — Lentamente, Diego desce as pontas dos dedos pela lateral do meu corpo até alcançar a minha mão. Entrelaça os dedos nos meus e com a outra mão segura na base do seu pênis.

Sempre exigindo que meus olhos fiquem presos aos seus, ainda que sinta vontade de rolá-los para cima, tamanho o meu tesão, ele pincela a cabeça robusta na minha boceta molhada, em um vai e vem gostoso e que me faz implorar.

— Por favor...

Quando a ponta grossa afasta os meus lábios vaginais, eles o acomodam como se eu tivesse sido moldada para recebê-lo dentro de mim.

— Não se mexa, gostosa... — Mesmo que esteja no controle, a sua respiração está alterada e até mesmo consigo ouvir as batidas frenéticas do seu coração.

O leão começa a me invadir pouco a pouco, em um entra e sai lento que vai até a barreira da minha virgindade. Por conta da sua espessura, tenho a sensação de estar sendo esticada para recebê-lo.

— Vai passar, meu passarinho. Eu prometo. — Ele não me dá tempo de assimilar suas palavras, sai lentamente e volta com tudo,

penetrando-me até o fim. A dor fina e insuportável pelo rompimento da membrana me faz perguntar o porquê de ter estado tão ansiosa por esse momento.

Lágrimas enchem os meus olhos, eles não conseguem focar no rosto do meu algoz quando ele desce a boca no meu rosto molhado e começa a beijá-lo.

— Perdão, branquinha — pede e, ao levantar a cabeça, vejo culpa nos seus olhos.

— Dói muito. Você é muito grande para mim. Tem certeza de que...

— Eu tenho, Ariella. O seu corpo foi feito para receber o meu, porque você é toda minha, agora mais do que nunca.

— Eu sou sua — reafirmo, pensando que agora isso não parece uma coisa boa.

Passam-se alguns segundos sem que ele se mexa e só o faz quando a minha respiração já está normalizada e o coração não ameaça mais pular do meu peito. Não sinto mais doer tanto, parece que restou apenas um ardor, quando ele começa a se mover.

A saída é dolorosa e a volta mais ainda. Parece impossível que em algum momento a experiência vá se tornar prazerosa e então o ogro

começa a me acariciar, beijar meu rosto, tocar os meus seios em conjunto com o vai e vem cadenciado. A dor começa a amenizar, um prazer diferente do que tinha sentido antes passa a ser construído dentro das minhas entranhas, até que, a certa altura, a dor se transforma em um leve incômodo.

— Gostosa... Você é muito apertada, minha menina — ele murmura, com a cabeça tombada entre a minha cabeça e o ombro. Está suado e eu começo a ficar impaciente com o seu cuidado.

— Mais rápido! — Levo a perna esquerda para o seu quadril e ele mete o tapa, como já tinha feito antes.

— Pare de ser safada, garota! Eu não quero machucar você. — Apesar de falar, desce as mãos para as minhas coxas e circula o seu quadril com elas. — Não dessa vez — completa de maneira obscura, mas que não deixa de ser tentadora.

A sua ameaça, ao invés de assustar, como talvez seja a sua pretensão ao falar, só me deixa mais excitada, preparada para quando ele não estiver tentado a ser tão cuidadoso.

Em cima de mim, com uma mão agarrada ao meu seio e a outra entrelaçada aos meus dedos, Diego se move sem nunca se cansar. Entra e sai, a cabeça no meu pescoço faz com que eu sinta e escute sua entrega.

— Merda! — esbraveja quando levanta a cabeça e os seus

cabelos úmidos pelo suor caem no meu rosto. Sinto que está se segurando para não ir além.

Segura-se para não meter com força, para não levar as mãos até o meu pescoço. Para não estapear a minha bunda. Eu sei que é disso que ele sente falta. O que quer de mim e o que, por alguma razão, desejo lhe dar.

Como não tenho o mesmo controle dele, libero as minhas mãos quando seus dedos começam a manusear o meu clitóris inchado e as finco na sua bunda firme. O toque parece estimulá-lo e quanto mais eu afundo as unhas na sua carne, mais fundo ele vai. O cuidado parece ficar um pouco de lado, assim como o meu incômodo é esquecido.

Para mim, ainda não parece ser o suficiente e o sentimento de que ele pode me dar mais muito mais do que eu deveria desejar faz com que eu vá além e provoque a fera adormecida.

Quando começa a abrandar o ritmo das penetrações e o toque no meu clitóris, subo as mãos até a altura do seu ombro e então começo a descer com as unhas por suas costas, forte o suficiente para machucá-lo e deixar a minha marca.

O meu gesto faz com que ele ruja no meu ouvido, como um verdadeiro leão e Diego começa a meter com força, dói um pouco, mas é bom, assim como ele parece estimulado com as minhas unhas a ponto de tirar

sangue das suas costas.

Ele mete e eu o recebo. Eu gemo e ele ruge feito um animal. O suor deixa os nossos corpos escorregadios e o cheiro de sexo se alastra pelo quarto.

— Goze para mim, Ella. Goze, porra! — Belisca o meu clitóris, mete pela última vez até o fim e então eu, trêmula e desvairada, desmancho-me em seus braços. Tremores sacodem o meu corpo enquanto curto os desdobramentos do meu gozo e ele parece longe de se sentir satisfeito.

Diego continua a me penetrar e o faz por vários minutos, completamente compenetrado na busca do seu prazer. Quando o momento de sua liberação se aproxima, o seu rosto se transforma e, mesmo que eu não achasse possível, ele fica ainda mais fascinante. Um macho forte, no seu momento de pura satisfação sexual.

A sensação é de que seu pau está ainda mais apertado quando goza dentro do preservativo e, por um momento de insanidade, desejo que estivesse se derramando dentro de mim.

— Caralho, menina! — Continua a meter enquanto goza e, mesmo que eu esteja me sentindo esgotada, sou arrastada pelo seu momento de liberação e mais uma vez chego ao orgasmo.

Por um breve momento e completamente ofegante e suado,

assim como eu mesma estou, o leão deixa que o peso do seu corpo caia sobre o meu e, se pudesse, não deixaria tão cedo o meu corpo.

Quando ele se recupera — infelizmente não demorou mais do que alguns minutos — a quebra da nossa conexão física é mais dolorosa do que imaginei que seria e entendo o porquê de ele ter tentado ir devagar. A minha vagina está muito ardida e dolorida, mas prefiro não dar atenção a esses pequenos detalhes, porque nada pode tirar o brilho da experiência que acabo de viver. De ter me entregado para o meu Diego. Meu leão.

— Você foi perfeita... — elogia, ainda com a respiração um pouco alterada, enquanto retira o preservativo cheio e o coloca no chão.

Eu o observo, fazendo uma nota mental para depois pegá-lo e jogar na lixeira. Do jeito que as pessoas são curiosas com tudo o que diz respeito a vida do filho do falecido senhor Estrada, é capaz de a faxineira encontrar a camisinha, falar para a minha avó e para toda a vila. Na certa tirariam suas conclusões de que sou a pessoa com quem ele usou o preservativo.

— Está falando sério? — Não que alguma vez na minha vida eu tenha sido particularmente insegura, mas preciso confirmar para que meu pedido se torne menos inusitado, levando em conta a minha situação.

— Eu não teria razões para mentir, passarinho — afirma, com as

costas sobre o colchão, o que me faz questionar como ele está conseguindo, considerando o estrago que fiz na sua pele.

Quando eu pensava que um dia iria arrumar um namorado e, conseqüentemente, fazer sexo com ele, jamais passou pela minha cabeça que poderia ser tão selvagem.

— Depois de tudo o que tivemos, você está corando, nem parece que agiu como uma safada na sua primeira vez. O que houve? — Ele me puxa para os seus braços e me abraça. Um gesto de intimidade e carinho que não estava esperando.

— Nada... — nego para que não pense que sou mesmo uma vadia.

Não que eu acredite que Diego pense em mim dessa forma. Sei que diz isso porque tem a boca suja e na hora do sexo gosta de usar termos chulos como: safada, putinha... branquinha, passarinho e Ariella, quando está mais sério. Se eu falar sobre o que estou louca para pedir, ele, no mínimo, acreditará que sou uma tarada.

— Ariella, fale de uma vez, porra!

— Eu quero de novo.

Mesmo esgotada, dolorida e muito sensível, só posso pensar que quero outra vez. Não como foi no início, mas sim como foi no final. Intenso,

quase violento.

Capítulo 28



Eu quero de novo.

Mesmo eu estando acabado, jogado sobre a cama, com as costas que parecem estar em carne viva, depois da melhor experiência que tive nos últimos tempos, a garota gostosa ainda consegue me surpreender. Surpreende positivamente, é claro.

Ella, com a sua cara de menina inocente, acaba de perder a virgindade e está pedindo por mais. Se ela soubesse o que estar dentro do seu corpo por tanto tempo causou em mim, não estaria fazendo tal pedido.

— Você não sabe o que diz, garota. — Levanto-me, mesmo que pareça que os músculos do meu corpo tenham virado gelatina. Seu olhar me acompanha até que eu sumo no banheiro e não me demoro em pegar uma flanela nova, umedecê-la com água quente e retornar para a cama.

— Pensei que tivesse gostado. — Ela sabe que sim, mas insiste porque não quer ouvir um não, mesmo que esteja com a boceta em carne viva.

— Abra as pernas, branquinha. — A garota, que tem os joelhos dobrados, junta as pernas ainda mais, agindo com infantilidade em um momento que não é para ser. — Me obedeça, porra! — Com as mãos eu mesmo afasto os seus joelhos.

Tenho duas reações e elas são imediatas e opostas. Primeiro vem a possessividade por estar vendo o sangue seco na sua boceta e manchando o colchão, como prova de que foi minha e de mais ninguém.

Primitivo? Eu sei que é, mas não posso e não quero evitar me sentir dessa forma. Não com ela.

A segunda reação é de frustração por ter passado dos limites, mesmo que tenha prometido a mim mesmo que não faria isso. Não na sua primeira vez. A sua vagina está muito avermelhada e inchada, mas ela age como se não fosse grande coisa.

— Porra, Ella, como você pode pedir mais quando a sua boceta está tão machucada?

— Não está... — Tenta negar, mas tem um sobressalto quando toco com a flanela morna o seu sexo.

— Tente relaxar e afaste bem os joelhos, branquinha. — A situação íntima a deixa corada quando já tivemos intimidades bem maiores, tantas que tem a pequena boceta inchada de tanto me dar.

Foi apenas uma vez, tão deliciosamente prolongada e, se fosse outra a situação, eu passaria a noite em cima dela. Eu desejava tanto comer essa garota que faz o meu sangue esquentar nas veias e correr direto para o meu pau, mas todas as minhas fantasias não chegaram sequer perto da realidade.

Mesmo sendo inexperiente, a garota é quente, espontânea e receptiva. Levou-me de uma forma que faria qualquer um acreditar que não se tratava de uma virgem. Eu a tive uma vez e esse parece ser apenas o início de uma obsessão, porque, enquanto cuido dela ao passar vagarosamente o tecido pelo seu sexo castigado, penso em quando poderei foder com ela de novo. Penso em como gostaria que não tivesse sido virgem até hoje, apenas para poder começar tudo outra vez e sem hora para acabar.

— Você está com sono? — Seus olhos estão fixos em mim e nos

movimentos das minhas mãos. Sei que está lânguida por conta da nossa intensa atividade física e pelos resquícios do último orgasmo, mas tenho esperança de que esteja mesmo com sono, pois não quero ser obrigado a recorrer a todo o meu autocontrole para não a usar mais do que já usei em sua primeira vez.

— Só um pouquinho — afirma, mas boceja. Ainda é cedo para mim, mas para ela e a maioria dos moradores desse lugar o momento já é de estar descansando para bem cedo estarem em pé.

— Eu vou tomar um banho, está bem? — digo, quando me sinto satisfeito com o cuidado no seu sexo.

Ella balança a cabeça em sinal positivo, mas, no fundo dos seus olhos, que conseguem ser transparentes, ela não consegue esconder a pontada de decepção.

Como qualquer outra garota da sua idade, acredito que tenha suas ideias românticas, mas eu não sou e não estou em condições de ser esse cara para ela. A minha consciência me diz que ela precisa de mais, mas uma parte de mim quer apenas se afastar. Ficar sozinho com os meus pensamentos para entender o que de tão diferente tem a garota para estar me fazendo acreditar que é perfeita para mim, pelo menos sexualmente falando.

— Tudo bem — fala em um fio de voz, fechando as pernas e

privando-me da visão da sua boceta, que me traz ganas de cair de cara e acalmá-la com a minha língua.

Entro no box, ligo a ducha gelada e a água fria não é capaz de acalmar o meu corpo. De clarear as minhas ideias, que estão nubladas. Eu já havia aceitado a minha atração por Ella e o fato de me sentir possessivo com tudo que lhe diz respeito, mas, no fundo, ainda acreditava que satisfazer pelo menos uma vez o meu tesão por ela iria abrandar os meus sentimentos, me mostrar que só a queria tanto porque resistia à ideia. Estava enganado, porque agora tudo o que penso é em voltar para a cama e ficar com a garota.

Dar a ela o que jamais dei a qualquer pessoa porque não tinha nada para dar. Nunca tive.

Vários minutos se passam até me sentir pronto para encará-la e, quando volto, encontro a cama feita. As velas, antes acesas por mim para tentar preparar um ambiente especial para a sua primeira experiência sexual, estão todas apagadas e o quarto está na mais completa escuridão. Parece frio, ainda que o clima esteja fresco.

A minha primeira vontade é de ir atrás dela e trazê-la de volta, mas então me permito por um segundo pensar melhor e me pergunto por que eu faria isso. O que eu quero dela está longe de ser dormir agarrado, sentindo o seu corpo satisfeito junto ao meu. Ainda que eu tenha arrastado um

casamento por mais de sete anos, o que Larissa e eu tínhamos não se tratava de troca de carinhos e, com isso, não sei como ser diferente. Eu não quero ser diferente, pois acredito que já tentei uma vez e não terminou bem nem para mim e nem para ela.

Estou certo de que não sou e nunca serei material para relacionamentos, que não saberia ser o que alguém como Ella precisa. É uma boa moça e precisa de mais, muito mais do que eu posso lhe oferecer. Os nossos dias juntos estão contados e terminarão no mesmo dia em que eu for embora dessa cidade. Sei que será melhor dessa forma para ela. Quanto a mim, isso realmente não importa.

As minhas costas estão ardendo para caralho, mas isso não causa incômodo, não causou quando ela me arranhou, não será agora que irá acontecer, pelo contrário, sinto uma onda de prazer e satisfação quando lembro como a mácula na minha pele aconteceu, de como a menina esteve entregue do início ao fim. A forma como ela pedia por mais.

— Já chega disso, porra! — esbravejo em voz alta para ver se assim freio os meus pensamentos que insistem em correr para ela. Tento não pensar onde ela está e se ficou bem depois de ter perdido a virgindade.

Perdido a virgindade. Essa frase soa bem demais aos meus ouvidos. Saboreio-a na minha boca porque não posso fingir que o fato não

está mexendo comigo. Sabia que ela era virgem, mas a sensação de tê-la tornado mulher no sentido mais básico da palavra demorará a sair da minha mente.

Quando o meu corpo pede por descanso e eu me deito para tentar dormir, fico virando de um lado para o outro e não tenho nenhum sucesso. Em determinado momento, dou-me por vencido e vou em busca do meu passarinho, porque eu não vou conseguir dormir longe dela.

Não hoje.

Só hoje, eu preciso dela, sentir o calor do seu corpo e a sua respiração. Amanhã tudo voltará para o seu devido lugar, não hoje.



Por mais que eu faça força para isso, está impossível conseguir dormir e é tudo o que eu quero fazer neste momento. Dormir e esquecer o que aconteceu ao final da minha primeira noite de...

O quê? Amor?

Provavelmente não, nada do que aconteceu entre nós dois tem a ver com amor. Desejo, atração fatal, pode ser qualquer uma dessas coisas, mas de amor não tem nem a sombra. Se tivesse, ele não teria me virado as costas e fugido. De alguma forma foi o que Diego fez.

Eu não me iludi com relação aos seus sentimentos em nenhum momento desde que nos conhecemos, até porque ele sempre deixou bem claro as suas condições, mas esperava que hoje, só hoje, fosse diferente.

Depois de um tempo, a agitação dos meus pensamentos me leva a flutuar entre estar acordada e dormindo. Aquela sensação de estar dormindo e ao mesmo tempo atenta a tudo que acontece em volta.

Como se estivesse programado para isso, sinto o meu corpo relaxar quando um braço pesado envolve a minha cintura, que está coberta pela malha fina do meu pijama, um vestido curto e de alças. Atrás de mim, sinto o calor do seu corpo, a rigidez dos seus músculos e ele é tão maior do que eu, seja em altura quanto em massa muscular, que eu tenho a sensação de proteção.

Estou em um sonho tão bom, o final perfeito para a noite que no geral foi mais do que sonhei para a minha primeira vez. Amei cada toque do leão ogro, desde os mais gentis, quando tentava se controlar, até os mais

brutos, quando eu o fazia me tocar da forma que eu sei que ele gosta. Tudo foi bom porque foi com ele, nós dois juntos, e nem a leve ardência no meio das minhas pernas deixa de ser boa. É boa porque fica como um lembrete do que fizemos e, por enquanto, eu não quero esquecer.

Se não fosse um sonho, Diego não estaria me segurando de forma tão possessiva, não estaria distribuindo beijos pelo meu pescoço.

Ah, Diego, será que você não poderia ser um gatinho manso pelo menos uma vez?

Então o beijo carinhoso passa para uma mordida, seguida de uma chupada no lugar doído e tenho ainda mais certeza de que estou em um sonho bom. Quando a mão grande começa lentamente a deslizar pela minha barriga, me dou ao trabalho de afastar lentamente as pernas e a sua mão descansa entre elas, com o dedo quase encostando no meu sexo. Que sensação maravilhosa!

Sonhar que está dormindo de conchinha com o homem que você gosta, recomendo! Sorrio com malícia para mim mesma, porque depois do Diego até os meus sonhos são safados.

— Que sorriso é esse, garota das flores? Eu ainda não sei se você está dormindo ou acordada.

— Até em sonho a sua voz parece excitante, fale mais — peço.

— O que você quer que eu diga, passarinho? — Como o sonho é meu e nele Diego é obediente e faz todas as minhas vontades, ele dá uma risadinha bem perto do meu ouvido e o calor da sua respiração causa arrepios de prazer em todo o meu corpo.

— Qualquer coisa, só me deixe ouvir o som da sua voz. Essa mãozona também pode subir um pouco mais...

— Conte-me mais — sussurra novamente e... porra! Só essa voz é capaz de me fazer gozar.

— Dedos grandes e hábeis demais. Eles bem que poderiam me fazer um carinho. Está ardendo, mas eu suporto. Por umas carícias suas, eu topo tudo. Mas também nem sei por que estou me explicando tanto, é disso que você gosta mesmo. Um tapinha aqui, outro ali...

— Sua safada!

— Eu sou, não é...? — indago.

— Está bem, já chega. Por que você não abre os olhos, passarinho? Diga todas essas coisas quando estiver lúcida. Eu te desafio. — Morde como mais força e dessa vez sinto algo diferente.

O meu corpo fica duro feito um pedaço de madeira sobre a cama e os meus olhos se abrem arregalados.

Não, eu não fiz isso!

Tiro seu braço de cima de mim, pulo para o outro canto do quarto e ele me encara, divertido. Contente como nunca o vi.

— Falei demais, não foi? — A minha cara queima de vergonha e o meu constrangimento fica maior porque percebo que tudo foi muito divertido para ele.

Bom, talvez eu estive mais dormindo do que acordada.

— Gostei de cada palavra que saiu da sua boca.

— Só bobagens, tenho certeza. — É claro que foi. Quem fala coisas coerentes enquanto dorme?

Eu estava dormindo, não estava?

— Só os seus desejos mais secretos?

— Mas o que é que você está fazendo aqui no meu quarto? — pergunto para mudar o rumo da conversa e lembrando o porquê de ter ido dormir chateada com ele. — E nem venha com o papo de que a casa é sua, porque, se eu estou ocupando esse quarto, ele é meu — aviso querendo não sentir nada além de irritação e frustração, mas fica difícil quando olho para ele com mais atenção de me dou conta de que está apenas de cueca.

O ruim é que ela guarda um belo pacote e ninguém poderá me

culpar se eu não conseguir manter o foco.

— Você precisa parar e respirar, passarinho.

— Eu não tenho que me acalmar e nem preciso respirar. E não me chame de passarinho, seu ogro!

— Quantos pedidos, Ella.

— Não pode voltar quando teve a audácia de me virar as costas depois de... depois de...

— Ter te comido?

— Saia daqui, Diego. Estou chateada com você. Será que dá para entender? Respeite o meu espaço, assim como respeitei o seu quando achou por bem transar comigo e depois me virar as costas.

— Venha aqui, passarinho. Eu vim para ficar com você. — É só o que diz contra o meu ataque.

— Eu não vou! — Viro-lhe as costas, mas o homem me pega em dois tempos.

— Vamos para a cama, está tarde e você precisa descansar e recuperar essa bocetinha quente — fala, abraçando-me por trás.

— Você vai me deixar maluca.

— Você já é, garota das flores — fala baixinho no meu ouvido e

me vira de frente. Olhando para o meu rosto, ele pega nas minhas mãos e pede: — Segure-se.

Em seguida enrola as minhas pernas em volta da sua cintura e me leva para o seu quarto. Eu deixo porque estou fraca por esse homem perturbado e porque já foi um grande passo ele ter voltado para mim.

Ao entrarmos, Diego primeiro me deita de costas sobre a cama e depois começa a tirar a cueca. Os meus olhos querem pular para fora do meu rosto, o coração acelerado e as carnes trêmulas.

— Gosto de dormir pelado. Isso te incomoda? — Arqueia uma sobrancelha. — Se quiser, pode ficar sem roupa. Eu não me importo.

— Eu também durmo pelada. Sabe como é aqui em Santa Rita, né? Dias quentes. — Sem a menor vergonha na cara, tiro minha roupa de dormir, fico tão nua quanto Diego e o ogro não consegue esconder a sua surpresa.

Você ainda não viu nada, meu bem.

É o que o meu olhar diz.

Você não é páreo para mim

O olhar dele responde enquanto se aproxima dos pés da cama. Agora que a luz do quarto está acesa, diferente de quando transamos mais

cedo, ele tem a oportunidade de ver o meu corpo melhor e sinto toda a minha coragem indo embora. Estou completamente sem jeito e meu leão percebe.

— Você é linda e a minha boca está salivando de vontade de chupar a sua boceta. Ela está vermelhinha e saber que fiz isso com ela me deixa louco.

— Eu... — Calo-me quando o vejo deitar aos pés da cama e colocar as minhas pernas em cima dos seus ombros.

— Apenas relaxe e sinta. — Diego desce a cabeça e sinto os pelos da sua barba fazendo cócegas entre as minhas coxas. Só melhora quando dá uma lambida do início ao fim e depois começa de fato com a festa.

É deliciosa a sensação da sua boca me chupando cheia de fome, misturada com a ardência que a nossa primeira relação sexual deixou. Neste momento eu estou tão quente que parece que vou derreter sobre essa cama. Passo a gemer e o som parece alto até para os meus ouvidos.

— Venha para mim, passarinho. Preciso sentir o seu gosto na minha língua.

Não sei se foi a sua voz rouca pelo momento íntimo ou a lambida dura, mas eu acabo me desmanchando e gozando. O meu corpo se sacode e as minhas mãos agarram o lençol da cama, enquanto correntes elétricas atravessam o meu corpo. É tão bom e parece que nunca vai acabar.

Eu não quero que acabe.

Passe-se algum tempo até que eu me acalme e sinta o seu corpo desabar ao lado do meu.

— Isso foi...

— Prazeroso — ele completa.

— E você? Eu quero fazer por você também — falo e a minha mão vai direto para o seu membro. O leão está duro e só penso que chegou a minha vez. Que não deve ser tão difícil.

— Não, você não precisa. Hoje à noite é toda sobre você. Agora preciso que descanse.

— É agora que você se levanta e vai embora? — pergunto, porque não posso deixar de lembrar ou de me ressentir pelo que aconteceu mais cedo.

— Eu não vou. Durma. Só durma, garota das flores. — Diego puxa o meu corpo para o seu, me deita de lado e abraça a minha cintura.

Sentindo o seu corpo e a sua respiração tão próximos, dessa vez eu durmo de verdade, um sono tranquilo e revigorante. Quando volto a abrir os olhos, já é de manhã e a luz sol entra pela janela que está amplamente aberta. Eu estranho, porque janelas abertas não são um costume nessa casa.

Um pouco desnorteada, me sento e olho para o lado onde Diego deveria estar. Está vazio, mas a bagunça na coberta mostra que ele esteve mesmo comigo durante toda a noite e mesmo que não esteja mais, sei que ele dormiu ao meu lado, como havia dito que faria.

Serelepe, rumo para o banheiro para lavar o meu rosto, porque nada melhor do que água gelada para terminar de despertar. Quando levo a mão molhada ao rosto, sinto algo mais frio tocar a minha pele, então desço-a um pouco para que não encubra os meus olhos. Diante do espelho, me assusto com a imagem que vejo refletida nele.

— Não, isso não é real. Só pode ser um sonho — digo baixinho e meus olhos enchem-se de lágrimas.

Um choro que não posso e não quero conter, porque não consigo acreditar no que está acontecendo.

Capítulo 29



Está cedo, ainda que o sol já tenha aparecido, o campo ainda está vazio e eu agradeço por isso. Com a minha cabeça erguida para o céu, deixo que o sol beije o meu rosto e que a brisa atravesse o meu corpo.

Como eu sentia falta dessa sensação, desse lugar em que fui tocado por um anjo. Tudo nela era bondade. Uma bondade que eu não merecia. Suas poucas palavras e seu breve toque me mostraram isso. Era a delicadeza em contato com a dureza.

Então, com a prova da sua existência escondida em um colar por

baixo da minha camisa, guardei o seu anel e ontem, depois de tudo o que vivi com Ella de como o passarinho me fez sentir vivo, outra vez a ideia de que ela poderia ser o meu anjo dos roseirais se insinuou na minha mente e, dessa vez, resolvi tirar a prova. Se ela for o meu anjo, saberá onde me encontrar e então me tocará, amenizando só mais um pouco as minhas dores.

Não sei se foi uma fração de segundos, ou se demoraram minutos ou horas até eu sentir sua presença atrás de mim. Não preciso olhar para trás para saber que é a minha garota das flores de dois anos atrás, a mesma energia, o mesmo toque delicado e a cabeça deitada nas minhas costas.

— Eu estava esperando você — falo quando encontro a voz. A minha mão desliza e então eu sinto o anel de prata fininho no seu dedo e respiro aliviado. — Você me encontrou, garota das flores.

— Eu esperei por você durante dois anos. — A voz sai fraca porque está chorando. Com calma, solto as suas mãos e viro-me de frente para ela.

Tão linda com o seu rosto de menina. Os cabelos avermelhados e longos. Só poderia ser a Ariella o meu anjo dos roseirais. Como poderia ser outra pessoa se antes dela eu só consegui me sentir bem assim em uma única e especial ocasião?

— Você esqueceu isso no meu dedo — diz entre risos e lágrimas.

— Eu não sei quem é a dona dele. Será que é você, garota das flores? — Ela assente com um gesto de cabeça.

Como milagres que só a natureza consegue fazer, um vento forte balança as rosas ao nosso redor, o sol dá uma baixada e sem mais nem menos começa a chover. O chuveiro rapidamente se transforma em uma tempestade e nós não paramos de nos olhar.

Quando tudo parece intenso demais para que consigamos suportar, apenas diminuimos o espaço que nos separa e nos jogamos nos braços um do outro. As suas mãos em volta do meu pescoço e as pernas longas na minha cintura. Ela está toda em mim e eu só posso segurá-la com força, enquanto as nossas bocas se encontram.

Estamos cheios de fome, porque não precisamos de palavras, não nesse momento em que os nossos corpos falam por si só. Estamos sedentos, como um casal que passou anos sem se tocar e precisa matar a saudade. Não tem explicação porque não teve nada de sexual no que tivemos dois anos atrás, mas não é como eu sinto agora.

A chuva chicoteia os nossos corpos, mas estamos concentrados em nos devorar através do beijo. Eu sugo a sua língua com avidez para dentro

da minha boca e ela leva as mãos para o meu cabelo, que está preso, e se agarra nele. Deixo uma das minhas mãos na sua cintura e a outra vai para os cabelos da sua nuca. Seguro os fios com firmeza e afasto a sua boca da minha, inclinando a sua cabeça para o lado. O seu pescoço fica livre e então o mordo com uma força que a faz estremecer nos meus braços. Depois começo a chupar no mesmo lugar, pois não quero que apenas sinta, necessito que fique com a minha marca. *Marcada por mim.*

Embora a chuva não me permita ouvir quase nada, ela está gemendo bem próximo ao meu ouvido e tentando se esfregar como pode. Sinto-me tão necessitado dela neste momento que sei que nada no mundo me impediria de implorar se preciso fosse.

— Eu quero você. Preciso tanto entrar em você agora, passarinho... — digo sôfrego no seu ouvido, alto o suficiente para que ela me escute.

— Faça-me sua, meu leão ferido. Meu Diego — pede quando voltamos a nos encarar com os rostos encharcados pela água da chuva.

Aqui no meio das rosas, onde tudo começou, vou ter a única pessoa que conseguiu realmente me tocar. Porque todas as vezes em que a toco, um pedacinho da sua alma preenche a minha.

Com cuidado, a deito sobre a terra molhada, que já está se

tornando um lameiro e, cheio de pressa, parto o seu vestido em dois com um único rasgo. Ella me ajuda a tirá-lo e o faz com as mãos trêmulas e sem desviar o olhar do meu, que deve estar incendiando o seu corpo.

— Abra as pernas para mim, branquinha — peço e ela faz.

Deito-me em cima do seu corpo esguio e parece que não tenho mãos suficientes para tocá-la por todas as partes que necessito.

Uma das suas pernas se enrola no meu quadril e sei que faz para deixar os nossos sexos em um contato mais íntimo, tocando-se como almejamos fazer. As suas unhas já estão nos meus ombros fincadas com força e me faz ansiar para que as desça pelas minhas costas, que ainda estão doloridas de ontem. Eu não me importo com a dor que virá depois, só preciso de mais de suas marcas.

— Você tem certeza de que já está pronta para fazer isso de novo? Não quero te machucar, Ella. Só me faça parar — digo contra o seu pescoço.

— Eu estou bem, Diego. Só preciso de você, meu leão ferido — fala e para mim é o suficiente.

Afasto o meu corpo só o bastante para conseguir descer a minha calça pelo meio das minhas pernas e livrar o meu pau, que neste momento se encontra prestes a explodir de tesão. Quando a ponta entra em contato com o

seu sexo, nós dois ofegamos e fico por um triz de meter com força.

— Eu não tenho...

— Só faça, Diego, por favor, confio em você.

Eu faço, sem pensar nas consequências de transar sem camisinha, porque só consigo pensar em como é bom senti-la assim. O seu calor, pele contra pele. O seu aperto que me faz gemer de satisfação. Tudo é demais, muito maior do que sempre tive.

— Como é bom transar com você, menina. Você é perfeita, branquinha, tão apertada...

Meto até o fim, faço alguns movimentos circulares para aumentar o nosso tesão e depois saio, só para voltar a meter com mais força.

— Mais, Diego. Eu quero mais — implora e tenho certeza de que não sabe pelo que está implorando, a minha garota das rosas apenas é gananciosa demais para se contentar com o que tem. Ela quer mais, sempre mais e, se depender de mim, ela terá.

Vendo-a por baixo de mim, parecendo uma deusa com o seu rosto molhado e cabelos grudados, a água batendo nas minhas costas, sinto como se a culpa estivesse deixando lentamente o meu corpo. Lentamente ela se vai.

A culpa de querer tanto alguém como ela. A partir do que aconteceu aqui, eu sei que, de hoje em diante, nada me afastará dela, que enquanto estiver ao alcance das minhas mãos, eu sempre terei a necessidade de tocá-la. Seja para acariciar ou para marcar, não sei mais se pode ser de outra forma.

Os meus erros, os fantasmas e o sentimento de culpa ainda existem, mas o meu desejo por ela é maior. Não quero pensar no depois, só no momento, esse em que estou em cima do seu corpo, comendo a sua boceta e sentindo suas garras afiadas na minha bunda.

— Você não sabe o que me pede, não é mesmo? — tenso de desejo, falo contra a sua boca, que é naturalmente vermelha. — Tem muito a aprender, meu anjo.

— Eu quero que você me ensine... — diz quando soco, e ela puxa o meu cabelo com força.

Será que ela sabe que se torna uma fera quando está no auge do seu tesão? Se tem algo em que eu estava errado foi quanto a julgar Ella em relação ao lado sexual da nossa confusa relação. Ela é muito compatível comigo e todos os seus gestos dizem que ela foi feita na medida certa para mim.

A pessoa certa no momento errado.

— Será o meu prazer, passarinho de garras afiadas — digo, agora entrando e saindo do seu sexo com calma. Indo e vindo com movimentos calculados, o que parece deixá-la frustrada, porque aparentemente não sabe que nem todas as fodas precisam ser frenéticas. — Eu vou dar todo o prazer que você quiser, porque sei que você fará o mesmo por mim.

— Eu quero muito... — confessa ao enrolar as duas pernas em volta da minha cintura.

Não resisto à sua boca e mordisco o seu lábio inferior. Mordo, ela geme e, surpreendentemente, faz o mesmo comigo, imita a minha ação com bem mais força. Sinto o gosto metálico de sangue.

— Você não é um passarinho, como eu estava enganado... — As minhas palavras são acompanhadas do movimento que faço para trocar nossas posições. Agora estou sentado e ela em cima de mim, empalada com o meu pau profundamente metido dentro dela. — Você é uma fera.

— A fera e a fera — brinca e eu levo um tempo para entender.

— Sua maluca! — Puxo o cabelo da sua nuca e ela, em resposta, finca as garras no meu peito. — Eu quero que você se mova, sente no meu pau e tome de mim o que você quiser. Faça como quiser, Ella, porque eu temo que não consiga mais me controlar e faça algo para o qual você não está

preparada.

— Vai bater na minha bunda? — Ela não para.

— Cale a boca e vamos acabar com isso, você está me matando, menina! — Com firmeza agarro a sua cintura e eu mesmo a faço subir e descer. — Será que pode fazer isso?

— É assim? — A safada começa primeiro a rebolar, fazendo movimentos circulares, profundamente metida em mim, depois ela começa um sobe e desce lento. Tudo porque não sabe a hora de parar, porque não entende que mais tarde ela vai sofrer as consequências da sua falta de controle.

Por isso, tendo que ser o responsável e precisando acabar de vez com o seu fogo, levo os dedos ao seu clítoris e começo a acariciá-lo. Deixo que ela suba e desça no meu pau e que enlouqueça com o meu dedo. Para mim mesmo está difícil demais segurar o orgasmo que perigosamente se aproxima.

— Quando acabar, vai querer fugir e fingi que não aconteceu?
— Eu não acredito que Ariella está fazendo isso!

— Não vou... — falo com os dentes trincados, desistindo de estimulá-la porque tenho outros planos. — Vou te comer todos os dias. Mais de uma vez, se você quiser. No quarto, na ala dos cavalos e em qualquer

lugar dessa fazenda. É isso que você quer, não é?

— Isso mesmo...

— Então vamos logo acabar com isso ou você vai me matar, porra!

Novamente troco nossas posições e deito-a outra vez sobre a terra molhada. Meto só mais três vezes e ela goza gritando o meu nome para o céu, que derrama chuva sobre nós. Leva-me junto com ela e eu jorro o meu esperma dentro do seu corpo, sentindo que não vai acabar nunca.

Quando acaba, me vejo fazendo esforço para não desabar o peso do meu corpo em cima dela e um ainda maior para deixá-lo. Como as coisas não podem ser como quero, me retiro lentamente do seu sexo e os meus olhos vão direto para a sua boceta, que além de vermelha, contém resquícios do meu esperma.

— Porra!

— Pare com isso, Diego. — Mete o tapa na minha mão quando vou tocá-la. Mesmo assim eu o faço e ela tem um sobressalto com um leve toque.

— Ella, perdoe-me pela minha irresponsabilidade, mas saiba que eu estou limpo. E você...

— Não pense mais nisso, está tudo certo comigo. Foi maravilhoso.

— Você não vai trabalhar hoje, pode deixar que do meu filho eu cuido — aviso e ela fica brava.

— E eu vou dizer o quê? “Oi vó, não vou trabalhar porque estou com a boceta ardendo de tanto transar?” — Não seguro o sorriso e o passarinho fica mais irritado.

— Eu senti a sua falta — falo sem pensar e espero que entenda a que me refiro.

— E eu a sua.

De repente, o clima de descontração passa e fica só a tensão, a eletricidade passando entre os nossos corpos.

— Aquele dia estava sendo muito difícil para mim. Era o velório da minha esposa e aí você apareceu e me tocou... Eu nunca esqueci do seu toque, passei dois anos sentindo-o como se estivesse queimando a minha pele. Foi tão boa a breve sensação de ser tocado por você que apenas o seu anel me impediu de acreditar que aquilo não foi uma alucinação.

— Eu senti a sua dor. Eu queria dividi-la com você. Quando desapareceu não levou embora apenas o meu anel, levou os meus pensamentos e no fundo eu sentia que um dia iria voltar a ver o meu leão

ferido. Ninguém nunca conseguiu me marcar depois de você, só o Diego — diz e o seu sorriso é meio triste.

— Não deixei que mais ninguém se aproximasse de mim depois da minha garota das flores, só meu passarinho.

Sentados lado a lado, os nossos lábios se tocam com carinho. Nada da intensidade de sempre. É mais o carinho do reconhecimento, do reencontro que precisava acontecer.



Capítulo 30



Enquanto os nossos lábios flertam, reparo nos seus olhos escuros. Eles agora me fitam de uma forma como não tinha feito antes. Não sei classificar, apenas estão diferentes.

Ou talvez não seja ele e sim eu que estou diferente. Porque agora não é só o senhor Diego Estrada, o homem que virou a minha cabeça desde o primeiro momento. Aqui está o meu leão ferido, o homem que eu quis voltar a rever por longos dois anos. Ainda não posso acreditar que seja ele e ao mesmo tempo, agora que o reencontrei, não consigo imaginar que outra pessoa além dele pudesse ser o meu homem sofrido dos roseirais.

Agora eu também vejo o seu rosto, o som da sua voz, mas ainda é o mesmo homem de dois anos atrás, ainda parece triste, ainda parece carregar um fardo maior do que pode suportar. Se, como ele disse, eu o ajudei de alguma forma nos poucos minutos que ficamos juntos naquele encontro, por que não posso fazer de novo?

Ainda não entendo o que aconteceu e nem sei nada da sua vida, mas agora ele não é mais apenas o Diego que faz o meu sangue ferver e que me faz sentir vontade de cometer loucuras, tenho necessidade de saber mais da sua vida. De conhecê-lo melhor.

Eu preciso fazer isso!

— No que está pensando, branquinha? — pergunta ao levantar a minha mão esquerda e beijar o lugar onde está o meu anel.

— Ele é especial para você, não é mesmo?

— Muito. E me desculpe por tê-lo levado comigo. Imagino que era especial para você também.

— Uma joia de família. Sem nenhum valor, mas uma joia de família — digo, vendo uma sombra de tristeza passar pelos seus olhos.

— Cuide dele com carinho.

— Vou cuidar. Esse anel é nosso. — Beijo o canto da sua boca

onde os pelos da sua barba fazem cócegas.

— Ella, você não me conhece, eu não quero que pense...

— Por favor, não diga nada. Não estrague esse momento. Você pensa demais Diego, esse é o seu problema.

— Eu não mereço alguém como você na minha vida. Com você, sinto-me vivo e não quero me sentir assim, eu não devo me sentir assim.

— É claro que merece. Você não pode ter esse tipo de pensamento. Mas pode deixar que comigo você pode aprender uma coisinha ou outra. E será de graça.

— De graça? — fala, bem menos *deprê*.

— Bom, talvez eu aceite como pagamento uns beijos. Uma mão boba aqui e outra ali.

— Umas chupadas bem dadas na boceta?

— Se você quiser.

— Você é linda, passarinho.

— Eu não estou sabendo lidar com esse seu lado gentil, Diego. Juro que não estou.

— Se quiser, eu posso ser o ogro.

— Você sempre será o meu ogro. E o leão que gosta de brincar com o passarinho.

— Um leão sádico — diz e sei que fala sério. — Ele gosta de comer um passarinho de garras afiadas e espero que saiba o que esperar dessa relação.

— O passarinho este ciente e aceita os riscos — brinco.

Será que eu não deveria estar pelo menos um pouco assustada pelas promessas veladas que vem fazendo quando o assunto é o nosso sexo? Se a resposta for sim, creio que tenha algo de muito errado comigo, porque tenho dois sentimentos: ansiedade e curiosidade.

— O que esperar de alguém que conversa com plantas?

— Por que você se envolveu com uma maluca? — devolvo porque nem eu mesma acho normal conversar com plantas. É isso nem é a coisa mais doida que já fiz.

— Gosto pessoal. — Ele morde o meu pescoço e eu tremo, como sempre. — Você sabe que tem uma marca da minha boca bem no seu pescoço, não sabe?

— Deu um chupão? Como vou esconder?

— Não esconda. — Essa fala, sim, me surpreende, porque já

estava contando com os nossos amassos pelos cantos, longe dos olhos de qualquer um.

— Está bem, vou andar por aí com um roxo bem no meu pescoço. — Sou irônica e ele dá um sorriso discreto.

Ainda preciso me acostumar com o seu sorriso, porque parece que ele tem aparecido com mais frequência.

— Branquinha, nós temos que ir. A chuva está parando e eu não quero que ninguém te veja assim. Só eu posso.

— Pensasse nisso antes de rasgar a minha camisola. — Olho para a peça próxima a nós, que está embolada ao lado da sua camisa de botão.

— Venha aqui. — Levanta-se e depois me ajuda. As minhas pernas estão um pouquinho bambas, não sei se conseguirei fechá-las, mas eu estou bem.

Muito feliz, tanto que é difícil acreditar em tudo que aconteceu. Em casa, talvez eu ganhe alguns roxos na pele pelos beliscões que darei em mim mesma para acreditar que não foi só um sonho.

Vejo o meu lenhador de músculos definidos subir a calça que estava enrolada nos seus tornozelos e depois se abaixar para pegar a camisa. Diego a sacode e depois se aproxima de mim.

— Vá com ela. Vai ajudar a cobrir esse corpinho gostoso. —
Sob o meu olhar observador, ele fecha botão por botão e depois dá dois passos para trás quando fica satisfeito.

— Quase um vestido.

— Minha — Agarra-me. Olha-me por um tempo e depois pergunta: — Será que a sua avó chegou? Não tem como entrarmos sem que ela perceba.

— Provavelmente não, com essa chuva ninguém saiu de casa, só mesmo quem queria transar no meio do campo.

— Queria que fosse no feno? — diz no meu ouvido, aproveitando para apertar a minha bunda com as duas mãos. — E quanto a sua avó, preciso falar sobre esse assunto com você mais tarde.

— Mais tarde?

Por que não agora?, eu quis perguntar.

— E o que falei antes ainda está valendo, hoje você não cuida do Alex. Não quero que fique doente por causa da chuva que pegamos e ainda tem o seu corpo, que precisa se recuperar das atividades recentes. Vou te levar um analgésico.

— E você? — preocupo-me.

— Eu sei me cuidar, passarinho. Não se preocupe comigo, está bem? — Assinto e nós seguimos para a sede.

No caminho, lembro do meu pequeno, bem tarde, para a minha vergonha, e ele diz que o deixou com Tony. Fala que deixou o homem avisado para ficar de olho para quando ele acordasse, porque não sabia como eu reagiria quando visse o anel que há anos foi levado.

Reagi como ele pensou, porque realmente não pensei em mais nada. Apenas saí para o campo com camisola e tudo, porque sabia que o encontraria lá.

— Eu... — Na porta do meu quarto, depois de termos atravessado a sala e nos dado conta de que não tem ninguém na casa, perco a fala.

— Fique bem. Eu vou cuidar do Alex para você. Mais tarde talvez eu venha até aqui te ver.

Eu não deixo passar batido o talvez no meio da sua frase e sinto medo de que ele se deixe levar pelos próprios temores e volte atrás novamente.

— Está bem — digo quando gostaria de falar muito mais e o vejo se afastar.

— Ella, eu... — Volta novamente, me prende contra a porta e me

beija cheio de fome, como se não fosse mais fazê-lo na vida. Eu o agarro com a mesma empolgação, mas o beijo termina rápido demais.

— Eu volto, acredite.

Depois que fecho a porta atrás de mim, penso que vou me derreter sobre o piso, tamanha a minha alegria. Com a sensação de que estou flutuando, rumo para o banheiro, tomo um banho quente e me demoro nele.

Enquanto a água cai sobre a minha cabeça, retomo os acontecimentos de ontem e hoje. Transei com o meu Diego ogro e agora descubro que ele é o mesmo leão ferido que há dois anos toquei. Tudo o que aconteceu há pouco foi diferente do que eu estava esperando dele.

Estava menos frio e fechado. Mais carinhoso e ousou até alguns sorrisos. Eu o sinto em cada parte do meu corpo, como se ainda estivesse em cima de mim, dentro de mim. Cada recanto do meu corpo se regozija de ter sido tocado por ele.

Mesmo eu sabendo que não é uma boa coisa a se fazer e que Diego guarda segredos e dores que não quer compartilhar comigo e me impedem de chegar perto, tudo em mim o quer e sabe que é inevitável sentir mais, muito mais.

É inevitável me apaixonar. Eu estou me apaixonando por Diego Estrada.

Capítulo 31



— Quando será que você deixará o papai ouvir a sua voz, meu amor? Eu sei que tem o seu tempo e o fará quando estiver preparado, mas confesso que estou muito ansioso para isso. Você falará papai e esse será um momento muito especial para o seu velho.

No seu quarto, converso com o meu menino, que acaba de acordar. Hoje, talvez por conta da chuva que ainda cai, só que mais fraca, foi um dia atípico para ele, que dormiu até mais tarde. Eu estava ansioso para isso acontecer para assim distrair um pouco a minha mente.

— Não mostre esses dentinhos que o papai está falando sério aqui, carinha. Aposto que o passarinho tem mais moral com você do que eu.

— Eu o pego nos meus braços e o aperto entre eles, sentindo o cheiro do seu shampoo.

Quando percebi que já estava no tempo de ele começar a balbuciar suas primeiras palavras, mas não o fazia, fiquei muito preocupado e fui em busca de ajuda. Não recebi nenhum diagnóstico porque simplesmente não existe razão para ele não falar.

Especialistas me aconselharam a estimulá-lo com palavras de carinho e incentivo, porque se for mesmo algo emocional, como suspeitam, ele pode falar a qualquer momento. O problema é que isso é tudo o que eu mais desejo e fica difícil segurar a ansiedade.

— Você não sabe como ela é safada... Não! Esqueça isso, bebê.

Não era o que eu deveria dizer. Para você, Ella é uma santa, não faz esse tipo de... tá legal, eu vou calar a minha boca — falo para os seus olhos claros, que estão arregalados, como se estivesse entendendo o que digo, mas é óbvio que não está.

Eu ainda estou sob o efeito do que aconteceu entre mim e o passarinho safado e não creio que vou voltar ao normal tão cedo. Pelo meu corpo estão os sinais de que estive nela, mas acredito que o seu estado é pior.

A sua boceta...

Não, homem! Não pense na boceta da garota agora. Já basta o que aconteceu hoje e que foi demais para ela. O passarinho precisa de descanso e não será eu, com a minha fome, quem irá atrapalhar isso.

Nos últimos dias, enquanto nos pegávamos pelos cantos da casa e de toda a fazenda, eu já vinha em um processo de aceitação de que não iria mais resistir à atração que sinto e agora, depois de ter tido o seu corpo de forma tão íntima e de ter comprovado o que no fundo eu já sabia quanto à identidade da minha garota das rosas, não me vejo mais tendo forças para refrear o meu desejo, a possessão e a paixão que ela desperta em mim.

Tudo que vier depois disso ficará de fora enquanto nós estivermos juntos. Eu sei que o mundo fora da redoma existe e os problemas mais ainda, só que, pelo tempo que eu a tiver, seremos apenas nós dois, porque a minha alma clama pelo seu toque. Porque do lado do passarinho eu me sinto vivo outra vez.

— Está com fome, leãozinho? — indago, achando graça do apelido que Ella deu para ele. — Vamos olhar se a dona Ester já chegou. Se não tiver, você terá que confiar nos dotes culinários do seu pai.



— Bom dia, Dona Ester. — Felizmente ela conseguiu chegar e o nosso jejum está salvo. — Esse garoto aqui quer se alimentar, preciso que faça algo para ele.

— Tudo bem, menino. Sente-se só um instantinho que eu farei um mingau daqueles. — Faço como sugere, mas antes de prosseguir, ela pergunta: — Por que o senhor está aqui com ele e não a minha neta? Tem alguma coisa acontecendo com a garota? — preocupa-se e leva alguns segundos para pensar no que falar.

Não sei se ela precisa saber ou se irá aceitar o que está rolando entre mim e sua neta, ainda mais quando conhece a mim e às minhas intenções.

Também não dá para revelar que está no quarto descansando porque a comi ontem, hoje e pretendo fazer isso muitas vezes mais. Essa revelação a deixaria escandalizada.

— Ella está no quarto descansando, eu dei o dia de folga para ela. — Decido falar uma meia verdade, omitindo o que a senhora não gostaria

de saber.

É claro que ela não aceitaria tão fácil e me olha cheia de desconfiança, minutos depois de ter se virado para a pia, enchido a panela com água e colocado para ferver.

— Ela não costuma ficar no quarto até essa hora. Tem certeza de que não está me escondendo nada, menino? — insiste e começo a me esforçar para controlar o meu gênio.

— O que eu poderia estar escondendo, senhora? — Enquanto tenho uma conversa desconcertante com a avó do passarinho, seguro meu pequeno pelo pé, já que ele decidiu se aventurar pelos potes que estão em cima da mesa.

— Tenho todo o respeito pelo senhor, que é o meu patrão, mas se está pensando que não percebo as coisas porque estou velha, quero avisar que está enganado. Pensa que eu não sei que você e a minha neta têm ficado de namorico pelos cantos? Que não percebo as conversas ao pé do ouvido?

— Escute, senhora...

— Eu não quero me intrometer na vida da minha neta, menino, Ariella já tem 19 anos e sabe o que faz, mas você precisa saber que ela é uma menina que nunca viu nada além desse campo de rosas que tanto ama, nada além da divisa de Santa Rita. Então imagine que ela é uma garota cheia de

ilusões e não deixe que ela deseje algo que você não vai poder dar. Não a faça sofrer deliberadamente querendo o que não pode ter. O que vai acontecer com ela quando você for embora? Não pensa nisso, no quanto ela estará apegada ao senhor e ao seu filho?

As suas palavras duras, todas elas, são como um soco no estômago porque ela está absurdamente certa.

— Senhora, a sua neta e eu sabemos o que existe entre nós dois e até onde podemos ir. Eu não me aproximaria dela dessa forma se soubesse que a machucaria. Acredite, não faria isso de propósito, não com a pessoa que ama tanto o meu filho.

É o melhor que tenho a dizer e ainda assim é uma mentira. Sei que a farei sofrer de alguma forma e não tem como dizer que será involuntário se escolhi ficar com ela, mesmo sabendo disso.

A curta, porém, importante, conversa com a dona Ester me dá algumas coisas para pensar e depois dela todas as minhas convicções sofrem um abalo. O café da manhã do meu filho fica pronto e eu o alimento em silêncio sem nem mesmo olhar para a senhora que seria capaz de lê os meus sentimentos no meu rosto.

Até a hora do almoço, fico andando pela fazenda com o pequeno bem agasalhado no dia frio. Discreto, inspeciono o trabalho no roseiral, que

sempre funcionou muito bem, tanto que se tornou o cartão postal da cidade, além da lida com os animais. O principal alvo da minha inspeção se chama Bráulio, o administrador que sempre esteve ao lado de papai. Já estava quando eu parti 10 anos atrás.

Mesmo antes de deixar Santa Rita eu nunca tive proximidade com o homem e por isso não sei de nada que desabone sua conduta, pelo contrário, tem demonstrado ser um bom profissional, porque, se não fosse, não estaria há tanto tempo cuidando da fazenda.

O que tem me incomodado são as palavras da Ella. Acho que não vai muito com a cara do sujeito e tem alguma opinião a seu respeito que eu preciso ouvir. Ao contrário do que ela pensa, não sou tão irresponsável para deixar tudo nas mãos do homem sem antes ter certeza de que ele será bom para manter em funcionamento o legado do meu pai.

— Bom dia, senhorzinho Estrada. — Como cumprimento, ele tira o chapéu da cabeça e eu aceno, de olho no meu filho. É óbvio que está com as mãos na terra.

Não poderia ser diferente, eu mesmo cresci no meio desse campo e agora ele vive mais aqui do que em qualquer outro lugar com a Ella.

— Bom dia, Bráulio. Como estão as coisas por aqui? Gostaria que me mostrasse como funciona o dia de trabalho.

— Tudo bem, me acompanhe, senhor. — Pego o meu pequeno nos braços e o sigo. Também não deixo de notar o desconforto no seu rosto com a minha curiosidade.

Pela próxima hora, ouço com atenção tudo o que ele tem para dizer sobre o cultivo das rosas e girassóis, terminando na criação de gado e cavalos de raça. À primeira vista, ele não comete nenhum deslize que possa me fazer questionar o seu trabalho, mas, por desencargo de consciência, tenho que falar com o meu passarinho para ouvir o que sabe sobre Bráulio e talvez algum trabalhador em um momento em que ele não esteja presente.

— Estou satisfeito, Bráulio. Vou entrar para almoçar com o pequeno. Talvez mais tarde eu volte.

— É claro, senhor, estou às ordens.

Ao adentrar a sala, o cheiro da comida de Dona Ester faz a minha boca salivar, mas os meus olhos vão para as escadas porque eu estou doido para saber como está o passarinho.

— Dona Ester, esse garoto... Ella? O que faz aqui? — indago ao vê-la sentada à mesa e no mesmo instante suas bochechas ficam rosadas.

A garota olha para a avó e depois para mim, e eu fico doido para dizer que não adianta ficar envergonhada porque a senhora já sabe que estamos juntos. Ainda bem, porque me poupou da conversa que teríamos

sobre o assunto.

Juntos... Ella e eu estamos juntos. Mesmo que eu preferisse a discrição, ou melhor, nem ter me envolvido com ela, não quero agir como se fosse um segredinho sujo, como se a garota fosse boa o suficiente para transar, mas não para ser vista do meu lado. Se para ela for melhor assim, dessa vez deixarei nas suas mãos a escolha de querer ou não que os fofoqueiros da vila saibam do nosso caso.

— Sente-se, meu filho. Acho que essa menina perdeu a língua.
— Aproximo-me para colocar o Alex na cadeirinha, propositalmente deixo que o meu braço encoste no seu e vejo quando o seu braço se arrepia todinho.

Ella está muito sensível a mim e às emoções de tudo que viveu hoje e eu só posso torcer para que o analgésico faça efeito logo e eu possa colocar novamente as mãos no seu corpo.

— Garota, você estava mesmo com fome, não é? — O passarinho abaixa a cabeça porque nós dois sabemos muito bem o que a deixou tão faminta.

O almoço se dá de maneira muito estranha e, fora o comentário da senhora, o silêncio reina. É como se existisse uma corrente elétrica entre mim e a garota. A atração inevitável que não nos permite agir com naturalidade. Não ainda, não depois de termos nos experimentado e quando

sabemos que não chegamos nem perto de estar satisfeitos. Algo que pode demorar a acontecer, depois de tantos dias de negação, quando era tudo o que queríamos.

Olho para o seu rosto, ela me encara por alguns segundos e depois desvia o olhar para qualquer lugar. A sua avó e o pequeno ficam em segundo plano e nos comportamos como se estivéssemos só nós dois à mesa.

— Eu já estou satisfeita. — Vejo-a colocar o garfo sobre o prato e se levantar apressada. — Vou lá para cima dar um jeito na bagunça do meu pequeno. E... posso levá-lo comigo? — A branquinha parece nervosa ao perguntar e eu aceno positivamente com a cabeça.

Ella pega um alimentado e contente Alex da cadeira e sai. Enquanto não some das minhas vistas, acompanho o seu caminhar desajeitado, mais especificamente de olho na sua bunda.

— Acho que também já estou satisfeito, Dona Ester — digo e saio, antes que ela diga mais alguma coisa para me deixar constrangido ou, pior, para me fazer questionar as minhas escolhas.

No escritório, no meio da tarde, deixo que a minha mente fique livre e voe longe para o livro que tento escrever no momento. Nos últimos dias, venho tendo sucesso e enfim me vejo concluindo alguma obra no futuro. Apesar de tudo, a minha obsessão por Ariella não afeta o meu lado

profissional, pelo contrário, sinto-me estimulado e as ideias simplesmente fluem, de uma forma que não acontecia antes de sua aparição na minha vida.

Porque essa mulher me faz flertar com a escuridão, mas também me aproxima da luz.

No fim da tarde, subo para o meu quarto, tomo um banho e me vejo sem ter nada para fazer... Se for sincero, até tenho coisas para fazer, mas trabalhar na fazenda não é o que quero. Todo o meu corpo e os meus pensamentos preferem ir para o quarto da ruiva, apenas para saber como ela está.

Como venho fazendo desde o momento em que coloquei os olhos em cima dela, atendo somente o que os meus desejos pedem e acabo indo até ela. Com cuidado, primeiro abro a porta de ligação com o quarto do pequeno e confirmo que está tranquilo no seu sono da tarde. Beijo a sua cabeça e saio para o quarto que fica do lado do meu. Abro com cuidado a porta, mas nada me prepararia para a cena que me recebe.

Capítulo 32



Ella está com um vestido sem mangas, com as costas contra a cabeceira da cama. As pernas estão dobradas e o vestido deixa suas pernas totalmente à mostra. Tem um livro levantado para o alto e não posso acreditar que esteja lendo um romance erótico de Ângelo D'Ávila. De todos as autoras e autores de livros eróticos do mundo ela tinha que gostar logo dele?

Logo de mim?

A garota está tão entretida com a leitura que nem percebe quando me aproximo e por isso o faço com mais cuidado ainda para não

chamar a sua atenção. Sento-me ao seu lado na cama, ela se surpreende e completamente sem jeito fecha o livro.

— O que veio fazer aqui?

— A casa é...

— Aqui é a sua casa e a gente já superou essa parte.

— Está irritada por quê? — indago, vendo a imagem de uma mulher com um chicote nas mãos na capa do livro que tem nas pernas.

— Você passou o dia sem vir aqui me ver — fala porque não pode deixar de ser sincera e essa é uma das qualidades que admiro nela.

— Queria que eu fizesse o quê? Eu não posso ficar muito perto nesse momento, branquinha. Estou tão louco por você que preciso de um tempo e te dar espaço para que fique bem depois de ter me levado à loucura tantas vezes de um dia para o outro. Não pense que eu não quero passar horas em cima de você, te comendo e tocando em cada parte do seu corpo, mas não é assim que funciona. Tenho que controlar os meus desejos e não deixar que eles me controlem.

— Pensei que tivesse voltado atrás e não quisesse mais ficar comigo desse jeito.

— O clima que ficou entre nós dois no almoço parecia de

pessoas que não estão loucas para rasgar as próprias roupas e se pegar em um lugar qualquer?

— Não...

— Aí está a sua resposta. Não posso mais desistir, passarinho. Essa possibilidade deixou de existir quando te toquei. Estou viciado em você, no seu cheiro e na maciez da sua pele — declaro e beijo o seu pescoço, sentindo-me possessivo quando tiro os fios de cabelo e vejo a marca que a minha boca deixou.

— A minha avó, acho que ela já sabe. Estava nos olhando de um jeito estranho na cozinha. Sei que você queria que fosse um segredo entre nós dois...

— A dona Ester sabe que estamos juntos e nós não estávamos sendo tão discretos quanto pensávamos. E você está errada, eu não queria que isso fosse um segredo.

— Mas...

— Não, Ella. Eu não vou te manter como se fosse o meu segredinho sujo. Essa escolha está nas suas mãos — falo, levo a mão até a altura do seu seio e, lentamente, desço a ponta dos dedos para sua barriga, até alcançar o livro que está nas suas pernas.

— Eu... Eu prefiro que ninguém da vila saiba que estamos

ficando — diz e sinto-me muito incomodado.

Quis fazer a coisa certa ao não querer escondê-la, mas parece que é ela quem quer assim: manter-me como o seu segredo sujo.

Entendo bem os seus motivos. Não demorarei a ir embora e ela será a pessoa que ficará aqui para ouvir a falação do povo e sei como eles podem ser fofoqueiros, mas isso não muda o fato de que fiquei chateado com a sua decisão, porque não importa quanto tempo dure, ela é minha e eu preciso que todos saibam.

— Faça como você achar melhor, branquinha — falo a contragosto. — Era aqui que você estava? — indago ao abrir o livro na página em que está o marcador personalizado cujo pingente na ponta da fita tem a imagem de um leão.

— O que foi? — Dá de ombro, mas tem o rosto rubro.

— Eu não disse nada, sua impertinente. Está muito rebelde para o meu gosto.

— E você vai fazer o quê? Me castigar? — provoca. — Posso escolher o castigo?

— Não pode. Eu sei o que é melhor para fazer você entender que não pode me desafiar e sair ilesa — digo baixo, contra a sua boca, e depois finco os dentes no lábio inferior e vou aumentando a força da minha mordida

até ver seus olhos azuis escurecerem.

— Eu não quero sair ilesa. — A sua coragem de deixar claro o quer, mesmo que não tenha noção de quão longe posso ir com ela, me excita.

— É claro que não quer. — Baixo o olhar para a página do livro. — Onde você parou? Aqui? — Coloco o dedo no trecho que logo reconheço e sei de cor.

— Não faça isso, Diego...

Aproximo minha boca da sua orelha e, sob o seu corpo tenso de desejo, começo a recitar:

— *Toque-me do jeito que você quiser, Benjamim, porque o meu corpo é seu, os meus desejos são seus. Cada marca que esse chicote deixa na minha pele é a prova de que estive aqui. De que eu sou sua. Única e exclusivamente sua.*

— *Minha e eu sou seu, todo seu. Toque-me como quiser. — Ele entrega o objeto em suas mãos. Ela não sabe bem o que fazer, mas sente todo o seu corpo responder em expectativa.*

Quando termino o trecho, Ella está trêmula. Eu fecho o livro, deixo-o de lado e a trago para cima das minhas pernas. Gosto de tê-la assim porque posso tocá-la com liberdade e olhar o seu rosto, que não mente e não sabe esconder emoções.

— Está excitada, amor?

— Ele... esse autor é você, não é? — Surpreendo-me como sua pergunta, pois não entendo como ela pode saber dessa informação. Só quem poderia dizer é o Tony e tenho certeza de que ele não faria isso.

— Quem foi que te disse isso? — indago.

— Só me responda, Diego. Você é o Ângelo D'Ávila?

— Sou eu, sim, mas isso não importa. Diga-me quem foi a pessoa que te disse isso — pressiono.

Ela parece meio incerta, mas acaba falando:

— Foi o Gui, naquele dia em que me deu uma carona. — Não sei o que me irrita mais na sua fala: a lembrança dela com o idiota ou saber que ele sabe coisas da minha vida.

Eu fico tenso e não posso esconder isso dela.

— Não o trate com tanta intimidade. Para você, ele é Guilherme.

— Não seja tão cimento.

— Não me diga o que fazer, passarinho — aviso. — Diga-me o que ele te falou de mim.

— Assim como você, ele disse que mora no Rio de Janeiro. Falou que por lá rola umas conversas de que você é esse autor aqui, que a sua

esposa era uma figura importante por lá, ele disse uma palavra engraçada que não consigo falar. Disse que depois da morte dela você nunca mais foi visto.

Merda! O Rio é um Estado tão grande e esse merda tinha que estar próximo o suficiente para ouvir falar de mim?

— Você não deveria dar ouvidos a fofocas, Ella, ainda mais desse moleque — digo entredentes.

— Ei, não precisa ficar assim. Eu não me importo, só queria saber se é mesmo esse cara que escreve divinamente.

— Eu sou esse cara, amor. É disso que vivia no Rio. E fico contente de você gostar tanto dos meus livros — falo, deixando de lado o outro assunto.

Quanto ao idiota, depois pensarei no que fazer quanto à sua intromissão e aproximação do meu passarinho.

— São muito... intensos — fala e cora.

— Do que você mais gosta? Das cenas de sexo? Aposto que sim, porque não pode resistir a essa safadeza que existe dentro de você. — Meto a mão por dentro do seu vestido e ela mete o tapa.

— Veja só quem fala de safadeza — reclama.

— Tudo bem, eu sou e você também é e por isso está com a

bocetinha assada, garota das flores.

— Você fala cada coisa, senhor escritor — fala e eu gosto da sua liberdade de enrolar os braços no meu pescoço e me abraçar. Ficamos assim por um tempinho e não existe nada de sexual no toque.

Apenas nos sentindo e eu gosto de como a sinto. Como se fosse moldada para estar dentro dos meus braços.

Não, Diego! Não vá por esse lado. O que vocês têm se trata de atração física. De paixão.

— Aconteceu alguma coisa? Os seus olhos, eles parecem diferentes... — indaga e não me surpreende a sua sensibilidade de perceber qualquer pequena mudança de atitude minha.

— Eu não contava em encontrar com você nesse lugar. Parecia tudo tão fácil...

— Por que não fala comigo? — A sua mão acaricia o meu rosto e eu me sinto tão bem que com a satisfação vem a culpa. Porque eu não mereço me sentir bem.

Eu não posso me sentir assim.

— Eu preciso que você me beije, que o faça com tudo o que tem e depois me deixe ir. No momento, eu não sou uma boa companhia, você

entende?

Tentando esconder a própria melancolia, a branquinha acena e me beija. Com carinho e depois com fome. Com intensidade e depois com calma. O seu toque me faz sentir vontade de ficar, mas a minha mente atormentada não permite. Os meus pés me guiam para fora do seu quarto, para os pensamentos tortuosos que me esperam e deixo Ella abalada, sem entender o que fez de errado. Mas o passarinho não fez nada de errado, ela nunca faz.

Será possível alguém que não tem um coração se apaixonar?

Como uma pessoa assim poderia amar alguém sem destruí-lo ao longo do caminho?

Capítulo 33



Três anos de namoro é tempo suficiente para um casal chegar à conclusão de que não é compatível em nada. Não, três anos é mais do que suficiente para um casal descobrir que juntos os envolvidos podem se autodestruir.

Para um jovem de 20 anos que nunca tinha visto muito além de rosas e animais, foram necessárias mais do que algumas semanas para aplacar o deslumbramento com a cidade grande. Prédios tão altos que pareciam bem perto de tocar a céu. Carros de um lado para o outro, o grande fluxo de pessoas, restaurantes caros, parecia que eu tinha encontrado o meu lugar.

A realidade em que eu acordava cedo para trabalhar na lida da fazenda com o meu pai, em que eu ficava feliz com o desabrochar dos botões de rosas parecia tão distante, pálida como se tivesse acontecido em outra vida. Comecei até mesmo a desprezar o meu passado, porque, ao lado da minha bela namorada, eu acreditava que tinha perdido muito tempo em um lugar como Santa Rita, que o mundo era grande demais para que nos escondêssemos.

A empolgação da Larissa, muito mais do que a minha, me levou a ser notado por uma editora meses depois da nossa chegada ao Rio. Eu estava empolgado, mas ela estava muito mais e não gostou quando decidi que iria usar um pseudônimo, já que me considerava acanhado demais para aparecer em público como autor de livros.

Mesmo que no início não tenha sido tão fácil, nós vivíamos bem com o dinheiro do meu pai, porque apesar de eu ter lhe virado as costas, ele não fez o mesmo comigo.

Como namorados por três anos e vivendo no mesmo apartamento, já dava para perceber que nossa relação não era das melhores. Larissa era uma mulher cheia de vida e amava toda a agitação da cidade, as grandes baladas e os restaurantes caros. Eu era a pessoa que preferia a calma de um lar, ficar na minha com os meus livros. Por causa do meu espírito

manso, ainda que no início tenha sido levado a acreditar no contrário, comecei a sentir falta da minha antiga vida. Da rotina que voltou a parecer agradável na minha lembrança.

Aos poucos, como um veneno que se espalhava pelas veias, comecei a não saber onde era o meu lugar. Algo que me tomou e até hoje estou perdido, como um barco à deriva, sem destino certo.

A batida na porta me assusta, bato com força a tampa do *notebook* e o meu respiro é de alívio e frustração em igual medida quando vejo que não é Ella quem acaba de entrar no escritório.

— Boa tarde, ou melhor, boa noite. — Olho pela janela de madeira e noto que já está escurecendo.

— Algum problema? — indago para o seu olhar avaliativo.

— Eu que pergunto. Você está diferente hoje.

— Impressão sua — nego para ele que é uma das poucas pessoas que ainda me conhece.

Dono de uma empresa de segurança e investigador particular, Antônio estava vivendo uma fase muito tediosa da sua vida, segundo palavras suas, e pediu para vir para fazenda passar essa temporada. Eu não vi por que negar, já que para mim ele seria o único com quem eu poderia trocar algumas palavras nesse período. Não contava com a presença de Ella na minha vida.

— Eu te conheço, Diego Estrada, e posso apostar que tem a ver com uma certa garota que vende flores na praça e cuida do seu filho.

— Nós estamos juntos — revelo.

— Transou e finalmente saiu da seca. — As palavras me irritam e eu o vejo sentar-se na cadeira à minha frente quando a minha vontade é de expulsá-lo daqui.

— Cuidado com o que diz.

— Você está bem com isso? Para se envolver com alguém daqui é porque ela deve ser uma garota especial para você.

— Os meus sentimentos por ela não importam, Tony.

— Não me diga que vai ficar com isso de se prender ao passado e deixar passar a oportunidade...

— Não aja como se não soubesse de toda a história, cara. Eu destruí a vida de uma mulher como Larissa, o que acha que eu seria capaz de fazer com uma menina tão boa quanto Ella?

— A Larissa buscou o destino dela e você precisa se convencer disso antes que essa culpa te enlouqueça.

— Quando eu voltar para o Rio, tudo estará acabado e então Ella esquecerá que um dia passei pela sua vida e eu espero fazer o mesmo, porque

nós dois não temos qualquer chance e você sabe disso melhor do que ninguém.

— Se você pensa assim... — fala porque sabe que não pode me fazer pensar ou sentir diferente. — Vou dar uma volta por aí e tentar encontrar um bar nesse lugar ou uma mulher que possa me entreter. — Sai da sala e eu não demoro a fazer o mesmo, levo o tempo necessário para checar se salvei as alterações que estava fazendo no meu manuscrito e subo para o meu quarto.

No corredor, meus pés me levam para o quarto ao lado do meu. Penso em bater na porta para não a irritar com a mania de entrar sempre sem bater, mas acabo fazendo o contrário só porque gosto de provocá-la. O seu jeitinho desafiador me excita.

— Por que está fazendo isso? — indago ao ver o meu filho mexendo nos seus produtos de beleza em cima da cama, enquanto ela calmamente arruma a própria bolsa.

— O que acha? Estou arrumando minhas coisas para ir para casa. Já deu a minha hora. Alex está de banho tomado e já jantou, não precisa se preocupar — conversa de costas para mim e está claro que é porque a deixei mais cedo quando passei a não ser uma boa companhia e decidi me afastar.

— Eu não estou preocupado. — Aproximo-me e a abraço por trás. Os meus braços envolvem sua cintura delgada e a garota fica dura nos meus braços.

— Estou com pressa, Diego. Pode me soltar por favor?

— E se eu não quiser? Pensei que tínhamos combinado que você era minha e, portanto, tenho o direito de te tocar quando eu quiser.

— Agora não.

— Durma aqui esta noite — peço, doido para sentir o seu corpo contra o meu, ainda que não possamos transar. Eu não me importo.

— Não posso. Já fiquei ontem, a minha avó não vai gostar e não quero. — No momento em que as palavras deixam a sua boca, eu a viro de frente para mim, mas os seus olhos se desviam do meu.

— Não me trate dessa forma. Pensa que é quem? — falo e me arrependo em seguida. Não era para ser assim.

— Está certo. Eu não sou nada, solte-me.

Faço o que me pede e a observo ir até a cama beijar o bebê, terminar de jogar os seus pertences dentro da bolsa e deixar o quarto.

Deixar-me.

Fico sem saber como agir e o choro do Alex mostra que, mesmo

se soubesse, não poderia fazer nada agora para remediar a situação, nem se eu quisesse.

— O pai está aqui, amor. Amanhã o nosso passarinho estará de volta. Você vai ver. — Eu o abraço, acreditando mesmo que ela voltará, pois, se não o fizer, eu mesmo irei buscá-la.



— Leão idiota! Eu odeio você! Odeio! — esbravejo, andando de um lado para o outro dentro do meu quarto porque sei que não vou conseguir dormir. — Você pensa que é quem? — falho na tentativa de imitar a sua voz e em seguida respondo a sua própria pergunta. — Sou a mulher que você não merece!

Até para surtar com o ogro dos infernos tenho que falar em tom baixo para não acordar os meus avós, que estão dormindo há muito tempo. Seria até cômico se não fosse trágico.

Como não vou poder fazer nada mesmo, já que saí da fazenda antes de marcar aquela cara bonita com os meus dedos, acabo deitando e pegando um livro para ler. Talvez assim o sono chegue.

— Você não. — Coloco de lado o romance que foi escrito por ele e era a minha atual leitura.

Vinte minutos se passam, o sono não chega, o meu celular começa a apitar com notificações, faço de tudo para ignorar, mas acabo falhando. Por mais que queira ignorar o Diego, tem o Alex entre nós dois e com ele sempre irei me preocupar. É natural pensar que é algo com o meu menino quando o homem entra em contato no meio da noite.

Por que mais seria? Eu não sou nada para ele mesmo.

Eu não estou conseguindo dormir, leio.

O problema não é meu. Tenha uma boa noite de insônia,
envio depois de digitar o texto com mais força do que seria necessário.

A minha mão coça para estapear essa sua bunda gostosa.

Prendo a respiração quando leio e não consigo deixar de me imaginar sobre a suas pernas suportando o peso da sua mão ou de um chicote, assim como li no seu livro. Também como no livro, eu sentiria dor, mas também sentiria prazer, porque ele me faria sentir dessa forma.

A minha mão coça arrependida por não ter estapeado a sua cara mais cedo quando falou comigo daquela forma. Sei que é um ogro e não era a pessoa mais gentil do mundo, mas depois do que aconteceu, eu fui boba e me iludi, acreditei que alguma coisa tinha mudado, que eu não era apenas a babá do seu filho.

Os meus dedos frenéticos digitam e enviam tudo o que deveria ser dito pessoalmente, mas, já que aconteceu dessa forma, não vejo por que não agarrar a oportunidade.

Mas mudou, passarinho. Você sabe que não é só a babá do meu filho. É muito mais do que isso para ele e para mim também. Queria me desculpar por ter feito com que não se sentisse importante e por ter me afastado daquela forma.

Eu só queria te entender, nem que fosse um pouquinho, mando, pois a cada minuto que se passa eu desejo mais isso. Só quero que me deixe vê-lo.

É melhor assim, por favor, entenda. Deixe-me ficar com você e fique comigo por esses dias, eu preciso de você. Mesmo sendo por meio de mensagens, sinto o desespero e a intensidade de suas palavras.

Prometa que não irá se esconder...

Peço porque sei que de nada adianta sofrer pelo inevitável. Já

entendi que ele irá me deixar em poucos dias, levará o meu pequeno e a mim restará apenas resguardar o meu coração para que não sofra além do que pode suportar. A dor será inevitável, mas pelo menos terei lembranças de momentos que passei tanto com o meu pequeno leãozinho quanto com o seu pai misterioso.

Do que você está falando, garota das flores? Recebo a pergunta pela qual estava esperando.

No quarto, quando estivermos juntos, quero que seja você, sem máscaras. Mostre o seu pior lado. Tudo o que te dá prazer.

Envio com o coração aos pulos e as mãos levemente suadas. Até hoje, todas as suas ameaças ou promessas de dor e prazer têm me deixado curiosa. Sinto que não deveria ser assim, mas os meus desejos carnaais, despertados pela pequena amostra que já tive, não me permitem ser de outra forma. Se da sua vida não posso saber nada, pelo menos essa parte de quem é Diego Estrada eu quero conhecer.

Vou te mostrar, amor. E será um prazer cada segundo desses momentos. Quando eu não puder mais te tocar, mas do que sentir, você entenderá o que significa ser minha. Boa noite, garota das flores. Tente descansar, porque para o que tenho em mente, preciso que esteja mais do que disposta.

Não diga essas coisas, faz com que eu me sinta... Deixo o texto incompleto para provocá-lo, porque Diego sabe bem o que suas falas fazem comigo.

Molhada. Sugiro que pense muito em mim antes de dormir. Assim sonhará que ainda estamos no roseiral. Então eu te comerei com força porque você já não será a pessoa que acaba de perder a virgindade. Enquanto trepamos, deixará que eu toque o seu cuzinho, porque ele também será meu. E não faça essa cara que eu sei que está fazendo. Vou querer a sua bunda e você me dará, porque sabe que é minha para fazer o que quiser, até mesmo comer o seu cu. Será devorada como uma presa suculenta do seu leão, mas pensará que merece mais. Mais força... quente... muito mais quente. A minha mão descendo na sua bunda, segurando o seu cabelo com firmeza. Doerá, mas você pedirá por mais, muito mais. Sabe por quê? Você terá entendido que a dor é boa.

Boa noite, passarinho. Foi um prazer falar com você.

Assim que termino de ler, jogo o celular em algum canto da cama e trêmula porque sei que faria e me sentiria do jeito que Diego narrou no texto, dobro minhas pernas, as afasto um pouco e deslizo a ponta dos meus dedos para o elástico do *short* do meu pijama.



Capítulo 34



Já é quase noite de sexta quando coloco o primeiro pé para fora de casa e tenho a sensação de que estou sendo observada com atenção por todos da vila. Também não sei se é por causa da minha impressão, mas a praça parece mais cheia do que de costume.

Caminho até o meio, onde o fluxo de gente é maior e então começo o meu trabalho.

— Dê flores para o seu amor! A pessoa que você ama merece esse presente. Hoje estamos na promoção, leve três por apenas cinco reais.

Nos primeiros minutos, ninguém se aproxima para comprar, mas me olham como se eu fosse um animal exótico sendo exposto. Seja de longe ou de perto, estou sendo alvo das fofocas do dia e não faço ideia do porquê.

— Oi, Ella, que bom te encontrar por aqui, você anda tão sumida ultimamente. Mas imagino que deva estar muito ocupada. — Arqueia uma sobrancelha e o seu olhar de malícia é visível.

Conheço Bia há tempo suficiente para saber quando ela tem algo para dizer.

— Você pode me dizer o que diabos está acontecendo nessa vila? De repente tenho a impressão de que todos estão me olhando e falando de mim.

— Mas sempre falaram de você, Ariella.

— Agora é diferente e você vai me dizer do que se trata. Ande, Bia, comece a falar de uma vez que eu sei que você também está louca para fazer fofoca.

— Todos já sabem que você está de namoro com o senhor Estrada.

Merda! Isso aconteceu tem três dias, eu queria que ninguém soubesse justamente para evitar esse tipo de fofoca, mas não adiantou. Estou na boca do povo e não tenho ideia de como isso foi acontecer.

— Como eles descobriram?

— Então é verdade? Meu Deus, Ella! Como você é uma garota sortuda. Esse homem é simplesmente um gato. E além de tudo é rico. Você ganhou na loteria.

— Foque na conversa, Bia. — Seguro sua mão que gesticulava sem parar, para ver se assim consigo conter o seu entusiasmo. — Como as pessoas descobriram?

— Era segredo?

— Era. — Dou de ombro como se fosse comum eu estar saindo com o cara mais rico de Santa Rita, praticamente o dono do lugar.

— Pois deviam ser mais discretos, porque não existe outro assunto que não seja essa relação de vocês, o que é bem estranho, porque você parecia não se importar com namoros e fica logo com o cara mais rico que aparece na cidade.

— É isso que estão querendo insinuar? — indago, incomodada com os olhares e com ela, que parece partilhar da mesma opinião.

— Estão dizendo que você se fazia de doida, mas estava apenas esperando a oportunidade perfeita para agarrar um homem rico.

— As coisas não são assim. — É tudo o que tenho a dizer, pois

ninguém entenderia o teor da minha relação com o Diego, o acordo tácito que temos.

Se soubessem...

— Estão curiosos com a partida dele e eu também, amiga. O homem já deixou claro que não pretende viver aqui e agora está namorando com você. Como será isso? Ele vai te abandonar?

— Você vai me desculpar, Bia, mas não quero falar sobre isso. E não me importo nem um pouco com o que os fofoqueiros de plantão estão falando, para falar a verdade. Apenas Diego e eu sabemos o que acontece entre nós dois.

— Desculpe, Ella. Mas vocês bem que poderiam ter sido mais discretos. Primeiro alguém pensou ter visto vocês aos beijos atrás da floricultura e ontem um dos homens que trabalha no campo chegou falando que vocês dois estavam de agarramento no estábulo dos cavalos.

Esse homem, apesar de ser um mexeriqueiro, não mentiu. Diego e eu, apesar da minha ideia de discrição, nos agarramos em cada oportunidade que aparece e não são poucas. Mesmo se não tivéssemos oportunidades, nós a criaríamos.

— Está tudo bem. Pelo menos eu não sou a lésbica da cidade.

— Eu nunca pensei nisso. Para mim, você era só uma romântica

incurável mesmo, que esperava um príncipe encantado e como certeza não o encontraria nesses trastes daqui.

Ela não está errada, mas, ao invés do príncipe, eu sonhava com um certo leão ferido.

— Você é uma garota muito esperta e sagaz.

— Obrigada pela parte que me toca — agradece, mas sei que tem mais coisas para dizer, quando tudo o que eu quero é me livrar dessa conversa. — Sabe quem não deve estar nada feliz?

— A minha avó? Não, ela já aceitou, nem implica mais. Ela é do tipo que deixa que eu tome as minhas próprias decisões.

— Estou falando do Guilherme, o sobrinho do padre. Vai me dizer que não se deu conta de que ele estava arrastando asa para você.

— Eu nunca dei esperança para o sobrinho do padre, Bia. Se ele se sente assim, eu sinto muito.

— Então você está mesmo de namoro com aquele homem gostoso? — Bia volta a perguntar, depois de tudo o que falamos. Mas eu a entendo, é mesmo difícil de acreditar, até mesmo para mim em alguns momentos. Pessoas como ele e eu juntas não acontece todos os dias.

— Estou, sim.

— Mas me fale, estão juntos... — tenta encontrar as palavras —
juntos mesmo?

— Juntos mesmo.

— Fazendo sexo?

— Bia, você tem 17 anos, que curiosidade é essa? — Tento fugir porque, se brincar, Bia, que é toda *saidinha*, sabe mais do que eu, que sou dois anos mais velha que ela.

— Estou para fazer 18 e não sou uma bocó, Ella. Sei que os casais transam. Eu só não consigo imaginar você e ele.... você sabe, aquele homem é tão grande, forte e viril.

Que bom que ela não pode imaginar, pois ficaria escandalizada com o que faço e permito que o leão faça comigo.

— Eu não vou falar das minhas intimidades com o homem para você, Bia. Guarde sua curiosidade e me deixe tentar vender isso aqui. — Aponto para a minha cesta ainda cheia. — Tenho certeza de que logo vendo todas. Do jeito que o povo é, vão comprar só para ver se conseguem especular algo sobre mim e o Diego.

— Está bem, vá fazer as suas vendas, mas não pense que não vou querer saber das suas aventuras com aquele homem. Pense só naquela barba no meio...

— Bia...

— Fui! — Sai correndo em disparada e eu agradeço por isso. Preciso de uns minutos para pensar no que está acontecendo.

Bom, por saber que nossa relação tem prazo de validade — o que me faz sofrer toda vez que penso que cada dia que termina deixa o fim mais próximo —, preferi esconder de todos o meu envolvimento com o patrão da maioria da população masculina da vila, o problema foi a execução do plano.

Não dá nem para dizer que nós dois estamos sendo discretos, porque a paixão está aflorada demais, o que diminui a sensatez. Passaram-se três dias desde o nosso encontro no roseiral e desde então não conseguimos nos segurar. Diego, como o mais experiente, era quem deveria colocar um freio tanto nele quanto em mim, mas faz exatamente o contrário.

Se fica algumas horas do dia preso no escritório, no seu tempo livre está no meu encalço. Se vou para o roseiral, ele dá um jeito de aparecer por lá e me agarrar quando pensa que não tem ninguém vendo — agora eu sei que tinha alguém vendo. Quando vai vistoriar o trabalho com os animais, me leva com a desculpa de que o Alex gosta de vê-los. Ele gosta mesmo, mas o principal interesse do leão é ficar me beijando entre uma baía e outra.

Também teve a ocasião em que me deitou no feno, baixou o meu

short junto com a calcinha e me tocou cheio de fome com dedos e boca até me fazer gritar. Se alguém ouviu, eu não faço ideia, mas eu saí do lugar cheia de vergonha e com o cabelo cheio de palha. A minha sorte foi ter entrado em casa sem que a minha avó percebesse, porque aí sim eu estaria em maus lençóis. Ela teria ficado muito desgostosa de saber que a neta estava rolando no feno com um homem.

Dona Ester, apesar de não dizer nada, tem a sua opinião sobre o nosso envolvimento e estou certa de que preferia que ele não estivesse acontecendo. O meu avô, esse não foi tão passivo. No dia em que a minha avó contou, ele foi bater na fazenda já de noite, para uma conversa com o filho do senhor Estrada.

Ele saiu do escritório bem menos irritado e até agora o ogro não me disse o que ele falou para o meu avô para tê-lo feito sair do jeito que saiu e não ter dito mais nenhuma palavra sobre o assunto. Seu Murilo apenas vê de longe, mas não diz uma palavra sequer — nem de apoio e nem contrária.

Quanto ao sexo, infelizmente, não voltamos mais a fazer e não foi por falta de vontade minha. O homem é um safado insaciável que sempre que pode toca meus seios e minha boceta. Já colocou tanto a boca e os dedos lá que eu me pergunto se ele esqueceu que pode usar outra parte da sua anatomia para me dar prazer.

Não tenho a menor vergonha de insinuar coisas sobre a minha vontade de fazer sexo, de cobrar todas as promessas sujas feitas através de mensagens no dia em que fizemos as pazes, mas ele diz apenas que não é o momento.

Frustrada, fico sempre me perguntando quando será o momento.

O fato de termos decidido que ficaríamos juntos não significa que deixamos de ter os nossos desentendimentos. Temos, pois os nossos gênios são fortes e, como no início, continuamos batendo de frente. Ele é possessivo e mandão e eu sou rebelde e não aceito muita a sua forma de abordar as suas vontades. Nesse tempo ou talvez antes dele, acho que deu para o meu ogro perceber que submissa a ele eu só sou e serei mesmo na cama e nem será em todas as vezes, porque a minha rebeldia o atíça e eu amo atíçá-lo a fazer maldades, do tipo que deixa a minha pele vermelha e a calcinha molhada.

Na fase da masturbação, que Diego ainda não me deixou retribuir, ele não deixa de surrar a minha bunda, mas percebo que não o faz com muita força, que está sempre tentando se segurar. Ele percebeu que os seus tapas não me assustam, pelo contrário, basta que coloque a mão dentro da minha calcinha para perceber que está completamente melada de excitação logo depois de uma de suas sessões de tapas.

Ontem, enquanto estávamos na sua cama no meio da tarde, o nosso momento preferido porque é quando o bebê tira algumas horas de sono e temos mais liberdade, falei com ele sobre a minha preocupação com as reações que tenho ao tipo de coisa que ele faz e pretende fazer comigo.

Com paciência, meu leão me disse que não tem nada de errado nem comigo e nem com ele, que existem muitas formas de dar e receber prazer, que os casais podem tentar de tudo, desde que isso não cause degradação física e nem psicológica. Agora entendo que a relação que temos é do tipo sadomasoquista.

Ele gosta de infligir dor e sente prazer com isso, em ver a marca da sua mão ou chicote pelo meu corpo, a ideia, a visão e a sensação, tudo isso o excita mais do que qualquer outra coisa. Eu gosto da dor, do prazer que vem depois dela. De saber que pelo meu corpo ficam as marcas do nosso momento de intimidade. Todas as vezes em que sinto minha pele arder e a fisgada depois de um tapa, antecipo a sensação que virá depois, o prazer do alívio, quando a sua mão começa a acariciar minha pele quente, quando começa a lamber o lugar magoado e cada rastro da sua saliva deixa a minha carne fraca, ansiando por mais, pelo momento em que me tomará por completo.

Ele é um sádico e nunca escondeu isso. Eu, por outro lado, sou

masoquista. Depois de suas explicações, fiz algumas pesquisas, tentei entender os termos e me entender também. Não estou certa de que sou mesmo isso que ele falou ou se me tornei por sua causa e porque sinto prazer com tudo o que ele faz comigo. No fim, não me assusta, porque seja com carinho ou através da dor, o que sinto por ele é bonito. Não tem nada de errado com a nossa forma de dar e sentir prazer.

Somos só nós dois: o leão sádico e o passarinho masoquista.

— Amor, que cara é essa que você está fazendo? Parece que está pensando em sacanagem.

Quase jogo a cesta para o alto, tamanho o susto que Diego acaba de me dar. Eu estava tão perdida — pensando em sacanagens — e não esperava vê-lo hoje. Uma ótima surpresa ter o objeto da minha paixão bem na minha frente, olhando-me de perto.

— Eu... estava mesmo — admito, um pouco ofegante, porque os pensamentos realmente eram intensos. — Onde está o pequeno?

— Deixei com a sua avó. Passei por lá e ela disse que você estava por aqui. — Ele pega a minha cesta e a coloca no chão.

Olho de um lado para o outro e parece que estamos na frente de uma plateia que espera pelo início de um espetáculo.

— Eles descobriram que estamos juntos. Não sei como fomos

dar esse mole, mas no momento nós estamos na boca do povo. Olhe só para eles.

Nem um pouco surpreso ou abalado com o que acaba de ouvir, Diego chega bem perto, abraça-me pela cintura e diz:

— Já que eles estão falando, eu proponho darmos mais motivos.
— Toma a minha boca em um beijo que muitos considerarão indecente e tenho a ligeira impressão de que estou a ponto de desmaiar.

Capítulo 35



No meio da praça, dando um show para quem quiser ver, estou ávido na sua boca, mas não é o suficiente, nunca será e a cada dia fico mais convencido disto.

— Diego...

— Perdão, acho que você precisa respirar — digo com extrema dificuldade de me afastar.

Como é muito branca, seus lábios estão vermelhos, assim como alguns pontos do seu rosto e ela não tem ideia do que isso faz com o meu

pau. É um misto de tesão com possessividade de saber que ninguém além de mim nunca fez isso com ela. Essa percepção me faz perder o rumo.

— Você tem razão, todos estão olhando para a gente. Agora mais ainda — aviso. — Eu vim te fazer um convite.

— Convite?

— Tem um ótimo restaurante na cidade vizinha de Santa Rita e eu gostaria de te levar para um encontro. — A garota fica surpresa, mas logo abre um sorriso.

— Quem é você e o que fez com o meu ogro? — brinca, mas não se importa de estarmos abraçados no meio da praça, sob a vista de todos. Sei que, com razão, queria manter segredo sobre nós, mas agora que todos já sabem, aparentemente, está lidando bem com isso.

— O seu ogro está querendo dar o que você merece. Mas não se engane, porque depois do jantar o ogro alimentará sua outra fome e o cardápio será esse passarinho.

— Safado.

— Gostosa. Sabe que eu estou louco para te comer, não sabe? Que esses três dias em que tentei fazer o melhor para você não foram fáceis. Achei que comer a sua boceta com a boca aplacaria um pouco da minha fome, mas só fez aumentar porque me fez desejar o banquete completo.

— Não fale essas coisas aqui, fico achando que estão nos ouvindo...

— E se estivessem? Será que ficariam escandalizados de saberem que a ingênua garota das flores ama pular no pau do macho dela? Imagina o que achariam se soubessem que eu bato nessa sua banda e você, como uma devassa, gosta e implora por mais.

Quando falo, ela me abraça pelo pescoço com mais força, deixa os nossos corpos unidos, geme no meu ouvido e eu fico duro. Porque é sempre assim: ela olha na minha direção com o seu olhar pidão e eu fico tão duro que chega a doer. Dei um tempo para que se recuperasse da nossa foda no roseiral e noite anterior a ela e para prepará-la mais ainda para o que pretendo fazer nas nossas próximas transas, mas o tempo de espera acabou. Eu e ela, acredito, não aguentamos mais.

— Eu quero tanto te foder...

— E por que não faz isso?

— Agora? — indago.

— Agora.

— Aqui? — provoco e ela sorri colocando o rosto entre o meu pescoço e ombro. O calor da sua respiração na minha pele causa um arrepio.

— Não aqui, seu bobo.

— Você não me disse se aceita o meu convite, amor.

— Eu gosto quando me chama de amor, fica parecendo que você não é um ogro — fala. — Eu aceito o seu convite e seja lá o que esteja pensando em fazer depois.

— Porque você é muito minha e sabe disso.

— Sou todinha sua.

— Toda mesmo? — pergunto e mordo a pontinha da sua orelha.

— O que você quer com isso?

— Comer a sua bunda, que é uma tentação. Eu quero tudo, não terá nenhuma parte do seu corpo que eu não tenha tocado.

— Pare de falar essas coisas aqui...

— Está molhada, não? Se eu meter a mão dentro da sua calcinha, encontrarei a sua boceta alagada, não é?

— Sim... vamos sair daqui, por favor.

— Para a sua casa? — Ela olha, confusa, e eu explico: — Pedi para a sua avó ficar com Alex porque nós temos um jantar.

— Tudo bem.

— Disse também que iremos passar a noite fora.

— Não, você não fez isso! Imagino a cara que ela deve ter feito.

— Foi engraçada, mas ela aceitou. Passarinho, sei que ela é uma senhora e é sua avó, mas ela sabe que você transa. O que mais ela pensaria? Que estamos rezando enquanto rolamos no feno?

— Você não vale nada!

— Não mesmo. — Dou uma leve mordida no seu lábio inferior, pego sua cesta, entrelaço os nossos dedos e, sob os olhares curiosos, a levo para a casa dos seus avós.

Quando Ella entra no seu quarto, a pequena sala mergulha em um silêncio que só não é mais constrangedor porque Alex faz bagunça com seus brinquedos. Para os senhores, é desconfortável estarem na frente do homem que dormirá com a sua neta e, para mim, é mais ainda, porque há anos superei a fase de sair com uma mulher que precisa dar satisfação a alguém.

Apesar do incômodo, não trocaria o que estamos vivendo por uma transa qualquer. Os últimos dias ao seu lado têm me feito sentir bem de uma forma que eu não achava mais possível. Nós temos os nossos momentos tensos, principalmente quando me fecho dentro de mim mesmo e a deixo do lado de fora, sei que ela se ressentir e que gostaria de saber mais sobre o meu

passado ou qualquer outra informação da minha vida. Fora esses momentos e a escolha de não falarmos da minha partida, que começa a se tornar difícil, o passarinho tem me feito esquecer de lembranças que me atormentavam dia após dia. Que me faziam passar noites e noites em claro.

Até mesmo o lado mais escuro, o sádico que eu quis renegar, não me afeta tanto, porque a garota das flores o toca com a sua bondade. Coloca beleza até mesmo onde não existe.

— Eu estou pronta. — Quando ela sai do quarto, penso que nunca vi alguém tão lindo quanto Ariella.

Os seus cabelos avermelhados — que nunca mais foram presos depois do dia em que eu dei uma chupada do pescoço alvo — estão soltos, lisos e escorridos pelo meio das suas costas.

Usa pouca maquiagem porque é linda sem qualquer subterfúgio para isso. Um vestido justo até a cintura e solto na parte de baixo, que alcança metade das suas coxas. Está deliciosa e é preciso um pigarro do senhor Murilo para conseguir fazer com que os meus olhos saiam dela.

— Você está linda. — Ela recebe o elogio com timidez, mas, se não estivesse na frente dos avós, teria rebatido com uma provocação. — Vamos?

Ela acena. Antes de sair, nos despedimos do bebê.

— Meu amor, o papai vai levar o passarinho para passear. Não dê trabalho para o vovô e a vovó, está bem? Amanhã cedo nós te buscamos.

— Beijo a sua bochecha e Ella faz o mesmo.

— Vão com Deus e juízo, minha filha — dona Ester diz, sem saber que juízo é a última coisa que a sua neta terá.

No carro, estamos em silêncio, apenas ouvindo o som que toca uma dessas músicas para jovem que ela mesma escolheu. O nosso silêncio é confortável e acredito que ela esteja tão cheia de ansiedade quanto eu. Hoje todos souberam do nosso envolvimento e pela primeira vez a levo para sair.

Com Ella, estou vivendo muitas experiências de primeiras vezes e cada uma é melhor do que a outra. Tão especial para mim quanto para ela. Pela primeira vez, sou eu quem toma a iniciativa de preparar um encontro, sou eu quem busca um quarto em um bom hotel para passarmos a noite. Tudo o que me vejo fazendo por ela me assusta como o diabo, mas não o bastante para me fazer sair correndo, porque eu não posso mais fazer isso.

Dentro de mim é maior do que todos os muitos monstros que me perseguem, o medo começa a se espalhar como um veneno no meu sangue. Medo dos sentimentos que uma garota tão inocente desperta em mim, medo de pensar que os dias voam e que o dia da minha partida se aproxima.

Eu preciso ir, não preciso?

Eu, mesmo se quisesse, não saberia como ficar. Seria muito mais do que a decisão de trocar tudo que construí no Rio pela vida pacata na cidade onde nasci.



— Bem-vindos. — Somos cumprimentados pelo *maître*, que coloca o cardápio sobre a nossa mesa.

Estamos em um restaurante simples, se comparado aos que existem na cidade grande, mas foi o melhor que pude encontrar. Aqui em Boa Ventura, tudo é um pouco mais evoluído do que em Santa Rita e é para onde todos costumam vir quando precisam de algo que não se encontra naquela cidade.

— Gostou? — indago, divertido, vendo-a olhar admirada por todo o salão.

— É maravilhoso, Diego. Você está sendo...

— Perfeito?

— E convencido também. — Sorri. — O mais perto que cheguei de um restaurante assim foi na *Cuié de Pau* lá da Vila porque tenho

permissão para vender para os clientes.

— Você merece isso e muito mais, garota das flores.

— Quando foi que você se tornou tão romântico? — provoca.

— Você sabe que eu não sei ser romântico, amor. Mais tarde eu vou te mostrar todo o meu romantismo.

— Uma promessa ou ameaça?

— Você decide. — Dou-lhe uma piscadela. Ella devolve com um beijo soprado e só consigo pensar no quanto gosto das nossas provocações e jogos de palavras. É tudo tão excitante.

Estar com ela é excitante.

Nós jantamos em um clima descontraído, falando de temas fácies e, para a minha surpresa, me dou conta de como é prazeroso observá-la se alimentar. A menina não tem frescura com nada — diferente da pessoa com quem eu tive que conviver durante tanto tempo —, come com prazer e até a forma como move os lábios ao mastigar e faz pequenos sons de gemidos de prazer é fascinante.

Quando chega a sobremesa, eu já estou no meu limite e louco para jogá-la sobre os meus ombros e carregá-la para o primeiro quarto que encontrar pelo caminho.

Ela faz de propósito, só pode. Como é possível que alguém como ela, tão espontânea e simples, seja tão sensual no simples ato de se alimentar?

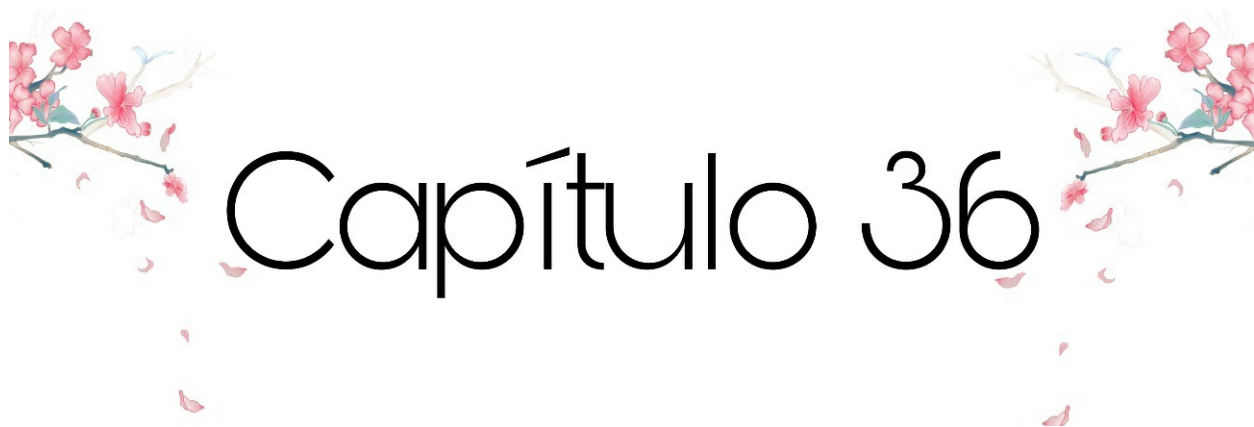
— Satisfeita?

— Você está com um pouco de pressa, ou é só uma impressão minha? — Leva o dedo, cuja unha está pintada de vermelho sangue, à boca e o chupa, olhando para minha boca.

— Você é uma safada e vai me pagar muito caro por me provocar dessa forma, branquinha. Espero que esteja preparada para isso — digo, pego sua mão e levo o mesmo dedo que acaba de chupar à minha boca. Enveredo a língua nele, faço movimentos de sucção e a sinto estremecer e ofegar.

— Diego...

— Vamos sair daqui, passarinho, eu não aguento mais esperar, quero te devorar, cada pedacinho desse seu corpo gostoso conhecerá o meu toque.



Capítulo 36



— Ai! Como você é carinhoso, ogro. Isso me emociona —
provoco, ofegante, quando sinto minhas costas baterem contra a parede ao
lado da porta do quarto e ele vem com tudo para cima de mim, tal qual uma
fera faminta.

— Se você ainda está falando, é porque não estou fazendo isso
direito. — Tenta me beijar, mas sou mais rápida, passo por baixo do seu
braço e fujo para o outro lado do quarto.

Eu não vi o ambiente e por isso preciso apreciar a visão, antes

que eu me torne uma devassa e não consiga pensar em nada que não seja no meu ogro em mim, nas suas mãos. O pau que já está tão duro, pronto para mim. Um homem desse tamanho...

Tudo bem! Talvez eu já esteja no modo devassa sem vergonha.

— Volte aqui, garota!

Ele vem e eu corro para o outro lado do cômodo, que de tão grande poderia perfeitamente caber a minha casinha dentro.

— Espere, deixe de ser safado. Quero ver esse quarto.

— É só a porra de um quarto de hotel, Ariella! Basta que olhe para a cama, olhou? É em cima dela que iremos foder e fazer outras coisas mais.

— Três casais poderiam perfeitamente transar em cima dela e ainda sobraria espaço.

— Você gosta? Se estivéssemos no Rio, eu poderia providenciar isso para você. — A sua fala chama a minha atenção.

— Do que está falando?

— Existe um clube privado de sexo.... Ah, não vamos falar sobre isso, venha aqui, branquinha — chama e eu não vou. O tal clube de sexo me deixou curiosa, mas também enciumada só de imaginar o tipo de coisas que

ele já fez lá, o número de mulheres que já teve.

— Esse quarto, você pensou em tudo mesmo — digo, jogando de lado os outros pensamentos, dedicando-me ao deslumbre do lugar.

A iluminação, a cama gigante e as janelas enormes abertas, tudo é maravilhoso para uma noite a dois. Ao lado da cama, tem um balde de gelo e de onde estou posso ver uma garrafa de champanhe — única bebida que posso reconhecer pelo olhar — e sobre o colchão está uma bolsa preta que logo atiça a minha curiosidade sobre o que tem dentro dela.

— Pare de ser curiosa, isso aqui é tudo para o nosso prazer, garota cheirosa. — Deixo que me abrace por trás e sinto com a minha bunda toda a sua potência.

É que potência esse ogro tem!

— Me dê isso daqui. — Tira a minha bolsa, que carregava no ombro, e a coloca aos pés da cama. Dessa vez eu vim prevenida, vai que ele tem a mesma ideia que teve no roseiral e decide partir o meu vestido em dois?

— Eu estou com saudade de você, ogro. Foram três dias de tortura. Cheguei a me perguntar se você tinha esquecido como se usa o seu... — Meu coração já começa a errar o compasso quando ele levanta o meu cabelo e começa a chupar o meu pescoço. Antecipo o prazer porque sei o que

vem a seguir.

— Eu não só lembro, como pretendo deixá-lo em carne viva de tanto meter nessa sua bocetinha apertada e que é só minha.

— Ai! — O protesto sai em forma de gemido quando ele morde com força o meu pescoço e começo a esfregar a minha bunda no seu sexo.

Até ontem eu era virgem, mas a minha ousadia — talvez falta de noção — me permite agir como se eu fosse uma mulher acostumada a ter sexo dia sim e no outro também.

Resumindo: estou sedenta por esse homem e por todas as suas promessas ou ameaças de sexo duro.

— Sua safada! — Afasta-se minimamente e mete um forte tapa na minha bunda.

— Porra! Mas sem nenhum aviso? — A minha indignação não dura dois segundos até eu voltar a tentá-lo novamente com a bunda no seu pau, que está duro.

— Você é uma garotinha muito atrevida e desobediente. Eu não gosto de garotas desobedientes, pequena Ella.

— Poxa, então você está saindo com a garota errada. — Sem aviso, ele me vira de frente, fita-me com seus olhos muito escuros, que não

mostram nada quando neles procuro respostas que da sua boca não saem. —
O que foi? Eu disse alguma coisa errada?

— Você nunca diz coisas erradas, Ariella. Você é mesmo uma garota muito rebelde e foi isso que chamou a minha atenção. Mas saiba que aqui nesse quarto e todas as vezes em que estivermos fazemos sexo, será diferente. Submeta-se a mim. Aqui todo o seu corpo e todas as suas vontades são minhas para fazer o que eu quiser.

— Sua para fazer o que quiser — falo, hipnotizada pelo seu olhar.

— Toda minha — sussurra no meu ouvido, começo a tremer e tenho medo de não conseguir me sustentar sobre os gravetos que são minhas pernas quando ele começa a subir o meu vestido.

Sim, escolhi um vestido sem botões, afinal, para que dificultar se eu posso facilitar?

Diego tira o meu vestido e, pela sua expressão, não sei se está gostando do que vê. Dá alguns passos para trás, em silêncio observa o meu corpo, que veste calcinha e sutiã pretos, os mais decentes que consegui encontrar no meu armário, e salto alto.

— Passarinho, você é...

— Sou?

— Muito gostosa. E mesmo que o mundo acabe agora, nada me tira de cima de você.

Observo atenta e sedenta ele tirar a própria roupa e, quando está só de cueca, me pega e volta para a parede. Joga-me nela como se eu fosse uma lagartixa e coloca minhas pernas em volta da sua cintura. Começa a atacar o meu pescoço e minha boca com beijos e mordidas.

— Vá com calma, homem. Nós temos a noite inteira — digo entre risos e gemidos, sem querer que ele realmente pare. Falo porque parece que é o tipo de coisa que eu deveria dizer.

Por que tão oferecida, passarinho?

— A noite inteira não será suficiente, amor, acredite. — Leva as mãos para trás e abre o fecho do meu sutiã. — Estou faminto por você.

Como um esfomeado, Diego cai de boca nos meus seios. A sua boca ávida chupa um mamilo, depois o outro e acaba com os dois juntos, tentando chupá-los ao mesmo tempo. Depois de muitos minutos, quando já estou com o corpo todo sensível, com a calcinha muito molhada e os peitos vermelhos de sua barba, ele volta para a minha boca.

— Deliciosa... — Leva-me para a cama, senta-me na ponta e abre o zíper da bolsa preta. — Vamos começar com as nossas brincadeiras e quero que faça algo por mim. — Retira um objeto prata que eu nunca tinha

visto. São dois prendedores pequenos e estão unidos por uma corrente. — Esses são grampos para os mamilos, passarinho. Irei prendê-los em você...

— Vai doer? — Fico nervosa ao pensar nos grampos em mim.

— Sentirá uma fisgada de dor quando prendê-los, mas eu te garanto que o prazer será indescritível depois. Você sentirá direto na sua boceta quando eu os tirar.

— Eu quero — falo, porque vim disposta a tudo. Sou curiosa demais para não fazer e confio que tudo que ele fizer comigo será prazeroso. — Merda! — A fisgada de dor fina me faz sobressaltar quando ele prende o primeiro, mas a surpresa não se repete quando prende o segundo porque já estou preparada.

— Dói?

— Lateja um pouco. É incômodo... — Mal termino o parecer quando Diego puxa com a ponta do dedo a correntinha e, como avisou, sinto o desejo incontrolável de esfregar um perna na outra.

É incômodo e levemente doloroso, faz pressão em meus mamilos, mas a forma como me olha enquanto puxa a corrente me deixa excitada.

— Sente isso? Me fala, como está a sua boceta?

— Parece que está tocando lá quando faz isso. — Olho para a sua mão.

— Melhor será quando eu os tirar de você, amor. Se eu quiser, é capaz de você gozar muito gostoso com a minha boca no seu biquinho sensível. Você quer?

— Quero... — ofego, implorando com o olhar para que me toque onde mais necessito.

— Terá, mas não será agora, passarinho. No momento, eu preciso te comer. Aplacar um pouco da nossa fome, só assim conseguirei continuar e fazer tudo o que pretendo com você. Antes que essa noite termine, será tão minha como ninguém nunca foi. Agora, abra as pernas.

— Assim, sem mais nem menos?

— Aqui você não me questiona, nós já conversamos sobre isso, não? — De joelhos à minha frente, o meu homem espera que eu atenda o seu pedido.

Dentre todas as pequenas coisas de que gosto em Diego, dar uma ordem e depois esperar pelo meu tempo é apenas uma delas. Ele diz que no sexo as coisas são do seu jeito, mas já percebi que não é bem assim. Diego é gentil e preocupado o bastante para me esperar.

— Você é muito cheirosa, branquinha.

— Eu sei, esse perfume...

— Estou falando do seu perfume de mulher, do cheiro do seu tesão. Do desejo não satisfeito, ele me inebria.

— Não faça isso!

Fico desconcertada quando ele, literalmente, mete a cara na minha calcinha. O seu nariz está no pano molhado. Misericórdia! O homem está me cheirando e eu não sei se morro de tesão ou de constrangimento.

— Minha putinha está louca para dar para o macho dela, não é mesmo? — Seus olhos se levantam, mas ele continua de cara na minha boceta e eu concordo.

O que mais poderia dizer?

O ogro tira a minha calcinha, fico ainda mais acesa, à espera da sua boca em mim. E como ele sabe usar a boca! Mais acima, os meus mamilos estão latejando e já me sinto preparada para me ver livre do acessório.

Para a minha frustração, o leão se levanta e, ao invés de me chupar, começa a tirar a própria cueca, um espetáculo a ser apreciado.

— Agora é o seu momento de ficar de joelhos, Ella — fala sem tirar os olhos do meu sexo e, antes que eu o obedeça, passa o dedo indicador

lentamente entre os meus lábios vaginais, que estão pegajosos.

Termina de tirar a cueca e o seu membro pula duro e orgulhoso. A minha boca saliva e, pelo que li em diversos livros, chego à conclusão de que não deve ser assim tão difícil levar esse mastro à boca.

— Eu disse para ficar de joelhos, menina!

— O que quiser, senhor Diego — eu o provoco, mesmo desconcertada e ansiosa, e ele arqueia a sobancelha por causa do tratamento. Deve estar se lembrando de que havia exigido que eu o chamasse assim quando estivéssemos entre quatro paredes. Bom, eu o trato pelo primeiro nome desde o momento em que chegamos.

— Lembre-me de te castigar por isso — avisa, vendo-me de cima, agora que estou literalmente aos seus pés.

— Aguardo ansiosa.

— Agora eu quero que você me chupe, putinha. Leve-me para dentro dessa sua boca quente e macia. Sei que você saberá como fazer isso, porque é uma cachorra, muito safada e que nasceu para me dar.

— Eu não...

— Não ouse me questionar! — Curva-se um pouco e pega com firmeza uma porção do meu cabelo longo.

Sinto os meus joelhos incapazes de sustentar as minhas pernas, a minha carne fraca e cada parte minha desejando o prazer máximo que parece cada vez mais próximo só pela firmeza da sua mão no meu cabelo, o pau muito duro e os grampos apertando os meus mamilos.

— Assim, Ella. Toque nele — incentiva quando o pego em minhas mãos e o aliso de cima a baixo. Ele parece aprovar o gesto e então continuo. Sem fazer muito força, mas segurando com firmeza, faço os movimentos até que, por intuição, o levo até a boca.

Os meus lábios tocam a cabeça robusta e rosada. O som que sai da boca do leão se parece bastante com um rugido, o que significa que estou indo bem.

Como sou uma pessoa empolgada e adepta a pagar mico, decido ir além, mas travo na metade do longo caminho.

— Com calma e sem usar os dentes, amor — instrui, recomeço e o faço da melhor forma que a minha experiência em livros eróticos me permite.

Passo a me sentir à vontade ao fazer sexo oral no meu namorado e, com as suas palavras de incentivos e algumas sacanagens, o prazer que tê-lo na boca chega a ser maior do que se estivesse chupando um pirulito de morango.

Que comparação foi essa?

Em meio a névoa de prazer, ainda consigo segundos para me divertir.

— Relaxe a garganta... Assim — Diego já nem pode mais falar com naturalidade. A sua voz fica do mesmo jeito que sempre acontece quando faço algo em seu corpo que o agrada.

Se me perguntarem mais tarde, não saberei como fui capaz de conseguir levá-lo até o fundo da minha garganta. Entre estar ficando mais desejosa e poderosa por ser a fonte de tamanho prazer para ele, o seu pau já está todo babado e o meu couro cabeludo dolorido pela força do seu agarre.

— Eu vou gozar, porra! Tire-o, amor... — Tiro-o da boca segundos antes de o ogro tomá-lo em suas mãos, fazer alguns poucos movimentos e gozar nos meus seios.

De joelhos, descabelada e toda babada, olho para cima e percebo a mudança na sua atitude quando olha para o líquido viscoso e esbranquiçado do seu esperma escorrendo pela minha pele.

— Você vai me matar de tesão, garota! — Pega nos meus braços e me ajuda a ficar em pé. Eu o vejo levantar a mão bem devagar e colocá-la em volta do meu pescoço.

Ele não o aperta, longe disso, mas toda vez que o faz, sinto

segundos de aflição que logo passam para um estranho contentamento, porque me sinto sob o seu domínio. Eu tenho a necessidade de me sentir dessa forma quando estou com o meu leão sádico.

— Eu vou te foder agora, garota das flores. Em algum momento dessa noite, eu serei gentil com você, venerarei o seu corpo e darei o carinho que você merece. Mas não vai ser agora. No momento, eu só preciso te pegar com força, matar essa fome dos dias em que me segurei para o não fazer. Dos anos que passamos distante e dos anos em que eu sequer te conhecia. Eu tenho fome de você, amor.

— Gosto disso...

— Eu espero que você também goste disso. — Coloca-me em seus braços e volta a me pressionar contra a parede. — Dessa vez eu vou te foder assim, em pé... — Sem qualquer premeditação, penetra-me até o fim e então o sinto por completo.

Estou cheia dele, como desejei por longos e lentos três dias.

— Que delícia... Tão grande...

— Obrigado pelo grande. — Sai e volta com força e até o fim. Entra e sai. Sai e entra.

Porra! Quo homem é esse?

— Ella... Sei que deveria ter falado disso ontem, mas você me faz perder a cabeça. Eu nunca fui tão descuidado.

— Amanhã eu tomo a pílula. Só continue, por favor — peço.

Não é a primeira vez e pelo visto não será a última. Diego e eu não estamos agindo como as pessoas mais cuidadosas quando o assunto é métodos contraceptivos. Como da vez em que transamos nos roseirais, amanhã terei de tomar a pílula do dia seguinte.

— Adoro te sentir. É duro de segurar o gozo com essa sensação tão gostosa — fala e tem a respiração curta. Entra com força enquanto aperta as bochechas da minha bunda. — Segure-se em mim, está bem? — Balanço a cabeça e o vejo tocar o meu sexo. Ainda me penetrando, só que agora mais lento, leva a boca até os meus seios, beija por cima de cada um e depois tira o grampo do qual eu já nem me lembrava.

— Ai! — A dor é fina, o latejar é agonizante e nada tinha me preparado para a sensação de ter a sua boca quente aliviando-a. — Assim... amor, eu... — A tentativa de fala é falha porque o prazer do toque me torna incapaz de fazer outra coisa que não seja gritar.

— Dói, bebê? — Levanta a cabeça e o prazer que vejo no seu rosto é desconcertante. Confirmo com a cabeça porque já não lembro como se fala. — Perfeito. Agora te mostrarei porque vale a pena suportar a dor.

Então Diego deixa o cuidado de lado e começa a me penetrar com mais rapidez. A boca está ávida no meu seio dolorido, tem um punhado de cabelo enrolado em suas mãos e já não sei discernir o que é dor e o que é prazer.

Talvez ambos sejam iguais quando estamos assim, um no outro. Porque não importa como aconteça, a nossa busca pelo prezar é mais importante.

— Caralho! Que putinha gostosa...

— Mais, Diego — peço.

— Você não pode estar me pedindo isso, garota safada. Como pode ser assim? Você é um anjo.

— Não sou, e você sabe disso. Por favor, leão, eu não aguento mais...

— Quer gozar?

Diego começa então a meter sem pena, a puxar o meu cabelo com mais força, mas são os dentes puxando o meu mamilo que me fazem gozar trêmula, suada, sem fôlego e dolorida.

Tomada por um misto de sensações que atravessam o meu corpo, sinto quando o meu Diego derrama o seu esperma quente e viscoso

dentro de mim. Como eu, ele está completamente suado e sem fôlego. Só agradeço de estar nos seus braços, pois, se fosse diferente, eu já teria perdido a força das minhas pernas.

— Você quer acabar comigo? — fala ofegante no meu pescoço.

— Está pedindo arrego, leão? — provoco, completamente afetada por ele.

— Amor, acho que você ainda não me conhece. Antes que a noite termine, você estará tão acabada que não conseguirá nem falar, quem dirá andar.

Capítulo 37



Nós estamos jogados de costas sobre a cama. Ela, de bruços e eu, sobre o seu corpo, beijando as suas costas, descendo a boca por toda sua pele, parando no início da sua bunda lisa, macia como cada parte do seu corpo. A minha mão começa a subir do seu tornozelo até o começo das suas coxas. Suas longas pernas são perfeitas, embora ela tenha me feito sorrir algumas vezes ao chamá-las de gravetos.

— Você está dormindo? — provoco, porque sei que a garota é curiosa e insaciável demais para perder algumas horas de sexo para dormir.

— Eu não seria capaz, ainda mais com o leão que tem a mente cheia de ideias sujas.

— Você não tem medo do perigo? — questiono, porque para mim ainda é difícil acreditar que ela encare as promessas que eu faço e os próprios desejos com tanta naturalidade.

Conversei com ela sobre o que esperar de uma relação entre nós dois entre quatro paredes. No início me surpreendeu e no dia seguinte mais ainda quando chegou falando que tinha feito algumas pesquisas no *Google*. Não segurei o sorriso divertido quando disse que não devia acreditar em tudo que lê na internet.

Eu vim preparado para dar a ela só uma pequena amostra do que pensa que conhece por causa de umas poucas pesquisas. Agora a minha certeza dá uma titubeada porque acredito que, depois de começar, nós não iremos mais conseguir parar com a perversão que será o nosso sexo no bom estilo BDSM.

— Em que está pensando, Diego? Por que eu tenho a impressão de que você está medindo a distância entre essa cama e a porta?

— Ella, eu não acho... — começo, mas desisto quando me jogo de costas na cama.

— Não comece com seus medos, porra! Eu não vou deixar você

me negar isso e sair correndo, assim como passou dias negando o que nós dois queríamos desde o primeiro momento.

Com um movimento rápido e surpreendente, Ella sobe em cima de mim. Vejo-me deitado e ela sentada, uma perna de cada lado da minha cintura. De maneira instantânea, o meu pau volta a ficar duro, quando na verdade eu deveria ficar puto por entender o que ela está querendo fazer.

— E o que você pretende fazer para me impedir, passarinho?

— Não me provoque, Diego!

— Você é quem não deve me provocar. — Sento-me e seguro com força a parte de trás dos seus cabelos, bem próximo à nuca. Ao invés de demonstrar qualquer tipo de sobressalto, nem que seja o mínimo de hesitação, ela abre um sorriso. — Não tente me dominar, Ella. Está me ouvindo? Não tente ir por esse lado. Aqui sou eu quem te domina, você faz o que eu quero.

Falo contra a sua boca, sério e olhando dentro dos seus olhos. Começo a entender que talvez Ella não seja capaz de me dar o controle de que preciso. Mesmo que pense diferente, suas atitudes dizem o contrário. O que acontecerá aqui está mais para uma luta para ver quem domina quem.

É tão diferente do que eu sempre fui, do que exigi das mulheres que já estiveram comigo. Pensei que me sentiria de outra forma, mas no momento eu não tenho vontade de sair correndo. Não estou apavorado, pelo

contrário, estou excitado para ver até onde ela pode ir com a sua rebeldia.

— Por que não me diz o que quer? São tantas promessas. Quando começará a cumpri-las, senhor sádico? O leão está em contato com a sua presa, por que não faz nada? Será o que leão é um gatinho? Ai! — reclama, quando estapeio a parte de fora da sua coxa.

— E você quem está implorando por isso, passarinho masoquista. — Estico a minha mão e pego um pedaço de tecido de dentro da bolsa.

— O que é isso? — Curiosa, presta atenção em minhas mãos.

— Para que a sensação fique mais intensa, eu irei cobrir os seus olhos, está bem? — Ela concorda. — Você estará na mais completa escuridão, mas eu te farei gozar tão gostoso, amor. O seu prazer será o meu prazer.

A bela garota está em cima das minhas pernas, os seus olhos encobertos com o tecido de seda negro. O sangue começa a queimar dentro das minhas veias.

— Está preparada?

— Sim... — Pela primeira vez, sinto uma leve hesitação em sua voz, o que me deixa mais excitado.

— Então faça tudo o que eu mandar, está bem? — sussurro no seu ouvido e sinto todo o seu corpo estremecer.

Com cuidado, a coloco de costas para mim e de joelhos sobre a cama. A minha mão primeiro reverencia a beleza da sua pele, ainda sem nenhuma marca. Desce até o seu quadril, o meu pau vibra, a minha mão formiga e o seu corpo sobressalta quando estapeio a bunda firme.

— Agora ela está vermelhinha e esse tapa é só o começo. Se for demais, você me avise. Quer parar por aqui?

— Não — fala com firmeza.

— Se em algum momento você sentir que não...

— Tenho que escolher uma palavra de segurança? — A sua pergunta é inusitada e nem preciso pensar muito para saber de onde tirou tal ideia.

— Esqueça os livros, meu amor. São apenas livros, isso aqui é a realidade. Somos nós dois cheios de vontade. Só peça claramente para que eu pare e respeitarei a sua vontade.

— Está bem. Agora preciso que você me toque — fala e eu não acredito que possa amá-la mais do que faço agora por ser tão clara ao pedir pela satisfação dos seus desejos. Com o passarinho, não existem jogos.

Amar.

— Assim? — Também de joelhos e com o peito colado nas suas costas, levo a mão até sua boceta e noto que ela já começa a ficar úmida para mim. Tiro os fios de cabelos da sua nuca e a minha boca não faz diferente das outras vezes. Mordisco o seu pescoço cheiroso, os dedos brincam com o seu sexo e só paro quando já a tenho preparada, doida de tesão.

— Diego, por favor...

— O que você quer, amor? Seja clara — pergunto, ainda que devesse tomá-la, porque eu sou assim. Ou era, antes de tocar essa garota.

Eu não pedia permissão, apenas dominava. Submetia mulheres que me buscavam à procura de sexo e para fazer todas as minhas vontades na cama.

— As suas mãos em mim. A dor...

Eu curvo o seu corpo, deixo-a de quatro com a bunda e toda a parte de trás do seu corpo exposta para mim. Tudo tão perfeito, tão alvo. Ela é minha e o meu pau dói de desejo só te pensar em como ela estará ao fim dessa transa. Do quão minha será. Sem pudores e sem reservas.

Levo a mão até a bolsa que preparei mais cedo e deixei nesse quarto que reservei para nós. Coloquei os objetos que pensei que poderia usar com ela na sua iniciação, sem levá-la além dos limites. Não sem antes estar

preparada.

Pego um chicote de cinco tiras de couro. Ele tem o cabo de madeira e fios longos. Eu o escolhi por ele ser o mais leve, para experimentar se ela realmente deseja isso, como me faz crer. Se pode mesmo suportar a dor, se ela lhe dará prazer, assim como sinto prazer em infligir.

Quando as tiras do chicote alcançam a sua bunda pela primeira vez, ela geme e se encolhe um pouco. Da sua boca nada sai, o que me faz acreditar que está tudo bem. Na segunda vez, ainda estou cauteloso, os fios de couro pegam na sua bunda e em parte das suas costas. A garota continua sem reclamar, apenas suportando e, no fundo, não era isso o que eu estava esperando.

Essa frustração, que se mistura com os meus fantasmas, faz com que o meu autocontrole, pela primeira vez, ameace ruir e, em situações como essa, ele é necessário, pois existem alguns limites que devem ser respeitados.

Começo a descer o chicote na sua bunda e nas suas costas e de repente já não sei se estou contando, se estou ou não usando força suficiente para machucá-la. Eu só consigo sentir o meu pau dolorido de tesão, os meus olhos fixos nas suas costas e bunda que, por enquanto, estão apenas rosadas. E que visão deliciosa.

Em algum momento, bem distante, ouço um som. Ele vai

ficando cada vez mais próximo e audível. Ella está chorando. Em silêncio e sem dizer uma palavra, ela suporta as chicotadas.

Eu pedi para que falasse comigo!

Assustado e sem entender o que aconteceu aqui, solto o objeto sobre a cama, levanto o seu corpo, que sofre espasmos por conta do choro, e tiro a venda dos seus olhos. Ficamos os dois de joelhos, eu sem coragem de tocar o seu corpo e muito menos de virá-la de frente e olhar em seus olhos.

— Diego... — Ella estende a mão para trás e eu a pego. Ela me puxa para que eu abrace a sua cintura. — Não se afaste, eu preciso de você. Necessito de ti...

Ousada, o passarinho guia a minha mão até sua boceta.

Putá que pariu! A minha garota das flores está muito molhada. Totalmente escorregadia nos meus dedos que a alisam. Mas ela está chorando...

— Por que chora? Eu não...

— Faça sexo comigo, Diego. Eu preciso de mais. Muito mais do que acaba de me dar. Não quero que seja cuidadoso, quero você e eu sei que quer fazer isso. É dessa forma que eu gosto, entende? — fala entre soluços, provavelmente só agora se dando conta da dimensão dos seus desejos mais obscuros. Dando-se conta de quem é.

Para mim não foi fácil, senti-me como um doente. Ainda me sinto porque fizeram isso comigo. Crenças que me fizeram fugir de quem sou, até que encontrei a branquinha e ela, só por ser quem é, me levou de volta para o lado obscuro dos meus desejos, onde mora a dor, mas também a excitação e o prazer que não tem limites.

— Você é perfeita para mim, amor — constato tardiamente o que deveria ser evidente. Mordo o lóbulo da sua orelha e a garota treme de excitação. Estou certo de que o meu corpo encostado à sua pele magoada causa dor, mas ela não diz nada, até porque não se importa.

Ella está concentrada em satisfazer os seus desejos e nada mais importa.

— É assim que você quer, sua putinha? — Eu a fodo como os dedos, indo o mais longe que posso no seu sexo melado. Meto com força e ouço os seus gemidos, que me deixam a ponto de sucumbir só pelo som.

Quando tiro os dedos úmidos da sua boceta, os levo até a sua boca e o passarinho os chupa sem fazer qualquer protesto. O ato torna a situação ainda mais difícil para mim, estou com o tesão nas alturas e tudo vai muito além do gesto. Ella está mostrando que, apesar da inexperiência, não tem qualquer pudor. Quando quer, coloca o controle em minhas mãos e essa sua contradição é perigosa e ao mesmo tempo muito atrativa para mim.

— Chupe os dedos do seu macho, isso. Pense que está chupando o meu pau. É disso que você gosta, não é, sua puta? Gosta do meu pau todo em você, na boceta gulosa, nessa boquinha e gostará quando estiver atolado nesse seu cuzinho. — A garota das flores estremece em meio a um gemido, tiro os dedos da sua boca, com uma mão trago sua cabeça para o lado e a beijo, sentindo o seu delicioso sabor através da sua língua. Com a outra mão, pego o meu pau e penetro a sua boceta por trás.

O beijo está mais para mordidas, as penetrações são tão fortes que é preciso que eu a envolva com firmeza para manter o seu corpo parado no lugar. As minhas mãos entram na jogada e passo a estapear as bandas da sua bunda enquanto a fodo. Vou fundo e depois me retiro, só para depois voltar com mais força.

Ella não reclama, apenas grita pelo meu nome, absorve a minha brutalidade e pede por mais. Para que eu dê muito mais e não sou capaz de negar porque, se ela gosta de dor, o meu prazer está em infligir. Nossos desejos são opostos e se completam, o que é muito mais do que eu estou acostumado a ter. Ninguém nunca foi como ela, porque eu nunca me permiti ir tão longe e sei que posso ir muito mais quando ela estiver acostumada.

Parecendo dois esfomeados que nunca conseguem a satisfação, demoramos muito tempo a gozar. São minutos de corpos se batendo, de suor

escorrendo pelos nossos corpos e respirações ofegantes, até que gozo no seu corpo e a levo junto comigo, sem fôlego e com cabelos molhados.

Quando os nossos corpos tombam sobre a cama, ainda estou dentro da sua boceta e não sinto a menor vontade de sair. Se não fosse a necessidade de me recuperar e deixar que faça o mesmo, recomençaria de novo agora mesmo.

— Você está bem? — indago, ainda entrando e saindo lentamente do seu corpo.

— Se melhorar, estraga — fala baixinho. A pobre está cansada e parece que não aguentará mais nada hoje.

— Você é muito gostosa, Ella. — A branquinha dá um sorriso bonito e cansado para mim, um gemido quando quebro a nossa conexão física e é a última coisa que faz nas duas horas seguintes.

Penso em acordá-la para tomar um banho, mas mudo de ideia e deixo que durma, já que eu mesmo estou sem coragem e forças para mover um músculo sequer. Acabo caindo no sono com os braços em volta da sua cintura, acreditando que a noite acabou para nós.

No meio da madrugada, acordo cheio de tesão e me dou conta de que tenho razões para estar duro. Abro os olhos com calma e tenho a bela visão de uma Ella nua em cima de mim. Ela está curvada beijando o meu

peito e as pontas dos seus longos cabelos fazem cócegas onde tocam.

Ela vai descendo e nem mesmo o seu boquete dura tempo suficiente para ser apreciado como merece. Logo a pego, jogo sobre a cama e a como. Mais uma vez não é apenas sexo, deixamos que os nossos desejos mais latentes nos levem e, no fim, não fica nenhum brinquedo sexual na bolsa sem uso.

Vou à loucura quando deixa que eu amarre suas mãos e seus pés na cama e tenho todo o seu corpo à minha disposição. Eu toco com a mão e com a boca, que beija, chupa e morde. No fim, Ella goza com a minha boca chupando a sua boceta. Em mais uma transa já perto do amanhecer, logo depois de um cochilo em que sou eu quem a acorda querendo mais, outro chicote é usado e a garota chora e grita, mas é de tesão.

Só paramos porque se torna impossível de continuar. Ella dorme com o corpo todo em cima de mim e eu penso que não poderia ter lugar melhor para descansar. Os resquícios do seu perfume, misturados com o cheiro de sexo, embalam o meu sono cansado e me fazem acreditar que será tranquilo.

Capítulo 38



— Meu Deus! Em que tipo de monstro você se transformou? —
Horrorizada, Larissa está no meio do quarto, vendo-me com uma mulher disposta a me dar o que ela não pode. Não por não querer, já que eu nunca quis fazer nada parecido com ela.

— Saia daqui, Larissa! — falo mais alto, indignado com a sua ousadia de invadir o quarto quando estou fazendo sexo com outra mulher.

— Seu porco traidor! Que tipo de perversão é essa? O que fizeram com você, Diego? Olhe para ela! Você estava batendo nessa mulher.

Desvio a minha atenção para a morena, que tem os braços estendidos para cima e presos a uma corrente que está afixada no teto. Está de joelhos e nas minhas mãos tem um chicote de fios longos. A morena fita a minha querida esposa com espanto e o seu olhar é de quem pergunta se a loira está louca.

Ela pensa mesmo que a mulher está sofrendo com os castigos?

— Aqui, como você pode ver, depois de ter feito de tudo para descobrir, é um clube de sexo. Não era isso que você queria ao colocar um detetive atrás de mim? Pois aí está, um clube de sexo no qual venho todas as semanas fazer isso aqui que está vendo e muito mais do que a sua cabeça pode imaginar.

— Mostro! Você é um monstro, Diego. Eu tenho nojo de você! Nojo! O nosso filho saberá que tipo de porco traidor o pai dele é. — No momento em que as palavras imundas saem da sua boca, pulo da cama e agarro-a pelo braço.

— Não ouse mencionar o meu filho, caralho. Você pensa que é quem para falar de traição? — Larissa emudece e eu continuo: — Você é uma hipócrita. Volte para o seu luxuoso apartamento e me deixe em paz com essa e com mais quantas mulheres eu quiser.

Depois que ela sai, não consigo mais continuar e mando a

mulher se vestir e me deixar sozinho. Vou para a janela com a cabeça a mil, porque tudo o que eu não queria acaba de acontecer.

Você é um monstro, Diego...

Que tipo de doente você é?

— Ei, acorde, leão! — Sinto-me sendo sacudido, mas as palavras continuam repetindo-se na minha cabeça. — Está tarde e todos já devem estar preocupados conosco... — Sinto beijos por todo o meu peito, mas então vêm as palavras e as lembranças ruins.

— Não me toque, porra! — ordeno ao despertar por completo e me sentar. Com o susto, ela se afasta.

Olho nos seus olhos e eles estão enormes, assustados e úmidos.

— Perdão. Eu preciso tomar um banho — Levanto-me, mas antes de entrar no banheiro, olho para trás.

As suas costas estão vermelhas e cheias de vergões. A bunda deve estar bem pior. Olho por mais alguns segundos e sinto-me enjoado quando vejo as marcas roxeadas dos meus chupões e mordidas por suas costas.

Você é um monstro, Diego.

Cinco palavras que ouvi tantas vezes que acabaram se tornando

verdade em minha mente. Ela morreu por causa do monstro que me transformei e agora machuquei o meu passarinho. Deve estar me odiando por ter feito isso com ela.

Mas isso é bom, não é?

Cada mácula em seu corpo servirá que mostrá-la que não deve mais permitir que eu a toque dessa forma.

Eu não quero ser um monstro.

Enquanto a água cai fria sobre a minha cabeça, permito que minha mente viaje pelo passado, pois é isso que faço sempre que quero relembrar o que me tornei, o porquê jurei a mim mesmo nunca mais deixar que alguém chegasse tão perto, ainda mais alguém inocente como o anjo dos roseirais.

Foram três anos de um namoro que já não ia bem das pernas. Ficou claro que eu e Larissa não tínhamos muita coisa em comum, mas acabamos insistindo por comodidade. Pelo menos, para mim era assim. Eu não amava a mulher e supunha que também não era amado, dada a frieza da relação que se refletia no sexo.

O pior erro foi cair na sua insistência para oficializarmos a união através do casamento. Eu já tinha me tornado um homem fraco, que fazia o contrário do que sentia, só por não ousar fazer alguma coisa por mim mesmo.

Na minha cabeça, já estava enraizada a ideia de que aquela era a vida que eu tinha escolhido, que Larissa era a pessoa que eu tinha comigo desde o início e não seria justo deixá-la depois de tudo que tinha feito pela minha carreira.

Com o seu jeito extrovertido de ser, correu atrás de me publicar, ouviu vários não, mas não descansou até me tornar o conhecido Ângelo D'Ávila. Gratidão ou comodismo, não importava, casei-me com uma mulher que eu não amava.

O casamento, ao invés de nos aproximar, só serviu para nos deixar ainda mais distantes um do outro. O nosso sexo era morno e ainda assim eu era fiel, porque a respeitava. Gostava de ligar para o meu pai e tudo que ele contava sobre a fazenda me deixava com mais saudades da vida que levava no campo, mas não o suficiente para deixar o meu futuro, que parecia muito promissor, para trás. As minhas ambições, que ficaram mais expostas quando deixei Santa Rita, não me permitiam ir além da simples saudade. Não me permitiam considerar seriamente voltar para o meu lugar.

Depois de três anos de casados, quando já estava claro que não teria como continuar, decidi fazer algo por mim mesmo e por ela e pedir o divórcio. Fomos a uma festa, na qual todos me olhavam, e eu cheguei a temer que a minha identidade tivesse sido descoberta. Para o meu ego, era suficiente ser um romancista famoso, ainda que ninguém soubesse que era eu.

Lembro de ter ouvido um toque de notificação no meu celular e, quando o desbloqueei, vi na tela a imagem da Larissa beijando outro homem. Ela me traíndo com alguém bem conhecido: um romancista em ascensão na época, mas que hoje em dia vive no anonimato e ninguém sabe ao certo o porquê.

Apesar da minha escolha, eu não tinha certeza da fidelidade de uma mulher que estava sempre sozinha em jantares e todo tipo de evento social, por isso não a culpo, porque a escolha de não comparecer aos eventos era minha, não esperava que ela fizesse o mesmo, mas que pelo menos não me traísse com um sujeito que estava em nosso ciclo de convívio.

Quando a confrontei com a imagem, primeiro ela quis dissimular e negou. Quando se deu conta de que era impossível desmentir, jogou a culpa em mim por passar dias sem procurá-la para o sexo, sem lhe dar a devida atenção.

Nos dias que se seguiram, a mulher tornou-se estranhamente silenciosa e tensa. Eu não achava ruim, pois só assim ela me deixava em paz, enquanto pensava em uma forma de me livrar dela. Entendi o porquê quando o livro de Daniel Vaz foi lançado e percebi que ela tinha contado a ideia do meu próximo romance para o cara. Era o mesmo enredo e não tinha nem como falar em coincidência, já que ela estava transando com ele.

Eu não sei o que passou pela cabeça dela, se acreditava que eu não perceberia ou que o cara seria inteligente para, pelo menos, tentar disfarçar o roubo. A briga que tivemos foi muito grande, foram feitas acusações de falta de amor, de atenção, infidelidade e terminou com o pedido de divórcio que partiu de mim.

O pedido que transformou a minha vida em um verdadeiro inferno.

— Ei, aconteceu alguma coisa? — A mão pequena do meu passarinho toca as minhas costas e me deixa ainda mais tenso.

No momento, estou muito perturbado com o sonho e as lembranças do passado para que possa lidar com ela.

— Tome o seu banho, nós temos que ir. Como você mesma disse, está tarde. — Sem olhar em seus olhos, viro-lhe as costas sabendo que estou magoando-a.

Ao sair do banho enrolada em uma toalha, olho em sua direção, mas ela não está olhando para mim e parece se esforçar para não o fazer. Está muito chateada com o meu afastamento — com razão — e sinto vontade de socar minha própria cara.

Antes de ir, pergunto se não quer tomar um café e, sem dizer uma palavra, ela nega, mas aceita o analgésico que eu lhe ofereço.

No carro, a garota liga o som, não olha mais para mim e, ao contrário do que aconteceu na vinda, o silêncio entre nós é cortante e extremamente desconfortável.

Eu sei que pisei na bola — mais uma vez — e que preciso falar com a garota das flores, mas acabo deixando para fazer isso depois, quando eu não estiver tão confuso com o que me permiti fazer com ela.

Na frente da sua casa, ainda dentro do carro, tento falar, mas Ariella se antecipa.

— A noite foi maravilhosa. Obrigada pela experiência.

— Ella...

— Mas eu não quero continuar. Enquanto você estiver aqui, quero que tenhamos apenas uma relação de patrão e empregada. Acabou, Diego. — Não olha para mim e isso me mata por dentro.

— Não acabou nada. Você está ficando louca?

Seguro no seu braço, sem poder esconder o meu desespero, Ella olha para a minha mão e pede:

— Solte-me, senhor Diego. E, por favor, respeite as minhas vontades. — Os seus olhos estão marejados, um nó se forma dentro da minha garganta e eu tento tocá-la novamente, mas recebo a sua rejeição.

O passarinho deixa o carro, entra na sua casa e em menos de cinco minutos volta com o meu pequeno nos braços. Ele parece ter ficado bem com os avós de Ella e sem nós dois por perto. Vejo-a conversar e beijar o seu rosto enquanto caminha.

Está claro que não está bem e é tudo por culpa minha. Quero tanto voltar atrás, mas não sei como fazê-lo e nem se vale a pena. Eu não soube lidar com o que fizemos ontem à noite, com o passado que veio me atormentar e vê-la assim, por minha culpa, mostra que eu estava apenas me iludindo ao pensar que poderia ter pelo menos um pouco de satisfação e paz.

Depois de colocar o Alex na sua cadeira no banco de trás, saio do carro e intercepto o seu caminho, antes que entre em sua casa. Procuro os seus olhos, mas não consigo enxergá-la. Não consigo porque ela desistiu.

O meu passarinho desistiu de mim e isso termina de esmagar o meu coração, que começou a bater por ela.



Capítulo 39



— Filha, que carinha é essa? Para quem saiu com o namorado, você está bem desanimada — depois de muito me olhar, a minha avó se senta na minha frente e pergunta.

Com custo, tento me alimentar, porque tenho que cuidar do meu pequeno e não irei arriscar ficar doente por causa do idiota do pai dele.

— Ele não é mais meu namorado — afirmo e dou de ombro, como se o fato não fosse importante.

Mas é muito importante, se não fosse não estaria doendo tanto a

decisão que tomei.

— Não é? — Com razão, a dona Ester não esconde a surpresa.

— Terminei com ele, não teria futuro mesmo — resumo e em seguida levanto-me. — A senhora ainda vai para a fazenda?

— Vou preparar algo para aqueles dois e ver alguém para dar uma boa faxina naquela casa. A arrumação da esposa do Rico duas vezes por semana não é o bastante para uma casa daquele tamanho. Ali *tá* que é só poeira e pode fazer mal para o Alex.

Mal presto atenção em suas palavras, parei na parte em que falou que irá para a fazenda, o que significa que ajudará o Diego a cuidar do pequeno, o que também significa que ficarei mais tranquila com a minha fossa.

— Vou ficar em casa hoje. O senhor Diego me deu o dia de folga — aviso, mas antes que eu deixe a cozinha, Ester volta a me chamar:

— Está tudo bem?

— Está, vovó. — Ela sabe que algo aconteceu, mas não me pressiona. Vovó deixa que eu tenha o meu espaço e sabe que acabo contando para ela depois. Sempre foi assim entre nós duas.

Sozinha no quarto, cuja porta está trancada à chave, tiro toda a

minha roupa, vou direto para a frente do espelho, que pega todo o meu corpo, e me assusto que a imagem que vejo refletida. Há marcas por todos os lados, na minha barriga, nos seios e até mesmo nas pernas. Pelo que posso ver das minhas costas, a situação é bem pior porque foram elas e a minha bunda que mais suportaram o peso da sua mão e do chicote.

Se não fosse pela forma como tudo terminou, as marcas seriam vistas com satisfação, porque nenhuma delas me assusta e são provas do sexo que gostamos, do que pedi para que ele fizesse comigo.

Se eu tinha alguma dúvida entre teoria e prática, elas foram totalmente eliminadas. Seja com o Diego ou com qualquer outra pessoa que eu estivesse, entendi que gosto de sentir dor na hora do sexo, meu corpo todo almeja por ela. Pela pegada forte e pelo sexo duro.

As marcas também deixam um gosto amargo em minha boca e trazem lágrimas aos meus olhos porque tenho certeza de que foram elas que fizeram o Diego se afastar de mim daquela forma.

Afastou-se também porque é um idiota e eu já estou farta da sua instabilidade e mudanças de humor. De quando se afasta e me olha como se eu tivesse uma doença contagiosa. Mesmo triste, acredito que tenha tomado a decisão mais acertada e a mais covarde também.

Se for sincera comigo mesma, admitirei que também faço isso

por medo, para me proteger do sofrimento da sua partida. Os seus atos serviram para tirar a venda dos meus olhos. Eu não sei se poderia lidar com a sua partida se estivesse mais apaixonada do que já estou e seria o que acabaria acontecendo, se eu não tivesse terminado.

— Ai, Diego... — Deito de bruços na minha cama e dou vazão às lágrimas que segurei para não as derramar na frente da minha avó. A tristeza do que fiz me consome e na minha mente começa a se projetar cenários do como serão os próximos dias. De vê-lo e não poder tocá-lo. Não ter mais dos seus beijos, do toque de carinho e sobretudo o de dor.

Até o meio da tarde, arrasto-me só de *short* e top pela casa, sempre em busca de algo para comer dentro da geladeira e comendo enquanto choro. Deito-me de bruços e quando volto a abrir os olhos, já está escuro lá fora.

Ouçõ a voz animada dos meus avós, o que me deixa ainda mais triste, porque não tem nada pior que ficar perto de pessoas felizes quando se está na fossa e justamente por isso decido ficar aqui no meu canto.

Sem conseguir resistir, pego o meu celular e me decepçiono por ele ter aceitado tão bem o nosso fim. No fundo, acho que era o que ele também queria, não ter que passar pelo constrangimento de despedidas difíceis, de ter que apertar a minha mão em agradecimento pelos bons

momentos.

Por insistência dos meus avós, me levanto para jantar e eles estranham o meu silêncio e o fato de eu não ter saído para vender na praça. Digo apenas que não estou em um bom dia e volto para a minha cama, que nunca me pareceu tão convidativa.

Assim que entro e encosto a porta, vejo a tela do celular acessa sobre a cama.

Você não tem ideia de tudo o que me deu nos poucos dias em que estivemos juntos. Eu nunca vou te esquecer, garota das flores. Você é especial.

Do seu leão, ou ogro, se preferir.

Suas belas palavras partem o meu coração, pois sei que são palavras de despedida. Diego está colocando um fim ao que tínhamos e a mim só resta aceitar e seguir em frente.

Choro copiosamente. Choro até cair no sono. É uma pena que essas lágrimas não tenham servido para diminuir a dor de um coração partido.



— Bom dia, vó.

— Bom dia, meu amor... — Ela para o que estava fazendo e senta-se na minha frente. — Que cara é essa, minha neta? Os seus olhos estão inchados. — A sua preocupação me levaria às lágrimas se eu não tivesse acabado com elas ontem pela madrugada.

— Eu estou bem, vovó. Não se preocupe comigo.

— O que aconteceu entre você e o menino Diego?

— Nós decidimos terminar — digo como se fosse bem simples. — Que bom, não é mesmo, dona Ester? Ele vai embora, de qualquer forma, isso acabaria. Pelo menos paramos antes que alguém se machucasse ainda mais.

— Meu amor, de mim você não precisa esconder nada. Eu sei que está sofrendo. O meu coração estava apertadinho com esse envolvimento de vocês e coração de vó não se engana. Vocês são de mundos diferentes, têm experiências de vida diferentes.

— Eu sei, mas pensei que...

— Pensou o quê, Ella? — indaga e entendo que só agora decidiu falar tudo o que pensa, o que eu sabia que tinha para dizer, mas preferiu deixar que eu vivesse as minhas próprias experiências sem interferir. — A vida é muito cruel e ela deixa marcas que nada e nem ninguém é capaz de

apagar. Diego não é o mesmo menino que eu tanto amei no passado. Hoje ele carrega uma dor tão grande no olhar que talvez isso o torne incapaz de oferecer algo diferente disso. Não espere amor de quem não o conhece. Evite esse sofrimento.

— Eu não o amo — afirmo e negar os meus sentimentos é mais doloroso do que não ser correspondida.

— Que bom, meu amor. E não leve a sua avó a mal. Eu não tive essa conversa antes porque não gosto de interferir nas suas decisões e sei que você é uma garota muito iluminada e saberia perceber os sinais. Que não ficaria em um relacionamento que te fizesse mal.

— Obrigada, dona Ester — agradeço pela conversa, levanto-me e pego a minha bolsa.

— Não vai tomar café?

— Estou sem fome e estou atrasada. — Beijo o seu rosto e deixo a casa.

Enquanto pedalo, deixo que as lágrimas escorram pelo meu rosto e o vento fresco da manhã beije a minha pele. Choro pela última vez porque não preciso que o leão perceba o quanto estou mal com o nosso afastamento. Será a última vez, pois, de agora em diante, viverei para aproveitar o meu tempo livre com o meu leãozinho.

Pensar nele muda o motivo da minha tristeza e a dor torna-se sufocante.



— Mamãe. — Aponto para o porta-retratos e ele o olha com interesse. — Ela te amou muito, sabia? Eu tenho certeza de que, se pudesse, estaria aqui com você — falo, pois essa será a imagem que meu filho terá da mulher que o colocou no mundo. Não quero que a verdade o faça sofrer.

Nunca!

— Esse aqui é o seu passarinho. Gostou? — Mais cedo fiz o que já deveria ter feito, revelei a foto que tinha dos dois juntos e coloquei em um porta-retratos para que fique ao lado da sua cama.

O pequeno o pega das minhas mãos e fica fazendo festa para o rosto que deve ter reconhecido.

— É, meu amor. O seu passarinho. Você gosta dela, não é?

Papai também gosta.

Gosto demais e por isso mandei a mensagem. Por gostar muito mais do que quero admitir, aproveitei a oportunidade para pôr um fim na nossa relação que mal tinha começado.

Ontem à noite foi difícil, não consegui dormir nem por duas horas, pois a minha mente estava preenchida de imagens dela, de mim. De nós dois fazendo amor. Fodendo com força.

As marcas pelo seu corpo ligaram a chave na minha mente, mas foi entender a dimensão dos meus sentimentos que me fez mandar a mensagem. Assustou-me para o diabo perceber que não se trata só de uma atração. É muito maior e mais bonito do que isso. Talvez seja ela e o amor pelo meu filho as únicas coisas belas em mim.

Como uma lembrança bonita, é assim que quero levar a minha garota das flores.

— Eu espero que o meu garotinho já tenha acord... Oi, Diego — cumprimenta e a sua empolgação cai pela metade quando me vê dentro do quarto.

A minha tranquilidade pela decisão tomada também cai pela metade e o meu desejo é de mandar tudo para o inferno e beijar o meu passarinho. Saber como está depois da nossa última noite. Como estão as

marcas no seu corpo.

— Você está bem? — Levanto-me, chego perto e o calor do seu corpo, bem próximo do meu, me faz questionar o porquê de estarmos tão distantes se ficarmos juntos é tudo o que mais queremos.

— Estou ótima. Melhor do que nunca. — As suas palavras, apesar de eu duvidar da veracidade, são como um soco no meu estômago.

— Fico feliz com isso. — Dou um beijo demorado no canto da sua boca e deixo o quarto.

No escritório, tento escrever, mas a tarefa se torna impossível, pois a minha mente teima em ir para terrenos perigosos. Depois do almoço, que foi pautado pela tensão entre mim e Ella, saio para falar com o administrador, pois a partir de hoje começa a minha preparação para deixar Santa Rita. Mais uma vez irei partir, só que agora abandonarei uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida.

Capítulo 40



DUAS SEMANAS DEPOIS...

— Diego, pode falar agora? — Tony bate na porta e entra sem esperar uma confirmação.

— É claro. Sente aí. — Fecho o *notebook* e aponto para a cadeira à minha frente. — Como estão as coisas. Eles estão indo bem?

— Estão indo muito bem, você fez certo em escolher aqueles

dois, meu amigo.

Como eu havia prometido a mim mesmo, conversei com a pequena sobre suas preocupações com a fazenda. Ela acabou me falando do comportamento do Bráulio, da mania de grandeza e da forma como tratava os empregados. Depois da conversa, passei a olhar com mais atenção para o homem e as observações do meu passarinho fizeram todo o sentido. Entendi que ela tinha total razão em se preocupar com a minha intenção de deixar tudo na mão do homem, enquanto eu controlava tudo de longe.

Bráulio, de fato, não tratava os trabalhadores com o respeito que mereciam, e soube disso através da boca de alguns deles aqui no escritório e por ter presenciado quando ele humilhou um peão por supostamente não ter feito um serviço corretamente. Na ocasião, fez ameaças e garantiu que as coisas iriam mudar quando o mauricinho fosse embora.

No dia seguinte, eu o chamei ao escritório e o demiti. O homem ficou furioso, apelou para a chantagem emocional ao citar o meu pai, mas nem isso me moveu da decisão tomada. O homem saiu da fazenda com todos os seus direitos garantidos pelo trabalho prestado por vários anos.

A saída do administrador me fez perder algumas horas do meu dia para pensar em uma solução. O meu amigo ajudou nisso e ele, que sempre esteve mais próximo dos trabalhadores do que eu, deu o nome da

pessoa que melhor conhece a fazenda e tem mais experiência na lida com os animais.

Ao ser chamado ao escritório, seu Murilo recebeu a notícia com surpresa e alegria. Agradeceu pela confiança e garantiu que se achava capaz de fazer o serviço que era do Bráulio. Como sei que a fazenda é muito grande e o serviço ainda maior, sugeri que desse o nome de um dos homens para auxiliá-lo. O senhor acabou citando o nome do Rico como um dos mais dedicados ao trabalho e eu fiquei contente de ser o meu amigo de infância.

Ele, como a sua falta de tato, ficou muito empolgado e não saiu sem me perguntar como estava o meu namoro com a doida da Ella — palavras dele. No fim, ficou estipulado que o seu Murilo ficaria encarregado de fiscalizar e gerir o trabalho com os animais e o Rico faria o mesmo, só que com os roseirais. Ambos se comprometeram a prestar contas semanais e eu terminei o assunto com a minha consciência limpa sabendo que fiz o melhor que pude para assegurar que o meu povo ficasse bem, sem as incertezas que surgiram com a morte do meu pai.

Os dias passaram tão rápidos, muito mais do que eu gostaria. Amanhã é o dia da minha partida e eu não sinto a alegria nem o alívio esperados. A minha mente tenta a todo o momento esquecer a ideia, porque, dessa vez, tudo será diferente.

— Ai, porra! Você está louco? — digo quando sinto algo acertar o meu ombro, o que me faz levar um susto. — Idiota! — Miro e jogo a bola de papel na lixeira.

— Estou falando sozinho e você viajando com essa cara de sofrido.

— Pensando nos problemas e com certeza é melhor do que olhar para essa sua cara feia — digo, pois é melhor ficar aqui no escritório falando com esse idiota do que pensando que amanhã viajarei para bem longe do meu passarinho.

— Tem coisas que realmente não mudam, não é mesmo? O seu *bom humor* ficou ainda melhor depois que terminou o caso com a garota das flores — comenta e o faz com propriedade, porque não tinha como não perceber.

Ella e eu nos afastamos tanto que parece que nunca fomos mais do que meros conhecidos. Não tem quem diga que já foi minha mulher.

— Você veio aqui só para fazer fofocas mesmo? Se foi, sugiro que dê o fora. Tenho muita coisa para fazer.

— Diego, meu amigo, por que não deixa o seu passado de lado? Você não precisa ir embora agora se não quiser. Fique e reconquiste a sua garota. Está na cara que vocês dois estão sofrendo. Terá mesmo coragem de

deixar o seu filho sem a garota que ele enxerga como uma mãe?

— Ele não a vê assim. — Mas é claro que vê, por mais que eu feche os olhos, essa é a realidade. — Não tenho o direito de fazer isso com ela. A Larissa já foi mais do que o suficiente.

— Você não teve culpa. Ela se matou porque estava com depressão. Será que um dia essa culpa que não te cabe irá te deixar?

— Ela ficou doente por minha causa, isso nem você pode negar.

— Quer saber? Eu desisto. Faça como preferir e perca a chance de ficar com a única pessoa além do seu filho que foi capaz de chegar tão perto de você. Volte para o Rio e se tranque dentro daquele apartamento, enquanto as coisas acontecem do lado de fora.

Fico sozinho e as suas palavras duras me dão muitas coisas para pensar. Volto a visitar o passado. A parte mais dolorosa dele e que faço de tudo para esquecer, mas não obtenho sucesso. Como um fantasma, ele me persegue por onde quer que eu vá.

Depois que descobri a traição, pedi o divórcio e o fiz com sentimento de alívio, pois, embora a quebra de confiança tenha sido um baque, o nosso casamento já não andava bem das pernas. Não nos entendíamos mais e a traição dupla foi só a desculpa que eu precisava para me livrar dela sem culpa.

Para a minha completa desgraça, a mulher não aceitou bem o pedido de divórcio e o meu inferno começou.

Eu estava decidido quando ela tentou pela primeira vez o suicídio. Na ocasião, para mim ficou claro que fazia aquilo só para chamar a minha atenção, para me obrigar a ficar com ela, mas a opinião dos médicos não era a mesma. Para eles e para qualquer um, Larissa era responsabilidade minha e o seu bem-estar dependia de mim.

Ela voltou para casa, eu não falei em separação por meses, mas já não dava para agir como se nada tivesse acontecido. Eu estava muito mal, sentindo-me pressionado e sufocado, dentro de uma relação que não suportava mais.

Na segunda e em todas as outras vezes em que tentei falar sobre o assunto, minha esposa deu um jeito de adiar, de chamar a atenção com comportamentos autodestrutivos. Eu fiquei do seu lado, vivendo em um inferno, mas não a deixei.

Viver do seu lado da forma como nós dois estávamos fez com que eu mudasse. Passei a buscar um escape, algo que me mantivesse lúcido dentro da loucura que Larissa e o seu comportamento tinham nos metido.

Certo dia, recebi por e-mail um convite para uma casa exclusiva de sexo. Um lugar cercado de mistério, tanto que até hoje não sei o que fiz

para merecer tal convite ou quem me mandou. Fiquei desconfiado, mas decidi ir ao lugar ver como era.

O lugar de pouca luz parecia um calabouço sofisticado. Logo de cara me deparei com casais se tocando e até mesmo transando em público. Para mim, tudo aquilo era muito tentador. Uma fuga da realidade, tudo o que eu estava precisando naquele momento.

Se na primeira noite eu só observei, na segunda levei uma mulher que estava se insinuando para um quarto e a comi noite adentro, como se fosse a última vez. Mas não foi a última vez. Se em casa eu tinha que lidar com uma pessoa instável, no clube eu podia ter momentos de puro prazer e controle. Foi em um desses momentos de prazer que descobri o que eu era.

Andando pelos corredores, a minha acompanhante da noite e eu paramos em frente a uma sala de *voyeurismo*. O casal não estava em uma cena comum, era uma sessão de sexo que envolvia sadomasoquismo. O cara batia na mulher em tudo quando era parte do seu corpo e mesmo assim ela pedia por mais, chupava e masturbava o seu pau. Depois de toda a degradação física que a mulher parecia apreciar, ele transou com ela de forma intensa.

Naquela ocasião, eu fiquei muito excitado com o que vi. Muito mais com a surra do que com o sexo em si. Voltei para casa com as cenas na

minha mente, depois de um sexo que me fez sentir falta de algo.

Passei um mês indo para lá e meu maior prazer era assistir pelo vidro. Quando decidi experimentar, primeiro imaginei que gostaria de ser a pessoa surrada, mas depois, quando experimentei o contrário, entendi que o meu prazer estava em causar dor. O meu prazer era ver pelos corpos das minhas mulheres as marcas das minhas mãos, do meu chicote. Eu descarregava a minha dor em sessões em que ambos, dor e prazer, estavam interligados.

Foi a primeira vez de muitas que se seguiram. Eu me tornei o melhor, um viciado em infligir dor. Era a fonte do meu prazer e eu já não sentia mais vontade de tocar em uma mulher sem antes colocar para fora o meu sadismo. Sem antes macular a sua pele com a minha mão.

As minhas idas constantes ao clube me deixaram mais afastado da Larissa e ela logo descobriu que eu estava transando com outras mulheres. Não que ela pudesse cobrar alguma coisa, mas reagiu como se pudesse.

Se antes ela não se importava com a minha distância e queria me manter ao seu lado por puro comodismo e interesse, a descoberta de que eu estava vivendo uma vida fora da sua loucura a deixou ainda mais descontrolada. Ao invés de brigar e tentar chamar a minha atenção de todas as formas para que eu não me separasse, começou a implorar por amor e essa

foi a sua pior decisão.

De mulher forte, astuta e que não perdia um evento social, Larissa tornou-se desequilibrada e carente. Ela pedia o amor que eu não tinha para dar. Queria recuperar um casamento que já não tinha mais conserto. Eu havia me tornado uma pessoa diferente e ela não percebia.

O meu maior erro foi não ter levado a sério o seu estado, não ter percebido a tempo o quão mal ela estava. A minha culpa está principalmente na minha omissão e no meu egoísmo.

Um egoísmo que não me permito ter com a Ella, por mais que o meu corpo e coração desejem isso. Foram duas semanas vendo-a. Desejando tocar a sua pele e provar os seus beijos. Foram dias infernais de tensão sexual e palavras não ditas. Tantas palavras que não serão ditas, porque o meu tempo acabou. Eu fiz o que deveria fazer aqui em Santa Rita e amanhã eu digo adeus.



— Durma com os anjos, meu amor. — Ouço a sua voz e noto

que está chorando.

Ella decidiu passar a última noite aqui e eu não tive coragem de falar algo contra, mesmo que esteja sendo difícil ficar tão perto e não poder tocá-la. Nem que seja pela última vez.

— Não vou me despedir de você hoje. Só quero ficar aqui, abraçadinha e fingindo que isso não está acontecendo. É isso, vamos fingir que amanhã será um dia como qualquer outro. Que nós dois sairemos cedo para colher flores. — Ela o abraça como se a sua vida dependesse disso.

Não suportando presenciar a cena, nem ouvir ou sentir o seu sofrimento, afasto-me da porta de ligação entre os quartos e com calma a fecho. Fico andando de um lado para o outro, perdido em pensamentos e sem a menor vontade de terminar de guardar alguns itens pessoais dentro da mala.

Já passa da meia noite quando, cansado de ficar rolando de lado para o outro, decido descer para pegar um copo com água ou até mesmo dar uma última volta pelos estábulos. Ao acender o interruptor, o grito assustado da Ella quase me mata do coração.

— Ella, o que faz aqui a essa hora e no escuro? — indago curioso, mas não a ponto de não reparar que está sem sutiã por baixo da camisola curta e de alça.

A saudade aperta e então estou por um triz de agarrá-la aqui

mesmo e fodê-la até que não consigamos caminhar.

— Eu vim tomar um pouco de água, está calor. — Enquanto ela fala, vou aos poucos me aproximando.

Esse cheiro. A voz. A pele macia... tudo nela me atrai e eu sequer consigo pensar em ficar longe.

Eu estou muito fodido!

— Está muito calor mesmo — falo ao encostar na mesa e tirar o copo da sua mão.

— Diego, eu...

— Quero você, amor. Não me negue isso. Por favor, pela última vez, eu preciso de você, passarinho.

— Pela última vez — fala e eu a beijo, como se fosse mesmo o nosso último toque.



Capítulo 4



Saímos da cozinha tropeçando em todos os móveis que aparecem no nosso caminho. A subida até o quarto demora bem mais do que o habitual porque simplesmente não conseguimos nos afastar, as nossas bocas se devoram com sofreguidão e o nosso abraço não é apenas um abraço. É um segurar firme de duas pessoas que sabem que vai acabar, que muitos quilômetros irão separá-las, que as suas vidas podem tomar caminhos tão diferentes que talvez não voltem a se ver.

Eu beijo esfomeada porque quero tirar tudo que consigo, porque estou triste, muito triste, pelas últimas duas semanas de afastamento e pelo

adeus definitivo. Quero amar e ser amada pelo meu leão uma última vez e esquecer que, ao raiar do dia, terei que aprender a lidar com a sua partida. A viver sem ele e o meu pequeno.

— Não faça isso, meu amor — fala quando fecha a porta do quarto. Beija por cima dos meus olhos e eu nem tinha me dado conta de que estou chorando. — Não chore.

— Faça amor comigo, Diego. Eu só preciso esquecer. Faça do jeito que só você sabe. Como da última vez, deixe em mim as suas marcas para que eu te sinta em mim por vários dias, que a lembrança delas me ajude a superar a partida de vocês dois.

A minha súplica o desperta e então ele me solta, segura o tecido da camisola perto dos seus peitos e a parte ao meio. Rapidamente tira a minha calcinha e em seguida faz o mesmo com toda a sua roupa.

Estamos despidos e creio que a nudez não se restringe aos nossos corpos, Diego e eu estamos nos vendo por fora e por dentro. Enxergando os nossos sentimentos, o que não pode mais ser escondido.

Ele vem para cima de mim como um leão faminto, volta a me beijar e a sua língua está tão ávida que me faz pensar que está querendo arrancar a minha boca fora. Eu não sei nem mesmo como respirar direito, mas não importa, eu o beijo com o mesmo entusiasmo. Seu eu morrer por

falta de ar, partirei feliz.

Ele enrola a minha perna na sua cintura, começa a esfregar os nossos sexos e o toque me deixa pronta para tê-lo todo dentro de mim. Ao chegar na cama, o meu ogro me joga deitada de costas, olha-me de cima como os seus olhos escuros por alguns segundos e depois separa as minhas pernas. Como está tão excitado quanto eu, esperava que ele fosse vir para cima de mim e apenas meter.

Era o que eu queria, porra! Foram duas semanas. Dias a fio em que eu senti tanto a sua falta. Do sexo que não fizemos o suficiente, mas que me deixou tão viciada que parecia que eu era uma pessoa com anos de prática.

— O que você... — interrompo-me quando ele pega o meu pé esquerdo e levanta a minha perna até a altura do seu rosto.

— Eu quero tocar cada recanto do seu corpo, amor. A começar por aqui. — Beija a sola do meu pé. Eu só não sabia que poderia ser uma zona erógena... Deve ser, porque a fisgada de prazer vai direto na minha boceta.

Eu não posso deixar de olhar e sentir. Sentir a cada segundo com mais intensidade quando o meu leão, depois de ter beijado e lambido o meu pé, sobe pela minha panturrilha e vai seguindo o caminho até a altura da

minha coxa. Não são apenas beijos, são chupadas, mordidas e elogios.

— A sua pele é cheirosa e perfeita, sabia? Eu poderia dedicar horas do meu dia para ficar aqui, te venerando. Depois eu te comeria com você gosta, bateria na sua bunda até deixá-la vermelha. A bunda vermelha e a bocetinha molhada, doida por um pau grande para arregaçá-la. Porque você é assim, amor: insaciável e ama dar para o seu macho. — Se os seus toques me deixam à beira do abismo, suas palavras sujas me fazem doer de desejo por tê-lo todo em mim, até o limite da dor.

— Eu quero que faça isso. O dia inteiro... — Os nossos olhos se encontram e, embora esteja carregado de tensão sexual, o ar pesa por um breve momento.

— Essa noite eu te darei tudo, gostosa. Você jamais esquecerá quem é o seu homem.

Diego volta para sua tarefa de me torturar, já tem a boca bem próxima da minha virilha e sinto a sua respiração quente na minha boceta. Ele morde a parte de dentro das minhas coxas, a minha virilha, mas deixa de tocar onde mais necessito. Onde estou doída de vontade de recebê-lo.

— Diego, por favor...

— O que deseja, sua safada? Quer o meu pau aqui? Te rasgando a noite inteira? Esticando a sua boceta apertada até o limite? Diga-me o que

você quer, amor? — fala e o faz com a cara no meu sexo.

É tão íntimo que faria a mais experiente das mulheres corar de vergonha, mas não é o que ocorre comigo, pois além de não ter uma gota de vergonha na cara, já estou muito além disso. Aqui, tudo do que preciso é matar a saudade das semanas que não o tive como queria e das semanas, meses e até anos que virão sem que eu possa colocar os olhos sobre ele.

— Responda a minha pergunta. Se não fizer, eu paro e te deixo sem gozar e sem pau — ameaça e eu arqueio a sobrancelha. Ele ri com malícia porque, assim como eu, provavelmente está lembrando da ocasião em que fez exatamente isso.

— Quero aqui. — Levo a minha mão para o meu sexo, toco-o e posso jurar que ouvi um rosnado. Eu o provoco ao me tocar bem diante dos seus olhos, mas o homem não aguenta muito. Tira a minha mão, dá uma longa e deliciosa mordida e volta ao que fazia antes.

Sua boca agora beija toda a minha barriga. Morde com certa força e depois alivia com chupadas. Quando alcança os meus seios, já estou certa de que não suporto mais, mas o homem, que é experiente demais, me leva muito além.

— Adoro seus seios. Adoro mamar neles até ficar como o maxilar doendo porque eles são meus e são deliciosos.

Diego passa um bom tempo brincando com os meus peitos. Ora os chupa, ora os morde e acaba apertando-os entre os seus dedos, o que traz lembranças dos grampos que colocou na noite em que fomos ao hotel, no nosso único encontro.

Ele faz o caminho de volta, estava prestes a implorar novamente, sem qualquer pudor, para que me comesse, quando o meu homem mete a boca na minha boceta e me faz gozar em menos de minuto, talvez tenha durado uns dez segundos, mas eu já estava sensível demais para suportar a sua boca me comendo com tamanha ganância. Trêmula e sem fôlego, gozo na sua boca e Diego continua chupando pelo tempo que dura o meu orgasmo. Só quando estou mais calma, ele se dá por satisfeito, deixa um beijo no meu sexo e volta a subir em cima de mim.

As minhas pernas se abrem mais amplamente para comportá-lo, e sentir a sua dureza começa a me deixar acesa outra vez.

Quando os nossos rostos estão próximos, o ogro me beija, obrigando-me a sentir o meu próprio gosto. Agora estamos nos beijando bem devagar, apreciando o que estamos fazendo, como se quiséssemos gravar o gosto um do outro. Imprimir na memória. Desce a mão até o meu sexo, toca-o, certamente para saber se estou pronta para ele, então segura o pau e começa a meter.

É deliciosa a sensação de ser aos poucos preenchida, de me sentir esticada e cheia do homem que é quase grande demais para mim. Diego começa as penetrações devagar e nunca desvia o olhar. Observa-me enquanto nos amamos. Beija todos os lados do meu rosto e termina na boca.

— Assim não, mais rápido — suplico, porque hoje eu só quero que Diego seja ele mesmo. Duro e dolorido. Que seja ele, mas não só no sexo.

Pela última vez, quero que seja o homem que passou na minha vida como um furacão e mudou tudo de lugar. A pessoa que me mudou. A Ella depois do Diego nem de longe lembra mais a garota ingênua e sonhadora de antes. As suas marcas não foram só no corpo. Marcas na alma, mas não ruins como ele pensa, porque, se tivesse a chance, eu viveria tudo outra vez e quantas oportunidades me fossem dadas para ser dele.

Para viver o amor por um homem perdido, que não enxerga a si mesmo, mas que só tem bondade dentro do coração. Que me mostrou que não era a pessoa egoísta que em um primeiro momento pensei que fosse. Ele é apenas Diego Estrada, o amor da minha vida.

Não pense nisso, Ella! Não agora.

Os meus olhos voltam para os seus e ele tem a expressão confusa. Certamente percebeu que eu me perdi por alguns segundos.

— Eu só preciso esquecer, faça isso por mim. — Com as duas mãos, seguro o seu rosto, mordo o seu lábio inferior com força o suficiente para tirar um filete de sangue. Assim ele entende o que quero.

— Como você quiser, passarinho. — Sai de dentro de mim e ordena: — De quatro, agora! — Fico como ele quer, o homem estapeia a minha nádega esquerda e depois a direita. Faz com força para fazer o meu corpo se sobressaltar e deixar a minha bunda formigando e toda tremendo em expectativa.

Mete de uma só vez e o faz com força e sem parar por um bom tempo, até os nossos corpos ficarem úmidos de suor. Diego está muito afoito e era disso que eu estava precisando, de tudo o que podia me dar. Quando penso que irá me deixar gozar — porque é tudo o que eu quero no momento —, ele enrola o braço na minha cintura e me coloca sobre os joelhos. Minhas costas contra o seu peito escorregadio, ele socando até o fim e fazendo com o que o meu corpo sofra com espasmos.

Os gemidos, os meus gritos, as suas sacanagens sendo sopradas no meu ouvido, tudo parece demais. Prazer no seu nível máximo. A paixão que vai além de qualquer compreensão.

— Porra! Toma o meu pau nessa boceta, gostosa! — Mete e tira. Manipula o meu clítoris e pede: — Goze para mim, amor. Estou quase lá. —

Penetra-me mais algumas poucas vezes e eu gozo. Fica muito mais intenso porque ele vem junto.

Jorra o seu esperma dentro e por um momento permito-me ser egoísta e desejo que a sua semente encontre o caminho certo. A lembrança de um amor que não pôde ser vivido.

Um irmãozinho para o meu leãozinho.

Epa! Chega de loucura, Ella!

— Você está bem? — Ele sai com calma de dentro de mim, deita-me de costas e depois se joga ao meu lado. Aceno positivamente com a cabeça.

Ficamos nos olhando em silêncio até que, em algum momento, as nossas mãos se encontram e os nossos dedos se entrelaçam. Palavras não precisam ser ditas, creio que tudo o que precisamos saber já está muito claro. Nada pode mudar os nossos sentimentos e nem a decisão que já foi tomada.

Não sei em que momento acontece e nem quem toma a iniciativa, mas Diego e eu estamos outra vez nos amando. Dessa vez não é só sexo cru e duro. Estamos realmente nos tocando com carinho, olhando nos olhos um do outro. Estou em cima do seu colo, subindo e descendo. Sendo abraçada pela cintura. Recebendo os seus beijos carinhosos. É lento e gostoso.

Parece que nunca nos cansaremos, que a nossa casa é a eternidade. Mas não é. Quando gozamos, as emoções já estão transbordando dos meus olhos úmidos, os seus olhos também estão molhados e então nos abraçamos. Ficamos por uns bons minutos abraçados e, quando nos afastamos, o silêncio se faz presente, até que é cortado pelo que me cura e ao mesmo tempo me machuca. Pela declaração que preenche o meu coração e ao mesmo tempo o quebra em pedaços.

— Eu amo você, Ella. Pensei que não seria capaz de amar uma única mulher, mas eu te amo. Você e o meu filho são a minha melhor parte.

Capítulo 42



Eu amo você.

Três palavras tão fortes. Uma declaração que nunca tinha saído da minha boca para nenhuma mulher, porque eu, apesar de já ter tido tantas, nunca amei nenhuma. Não cheguei sequer perto disso.

Agora eu estou apaixonado por uma garota que é o meu extremo oposto. Cheia de vida e feliz, Ella fez o que pensei que ninguém faria. Com ela nos meus braços, em um momento em que não sabia o que fazer com a confusão de sentimentos, olhei dentro dos seus olhos e as palavras vieram.

Externei os meus sentimentos porque não poderia e não queria mais negá-los. Porque, apesar de tudo o que nos separa, eu a amo muito mais do que ela pode imaginar.

Amo e creio que será definitivo. Dizem que só se ama uma vez e eu nunca estive tão convicto dessa máxima como estou agora. O amor não é só pela pessoa, é por tudo que ela representa. Por ter sido o meu anjo dois anos atrás. Por ter sido tão boa com o meu filho nas últimas semanas. Por ser tão diferente e ao mesmo tempo tão compatível comigo, ainda mais quando o assunto são os nossos desejos sexuais.

— Eu te amo também, Diego. Isso nunca irá mudar. Amo hoje, assim como amei no passado naquele roseiral, assim como amarei no futuro. Obrigada por ter me dado o que eu estava há tanto tempo buscando. Obrigada por ter trazido o meu pequeno para a minha vida. Posso te fazer um pedido?

— Tudo, meu anjo.

— Fale sempre de mim para ele, não deixe que me esqueça. Nunca! — As suas palavras terminam em lágrimas e me dói ter que afastar os dois.

— Ele não iria te esquecer, amor. Eu não irei deixar. Ele saberá que você foi a pessoa que mais o amou nessa vida depois de mim. — Volto a abraçá-la para que não veja a minha emoção, que é difícil de conter.

Nós nos amamos uma última vez e teríamos feito novamente se ainda tivéssemos forças. Quando, cansados, caímos no sono, ficamos abraçados, com os rostos muito próximos, compartilhando o mesmo ar. Por toda a noite, a abraço com firmeza, porque sei que será pela última vez.

Ao despertar, passo a mão pela cama e me deparo com o seu lado ainda quente e vazio. Acreditei que ficaria comigo mais um pouco, mas ela acabou fazendo a escolha certa em ir e tornar esse momento mais fácil.

Percebo o meu engano quando abro a porta de ligação entre o meu quarto e o do Alex e ouço a sua voz. Ela está se despedindo e chorando muito.

— Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, sabia? Desde o primeiro olhar, eu te amei. Preciso que você me prometa que será muito feliz, que crescerá e será um homem bom e forte como o seu papai. — Ella o tem em seus braços e o pequeno, que ainda não pode entender o que acontece, brinca com uma mecha do seu cabelo.

A cena é muito tocante, por um breve momento, me arrependo de tê-la trazido para perto de nós. Eu não a queria fazer sofrer e essa despedida está se mostrando pior do que todas as ideias de como eu poderia machucá-la que passaram pela minha cabeça.

— Outra coisa, meu amor, cuide do seu pai para mim. Ele tem

aquela cara de mau, mas é um homem muito bom. Não deixe que ele fique tão só e nem que se tranque dentro de um escritório por muito tempo. Por outro lado, talvez seja melhor que fique, assim evita que outras mulheres se aproximem dele.

A sua fala me tira uma risada. Só ela para conseguir algo assim em um momento como esse.

— Mas o que é que eu estou falando? Esqueça a última parte. Deixe que ele saia e se divirta. Que namore e encontre alguém que o faça feliz, logo esquecerá de mim e dos poucos momentos que tivemos juntos.

Ah, meu amor! Como você está errada...

— Eu... te amo, meu menino... — Agora o seu choro é desesperado e para mim se torna impossível ficar por mais tempo vendo a cena. Deixo o quarto e desço as escadas de dois em dois degraus.

Sentindo-me sufocado dentro da casa, rumo para o estábulo, escolho um dos cavalos e saio galopando pelas terras que sempre amei. O vento batendo de volta no meu rosto, a poeira subindo me aproxima da minha essência, de quem eu era antes de me perder de mim mesmo. Antes de cair em uma realidade doentia de um casamento que de bom só trouxe o amor da minha vida. O meu menino que, dia após dia, me ajuda a viver com a dor da perda, com a culpa e, principalmente, com a solidão.

Depois que guardo o cavalo na baia, entro no campo de rosas, onde tudo me lembra o meu pequeno passarinho. A menina-mulher que me faz amá-la, que me deu mais um motivo para tentar exorcizar os meus fantasmas e voltar a viver. Não apenas sobreviver. Se ela acredita que as semanas que passamos juntos mudou a sua vida, ela não faz ideia do que fez com a minha. Hoje eu vou embora, vou deixando para trás a pessoa que me completa em todos os sentidos. O que falta em mim tem de sobra nela. É o meu equilíbrio.

Descobri que o amor pode ser bonito, mas também descobri que ele não é egoísta, que é por amá-la do jeito que eu amo que não posso agir de outra forma. É tudo muito recente e eu ainda não sei se posso dar o que ela precisa. Não tenho certeza se os meus sentimentos ruins não irão acabar com o sentimento bonito que temos.

Talvez, antes de amá-la por completo, eu precise aprender a me amar, a perdoar a mim mesmo pelos erros e fraquezas que me levaram até onde estou.

— Pode me emprestar essa tesoura, por favor? — peço para o homem que trabalha bem próximo de onde estou.

— É claro, senhorzinho. — Entrega-me o instrumento e então, com cuidado, começo a cortar rosas vermelhas pelo caule. Sei que ela ama as

brancas, mas essas aqui têm um significado e sei que entende qual é. Ninguém melhor do que uma vendedora de flores para entender o significado de cada uma.

Volto para a sede perto da hora do almoço. Marquei o meu voo para o fim da tarde, mas parece que as horas estão voando hoje.

Na sala, vejo o meu pequeno brincando em cima do tapete, sendo vigiado pelo meu amigo, que não tira os olhos do celular.

— Apareceu, senhor escritor? As minhas malas já estão prontas e o meu serviço de babá de um marmanjo termina hoje.

— Espero que tenha curtido bastante as suas férias.

— Já estava ficando entediado. — Finalmente guarda o celular e nota as rosas em minhas mãos.

— Se essas flores são para a sua namorada, eu sinto informar, mas ela já foi embora.

— Como assim foi embora? — eu o questiono, decepcionado. Ella foi embora sem dizer adeus?

Por que ela fez isso comigo?

— Dessa forma que você está pensando. A sua garota pegou aquela bicicleta velha e deu no pé. Ainda bem, não é? Pelo que eu pude

perceber, a cidade, que já estava comentando o namoro relâmpago de vocês, está em polvorosa com a sua partida. Bom que ela se tranque mesmo dentro de casa.

— Você tem razão — falo da boca para fora, porque eu precisava vê-la antes de partir. Ver os seus olhos, que sempre me fitaram com amor, pela última vez.



Na cozinha, o clima é tenso. Dona Ester também está abalada com a minha partida. Eu a entendo, porque, apesar de ser o homem que tocou a sua netinha e de não ser o mesmo garoto que amou, ela sempre demonstrou muito carinho por mim e pelo meu filho.

— Vê se não esquece da gente, menino. Venha de vez em quando nos visitar.

— É claro que sim — falo sem qualquer certeza, pois nunca passou pela minha cabeça voltar para fazer visitas, mas isso foi antes de conhecer o meu passarinho. Antes de me apaixonar por ela.

Será que conseguirei ficar afastado por muito tempo?

— Tenha uma boa viagem e cuida dessa preciosidade — fala e beija a cabeça do pequeno, que está nos meus braços.

Como não posso mais lidar com choros e despedidas, aviso que preciso cuidar dos últimos detalhes e vou para o escritório. Deixo o pequeno sentado sobre o tapete e as voltas com os seus brinquedos, que sempre ficam espalhados por onde ele passa dentro da casa.

Fico algum tempo tentando escrever alguma coisa, mas a minha cabeça não sai da minha garota. Não consigo pensar que irei partir e deixá-la para trás. Como posso fazer isso?

Eu não sou bom para essa garota, mas eu a amo. Como posso pensar em deixar a cidade sem ela?

O questionamento me acompanha por toda a tarde e, quando dou por mim, já estou colocando as malas na caminhonete que nos levará ao aeroporto da cidade vizinha.

— Meu amor, fique quietinho aí que o papai já está terminando de arrumar aqui. — Mostro as malas que ainda precisam ser colocadas na caçamba e ele apenas observa tudo com curiosidade, sentado na sua cadeirinha de segurança.

Enquanto termino, os meus olhos não deixam de se mover de um

lado para o outro, na esperança de que ela venha se despedir. No fim, no último momento, me conformo do que não virá, que o nosso amor ficará como um caso passageiro. Bom, talvez tenha sido melhor assim.

— Tudo pronto? — Tony indaga. Eu aceno e me sento no banco de trás do carro. Assim como na vinda até aqui, optamos por ele ir de motorista, para que eu possa ir atrás com o meu pequeno. Sento-me do seu lado esquerdo, tento colocar o cinto, mas não tenho sucesso na missão porque o Alex começa a se agitar e eu nunca o tinha visto dessa forma.

O menino aponta para o seu lado esquerdo e vejo a garota das flores. Ela está chorando e dando tchau para Alex, que fica balançando o bracinho, como se estivesse pedindo pelos seus braços. Um nó se faz na minha garganta, estou prestes a tomar uma importante decisão quando algo inesperado acontece.

— M..ma... ma.. — Ele tem dificuldade mais continua a repetir e o faz até que eu entenda o que quer falar. — Mama...

Capítulo 43



Falando. O meu filho está falando!

Lágrimas vêm aos meus olhos e eu não tenho outra coisa para fazer além de tirá-lo da cadeira e abraçá-lo com todas as minhas forças.

Deus! Eu esperei tanto por esse momento. Como eu desejei um dia ouvir o som da sua voz. Parece um sonho bom.

— Você ouviu isso, Tony? Não é possível que eu esteja ficando louco. Ouvi a voz do meu filho.

— Você não está ficando louco, meu amigo. Ele tentou falar

mamãe. E você sabe muito bem de quem ele está falando.

Olho para onde está parada a minha Ella, mas ela não se move, os seus braços envolvem o próprio corpo, sem nem imaginar o que acontece dentro deste carro. O meu pequeno falou e foi por amor ao seu passarinho.

— Ei, campeão, fale com o seu pai. Vamos falar, repita comigo: papai — peço tanto para afirmar que não foi uma alucinação coletiva quanto por querer ouvi-lo chamando-me de pai.

— Mama... mama... — Bem que dizem que mãe é a primeira palavra que os bebês aprendem, penso, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Está bem, meu amor. Vá lá para a sua mãe, acho que é assim que você a vê. — Tiro-o da cadeira e o solto na direção da minha garota das flores.

Quando o percebe indo em sua direção, a garota se agacha e abre os braços. Quando ele se joga em seus braços, eu termino de tomar a decisão que estava a ponto de fazer quando fui interrompido pelo som da voz do meu filho.

Eu sei que não posso ficar longe da Ella e, principalmente, não posso afastar os dois, que se amam tanto. De alguma forma e apesar de todas os motivos que me faziam deixá-la para trás, ouvirei o que pede o meu coração, ao invés da razão. Não sei como farei, mas Ella vai ficar comigo e

com o nosso pequeno.

Não existe outra possibilidade, não mais.

Ao deixar o carro, a distância entre mim e eles parece longa demais. Pela primeira vez, me sinto nervoso, mas muito aliviado pela decisão que tomei: nem hoje, nem nunca irei para longe da minha pequena insaciável.

— Diego, o Alex... Ele... — Não consegue falar porque está chorando muito e abraçada a ele.

— Eu sei, passarinho.

— Não fui eu que... mas ele pensa... — Está confusa e mexida com tudo o que acontece, mas eu entendo tudo o que sente e o que deve estar passando pela sua cabeça.

— Eu sei que você não fez nada, amor. Ele apenas te enxerga dessa forma. As crianças são assim, por mais que a gente tente, eles têm as suas próprias verdades.

Mesmo Larissa tendo nos deixado quando Alex era um recém-nascido, eu sempre fiz questão de conversar com ele sobre a mãe. Depois que foi ficando maior, passei a mostrar a sua foto, para que soubesse que, apesar de ela ter partido, ele teve uma mãe. Mostrei, mas ele parece ter feito a sua própria escolha. Por alguma razão, não queria falar e quando fez chamou pelo seu passarinho.

Mamãe.

É assim que ele a vê. A única figura feminina que esteve tão próxima e que lhe deu todo o carinho que eu sempre dei.

— Se isso for demais para você...

— Não é. Você sabe que eu amo esse menino. — Beija o seu rostinho. Ele, agora que começou, não para de emitir sons, a maioria inteligível, e a brincar com os cabelos da Ella.

Que fascínio ele tem por essa massa de cabelos avermelhados!

— Vamos para a sede? — digo ao pegá-lo dos seus braços e segurar a sua mão, mas ela está confusa.

— Amor, nós precisamos conversar. Por favor, não questione isso agora — peço e Ariella acena.

Como ele não dormiu durante a tarde por conta da bagunça que foi a preparação da nossa volta, acaba cochilando no meu ombro no curto caminho até a sede. Com Ella ao meu lado, o levo para o quarto e deixo que durma tranquilamente. Deixo que beije a sua cabecinha e depois ela me segue para o quarto pela porta de ligação.

Frente a frente, ficamos nos encarando em silêncio. Cada um com os seus próprios e confusos pensamentos, estou certo.

— Você não ia se despedir de mim? — indago, ressentido, e nem sei se tenho direito.

— Eu não suportei a ideia de ver você e o meu bebê indo para longe de mim, entende? — Os seus olhos azuis estão marejados e, por instinto, acaricio o seu rosto.

— Eu estava indo, mas não sabia por quanto tempo conseguiria ficar longe de você. Eu te amo.

— Eu também te amo. Você e o seu filho se tornaram as coisas mais importantes da minha vida.

— Nosso filho — afirmo, pois é assim que as coisas são e a garota chora emocionada. — Não importa o rumo que as nossas vidas tomem, isso nunca irá mudar.

— Nunca — reafirma, deita a cabeça na minha mão e ficamos nos olhando, até que em algum momento o clima muda.

O ar pesa, a eletricidade entre os nossos corpos nos atrai. Sem que palavras precisem ser ditas, as minhas mãos alcançam a barra da sua camisa e começam lentamente a subi-la. Dando-me sinal verde, a minha garota das flores levanta os braços para tornar a minha tarefa mais fácil.

Sento-me na cama, solto o fecho do seu sutiã azul clarinho e começo a tocá-la pelos seios. Chupo cada um deles com a fome de meses sem

tocar o seu corpo, quando na realidade, passamos a madrugada de hoje transando. Pensar que estive a ponto de ficar sem ela e tudo o que sentimos quando estamos assim me deixa ainda mais cheio de fome e a sensação é de que não tenho mãos suficientes para tocá-la.

Quando estamos os dois ofegantes de tanto nos beijar e trêmulos de tesão, eu a deito de costas sobre a minha cama e a fodo com força, do jeito que as nossas necessidades exigem. Agora não cabe um amor calmo, porque tudo em nós é desespero.

— Assim? — Suado e com as mãos apoiadas na cabeceira da cama de casal, invisto contra o seu corpo. Com força, como nós dois gostamos.

— Sim! Eu preciso...

— Gozar — falo por ela, toco no seu clítoris, o seu corpo cheio de espasmos e a boceta me apertando me levam ao abismo e eu tiro o meu pau e despejo a minha porra na sua barriga e nos seus seios.

Gosto de gozar dentro dela, de ver escorrendo pelas suas pernas o meu esperma, a prova do nosso desejo, mas hoje a minha possessividade me levou ao desejo de marcá-la dessa forma. Barriga e seios com a prova do que juntos podemos fazer quando estamos cheios de saudades e de tesão.

Sim, saudades, eu já estava com saudade dela antes mesmo de

partir.

— Passarinho... — Exausto depois de uma transa suada, me deito ao seu lado. — Eu adoro trepar com você. Porra, é como alcançar o paraíso! Se é que ele existe...

— Nossa! Como é romântico esse meu homem! — debocha com um sorriso rasgado. Ella sempre fica assim depois de transar comigo: meio lânguida, quase uma bêbada.

— Sou o seu homem?

— Você sabe que sim. Quem mais seria? Só deixo você me proporcionar orgasmos arrebatadores, bater na minha bunda e puxar o meu cabelo. Nossa, que selvagem! — brinca, eu puxo a sua perna para cima do meu quadril e estapeio a sua coxa.

— Sua safada. Se fosse uma menina boazinha, eu não teria que bater nessa sua bundinha empinada.

— Poxa! Então eu quero ser uma menina má mais vezes. Amo os seus castigos.

— Eu sei que você gosta, sua safada. E você os terá. Muitos deles, pode estar certa disso — afirmo, sem saber como abordar o assunto que quero tratar com ela.

Apesar da timidez da juventude e de ter sido obrigado a me expor poucas vezes, já que Larissa sempre foi o tipo que tomava a frente, principalmente na parte profissional da minha vida, a dificuldade de falar coisas como essa nunca foi um problema. Não até Ella acontecer. Não antes de amar alguém como eu a amo e temer perdê-la por decisões equivocadas, como a que estive prestes a tomar.

Ainda tenho dúvidas, mas o que aconteceu há pouco com o meu filho me fez arriscar. Tentar acreditar que eu posso manter os meus medos de lado e fazê-la feliz. O meu filho terá o seu passarinho e eu terei a minha mulher.

Assim tem de ser... se ela quiser.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, por quê?

— De repente você viajou para longe. Ficou distante — fala, desanimada, porque foi o meu afastamento emocional e físico, logo depois da nossa noite mais quente, a razão de ela acabar com a relação que estávamos começando.

— Estou aqui com você, passarinho. E não vou a lugar algum. Prometo que não deixarei que nada interfira entre a gente. — Não vou além, mas sei que ela entende.

Ella sabe quem sou. Que existem questões que me perturbam e sentimentos que não são bonitos. Soube dois anos atrás e ainda assim está aqui, amando-me.

— Eu irei cobrar. — Beija o meu peito.

O problema é que não para no beijo, a branquinha insaciável tem outros planos e eu fico duro só de saber.

A tortura começa quando ela começa a sugar e a morder os meus mamilos e o faz da mesma forma que faço com ela. Começa, desce pela minha barriga e o faz com calma, beijando cada pedaço, mordendo e no fim chupando.

Quando chega no pau, ele já está bem alegre e ansioso por sua boca, nem parece que acabei de transar como um condenado. A safada — suja de porra — não faz nenhuma cerimônia e apenas abocanha o meu cacete. Leva-o até o fim, aos engasgos, mas não desiste. Ella me chupa com tanta perícia que ninguém diz que só fez isso uma vez e não tem experiência.

Não para até conseguir me fazer gozar na sua boca e eu quase tenho um infarto quando ela engole. Engole e continua a chupar até deixar o meu pau limpinho.

Ao fazer o caminho de volta, não tenho o menor problema em beijá-la e sentir o meu gosto na sua boca.

Ficamos nos curtindo por um bom tempo. O fim de tarde dá lugar à noite, o meu filho provavelmente só acordará mais tarde para jantar. Quando desperta, ele come, brinca por um tempo e logo volta a dormir, o que me deixa livre de qualquer preocupação e nada para fazer, além de beijar e tocar a minha garota.

Perto das 10h da noite, descemos para jantar. Mesmo sabendo que eu estava de partida, a atenciosa Dona Ester deixou o jantar pronto, como fez durante todos os dias em que estive aqui.

Jantamos com sorrisos bobos no rosto — tanto que nem estou me reconhecendo —, e acredito que acontece porque estou me permitindo viver o que eu mais quero: ficar com essa garota maluquinha.

Ao subirmos, tomamos banho juntos, nos atracamos embaixo da ducha de água morna e só saímos porque as nossas peles já começam a ficar enrugadas.

Quando nos deitamos novamente, completamente nus, a garota fica me observando e eu sei que precisa falar alguma coisa.

— O que foi, amor? — indago quando ela se senta e se vira na minha direção. Como sei que o momento agora é sério, faço o mesmo.

— Não, é você quem parece estar incomodado com algo. Fale de uma vez, leão.

— Está bem. Eu estava esperando o melhor momento...

— Eu já entendi — diz, visivelmente chateada.

— Não. Você não entendeu. Eu te amo, Ella.

— Mas?

— Não tem nem um “mas” nessa frase. Eu amo você e sei que sente o mesmo por mim. Você me ama, mesmo sabendo dos meus defeitos, mesmo sabendo que existem coisas que eu...

— Eu só te amo e pronto — fala com convicção.

— Não quero ficar longe de você, por isso quero que venha viver comigo no Rio de Janeiro. Eu, você e o nosso pequeno. — O meu convite a deixa surpresa e sem fala.

Não esperava que eu fizesse esse convite e parece que demorou anos para voltar a abrir a boca.



Capítulo 44



Em meus 19 anos de vida, nunca passou pela minha cabeça que algum dia teria a possibilidade de eu sequer pensar em deixar Santa Rita. No momento mais propício, quando a maioria dos meus colegas do colégio saíram para estudar em outras cidades, continuou não sendo uma possibilidade.

Desde pequena, quando aprendi a dar os meus primeiros passos, eles me levaram para o campo, para as flores que tanto amo e fazem parte de quem sou. Não é só o roseiral, tudo na vila e em Santa Rita faz parte da minha história e de quem sou. Eu estava bem com a minha realidade, feliz

com as minhas escolhas, até me apaixonar por um homem complicado demais. O meu leão ferido, que carrega marcas que eu nem sempre soube lidar.

Eu o esperava e ele veio me encontrar. Veio e trouxe para mim o que considero o meu maior presente. Quando vi o meu garotinho pela primeira vez, senti um carinho tão especial que no primeiro momento não pude compreender. Apenas sinto e isso basta. Eu o escolhi e Alex me escolheu como mãe.

Agora, além dos meus avós, eu tenho mais dois amores. Pessoas que não quero viver sem e por isso não pude dizer não. A resposta que ele queria era simples. Apenas três letras e eu lhe dei.

Diego tem uma vida no Rio, que eu não faço ideia de como seja — e sei que não está preparado e que não pode deixar tudo para trás. Eu, por outro lado, embora ame o único lugar que conheço, não consigo e não quero perder o meu amor e nem o meu menino.

Não foi uma decisão tão difícil de tomar, porque embora Diego não tenha pensado nisso antes, eu só queria ter uma chance para que ele entendesse que não tinha porque ficarmos separados, então, quando o convite surgiu, três dias atrás, eu o recebi com alegria, sem acreditar que depois de duas semanas de separação e do sofrimento de vê-los indo embora, ele estava

mesmo me falando com o seu pedido que queria que nos três ficássemos juntos. Que estava mesmo deixando os seus temores de lado para assumir o nosso amor.

Depois do sim, a parte mais difícil foi falar com os meus avós. Eu sabia que eles não me impediriam, mas aquilo não tornou o momento mais fácil. No dia seguinte à suposta partida do ogro, eles estavam à minha espera e pareciam já saber que eu tinha algo para dizer. Aliás, a vila inteira já sabia que ele não tinha ido embora no dia anterior e me avistar chegando em casa deu a todos a certeza de que não tinha ido embora por minha causa.

Mais uma vez estava sendo alvo de falatório e não me importei. Na verdade, eu nunca me importaria com isso em um dos dias mais felizes da minha vida.

Sentados no nosso sofá velho, contei para os meus avós o que o Alex fez quando estava prestes a ir embora e ambos ficaram emocionados e felizes. Não era segredo para eles a ligação que eu e o bebê temos.

Quando falei sobre o convite do Diego para ir com ele para o Rio, os dois ficaram por um momento em silêncio, apenas absorvendo a informação, depois eles me perguntaram o que eu queria fazer e se estava certa de que poderia ser feliz em um lugar desconhecido e com alguém como Diego. Para eles eu dei a mesma resposta que dei a mim mesma: infeliz eu

seria se não tentasse. Se deixasse que o medo do novo me impedisse de ser feliz ao lado dos meus dois amores.

Ambos entenderam a minha escolha, mas ficaram tristes por nos separarmos. Os três dias foram de despedidas e choros. Eu arrumei cada detalhe da minha partida com o coração apertado, partido por não poder ter tudo, porque, se pudesse, preferiria que o Diego ficasse e não que eu tivesse que partir sem os meus avós.

O povo da vila não demorou a descobrir os meus planos, já que a linguaruda da Bia falou para a mãe sobre a minha ida com o Diego e ela, por sua vez, repassou a conversa. Tive que ouvir o cochicho, enquanto caminhava de um lado para o outro arrumando os documentos necessários para viajar, inclusive que eu nunca tive namorado porque desejava fisgar um “peixe grande”. Mais uma vez não me importei, pois estava feliz demais para isso.

Apesar do frio na barriga, que acredito ser normal em grandes mudanças como essa, também estou confiante de que fiz a escolha certa. Não tem como dar errado quando estou ao lado do meu bebê e do homem que amo.

— Ei, passarinho, você está distante. Não me diga que já se arrependeu? Se for isso, preciso informar que já é tarde demais — brinca. —

Olhe pela janela. Nós já estamos ar.

Eu até tinha tentado esquecer, mas a fala me faz segurar a sua mão com mais força ainda. Eu a aperto com força e, se fosse um homem menos forte, já estaria reclamando do aperto.

Para quem nunca viu um avião pessoalmente, estar dentro dessa coisa grande é assustador para caramba e posso jurar que ele está balançando muito, ou talvez seja o meu estômago embrulhado. Sentado no bebê conforto, Alex está bem tranquilo com o seu carrinho, nem um pouco abalado, já que tem a sua chupeta na boca.

— O gato comeu a sua língua? Se não fosse o nosso pequeno, eu te levaria até o banheiro e te deixaria bem calminha.

— Como? — indago, ele arqueia uma sobrancelha e só então a minha ficha cai.

Mas eu pensei que isso era coisa de livros...

— Os casais têm mesmo coragem de...

— Foder dentro do banheiro? Você não tem noção de como é gostoso transar nas alturas. — A sua fala me irrita. Se a tentativa era fazer eu me sentir melhor, espero que perceba que falhou miseravelmente.

— Eu não quero saber das suas aventuras sexuais, seu

perverso. Poupe os meus ouvidos. — Fico tão puta que até solto a sua mão, que antes agarrava como um bote salva-vidas.

— Você fica mais linda quando está assim, morrendo de ciúme do seu namorado.

— Eu não estou com ciúme e você não é meu namorado. — Dou de ombros e ele abre o seu sorriso presunçoso, que tanto me excita quanto irrita.

— Você está morrendo de ciúme, branquinha. Mas, pense pelo lado bom: a partir de agora, é só com você que eu irei transar no banheiro e em qualquer outro lugar.

— Eu espero que sim. Você é só meu! — aviso, possessiva.

A verdade é que sempre me senti assim com ele, a diferença é que agora me sinto à vontade e no direito de demonstrar abertamente, afinal, não se trata mais de um caso. Estou indo para a sua casa, viver como a sua mulher.

— Mas você acabou de falar que nós não somos namorados — lembra.

— Falei porque não lembro de ter ouvido um pedido. — Torço o nariz e ele acha graça. Não tenho certeza se Diego leva a sério alguma coisa que sai da minha boca.

— Pensei que tivesse ficado claro o que o somos quando te chamei para juntarmos as escovas de dentes.

— Nossa, leão. Como você é romântico. Chego a ficar emocionada com isso — debocho.

— É por isso que me ama, passarinho. E não, eu não pedi para você ser a minha namorada porque essa palavra parece rasa demais para nos definir.

— É?

— Você não é só a minha namorada. É a minha mulher, o meu anjo dos roseirais. A mãe do meu filho, ele te escolheu. Você nos escolheu. Te amo e isso é o que mais importa.

— Está vendo? Você pode ser romântico se quiser. Assim como são os mocinhos dos seus livros.

— Eles não são românticos.

— Eles são, sim. Você também é quando quer, mas pode deixar que eu não conto para ninguém, meu ogro. — Beijo de leve os seus lábios. Ele abre o sorriso e eu entendo tudo. — Você fez de propósito não foi?

— Não sei do que você está falando, garota.

— É claro que sabe! Toda essa conversa era para me distrair do

medo que sinto de estar aqui. Meu Deus! Você é fofo, Diego!

— Não. Eu não sou fofo.

— É fofo, sim!

— Deixe-me te pegar de jeito que aí sim, você vai ver o que é ser fofo — ameaça.

Eu amo esse seu tom, pois ele significa que terei ótimos momentos de prazer. Quando ele dá o sinal, por menor que seja, eu cutuco a fera com vara curta, até que perca o controle e me pegue realmente do jeito que nós dois gostamos.

— Quero que me pegue de jeito. — Toda dengosa, começo a descer a mão pelo seu abdômen, deixando-a perigosamente perto do seu membro. — Que pare com as ameaças. Sinto saudades da sua mão estapeando a minha bunda, do chicote e dos prendedores nos mamilos. Da sua mão em volta do meu pescoço — falo próximo do seu ouvido, fazendo um esforço para chegar mais perto e sendo barrada pelo cinto. — Quando terei mais?

— Da última vez foi...

— Perfeito!

— Eu ainda não sei como me sentir sobre isso. Como aceitar que

eu encontrei uma garota que é tão perversa quanto eu na hora do sexo. Que não me vê como um monstro.

— E por que eu veria, meu amor? Eu quero as mesmas coisas que você. Quer me bater na hora do sexo tanto quanto eu quero que o faça, qual o problema com isso?

— Eu adoro a sua maturidade, sabia? Você lida tão bem com assuntos que fariam muitas mulheres mais maduras que você surtar.

— Agradeço o elogio, mas desfaça esta cara. Está tudo bem, nós fizemos uma escolha e eu só tenho motivos para estar feliz hoje.

— Eu vou fazer o que estiver ao meu alcance para te fazer feliz, branquinha. Com você eu me sinto tão bem. Como se nada além de você existisse. Como se o seu amor me bastasse, porque ele mantém os meus problemas do lado de fora. Basta que eu toque você.

— Da-da... — Com os olhos marejados pela emoção de ouvir palavras tão bonitas e tristes ao mesmo tempo, perco a chance de responder, pois o pequeno aparentemente cansou de brincar e agora quer atenção. — Ma... ma...

— Eu posso pegá-lo?

— Pode, sim — diz. Destravo o cinto da sua cadeira e pego-o nos meus braços. Manhoso, ele se aconchega, certamente pronto para dormir.

— Papai, Alex. Você está sendo muito mal com o seu pai — reclama e eu acho engraçado. Diego, apesar de estar muito feliz pelo Alex enfim ter desenvolvido a fala, ficou um pouco sentido e enciumado por ele não ter falado papai ainda.

Não se importa de ter tentado falar mamãe, pois foi esse o empurrão que precisava para tomar a decisão que o seu coração pedia, segundo palavras suas. Falamos sobre a Larissa e ele pediu para que eu não me preocupasse com isso, que sempre falou dela para o pequeno e que, no momento certo, ele irá entender que posso ser a sua mãe do coração, mas que a que o colocou no mundo foi outra.

— Calma, amor. Ele vai falar. Dê tempo a ele.

— Diz isso porque foi mamãe que ele falou — reclama.

— Está vendo isso, meu amor? O seu pai está com ciúme — falo baixinho e recebo o silêncio. Ele já pegou no sono nos meus braços e o meu coração transborda de alegria por ficar assim como ele, depois de toda a angústia e lágrimas por conta da separação.

Desvio o meu olhar para o assento ao meu lado e ele nos observa em silêncio. Pela primeira vez, eu o percebo verdadeiramente feliz. Sem qualquer combinação prévia, as nossas mãos se buscam e os nossos dedos se entrelaçam.

Uma nova fase da minha vida está começando hoje e eu sei que a minha felicidade está nas minhas mãos, que tenho tudo para ser plenamente feliz. Sobretudo, sei que Diego não seria capaz de me fazer mal, não deliberadamente.



Seguro a sua mão como se fosse um bote salva-vidas, porque é assim que eu a vejo. O meu amor por essa garota, ainda tão jovem, me faz reviver dia após dia. Acreditar que posso e tenho o direito de ser feliz. Que posso ser o que a minha mulher precisa.

Deixar os meus monstros de lado foi um ato de coragem.

Amá-la foi um ato de coragem, mas o maior deles será lutar para nunca a fazer chorar, provar que deixar tudo pela nossa relação e pela nossa pequena família foi a sua melhor escolha.



Capítulo 45



São 8h da noite, quando enfim entramos no seu apartamento e é preciso que eu faça um esforço muito grande para não deixar o meu queixo cair no meio da sala. Nós estamos na cobertura de um edifício de luxo, em um condomínio em que todos os prédios são bonitos.

A sala é ampla e os móveis em tons escuros são de muito bom gosto. De onde estamos, posso avistar a cozinha e do lado esquerdo vejo portas que provavelmente levam aos quartos. Solto a minha bolsa de mão no chão, deixo os meus dois amores para trás e vou para a varanda. As luzes e o som dos carros indo e indo me dão boas-vindas e tenho a sensação de ter sido

transportada para outro planeta.

— Sei que é muito diferente da sua realidade lá em Santa Rita, mas você logo se acostuma, meu amor. Vai ver como a vida aqui pode ser boa — fala às minhas costas, como se sua missão fosse me fazer acreditar em suas palavras.

— Eu sei que será, Diego. Estou com você e o meu pequeno e, por enquanto, isso me basta.

— Por enquanto?

— Não podemos prever o futuro, então é por enquanto. Vamos ver como tudo se ajeita — digo, deixando-o confuso, mas meu namorado precisa entender quem nem tudo na vida tem de ser 8 ou 80, podemos ser felizes vivendo um dia após o outro. Juntos e deixando que as coisas se ajeitem em seus devidos lugares.

Na loucura que foi deixar tudo para vir parar em um mundo totalmente desconhecido para mim, não pensei nem o que fazer da vida, já que lá na vila eu tinha pelo menos a minha rotina com as minhas flores.

Minhas flores. Aí está algo de que eu sentirei muita falta.

— Quero que me mostre o seu apartamento. Estou muito curiosa — digo.

— Está bem, vamos deitar o pequeno na cama dele e depois você conhecerá o nosso quarto — fala com malícia.

— Nosso?

— O que pensou? Acha que os casais que moram juntos dormem em quartos separados? — pergunta enquanto nos dirigimos para o quarto do meu bebê.

Como a sala, cada lugar por onde passo é impressionante. O bom gosto grita e fica bem nítida a nossa diferença de classe social, algo que não pesa quase nada entre nós dois — não ainda — porque Diego não se comporta como a pessoa cheia da grana que é. Em Santa Rita, apesar de ter passado meses recluso e de pouco ter interagido nas oportunidades que teve, sempre foi cordial, assim como o pai era.

— Foi você quem pensou nisso? — Olho com curiosidade para o quarto do Alex, cuidadosamente decorado com o tema carros e vejo que por todos os lados existem brinquedos. Um exagero que eu não julgo porque, se foi mesmo o meu ogro quem os deu, estou certa de que o fez com a melhor das intenções.

— Sim. Mudei para esse apartamento logo depois da morte da Larissa — fala e o seu incômodo é visível.

É assim que ele fica quando o nome da falecida esposa surge nas

conversas. Fala pouco dela e não parece disposto a dizer muito além de informações básicas e não diz nada sobre a forma como ela morreu, nem como era a relação dos dois. Eu não sei se eles foram felizes. Se planejaram a vinda do Alex ou se foi uma boa surpresa. Por enquanto, sinto somente uma curiosidade básica, mas sei que chegará o momento em que o seu silêncio começará a me incomodar.

Amo o ogro, estamos em uma relação e nada mais normal do que querer saber do seu passado, ainda mais quando suspeito que a sua história não foi nada bonita.

— Não gostava do outro? — pergunto ao cobrir Alex com a manta.

— Era uma casa e ela trazia lembranças que eu gostaria de esquecer. Mas não quero falar disso, quero saber é se você está curiosa para conhecer o nosso quarto.

Diego se aproxima, abraça-me e, apesar de amar o seu toque, sei que nesse momento ele também é uma tentativa de mudar o teor da nossa conversa, de não revelar mais sobre o seu passado. Só me resta aproveitar, pois agora eu não quero encher a minha cabeça com esse tipo de incômodo. Só quero curtir o momento.

— Principalmente a sua cama — insinuo-me.

— Sua safada! — Ele estapeia a minha bunda e o som do tapa seco me faz olhar feio para ele e depois verificar se o barulho não despertou o pequeno.

— Safado é você que me induziu a fazer coisa errada dentro do banheiro do avião.

Sim, o meu leão deu um jeito de me surpreender quando fui ao banheiro. Prendeu-me contra a porta, começou a me beijar como se o mundo fosse acabar e eu até esqueci de onde estávamos. Ficamos nos agarrando por alguns minutos e ele só não conseguiu entrar na minha calcinha porque lembrei que não podíamos deixar o Alex sozinho por muito tempo.

O resultado foi duas pessoas frustradas, à espera de somente uma oportunidade para saciar o desejo.

— Espero te induzir a me deixar comer a sua bunda.

— Que obsessão é essa, senhor Diego?

— A mesma que você terá em me dar o cuzinho depois que fizer pela primeira vez — assevera, agarra a minha coxa e me faz circular as pernas na sua cintura.

— Terá que conquistá-lo — provoco.

Sendo sincera comigo mesma, tenho que admitir que sinto um

frio na barriga sempre que ele toca no assunto. Primeiro o medo por não imaginar como é possível um pau entrar em um buraco tão apertado. Depois vem a curiosidade para fazer de uma vez, porque sei que será gostoso como tudo o que já me apresentou.

— Você sabe que farei isso. — Deixa uma mordida no meu ombro e carrega-me para a porta de ligação entre os dois quartos, assim como havia na fazenda. Quando a porta se fecha atrás de nós, Diego me coloca no chão para que eu observe o seu espaço, mas, para a minha surpresa, o seu quarto é um pouco diferente do resto da casa. Ele tem os móveis pretos, bem poucos, na verdade.

O lugar é impessoal e frio. Não diz nada sobre a pessoa que o ocupa. Na verdade, todo o apartamento, com exceção do quarto do Alex, é impessoal. Não existem porta-retratos, nenhum objeto de decoração que lembre os seus moradores. Mas o seu quarto parece.... triste.

Triste. Essa é a palavra. Como se ele não quisesse que esse fosse o seu lugar de descanso e conforto.

— Esse lugar está precisando de um pouco de cor, amor. Espero que não se incomode. Se não deixar que eu dê o meu toque, você conhecerá o primeiro casal que mora junto e dorme em quartos separados — apelo, olhando para qualquer outro lugar, menos para o seu rosto.

Não quero que perceba o que sinto e interprete como pena. Eu não tenho pena do Diego, apenas estou triste por não poder ajudar com essa dor que o machuca tanto.

— Ella, meu passarinho — toma-me novamente em seus braços —, você pode fazer o que quiser no quarto. A casa agora é sua. Dê a cor que quiser, coloque suas rosas, girassóis e os seus porta-retratos. Eu não me importo, afinal, você é minha mulher.

— Obrigada, meu amor. — Aceito os seus beijos, que não são nada castos, mas freio as suas intenções, porque ainda tenho algo para saber.

— Essa cama, Diego...

— O que tem essa cama? — Não leva a sério a minha fala, pois sabe o motivo dela e começa a subir a barra do meu vestido.

— Não sei porque, mas acho que não gostei muito dela. Talvez tenha que trocá-la — falo, sem deixar de ajudá-la a tirar a minha roupa, porque estou com ciúme, mas também estou no clima para transar.

— Quer trocar porque está se perguntando com quantas mulheres eu transei em cima dela. Como você é ciumenta, passarinho. — A sua fala não é uma reclamação, já que o faz com a maior expressão de satisfação.

— Você é meu — aviso, sem conseguir me segurar.

— E também é possessiva. Mas, só para que saiba, eu não estive com nenhuma mulher nessa cama e em nenhum lugar da casa, não no lar do meu filho. Você está aqui só porque é o meu passarinho ciumento e possessivo.

— Só por isso?

— E porque é uma cachorra que ama o meu pau. Quem ama o meu pau merece dormir na minha cama. — Sem jeito, o meu homem barbudo me joga de costas na cama e começa a tirar a própria roupa. Quando está apenas de cueca, vem para cima de mim. E como eu gosto quando ele vem como uma fera faminta. O seu olhar fica tão esfomeado que parece que vai me devorar.

— Você me respeite que eu sou...

— Você é o quê?

— A sua mulher e mãe do seu filho... — falo sem muita convicção, já que o tenho beijando o meu pescoço e metendo a mão por dentro da minha calcinha.

— Sim, a minha mulher e mãe do meu filho. Agora eu vou comer a minha mulher porque estou com saudade da bocetinha dela. — Desajeitado, meu leão não se dá ao trabalho de tirar a minha lingerie, ele apenas puxa a calcinha para o lado, livra o pau da cueca e mete.

Eu não poderia me importar menos com a sua pressa e nem com o leve incômodo pela falta de preparação. Sei que essa será só a primeira de algumas transas pelo resto da noite.

— Perdão por isso, mas eu estava morrendo aqui. Você foi muito má no avião — diz, entrando e saindo bem lento para que eu me acostume com o seu tamanho e espessura.

— E o que você vai fazer quanto a isso? — questiono ao fincar as unhas no meio das suas costas, doida para que ele perca o controle e me pegue com força. Sei que é o que deseja, mas não parece disposto a me dar.

— Não me tente porque eu não vou fazer nada além de te foder.

— Mas eu quero...

— Você não sabe o que está pedindo, amor. Deixe que eu primeiro tente resolver essa questão comigo mesmo e, se um dia sentir que marcar a sua pele não é extremamente errado, eu te dou o que quer. Só me dê um tempo — pede sem nunca parar de meter.

Pelo visto, o meu lenhador esqueceu que ele já me tocou algumas vezes da forma como renega agora. Por alguma razão, algo o perturbou no dia em que fomos mais longe e passou a rejeitar a ideia da que podemos sim transar daquele jeito, que pode me surrar com a mão ou com o chicote e me terá implorando por mais.

— Quero mais... — peço ao subir as minhas mãos e descer as unhas pelas suas costas de cima a baixo, só assim para ele parar de se segurar, de negar a sua natureza sádica. — Mais forte — imploro.

As minhas ações e pedidos desesperados por coisas que chocariam muita gente em nada remetem a alguém que há poucos dias nem ao menos tinha beijado na boca. Por isso tudo eu o culpo, já que me apresentou o lado deliciosamente obscuro do sexo e agora me nega esse prazer. Mas, para azar do meu ogro, eu não sou de desistir fácil do que quero. E eu quero o meu leão, e não um gatinho carinhoso, não sempre.

— Assim? — Soca com força até não restar nada do seu sexo que não esteja profundamente enterrado dentro da minha boceta. Ele sai lento e eu peço:

— De novo. — Mete com mais força e o meu corpo solavanca para cima.

Depois das primeiras arremetidas e das minhas garras ferindo-o, meu amor sente-se mais estimulado e a transa se torna suada e frenética. Não é bem o que eu queria, mas me deixa certa de que, com o estímulo necessário, me dará tudo de si.

— Porra! Que foda deliciosa, meu amor. — Cansado, se joga e eu faço o mesmo, só que em cima do seu corpo grande e forte. Adoro me

deitar em cima dele e sentir as batidas frenéticas do seu coração logo depois do fim de uma transa. — E outra vez sem camisinha. Nós temos que procurar um ginecologista, passarinho. Não pode ficar tomando essas pílulas.

— Tem razão. Antes eu achava que não passaria de algumas poucas vezes, mas agora que eu planejo viver de água e sexo, não quero correr o risco de esquecer... Bom, podemos também usar camisinhas.

— Nem pensar, não quero nada entre a gente. Você vai em um ginecologista e está decidido.

— Você não pode falar assim comigo. Eu faço o que eu quiser, o corpo é meu e eu decido. — Irritada, deixo o seu corpo e me deito virada de costas para o ogro.

Nunca um apelido coube tão bem a alguém.

— Passarinho, venha aqui. Eu não queria ter falado assim com você. Perdoe-me. — O homem me puxa para os seus braços e eu não ofereço qualquer resistência, pois sei que está aprendendo, que apesar de ser uns bons anos mais velho do que eu e ter muito mais experiência, a coisa toda de relacionamento é nova para ele também.

Pelo menos no que diz respeito a um relacionamento saudável. Acaba de pedir desculpas e assim terá de fazer sempre que tentar ser idiota e mandão comigo. Amo que tenha uma veia dominante na hora do sexo, mas

fora da cama tem de ser diferente, se quiser que a nossa relação dê certo.

— Está perdoado. E eu irei a um ginecologista, mas só porque eu quero.

— Está bem, passarinho que faz o que quer. E não é o ginecologista, é a ginecologista. Nem morto que eu deixaria outro homem ver a sua boceta.

— Você sabe que é o trabalho dele, né? Que já deve ter visto tantas que a minha seria apenas mais uma — falo. Giro em seus braços para que possamos ficar de frente para o outro enquanto discutimos o sexo do meu ginecologista.

— Mas não seria só mais uma e sim a sua. E isso não está em discussão, a sua boceta só eu vejo e se discutir...

— Me dará umas palmadas? — provoco ao passar as unhas lentamente pela sua barriga e senti-la tencionada.

Desço até bem perto do seu pau, mas, propositalmente, não o toco.

— Bem que você gostaria, não é, sua safada?

— Muito. No momento, é tudo o que eu mais quero — exagero para testá-lo.

— No momento, você quer o meu pau bem aqui — fala no meu ouvido, toca o meu sexo e recomeçamos tudo outra vez.

Só paramos de transar no meio da madrugada e a última vez foi carinhosa e lenta, mais por estarmos cansados do que por qualquer outro motivo.

— Ariella — chama quando já estou sonolenta, deitada sobre o seu peito de poucos e macios pelos. — Obrigado por estar aqui. Prometo que não vou deixar que nada te machuque, nem mesmo eu. Você será feliz.

— Eu te amo — sussurro e ainda ouço a sua resposta antes das cair na inconsciência.

— Eu te amo mais do que a mim mesmo.

Capítulo 46



Diego

UMA SEMANA DEPOIS...

— Papai. Vamos lá, você consegue, meu amor. — Como uma menina e sentada sobre o tapete com o Alex, a minha mulher o incentiva, porque essa tem sido a sua missão nos últimos dias.

Pensa que eu não percebo, mas vejo sempre a mesma coisa. Porque ela é a pessoa mais bondosa e carinhosa que já conheci e não se

conforma do meu filho não ter falado papai. Sempre a pego nessa cena divertida, mas o sapeca parece não ligar muito para as suas lições. Quer mais é puxar os seus cabelos e brincar com os seus carrinhos e o dinossauro quase do seu tamanho.

Foi divertido descobrirmos o fascínio dele por essa animal em específico. Primeiro ele viu no desenho e chorou. Provavelmente por ter ficado assustado, e depois não quis mais ver outro desenho além daquele em que aparecia o dinossauro. Fui à loja de brinquedos e comprei vários — o passarinho reclamou do exagero — e agora só quer saber de dinossauros. Aprender a falar pai não é a sua prioridade no momento.

Confesso que me divirto com as tentativas da minha garota e sinto até um pouco de culpa por isso, mas não nego que me faz bem vê-la fazer isso por mim. Sei que faz porque quer me deixar feliz. Não sabe que, apesar de ter ficado com um ciúme bobo no início, sei que no momento certo ele irá falar, que ela já me faz feliz pelo simples fato de existir e de me amar como eu a amo.

— Da-da!

— É papai, seu danadinho!

— Mamãe... mamãe.

— Alex, eu não acredito! Você já sabe falar mamãe certinho.

Venha aqui. — Da porta, observo-a pegá-lo nos braços e sair rodopiando pela sala, enquanto o enche de beijos.

— Olhe, mas não fale isso para o seu pai. Ele pode ficar triste.

— Ele sorri e Ella continua na saga: — Isso, seu papai. Vamos lá: pa...

— Já chega, passarinho. No momento certo, ele vai dizer. Mas agradeço o seu esforço. — Ella se assusta com a minha entrada repentina, mas logo abre o sorriso quando me aproximo e beijo de leve os seus lábios.

— Mas é tão injusto.

— Não tem nada de injusto, amor. Eu sei que o fato de ele ainda não ter aprendido essa palavra não significa que me ame menos. E eu estou bem com isso. Acredite em mim.

— Tudo bem. Vou deixar que ele fique à vontade — afirma para em seguida colocá-lo no tapete.

— Venha aqui. Eu estava com saudade de você — confesso.

Nos últimos dias, criamos uma rotina e, embora eu fique algumas horas do meu dia trancado no escritório trabalhando, sei que a tenho por perto, que quando quiser posso dar uma parada e ver como ela está. Para dar-lhe um beijo. Em um dia atípico como o de hoje, em que tive que me reunir com a minha equipe de assessoria, senti muito a sua falta.

— Eu também estava, leão. Não via a hora de você chegar.

— Para? — sussurro e não resisto ao deixar que as minhas mãos deslizem pela sua bunda coberta por um *short jeans*.

— Pare de assanhamento do lado do nosso pequeno. Não vamos traumatizar a criança. — A garota volta a subir as minhas mãos para a sua cintura.

— Eu acho que está na hora de você conhecer a noite do Rio de Janeiro, senhorita passarinho. Já devia ter conhecido, mas achei melhor que nos primeiros dias você se adaptasse ao apartamento.

— Não podemos, amor. E o Alex? — questiona.

— O nosso pequeno pode ficar com a Tânia. Tenho certeza de que está morrendo de saudade dele. Ficou alguns meses com Alex em tempo integral e agora está há semanas sem vê-lo — falo e ela me olha desconfiada.

— Quem é essa Tânia?

— A babá do nosso menino. Cuida dele desde recém-nascido.

— E como é a Tânia? — A sua expressão não nega os seus sentimentos e eu não posso negar que vê-la assim me enche de tesão.

— A Tânia é uma mulher casada de 45 anos. Ela tem 2 filhos e o mais velho tem 18 anos. O marido dela, inclusive, é porteiro aqui no prédio.

Quando termino de falar, a sua expressão se suaviza e fica nítido o seu alívio. Ella é tão ciumenta e possessiva quanto eu. Já deu várias demonstrações disso e eu só posso achá-la sexy quando fica toda bravinha, querendo marcar território.

— Eu gosto da Tânia — diz.

— É claro que gosta — provoco, ao morder o canto da sua boca. — E então, aceita ir a um encontro com o seu homem?

— Eu aceito, mas você tem certeza de que ele vai ficar bem? — indaga, preocupada.

— Eu tenho certeza. Não seja uma mãe paranoica — brinco. Entendo a sua preocupação. Está muito apegada a ele e é recíproco, mas eu quero que viva. Que saia e conheça outras coisas fora destas paredes.

Que seja mãe, mas que também seja minha mulher e, sobretudo, uma jovem de apenas 19 anos.

— Está bem — enfim aceita e começo a ficar excitado pela expectativa do lugar para onde a levarei. Algo me diz que a minha devassa irá adorá-lo.

— Você pode ir se arrumar no nosso quarto. Leve o tempo que precisar.

— Não vem comigo? — Na ponta dos pés, tenta alcançar a minha boca, mas, por já conhecer os seus métodos de sedução, afasto a cabeça.

— Vou me arrumar no quanto de hóspedes. Se formos tomar banho juntos, não sairemos mais hoje. Além disso, eu não quero te cansar com o meu pau sedento. Hoje eu quero você cheia de disposição. Vá de uma vez — Quando me dá as costas, estapeio a sua banda e a mulher volta-se surpresa e com um sorriso enfeitando o rosto para mim.

— Faça de novo. Agora do outro lado — sugere.

— Obedeça-me, garota safada! — Atendo o seu pedido e bato na outra nádega firme e perfeita.

— O que a gente faz com ela, meu amor? — falo com o pequeno quando estamos a sós. Sento-me no sofá e me permito pensar no que tenho em mente para mais tarde.

Ela vai ficar surpresa com o que deixei em cima da nossa cama, mas eu conheço o seu corpo como a palma da minha mão e estou certo de que ficará deslumbrante com o tecido vermelho. Hoje todos no clube conhecerão a minha mulher e com orgulho a apresentarei dessa forma.

Os últimos dias me fizeram ver que eu estava errado no tempo em que acreditava que não poderia mais voltar a ser feliz. Não como era

quando estava no meu verdadeiro lar, quando me reconhecia como Diego Estrada em frente ao espelho e sabia quem eu era.

Somos tão diferentes e ao mesmo tempo tão iguais que a possibilidade de não nos apaixonarmos só seria possível se não tivéssemos nos conhecido. O que era para nos separar nos deixa mais próximos. Fora as minhas questões que sei que têm começado a incomodá-la, a nossa vida de casal não poderia estar melhor.

A parte sexual é um caso à parte. Nós dois, não sei se pela novidade da relação, não cansamos nunca de trepar. O tempo todo estamos ou trepando ou fazendo insinuações sexuais. Dizem que os casais em lua de mel agem dessa forma e acredito que nós dois somos um caso típico.

Apesar do fogo, sinto que falta algo. Sei que falta. Quero mais do que tudo usar o meu chicote nela, surrar a sua bunda até deixá-la toda marcada e vermelha. Quero tanto que o meu pau dói só de imaginar. O problema é que o meu medo de perdê-la tem sido maior.

Da última vez, lembranças ruins vieram me atormentar e por causa delas passamos duas semanas separados. Enlouqueci de prazer enquanto a fodia, batia com meu chicote, tendo as minhas mãos segurando os seus cabelos ou envolvendo o seu pescoço, mas então lembrei que aquilo me tornava um monstro.

Larissa, dois anos atrás, me fez acreditar que os meus erros eram maiores do que a possibilidade de redenção. Fez com que eu renegasse a minha natureza, o meu *eu* que me manteve são enquanto estive no inferno de uma relação que se tornou uma doença.

Deixar de lado a minha válvula de escape me aprisionou, muito mais do que essas paredes, aprisionou-me dentro de mim mesmo como uma fera enjaulada, rugindo de dor e sem meios de escapar.

Então eu conheci o meu passarinho. Quanto mais perto ela chegava, mais eu relutava, porque já não parecia tão fácil fugir. Porque a sua proximidade me levou para perto da superfície. Então eu pulei de cabeça. Libertei-me de algumas amarras, mas não de todas.

Agora eu me sinto livre para amá-la, mas não para perdê-la. Todos os dias penso que será diferente. Que se estou tendo uma segunda oportunidade de amar e ser feliz, tenho que fazer por completo, sem medos. Porque não sou um monstro, como certa vez foi cuspidos na minha cara. E ainda que ela tivesse razão, meu passarinho não tem medo de mim, pelo contrário, ela ama até mesmo esse lado meu. Ela busca todos os dias por ele.

Então eu decidi, mais uma vez, arriscar. Se Ariella quer tanto, hoje lhe mostrarei que nada do que fizemos até agora se compara a todas as possibilidades. Deixarei nas suas mãos a escolha. Verá e então escolherá,

porque eu sei que, quando começar, não serei mais capaz de parar.

Foram anos de negação, anos de desejos reprimidos e ter tão perto alguém que quer tanto me levar ao limite é mais tentador do que sou humanamente capaz de resistir.

— Venha para o papai. — Estendo os braços e Alex se aproxima com os seus passos curtos. — Isso aí, meu garoto. Agora eu vou te dar banho e você terá que me prometer que se comportará. Levarei a sua mãe para um encontro, acho que ela merece. Não pode ficar o tempo todo só cuidando de você.

Mesmo que pareça estar feliz, sei que chegará o momento em que o passarinho começará a se sentir entediada e presa dentro desse apartamento. Não era assim que ela vivia na vila e hábitos não se perdem assim tão facilmente. Sinto que teremos essa conversa em breve e até lá tenho que pensar em algo. Não quero que sequer cogite me deixar.



O meu pequeno faz uma bagunça enorme no banho, espalha

água por todo o banheiro e eu até acharia engraçado se não estivesse cheio de pressa.

— Já chega, amigão. Eu bem que gostaria de ficar nessa algazarra, mas o nosso passarinho já deve estar terminando de se arrumar e não é de bom tom deixar damas nos esperando.

Antes de começar a arrumá-lo, mandei uma mensagem para a Tânia e felizmente ela está livre para ficar hoje à noite com o Alex. Foi arriscado ligar tão em cima da hora, mas, de qualquer forma, se ela não pudesse, Tony seria obrigado a fazer o papel de babá. Não seria a primeira vez que desmarcaria uma foda por causa do Alex, de quem ele tanto gosta.

Antes de cuidar de mim mesmo, deixo o meu pequeno na cama, em volta dos seus brinquedos e me apresso no banho, porque já passou um tempo e a minha mulher já deve estar pronta, mas, quando saio do quarto com Alex nos braços, encontro a sala vazia.

— Só nos resta esperar, campeão. — Sentamos no sofá e ele se distrai com os botões da minha camisa.

— Acho que estou pronta. — A voz chama a minha atenção para o corredor e, quando Ella aparece, eu tenho a impressão de que perdi o fôlego.

No automático, coloco o meu filho sentado no sofá e fico livre

para babar. A começar pela sandália preta de tiras e saltos altíssimos que a deixa muito sexy, os meus olhos vão subindo pelas pernas compridas e que sei que são macias. Sobem para as coxas, que comportam a barra do vestido, que termina no meio delas. A sua cintura está bem marcada pelo tecido, que se agarra ao seu corpo, e, quanto mais eu subo, melhor a visão fica.

Os seios de tamanho médio parecem se insinuar para mim, loucos para pular para fora do decote generoso. Vendo-a assim, tão bela com o vestido vermelho, perfeitamente agarrado ao seu corpo, penso em como a noite de hoje será um teste para mim. A garota está gostosa demais e certamente chamará a atenção de homens e mulheres.

— Eu espero que esse seu olhar seja de admiração.

— Você está... perfeita!

— Obrigada pelo vestido. Não precisava — diz. Minha namorada ainda está resistente à ideia de que posso e vou gastar com ela.

— Não precisava, mas eu quis dar esse presente a você. Valeu a pena, porque do jeito que está linda, ele não durará muito no seu corpo.

— Não ouse rasgar o meu vestido, Diego.

— Eu não faço esse tipo de coisa.

Mas é claro que faço. Às vezes é difícil demais aguentar, eu

arruíno suas roupas e ela fica muito puta. Mas só por alguns segundos, pois esquece a raiva quando a toco.

— Faz, sim, e age como um selvagem.

— E você gosta — digo, prestes a beijá-la e borrar o seu batom quando o interfone toca. — Deve ser a babá.

Pelos próximos 20 minutos, Ariella faz uma série de perguntas e recomendações para a Tânia. Não saímos antes que ela se sinta realmente segura de que o pequeno ficará bem.

No caminho — difícil, já que o meu passarinho sexy fica o tempo todo provocando-me —, vez ou outro desvio a atenção do volante apenas para admirar o seu rosto, cuja maquiagem leve acentua ainda mais a beleza jovem e natural. Ella prendeu os cabelos longos e olhar para o seu pescoço livre para a minha boca causa reações no meu corpo pouco recomendadas para quem está ao volante e precisa de concentração.



— Aqui estamos — falo ao entregar a chave do carro para o

manobrista.

Agora estamos parados em frente à majestosa construção e a minha namorada não esconde o olhar de admiração. O clube exclusivo de sexo, criado pelo bilionário do ramo automobilístico, Carlos Versal, é restrito a sócios e convidados e somente quem dele participa sabe das atividades ali praticadas. Para quem vê de fora, trata-se apenas de uma mansão como outra qualquer.

O convite para mim é um mistério que só depois descobri que não era exclusivo. Todos os sócios receberam da mesma forma e, assim como eu, não fizeram muitas perguntas, apenas pagaram pelo privilégio de transar com discrição e sem restrições. No clube Versal, não existem limites para a busca pelo prazer. Hoje eu quero que a minha garota das flores veja de perto o que por tantos anos fez parte da minha vida. O lugar que era a minha única fonte de satisfação.

— Que lugar é esse, Diego? É a casa de um amigo seu?

— É um clube de sexo.



Capítulo 47



Clube de sexo.

Ele fala isso como se estivesse falando que está indo comprar pão na padaria. Simples assim: clube de sexo.

Por que, de repente, eu tenho a impressão de que tudo o que eu lia em livros está acontecendo comigo?

Isso nem existe na vida real!

Existe?

— Você está entrando em pânico porque eu disse que estamos

em um clube de sexo?

— Eu não estou em pânico, apenas surpresa que algo assim exista — confesso.

— Existe esse e muitos outros, meu amor. Você não tem ideia do mundo de coisas que eu ainda vou te apresentar — fala e desvio a minha atenção para o seu rosto.

Eu acredito em cada uma das suas palavras, pois não tem feito nada além de tentar me fazer feliz desde o dia em que chegamos à cidade. Tenta e consegue. Ao seu lado e do meu leãozinho sinto que estou completa, a sensação de que me falta algo não existe mais. Acho que foi embora no dia em que o reencontrei.

— Eu quero tudo com você — afirmo.

— Eu sei, passarinho — fala, ao acariciar o meu rosto e beijar o canto da minha boca. — Antes de entrarmos, eu quero que me prometa uma coisa: se algo te chocar ou incomodar, me avise que nós vamos embora.

— Está bem. — Seguro a sua mão e seguimos.

Já na entrada, somos recebidos por um casal. Ele usa uma máscara e está só de cueca — parece bonito, mas não mais do que o meu leão, aposto. Ela também usa máscara, está apenas de *lingerie* e tem o corpo perfeito. Olho para o meu namorado e ele está mais preocupado em verificar

se o outro não está olhando para mim do que em reparar na mulher.

— Sejam bem-vindos — o cara fala e nos entrega taças com alguma bebida. Pego por educação, já que não sou de beber, embora talvez seja necessário hoje.

— Obrigado — Diego agradece, a mulher entrega uma máscara que só esconde os olhos em suas mãos e me ajuda a colocar a minha.

Prontos, nós entramos no que suponho ser o salão principal e o que vejo me faz tomar um longo gole da bebida borbulhante.

De cara, vejo um casal se beijando e está tudo bem, afinal, que casal não se beija?

O problema é quando decido continuar com a inspeção a cada passo que damos. Diego não diz nada, apenas bebe da sua taça e me dá tempo para olhar com mais calma o lugar e as pessoas.

Do casal se beijando, vou para um trio. Um homem e duas mulheres. Ele beija uma, depois outra e no fim as duas se beijam. Olho para o meu namorado e ele tem uma sobrancelha arqueada, esperando para responder a minha pergunta.

— Você já fez isso?

— Já — diz apenas.

— Safado.

— Ella...

— Cale a boca. Deixe-me ver o que temos aqui. — Levo mais uma vez a taça à boca e tomo outro gole. — O que é isso? Quero mais.

— Champanhe. Não fique bêbada, porque, se fizer isso, não vou te comer e eu sei que você quer isso e quanto mais conhecer esse lugar, mais irá querer.

— Você não resistiria.

Do trio, olho para um canto menos iluminado do lugar, que já não é tão claro, e me deparo com um casal transando. Ela está prensada em uma pilastra e o cara na sua frente investe contra o seu corpo. Pela expressão no seu rosto, está gostando muito do que ele faz com ela e não se importa nem um pouco de fazer isso em público.

Não posso negar o arrepio de prazer que atravessa o meu corpo. Excitação pelas experiências que o Diego pode me proporcionar na noite de hoje.

— Você gosta? — O sussurro, a voz e o calor da sua respiração no meu ouvido me deixam ainda mais ligada.

— Sim.

— Safada! — Aperta a minha bunda e não me importo nem um pouco, afinal, ninguém aqui tem vergonha de nada, por que eu teria?

— Apenas curiosa.

— A sua curiosidade me levará à loucura, passarinho.

Em poucos minutos, exploramos todo o salão e o que parece normal para ele deixa o meu corpo em um estado lastimável. Vejo tanta gente transando e se pegando para qualquer um ver que chego a pensar em pedir para o Diego fazer o mesmo comigo.

— Está excitada, não é, sua safada?

— Não era para estar? — questiono enquanto, de mãos dadas, subimos as escadas. Diego disse que tem uma cena que eu preciso assistir e não sei se existe algo aqui que ainda possa me surpreender.

— Há quanto tempo você não aparece aqui! — Uma mascarada de cabelos escuros nos para no meio da escada e a forma como ela olha para o meu homem me deixa com vontade de puxar os seus cabelos.

— Estava fora da cidade.

Mas por que ele está dando satisfação para a mulher?

— Hoje eu estou livre. Por que não subimos para o quarto? Confesso que estou com saudade de você. — Ela dá um passo à frente e toca

o seu peito com intimidade.

— Eu não vou para lugar algum com você. Como pode ver, estou acompanhado e não divido.

— Ela acredita nisso? Garota ingênua.

— Desculpe eu me meter na conversa, mas preciso te avisar que não sou nenhuma garota ingênua e que esse homem aqui é meu. Não sei o que faziam antes, mas agora as coisas são diferentes, eu não compartilho o que é meu.

Puxo Diego pela mão e não dou chance à oferecida de dizer mais alguma coisa. Quando sumimos pelo corredor, solto a sua mão e saio pisando duro, roxa de ciúme.

Odeio que ele tenha vivido mais do que eu, que tenha tanta experiência e existam mulheres que o tocaram antes de mim.

— Ei, amor. Pare com isso. — Abraça-me por trás, eu estapeio a sua mão e, mesmo assim, o homem não me solta. — Entenda que nada do que vivi antes de você importa. Essa mulher é só mais uma dentre tantas outras que passaram na minha vida.

— Imagino que foram muitas.

— Todas sem importância. Pare de ser tão ciumenta, passarinho

— pede, mas aposto que encontrarei um sorriso no seu rosto se virar de frente neste momento.

— Solte-me! — Fujo dos seus braços, saio apressada pelo corredor, mas meus pés estacam quando paro na frente de uma parede de vidro.

Percebo que dá para assistir a tudo o que acontece no quarto e é óbvio que dentro dele teria gente fazendo sexo. Um homem bem alto, forte e negro. Uma loira de belas curvas. Eles estão transando sobre uma cama de lençóis vermelho e a forma como eles fazem é mais quente do que qualquer vídeo pornô ou cena de sexo que eu já tenha lido.

No momento em que o meu leão para às minhas costas, com o corpo colocado ao meu, vejo a mulher deixar o pau do cara, grande demais para ter estado todo na sua boca — haja garganta —, ouvir algo que ele diz e em seguida ficar de quatro. Eles estão em um ângulo que nos permite ver tudo o que fazem e vê-la à mercê dele faz com que eu junte as minhas pernas bem apertadas para conter a onda de desejo que vai ficando cada vez mais intensa. Tudo nessa noite tem cheiro de pecado e eu me sinto inebriada com o que presencio.

— Olhe com bem muita atenção, amor. — Quando meu namorado sussurra as palavras de ordem no meu ouvido e enrola os braços na

minha cintura, o tesão fica dolorosamente gostoso.

Ficamos os dois na nossa bolha de tensão sexual, vendo um casal transar. A loira olha em nossa direção enquanto o homem coloca a camisinha e eu fico muito sem graça e a ponto de invadir o quarto para pedir desculpas.

— Está tudo bem, passarinho. Essa era uma das coisas que eu queria te mostrar. Aqui nessa ala ficam os quartos de voyeurismo. Eles sabem que estamos aqui e serem observados enquanto trepam aumenta ainda mais o prazer deles.

As suas palavras me fazem relaxar e então me permito ver e me excitar sem a sensação de que estou sendo invasiva.

Agora, o homem negro a pega pela cintura e mete de uma única vez o seu membro nela, que parece não se importar com o seu tamanho. Ele a penetra por repetidas vezes, o seu corpo solavanca para frente e as suas mãos se agarram ao lençol vermelho. Quanto mais eu vejo, mais desejosa fico e Diego parece sofrer os mesmos efeitos, já que a sua mão esquerda começa a subir pela minha barriga para perigosamente perto do meu seio, cujo mamilo duro pela excitação já está marcando o meu vestido.

— Essa foda é uma delícia, não é, minha safada? Em breve eu farei isso com você. Fale o quanto você quer o meu pau todo socado na sua boceta. — As suas palavras são ditas propositalmente perto do meu ouvido e

um arrepio gostoso sobe da ponta dos dedos dos meus pés para todas as partes do meu corpo.

— Muito... — digo, sem desviar o olhar da cena e, lentamente, esfregando a bunda no seu pau duro.

Com o olhar, acompanho a mão do meu lenhador apertar um botão que eu não tinha percebido ao lado da parede e, a partir disso, não estamos só vendo. Os gemidos do casal são ouvidos com clareza agora e a cena fica excitante no nível máximo.

A mão que antes segurava o meu seio agora o aperta com gosto, o leve roçar torna-se um esfregar vigoroso. O homem se deita na cama e a loira se senta em cima, não de frente como eu faço com Diego. De costas, ela pega um tubo que estava sobre a cama, besunta o pênis dele e o guia para o seu sexo. Pelo menos era o que eu pensava.

Os meus olhos ficam a ponto de saltar quando o coloca no seu ânus e ele entra todo e com extrema facilidade. Então passa a penetrar em um vai e vem louco e sem pausa enquanto eu sinto que estou a ponto de desmaiar. Só não acontece porque me dou conta de que estava prendendo a respiração e passo a soltá-la com o máximo de calma que consigo. Diego também me segura com mais firmeza e acredito que esteja amando a cena, já que isso é tudo o que vem desejando nos últimos dias.

Ele tem me preparado com toques de estímulo, mas a cena excitante que presenciamos faz tudo parecer muito fácil. Faz com que eu tenha vontade de experimentar logo.

— Vê, garota safada? Imagine que somos eu e você. O meu pau indo até o talo nesse buraquinho apertado. No início, será incômodo, mas você irá se acostumar e não desejará nunca mais deixar de fazer. Vai tomar o meu pau nesse cuzinho sempre que eu quiser.

— Eu quero agora... — digo com as pernas fracas por conta da visão à minha frente e a sua fala no meu ouvido.

— É claro que você quer, sua cadelinha safada. — Com uma mão, aperta a minha bunda; com a outra, o meu seio, e eu não sinto qualquer constrangimento em estar gemendo e sendo tocada no meio de um corredor em que passam algumas pessoas.

— Venha, vamos para outro lugar, porque tenho mais para te mostrar.

— Mas... — reluto.

— Já vimos demais, amor. Vamos deixar esses dois gozarem em paz. — Abraça-me e eu agradeço, considerando que estou com as pernas fracas e sem muita firmeza nas pernas.

No quarto ao lado, não tem apenas um casal, mas sim um grupo

de pessoas transando. No seguinte, dois homens e uma mulher e quanto mais eu vejo, mais excitante os cenários parecem. A minha calcinha já está molhada e não consigo entender por que Diego ainda não me levou para o nosso próprio quarto.

— Diego... — começo, incerta, mas ele coloca a ponta dos dedos na minha boca.

— Isso aqui por muito tempo fez parte de quem eu era. O alívio temporário para a minha alma quando estava atormentada demais.

— Entendo — falo com sinceridade. Sei que cada pessoa lida de uma forma com os seus problemas e com ele não seria diferente.

Sempre que menciona o seu passado, como acaba de fazer, desejo mais do que tudo que me conte a sua história, que me deixe ajudá-lo. Eu sei que posso fazer isso. Assim como a dor, o amor cura e eu o amo mais do que tudo.

— Hoje eu te trouxe aqui porque preciso que não reste nenhuma dúvida do que fui. Das necessidades que por dois anos deixei de saciar e que você conseguiu despertar.

— Mostre-me, meu amor — peço com um beijo leve nos seus lábios quando percebo a insegurança nas suas palavras, a confusão de sentimentos no seu rosto.

Vendo-o assim, prometo a mim mesma que essa noite não acabará antes que eu o faça entender que não tem nada de errado com os seus desejos. Que, assim como todas essas pessoas, podemos fazer o que quisermos.

— Preste atenção.

Na frente da parede de vidro, dessa vez a cena é diferente do que vi nos outros quartos.

Capítulo 48



A mulher tem os braços presos por um tecido acima da cabeça, os seus pés estão amarrados e está deitada de bruços. O homem mascarado passa as tiras do chicote pelas suas costas e sua bunda. Ele a tortura ao não dar o que tanto deseja porque sabe que a espera torna tudo ainda mais prazeroso.

A espera torna o prazer ainda mais intenso.

Na minha frente, a minha namorada observa com curiosidade, mas a sua mão apertando a minha deixa claro que está tensa com o que vê. Eu

preciso que seja assim para que faça a sua própria escolha. Da minha parte, sinto que estou muito cansado de tudo, de querer e temer. De me sentir sujo por sentir prazer em machucá-la.

Quando o sádico começa a bater com o chicote nas costas e na bunda dela, o corpo retesa e não faz mais nem um movimento. Não sei o que está pensando da cena que se desenrola e vai muito além do que me permiti fazer algumas semanas atrás. Ele usa mais força, as marcas que as suas mãos e o chicote deixam começam a ficar visíveis.

As lágrimas que escorrem pelo seu rosto são tanto pela dor que ela suporta quanto pelo tédio que o ato proporciona. Já estive muitas vezes em situações parecidas para julgar isso, eu só não sei se a minha namorada entende.

Eu me vejo dividido entre dois lados: o que quer que ela fique assustada e deixe as coisas como estão, para assim eu me sentir confortável em minha própria pele e o outro que deseja que Ela queira tudo o que vê. Que deixe que eu estapeie o seu rosto como o cara acaba de fazer com a sua parceira. Que me deixe morder os seus seios como vemos agora que a mulher foi virada de frente e tem as suas mãos e pés desamarrados.

— Diego... — Ouço-a me chamar bem baixinho e a viro de frente, com medo de que tudo o que viu tenha sido demais para ela.

Os seus olhos estão brilhantes, por um momento me arrependo de tê-la feito presenciar além do que está preparada, mas, como sempre, Ella me surpreende e suplica:

— Leve-me para o quarto, por favor.

— Do que você precisa, amor? — ainda pergunto para ter certeza de que estou lendo corretamente os sinais. — Preciso que seja clara agora.

— Hoje eu não quero o sexo convencional. Preciso que faça comigo da mesma forma que ele faz com essa mulher. — Volta-se para a cena que agora tem um casal fodendo com dois loucos. — Eu não quero mais que se segure. Dê-me o seu pior lado, Diego Estrada, pois farei o mesmo com você.

A sua fala faz com que eu atravesse uma barreira importante e então, sem que precise pedir outra vez, a levo pelo corredor direto para o quarto que eu pago para ser usado exclusivamente por mim. Mesmo que tenha ficado meses fora, o lugar continuou fechado, porque eles sabiam que eu voltaria. Sempre volto.

Ao entrarmos, a branquinha se depara com o mesmo cenário do quarto de voyeurismo. Existem os aparatos necessários para todo o tipo de sacanagens que penso em fazer com ela. Ganchos para correntes suspensos

no teto, uma gaveta com vários tipos de chicotes, prendedores de mamilos, joias para o ânus e até estimuladores para clítoris.

Em outro compartimento, há óleos corporais que despertam todo tipo de sensações quando em contato com a pele e lubrificantes para a prática de sexo anal. Tudo novo e higienizado, esperando pela minha vinda com alguma parceira. Desta vez voltei com a minha mulher e a expectativa e o tesão de tudo que pretendo fazer com o seu corpo à minha disposição e alguns chicotes me fazem sentir como se fosse a primeira vez.



Ainda estou deslumbrada com tudo o que vejo na minha frente, da mesma forma como acontece desde o momento em que pisei nesse lugar, a diferença é que as sensações que atravessam o meu corpo no momento não me permitem ser apenas curiosa. Não me deixam fuçar nas gavetas do móvel escuro que vejo à minha frente. Não me deixam questionar a finalidade de cada aparato exposto.

Não posso fazer nada disso porque estou muito além da excitação, sinto como se toda a minha pele estivesse sensível. A calcinha está molhada e até a respiração sai com dificuldade. Só preciso que ele me toque da forma como quiser. Pelo menos nessa primeira vez.

— Tudo bem? — pergunta, ao abraçar-me por trás.

Ele também está muito excitado e posso sentir uma mudança na sua atitude, o que significa que as chances de a nossa noite ser perfeita são bem grandes.

— Pode melhorar — falo, ao girar dentro dos seus braços.

— Você me enlouquece com o seu jeito de dizer o que quer, sabia? — Ele aproxima a boca da minha, mordisca o meu lábio inferior, mas corro para longe antes que coloque o seu plano em prática.

— Você não vai rasgar o meu vestido dessa vez, ogro selvagem — aviso e, apressada, tiro a roupa. Fico apenas com os saltos altos e a *lingerie* da mesma cor do vestido.

O olhar do meu leão é de aberta admiração e a mim resta apreciar o show que é vê-lo se despindo. Como eu, fica só com a roupa íntima e não posso deixar de babar no seu membro marcando o tecido. Estende-me a mão e eu praticamente me jogo em seus braços fortes.

— Beije-me, garota safada — pede. Como estava louca para

fazer exatamente isso, seguro a sua cabeça e, de prontidão, capturo a sua língua que envereda na minha boca sem qualquer resistência.

Entre chupadas, sons de sucção e mordiscadas, nos beijamos pelo tempo suficiente para nos deixar loucos para satisfazer o nosso desejo.

— Amor, me perdoe, mas dessa vez eu terei que ser rápido. Estou a um passo de gozar sem nenhum estímulo e quero fazer isso dentro da sua boceta gulosa.

— Faça — peço.

Diego mete a mão dentro da minha calcinha, toca de maneira superficial o meu sexo e me encontra mais do que pronta. Mete os dedos até a metade dos meus lábios vaginais e, depois de duas arremetidas, retira-os com cuidado. Os dedos úmidos vão direto para a sua boca. Olho enquanto os chupa e, em seguida, sou eu quem toca no seu membro.

— Nem pense nisso, amor. Não agora. Quero que fique de quatro para mim. Dessa vez vou te comer olhando para a sua bunda gostosa, que vou comer mais tarde — avisa e não sinto nada além de ansiedade.

Tiro a minha calcinha quando ele tira a cueca e o seu membro salta orgulhoso para fora. Antes de descer do salto e virar de costas, ainda tenho a oportunidade de vê-lo se masturbando lentamente.

Ajeito-me na ponta da cama, na posição que foi pedida. Não

preciso esperar por muito tempo quando sinto uma de suas mãos na minha cintura e a outra guiando o seu pau para a minha entrada. Diego pincela o meu sexo algumas vezes com a cabeça robusta para em seguida meter com força e até o fim. Embora tenha entrado apertado, ele o fez com facilidade porque estou preparada e tudo o que eu sinto é prazer.

Dessa vez, eu não preciso implorar, meu leão ogro soca com força, do jeito que eu gosto, entrando e saindo sem pausa. Falando palavras sujas no meu ouvido, puxando o meu cabelo e estapeando a minha bunda no processo. A cada pegada forte, tapas e cabelos sendo firmemente segurados, maior é o meu prazer, então imploro por mais.

— Que boceta gostosa é essa que você tem, minha putinha. Eu vou passar a noite inteira montado em cima de você, te comendo do meu jeito. Porque você é minha. Só minha. — As palavras saem em conjunto com os nossos corpos se chocando.

O som da pele contra pele se espalha pelo quarto. Os gemidos são tão audíveis que seriam ouvidos por outras pessoas se esse lugar não tivesse isolamento acústico. Sei que tem, não seria de outra forma em um lugar tão sofisticado.

— Sou sua, faça o que quiser... Me coma, Diego...

— Farei, safada! — Agora se curva sobre as minhas costas,

agarra os meus seios e me coloca de joelhos.

Nessa posição, eu de joelho sobre a cama e ele em pé me pegando por trás, ele consegue ir ainda mais fundo e sentir-me toda preenchida é uma delícia da qual não quero mais me privar.

— Tome, sua cachorra! — Mete sem parar, agora apertando os meus mamilos com a ponta dos dedos e o faz com força. A dor fina me incomoda no início, mas logo ela passa a ser bem-vinda. Mistura-se ao prazer e então só ele existe. Dor e prazer, uma perfeita combinação. — Sente como é bom? A bocetinha apertada engolindo o meu cacete. Gulosa como você.

— Amor... por favor... eu não aguento mais — imploro por alívio, embora esteja me segurando o máximo que posso, porque não quero que acabe. Nunca.

Diego e eu, sem fazer qualquer prévia combinação, nos habituamos a isso. Quando estamos transando, resistimos o máximo sem gozar. Às vezes, trêmulos, suados e sem fôlego, mas só gozamos quando já não conseguimos mais nos segurar. É o que estávamos fazendo agora, sem fôlego, mas resistindo, nos amando até a última gota de sanidade.

— Eu quero que você faça como das outras vezes, amor...

— Assim? — Como eu sei que o momento chegou, aperto o seu pau ao contrair a vagina. Fiz uma vez de maneira involuntária, ele ficou

doido de tesão e sempre pede para que eu repita.

Eu faço, já que andei lendo sobre a técnica e treinei para poder fazer outra vez e satisfazer a mim e ao meu leão.

— Isso, gostosa. Faça de novo... — Novamente aperto o seu pau e então ele goza em mim. Gosto quando Diego chega ao orgasmo primeiro, pois assim posso aproveitar melhor a sensação de tê-lo me enchendo com o seu líquido viscoso.

Mesmo ainda tendo espasmos do orgasmo, Diego continua a penetrar-me por trás, a estimular o meu clitóris sensível e então chega a minha vez de alcançar o pico. A minha liberação vem com um grito e deliciosos espasmos. Luto para prolongar a sensação e, quando ela acaba, resta um corpo cansado, suado e plenamente satisfeito.

O meu amor deixa o meu corpo com cuidado, deita-me de costas na cama e depois some dentro do banheiro. Volta com um pano úmido, abre as minhas pernas e começa a limpar a bagunça que ele mesmo fez. Lânguida, apenas observo, maravilhada com o quanto ele é cuidadoso e carinhoso comigo depois do sexo, ainda não me acostumei com essa sua face.

— Você está com fome? Aqui no clube eles oferecem um jantar maravilhoso. Posso pedir para a gente.

— Talvez eu esteja com um pouco de fome. Você acabou com

toda a minha energia — brinco, ainda jogada sobre a cama, enquanto Diego paira o corpo sobre o meu, tudo para ver se está tudo bem comigo depois do sexo.

Ele sempre faz assim, fica por um tempo observando-me, mapeando o meu corpo e só me resta deixar que o faça. Já até me acostumei, pois sei que precisa disso.

— Está bem, um jantar saindo para o meu passarinho faminto.
— Pula da cama pelado, agradeço por poder olhar a sua bela bunda e o observo pegar o telefone que fica ao lado da porta.

Antes de a comida chegar, ainda tomamos banho e deixo que ele me posicione de costas na banheira de hidromassagem, brinque com o meu ânus e, por fim, termino com uma joia enfiada dentro dele. O negócio tem uma pedra parecida com diamante na parte de cima e, enquanto jantamos, vestidos com roupões, ela não me deixa esquecer nem por um momento que a tenho dentro de mim.

Fico sem jeito de estar com algo no cu e mais ainda por saber que Diego sabe. Quer dizer, ele não só sabe como me convenceu a fazer e enfiou a coisa no meu rabo. Segundo ele, a brilhosa facilitará quando for o seu pau entrando no meu cuzinho — palavras dele.

Como sempre, deixei que me convencesse a usar o tal plug anal

e de que hoje é a noite perfeita para lhe dar o que ele tanto quer. Obviamente, só terá quando me der o que eu quero.



— Está tudo bem aí? — malicioso pergunta e aperta a minha bunda quando deixamos o banheiro, depois de termos feito a nossa higiene pós-jantar.

— Tenho a sensação de que tem algo enfiado no meu cu — brinco.

— Que boca suja você tem, garota das flores. Você não era assim, o que fizeram com a minha namorada?

— Estou namorando com um depravado comedor de cus — brinco e, sem querer, acabo pensando em quantos cus Diego já desvirginou.

Não vá por esse lado, Ella!

— De cus não, só o da minha gostosinha — fala, puxa-me para um abraço e beija o meu pescoço.

Por alguns minutos, Diego deixa que eu olhe todo o quarto e me apresenta cada um dos objetos sexuais. Eu fico boba com a quantidade e estilos de chicotes de existem, os grampos para mamilos e até géis para cada tipo de sensação. Os consolos de todos os tipos me deixam sem jeito e Diego diz que eles farão parte da nossa noite. Sinto meu rosto esquentar só de imaginar o que ele tem em mente para os vibradores.

O que mais chama a minha atenção é um balanço de aço que ainda não tinha visto no canto do aposento. Mas também estava tão excitada quando entrei que o que menos queria era fazer uma inspeção pelo local. A visão de mim mesma sentada de pernas abertas me deixa acesa em segundos e o safado do leão percebe.

— O que acha? — A sua sobrancelha está arqueada, amo quando o faz porque sei que está me desafiando, e um sorriso malicioso enfeita o seu rosto.

Como sempre acontece, Diego tem os seus eficazes meios de convencimento e, quando caio na realidade, já estou sentada de pernas abertas no balanço do capeta e sendo chupada por um homem nu e de joelhos.

— Ai... — gemo em agonia com a sua boca, que chicoteia o meu sexo. Quem sofre as consequências do meu descontrole é o seu cabelo, que

está sendo puxado. Obviamente sendo puxado para mais perto da minha vagina.

Choro — e não é pelos olhos — quando as lambidas e chupadas deixam de ser suficientes e o homem começa a brincar com o meu cu. Mais especificamente com o brinquedo que está enfiado nele.

Diego passa a língua em volta. Depois volta para a minha vagina e, por fim, com a mão que não está abrindo os meus lábios vaginais, começa a mover a joia — pequena, se comparada as outras que me mostrou. Começa a girar, da mesma forma que faz com a boca na minha boceta. E depois faz movimentos de entra e sai, como faria se fosse o seu pau.

Quando a junção da boca com a joia fica intensa demais, acabo gozando e nem assim Diego deixa de me comer com a boca. Tento me segurar para não cair de cima do balanço, mas meu homem torna a tarefa mais fácil para mim quando levanta limpando a boca e me pega nos braços.

Dessa vez me deita de costas, amarra as minhas mãos para trás com uma corda e deixa os meus pés livres. Com o olhar faminto, observo Diego mexer em algumas gavetas para depois voltar com um tubo de lubrificante, um consolo de borracha e um chicote com bem mais tiras do que o primeiro.

Os resquícios do orgasmo recente ainda atravessam o meu corpo

quando o ogro abre as minhas pernas e toca na minha boceta, ele o faz por algum tempo, até me deixar excitada outra vez e então começa a passar os fios do chicote pelas minhas costas — o afago antes da dor.

Quando me tem pronta para implorar, o primeiro toque dos fios de couro na minha bunda queima, depois arde, e ainda assim não consigo pedir para que pare. Então começa a alternar entre uma banda e outra da minha bunda. Quando a tem toda marcada — sei que está assim pelo intenso latejar —, ele larga o objeto e começa a acariciar o lugar magoado. Passa a mão grande por toda a minha bunda e deixa que as pontas dos dedos toquem o meu sexo úmido de desejo.

— Não imagina o tesão que sinto quando vejo essa sua bunda assim, minha putinha, toda rosadinha e cheia de vergões, é excitante e eu só penso em trepar com você até te deixar inconsciente. Sem forças nem para respirar — fala, rouco, com o corpo curvado sobre o meu e o pau roçando entre as bandas da minha bunda, que queima e lateja dolorida.

— Faça isso, Diego Estrada. Dê-me o seu pior, é disso que eu gosto — revelo só para excitá-lo ainda mais. Diego me conhece e sabe do que gosto. Conhece cada desejo obscuro meu, da mesma forma que conheço os seus.

A sua boca começa no meu pescoço e então vai descendo e

mordendo as minhas costas. Morde com força, me faz gemer de dor e de tesão. Na frente tem a mão brincando com o meu sexo. Ao dar-se por satisfeito, vira-me de frente e passa a dar atenção aos meus seios. Mesmo com eles ainda sensíveis por conta da primeira vez, Diego morde o meu mamilo e aperta o outro seio com a mão.

Vai descendo pela barriga, mas, por alguma razão, é mais carinhoso. Beija o meu abdômen com carinho e um desejo muito estranho e precipitado passa pela minha cabeça.

— Em breve, meu amor. É tudo o que eu mais quero — fala como se estivesse lendo a minha mente e suas palavras me emocionam.

— Eu quero — afirmo. O leão para o que estava fazendo, levanta a cabeça, olha-me com amor e intensidade por alguns segundos, até que o momento passa e ele volta para o seu modo safado.

Desce beijando até o meu sexo e o chupa brevemente. Com o corpo apoiado no cotovelo, vejo quando estica a mão e pega o pau de borracha. Ele o passa lentamente na minha vagina e, com a outra mão, movimenta o plug anal. Deixa-me preparada e quando estou a ponto de implorar, me coloca novamente de bruços, com a barriga apoiada em uma pilha de travesseiros.

— Em breve, eu vou meter o pau no seu cuzinho e um vibrador

na sua boceta. Será tão bom, linda. Será o mais próximo que você chegará de outro pau. Está me entendendo? — Balanço a cabeça, em confirmação.

Não satisfeito, ele enrola os cabelos longos com a mão, fazendo com que eu vire a cabeça em sua direção e então, com o rosto bem próximo ao meu, afirma:

— Você é minha! Só minha. O seu corpo, o seu mais íntimo desejo, tudo em você me pertence, Ariella.

— Isso também vale para você — falo e me dou conta do quanto a sua possessividade me agrada. Adoro que seja assim. Que queira que eu seja dele, assim como sinto que é meu e de mais ninguém.

Que é lindo e só eu posso tocar. Tudo, o seu amor, seu corpo e até mesmo os seus segredos obscuros. Ele me deu o que ninguém mais tem e então me vejo tendo muito mais do que um dia sequer cheguei a sonhar sobre a paixão carnal e o amor sem reservas entre um homem e uma mulher.

— Agora eu quero comer esse cuzinho virgem, passarinho. Você deixa? — Digo que sim, porque ele vem me fazendo desejar a experiência há dias. — Prometo te fazer se sentir bem, minha gostosa.

Com cuidado, solta o meu cabelo e posiciona melhor o meu quadril. Olho para trás, vejo-o jogar uma porção de lubrificante na mão, passa no seu cumprimento e em seguida começa a tirar o plug anal. Fico tensa no

início, mas até que saía por completo, passo a sentir prazer. Sem a joia, sinto como se faltasse algo, mas o meu homem tem outros planos.

Ele joga mais um pouco de lubrificante na mão, passa em volta do meu orifício e não deixo de ficar um pouco tensa ao sentir o seu dedo começar a me penetrar, apesar de ter levado algo maior há pouco. Quando já estou me sentindo bem com um e até mesmo me insinuando para o seu dedo, Diego mete um segundo e a sensação fica mais deliciosa. Quase chego a pensar que será fácil levar o seu pau.

— Faça como eu venho te ensinando, meu amor. Prometo que será bom — fala ao meu ouvido e depois começa a forçar a entrada.

— Pare, Diego... — Desespero-me quando a pressão fica intensa demais.

— Calma, passarinho. Vou com calma. — Mesmo com toda a preparação anterior e o lubrificante, é extremamente dolorosa a sua invasão. Pouco a pouco o membro do meu namorado me penetra, os meus olhos enchem-se de lágrimas, mas não peço para que pare. Sei que depois será bom, é sempre assim com ele.

Dor e prazer fazem parte um do outro.

— Você foi perfeita, amor — elogia, carinhoso, parado e com o pau inteiro no meu ânus. Sinto como se tivesse sido partida em duas, mas

espero pelos momentos de prazer.

Bem devagar, começa a entrar e sair. A saída é dolorosa e a volta mais ainda, começo a duvidar que isso ficará bom quando ele começa a estocar minha boceta com os dedos. No momento em que dor e prazer começam a se misturar, a dor de estar fazendo sexo anal passa a ser suportável. Quando ele passa a entrar e sair com maior rapidez, o prazer toma o lugar da dor e então começo a acreditar que não poderei mais ficar sem isso. Que o meu namorado não precisará se esforçar para conseguir outra vez esse tipo de sexo.

— Amor, isso é tão...

— Gostoso? — indaga, puxando-me pela barriga e colocando-me de quatro. A entrada fica mais profunda; e o prazer, mais intenso.

— Sujo.

— Sim, mas sujo é bom, não é? — Balanço a cabeça em confirmação. — O sexo que gostamos de fazer é sujo. É depravado, passarinho. Somos assim.

— Somos assim... Ai! — reclamo, quando a mão estapeia a minha bunda já sensível por causa do seu chicote.

Assim Diego continua penetrando com mais força e estapeando a minha bunda com a mão. O meu corpo recebe tudo sem reclamar: a dor, o

prazer e a junção dos dois que passei a desejar com tudo que há em mim. Hoje Diego não tem medo de mostrar do que é capaz. Aqui, mais uma vez, eu tenho certeza de que gosto das suas mãos em mim, seja para fazer carinho, seja para me estapear quando está no auge do seu tesão.

No momento em que o meu corpo começa a se consumir em correntes elétricas, quando contraio os músculos da minha boceta para estimulá-lo, Diego sai de mim, coloca-me deitada de costas e com as pernas amplamente abertas.

— Eu quero gozar no seu cuzinho — fala e outra vez me penetra até o fim.

Soca com força, faz o meu corpo içar e, quando sua mão envolve o meu pescoço, chego ao orgasmo porque existe algo muito estimulante quando faz isso. Perigosamente excitante.

Ele parece longe de terminar e continua a me penetrar, faz por diversas vezes até que goza em mim e o seu corpo cai pingando de suor em cima do meu. Está pesado, mas não me importo porque amo tê-lo suado e ofegante em cima de mim. Sentir o seu coração bater freneticamente depois de gozar.

— Estou te esmagando, não é? — Tenta sair, mas eu não deixo, antes prendo o seu quadril com as pernas.

— Só mais um pouquinho... — peço, amando sentir os resquícios do seu perfume misturados ao cheiro de sexo.

— Você está bem? Acho que fui duro demais.

— Eu gosto de como você pode ser duro quando se permite fazer isso — assevero. — Gostei do sexo anal.

— É claro que gostou. Não poderia ser de outra forma, minha menina safada — fala contra o meu pescoço e aproveita para mordê-lo. — Se eu pudesse ficaria aqui, em cima de você, mas precisa de cuidados.

— Não preciso.

— Amanhã você pensará diferente, acredite em mim.

Ao sair de cima do meu corpo, o leão primeiro limpa o meu sexo com um pano úmido e depois vira-me de bruços. Passa um produto para aliviar as dores e a ardência na minha bunda e, depois que seca, a beija por todos os lados. Lá pelas 2h da madrugada, dormimos agarrados, mas o sono dura somente uma hora. Acordo sendo chupada e não leva mais do que cinco minutos para que ele me tenha pronta para continuar.

Noite adentro, Diego e eu ficamos namorando. Ele me fala mais sobre as experiências que terei, algumas ele me mostra, ao deixar-me com a barriga para cima e bater nela com uma palmatória em couro, quando venda os meus olhos e me amordaça para que não grite e nem veja quando bate com

a palmatória no meu sexo. As sensações são tão contraditórias que minha vontade é de gritar.

Pelas 5h da madrugada, depois de seis orgasmos — ele contou —, caímos na cama em um estado lastimável. Eu pego no sono, mas levo no rosto um sorriso de satisfação e tenho marcas por todo o meu. Marcas do seu chicote e das palmatórias, marcas de suas mãos e áreas roxeadas pelos chupões dados no meu pescoço e na minha barriga.

No meu íntimo, carrego o medo de que pela manhã tudo esteja diferente, que me afaste como fez na última vez. Não posso suportar que faça isso, não quando estou longe de casa, não quando o amo hoje muito mais do que amava ontem e sei que a cada dia o sentimento fica mais forte.

Capítulo 49



Diego

SEMANAS DEPOIS...

— Quer me matar ou algo do tipo? — indago, divertido, porém falando sério.

— Não está bom? — Leva o garfo à boca e faz uma careta engraçada, pois nem ela mesma consegue disfarçar. A carne que tentou fazer para o almoço de domingo, além de sem sal, está dura.

— O que acha, minha *chef* de cozinha? — provoco, olhando dela para o nosso filho que, felizmente, tenta comer a sua própria papinha, isso ela fez muito bem, e ele não teve que passar por essa experiência traumática.

— Acho que a minha avó ficaria decepcionada por não ter aprendido nada com ela — diz, saudosista, e não é a primeira vez que o faz.

Nas últimas semanas, Ella e eu temos sido muito felizes. Mais especificamente depois da nossa primeira noite no clube e que já se repetiu duas vezes. Na manhã seguinte, eu consegui lidar melhor com o fato de ter me permitido tocá-la com dor e assim tem sido nos últimos dias. Quanto mais o tempo passa, mais sinto que a minha alma está sendo curada. Ella faz isso por mim dia após dia com o seu amor.

Ainda existem muitas questões mal resolvidas na minha vida e assuntos que escondi por medo de perdê-la, de ela descobrir e passar a me ver de outra forma, mas, fora isso, sinto que sou mais feliz do que mereço e que a faço feliz, embora comece a sentir que essa felicidade não é completa.

— Sente saudades deles, não é mesmo? — indago o óbvio.

— Muita. Deles e do meu campo de rosas. Da praça e até mesmo das fofocas do povo. Fazem fofocas, mas são inofensivos — comenta. — Mas eu estou muito feliz aqui — completa, quando percebe que estou observando-a.

Minha namorada está trabalhando na floricultura que fica perto do condomínio, mas não me iludo achando que é o suficiente, embora a deixe em contato com as suas flores. Consegui o trabalho como uma forma de fazê-la ocupar o seu tempo com algo que goste e para que não passe os seus dias presa nesse apartamento, só cuidando do nosso filho. Ella pensa que foi por acaso que a oportunidade surgiu e espero que nunca descubra a minha interferência. Não me arrependo de esconder isso dela, pois faço qualquer coisa para que fique feliz.

— Eu sei que está, passarinho. Eu também estou feliz de tê-la ao meu lado. Você só me faz bem. — Sentado ao seu lado à mesa, alcanço a sua mão e beijo a palma.

— Água, papai. Bebê. Água. — Sem parar e com o rosto todo sujo de comida, meu filho repete sem parar a mesma coisa até que eu coloque o copo na sua frente.

Escutando-o me chamar de papai, revivo na memória a emoção de quando o ouvi falar pela primeira vez a palavra. De como lágrimas de emoção vieram ao meu rosto, sobretudo porque lembrei de como tive medo de ficar a vida toda sem ouvi-lo, medo de chegar à conclusão de que eu não bastava para ele. Meu passarinho compartilhou da mesma emoção que eu e sei que parte disso é mérito seu, que continuou ensinando-o a falar *papai*.

— Estou tão feliz que ele esteja se alimentando tão bem — comenta, olhando-o com orgulho.

Ella parece ter o instinto maternal aflorado e isso eu percebi desde o primeiro encontro deles, embora ninguém tenha ousado classificar a relação que tinham. Mesmo sendo tão jovem, se comporta como uma leoa pronta para defender o seu filhotinho, caso seja preciso. Vê-la assim me faz pensar em como um dia quero dar a ela um filho, em como eu não terei medo de ser pai novamente, pois Ella será a mãe e ao seu lado tudo parece fácil.

— Mamãe! — Celebra com palmas e nós dois paramos para babar o nosso bebê, porque, em parte, foi o nosso amor por ele nos uniu.

Assim que terminamos de almoçar, Ella leva Alex para o quarto e eu vou para o escritório. Depois de anos sem um único lançamento, enfim estou terminando o livro novo e todo o processo de finalização e preparação para o lançamento tem deixado o meu tempo escasso. Desde a última semana, não estou mais conseguindo ter o mesmo tempo livre para a minha mulher e meu filho e sinto falta disso.

Apesar de estarmos quase sempre muito próximos dentro desse apartamento, parece que nunca estivemos tão longe. Entendo que faz parte do meu trabalho e que nem sempre é assim, mas não posso deixar de me ressentir, não quando esse distanciamento tem feito Ella sentir ainda mais

falta da sua antiga vida.

A minha mulher está feliz. Eu sei que está, mas não posso deixar de sentir medo de que uma hora ela pense em me deixar, de que a saudade de casa seja maior do que o seu amor por mim e pelo nosso filho. Também devo admitir que todos os meus temores também estão ligados ao passado, pois era no trabalho onde eu me perdia quando a convivência com Larissa se tornava insuportável e então ela me acusava de não lhe dar atenção, de tudo de ruim que acontecia na nossa falida relação.

Eu não quero e não posso repetir os mesmos erros. Agora tudo é diferente porque existem muitos sentimentos envolvidos, tantos que nem consigo explicar. Apenas sinto que o meu amor pela garota das flores é a minha cura, mas também pode ser a minha destruição se um dia eu a perder. Meu passarinho tornou-se o meu farol e sem ele me sentiria como um barco à deriva.

No fim, não existe uma noite em que eu não durma com ela nos meus braços, desejando que o meu amor seja o bastante.

Após horas de trabalho, vou em busca deles e encontro-a lendo um livro para o Alex dormir seu cochilo da tarde. O meu maior prazer é presenciar momentos assim entre eles e cenas como essa são corriqueiras. Quando fecha o livro, depois de perceber que o leãozinho dormiu, sinto-me

egoísta por ficar feliz por tê-la só para mim.

— Está aí há muito tempo? — questiona, ao abraçar-me pelo pescoço

— O suficiente.

— Agora eu sou toda sua, Diego Estrada. O que pretende fazer nesse belo domingo familiar?

— Esquentar as coisas por aqui e tornar esse domingo familiar um programa para maiores 18 anos — falo, pego-a nos braços e levo-a para a nossa cama.

O nosso sexo é calmo e carinhoso, o que não acontece todos os dias, já que conosco tudo é sempre muito intenso. No clube, Ella fica ainda mais desinibida e nada do que vê a assusta, pelo contrário, fica sempre muito excitada com todas as experiências que o lugar proporciona.

Nas nossas transas mais intensas estamos indo cada vez mais longe e minha namorada parece não se importar com as marcas que ficam no seu corpo pela manhã e nos dias que se seguem. Neles pegamos mais leve, mas bastam que as provas da nossa loucura sumam da sua pele para que façamos tudo outra vez.



— Uau! — fala quando goza e cai por cima do meu corpo.

— Um sexo de qualidade como esse você não encontrará em outro lugar — brinco enquanto a minha mão passeia pelas suas costas suadas.

Ainda nos levantamos para jantar, comemos sentados no sofá e só com roupas íntimas, aproveitando que o pequeno dormia. Agora somos obrigados a ouvir o som chato da televisão enquanto, sentado sobre o tapete, Alex assiste a um desenho. A tortura só não é maior porque aproveitamos o momento para namorar no sofá.

Quando ele enfim dorme, já tarde da noite, vamos para o nosso quarto, tiramos as nossas roupas e pelados entramos debaixo da coberta. Com ela nos meus braços, tudo parece estar em seu devido lugar. Os meus monstros estão escondidos no fundo do armário e tenho a certeza de que, enquanto estiver com ela, tudo ficará bem.



— Essas aqui estão muito bonitas — falo ao tocar as tulipas. —
Se em Santa Rita tivesse delas, seriam um sucesso. Acho que até as minhas vendas aumentariam.

— A tulipa é um dos maiores sucessos da loja. Tem também as rosas vermelhas, é claro.

— Um clássico que jamais sairá de moda — completo.

No último mês, eu criei uma rotina e a floricultura que fica perto do prédio passou a fazer parte dela. Certo dia, quando estava voltando do clube, Diego e eu passamos em frente e o meu visível interesse chamou a sua atenção. Meu amor me prometeu que qualquer dia passaríamos por lá em um horário em que estivesse aberta e no dia seguinte nós estávamos lá.

Rosa, a dona da sofisticada e enorme loja de flores, mostrou-se uma pessoa muito gentil e discreta por não ter questionado o namoro de Diego, depois de dois anos da perda da esposa e da reclusão dentro de casa. Foi muito atenciosa com o meu deslumbre com o que é corriqueiro para ela.

Quando disse que estava precisando de alguém para ajudá-la na loja, olhei para o meu namorado e ele jogou uma piscadela.

Ofereci-me para ajudá-la, ela disse que o salário não seria tão alto e eu esclareci que não me importava. Antes de acertar tudo, pensei primeiro no meu pequeno e a bondosa mulher de meia-idade aceitou que eu trabalhasse só na parte da manhã.

— Ariella, olhe ali. O estoque de girassóis finalmente chegou. Vá lá, eu sei que são uma das suas preferidas.

Enquanto trabalho, lembro-me da minha rotina em Santa Rita e não posso deixar de sentir um aperto de saudade. Eu sou muito feliz por estar com o meu amor e filho. Falo com os meus avós quase todos os dias, mas nem isso e o fato de estar em contato direto com as flores parecem ser suficientes.

A saudade é grande, mas não o bastante para me fazer duvidar das minhas escolhas. Não para que eu sequer cogite me arrepender de ter deixado tudo para trás por conta da família que venho construindo com os meus dois amores. Longe do lugar que eu considerava o meu lar, mas ao lado dos homens da minha vida.

Tenho percebido que Diego, por mais que eu tente demonstrar o contrário, pensa diferente de mim. Talvez por ter estado mais ocupado nos

últimos dias, ele tenha a necessidade de tentar me recompensar de alguma forma. Eu entendo que se trata do seu trabalho e digo que está tudo bem com o tempo mais restrito.

Diego faz de tudo para me ver bem, me mima da forma como pode. Tenta compensar de algum jeito a falta que sinto de Santa Rita, um exemplo é a força que me dá para passar um tempo aqui na loja, embora não precise. As suas atitudes demonstram que é só mais um comportamento ligado ao seu passado. Ele não entende é que não estou indo para lugar algum. Que, apesar de ainda estar me adaptando ao lugar e de sentir saudade — o que é perfeitamente natural —, não mudaria em nada as minhas escolhas se pudesse voltar atrás.

Com o seu amor e o do meu filho, posso muito bem suportar a saudade que tenho dos meus avós. O que eu não suportaria era estar lá e longe dele. Sem poder ver e cuidar do Alex, o meu menino que cresce cada dia mais saudável e de quem sinto falta nas poucas horas em fico fora de casa, tanto que ligo três vezes ao dia para a Tânia, só para perguntar se está tudo bem com ele.

— Esse é o último carregamento. E dessa vez esses girassóis estão especialmente lindos — falo, encantada.

— Você está certa, Ella. A noiva ficará muito contente. — Hoje

Rosa tem um casamento, o que significa que a loja ficará sob minha responsabilidade agora pela manhã. Quando é assim, fico no balcão atendendo, enquanto os outros cinco vendedores dão conta dos clientes.

Além de gostar do ambiente, estou tendo a oportunidade de aprender muita coisa com a senhora. Rosa entende muito de botânica e as nossas conversas me fazem perceber que posso ir muito além do que só colher e vender. Que antes disso, existe todo um processo de plantio, de solo e tudo que ela diz sobre o assunto me fascina. Quando, deitada em seus braços, conto para o meu namorado, ele sempre me incentiva a investir na área de que tanto gosto.

Como não aceita que eu use o dinheiro que ganho por semana nas despesas da casa, me aconselha a guardá-lo para no futuro investir em algo relacionado às minhas flores. Acho a ideia ótima e é o que pretendo fazer. O bom da cidade grande é que ela tem aberto os meus olhos para muitas coisas que antes eu não dava muita importância, um bom exemplo é estar percebendo que, por mais que fosse feliz com a simplicidade do que fazia, eu posso e devo evoluir. Almejar mais.

Perto da hora do almoço, quando Rosa chega da entrega dos girassóis no local do casamento, levo menos de dez minutos para chegar ao edifício. Ao entrar em casa, dispenso a babá, ansiosa para ter a tarde com o

meu filhotinho de leão. Já as voltas com ele, olho para a porta do escritório e um sorriso se abre no meu rosto. Sei que não irá demorar para o leão ogro sair para almoçarmos juntos.

Além da expectativa pelo almoço em família, fica a ansiedade pelo fim da tarde e noite, momentos em que ficaremos a sós, nos curtindo e namorando, momentos que valorizo e me fazem perceber que não poderia estar em outro lugar que não fosse com ele, porque Diego, que apareceu na calada da noite e trouxe consigo incertezas, hoje tem me feito plenamente feliz.

Capítulo 50



Diego

ALGUM TEMPO DEPOIS...

— Você é feliz? — Vendo-a mais linda do que nunca, a tenho com o corpo junto ao meu, próxima como eu sempre queria que estivesse.

— Sou. Você me faz feliz, meu leão. Estou muito orgulhosa de você — fala, mas eu só consigo olhar para os seus lábios pintados com batom vermelho.

Hoje estamos no nosso apartamento com alguns colegas de trabalho, comemorando o término e pré-lançamento do meu novo romance. Além da equipe de assessoria e agentes literários, também está aqui o Tony e é em seus braços que está o Alex, sendo mimado por quase ter acertado a tentativa de falar o nome do meu amigo.

— E eu estou orgulhoso de ter ao meu lado uma mulher tão linda como você. Linda e só minha. — Nada discreto, beijo o seu pescoço, que leva o mesmo perfume do nosso primeiro encontro.

— Gosto quando começa sendo romântico e termina sendo possessivo. Não tem nada tão Diego quanto isso.

— Obrigado? — brinco. Eu sei que se trata de um elogio, o meu passarinho aprecia a minha possessividade, até porque ela não é muito diferente de mim nesse quesito.

— Bobo!

— O que você veste por baixo desse vestido? — provoco. Ella olha para o centro da sala, onde os poucos convidados têm taças nas mãos, e relaxa quando se dá conta de que estão entretidos nas suas conversas.

— Não vou falar. Você não deveria estar pensando em sexo quando está comemorando uma conquista profissional.

— Com você, eu sempre estou pensando em sexo. Na sua

bundinha tomando o meu pau...

— Diego! — Corada, sim, ela ainda tem essa capacidade, mesmo depois de já termos feito todo tipo de sacanagem possível, coloca a mão sobre a minha boca. — Comporte-se! Se não fizer isso, não terá sexo mais tarde.

— Você não seria capaz — assevero.

— Não mesmo. Mas eu te proíbo de ficar me provocando quando não podemos fazer nada a respeito. Não agora. E não ouse falar que podemos dar uma rapidinha no quarto porque isso você já fez.

— Eles bem que poderiam ir embora. Veja bem, eu estou contente de enfim ter conseguido terminar um livro depois de tanto tempo de bloqueio, mas quero comemorar mesmo é com a minha mulher pelada e esfregando esses peitinhos na minha car... Ai — Ela interrompe a minha fala com uma bela mordida no meu lábio inferior.

— Sua selvagem!

— Aprendi com você — fala, desvencilha-se dos meus braços, mas não sai sem um tapa seco na bunda gostosa.

Vejo-a pegar o nosso pequeno sorridente nos braços e trocar algumas palavras com uma das revisoras que está comigo desde o início. Fico impressionado de ver como consegue se adaptar às situações. Ella, em sua

essência, é uma garota simples e ainda assim consegue se portar com pessoas que tiveram uma criação e condições de vida bem diferentes da dela. O melhor é que ela não tenta agradar, mas os conquista com o seu jeito doce.

— Quer um babador? — Tony se aproxima e já sei que é para falar bobagens que não quero ouvir. — Mas não julgo, a sua Ella é...

— Muito cuidado com as palavras — aviso.

— Encantadora.

Pelos próximos minutos, Tony e eu conversamos sobre temas amenos e depois que ele vai embora, levo um tempo conversando sobre alguns detalhes para o lançamento. Após o jantar, a reunião não demora a acabar e eu fico contente por ter a oportunidade de ficar mais tempo a sós com a minha garota das flores. Ela merece, muito mais do que qualquer um, a comemoração e todos os agradecimentos, pois a minha má fase acabou depois que a conheci.

— Enfim, sós — digo no seu ouvido.

— Nem tanto. — A nossa atenção vai para o nosso pequeno, que anda pela sala, mexendo em tudo o que vê pela frente.

Ele está tão sapeca que tivemos que tirar vários objetos de decoração que poderiam se tornar perigosos.

— Vá esquentando a nossa cama que eu vou levá-lo para o quarto. Está com sono, acho que no meio da história dorme. — Beijo o canto da sua boca e ela concorda.

— Você está bem, amor? — indago. Essa tem sido uma estranha e frequente pergunta e em nada tem a ver com as marcas que deixo pelo seu corpo quando fazemos sexo.

— Estou bem. — Essa também é a sua resposta de sempre.

Vejo-a sair e emoções e sentimentos variados tomam a minha mente.

Os últimos dias têm sido estranhos. Fico com a sensação de que estou com a ponta dos dedos na completa felicidade, mas ela nunca está próxima o bastante para que eu a toque de verdade.

Com o nosso filho e a nossa relação, Ella parece estar feliz. Ela demonstra e tem momentos em que eu acredito que não lhe falta nada. Mas esses momentos não duram muito, pois eu a conheço quase como a mim mesmo.

Ella sente falta da sua vida.

Ella está feliz quando estamos juntos, mas o seu sorriso morre quando pensa que não estou olhando.

Ella parece ter tudo, até mesmo um trabalho com as suas preciosas rosas, mas não parece ser o bastante.

Ella está distante do seu chão, de onde nasceu e onde está a sua verdadeira essência. Estar distante significa que, dia após dia, a sua luz se apaga um pouco.

Como eu imaginava, a cada dia que passa, bem lentamente, como um veneno alastrando-se pelo sangue, a minha escuridão a atinge. A minha garota das flores foi a minha luz quando eu estava perdido e agora tenho a sensação de que já não é mais a mesma. O seu sorriso, mesmo que sutilmente, começa a mudar.

Ainda que não queira, que tenha tentado de todas as formas deixar o passado do lado de fora da nossa relação, não consigo não a olhar e não me lembrar da minha falecida esposa.

Não consigo não comparar as situações sem pensar em como o passado parece se repetir. De como Larissa também era uma pessoa alegre e morreu jovem e por minha causa. Morreu porque não estava feliz.

Amo muito o meu passarinho para que a deixe viver uma vida infeliz, mesmo que ela não se dê conta de que é isso que acabará acontecendo, mais dia ou menos dia. Amo muito a minha branquinha para deixar que ela morra, prefiro perder um braço a fazê-la sofrer.

— O que faz aqui? Pensei que estaria esquentando a nossa cama.

— A sua voz macia tira-me dos meus devaneios. Levanto a cabeça do encosto do estofado e a vejo com uma camisola preta curtíssima e de cetim.

Sedutora, minha mulher se senta em cima das minhas pernas e basta somente isso para os pensamentos ruins, que tem aparecido cada vez com mais frequência, irem para o fundo da minha mente.

— Eu quero você, amor — digo, porque agora não preciso de palavras, só amá-la. Sentir que é minha e que nada mais pode nos separar. — Se eu ficar sem você... não sei...

— Não vai ficar, Diego. Não diga isso, por favor.

Ella toma a iniciativa e sobre o sofá mesmo nos amamos, sem pressa, beijando-nos e apreciando cada toque. Dessa vez, como tem sido nos últimos dias, o nosso sexo está diferente. Embora ainda tenhamos os nossos momentos de loucuras, nunca irá acabar porque faz parte de quem nós somos, tem sido mais intenso, mais melancólico, como se só agora estivéssemos realmente nos apreciando com toques que vão além do sexo. Da paixão sem limites que corre pelos nosso sangue.

Vamos para o nosso quarto, eu a deito de lado e envolvo todo o seu corpo com o meu. Eu a abraço, assim como faço todos os dias e, como acontece todos os dias, tudo parece em ordem.

Por que você não me ama? Diego, dê uma chance ao nosso casamento, eu sei que ainda podemos ser felizes.

Eu estou grávida. Não sei como aconteceu, mas tenho certeza de que é um sinal do destino. Ele está nos dando mais uma oportunidade. Você verá como esse filho irá nos aproximar e então seremos como antes: a dupla perfeita.

Como você pôde ser tão miserável? Deixar a sua mulher grávida para ir para aquele antro de putaria! Com quantas me traiu? Três ou quatro? Quando nascer, o seu filho irá saber quem é o pai dele.

O que faz aqui? Se eu vim parar nesse hospital, foi por sua culpa. Não me quer, mas quer as vagabundas do clube, mas isso é bom, já que elas são tão doentes quanto você e gostam de apanhar. Tenho nojo de olhar para essa tua cara.

Mas se pensa que irá se livrar de mim está muito enganado. Você sustentará a mim e ao seu filho pelo resto dos seus dias. O divórcio pode esquecer, nunca o terá. Está me ouvindo? Nunca!

Olhe como ele é lindo, Diego. Esse bebê irá nos unir novamente. Eu prometo que irei me comportar, mas você tem que prometer que não ficará tanto tempo trancado no escritório e nem voltará para aquele clube nojento.

A culpa de tudo isso é sua, Diego, a minha amiga não é mais a mesma. Olhe bem para ela! Acha mesmo que uma mulher com um filho recém-nascido deveria estar tentando suicídio?

Se alguma coisa acontecer com ela, a culpa será sua!

Eu só queria que você me desse uma oportunidade. Mas eu já cansei de você. Eu não sei o que aconteceu para que tenha se tornado esse monstro sem coração, mas eu espero que seja muito infeliz pelo resto dos seus dias. Acho que não preciso nem rogar praga, você será infeliz e sabe por quê? Dentro desse peito não existe um coração. Você se tornou uma pessoa incapaz de amar alguém. Mas o pior é a sua mente perturbada.

Está louco e morrerá sozinho, solitário. Preso dentro desse escritório, como uma fera!

Se sair por essa porta, não precisa voltar mais!

— Se tornou uma pessoa incapaz de amar... Morrerá sozinho e solitário... Como uma fera...

— Meu amor, por favor, abra os olhos ... — Bem de longe, ouço o meu anjo dos roseirais e só a sua voz já faz com que eu me sinta melhor. — Acorde, leão. Estou aqui, a sua Ella. — Continua a balançar o meu ombro e quando desperto é só para abraçá-la com força.

— Não chore. Foi só um sonho.

Sentados, ficamos abraçados por um bom tempo. Na minha mente misturam-se as lembranças ruins com o seu toque de cura. Quando as minhas lágrimas secam, afasto-me dos seus braços e, olhando em seus olhos, vejo o que tanto quis esconder. O que desde o dia em que me vi apaixonado tive medo de ela descobrir. Que percebesse quem de fato sou e me enxergasse com outros olhos.

— Eu sou um monstro, Ella. Matei a mãe do meu filho e nada do que eu faça pode tirar o peso da culpa que carrego.



Capítulo 51



Eu sou um monstro, Ella.

Matei a mãe do meu filho.

Nada do que eu faça pode tirar o peso da culpa que carrego.

Cada uma das suas frases é uma punhalada no meu coração e pior ainda é saber que não é uma piada. Vejo no seu rosto a perturbação, a tristeza e a certeza de cada palavra dita.

— Diego, se acalme, por favor. Isso foi só um sonho. Nós estamos bem. — Eu o abraço, mas não sou correspondida. Afasto o meu

rosto, beijo o canto da sua boca e afirmo: — Eu estou aqui.

— Não foi só um sonho, amor. Eram lembranças do passado. Lembranças que me ferem. Que não me permitem ser feliz por completo e nem te fazer feliz como você merece.

— Não fale isso, eu sou muito feliz com você — digo, indignada, porque não entendo como ele pode pensar ou sentir diferente.

— Você entendeu o que eu falei? Matei a minha esposa, Ariella, quem em sã consciência agiria como você está agindo? — Nervoso ele levanta da cama e me vira as costas.

— Você não fez isso. Não seria capaz. — Nego-me a acreditar em suas palavras, porque sei quem é o homem que amo.

Se algo aconteceu com a falecida esposa, não deve ter sido como a sua mente o leva a crer. Sempre soube que o Diego tem as suas questões mal resolvidas, dei um tempo a ele, mas agora preciso que se abra comigo. Que me deixe entendê-lo.

— Eu... eu preciso de um tempo — Deixa o quarto. Com o vazio da sua ausência, fica a sensação de que tudo começa a sair do controle. Não posso ignorar a percepção de que a nossa felicidade está começando a ruir.

Não é de hoje que isso vem acontecendo. Há alguns dias Diego está diferente, mais calado, embora comigo continue carinhoso. Seria

imperceptível se eu não o conhecesse tão bem. Algo no seu sono o perturbou a ponto de falar tamanha barbaridade.

Como pode falar e acreditar em tamanha bobagem?

Não! O meu Diego não faria algo assim com a mãe do seu filho.

É um homem bom. Tem os seus defeitos, como qualquer outra pessoa, mas não faria algo tão monstruoso.

Na minha mente, as suas palavras e as minhas ideias de negação se repetem sem parar.

Perturbada com o que aconteceu, saio do quarto à sua procura. Eu o encontro na sala, olhando o movimento da cidade pela janela. Está tão absorto em seus próprios pensamentos que nem percebe quando paro às suas costas.

— Amor, por que não se abre comigo? Fale do seu passado, de como foi a relação de vocês dois e de como sua esposa morreu. Eu quero te ajudar, mas antes preciso entender.

— Não posso falar. Existem coisas que prefiro guardar comigo mesmo. Você está bem sem saber de nada. É melhor assim, acredite.

— Como assim, sem saber de nada? Esqueceu que acabou de me dizer que é o culpado pela morte da Larissa? — Irritada e frustrada, seguro o

seu braço e o viro de frente para mim, para que fale olhando em meus olhos, embora esteja com dificuldade de fazer isso.

— Amor, por favor, não torne as coisas mais difíceis...

— Difíceis para quem, Diego? Para mim? — Agora que comecei a falar tudo o que já deveria ter dito há muito tempo, não vejo como parar e Diego, quando consegue olhar para mim por mais que dois segundos, não esconde a dor e a tristeza por estar revivendo algo do qual prefere fugir. — Como posso te ajudar se está me deixando no escuro?

Ele não entende que guardar tudo para si só piora a sua situação, aumenta o seu tormento e o impede de ser feliz por completo. Fugir do passado ao invés de enfrentá-lo o faz acordar em meio a pesadelos, falando coisas terríveis como as que acabo de ouvir.

— Os últimos dias têm me feito questionar se realmente posso dar o que você precisa, passarinho. Se não foi um erro me iludir por pensar que ficaríamos bem, apesar do meu passado.

— Nem continue, Diego... — peço, com medo do que posso ouvir, mas ele continua. Parece sofrer com cada palavra que sai da sua boca e eu sofro por mim e por ele.

— Sinto que, por mais que eu tente, que por uns dias viva na ilusão, meus fantasmas sempre estarão do lado de fora da porta. Esperando

uma brecha. Não posso mudar isso, se insistir, chegará o dia em que você irá me odiar, que estará tão mal que não conseguirá mais seguir em frente. Não posso fazer isso com você... Não posso...

Não posso...

Repete várias vezes a mesma frase e então eu começo a ficar assustada de verdade. Diego estava bem até pouco tempo. Estávamos comemorando o término de um trabalho. O que de tão assustador pode ter acontecido no seu passado para que ele tenha ficado tão mal?

— Não diga essas coisas, Diego. Eu nunca vou te odiar. Como poderia, se é a pessoa que mais amo nesse mundo? — Elimino a distância que nos separava e lhe dou um abraço apertado, sinto-me melhor quando ele retribui e envolve a minha cintura.

O meu leão ferido volta a chorar e não sou capaz de segurar as minhas próprias lágrimas.

Nunca o tinha visto assim, tão quebrado. Quando ele se acalma, seguro sua mão e o levo de volta para o nosso quarto. Sento-o na ponta da cama e começo com um beijo terno, então fazemos amor por um bom tempo, até que ele fique cansado demais para pensar em coisas ruins. Quando dorme novamente, dessa vez sou eu quem o protege com o meu corpo. Faço o papel que ele faz todos os dias. Durmo acreditando que amanhã será um novo dia e

que ficaremos bem.



Pela manhã, Diego parece melhor, embora mais calado do que de costume. Durante o café da manhã não toca no assunto da madrugada e o que sinto é um misto de alívio e decepção. Alívio por não repetir as palavras de horas atrás e que deram a entender que estava tentando terminar a nossa relação. Decepção porque o seu silêncio significa que continuarei no escuro e que episódios como o de mais cedo, provavelmente, voltarão a se repetir.

Saio cedo para a loja, acreditando que está tudo bem, embora ainda esteja preocupada com ele, mas a paz dura pouco. No meio da noite, Diego mais uma vez acorda em meio a um pesadelo, que o faz gritar em desespero. Isso se repete por três noites seguidas, até que ele decide que eu devo dormir no quarto de hóspedes e não importa o quanto eu insista que não quero ficar em outro quarto enquanto sofre, Diego se mantém firme em sua decisão.

Em seu mundo perfeito, nosso filho nem sente os dias passarem,

nem sabe o quanto tudo está desmoronando, como seu pai parece estar colocando para fora tudo o que vinha guardando durante anos, por baixo de uma máscara de frieza e distanciamento do mundo.

A cada dia que passa, mais distante Diego fica. É gentil, mas já não age como antes. Deixa de me tocar, não me deixa dormir ao seu lado por conta dos pesadelos frequentes e é cada vez mais desesperador ouvir o seu choro e os gritos durante a noite.



— Bom dia, amor. Você está bem? — indago ao entrar na cozinha com o pequeno e encontrá-lo sentado à mesa, tomando o seu café preto. — Eu não...

— Estou bem. Ontem o meu subconsciente não me bombardeou com lembranças que sou incapaz de esquecer — fala sem qualquer firmeza e desconfio que esteja mentindo.

— Talvez você só precise conversar com alguém — insisto no assunto e ele não aceita muito bem.

— Eu não estou louco, passarinho. Tudo pelo que passo é um castigo pelos meus erros. Estou preso ao passado e cada vez que tento ser feliz, ele me puxa de volta. Estou preso, Ella.

— Não diga, isso. Você só precisa se abrir, livrar-se dessa culpa.

— Não posso me livrar do que me pertence — fala e não me passa despercebido o tom depressivo de todas as suas frases nos últimos dias. Diego sofre e não faz nada para mudar, porque acredita piamente que merece suportar cada um dos seus tormentos.

— Não pertence — insisto.

— Você não sabe o que está falando. Se soubesse...

— Sei que é um homem bom, nada do que diga me fará mudar de ideia. Eu te conheço. Te amo.

— Matei a minha esposa, porra! Será que a maluca aqui não é você? Estou falando que sou um monstro e você não reage. Por que não me xinga como ela fazia? — Descontrolado, ele bate no tampo da mesa, fala mais alto do que deveria e, em pé ao meu lado, o nosso menino começa a chorar.

Ao vê-lo, Diego cai em si e o seu olhar se transforma bem diante dos meus olhos. É pura dor e então fica claro que o seu tormento é muito maior do que eu posso supor no meu achismo de quem não sabe quase

de nada.

Sinto vontade de gritar que não sou louca da mesma forma como acabou de fazer, mas sei que de nada adiantaria, não quando ele está fora de si. Sei que não estou louca, a minha reação é apenas a de quem ama, quem não acredita que ele seria capaz de matar alguém. A minha reação é de alguém que o conhece, como nem ele mesmo se conhece.

— Eu vou levá-lo para o quarto — aviso e, embora a minha vontade seja ficar, saio porque o Alex vem em primeiro lugar para mim e acredito que para ele também.

— Passarinho — incerto, ele me chama antes que eu deixe o seu campo de visão. — Tenho umas coisas para resolver. Talvez eu demore.

— Algo com o livro?

— Sim — fala.

— Fique bem, meu amor. — Dirijo-me para o nosso quarto, mas o sentimento que me acompanha é de que algo de ruim está prestes a acontecer.

Talvez seja uma bobagem da minha mente. Ou talvez seja um aviso de que a minha felicidade está escorrendo pelos meus dedos e minhas mãos estão atadas. Não posso fazer nada pelo Diego, concluo.

Talvez nem ele mesmo possa.



— Os anos se passam e nós acabamos sempre no mesmo lugar, Diego Estrada. — Com um copo na mão, já tendo bebido meia garrafa de vinho, Tony está ao meu lado, sendo os meus ouvidos, embora eu saiba que preferia estar em qualquer outro lugar.

— O meu mundo está desmoronando, meu amigo. Eu vou perder a minha mulher e não posso fazer nada para evitar isso.

— É claro que está. Anos atrás, quando tudo aconteceu, você não soube lidar com a situação como qualquer pessoa normal faria. Preferiu se isolar, se afastar das pessoas. Não se permitiu sofrer, agora a conta está vindo em dobro. Eu sinto muito.

— Não vai falar que a culpa não foi minha? — questiono ao levar o copo à boca.

Estamos no meio de tarde, saí de reuniões pouco produtivas, liguei para Tony e vim para o clube pela primeira vez sem o meu passarinho.

— Não vou porque sei que não vai adiantar. As suas questões só você pode resolver, meu amigo. Ninguém mais pode, nem o seu passarinho. Só tome cuidado para não a perder em meio a essa loucura. — Cada palavra sua é como um tapa na cara. Pela primeira vez Tony fala assim: duro e sem se importar em medir as palavras.

Mas quem disse que não é disso que estou precisando?

— Em uma das nossas últimas discussões, Larissa falou que eu jamais seria capaz de amar alguém. Que morreria sozinho...

— Esse é o seu problema, cara, dá muito poder a tudo o que Larissa falou. Uma pessoa que estava doente. E faz tudo isso para se martirizar por erros que vocês dois cometerem. Livre-se dessas correntes, porque no dia que conseguir, voltará a ser Diego Estrada e não a sombra dele.

— Eu não sei mais como ser Diego Estrada — confesso, virando o copo que acabo de encher. — Não lembro mais quem eu era antes de deixar Santa Rita, alguém digno do amor da Ariella.

— Descubra, antes que perca a sua mulher para sempre. Não queira perder o amor de uma pessoa preciosa como a garotas das flores, meu amigo.

— Você não está ajudando, cara.

— Falo justamente por ser seu amigo. E por isso mesmo estou indo. Não é da minha companhia que você está precisando.

Assim que ele sai, mais e mais copos de bebidas são enchidos, o dia vira noite, a minha mente está entorpecida e ainda assim não estou pronto para voltar para casa. Não quero ter que encarar a minha branquinha, permitir que me veja dessa forma, embora tudo o que eu mais quero seja falar tudo para ela e torcer para que continue me amando.

Então eu volto atrás porque sou covarde, porque não quero que me veja diferente. Que o seu amor não seja mais meu.

Sozinho em uma mesa de canto, observo o lugar começando a encher, então o de sempre acontece: casais e trios tocando-se sem cerimônia. Demonstrações em público que eu mesmo fiz com o meu passarinho muitas vezes. Mas ela não está aqui.

Como eu queria que ela estivesse aqui. Que lembranças do passado não estivessem me atormentando todas as noites e nos afastando mais a cada dia que passa.

— Sozinho, hoje? — A voz da mulher, a mesma que se insinuou na frente da minha namorada, interrompe o fluxo dos meus pensamentos.

— Isso não te diz respeito. Dê o fora daqui!

— Doce como sempre! Esse é o meu Diego, confesso que não estava te reconhecendo nas últimas semanas. — Sem a minha autorização, a mulher senta-se no meu colo, mas só fica o tempo que levo para reagir.

— Eu não estou interessado, será que isso não está suficientemente claro? Levante-se, porra! — Até mesmo ela tem o seu orgulho e se afasta depois da minha rejeição. — Deixe-me sozinho. — Irritada, faz como peço e então posso voltar para a minha bebida.

Envergonhado pelas minhas fraquezas e não querendo que Ella me veja da forma como estou agora, fico no clube até o início da madrugada, por acreditar que já estará dormindo quando eu chegar. Antes de alcançar o carro e com a mente parcialmente entorpecida pelo álcool, pego o celular no bolso, ligo-o e constato que há 30 ligações perdidas e mensagens de texto da Ella.

Está preocupada e provavelmente não me livrei de ter que encará-la.

Quando pego a estrada, as lembranças do passado se misturam com o que tenho feito nos últimos dias com a minha mulher e então tudo o que eu penso é em chegar logo em casa. Acelero o carro sem pensar nas consequências.

Eu só preciso chegar em casa... É o meu último pensamento

antes que a escuridão cubra os meus olhos.



— Por favor, meu amor, atenda!

Falo para o celular, como se ele fosse me responder, depois de ter caído pela centésima vez na caixa de mensagem.

Mais cedo, ele saiu sem explicar muito bem para onde ia, passou o dia fora de casa e a essa hora ainda não voltou. Diego desligou o celular, algo que não faria se estivesse bem. Mesmo que não se preocupasse comigo, ele o deixaria ligado por causa do filho. Ele o ama e se preocupa demais para ficar tanto tempo sem ligar para saber dele.

Eu também tenho o meu orgulho e não teria ligado tanto se a babá não tivesse me avisado que Alex estava com febre. Sem experiência, me desesperei quando cheguei em casa e vi o meu menino tão amuado.

Felizmente, a babá, além de experiente, não é mãe de primeira

viagem. Levou-nos ao hospital mais próximo e o Alex foi atendido por um pediatra. A febre, que já baixou, é apenas sintoma de uma virose e ele já está bem mais alegre.

Embora a preocupação com o pequeno tenha passado, o mesmo não posso dizer com relação ao pai dele. Já é tarde da noite, Alex está dormindo e há horas não faço nada além de andar de um lado para o outro. O homem não entra por essa porta e começo a crer que realmente possa ter acontecido alguma coisa.

Quando estou pronta para ligar no seu celular mais uma vez, ouço o interfone tocar. A minha primeira reação é respirar aliviada, mas em seguida vem o balde de água fria. Diego não teria por que interfonar, ele tem as chaves de casa.

Com o coração aos trancos e o corpo trêmulo pelo mau pressentimento, rumo até o aparelho, atendo a chamada e sou informada que o Tony está na portaria. Autorizo a sua subida e a minha ansiedade me faz esperá-lo na porta.

— Boa noite, Ella.

— Boa noite. — Dou passagem para que ele entre, acompanho-o com o olhar e, pela sua expressão, está claro que tem algo de errado acontecendo. — Antônio, o que faz aqui tão tarde da noite? O meu leão, onde

ele está?

— Ella, por favor, eu preciso que você fique calma...

— Não me peça uma coisa dessas! Só me diga onde está o meu namorado, já está tarde e ele ainda não chegou. Você estava com ele?

— Estive mais cedo. Eu o encontrei no clube... — Ele se interrompe porque provavelmente viu a sombra de decepção passar pelo meu rosto. — Ele estava bebendo sozinho.

— Bebendo?

— Eu o deixei e, em algum momento, o idiota decidiu que era uma boa ideia pegar o carro e vir dirigindo até aqui.

— Onde ele está agora? Fale de uma vez! — exijo.

— Ella, o Diego sofreu um acidente de carro.

— Acidente... de carro...

Eu já não reconheço mais a minha voz, não tenho certeza se ainda sei como respirar quando a minha garganta ameaça se fechar. Tenho a sensação de estar sufocando e que nada pode me ajudar.

— O meu Diego, não... — Rapidamente, lágrimas vêm aos meus olhos, mas não mais rápidas do que os pensamentos ruins.

— Calma, passarinho, por favor... pense no seu filho. — Nem

percebo o momento em que ele se aproxima, apenas sinto o toque da sua mão no meu ombro.

— Onde ele está? Fale! — Perco o controle e falo mais alto do que deveria. — Diego não pode estar...

Começo, mas não tenho nem mesmo coragem de completar a frase. Então Tony começa a falar e eu sinto como se o mundo à minha volta estivesse se movendo de maneira diferente.

Capítulo 52



O toque é leve e suave como a pétala de uma rosa, o perfume também é floral. Ambos me convidam para um lugar bonito, onde a dor e o medo não existem. Nesse lugar, todos os dias são de sol e o campo florido é o meu lar.

De repente o cenário muda. Já não sou o garotinho ao lado do pai, cavalgando em um fim de tarde. Sou adulto e, ao longe, lindas como uma bela pintura, avisto uma garota de cabelos vermelhos e uma criança. Eles sorriem e estão felizes. Parecem estar em paz e tudo o que eu mais desejo ao ver a cena é me aproximar e fazer parte dessa felicidade.

Tento me mover, mas os meus pés não me permitem, eles parecem fincados ao chão. O esforço que faço para ir até eles me causa dor, mas ela não parece maior do que a minha vontade de estar com a mulher e a criança.

A minha mulher e a minha criança.

Quando me dou conta de que o esforço é em vão e que a escolha não está nas minhas mãos, percebo que eu só queria que fosse diferente.

Eu só queria uma única chance de estar com eles e fazer tudo diferente.

— Senhor Estrada, por favor, tente se acalmar...

Ao longe, ouço uma voz desconhecida falar comigo, tento abrir os olhos, mas encontro dificuldade. Também tanto me mexer, mas sinto dores por todo o meu corpo.

Quando enfim desperto, a primeira coisa que noto é uma mulher de meia idade levemente curvada sobre a minha cama. Ele me observa atentamente e parece satisfeita com o que vê.

— Onde... eu... estou? — O esforço para me comunicar faz com que uma pontada de dor fina rasgue o meu crânio. — Merda!

— O senhor está em um hospital e não é bom que fique se

debatendo dessa forma.

O meu cérebro registra somente a primeira parte da sua fala e então, rapidamente e deixando a minha cabeça e o meu corpo ainda mais doloridos, as lembranças de tudo o que aconteceu vêm à minha mente.

Eu saí do clube bêbado, peguei o carro, perdi o controle e o bati contra um poste.

Caralho! O que foi que eu fiz?

— A minha mulher, onde está o meu passarinho? O meu filho...

— Passarinho, que fofo — fala, recebe o meu olhar que diz que não me importo com o que ela acha ou deixa de achar fofo e em seguida olha para o meu lado esquerdo.

Deitada em um sofá que mal a acomoda, a minha mulher dorme serenamente. Parece um anjo de tão linda, mas a imagem, ao invés de trazer sentimentos de alívio e felicidade, comprime o meu peito com pesar, com a dor de ter falhado.

— Ela está aqui desde ontem. Não saiu do seu lado nem por um segundo sequer — diz e não obtém respostas, porque não existem palavras que possam ser ditas neste momento.

Eu só preciso que a mulher saia e me deixa com a minha dor,

que não é só física, com os meus pensamentos e com o meu passarinho. Provavelmente percebendo o que quero, a enfermeira termina de checar alguma coisa na sua prancheta e diz:

— Apesar do corte profundo na cabeça e esse braço imobilizado, o senhor está bem. Tem muita sorte de a sua irresponsabilidade no trânsito não ter resultado em algo mais danoso. Descanse, porque é disso que o seu corpo precisa.

Depois da bronca que certamente mereço, ela sai do quarto e então posso admirar a garota das flores em seu sono. Só o fato de despertar e tê-la aqui já faz com que eu me sinta melhor, embora não mereça.

Vendo onde estou e sentindo as consequências dos meus atos irresponsáveis e das decisões tomadas sem pensar nem por um momento na minha mulher e o meu filho, dou-me conta de que ontem fui longe demais. Atravessei uma linha perigosa, uma barreira que há muito tempo estava por se romper. Algo que não devia e não pode continuar acontecendo, não quando corri o risco de deixá-los sozinhos.

Por anos, venho fugindo, acreditando que tenho o controle da situação. Até mesmo nos últimos dias eu acreditava nisso, mas então tive que pegar um carro e jogar contra um poste para entender que já não posso seguir assim, que embora doa revisitar o passado, quando tudo o que eu quero é

esquecer, dói muito mais pensar que a falta de controle de ontem poderia acontecer em um momento em que eu não estivesse sozinho no carro.

Muito maior do que as dores pelo corpo é a dor de olhar para a minha jovem namorada e imaginar que um dia posso perdê-la para sempre e tudo por minha culpa.

Do meu passado feio já suportei muitas coisas, mas perder o amor da minha Ella seria demais para mim, eu não preciso passar pela experiência para saber que desse baque eu não voltaria a me reerguer. Não quando ela é a luz que existe em mim, quando sem ela tudo em mim é feito de escuridão.

— Amor, está chorando?

Eu estivesse tão absorto em meus próprios pensamentos que perdi não só o momento em que ela acordou, como também quando veio se sentar ao meu lado na cama de hospital. O toque macio da sua mão, suave como uma pétala, é a mesma sensação que senti enquanto estava inconsciente, o perfume floral e os beijos suaves no meu rosto me puxam para a realidade em que ainda a tenho aqui, ao alcance das minhas mãos, perto do meu coração.

— Eu não estava chorando. — Toco o meu rosto e o fato de estar úmido diz o contrário.

Ao olhar para o outro braço, faço uma careta de dor, mas ao mesmo tempo sinto alívio por não ter sido pior. Levo a mão do braço bom à cabeça e toco no tecido áspero, o que justifica a dor que sinto nela.

— Você bateu a cabeça contra o volante quando perdeu o controle da direção, teve um corte profundo da testa e um braço deslocado, mas vai ficar bem — assevera, mas a sua expressão não é a de quem acaba de dar uma boa notícia.

— Eu sinto muito, amor — falo com sinceridade, buscando o seu olhar, mas Ariella está olhando para a janela, tudo para que eu não perceba o que está fazendo. — Por que você... Ai! — Tenho a péssima ideia de tentar tocá-la, mas sou obrigado a recuar por causa do meu corpo dolorido.

— Diego, tudo bem? — Alarmada, Ella enfim chega perto o suficiente, então eu a abraço com o braço livre, não me importando com a dor. Só precisando sentir a minha mulher.

Alimentar-me da sua presença e lhe dar a força de que precisa, ainda que tenha sido eu a fazê-la chorar com tamanho desespero.

Por um tempo, fico com ela nos meus braços, agarrada a mim com força e chorando de soluçar. O meu coração se quebra e se reconstrói várias vezes porque é assim que me sinto quando estou nos seus braços, onde começo e termino.

Quando se sente melhor, Ella se afasta, com os lábios trêmulos e os olhos inchados. Espero que ela fale, pois sei que precisa desabafar e eu preciso ouvir.

Mais do que falar, no momento, eu preciso ouvir.

— Eu tive tanto medo de te perder... — começa e dá um tempo, porque parece difícil demais e eu, segurando sua mão, espero pelo seu tempo. — Por que fez uma coisa dessas? Será que eu e o seu filho valemos tão pouco para você? — A sua fala não esconde o quanto está sentida pela atitude que tive. — Por um segundo, nem que tenha sido só por um segundo, você pensou no que estava fazendo, antes de sair dirigindo embriagado?

Quando balanço a cabeça em negativa pela sua última pergunta, a minha garota das flores já não aceita mais o meu toque, separa as nossas mãos, levanta-se e me vira as costas.

— Ella, acho que nós precisamos conversar.

Depois de minutos no mais completo silêncio, tomo coragem para falar o que venho escondendo desde o dia em que decidi dar uma chance para a paixão que estávamos sentindo. Fatos que, por fraqueza e covardia, preferi esconder. Sobretudo, fiz isso por medo de perdê-la.

O medo ainda existe e, se possível, está ainda maior depois do acidente. A diferença é que agora sinto que não existe mais uma escolha.

Precisa deixar tudo às claras, entender o meu passado e saber quem sou de verdade. Ela precisa saber e então decidir o que é melhor para a sua vida. Se será capaz de seguir amando alguém como eu.

É um risco que nunca quis correr, mas já não pode ser de outra forma.

— Agora você quer conversar? — fala em tom de ironia, virando-se de frente para mim.

Está triste e pela primeira vez parece ter mais idade do que os seus 19 anos. A leveza, que sempre a acompanhou, sumiu.

— Se quiser me ouvir. — Sinto-me inseguro e os segundos para que tenha uma resposta me parecem horas.

Estou certo de que não será fácil reviver toda uma história neste momento, mas também acredito que essa parte da nossa relação precisa ser superada. Antes de ela e eu tomarmos alguma decisão, preciso me abrir.

Ariella não diz nada, apenas encurta a distância que nos separa e volta a se sentar ao meu lado, mas esconde a mão quando tento segurá-la. Ressinto-me com o gesto porque é a primeira vez que me nega um toque.

— Preciso que entenda que não é uma história bonita...

— Eu sei que não é, Diego. Só quero que conte e me faça

entender, porque da forma como agiu, começo a duvidar do amor que diz sentir por mim.

— Não diga isso, meu amor. — Mesmo com a dor, tento tocá-la, mas Ella estende o braço, formando uma barreira entre os nossos corpos.

— Estou ouvindo.

Tendo a sua expressão vazia a me observar, começo a minha história desde a infância feliz nos roseirais e nas terras de meu pai que eu tanto amava. Noto que um sorriso tímido se apresenta no seu rosto e acredito que seja por imaginar como eu era quando criança, amando Santa Rita, assim como ela mesma sempre amou.

Fica mais atenta quando o nome de Larissa surge e parece incomodada quando digo que era uma moça bonita e cobiçada pelos rapazes da vila.

— Então o namoro era como o nosso? — questiona quando menciono o início da minha relação com a mãe do pequeno.

— Não como o nosso, passarinho. Ninguém é tão safado quanto você, e eu nunca estive tão apaixonado por nenhuma outra mulher como sou por você, nem mesmo pela Larissa. — Gosta do que ouve e prossigo.

Detalho como Larissa era uma garota ambiciosa e queria deixar Santa Rita para trás. A minha mulher, por mais que eu tente deixar claro,

parece não entender como pude mudar tanto e ir de amar nossa terra para nutrir os mesmos desejos da minha namorada.

— Seu pai deve ter ficado muito decepcionado.

— Ele ficou, sim, mas nunca me amou menos por isso. O meu velho tinha os seus planos para mim, mas deixou que eu seguisse o meu próprio caminho.

Revelo como foram os meus primeiros meses na grande metrópole e de como não demorei a perceber que não era o meu lugar. Para a minha garota, eu deveria ter deixado tudo para trás e voltado para casa. Eu teria feito aquilo, se não tivesse sido fraco e enraizado em mim a ideia de que não podia mais voltar atrás, de que já tinha feito a minha escolha e tinha que seguir em frente.

Ciumenta, Ella fecha a cara todas as vezes em que falo de como era a nossa relação, mas ela logo se dá conta de que não existe nada de bonito na minha história com Larissa.

— Por que Larissa fez isso? — protesta, indignada, quando ouve a respeito da dupla traição.

— Era ambiciosa demais e estava ressentida por não ter de mim o que tanto desejava: companhia para ir aos eventos mais badalados da cidade e atenção.

Fica horrorizada quando falo da sua primeira tentativa de tirar a própria vida, de como a minha vida tornou-se um inferno pelos anos que se seguiram, da culpa e das cobranças para que ficasse ao seu lado por parte da sua família e dos nossos amigos.

Quando a conversa se torna difícil e eu começo a ter dificuldades para prosseguir, o passarinho deixa de lado a distância que tinha imposto a nós e deixa que eu a toque. O ato tem o poder de me dar forças e faz com que eu me sinta melhor, porque tudo parece mais fácil quando estou ao seu lado.

— Mas você também estava sofrendo, será que ninguém via isso? — irrita-se e a sua propensão em me defender é tocante. — Como poderia cuidar de alguém doente se você também não estava bem, meus Deus?

Os seus olhos estão novamente marejados e me culpo por jogar o peso da minha história feia sobre os seus ombros.

— Não fique assim, meu amor. Está tudo bem.

Dando-me um sorriso triste, Ariella se curva sobre o meu corpo e beija de leve os meus lábios.

Percebo que estava com tanta saudade do seu beijo, como se estivesse há meses sem prová-lo.

Ella não gosta de ouvir sobre como Alex foi concebido. De

como caí na conversa da Larissa quando um dia decidi que queria relembrar o início do nosso namoro. Bebemos mais do que deveríamos e, pela manhã, ao acordar ao seu lado na cama, ficou claro que tínhamos transado e que ela havia planejado tudo, já que eu mal me lembrava do que tínhamos feito.

— Coitado do meu bebê, não merecia isso — fala triste, após ouvir que, semanas depois da minha única noite de fraqueza e depois de anos sem tocar na minha esposa, ela me deu a notícia da gravidez.

— Não fique assim, passarinho. Eu amei o meu filho desde o primeiro momento. Desde o dia em que eu soube da gravidez da Larissa, ele se tornou a única coisa boa que eu tinha. Era quem me fazia seguir em frente. O Alex me salvou e eu daria a minha vida por ele.

— Ele tem sorte de ter um pai como você.

— O sortudo sou eu, acredite.

Para amenizar o clima carregado de tristeza, conto como conheci o clube de sexo e de como descobri que era sádico. Compreende que por muito tempo o clube e as mulheres desconhecidas foram a minha válvula de escape, o que também foi tirado de mim quando Larissa descobriu o lugar.

— Vê-la naquele quarto fez com que eu me sentisse sujo e o som da sua voz chamando-me de mostro por sentir prazer em infligir dor me acompanha até hoje, como um aviso do que me tomei. Antes de morrer

Larissa me disse coisas terríveis...

— As palavras dela não deveriam ter esse poder sobre você, meu amor. — Ella segura o meu rosto com as duas mãos para que eu a olhe, mas não consigo, a minha mente está perdida no passado, como se estivesse revivendo cada momento outra vez, e continuo a falar, pois não sou mais capaz de parar.

— Aprisionado dentro de mim mesmo, como uma fera enjaulada, incapaz de amar. Foi o que ela diz. Como uma fera... Incapaz de amar e de ser feliz...

Sinto que estou repetindo sem parar as mesmas coisas, mas não posso me segurar.

— Diego, olhe para mim. — Ouço-a e olho para ela, mas não consigo enxergá-la de verdade.

O passado acontece bem diante dos meus olhos e então prossigo, com a esperança de que no fim tudo acabe. Que os monstros irão embora e estarei livre.

— Naquela noite, eu transei como se o amanhã não existisse. Esqueci por completo de quem eu era, só para chegar em casa...

— O que a aconteceu quando chegou em casa, Diego? — Ao longe ouço a sua voz perguntar.

— O choro do meu filho, que tinha acabado de nascer. A babá tinha ido embora e o deixado sozinho com a mãe doente... Depois descobri que tinha me mandado uma mensagem, mas o celular estava desligado. Eu ouço o seu choro até hoje — falo e não tenho certeza se eu mesmo não estou chorando.

— Meu amor, já chega. Você não está bem...

— Não sai da minha mente a nítida imagem dela desacordada ao lado do berço do meu filho. Tinha um frasco de remédio nas mãos... Ela escolheu a saída mais fácil e me deixou aqui, suportando o peso dos nossos erros... Larissa se matou por minha causa... Eu não a enxerguei. Fui incapaz de amá-la.

— Não, meu amor, não diga essas coisas, você não tem culpa. —
De onde estou, percebo que sua voz está diferente.

Eu fiz a minha Ella chorar.

Eu também fazia a Larissa chorar.

Eu matei a mãe do meu filho.

Não quero que aconteça o mesmo com a mulher da minha vida.

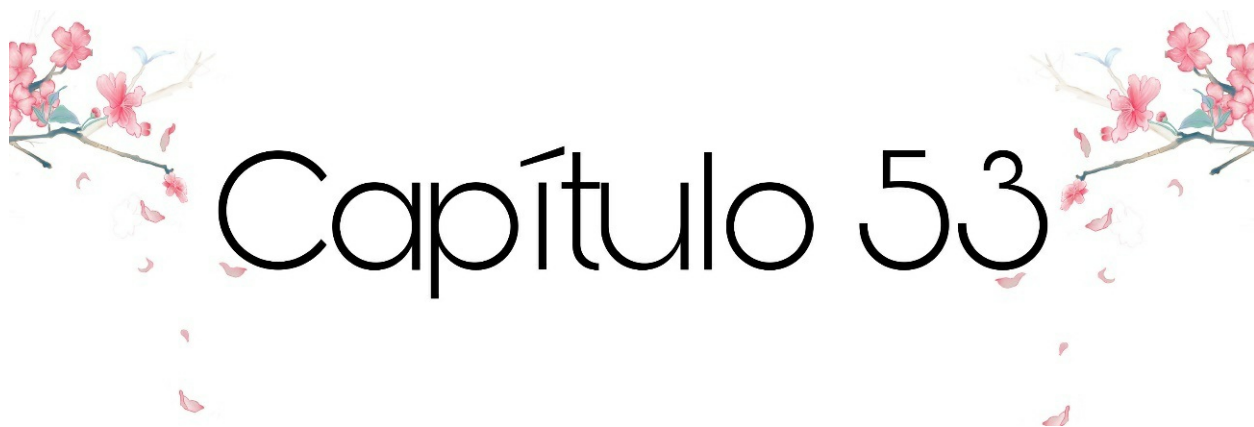
— Olhe para mim... Pare de falar essas coisas, por favor, Diego.
— Ouço a sua voz doce e sinto seu toque suave, mas estão distantes demais.

A dor é maior, porque assim tem sido a minha vida, nada parece maior do que a dor. Então sinto o toque suave e macio dos seus lábios, sinto o gosto das suas lágrimas e, quanto mais o beijo se aprofunda, mais perto dela e longe da dor eu me sinto.

Então percebo que nem a dor ou qualquer coisa é maior em mim do que o meu amor por ela e pelo nosso filho.

Quando, aos poucos, afastamos os nossos lábios, nos fitamos como pessoas que se amam com loucura, mas que sabem quem o amor nem sempre é o bastante.

— Passarinho, meu amor... — começo, com a voz embargada, o que será uma das coisas mais difíceis que já tive que dizer em voz alta, a admissão que relutava em fazer para mim mesmo. — Eu não estou bem, preciso de ajuda.



Capítulo 53



Dois dias depois do seu acidente e um depois da conversa difícil, porém esclarecedora, meu amor enfim está vindo para casa. Tendo o nosso filho todo arrumadinho e com o almoço pronto, espero que entre por essa porta e que tudo fique bem, pelo menos na medida do possível.

Depois da nossa conversa em que vi um Diego completamente quebrado e vulnerável, sem qualquer máscara, e que terminou com o seu pedido de ajuda, não voltamos mais a tocar no assunto, agimos como se tivéssemos feito um acordo silencioso e temporário de não falar de temas difíceis enquanto estivesse no hospital.

Não falamos, mas nem por um segundo consegui esquecer de tudo o que me revelou. Para mim, ficou mais do que claro que dirigir em alta velocidade e bêbado foi um ato de desespero e total falta de controle. Agora que sei de tudo pelo que o meu Diego passou, não consigo mais manter a postura de antes, entendo que, embora ele não se veja dessa forma, foi forte e suportou tudo sozinho por tempo demais.

Amou o nosso filho quando dentro dele não havia mais amor. Amou-me quando um péssimo relacionamento tinha sido a causa da sua ruína. O meu leão está muito mais ferido do que eu poderia imaginar, mas agora que a venda foi retirada dos meus olhos, tenho ganas de ajudá-lo, de nunca sair do seu lado. Ajudá-lo a ficar bem por nós e pela nossa pequena família.

Quando a porta se abre e eu o vejo com um curativo do lado direito da testa e o braço mobilizado, tenho de me segurar para não pular em seus braços. Sinto que, se já o amava antes e vivia correndo atrás quando muitas vezes nem merecia, agora que o conheço por completo amo ainda mais.

— Boa tarde, amor. — Caminha devagar e pega o filho com o braço livre, embora saiba que o corpo precisa de descanso. Olho feio para ele, que dá de ombros e começa a conversar e beijar o pequeno.

— Bom, a mocinha está entregue, agora eu tenho que ir. — Da porta, ouço a voz do Tony, que estava sendo completamente ignorado.

— Obrigada por tudo, Tony — agradeço não só por ter ido buscá-lo no hospital, como também por ter sido tão gentil comigo quando veio me dar a notícia do acidente.

Eu desabei e ele me amparou. Precisei ir para o hospital e ele ficou com o meu filho e pediu para que um dos seus homens me levasse.

— Não agradeça, passarinho, o seu namorado faria o mesmo por mim, acredite. O Diego, apesar do que pensa de si mesmo, é uma das melhores pessoas que tive a chance de conhecer.

— Eu sei.

Quando retorno à sala, eu o encontro sentado no sofá, observando o filho, que brinca sobre o tapete, alegre e falando palavras inteligíveis.

— Você está bem? — Sento-me ao seu lado, bem pertinho, mas o clima entre nós dois parece estranho. Como se estivéssemos distantes, embora eu esteja me sentindo mais próxima dele do que antes.

— Melhor agora que estou em casa.

— Está com fome? Eu preparei um almoço especial para você.

— Morrendo de fome e doido para provar do seu tempero depois de dois dias daquela comida de hospital.

O clima da nossa refeição é descontraído, principalmente por causa do nosso Alex, que não para de falar e cada palavra que sai totalmente errada nos deixa bobos e orgulhosos.

Quando terminamos, voltamos para a sala e ligamos a televisão. Alex brinca enquanto ficamos abraçados no sofá e a sua mão leve, fazendo movimentos circulares da minha barriga, deixa claro que o clima estranho que senti antes chama-se tensão sexual. Que a sensação de distanciamento é porque gostaria de estar em cima dele, amando-o com o meu corpo, assim como faço com o meu coração, que está prestes a explodir.

Quando Alex começa a ficar enjoadinho por causa do sono, aviso que o irei colocá-lo na cama e ele diz que irá me esperar no nosso quarto. Para a minha alegria, o bebê não demora a dormir e a primeira coisa que ouço ao entrar no nosso quarto, que há dias deixamos de dividir, é o som do chuveiro.

Ansiosa e excitada, tiro toda a minha roupa, tento surpreendê-lo, mas sou surpreendida.

— Pensei que não viria ajudar o seu homem a tomar banho.

— Pensei que ele já soubesse — provoco.

— Quando eu estiver bem o suficiente, me lembre de sorrir essa sua bundinha, para que deixe de ser tão impertinente. — Sorri, me agarra sem se importar muito com a dor que o movimento pode causar e se importa menos ainda com os malabarismos que faz para transar embaixo do chuveiro sem molhar o curativo e a tala no seu braço.

Embora o meu lado racional saiba que eu deveria ser mais cuidadosa e frear os seus impulsos, não sou forte o suficiente para resistir ao seu toque. Deixo que me ame e o amo de volta porque estava com saudade de nós dois assim.

— Minha... — fala ofegante no meu ouvido quando me penetra profundamente, prestes a gozar.

— Para sempre...

Com a boca gananciosa na minha, alcançamos juntos o pico do prazer e estou tão agarrada a ele que é praticamente impossível saber onde um começa e o outro termina. O torpor da satisfação sexual é intenso, mas não me deixa esquecer por completo que temos uma conversa inacabada, que meu leão admitiu que não está bem, mas, além do alívio de saber que ele está consciente quanto a isso, fica o medo de saber o que tem em mente. Se pensou em algo e o quanto uma decisão sua pode afetar a nossa relação.



Contemplando o movimento da cidade quieta, os meus pensamentos me levam para o meu quarto, onde deixei a minha mulher dormindo. Parecia tão serena, uma imagem para ser emoldurada em um quadro. Amar o seu corpo mais cedo era tudo do que precisava, porque me fez sentir em casa outra vez.

O meu passarinho é a minha casa e sempre que estou nela, sinto como se o mundo fosse um lugar ideal. Nele existem apenas três pessoas: eu, ela e o nosso filho. Mas então o momento passa, eu me afasto e sou obrigado a enxergar as coisas como elas são.

Eu a amo, mas isso não basta. Abri o meu passado para ela, mas só isso não é o suficiente. O acidente, que poderia ter sido evitado se eu não estivesse tão perturbado, parece ter ligado uma chave na minha cabeça e me fez aceitar o que antes fingia não ver.

Eu não estou bem, nunca estive realmente bem. Tenho o psicológico completamente fodido e, por mais que ame Ella com tudo o que

há em mim, não posso fazê-la feliz, se eu mesmo não consigo ser feliz por completo. Não posso seguir em frente, já que não confio mais em mim mesmo para garantir o bem-estar da minha família.

O que aconteceu poderia ter sido pior e na minha mente não para de passar a ideia de que eu poderia não estar sozinho naquele carro, de que eu poderia ter colocado os dois em risco por causa da minha falta de controle. Pior do que pensar no que poderia ter sido é saber que pode piorar, que se eu não fizer nada agora, não estou livre de fazer mal às pessoas que mais amo.

Aprendi a me esconder e a minha omissão foi a causa de parte dos meus problemas, mas, desta vez, por mais que seja difícil tentar derrubar a muralha de proteção em volta de mim mesmo, preciso tentar consertar as coisas. Preciso de ajuda, redescobrir quem sou para depois me sentir no direito de ser e fazer alguém feliz.

— Está tudo bem? Eu acordei e você não estava na cama... —
Ela me abraça por trás, é só basta isso para que eu me sinta vivo.

— Estava sem sono. — Viro-me de frente para ela, olho bem para os seus olhos azuis que tanto amo e o meu coração acelera só de pensar que o momento da nossa conversa definitiva chegou.

— Por que está me olhando dessa forma? Parece estranho. —
Toca o meu rosto com a sua mão macia e eu aproveito. Assim farei a partir de

agora, aproveitarei cada pequeno toque, como se fosse o último.

— Nós precisamos continuar aquela conversa, amor.

— Agora de madrugada? Vamos deixar isso para depois, venha para a cama — chama, olho para o seu corpo, que veste somente uma das minhas camisetas, e fico tentado, mas resisto porque sei o que está tentando fazer.

Eu também gostaria de adiar essa conversa, mas sei que não é assim que as coisas funcionam, que foi por adiar demais que cheguei a esse ponto.

— Por favor, passarinho. É importante.

— Tudo bem — fala, apreensiva.

Seguro a sua mão e a levo para o sofá. Sentamos lado ao lado, com os corpos voltados um para o outro e, olhando-a assim, tão linda e tão *fodidamente* minha, sinto-me até melhor com a decisão que tomei durante os muitos minutos em que estive sozinho com os meus pensamentos e o som dos carros indo e vindo.

— Sobre o que conversamos no hospital...

— Eu sinto muito, Diego. Eu não posso nem imaginar o que seria estar na sua pele, passar por tudo o que passou. Agora tudo faz tanto

sentido... — Ela se perde por um momento, mas logo volta a atenção para mim e prossegue: — Mas saiba que nada mudou. Eu te amo da mesma forma e até mais, se for possível. Você, leão, não é o monstro dessa história, foi uma vítima tanto quanto a sua falecida esposa.

— Eu não vejo e não me sinto dessa forma, entende, meu amor?
As coisas não são tão simples assim.

— Mas por quê? — questiona, pois para ela e qualquer outra pessoa que vê de fora, é difícil entender.

— Eu estive em uma relação doentia por muitos anos. A minha esposa era depressiva e tinha surtos psicóticos, foi isso que os médicos falaram. Na noite em que sofreu uma overdose de remédios, Larissa tentou entrar em contato comigo várias vezes, mas o meu celular estava desligado. Assim como também estava desligado há dois dias quando tentou falar comigo porque o nosso filho estava doente. Naquela noite, eu estava tentando fugir dos meus fantasmas, assim como estava na noite em que Larissa morreu. Entende por que não é tão simples?

— Entendo — diz e a sua voz não esconde o rastro de tristeza.

— Larissa estava doente e eu, de certa forma, também estava. Não soube lidar com os meus erros, com Larissa e nem com a sua morte. Ela me disse coisas terríveis que tomei como verdade. Isolei-me das pessoas,

porque acreditava que assim estaria me protegendo e protegendo as pessoas de estarem perto de um monstro como eu.

— Você não é um mostro, Diego — fala, com os olhos marejados e balançando veementemente a cabeça em negativa.

— Mas é assim que me vejo. Sinto-me perdido e sem saber quem realmente sou desde o dia em que saí de Santa Rita. Sobretudo, sinto-me culpado pela morte da mãe do meu filho. Eu não soube como amá-la, não soube como cuidar dela.

— Você não poderia cuidar dela, amor.

— Até você aparecer, eu vivia bem com os meus fantasmas, porque faziam parte da vida que escolhi, mas então eu te amei — ela agora sorri entre lágrimas — e passei a querer ser diferente. A não mais me esconder do mundo. A não mais acordar durante as noites com pesadelos que recriavam toda a minha história em detalhes. Pesadelos que me mostravam que não posso e não mereço ser feliz.

— Você pode sim! — Com a mão suave, toca o meu rosto; eu a seguro e beijo a sua palma.

— Eu não quero ser o homem que te acorda no meio da noite com pesadelos, que tem mudanças bruscas de humor e te faz chorar. Eu não quero ser o homem que desliga o celular porque precisa se isolar e nem o que

coloca a própria vida e poderia colocar a vida das pessoas que ama em perigo. Quero amar e fazer você feliz sem ter a sensação de que não te mereço, de que não deveria ter sido premiado com alguém como você.

— Diego, o que está tentando me dizer? — pergunta, ao limpar as lágrimas que escorrem livres pelo seu rosto.

— Eu já tinha ouvido isso antes, inclusive de você, mas só agora admito que preciso de ajuda profissional. Percebi que não posso mais fugir, preciso enfrentar. Preciso me tratar, porque não quero terminar como a Larissa. Ou pior, não quero que você termine como ela...

— Não diga uma coisa dessas, Diego! Você me ama e eu te amo. Olhe para mim. — Com as mãos, segura o meu rosto e tem para si os meus olhos rasos pelas lágrimas derramadas e uma profunda dor pela decisão drástica, porém necessária que tomei.

— O meu amor não é saudável, passarinho. Eu não estou bem comigo mesmo, como posso te dar o que você e o meu filho merecem?

— Você me faz feliz... Mas tudo bem, eu entendo e vou te apoiar em qualquer decisão, não sairei do seu lado por nada neste mundo enquanto se cura...

— Ella, meu amor, me escute. — Ela se cala e eu prossigo com a parte mais difícil. — Neste momento, eu preciso ficar sozinho.

— Desculpe, eu não entendi — afirma, alarmada.

— Será um momento de busca interna em que eu não posso fraquejar. Não quero viver apavorado com o medo de estar te perdendo no meio do processo, quando as coisas se tornarem difíceis, porque, acredite, elas vão ficar. Terei que revisitar o passado muitas vezes e nunca é bom quando isso acontece, você sabe disso. Não quero viver com o peso de saber que estarei te impondo o meu sofrimento...

— Não continue com isso, Diego. Eu não quero ouvir mais nada — Solta a minha mão, vira-me as costas, mas a impeço de fugir ao segurá-la pelo braço.

— Por favor, me entenda e não torne as coisas mais difíceis...

— Você realmente está louco se pensa que eu vou te deixar — fala e já está novamente chorando. Agora, além de chorar, tem o corpo todo trêmulo. — Eu não... vou fazer isso. Vou ficar do seu lado, você precisa de mim.

— Eu preciso que você fique bem, amor. Preciso saber que está feliz. Só assim isso será possível.

— Acha mesmo que eu vou ser feliz sabendo que está aqui sozinho, passado por tudo sem ninguém? Ou acha que existe a possibilidade de eu ser feliz longe de você? — Entre lágrimas de desespero ela se debate

quando eu a abraço, mas não demora a retribuir.

— Olhe para mim. — Seguro o seu rosto e vejo seus olhos marejados e vermelhos pelo choro. — Faça o que eu estou pedindo, confie em mim, por favor?

— Eu não posso fazer isso...

— Eu vou ficar bem, inteiro para você e, quando tudo acabar, te farei a mulher mais feliz sobre a face da terra. Não existirá mais fugas ou pesadelos, apenas eu sendo completamente seu. — Encosto as nossas testas, ela chora e eu faço o mesmo, porque sei que não será fácil, que embora eu queira que ela fique, para mim será melhor ficar sozinho como estive por dois anos antes de conhecê-la.

— Eu não saberei viver sem você...

— Não viverá. Sempre estarei por perto.

Depois de um tempo, apenas chorando baixinho e agarrada a mim, ela se solta do nosso abraço.

— O que quer que eu faça? — Faz a pergunta e parece estar resignada.

Por mais que esteja sendo difícil para nós dois e que agora não entenda muito bem, eu sei que, quando estiver pensando com mais calma,

perceberá que tomei a melhor decisão. Por mim, por ela e pela nossa família.

— Volte para casa, lá é o seu lugar. O nosso lugar e eu, quando estiver pronto, voltarei também. Para o meu lugar e para você.

— Eu quero que nosso filho venha comigo — fala. De imediato dou alguns passos para trás, tamanho o impacto que as suas palavras me causam.

Em nenhum momento durante a nossa conversa e antes dela, quando já tinha tomado a minha decisão de buscar por ajuda, o Alex passou pela minha cabeça. Não passou porque ficar sem ele nunca foi uma possibilidade. Ele sempre foi tudo o que eu tinha, o meu bote salva-vidas e o único que despertava sentimentos bons em mim. Antes da Ella, sempre foi somente nós dois.

Então ela está aqui, na minha frente, ouvindo que preciso que me deixe sozinho por um tempo e dizendo que irá levar o meu Alex.

— Eu não tinha pensado nisso.

— Não tinha pensado em quê? Que está me mandando embora para longe de você e do nosso filho. Que além de você eu também terei que lidar com a sensação de que estou perdendo o meu filho?

Por mais que este momento esteja sendo extremamente doloroso, ele chegou e eu não posso agir de outra forma. Eu nunca estive por tanto

tempo longe do meu menino, mas também não posso separá-los quando são tão apegados.

Ela está insegura porque é a pessoa que está sendo afastada, porque vai fazer o que não quer. Eu, apesar da dor, ficarei bem, porque tudo que farei será por eles. Sei que não demorarei a voltar para a minha mulher e o meu filho e este será um dia de recomeços. Dessa vez, do jeito certo.

— Você está certa — falo com dificuldade, a voz embargada e a sensação de que tem um buraco no meu peito. — Só me prometa mandar notícias dele todos os dias. Será mais fácil se eu puder vê-los. Relembrar que tudo valerá a pena porque que ficarei inteiro para você, para o nosso filho e todos os outros que teremos.

— Eu prometo... — fala em meio a soluços.

— Eu te amo, passarinho, com a minha própria vida.

— Amo você, meu leão, com tudo o que há em mim.

Com o gosto de lágrimas pela dor da separação e de todas as decisões que foram tomadas, nos beijamos e assim ficamos por um bom tempo, quando o beijo já não é mais o suficiente, a levo para o quarto e fazemos amor até estarmos sem forças para continuar, ou até que as lembranças do que somos juntos fiquem gravadas na nossa memória.



Capítulo 54



Mesmo com todo o sexo da noite, passo a madrugada inteira virando de um lado para o outro, depois da conversa difícil e decisiva que tivemos.

Não paro de pensar se estou ou não tomando a decisão certa em aceitar os seus planos, sofrendo por pensar que o deixarei tão solitário. Mas então, bem perto do dia amanhecer, vendo a noite virar dia, enfim aceito a realidade como ela é.

Eu não entrei em um relacionamento com Diego enganada, nem

foi a sua intenção me enganar. Ele me avisou de todas as formas possíveis, tentou me manter afastada, mas eu não quis enxergar. Acreditei que o meu amor seria o suficiente, que nada de ruim que passou poderia manchar a nossa felicidade. Estava muito errada. Por mais que me doa admitir, Diego não está bem.

As marcas que o meu leão carrega são muito profundas. Tão profundas que ninguém pode alcançá-lo, que o tornam incapaz de ver como realmente é, de ser feliz sem culpa, embora eu acredite que esteja equivocada a sua ideia de que não possa me fazer feliz. Ele não percebe, porque os seus problemas colocaram uma venda sobre os seus olhos, mas pode sim me fazer feliz. Mesmo com um passado e um psicológico tão fodido, me fez feliz como nem nos meus mais românticos devaneios acreditei que seria.

O meu coração está dilacerado, foi difícil entender e aceitar a sua decisão, mas eu sinto que ele está fazendo a coisa certa e que, de alguma forma, encontrará o caminho de volta para casa. Para mim e para o filho porque nós somos a sua casa.



Como nos velhos tempos, passei a noite em claro, mas, diferente de antes, não desejei que a noite acabasse, pelo contrário, quis que o ponteiro do relógio não corresse tão rápido. Que a manhã não chegasse. Mas chegou e eu tenho que encarar a realidade. Olhar para o meu passarinho e filho como nunca fiz antes. Olhar sem desviar a atenção, sabendo que por um tempo não poderei mais fazer isso.

Não mais o ouvirei chamando-me de papai a todo momento, empolgado por ser essa a mais nova palavra no seu vocabulário.

Não mais verei a minha branquinha empolgada com tudo o que aprende na loja de flores. Tocar o seu corpo do jeito que eu quero, da forma como ela espera e que me faz ansiar pelas suas súplicas.

Perderei tudo o que é luz na minha vida, mas saber que estarão bem me manterá são, me dará forças para que eu consiga enfim me libertar de todos os grilhões que me prendem.

— Bom dia — cumprimento quando saio do quarto e já os

encontro na cozinha. Ella tenta alimentar o pequeno, que acordou cheio de energia de manhã bem cedo, mas o seu rosto não esconde que, assim como eu, teve uma noite de insônia. Estava quietinha, mas sei que estava acordada, assim como senti o momento em que deixou os meus braços.

Além das olheiras, os seus olhos estão inchados, denunciando as lágrimas que derramou por minha causa.

— Está bem? — indaga e eu aceno positivamente.

Não deixa de ser verdade, porque embora a decisão tenha sido apenas o primeiro passo, um grande peso já saiu dos meus ombros só pela esperança que passei a carregar pela possibilidade de me libertar do passado e de tudo de ruim que vem com ele.

— Mais tarde vou à loja conversar com a Rosa sobre a minha partida.

— Não precisa ter tanta pressa — aviso, a fim de postergar o inevitável. Tome o tempo que quiser, amor. — Sento-me à sua frente para tomar café. — Vamos fazer tudo do jeito certo.

— Está bem. — Ariella não esconde a tristeza e acredito que o mesmo acontecer comigo. Apesar de tudo o que eu disse e de ela ter entendido o meu lado, a separação nunca é fácil, principalmente quando ela não é motivada por um término ou por uma briga.



Uma semana se passa e em todos os dias Ella e eu aproveitamos cada minutos do nosso tempo juntos. Aproveitamos para transar tudo o que não poderemos fazer por algum tempo e por duas noites seguidas vamos ao clube. Na primeira vez, passamos a noite no nosso sexo sadomasoquista e na segunda, com o meu passarinho sem condições de suportar o meu toque de dor pelas marcas da noite anterior, ficamos mais pelo salão, interagindo com outras pessoas e nos tocando em público, sem nos importarmos de sermos vistos e dando um verdadeiro show.

A cada dia que minha partida se aproxima, mais difícil tudo se torna.

Eu sei que estou tomando a decisão mais acertada.

Mas por que dói tanto?



Hoje é o dia da sua partida. Eu estou no aeroporto, perto da fila de embarque, com o coração comprimido dentro do peito, vendo ao longe as pessoas que são tudo para mim, comprando um pirulito para o pequeno que só não vive apenas de coisa doce porque a mãe não deixa.

— Tudo bem? — Levanto-me e vou até onde estão. De qualquer forma, não acredito que conseguiria ficar por muito tempo sentado, quando esses são os últimos minutos ao lado de ambos.

— Tentando ser forte — diz sincera.

De mãos dadas, vamos para perto da fila de embarque e é dado o aviso de que faltam apenas vinte minutos para o final do embarque.

— Ella...

— Eu... — falamos ao mesmo tempo.

— Tudo bem. Deixe-me falar. — Pego a sua mão trêmula e já começa a morder a parte interna do lábio inferior, fazendo força para não chorar. — Quero que vá sem olhar para trás. Não olhe para trás nem uma vez, amor, preciso que faça isso. Promete? — Ella balança a cabeça e desvia o olhar. — Não faça isso. Não agora. — Seguro o seu queixo e, com os olhos cheios de lágrimas, ela me encara.

— Eu não sei o que farei sem você...

— Sabe, meu amor. Sabe por que você é a garota mais forte que conheço. Sei que saberá como agir e tomará as melhores decisões. Saberá cuidar do nosso filho.

— Tem certeza de que quer isso? Estive pensando melhor ontem e em todo o caminho até aqui... Você precisa do Alex e ele é mais seu filho do que meu, eu só... — Enquanto fala, vejo como dói dizer tais palavras, porque não é no que acredita.

— Não é. Ele é tão seu quanto meu — afirmo, pois é no que nós dois acreditamos de verdade. O fato de não terem o mesmo sangue não significa nada para nós três. — Neste momento das nossas vidas, é preciso que Alex fique com você. Agora eu não posso ser egoísta.

— Por que tem que ser assim, Diego, por quê? — Vejo-a desmoronar na minha frente e me abraçar aos prantos.

Deixo que se quebre na minha frente, para que depois se reconstrua muito mais forte. Quando suas forças se esvaem, nos abraçamos e não nos separamos até que seja inevitável. Quando os nossos braços começam a se soltar, subo a mão até o seu rosto e o acaricio.

Tão linda e tão amada...

— Pensarei em você em cada minuto dos meus dias, porque

você é a minha luz. No dia em que me reencontrar e redescobrir quem eu sou, estarei inteiro para você. Quando me perdoar pelos meus erros do passado, saberei como te amar sem reservas.

— Vai me ligar e me deixar saber se está bem?

— Não poderia ser de outra forma — afirmo, vendo-a abraçada ao nosso filho, que está entretido com o pirulito e nem faz ideia do que acontece entre os pais.

— Prometa que seguirá em frente, que tentará, de alguma forma, ser feliz. Se estiver feliz, tudo será muito mais fácil para mim. Preciso que me prometa isso, meu amor — imploro, agora sem conseguir conter a minha própria emoção.

— Quanto tempo terei de esperar até que vá me encontrar? — A sua pergunta me surpreende, mas não o seu amor, que desde o início foi incondicional.

Mesmo que eu a esteja mandando embora, Ariella sempre esteve disposta a me esperar. Como a vida pôde me pregar uma peça dessas? Presenteou-me, logo eu que não mereço, com um amor tão puro e sem medidas como esse.

— Eu vou voltar para você — digo, sem responder a sua pergunta, porque não tenho uma resposta. — Não importa quanto tempo

demore e então será a mulher mais feliz desse mundo. Amada como nenhuma outra foi. Eu te amo, meu pequeno passarinho.

— Eu te amo, meu leão ferido — na ponta dos pés, fala contra a minha boca.

Eu a beijo com calma e carinho, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Seguro a sua mão, que está no meu pescoço e a desço pelos nossos corpos. Devagar, separo os nossos lábios com pequenas mordiscadas e, com cuidado, olhando dentro dos seus olhos, tiro o anel que por dois anos foi o meu amuleto, a única lembrança que tinha da garota que me fez amá-la com apenas um toque.

O meu gesto primeiro a surpreende, mas depois ela abre o seu belo sorriso, porque sabe o que isso significa.

— Ele voltará para você, meu anjo dos roseirais. Ele e eu sempre voltaremos para você. Vá, sem olhar para trás.

— Como da primeira vez, estarei te esperando.

— Como da primeira vez, seguirei te amando.

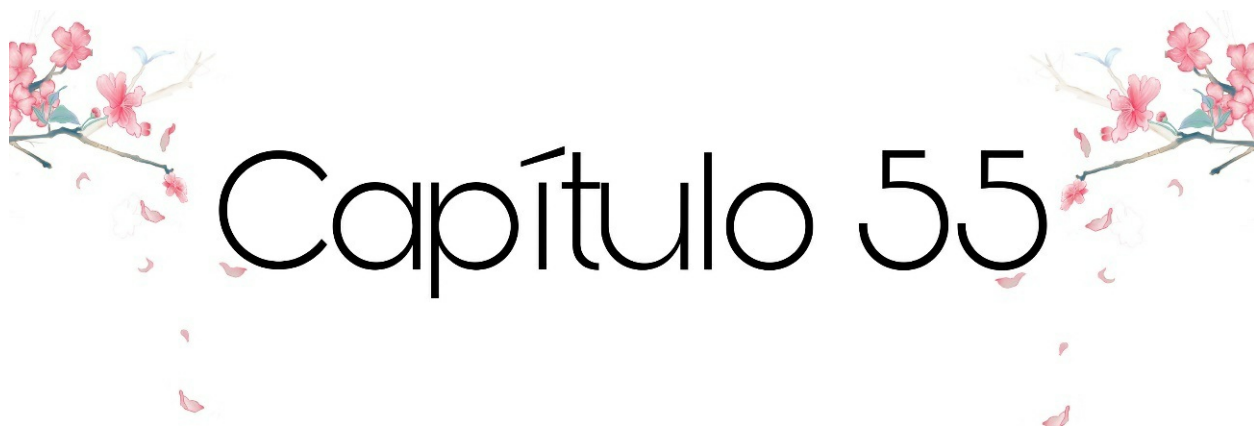
São as nossas últimas palavras e então ficamos nos beijando até o momento em que ela precisa ir, no mesmo segundo em que o Tony aparece. Pedi que ele fizesse o favor de acompanhar os dois e ele aceitou, mas não sem antes me fazer ouvir uma de suas piadas. Como eu pedi, ela foi sem

olhar para trás uma única vez antes de sumir pela fila de embarque. Suspeito que fez para que não a visse chorando e eu desejei não ter feito tal pedido. Quis ver o seu rosto bonito pela última vez.

No caminho de volta para o apartamento, que agora estará vazio e silencioso demais, desvio para outro lugar, porque sinto que preciso fazer isso. Quando saio da joalheria com a caixinha de veludo no bolso, estou mais confiante, tendo fé de que, quando tudo terminar, voltaremos mais fortes do que nunca, prontos para dar o próximo e definitivo passo.

RECOMEÇOS





Capítulo 55



A vida é feita de escolhas, às vezes boas e outras nem tanto. Como você sabe, as minhas não foram tão boas assim.

A primeira escolha ruim fez com que eu me perdesse de mim mesmo e acredito que não exista nada pior do que isso. Então eu me vi em um mundo perfeito, que prometia tudo, de festas badaladas a viagens para os melhores destinos. Não demorou para que percebesse que aquela pessoa não era eu. Não, a minha felicidade não estava nas experiências que a vida na cidade grande podia proporcionar.

A descoberta foi a parte mais fácil, mas também a mais difícil. Eu sabia o que não queria, mas não era tão fácil voltar atrás, não para mim, que era um fraco. Não tinha a humildade de chegar no meu pai e dizer que eu estava errado quando reneguei a vida que sempre tive em Santa Rita, as suas terras e o futuro que planejou para mim. A partir da descoberta, tudo de ruim que poderia acontecer se tornou real.

Não deixar ninguém se aproximar era cômodo. Não me apaixonar era a certeza de que coisas ruins não aconteceriam comigo e nem com quem estivesse ao meu lado. Eu me agarrava apenas a uma lembrança boa. Uma que deve estar bem vívida na sua mente. Sempre que pensava em você ou tocava o seu anel, um sorriso teimava em surgir. Acredite, era muito para um homem que já não sabia como sorrir.

Então você reapareceu na minha vida. Desde o primeiro encontro, tão atrevida e falando sem parar, você era o meu oposto. Alegre, sonhadora e cheia de vida.

Sabe o papo sobre escolhas? Então, você foi a minha melhor escolha, uma da qual nunca me arrependerei. Como poderia se com você eu aprendi tudo sobre o amor, sobre como ser forte e acreditar? Você não precisava, mas amou o meu filho de uma forma que nem a mãe dele fez. Doou-se sem reserva quando as minhas atitudes e palavras gritavam que não

era uma boa ideia e mandavam você se manter afastada.

Você é ótima em fazer escolhas, meu amor. Nunca perca isso. Não posso dizer que me amar e me escolher para ser o seu homem foi um passo errado, pois seria o mesmo que negar a minha escolha de deixar todos os erros de lado e viver a nossa história que foi breve, mas intensa.

Eu espero que saiba — tenho quase certeza de que sim — que você me fez muito feliz. O breve período em que estivemos juntos, tanto aí em Santa Rita quanto aqui no Rio, valeram por todos os anos de tormenta e pelos dias que virão sem a sua presença e longe do meu filho.

Afastar-me de você foi a última grande e difícil escolha que tive que fazer. Mais uma vez, acredito que tenha acertado. Por mais que doa ficarmos separados, eu sei que preciso acertar contas com o passado, preciso me livrar desse fardo. Quando voltarmos a nos ver, estarei completo. Pronto para te amar sem culpa, sabendo que mereço o seu amor.

Apesar de ter prometido que irá me esperar, quero que você viva. Não deixe de fazer nada por minha causa, caso sinta vontade. Você merece ser feliz, meu amor. Cuide do nosso filho, o ame e não deixe que sinta muito a minha falta.

Saiba que te amo e não passará um minuto dos meus dias sem que você não esteja nos meus pensamentos e sabe por quê? Você foi a minha

melhor escolha.

Do sempre seu, Diego Estrada. Leão, se preferir.

Termino de ler o texto que já sei de cor e o aperto no peito é o mesmo da primeira vez. A mensagem que ele mandou no meu celular para que eu lesse só quando chegasse em casa. A mensagem que salvei porque não fui capaz de apagar, a mesma que leio todos os dias antes de dormir e quando acordo.

Seis meses se passaram e nada mudou, pelo menos, não no que diz respeito aos meus sentimentos por Diego Estrada. É como se o tempo tivesse parado depois que voltei para Santa Rita e o deixei sozinho, completamente vulnerável. Não estava nada bem e no início me questioneei se tinha feito a escolha certa ao me afastar, principalmente, nas primeiras semanas, quando o via pelo vídeo e avistava o seu rosto abatido e as enormes olheiras embaixo dos seus olhos. Sabia que sentia a nossa falta e tudo o que eu mais queria era pegar o avião e ir até ele. Então ouvia o som da sua voz, através da linha de telefone, me dizendo que estava tudo bem.

No início difícil e até hoje, é ele quem me dá forças, quando deveria ser o contrário. Eu também tento ser forte e passar energias positivas, mas sinto que estou muito mais frágil do que ele. Que ao invés de Diego precisar de mim, sou eu quem precisa dele, assim como preciso de ar para

respirar.

Não demorou para que eu entendesse que ele sabia o que era melhor para si, embora tanto eu quanto ele quiséssemos ficar juntos. Mês após mês, eu pude ver e sentir a sua mudança. Cada pequena mudança foi e ainda está sendo percebida. A dor da saudade é grande, mas agora estou bem melhor porque sei que está valendo a pena, que já não carrega consigo toda a dor e a culpa que pareciam ser maiores do que ele podia suportar.

Ainda é cedo, estou jogada de costas sobre a cama e sem qualquer coragem de me levantar. Fico apenas olhando para o *iPad* que me foi entregue por Tony, duas semanas depois de ter voltado para Santa Rita. O aparelho foi entregue a mando do meu namorado porque seria ele o nosso meio de comunicação. Lembro-me que no dia fiquei tão feliz que pensei no aparelho como o melhor presente que já tinha recebido, porque significava que eu o veria e não só ouviria o som da sua voz.

Tony tem demonstrado ser um bom amigo. Esteve por perto quando o Diego precisou e agora não seria diferente. Meu leão pediu para que me acompanhasse até em casa e ele fez. Esteve ao meu lado durante todo o voo e ficou sem saber o que fazer com as minhas lágrimas que não secaram pelo tempo que a viagem durou.

Até hoje, meses depois de ter me trazido de mala e cuia até a

porta da casa dos meus avós, ainda o vejo. Pelo menos duas vezes por mês Tony aparece para uma visita. Age como se fosse uma visita cordial para a namorada e filho do amigo, mas para mim está claro que se trata apenas do Diego sendo preocupado demais, ainda que fale comigo e o filho e saiba que estamos bem.

Às vezes me pergunto o que o leva a ficar indo e vindo para um lugar como Santa Rita, mas não coloco em prática o meu lado de detetive, porque tenho os meus próprios — e muitos — problemas para me preocupar.

— Mamãe. Cola... — Sinto um Alex pulando em minhas costas, animando como só uma criança pequena poderia estar logo pela manhã.

— Meu amor. Hoje você não tem escola. É feriado — explico, ao jogá-lo de costas sobre a cama e começar a fazer cócegas na sua barriga.

— *Feiado.*

— Quase isso, meu amor. Mas para a mamãe não tem feriado. Sabia que eu tenho um monte de coisas para fazer hoje? Você vai ficar com o vovô e com a vovó, está bem?

— Vovó e vovô. — Feliz, bate as mãozinhas.

O meu pequeno cresceu e aprendeu tanto nos últimos meses. O pai, mesmo de longe, está acompanhando tudo e não esconde o orgulho e a saudade que sente do filho.

— Isso mesmo, garoto inteligente. Agora vamos nos aprontar que eles já devem estar nos esperando para o café da manhã.

Após ajudá-lo a escovar os dentes e trocar o pijama, faço a minha higiene e levo-o para a cozinha.

— Bom dia, vó. Cadê o seu Murilo? — Coloco o pequeno na sua cadeira e me sento ao seu lado.

— Já foi para a fazenda, minha filha. Ele realmente leva a sério o trabalho como administrador daquelas terras. O seu namorado está que é só elogios a ele.

Namorado. Acho interessante como a minha avó fala com tranquilidade e sem nenhum julgamento na voz por ele não estar aqui, o que não acontece com o resto do pessoal da vila.

— Fico feliz que ele esteja dando conta tão bem do recado — comento.

Como eu gostaria que acontecesse e temia que não fosse possível, Diego acabou tomando a melhor decisão e tudo parece ir bem nos últimos meses com a administração do meu avô e do Rico, assim como era quando o senhor Estrada era vivo.

— Eu também, minha neta — fala, enquanto a observo colocar o bolo de milho recém-preparado sobre a mesa. — Agora tome o seu café que

eu tenho que terminar de arrumar a bagunça que o seu velho fez no guarda-roupa. — Ela me deixa sozinha com o Alex, que tem se recusado a receber a minha ajuda para comer. O resultado é a bagunça que eu mesma tenho que arrumar depois.

Enquanto o vejo tentando levar a colher com o mingau de maisena que a bisavó fez à boca, os meus pensamentos voam longe, mais especificamente para o dia em que voltei para a vila.

Sem o meu namorado e com o seu filho a tiracolo, o meu retorno foi um grande evento. Eu estava tão triste que pouco me importei com as fofocas. Até hoje a minha vida parece mais interessante de acompanhar do que uma novela. Tem uns que acreditam que eu sequestrei a criança e tem os mais emocionados que pensam que eu matei o pai da criança para ficar com a herança dele.

Da minha boca, nunca saiu uma palavra sobre o assunto. Tudo o que sabem é o que inventam e o que veem: eu de um lado para o outro com o filho do dono das terras mais prósperas da região e sendo chamada de mãe quando até então era somente a babá. Até o meu avô, um homem que sempre foi respeitado por todos, infelizmente entrou no meio da fofoca por ter se tornado administrador.

Dividida entre o meu filho, os cursos de biologia e botânica que

venho fazendo em Boa Ventura, cidade vizinha a Santa Rita, e o trabalho da floricultura da cidade, posto que só consegui por ter relações com o dono dos roseirais, ocupo o meu tempo para não pensar no Diego 24h por dia. Antes eu era vista como uma maluca que não servia nem para ser concorrente, agora sou o braço direito da proprietária: a decotada namorada. Dizem as más línguas que sai com rapazes mais jovens. Vendo de perto, finjo que acredito que as fofocas são apenas fofocas.

Não ter tempo livre é uma ajuda providencial para mim, porque só assim para manter a minha mente sã, para aplacar um pouco da saudade, a preocupação e, sobretudo, a dor de estar longe do homem que amo. Mesmo que ele me ligue e faça chamadas de vídeos quando pode, ainda assim não parece o suficiente. Ouvir e vê-lo não é o mesmo que sentir o toque das suas mãos em mim, o sabor dos seus beijos e nem o sussurrar de frases sacanas no meu ouvido.

Sofrer pela distância faz com que eu me sinta egoísta porque estou cansada de saber o porquê da nossa separação, mas isso não elimina os cento e oitenta seis dias e doze horas sem vê-lo pessoalmente. Sem um único beijinho naquela boca gostosa.

Houve alguns dias muito especiais nesses meses e o melhor deles foi quando, em uma bela tarde, o cara dos correios, com a sua bicicleta,

bateu na minha porta dizendo que tinha uma encomenda para mim. Mal pude conter a emoção quando tirei a encomenda do embrulho e vi a capa brilhante do seu mais novo lançamento e o seu pseudônimo orgulhosamente estampado em alto relevo na parte superior.

Para a minha mulher e mãe do meu filho, Ariella Cerqueira.

Razão de eu ter conseguido concluir esta obra.

Você me inspira, passarinho. Te amo.

Tanto a dedicatória, que me tirou lágrimas, quanto o livro já foram lidos várias vezes, tantas que já sei de cor várias frases da história. Ele estava realmente inspirado quando escreveu, porque, para mim é o seu melhor livro até aqui.

— Bom menino — elogio quando percebo que, apesar da bagunça, ele comeu todo o mingau. — Agora eu quero que me ajude a arrumar essa zona, senão a vovó irá me matar.

Com a atenção no pequeno, arrumo a cozinha, fico mais um tempinho com ele na sala e depois, quando a minha avó fica livre, tranco-me no quarto para estudar e fazer alguns trabalhos do curso de cuidados com plantas que estavam acumulados.

Ao fim da tarde, quando termino, estou cansada mentalmente e pronta para um banho. Primeiro dou banho no Alex e depois faço o mesmo.

Com uma roupa leve, eu o levo para dar uma volta na praça, que está bem movimentada por causa do feriado. Sentada em um banco, observo o meu menino brincando na grama com outras crianças.

Ao longe, percebo Bia conversando com ninguém menos do que Tony, que eu nem sabia que estava em Santa Rita, o que não deixa de ser estranho, já que ele sempre me deixa saber quando está na cidade. Estranho mesmo é ver os dois de papo. Desde quando são amigos?

— Ella, boa noite.

— Oi, Guilherme, tudo bem? — cumprimento Guilherme, que acaba de se sentar ao meu lado do banco de dois lugares da praça.

Pelo que a minha avó de contou, depois que parti, Guilherme acabou encontrando uma namorada em Boa Ventura e, por ela, decidiu morar em Santa Rita. O namoro durou pouco mais de dois meses, mas acabou. Solteiro, ele voltou novamente suas atenções para mim e não importa o quanto eu diga que estou comprometida — apesar de estar sozinha —, ele não deixa de ter esperanças.

Felizmente, Guilherme não é do tipo inconveniente. Apesar de deixar claro o interesse amoroso, ainda é uma pessoa com quem consigo manter uma amizade. Se Diego estivesse por perto e possessivo do jeito que é, já teria me feito uma série de ameaças, mas nenhuma que eu não fosse

gostar — e muito — de vê-lo cumprir.

Mas a realidade é que ele não está aqui e eu converso com quem bem entender, penso em um momento de pura infantilidade.

De rabo de olho, noto que Tony está nos observando e eu me pergunto quanto tempo demorará até que ele ligue para o amigo e faça fofoca. É até divertido e excitante saber que amanhã cedo Diego estará me ligando e ameaçando me dar umas palmadas só por ter sido tão impertinente.

A verdade é que ele adora quando o provoco, porque é a desculpa perfeita para descer o chicote no meu traseiro e depois transar como um louco.

Mas quem disse que eu preciso de uma desculpa para querer que ele deixe a sua marca em minha pele?

— Ella, está com os pensamentos distantes? — Pensamentos distantes e safados. Será que o homem percebeu?

— Perdão — peço, sem fazer ideia do que ele falava até agora.

— Então, eu estava perguntando se você não gostaria de ir ao festival de música que terá em Boa Ventura comigo.

Capítulo 56



— A situação passou a ser insustentável e piorou quando ela descobriu o meu ponto fraco. A tentativa de se jogar do último andar do prédio foi uma forma de chamar a minha atenção.

— Então ela não queria o divórcio? — pergunta e anota tudo o que ouve, como vem fazendo por vários meses.

— Não. Larissa e eu nos acomodamos em uma relação fadada ao fracasso. Então veio a traição... mas por que estou falando disso mesmo? Já não cansou de ouvir essa história?

— Não. Assim como você não cansou de remoê-la em sua mente. Continue.

— Já sabe: as chantagens emocionais, os muitos remédios para ansiedade e os antidepressivos que passou a tomar. A pressão de amigos e da família para que eu estivesse com ela durante aqueles momentos. Tudo era demais para mim, sabe? Por que ninguém via o meu lado? Será que não dedicar 100% do meu tempo para Larissa me tornava um monstro?

— Diga-me você. Tornava?

— Não tornava.

— Lembre-se, você não é responsável pelos sentimentos das pessoas, de ninguém. Prossiga, hoje você está indo bem.

— Por apenas um momento de fraqueza, deixei-me levar pelo seu jogo. Acreditei mesmo que era apenas uma conversa e algumas taças de vinho para relembrar o passado. Não posso dizer que foi um erro a gravidez porque não seria justo com o meu filho, a melhor coisa que me aconteceu — relembro umas das fases mais difíceis, quando tudo começou a se tornar insustentável. — Para Larissa, a gravidez era uma forma de salvar o que já não tinha mais salvação e só ela não entendia — digo e dessa vez faço sem titubear.

— Agora você compreende que não era possível ser de outra

forma? Que por mais que tivesse aberto a essa possibilidade, a sua esposa já não estava em condições de corresponder à expectativa que ela mesma criava? — indaga e confirmo com a cabeça.

— Antes mesmo de ela engravidar, o clube já era a minha válvula de escape. Lá eu fugia da loucura que era dentro da minha casa e da minha cabeça. Fazendo sexo com desconhecidas, eu descarregava todas as minhas frustrações. Foi lá que eu descobri uma parte essencial de mim mesmo.

— Você é sádico — afirma, embora já tenha dito isso uma dúzia de vezes.

— No dia em que ela apareceu no clube e me viu com uma mulher, falou coisas que me fizeram parecer sujo. Palavras que me atormentaram por anos e me fizeram fugir da minha natureza — falo abertamente, pois é para isso que eu tenho me encontrado com ela.

— Deixou que essas palavras definissem quem você é. Acreditou por anos em uma inverdade que te enclausurou.

— O meu maior erro foi não perceber quando as coisas mudaram. Não me dar conta de que o descontrole da Larissa havia se tornado uma doença. Preferia me dedicar a horas e horas de trabalho no maldito escritório e a um clube de sexo, ao invés de prestar atenção em alguém que

estava pedindo socorro.

— Você está indo muito bem, Estrada. Não volte para isso novamente. Sabe que não poderia ajudar ninguém se você mesmo não estava bem para isso. O desgaste de ambos era grande demais para que pudessem enxergar um ao outro. Mas você me disse que percebeu, não foi? — profissional, conduzindo a conversa de uma forma que me faça falar, indaga e anota na sua prancheta algo que jamais irei saber o que é, suponho.

Quem garante que não está escrevendo maluco repetidas vezes?, penso divertido.

— Percebi tarde demais, quando ela vivia mais em surtos do que na realidade. Quando a depressão a fazia rejeitar o nosso filho. Penso que nada me doeu tanto quanto aquela rejeição. Era um péssimo momento, mas se tratava do nosso filho. Me senti tão culpado...

— Tanto que abdicou da sua vida, deixou de ir ao clube e de trabalhar para dar o apoio de que ela precisava naquele momento. Você não foi o responsável pelo que aconteceu, Diego. As doenças, elas simplesmente aparecem e não tem como afirmar que ela não apareceria se vocês fossem um casal feliz.

— Eu sei — digo, mas ainda é difícil para mim acreditar nisso.

Foram meses de terapias e conversas com psicólogos e ainda não

parece tão fácil. Na maioria das vezes estou bem, sinto-me leve, sem o enorme peso da culpa sobre os ombros, mas tem dias que é especialmente difícil, é quando a saudade de casa se torna insuportável.

— Eu tentava fazer o melhor, mas era insuportável ter que ouvir todos os dias as suas acusações, palavras pesadas demais até para mim. Os delírios de uma vida feliz. Nosso casamento já era um fracasso, eu não a amava, mas me sentia obrigado a mantê-lo por pena. Por ser a mãe do meu filho... — começo a falar tudo de uma vez e sem respirar.

— Escolhas equivocadas.

— Eu cheguei a fraquejar algumas vezes. Precisava esvaziar a minha mente, ficar lúcido. No clube transava como um louco, era mais do que sexo, deixava mulheres marcadas e saía de lá me sentindo um monstro, como ela mesma me chamou quando foi até lá.

— Então você carregou isso como verdade absoluta por dois anos?

— Como poderia ser diferente? Por minha culpa, ela... — Sinto dificuldade de falar quando a parte mais difícil da minha história chega.

— Você não poderia fazer nada.

— Como não? Eu estava no clube, fazendo sexo com desconhecidas enquanto ela tirava a própria vida. Falar parece fácil, não é

mesmo? Para você. Para o Tony e para qualquer outra pessoa. Nenhum de vocês está na porra da minha pele!

— Se acalme, Diego. Nós já passamos por isso, lembra?

— O nosso filho não tinha nem um mês de vida... A cena me atormenta todos os dias: eu chegando em casa, depois de ter passado a noite no clube, cheirando a bebida e sexo. Ela pediu ajuda... se o celular não estivesse desligado...

Sentindo que estou sufocando, levanto-me do divã e vou para a janela do amplo e branco consultório. Preciso de ar. Eu tenho que me acalmar. Foi assim que a doutora Morris ensinou, não foi?

Ela dá o tempo de que eu preciso e, depois de alguns minutos, eu volto.

— Por que ela tinha que tomar todos aqueles comprimidos? Será que um dia eu vou conseguir esquecer aquela cena?

— Vai, se você se permitir.

— Se eu não tivesse ouvido aqueles áudios... São tantas escolhas que fariam a minha vida tomar outro rumo.

Ela falava coisa terríveis de como eu era um monstro, de como eu não seria feliz e terminou implorando por amor. Um amor que eu não

saiba como dar. Que não poderia dar a ela e a nenhuma outra mulher, porque eu sentia que não existia nada parecido com aquilo no meu peito. Os anos no Rio e a relação que nos destruiu tornaram-me um monstro, como ela havia dito.

Então tudo terminou, mas foi só para ela. O meu tormento apenas começou no dia do seu enterro. Os seus pais e amigos me olhavam com acusações em seus olhos. Eu nem mesmo conseguia encará-los. Deixei o meu filho sem família, já que os seus avós maternos renegaram a criança, pois atribuíram a sua doença à gravidez, mas era só porque não se importavam o suficiente para saber que a filha já não estava bem antes de ficar grávida.

Os avós maternos do Alex, que se mudaram de Santa Rita logo depois da morte da filha, nunca me procuraram para saber nada a respeito da criança. Então o meu amor foi tudo o que ele teve até a chegada do nosso passarinho em nossas vidas.

Passarinho.... Meu amor, que saudade de você...

Por dois anos, eu fiz exatamente como Larissa falou, apegado apenas a uma breve e importante lembrança de um anjo. Ela era o alento que eu não merecia. Junto com o peso da culpa, segui sem me aproximar de pessoas, preso como uma fera.

Estava protegido dentro da minha culpa, dentro das paredes do meu apartamento, até que ela apareceu e tudo mudou. Eu desejei mais. Desejei ser outra pessoa. Não ter um passado e...

Não ter tomado decisões tão ruins.

— Ela te fez ver que você ainda poderia amar. Fez você desejar ser alguém melhor para merecê-la. Mas tem que fazer isso por você mesmo. É isso que vem fazendo durante todos esses meses. Curando-se antes de dar o amor que ela merece — fala e nem me surpreendo por ter dito tudo o que pensava em voz alta.

Aconteceu diversas vezes durante as sessões. Eu começo a falar com o seu estímulo. Quando fica difícil, sinto que me fecho novamente, mas não condiz com a realidade. Penso que me perdi nas minhas próprias divagações, quando na verdade estou falando tudo em voz alta. Não penso muito sobre isso, só pode ser um dom dos terapeutas.

— A minha Ella deve estar muito brava comigo, Dra. Morris. Tem uns dias que estou agindo diferente com ela, mas é porque estou tão ansioso com a ideia de voltar para casa que temo estragar a surpresa se falar com ela.

— Pense que é por um bem maior. Imagine como a sua namorada ficará feliz quando você aparecer na frente dela assim, tão bem.

— Fala isso porque acredita ou porque faz parte do seu trabalho?
— indago e a mulher bonita abre um sorriso. — Saiba que a minha mulher, quando quer, sabe como ser geniosa — confidencia.

Por vários meses, Morris foi a pessoa mais próxima que tive, tem o psicólogo Carlos também, mas ele certamente não é tão gentil quanto ela. A médica conhece toda a minha história, ajudou-me a esclarecer algumas questões que estavam me deixando extremamente perturbado e, apesar de ser o seu trabalho, sinto que o seu carinho e procuração são genuínos.

— Acredito, de verdade.

Ella gostará de conhecê-la algum dia, principalmente quando souber que não precisará ter ciúme, já que a mulher é comprometida e sua companheira, que tive a oportunidade de conhecer um dia quando saía de uma das sessões, é tão gentil quanto a doutora.

— Que bom! Sabe que eu não aguento mais, não é? Eu não suporto a ideia de ficar mais um dia sem a minha mulher e o meu filho. A dor da saudade chega a ser física.

— Sabe que está pronto, não sabe? — indaga. — Seis meses se passaram, Diego. Não precisa mais ter medo ou sentir-se inseguro. Você está bem, entende melhor os seus sentimentos e sabe lidar com eles. Só lembre que terapia é um processo contínuo. Esteja onde estiver, continue com as suas

sessões — pede e eu aceno. Prosseguir era uma decisão que eu já tinha tomado.

Os meses com ela foram muito bons para mim e me fizeram ver que era disso que eu estava precisando. Teve o psicólogo Carlos também que foi essencial, mas me abrir e falar sem fugas repetidas vezes, aos poucos, me fez entender algumas coisas e foi onde eu pude voltar a me conhecer.

— No mais e falando como uma pessoa que se importa com você, digo para que não precisa mais adiar. Volte para a sua mulher, volte para a sua casa. Você está bem, Diego Estrada, pelo menos, bem o bastante.

A minha casa. Por muitos anos, eu estivesse perdido, sem saber quem eu era, onde de fato era o meu lar. Então, durante esse tempo, sozinho com os meus sentimentos, colocando cada um no seu devido lugar, aceitei o que no fundo eu sempre soube. O meu lar é e sempre foi Santa Rita. Eu nunca deixei de ser o Diego Estrada, filho de Luiz Estrada, dono de um vasto campo de rosas e uma fazenda próspera.

Em uma década, aprendi que não dá para fugir de quem somos. Fiz e até hoje pago pelas minhas escolhas. A fazenda é o meu chão. Onde está a minha família e o meu coração.

— Estou quase pronto — digo. Sei que ainda preciso fazer algo, uma última decisão que me libertará do passado e de tudo que me prendia a

ele.

— Posso saber o quê?

— Ainda não, eu sinto muito.

— Tudo bem. Confio em você e em todo o que progresso. Você está bem, mas é porque lutou por isso. A sua mulher tem sorte de ter alguém como você, que a ama a ponto de recomeçar.

Recomeços, essa é a palavra.

Eu estou pronto para recomeçar, desta vez da forma correta, pronto para me entregar por inteiro.

Capítulo 57



— Eu espero que vocês tenham aprendido mesmo como usar o banheiro. Já estão aqui há quanto tempo? Quatro meses? — Os seus enormes olhos me fitam enquanto passam com os rabinhos peludos entre as minhas pernas e posso jurar que vejo culpa em seus olhos.

— Não adianta olhar com essa cara, Fera. Vamos ver o que temos aqui. — Tranco a porta e me aproximo da sala, mais especificamente do tapete onde os safadinhos vez ou outra fazem suas necessidades fisiológicas.

— Foi você, Belinha? Se bem que não parece coisa sua — falo e ela abana freneticamente o rabo, indo atrás de mim quando vou para a área de serviço buscar a vassoura e a pá para catar as fezes secas do safadinho.

Quando a solidão se tornou minha fiel companheira, doutora Morris comentou que seria bom eu ter alguém para conversar, mais especialmente para me ouvir. Tinha a minha mulher, mas não queria falar muito sobre o meu tratamento com ela quando entrava em contato, o que acontecia menos do que gostaria e a fazia reclamar.

Quando ouvia o som da sua voz pela linha telefônica ou via o seu rosto e o do meu filho, só pensava em matar a saudade, relembrar o porquê de eles estarem lá e eu aqui.

Como eu sabia que seria, eles foram a minha força depois da acertada decisão que tomei. Eu realmente precisava ficar sozinho comigo mesmo, busquei em mim o homem que um dia fui e hoje sinto que sou mais o garoto que cresceu no campo do que o homem recluso da cidade grande.

Eu poderia falar com o Tony também. Em diversas ocasiões estive aqui no apartamento, sobretudo quando voltava de Santa Rita. Nesses momentos, falávamos apenas da Ella e do Alex, o fazia contar detalhadamente sobre tudo o que viu e ouviu sobre eles. Relutava em falar sobre a minha terapia porque não me sentia bem em fazê-lo.

Tony sempre me deu bons conselhos e acabei fazendo o que ele sempre pediu, então nos sentimos bem em não falarmos sobre o assunto, mas sabendo que está tudo indo bem.

Como sendo uma das melhores opções de companhia constante e indicadas em casos como o meu, a doutora sugeriu que eu adotasse um animal. No início quis relutar, mas acabei acatando a ideia.

Fui ao abrigo na intenção de pegar um cachorro. De cara, já na entrada, me identifiquei com uma cadelinha de pelagem escura, quase preta. Com um ano de idade, fui informado pelo pessoal do abrigo que ela é uma mistura louca de raças, o que a torna uma vira-lata, mas uma vira-lata linda. Pequena e peluda, a cadelinha é dócil e dificilmente faz arte.

Quando estava indo ao balcão resolver tudo quanto à adoção, chamou-me a atenção um miado meio estrangulado. Cheguei perto para olhar e me vi em frente ao gato mais estranho que já tinha visto até então. As cores do seu pelo não combinam e existe uma mancha preta no espaço entre os seus olhos esbugalhados demais para um gato. É espichado e bem mal-humorado, mas eu o adoro mesmo assim.

Por achar os dois opostos em tudo, menos na amizade que os une, dei a eles o nome de Bela e Fera. Bem parecidos comigo e minha garota das flores, sorrio divertido enquanto limpo a bagunça e checo se as vasilhas

com as respectivas rações estão abastecidas. Não quero que os meus pequenos ouvintes passem fome.

— Fiquem por aí que eu irei tomar um banho.

Aviso e rumo para o quarto. Nos primeiros meses foi muito difícil entrar aqui. Eu sentia a sua presença, o seu cheiro por todos os lugares. Olhava para a cama e vinha lembranças de quando nos amamos com carinho, trepamos com intensidade ou quando pedia para eu sorrir a sua pele. Teve também as vezes em que não pedia e mesmo assim fiz e ela amou.

Antes de ir para o chuveiro nu e com uma toalha em volta do pescoço, vejo o meu celular jogado sobre a cama e não resisto, faço a chamada de vídeo porque preciso falar e ver meu passarinho e o Alex. No segundo toque ela atende e de cara noto que tem algo errado.

— Oi, leão, tudo bem, meu amor?

— Eu estou ótimo e você? Parece tão tensa... — Analiso o seu rosto em busca de respostas, mas não vejo nada.

— É impressão sua, Diego.

Ela fica me olhando por um tempo, arqueia uma sobrancelha e então comenta:

— Você está tão bem, mais animado... Aconteceu alguma coisa

que eu precise saber no dia de ontem sem notícias suas?

— Nada aconteceu, amor. Estava só resolvendo alguns probleminhas aqui, mas já está tudo sob controle. — Sou evasivo, recebo o seu olhar desconfiado e fica difícil me segurar para não contar que estou voltando.

— Tudo bem — diz, mas sei que ficou com uma pulga atrás da orelha. Estou sendo distante e evasivo e ela me conhece bem demais para não perceber.

— Onde está o meu filho?

— Ele estava na praça mais cedo e acabou dormindo na minha cama, enquanto víamos desenho. — O passarinho vira o *tablet* e filma o meu filho dormindo sereno. O meu peito se enche de amor, saudade e abraçar e beijar o meu rapazinho está no topo da minha lista.

— Obrigado por cuidar tão bem do nosso filho.

— Leão, quando você vem para casa? Eu não aguento mais de saudade.

— Em breve — digo somente, como todas as outras vezes e ela se entristece. A diferença é que antes eu realmente não sabia como as coisas iriam ser, agora eu sei e não vejo a hora de colocar as mãos na minha gostosinha masoquista. — Já está pronta para ir para a cama? — Mudo de

assunto para tirar a sombra que vejo nos seus olhos.

— Ainda não. E você, está pelado?

— Sem nadinha — falo e isso basta para mudar o tom da conversa. — Estava indo para o banho.

— Queria estar aí, mas já que não estou, quero que me mostre o seu pau.

O seu pedido mais do que direto faz com que eu ria alto. São sempre assim as nossas conversas: ora sérias, ora sensuais, ora divertida. Mas não importa em que tom seja, falar com o meu passarinho torna os meus dias melhores.

— Como você é sutil, passarinho — brinco, mas filmo o meu pau.

A nossa conversa dura ainda uma hora e gira em torno se sexo. Insisto para que tire a roupa, mas ela diz que só voltarei a vê-la pelada quando voltar para casa, esquecendo-se de que já fez isso outras muitas vezes nos últimos meses. Ao fim da chamada, corro para o banheiro, me alivio com a mão e fico ainda mais ansioso para pegar a minha safada de jeito.



— Oi, Tony. Como estão as coisas por aí? — indago quando ligo para o meu amigo, logo depois de sair do banho.

Amigo de verdade e sabendo de tudo do que eu precisei abrir mão para voltar a estar novamente são, ele não hesitou em me ajudar. Em ficar sempre por perto para garantir o bem-estar da minha família.

— Você não pode estar falando sério. Está querendo me provocar, é isso. Se for, não vai conseguir — aviso, porque não existe a menor chance de... — Foto, de que caralho de foto você está falando? — Ele diz que vai enviar e termina a ligação.

Os arquivos começam a chegar. As primeiras são do meu filho na praça com outras crianças com idades próximas a sua. Ele está enorme e bem cuidado, parece feliz e eu fico satisfeito por mais uma vez constatar que tomei a melhor decisão ao deixá-lo com a mãe.

Mas o momento de ternura acaba quando as demais fotos terminam de carregar e então reconheço a minha mulher sentada no banco de dois lugares da praça ao lado de ninguém mesmo que o sobrinho do padre, o idiota que arrastou asa para ela desde o momento em que a viu pela primeira vez. Não teve a menor chance. Será que pensa que tem agora que não estou por perto?

A safada da Ella tem um sorriso bem grande estampado na cara de pau. É quase como se estivesse fazendo isso para me provocar.

Safada do jeito que é, eu não duvido de nada.

— Só me espere, passarinho, quando eu colocar as mãos em cima de você, ficará uma semana sem conseguir se sentar e pode apostar que não será por ter levado o meu pau no seu cuzinho.

Como um lunático, falo para a tela do celular, mas o fato não muda a verdade nas minhas palavras. O ciúme e, sobretudo, a insegurança me corrói a alma. Por isso achei que ela parecia tensa quando atendeu a minha chamada. Tinha estado com o idiota e não me disse nada.

Estou voltando para casa. Por favor, não diga nada para a minha mulher. Quero fazer uma surpresa. Frenéticos os meus dedos digitam e eu envio.

Já estava na hora. Eu não aguentava mais ficar de babá da sua mulher e do seu filho, quando você sabe que eles estão se saindo muito bem. É claro que tem um inconveniente ou outro, como, por exemplo, ela ficar de papo com outro cara. Não posso fazer nada, não é mesmo?

Recebo a mensagem provocativa do Tony, que deve estar adorando a situação.

Não precisa fazer nada. Eu mesmo farei. Envio

Não dê uma de homem das cavernas, eles estavam apenas conversando e o papo nem durou muito tempo. Leio e depois recebo outra imagem.

É impressão minha ou ele está mais próximo dela do que estava nas fotos anteriores?

Na minha veia, o sangue gela e depois esquenta. Fico puto só de pensar em outro homem tocando-a. O passarinho é meu! Só eu toco, seja da forma como for.

Apenas minha!

A minha cabeça grita sem parar, porque muitas coisas mudaram, mas a minha possessividade com a minha mulher não. Nesse aspecto continuo o mesmo, só que pior, porque estou há tempo demais sem vê-la. Sem ouvir o som da sua respiração e sentir a sua pele suada roçando na minha enquanto fodemos sem sentido. Preciso tanto tocá-la. Sentir que nada mudou, que ainda me ama tanto quanto eu a amo: com loucura. E dessa eu não quero nunca me curar.

Vem quando?

O quanto antes. Preciso apenas organizar tudo. Por favor, mantenha o bico fechado.

Depois da troca de mensagens e fotos que recebi, não parei mais. Por dois dias me dedico a deixar tudo pronto para a minha partida. É fácil, já que não tenho um trabalho que me prende, uma vez que posso escrever onde estiver, e menos ainda uma pessoa.

A parte mais difícil é pensar no que fazer com os meus pequenos companheiros, mas, no fim, por não ter nada a fazer e nem desejar me desfazer deles, decido levá-los comigo para Santa Rita. Eles certamente serão amados pelo meu passarinho e pelo Alex. Será até bom que meu filho tenha bichinhos de estimação. Quanto à adaptação, acredito que eles não terão problemas. Na fazenda, há muito mais espaços para eles fazerem suas artes e não ficarão tão presos.

As horas dentro do avião passam lentamente. A minha ansiedade está nas alturas, literalmente, e até as mãos estão suando. Não sei o que dizer, o que sentir e nem como tocá-la. Sinto apenas que foram meses demais, mas que não foram capazes de mudar nada do que sinto.

Por fim, quando o avião aterrissa, chego à conclusão de que preciso apenas senti-la e então tudo estará bem.



— Pode parar aqui, só um instantinho? — peço ao motorista que me leva para a fazenda. — Não demoro. — Saio do carro quando paramos na frente do cemitério da cidade.

Depois de andar um pouco, paro em frente a lápide do meu pai, então me ajoelho e toco a sua foto.

— Sabe, pai, o senhor tinha razão, sempre teve. Eu não deveria ter virado as costas para tudo o que aprendi com o senhor. Disse que eu não conseguiria ser feliz longe de casa e eu não fui. Disse que Larissa era muito diferente de mim e era verdade. Deve ser por isso que dizem que os pais sempre têm razão nas coisas que falam, não é? — falo em meio a um sorriso triste para o homem que foi bom e honrado durante toda a sua vida. — Mas agora tudo será diferente. Eu finalmente entendi e espero que o senhor, onde quer que esteja, sinta orgulho de mim. Te amo. — Emocionado, acaricio sua foto e me levanto.

Sigo em frente para o único passo que falta para que eu esteja completamente liberto, livre para seguir em frente. Novamente ajoelho-me sobre a grama. Na foto, ela parece tão feliz, jovem e bonita. Entristece-me pensar que se foi tão jovem. Que não teve a chance de ver o nosso filho crescer.

— Aconteceram tantas coisas, Larissa, que eu não sei nem por onde começar. Bom talvez eu saiba, mas é difícil *pra* caralho! — confesso.

— Primeiro gostaria de te pedir perdão por tudo. Não foram poucas coisas, mas, especialmente, gostaria que me perdoasse por não ter sabido como te amar como merecia, como você gostaria. Acho que não éramos bons um para o outro. Eu me apaixonei, sabe? Depois que você se foi, eu senti que estava morto por dentro. Não sabia mais como seguir com o peso de tudo de ruim que tinha acontecido. Então Ariella apareceu, se você pudesse ver como ela é especial... — interrompo-me quando uma lágrima solitária escorre pelo meu rosto. — Trouxe luz e tudo o que me faltava. Eu estou bem, Larissa. Depois de tanto tempo eu finalmente posso dizer que estou bem. Vim aqui para um adeus definitivo. E dizer que o nosso Alex está feliz, deixo que ele saiba quem foi você e isso nunca irá mudar. Eu espero que você esteja bem onde estiver e tenha encontrado a paz de que necessitava. Adeus, querida.

Sentindo que finalmente coloquei um ponto final em uma história que durou infinitamente mais do que deveria, levanto-me e, sem olhar para trás, sigo o meu caminho. Larissa e eu erramos um com o outro, não existiu só um culpado, mas as consequências por cada erro eu impus só a mim mesmo por anos e agora acabou. Nunca vou conseguir esquecer o que aconteceu, só que agora não doerá tanto, não me impedirá de amar e ser amado de volta.

Finalmente acabou.

— Pode seguir — digo ao me sentar no banco do carona e bater a porta. — Direto para a fazenda, por favor.

Embora a minha vontade seja de ir direto para casa dos avós da minha garota das flores, antes preciso ir em casa tomar um banho, me livrar da bagagem e acomodar os meus bichinhos, que já devem estar agoniados de ficarem presos em gaiolas.



— Hoje eu preciso que vocês fiquem em casa, não saiam por aí sem antes conhecer o lugar. Não quero que se percam, tudo bem? — digo para os dois quando desço as escadas e os vejo caminhando de um lado para o outro, curiosos com o novo lar. — Eu vou à casa da dona de vocês. Espero que se comportem e deixam que ela e o nosso filho vejam como vocês são bonzinhos, principalmente, você, Ferinha. — Abaixo-me e afago cada um deles antes de me dirigir para a porta.



Os segundos que demoram para abrir a porta parecem horas. É isso ou eu estou ansioso demais. Bato mais uma vez na porta de madeira, olho rapidamente em volta e não poderia ser diferente: estou sendo alvo de olhares curiosos. Não só de olhares, mas também de cochichos ao pé do ouvido.

É sábado à noite e eles certamente não têm nada de mais interessante para fazer do que comentar a minha volta, depois de seis meses sem dar as caras. Depois de ter sumido e deixado minha namorada sozinha com o meu filho.

— Menino Diego — surpresa, Ester diz ao abrir a porta. — Não sabia que viria.

— Quis fazer uma surpresa — falo com naturalidade, como se não tivesse passado meses sem aparecer. — Onde eles estão? — Espio dentro da residência e tudo o que ouço é o barulho da televisão.

— Ella não está em casa, filho.



Capítulo 58



ALGUMAS HORAS ANTES...

— Eu não acredito que você aceitou sair com o Guilherme, Ella.

— Bia, que agora aos 18 anos está mais *saidinha* do que nunca, senta-se na minha cama e começa a olhar peça por peça das roupas que joguei em cima do colchão.

Não que eu tenha muitas e esteja com dificuldade de escolher

por isso, é justamente o contrário, a missão é escolher a *menos ruim* dentre todas.

— Eu não vou *sair* com ele. Não é um encontro, sabe que eu tenho namorado. — Da forma como ela fala, nem parece que eu a chamei, atrapalhando o seu papo com o *Armário*, só para convidá-la para ir com a gente.

Sei que não eram essas as intenções do Guilherme e que não devia ter aceitado, já que isso pode fazer com que tire conclusões erradas, mas eu pensei por uns poucos segundos e decidi que não fazia mal aceitar seu convite. É apenas uma saída entre amigos e eu estou mesmo precisando de um pouco de diversão, sair e espairecer a cabeça, que não faz nada além de, sem sucesso, tentar não pensar no leão que está sumido há dois dias.

— Pois explique isso para o pessoal da vila. Porque você não abre a boca para se defender e eles inventam fantasias cada vez mais mirabolantes ao seu respeito.

— Não estou nem um pouco preocupada com o que pensam de mim. — Dou de ombros.

— O que está acontecendo com você? Parece desanimada.

— Eu estou cansada. Muito cansada e... morrendo de saudade daquele ogro idiota. Quando será que ele vem me buscar? — indago com os

olhos cheios e basta que Bia me abrace para que eu deixe que as comportas se abram.

Bia sabe de tudo. Eu precisava dividir com alguém e por isso ela está estranhando o meu comportamento.

Esses dois últimos dias tornaram as coisas ainda mais difíceis porque ele começou a agir de maneira estranha, quase como se não quisesse falar comigo. Mas hoje eu tive a confirmação de que tem algo de errado acontecendo quando mandou uma mensagem muito estranha dizendo que estaria ocupado o dia inteiro e só me ligaria agora à noite. Não ligou e já nem sei se fico triste ou preocupada.

— Calma, minha amiga. Pense em tudo que ele te falou. Logo vocês três estarão juntos. Você levando... Ariella, eu ainda não acredito que você deixa aquele homem te bater... — interrompe-se sem ao menos ter coragem de concluir o raciocínio.

— Eu não deixo, eu peço — aviso, limpando o rosto e abrindo um sorriso rasgado, porque é isso que acontece quando lembro dos nossos momentos.

— Safada.

— Dar o cu foi um ato de coragem. Vários atos de coragem, na verdade — digo e os seus olhos só faltam cair em cima na cama.

— Deu o cu?

— Dei.

— Dói? — indaga, interessada. Bia está saindo com alguém. Tenho as minhas suspeitas, mas prefiro não a confrontar ainda, não sem antes ter certeza.

— Dói, mas é bom.

— Mas você não é parâmetro para ninguém, não é mesmo, sua masoquista? Para você existem muitas coisas que devem doer e no fim valerão a pena. Tu é bizarra, Ella — brinca. Bia nunca julgou as nossas preferências, pelo contrário, ela é mais curiosa do que tudo.

— Tudo culpa do Diego — falo.

— Está vendo como você é? Estava aí, toda perturbada. Foi só falar em sexo que passou. Nem lembra mais que estava com raiva do seu homem — tagarela como de costume, mas não diz nenhuma mentira. — Quer dizer que não irá mais fazer a besteira de sair com o Guilherme?

Ela tem razão. Por culpa do Diego — a culpa é sempre dele — sou uma safada, mas está errada quanto à segunda suposição.

— Não mesmo. É só um festival de músicas, Bia! E não esqueça que você irá conosco. — Aponto para a sua roupa e ela olha como se eu

tivesse descoberto a pólvora.

Essa garota é maluca.

— É verdade! Eu estava tão entretida na minha dramatização estilo novela mexicana que tinha até esquecido que irei ao festival. Mas pode deixar, amiga, eu protegerei a sua honra.

— Garota, você não existe. — Caio na risada porque não tem como se manter séria ou mesmo triste por muito tempo tendo uma amiga como a Beatriz.

Depois de muita conversa jogada entre nós duas, acabo escolhendo uma minissaia jeans desfiada na barra, regata branca e jaqueta jeans. Nos pés, calço uma bota de cano curto ao melhor estilo roqueira. No rosto, Bia fez uma maquiagem mais pesada, que marca os meus olhos. Os cabelos estão presos em um simples rabo de cavalo.

Pronta, em frente ao espelho, vejo o resultado e me acho linda, mas me entristeço por estar assim para alguém que não seja o meu Diego. Eu só queria que ele estivesse comigo hoje.

— O que acha, meu amor? A mamãe está linda?

— Linda — repete, também na frente do espelho, admirando a própria imagem.

— Será que o seu pai ficaria muito bravo se soubesse? Se ele ligar para a gente amanhã, eu conto. Já até imagino as ameaças de bater... Ah, deixe isso para lá, meu amor. Papai e mamãe são malucos.

— *Maucos.*

— Meninas, o Guilherme chegou — A cabeça de cabelos brancos da dona Ester aparece na porta, mas não fica para bater papo.

Eu não sei ao certo como ela se sente sobre essa minha ida para a cidade vizinha com a galera. Não disse nada, mas, se a conheço, não está tão insatisfeita com a ideia, porque, apesar de entender a minha situação, sempre diz que sou jovem demais para ter tantas responsabilidades e que preciso me divertir, conselho que dava até mesmo antes de eu começar a namorar o Diego. Seu Murilo, como sempre, não deixa transparecer o que pensa.

Quando cheguei há seis meses sem o Diego e com o seu filho, eles ficaram preocupados, quiseram saber o que tinha acontecido para me fazer voltar e não ficaram surpresos quando revelei os problemas que Diego vinha enfrentando. Eles, principalmente a minha avó, que conviveu com ele antes de sair de Santa Rita e quando voltou, notaram que estava diferente e que algo de muito errado havia acontecido na sua vida. Diante de tudo, apoiaram a sua decisão e com alegria receberam o Alex, que amam como um bisneto.



— Você está linda, Ella — Guilherme me cumprimenta quando paro ao lado do seu carro e beijo o meu rosto.

— E eu, não estou bonita? — Bia aparece na porta e o que vejo é Guilherme murchar como um balão furado. Acho que ele tinha esperanças de que ela não fosse com a gente.

— Você também está muito bonita, Bia — elogia, sem muito entusiasmo. — Vamos, meninas? — Galante, abre a porta de trás para Bia e a do carona para mim.



Ao chegarmos no local do tal festival, um ginásio aberto e gigante, lotado de jovens, o show já tinha começado. Bia sai para comprar

um refrigerante e não demora mais do que cinco minutos para me mandar uma mensagem avisando que encontrou companhia melhor.

Traidora!

Guilherme me apresenta a alguns amigos — a sua galera, como ele mesmo diz — e não nos afastamos mais deles — para o meu azar.

Não que eu queira ficar a sós com o sobrinho do padre, longe disso, mas pelo menos queria que seus amigos e amigas não tivessem papos tão chatos e que não me interessam em nada. Mas, pensando bem, talvez não seja o papo deles que é chato e sim eu que não me interesso por eles. Aos 20, os meus pensamentos e gostos são bem diferentes da galera da minha idade.

Agora, por exemplo, estou preocupada, pensando se a minha avó lembrou de colocar o pequeno para escovar os dentes. Se vai levá-lo ao banheiro antes que durma, porque se não o levar, ele faz na cama.

— Ella, está tudo bem? Está com um olhar tão distante. — Guilherme toca no meu ombro e só assim para eu perceber que não estou sozinha. — Sei que eles são meio idiotas...

— Não são — nego.

Na verdade, são sim, mas eu tenho que aguentar, quem mandou eu inventar de aceitar esse convite? Pelo amor de Deus! Rock nem é meu estilo musical preferido! Tenho certeza de que daqui a uma semana ainda

estarei ouvindo o zunido desse som altíssimo no meu ouvido.

— Não quer dar uma volta? Talvez a gente encontre um lugar que não esteja tão cheio. — Olho, desconfiada, mas acabo aceitando. Sei que Guilherme é um cara legal e não faria nada para me magoar.

Andamos alguns metros, afastando alguns corpos dançantes do nosso caminho, até encontrarmos um espaço mais calmo. Na grama verde, que foi reservada para a área de alimentação, existem várias tendas com comidas e bebidas, mas não passa de uma extensão do espaço para o show, já que ainda consigo ouvir a música e tem alguns casais e grupos de amigos mexendo o esqueleto por perto.

— Está vendo? Aqui é bem melhor.

— Você tem razão — falo para animá-lo, quando a minha vontade mesmo é de perguntar quando iremos embora. Mal têm 30 minutos que chegamos e já me arrependi de ter vindo.

— Você está muito linda, sabia? Aliás, você é muito bonita — elogio, parado na minha frente, sem demonstrar nem um traço de timidez.

— Obrigada — digo sem jeito e incomodada.

— Eu gosto de você, Ella. — Segura a minha mão e eu começo a prender a respiração.

— Eu também gosto de você.

— Não estou falando desse tipo de gostar. Gosto como homem. Interesse amoroso. Tenho certeza de que você entende.

— Guilherme, eu sinto muito, mas não gosto de você dessa forma. Você sabe que eu tenho namorado. Lembra do senhor Estrada? Então, eu ainda estou namorando com ele, nós temos até um filho juntos — digo com orgulho, sutilmente, me afastando dele.

— Filho? — indaga, olhando-me como se eu estivesse louca.

— É uma história complicada — falo. Na verdade, não é nada complicada, são as pessoas que estão de fora que às vezes não entendem. — Mas é isso: eu amo o meu namorado e gosto de você também, mas como um amigo.

— Mas que namorado é esse que não está aqui? Há quantos meses o senhor Estrada não aparece em Santa Rita, Ella? — questiona, voltando a se aproximar de mim. — Você merece muito mais do que isso.

— É você quem não sabe o que está falando — defendo Diego e a minha relação, ele nem ao menos conhece a nossa história para falar dessa forma.

— Ella, você sabe que eu tenho razão. — Aproxima-se e fica perto demais. E vai aproximando o rosto, deixando-me sem reação. — Por

que não dá uma chance para nós? — Quando os seus lábios tocam os meus, não tenho tempo para afastá-lo, pois, no mesmo segundo, ele some.

Assustada, olho para um Guilherme caído no chão, com a mão no rosto, que aparentemente foi socado.

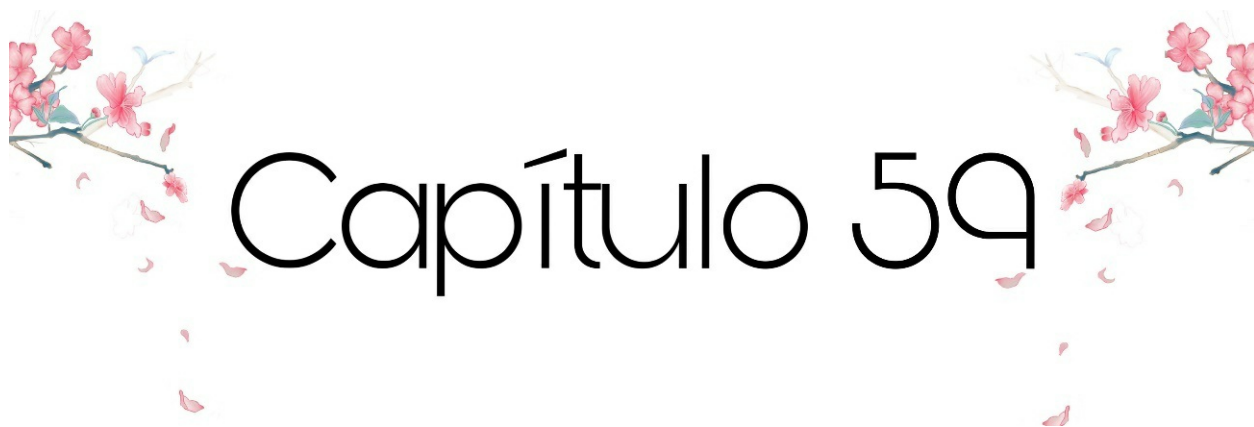
— Mas quem foi o troglodita que...

Paro de falar, o meu coração parece que vai deixar de bater e depois sair pela minha boca.

— Diego! Meu amor, eu não... — Com os olhos marejados, paro de falar porque a sua expressão não está nada boa.

Bom, talvez eu tenha tido a pior ideia da minha vida quando aceitei esse convite.

O quão fodida estou?



Capítulo 59



Primeiro vejo a fúria do seu rosto, mas a fúria se transforma em pura tristeza e decepção.

Ele não pode estar pensando... Não!

Vamos lá, Ariella Cerqueira, arrume essa bagunça que você mesma fez.

— Diego não é isso que você... que você... — Meus olhos desviam para Guilherme brevemente.

Eu seria muito desalmada por não me importar com ele nem com

mais nada além do meu amor parado bem na minha frente?

Ele está mais lindo com esse cabelo ou é a saudade falando mais alto?

Não, definitivamente ele está mais lindo. Não tinha cortado o cabelo quando nos falamos por vídeo 3 dias atrás.

— Guilherme, fale alguma coisa! — Agindo feito uma doida, peço para o homem que se levanta, limpando o filete de sangue que escorre pelo canto da sua boca.

— Fui eu que a beijei — diz por fim, mas parece ser exatamente o que uma pessoa pega em flagrante diria, assim como não foi legal eu dizer a típica frase *não é isso que você está pensando*.

Sem dar um único olhar na direção do pobre — mas que mereceu o soco por ser tão atrevido e ter me beijando sem autorização —, Diego me agarra pelo braço e sai me puxando feito o ogro que sempre foi. Pelo visto, isso não mudou.

Mas, espere um pouco... ele pensa que pode me tratar assim?

— Você está me machucando! Solte-me, seu ogro dos infernos! — grito quando chegamos no seu carro. Só não fiz antes por não querer fazer um escândalo no meio de desconhecidos e menos ainda atrapalhar a diversão de todos. — Eu falei para me soltar — grito com o surdo quando

praticamente me joga contra a sua caminhonete.

— O que foi aquilo que eu vi, porra?! Como deixou que outro tocasse em você? Eu não posso acreditar que você seja...

— Pense muito bem no que você vai dizer, Diego — aviso. — Se tivesse chegado segundos antes teria visto que eu tinha acabado de dar um fora nele. Disse que tenho namorado. Ele me beijou de surpresa.

— Não importa! — fala entredentes e não parece estar ficando mais calmo. Afasta-se, vira-se as costas e, em claro sinal de nervosismo, começa a pentear os cabelos curtos para trás com a ponta dos dedos.

Mais curtos. Os fios estão bem curtos, quase raspados nas laterais, mais cumpridos na parte da frente e jogados para o lado, fazendo com que uma espécie de franja escura caia na sua testa. Manteve a barba, que o deixa mais atraente. Está lindo.

Muito lindo, penso como uma adolescente deslumbrada quando temos problemas para resolver. Mas a saudade é tanta que estou a ponto de jogar a conversa que precisamos ter para o alto e me atracar ao meu amor para nunca mais soltar.

As minhas mãos estão suando. O meu estômago parece que está cheio com milhares de mariposas batendo asas. As pernas bambas, são todos sintomas de saudade. De um amor reprimido por tempo demais.

Tum tum.

Dou um pequeno passo. As mãos coçando para tocá-lo.

Tum tum.

Ouç o meu coração bater a cada pequeno e incerto passo. A distância entre nossos corpos é bem pequena, mas parece que é enorme.

— Amor... — digo, toco o seu ombro e não sou repelida.



O toque da sua mão no meu ombro parece pegar fogo. O som da sua voz chamando-me de amor.

Sem aguentar mais nem um segundo, viro-me para ela e a agilidade com que o faço parece assustadora o bastante para fazê-la dar passos para trás, afastando-se de mim.

— Você, Ariella Cerqueira — falo baixo, mas suficiente para que me ouça —, é minha. Está ouvindo? — Chego junto ao seu corpo, seguro

com firmeza a parte de trás dos seus cabelos e digo bem próximo do seu rosto, sentindo o calor da sua respiração. — Seis meses se passaram, mas nem se tivessem passado cinco ou dez anos, ainda assim nada seria diferente. Ainda seria minha e só minha. Só eu toco em você e mais ninguém, você está entendendo, garota?

— Diego...

— Me responda, Ariella! — Seguro a sua cabeça com mais firmeza, mas ela parece disposta a testar os meus limites.

Existem coisas que nunca mudam.

— Não sou mais o passarinho?

— Não até que tenhamos essa conversa. Fale, gostou quando aquele filho da puta te tocou? Deixou que outros te tocassem enquanto eu estive fora? — indago e vejo o seu rosto mudar. Sei que não fez e nem seria capaz de fazer nada disso, mas, neste momento, não estou sabendo lidar o redemoinho de sentimentos que me sufoca.

É a possessividade, o ciúme, a paixão. A saudade e o tesão, tudo vindo à tona, depois de tantos meses sem sentir o seu cheiro. Sem tocar em sua pele macia.

— Você me respeite! Não está falando com uma qualquer.

— Sim ou não? — insisto, muito enciumado.

— Não gostei. Não queria que mais ninguém além de você me beijasse — afirma.

— Então por que veio até aqui com esse idiota? Era uma prova de amor também?

— Mas você pensa que está em posição de fazer alguma exigência? Estava estranho nos últimos dias. Queria o quê? Que eu ficasse em casa chorando por você?

— Eu não estava estranho, só feliz demais por ter ouvido de dois médicos que eu finalmente estava bem para vir para casa. Estava tenso porque temia estragar a surpresa e entregar que estava vindo te ver. Mas parece que quem teve a surpresa fui eu, não é mesmo? — revelo sem saber como agir, mas com a certeza que não quero tocá-la nesse momento.

— Eu... sinto muito — insegura, começa. Os olhos estão marejados e me odeio por sentir que desde que se envolveu comigo eu a faço mais chorar do que sorrir. — Estraguei tudo.

Por mais estranho que possa parecer, a distância entre nós dois parece maior do que quando estávamos separados por milhares de quilômetros.

Tudo está fora de controle. Não foi assim que imaginei o nosso

reencontro, mas não seria Ella e eu se fosse diferente. Sempre fomos essa bagunça, desde o primeiro olhar.

— É perfeita e não estragou nada, só foi diferente do que tinha planejado — afirmo e ela ensaia um sorriso. — Você tem um dom especial de me fazer enlouquecer, sabia?

— E você me ama mesmo assim — diz, fazendo um biquinho charmoso. Está insegura sobre como agir, mas sei que está louca para que eu a pegue em meus braços e diminuía qualquer distância que exista entre nós.

— Eu não consigo parar de pensar na imagem dele beijando você — falo, só agora reparando no quanto está linda com a saia curta, botas e jaqueta. Até a maquiagem está diferente. Bonita, mas diferente da minha garota das flores. — Se arrumou assim para ele?

— Não, me arrumei assim para você — garante e eu a olho com desconfiança.

Por mais que eu confie na minha Ella, esse lado irracional do ciúme fala mais alto. Algo que, acredito, nem dez anos de terapia poderiam mudar. Não quando o medo de perdê-la por qualquer razão é maior. Essa garota linda, me fitando com os seus enormes olhos azuis, é a razão de tudo de bom que me aconteceu depois do nascimento do meu menino.

— Não brinque comigo, passarinho — aviso e aperto a sua

bunda.

— Não estou. Na verdade, no momento estou me perguntando o porquê de estarmos aqui falando, quando tudo o que quero é te beijar — fala e enrola os braços em volta do meu pescoço.

— Estava com saudade dessa sua ousadia e completa falta de medo do perigo — falo a última parte perto do seu ouvido, já deixando de lado a cena de agora há pouco. Ela faz isso comigo: me seduz só de chegar perto com o seu perfume floral, que busquei em todos os lugares quando não estava perto de mim.

— Eu senti falta do perigo que você representa. A minha vida sem você estava um tédio.

— Menos hoje, não é mesmo... — A minha fala fica pela metade quando Ella toma a iniciativa e me beija. Enfia a língua dentro da minha boca e tenho o trabalho só de envolver a sua cintura com os braços.

Minha garota envolve a minha cintura com as pernas, dou passos à frente até ficar com as costas apoiadas na lateral do carro. Ella está quase colada a mim e então eu finalmente sinto que estou em casa.

Finalmente estou em casa, porque o meu lar será onde o meu passarinho estiver.

Nós nos beijamos por muito tempo, nos devorando como dois

adolescentes e só paramos quando precisamos respirar. Os meus beijos descem da boca para o pescoço e o seu gemido é mais audível quando eu mordo e em seguida chupo o lugar por alguns segundos, colocando a pressão necessária para deixar a minha marca.

Como eu senti falta de marcar a sua pele. Tão branquinha...

Ao levantar a cabeça e mirar seu rosto, os seus olhos estão escurecidos e cheios de lágrima. Os lábios tremem e vejo que faz força para não chorar. Eu entendo bem o que ela está sentindo. Depois do início conturbado, só agora está caindo a sua ficha do que está acontecendo.

Finalmente estamos juntos. Depois de meses longe um do outro, enfim estamos juntos.

— Eu não estava aguentando de saudade. Doeu tanto ficar sem você... — As suas lágrimas escorrem e eu beijo cada lado do seu rosto molhado.

— Acabou, minha Ella. Nós não vamos mais nos separar. Nunca mais. Eu te prometo — digo, abraçando-a mais forte.

— Você está bem? De verdade?

— Eu estou bem, amor. Estou inteiro para você, nosso filho e a família que pretendo construir ao seu lado — afirmo, distribuindo beijos por todos os cantos do seu rosto e terminando no canto da sua boca.

— Sem separações?

— Sem separações, meu passarinho.

— Quero que me leve daqui, agora.

— E para onde você quer ir? — provoco, esfregando o meu pau na sua boceta.

— Para um lugar onde eu possa nos livrar de todas essas roupas inúteis.

— Deve estar muito necessitada, não é? Para uma garota insaciável como você...

— Nem toda a masturbação adiantou. Não era você.

— Então vamos, dessa vez eu te farei chorar, mas será de prazer.

Capítulo 60



A cada peça tirada e jogada em cima de mim, mais excitado eu fico. Tão duro e cheio de tesão que chega a doer. Depois de meses me masturbando com imagens da minha mulher na mente, agora eu a tenho na minha frente: ousada e fazendo um *strip-teaser* sem música.

No momento, o meu maior desafio é não a pegar, jogar em cima da cama e comer a sua boceta até que estejamos sem forças para nada.

— Gosta do que vê? — Só de calcinha e sutiã, ela tira a parte de cima e deixa os peitos livres para a minha apreciação. Peitos que amo chupar

e deixar vermelhinhos por conta da minha voracidade.

— Gosto muito do que vejo — falo ao pegar no ar o sutiã que ela arremessa. Levo a peça ao nariz e tem o cheiro do seu perfume, o que me deixa no limite entre esperar o seu show acabar e pegá-la de jeito.

Quando ela vira de costas, fico frustrado por perder a visão dos seus seios, mas sou presenteado com a bunda mais perfeita que já vi. A calcinha preta está socada e eu sinto inveja porque queria estar no seu lugar: com o pau socado dentro da sua bunda. Metendo e batendo, porque ela é linda, toda alva e durinha, mas fica muito melhor rosada por causa minhas mãos, marcadas por vergões dos meus chicotes.

Agora pensar nas nossas sacanagens não causa outra coisa que não seja desejo de colocá-las em prática. Porque entendi que não sou um monstro por isso. Não quando nós dois sentimos prazer na relação sadomasoquista.

— Quer que eu tire? — a cachorra questiona com a ponta dos dedos nas tiras finas das laterais da peça, rebolando como uma deusa. Ella não era assim antes, era?

Mas é claro que era!

— Se não tirar agora, eu mesmo vou aí e arranco no dente. Te jogo na cama e te como até que aprenda que não pode me negar o que é meu!

— falo, passando a mão pelo meu comprimento, porque arrancar a minha própria roupa foi primeira coisa que fiz quando chegamos ao quarto do mesmo hotel onde tivemos nosso primeiro encontro.

— O que é seu?

— Você, sua cadela provocadora. Venha aqui, agora! — ordeno quando termina de tirar a calcinha, ficando completamente pelada e gostosa, muito gostosa a minha mulher.

— O jeito mandão você não perdeu, não é? — fala andando muito lentamente na minha direção. — Que bom, porque eu adoro que seja assim: meu ogro.

— Amo que tenha me surpreendido. Em algum momento, cheguei a pensar que você era uma perfeita submissa, mas na verdade é uma rebelde... — Para, quando fica entre as minhas pernas.

Estou sentado na ponta da cama, mas queria mesmo era estar na parede, comendo-a em pé. Socando até o talo para matar a saudade da sua boceta quente e apertada.

Ella então se senta no meu colo, de frente para mim, toda em mim. Olhando-me de perto, mais uma vez toma a iniciativa, coloca a mão entre os nossos corpos, segura o meu pau e o guia para dentro do seu corpo. Senta até o fim, até me ter inteiro dentro dela. Não se mexe, fica paradinha e

apertada com o meu pau socado.

— Eu passei tantas noites desejando estar assim com você...

— Não mais do que eu, amor. Desejava com loucura tocar a sua pele macia, sentir o gosto dos seus beijos e o cheiro do seu perfume. Ouvir os seus gemidos e sentir a sua boceta apertando o meu pau, como faz agora. Dormir amparando o seu corpo desgastado e marcado por todos os lados — falo tudo o que vinha guardado no meu coração.

— Eu sou completamente apaixonada por você. Desde o primeiro toque naqueles roseirais.

— Amo você, passarinho.

— Te amo, meu leão curado. — Então, sem conseguir desviar os nossos olhares, a minha Ella começa a se mexer. Sobe e desce até o fim, bem lentamente, sentindo cada toque, pele contra pele, porque era disso que precisávamos: fazer amor, apesar do tesão.

Precisávamos nos amar depois de tanto tempo, como se ele não tivesse passado. Os nossos corpos se reconhecem como se ontem tivesse sido a última vez que estivemos juntos. Começamos sentados, com ela pulando em cima de mim feito uma amazona, passamos para a parede, onde a fodo de pé, como eu queria e terminamos deitados na cama, ela de costas e eu por cima, amando-a tão lento quanto ela fez enquanto sentava no meu cacete.

Em todas as três vezes durante a madrugada, a prioridade é mais fazer amor do que foder, como nós dois gostamos de fazer na grande maioria das vezes, é olho no olho, o contato do qual fomos privados, toques de carinhos e troca de declarações ao pé do ouvido. Ao adormecermos, os nossos corações estão em paz por estarmos certos de que acabou, que não existe nada entre a gente, não os medos e traumas do passado. Somos apenas Ella e Diego felizes.



Sou acordada com beijos nas minhas costas. Não só beijos, mas também mordidas que fazem o meu corpo se retorcer sobre os lençóis, embora o meu sexo esteja levemente ardido por causa das atividades da madrugada. Também pudera, além do homem ser grande em todos os sentidos, eu estava há meses criando teia de aranha lá embaixo.

— Acorde, sua preguiçosa — fala no meu ouvido, com o corpo pairando em cima do meu.

— Por que você não está aqui na cama? Tenho certeza de que conhece formas melhores para me acordar.

— Não está com fome?

— Na... — Ia negar, mas o meu estômago brada alto o bastante para que eu possa mentir. — Sim. — Sento-me, ele vem para me beijar, mas pulo como um foguete para fora da cama. Corro para o banheiro e me tranco dentro dele.

Não vou mesmo beijar o meu homem gostoso com mau hálito matinal, remela nos olhos e descabelada. Tudo bem que já tínhamos esse tipo de intimidade nos meses em que moramos juntos, mas não tínhamos ficado tanto tempo sem nos ver como agora.

Após alguns minutos, quando deixo o banheiro, eu o encontro só de calça e com uma bandeja de café da manhã à minha espera. Fico sem jeito por ainda estar nua e ele torna a situação mais desconcertante quando pisca para mim com malícia. Dou-me ao trabalho de vestir apenas a calcinha e o sutiã, antes de começar a devorar o café da manhã que ele pediu e ser observada atentamente por um Diego que sempre fez isso, porque tem certo fascínio em me ver comer feito uma draga.

— Eu senti falta disso e de cada detalhe seu — afirmo, sem nunca deixar de olhá-la. É só o que quero fazer.

— Eu vou querer saber de tudo o que fez nesse período. Eu percebi que se esquivava de falar mais a fundo sobre o tratamento.

— Eu vou contar, meu amor, mas não agora. Só quero te amar e te agradecer por ter sido tão forte, por ter feito o melhor pelo nosso filho, por você e por não ter desistido de mim.

— Aceito os agradecimentos em forma de beijos e sexo selvagem.

— Não sei se merece, parecia feliz demais ao lado do sobrinho do padre — digo para provocá-la.

— Você fica gato demais quando está com ciúme da sua mulher.

— Não pense que não será castigada por ter saído com o idiota e deixado que beijasse a sua boca. Vou bater tanto nessa sua bunda que ela ficará mais vermelha do que esse lençol. Ficaré sem conseguir sentar por uns dias, quem sabe assim você não aprende que só eu posso te beijar e tocar em qualquer parte do seu corpo.

— Eu quero — digo e agradeço por estar com sutiã de bojo, senão agora mesmo ele estaria vendo o bico dos meus seios duros pela excitação que as suas palavras causam em mim.

— É claro que quer, sua safada. — Aproxima-se e estapeia a parte de fora da minha coxa e me dá um beijo com gosto de pão doce.

— E saiba que, apesar de ele ter me beijado sem a minha permissão, eu não saí com ele, pelo menos, não da forma que está pensando. A minha amiga Beatriz foi ao festival com a gente, mas acabou encontrando companhia melhor — explico.

— Agora o seu castigo será dobrado por ter envolvido outras pessoas na sua rebeldia.

— O dobro? Eu gosto.

— É claro que gosta, minha menina inteligente. — Aproxima-se e beija de leve os meus lábios.

Minha garota inteligente. É assim que ele tem me chamado, todo orgulhoso, depois que começamos a conversar sobre os meus cursos e sobre tudo o que venho aprendendo. Ele ouviu com entusiasmo todos os meus planos para o futuro e de como posso aplicar os conhecimentos que estou adquirindo para ajudar no campo de rosas.

Muito mais do que o apoio moral, meu namorado me ajudou financeiramente, mandando todos os meses — muito mais do que eu e o seu filho precisávamos — uma quantia em dinheiro que usei para pagar a creche do nosso filho e custear os meus estudos. O tema foi assunto de discussão entre nós, mas no fim acabei cedendo, porque entendi que tem o maior prazer em mimar a mim e ao seu filho.

— Estive pensando e decidi que não vou mais trabalhar na floricultura da namoradeira — aviso e ele abre o sorriso de satisfação. — Que cara é essa?

— Não me agrada que trabalhe tanto, passarinho.

— Eu gosto de me manter ocupada — aviso, deixando de lado a informação que gostava ainda mais porque preenchia as horas do meu dia e me ajudava a esquecer um pouco da saudade que eu sentia.

Sentindo-me satisfeita, observo ele tirar a bandeja que estava entre nós dois, colocá-la de lado e me deitar de costas na cama. Em seguida, deita ao meu lado, com metade do corpo pairando sobre o meu.

— Mas você se manterá bem ocupada agora que voltei. — A mão grande desliza pela minha barriga e eu já começo a perder o foco.

— Vou?

— Vai sim, tomará o meu pau nessa boca — beija de leve meus lábios —, na boceta apertada e no cuzinho antes de dormir, ao acordar e no meio da tarde. Espero que esteja bem com isso, minha mulher.

— Espero não decepcionar o senhor insaciável.

— Você nunca decepciona, branquinha. Nunca. — Beija-me. Quando se torna ganancioso demais, as nossas roupas somem dos nossos

corpos em questão de segundos.

— Está tomando anticoncepcional? — pergunta tardiamente, depois de já termos transado um par de vez sem proteção.

— E por que eu faria isso se o único homem com que eu tinha intenção de transar estava longe de mim? — A minha resposta o agrada e então me lembro de quando transávamos sem camisinha e eu confiava nas pílulas do dia seguinte.

Passei a tomar o anticoncepcional apenas quando chegamos ao Rio, mas não vi motivos para continuar nos últimos meses.

— Ou seja, corremos o risco de você estar grávida.

— Que sorriso é esse? — questiono, porque para ele a ideia parece maravilhosa, levando em conta sua expressão de felicidade

— Se não quisesse me dar um filho, não transava sem camisinha — brinca. A verdade é que estávamos tão sedentos um pelo outro que proteção foi a última coisa que passou pelas nossas mentes.

— Você quer? — indago, porque a ideia parece maravilhosa para mim.

— Acho que está na hora de Alex ganhar um irmãozinho.

— Ou irmãzinha — complemento.

— Nada me faria mais feliz, meu amor. — Volta a me beijar e isso é o que faz por pelo menos duas horas. Não só beijos, é claro, também transamos como se quiséssemos compensar todos os meses de saudade.

Entre um orgasmo e outro, ele me explica com mais detalhes os tratamentos que fez para conseguir ter de volta o controle sobre a sua mente. Sinto um aperto no peito quando me deixa perceber o quanto foi difícil no início, mas também sinto orgulho e alívio por ele ter conseguido

Evitamos falar e relembrar os momentos de saudade e angústia pelos quais passamos, porque ficou suficientemente claro em cada contato que tivemos, quando sentíamos dificuldade de nos despedirmos, quando o ponto alto dos nossos dias eram os momentos em que nos falávamos.

Quando tombamos sobre a cama, suados, ofegantes e satisfeitos, permito-me olhá-lo em silêncio e ele deixa que eu faça isso. Nesse momento, mais uma vez eu paro para refletir sobre a grandiosidade do que fez em nome do nosso amor. Para estar inteiro na nossa relação. Ser feliz e me fazer feliz.

A troca de olhares só é quebrada quando os nossos lábios voltam a se encontrar e o beijo se transforma.

O beijo se transforma em um amor intenso. Um amor que cura. Um amor de recomeços.

Até perto do horário de almoço, ficamos conversando e matando

a saudade. Apesar de ter visto a sua mudança através de vídeos e percebido dia após dia que estava melhor, afastando aos poucos a sensação de que carregava o peso do mundo, vendo-o tão de perto tudo parece mais nítido. Ele está tão lindo. O sorriso que aos poucos vi se tornando mais fácil me deixa tonta de tão lindo que é.

— Cansada? — pergunta enquanto faz movimentos circulares na minha barriga.

— Poderia ficar o dia inteiro aqui.

— Transando?

— Sim. — Dou de ombros, mas a verdade é que a minha amiguinha já está pedindo socorro.

— Amor, deixe de ser safada. Hoje você não aguenta mais nem uma chupada de leve — fala e começa a beijar a minha barriga. Além da sensação gostosa dos seus beijos, a barba faz cócegas. — Pare de ser assim, passarinho. — Levanta a cabeça brevemente e depois volta a me beijar.

— Ainda bem que não tirou a barba. Se tivesse feito isso, teria que deixar crescer novamente.

— Não faria isso. Sei que gosta dela. — Basta que beije minha barriga só mais uma vez para que eu me dê conta de que há algo diferente.

Sem mordidas. Sem chicotes e cabelos sendo puxados. Sem mão em volta do meu pescoço quando estive prestes a gozar. Sem tapas estalados na minha bunda. Será que essa foi uma de suas mudanças?

Espero sinceramente que não. Amo e amaria o leão de qualquer forma, mas quero também o meu homem sádico e que gosta de foder duro. Muito duro, tanto que a minha temperatura corporal sobe só de lembrar.

A minha vontade é de tentá-lo como fiz em todas as outras vezes que ele resistiu à ideia, mas então me lembro que o mundo lá fora ainda existe, que temos um filho, que ele deve estar louco para ver, e deixo o assunto para mais tarde.

— Ella, se a situação fosse outra, eu poderia ficar o dia inteiro aqui com você. Mas eu estou com saudade do meu filho... acho que está na hora de irmos — diz como se lesse pensamentos.

— Também acho — falo e tento pular da cama, mas ele me joga novamente de costas no colchão.

— Eu tenho algumas surpresas para você, amor.

— Boas? — questiono, desconfiada.

— Tão boas que você vai querer me oferecer o seu cuzinho no lugar da boceta dolorida como forma de agradecimento.

Bom, pelo visto o meu homem depravado ainda está vivo!

Capítulo 61



É fim de tarde, Ella e eu chegamos de mãos dadas na vila e eu não imaginei que um dia ficaria tão feliz só de estar aqui. A praça está movimentada, crianças correm de um lado para o outro, porque têm essa liberdade em um lugar que não existem tantos carros como acontece em uma grande metrópole. Os adultos batem papo enquanto observam seus filhos, tudo como era antes da minha partida aos 20 anos de idade.

O gosto pela fofoca também não mudou, basta observar como cabeças viram e conversas são interrompidas quando Ella e eu passamos. Se não sou uma celebridade pela minha escrita, aqui a minha vida é um

espetáculo a ser apreciado, pelo menos é assim que todos pensam. Nada que me incomode, sei que até isso torna Santa Rita o que é: um lugar acolhedor, onde todos estão sempre dispostos a ajudar o próximo. Onde os seus moradores nunca estão ocupados demais para dar atenção a quem precisa.

— Eles não cansam — ao meu lado, a minha mulher diz.

Minha mulher. Eu nem acredito que estamos juntos outra vez, que passei horas matando a saudade que sentia dela e do amor que fazíamos juntos.

— Você já deveria estar acostumada, amor.

— E estou, mas queria que você não tivesse que passar por isso. Só queria que pudéssemos chegar à casa da vovó sem que você tivesse que responder perguntas curiosas.

— Eu estou bem, branquinha. Só quero ver o meu filho. — Como uma ajuda providencial, na hora em que termino de falar, a porta da casa de dona Ester é aberta.

— Olhe — fala.

O meu coração começa a bater descompassado. Meus olhos começam a arder e não me importo de estar sendo observado por todos. O meu pequeno Alex me vê de longe, me reconhece de imediato e abre o sorriso que dizem lembrar muito o meu. Os meses vendo-o pela tela de um

celular não fizeram nada para aplacar a falta que senti dele. Emocionado, solto a mão do passarinho e vou encontrá-lo, ao mesmo tempo em ele que começa a correr em minha direção.

Eu o pego em meus braços e o aperto como se a minha vida dependesse disso. Não sei nem como explicar a saudade que senti dele. Nós nunca tínhamos ficado separados por tanto tempo.

O meu filho me manteve lúcido quando eu não tinha nem uma outra razão para seguir em frente. Ter que cuidar dele praticamente sozinho e amá-lo quando não me achava capaz de fazê-lo foi um bálsamo para as minhas feridas.

— Papai nunca mais ficará tanto tempo longe de você. — Beijo o seu rosto por todos os lados e a cabeça de cabelos lisos e cheirosos. — Papai te ama muito.

— Papai. Amo.

— Eu quero que me conte tudo o que aprontou, está bem? — peço, mais uma vez apertando-o entre os meus braços. — Cuidou da mamãe? Sabe como ela é bonita, né? Os caras ficam...

— Do que estão falando? — desconfiada, pergunta.

— Papo entre pai e filho — brinco, circulando a sua cintura com um braço, enquanto seguro o meu pequeno com o outro.

Com os dois ao alcance das minhas mãos, sinto que finalmente tudo está no seu devido lugar. Foi por eles que busquei me reconstruir e faria isso quantas vezes mais fosse preciso para tê-los como estão agora: nos meus braços.

— Vamos entrar? Acho que já demos muito espetáculo por hoje.

— Pegó a sua mão e venço a distância até a porta onde está a avó da Ella. — Dona Ester — cumprimento.

— Que bom que voltou, meu menino. — Pela primeira vez, a forma como me trata não me causa incômodo, porque já me sinto mais próximo do menino que ela conheceu.

— Finalmente, voltei.

— Vamos entrar? — A senhora coloca a cabeça para fora, olha feio para o povo que nos observa com atenção e espera nós três entrarmos para bater à porta com mais força do que é necessário.

Ficamos até tarde da noite conversando. Conto para eles como foi a minha estadia no Rio e também aproveito para ficar sempre perto do pequeno, que está se mostrando um sapequinha. Mexe em tudo o que vê pela frente e a mãe tem de estar sempre atrás, ensinando que não pode.

Perto das 11h, embora quisesse ficar mais um pouco com o pequeno, abuso mais um pouco dos senhores ao pedir para que fiquem com o

Alex por mais uma noite. Isso faço em segredo, porque tenho planos a dois para a minha Ella e preciso que seja uma surpresa. Obviamente ficam curiosos, mas não dizem nada, porque sabem que a neta contará tudo pela manhã, pelo menos a parte que pode ser contada.



— O que está aprontando? Por que não trouxemos o nosso filho?

— questiona enquanto atravessamos o pátio da sede.

— Porque eu preciso ficar um pouco a sós com a minha menina safada — falo.

— Eu adoro ficar a sós com você, mas sei quando está escondendo alguma coisa, senhor Diego. — A sua fala me lembra de quando exigi que me chamasse de senhor, mas ela não o fez nem dentro e nem fora do quarto, até porque Ariella só faz o que quer e a amo por isso, por ter me dominado de uma forma que, quando dei por mim, já estava completamente rendido por ela.

— Isso é você quem está dizendo.

Antes de alçarmos a porta, paramos ao lado do chafariz e ficamos nos beijando por alguns minutos, porque não conseguimos parar de nos tocar.

Quando as grandes portas se abrem, eu sou praticamente atropelado por duas criaturinhas que não têm nem tamanho, mas se comportam como gente grande — no caso, animal grande. Bela fica latindo e girando em volta das minhas pernas. Ferinha, por incrível que pareça, se atém a observar a estranha com curiosidade.

— Diego, você conseguiu trazê-los... — Ela se agacha e pega o Ferinha nos braços. — Como você é lindo, meu amor. Não sei porque seu pai diz o contrário.

Lindo? O Ferinha? Mesmo vendo-o de perto, ela continua achando-o lindo? Acho que não.

Lembro do dia em que eles chegaram em casa e eu liguei o vídeo só para mostrá-los para Ella. A garota ficou doida e sempre que nos falávamos perguntava pelos bichinhos. Ela não deixou passar a informação de que a adoção deles foi sugestão da terapeuta. Focou na fato de ser uma mulher e só desfez a cara de ciúme quando soube que Morris é muito bem casada com uma moça que parece gostar muito dela.

Nos seus braços, ferinha dorme tranquilo, como se não tivesse

acabado de conhecê-la.

Um traidor, porque comigo nunca foi tão doce.

— Conversei muito com esse carinha.

— Eu só espero que essas conversas não tenham traumatizado o pobrezinho — Aproxima-se e acaricia as orelhas de Bela, que agora está nos meus braços.

— Depende do trauma a que se refere. Eles com certeza sabem que você ama o meu pau.

— Diego! — repreende-me. — Mas podem ficar tranquilos, meus amores, a mamãe agora está aqui e vocês não terão que ouvir coisas impróprias para crianças.

— Mamãe?

— Não se meta na minha relação com eles, ogro — diz e o faz com seriedade.

— Você é muito doida mesmo. — Rio das suas reações e ela acaba me acompanhando.

— Se era essa a sua surpresa, fique sabendo que eu adorei. São mais fofos do que pareciam nos vídeos. O pequeno vai adorar ter esses dois amiguinhos.

— Vai mesmo, ele vai gostar até mesmo desse gato esquisito —
implico só para vê-la defendendo o animalzinho.

— Não diga isso, ele é lindo! — protesta.

— Amor, ele pode ser acusado de qualquer coisa, menos de
lindo — falo, ela olha bem para o seu rosto e continua negando com a cabeça.
— Mas eu estou te entendendo.

— Está?

— Quando me conheceu agiu da mesma forma, como se fosse
um gatinho indefeso, quando, na verdade, não enxergava que eu estava mais
para uma fera, pronta para te devorar. Ou leão, se você preferir.

— Eu seria a Bela? Acho que não. — Sorri por estarmos fazendo
alusão a um conto de fadas.

— Nem de longe tão doce. Você é um passarinho de garras
afiadas.

— Você bem que gosta.

— Eu amo — declaro. — Agora deixe que eles terminem de
explorar a casa, porque eu preciso de um banho e você me ajudará nisso. —
Coloco a cadelinha no chão e faço o mesmo ao pegar o gato dos seus braços.

— Será um prazer, mas antes terá que me pegar. — O passarinho

sai correndo escada acima e eu vou atrás, feliz por estar novamente em casa.



Enquanto tomamos banho, que passou a ser mais do que um banho há muito tempo, a minha mente está entorpecida pelo prazer de sentir a sua boca sedenta em volta do meu seio. Com as costas apoiadas na parede e sentindo o jato de água morna que cai nas suas costas respingar em mim, tenho dificuldade de manter as pernas enroladas na sua cintura.

— Eu quero...

— Nem pensar. Hoje você já teve mais do que poderia. Irei passar uma pomada contra assadura nessa boceta, depois você irá descansar como uma mocinha comportada — diz ao tirar a boca do meu seio esquerdo e passar para o direito.

— Mas... eu não sou... uma mocinha comportada. — Tento me esfregar, ainda que saiba que ele tem razão quando diz que não poderei

transar outra vez. Não hoje.

— Hoje você será, porque quer agradar o seu namorado que ficou meses sem te tocar, não é mesmo?

— Sim... — falo sem convicção.

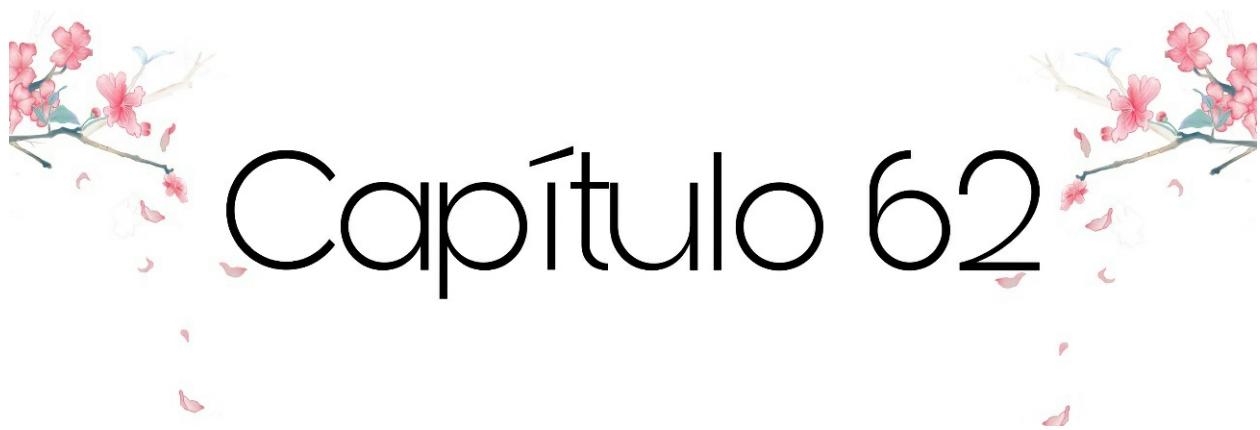
Termino com o corpo bem relaxado e satisfeito, pois embora Diego tenha dito que não vamos mais transar hoje, ele me proporcionou um orgasmo com a boca que de tão intenso me fez esquecer da ardência no meio das pernas. Pensando bem, eu não esqueci, apenas suportei o incômodo que no fim torna tudo mais gostoso. Quero fazer o mesmo por ele, mas sou impedida. Ele mesmo se masturba embaixo do chuveiro e o fato de eu estar olhando enquanto me seco o estimula ainda mais.

Ao saímos, meu leão me deita na cama e cuida de mim com toda atenção, passa hidratante por todo o meu corpo e depois cuida do meu sexo. Observo tudo em silêncio e deixo que faça o que quiser. Percebo que ele está assim por conta da saudade e que, se eu sofri, meu amor deve ter sofrido o dobro. Deixo que me olhe em silêncio depois que termina e que me beije por onde quiser.

Por fim, Diego se deita ao meu lado, puxa-me para os seus braços e depois nos cobre com um lençol fino, já que a noite está quente. Ficamos abraçados em silêncio, ele fazendo carinho no meu cabelo com a

ponta dos dedos e eu com a cabeça deitado no seu peito, ouvindo as batidas compassadas do seu coração. Em determinado momento, levanto a cabeça, nos olhamos por um tempo até que ele me beija. Assim ficamos até estarmos de fato preparados para dormir.

Quando pegamos no sono, durmo contente por estar nos seus braços outra vez. Não sei como será no futuro, se ficaremos aqui em Santa Rita ou no Rio, mas tudo o que importa é que nos amamos e ficaremos juntos, independente das circunstâncias.



Capítulo 62



Morta de preguiça, estico o meu corpo sobre a cama, espreguiçando-me depois de uma noite de sono como há muito tempo não tinha. Sinto que estou sozinha, porque, se o meu namorado estivesse comigo, certamente estaria com o corpo atracado ao meu, ou então teria me acordado para uma de suas safadezas matinais. Mas tem alguma coisa diferente.

Termino de despertar e a claridade contra os meus olhos evidencia o que está mudado. Janelas abertas. A janela do seu quarto está arregaçada e eu nunca a vi assim. Empolgada por ver algo tão significativo, levanto-me e saio do quarto, sentindo que suas massagens e a pomada

fizeram um bem danado ao meu corpo quase recuperado.

Do alto da escada consigo avistar a parte de baixo e então vejo todas as janelas, que antes viviam fechadas, abertas. A casa, que era bem escura, como se sempre fosse noite, está iluminada e a luz da manhã e uma corrente de ar passa por todo o lugar. Lágrimas vêm aos meus olhos facilmente, como tem acontecido desde ontem quando o revi. Lágrimas de alívio e felicidade.

— É, você realmente está bem, meu leão ferido — digo a mim mesma e volto apressada para o nosso quarto.

Doida para estar com ele novamente, tomo um banho rápido, coloco um vestido leve, sandálias de dedo e prendo os cabelos. Um pedaço de papel sobre a cama chama a minha atenção, eu o pego e logo reconheço a sua caligrafia perfeita.

Amor, você parecia tão linda durante o sono, um perfeito anjo. Preciso que faça duas coisas para mim.

1 – Tome o café da manhã delicioso que preparei para você lá na cozinha.

2 – Venha me encontrar no nosso lugar. Tenho certeza de que você sabe exatamente onde ele fica.

Do leão para o passarinho.

Se já estava com pressa para vê-lo, o seu bilhete me faz pensar que a escada tem mais degraus do que o necessário quando a desço.

— Meus amores, a mamãe não tem tempo para dar atenção para vocês agora, mas prometo que quando o Alex chegar vocês terão com quem brincar. — Aproximo-me e passo a mão por suas cabecinhas, que da porta observam o pátio, o que me lembra que Diego e eu precisamos conversar sobre isso. Eles precisam de liberdade, mas sem correr o risco de se perderem de nós.

Fiquei surpresa quando os vi, porque Diego nunca pareceu ser do tipo que tem animais de estimação, mas também fiquei contente por eles terem lhe feito companhia e o livrado da completa solidão.

Na cozinha vazia, já que ainda está muito cedo, sou recebida por uma bandeja de café da manhã posta sobre a mesa. É simples, mas aprecio a gentileza e a tentativa de me agradar por trás do gesto. Devoro um pedaço de mamão e uma torrada em tempo recorde, depois corro para escovar os dentes novamente no andar de cima. Por último, checo a minha aparência no espelho e desço para encontrar o meu amor.

No caminho que faço a pé, me pergunto o que ele está aprontando, para no fim chegar à conclusão de que não faço ideia do que seja.



A brisa suave da manhã toca a minha pele. A sensação de plenitude que só tenho aqui abranda a ansiedade por tudo o que tenho para falar com Ariella. Foi a decisão mais fácil que já tive de tomar na minha vida e a mais acertada, tanto que tive que me segurar para não dizer nada quando estávamos naquele quarto de hotel nos amando.

Como foi há quase de três anos, sinto os seus braços em volta da minha cintura, a cabeça deitada nas minhas costas. Uma cena que poderia se repetir muitas e muitas vezes e a sensação seria a mesma. No nosso lugar, onde tudo começou e recomeçou, pretendo dar o passo mais importante das nossas vidas e, dessa vez, não tenho dúvidas de que será para sempre.

— Que bom que veio, meu anjo.

— Virei todas as vezes que me chamar — afirma.

— Eu sei, amor. — Viro-me de frente, mas continuo com os braços em volta da sua cintura. Beijo o canto da sua boca e poderia fazer muito mais quando estamos aqui sozinhos, como foi da última vez, mas tenho

outra coisa para fazer e a ansiedade para ouvir a sua resposta não me permite adiar mais.

— Por que me olha dessa forma? — indaga.

— Como se o meu mundo começasse e terminasse em você? — Ela balança a cabeça em confirmação. — É assim que me sinto. Acho que foi assim desde o início e só foi se intensificando a cada novo encontro. Hoje eu não só entendo que você é todo o meu mundo, como sei que não posso mais viver sem você, da mesma forma como não podemos viver sem ar para respirar.

— Diego, o que você... — interrompe-se, visivelmente emocionada. Seu coração bate tão acelerado que posso senti-lo contra o meu peito.

— Estive perdido por muito tempo, até que um dia você me tocou e depois você me viu. Desde então muita coisa mudou. Eu passei a rejeitar o meu destino. Parecia frio onde eu estava e eu só queria um pouco da sua luz, do calor que via nos seus olhos. Você foi tão insistente e imprudente, meu amor. Ignorou cada pedido meu para se manter distante. Cheia de bravura e um pouco de loucura — brinco e ela sorri entre lágrimas —, tentou-me até tornar-se irresistível. Amar você foi inevitável. Querer ser o melhor para você foi inevitável. Por você, eu superei muito mais do que pode

imaginar. Por você, eu lutarei para ser um homem melhor, dia após dia.

— Você já é essa pessoa, Diego. Sempre foi. Você não via, mas eu te enxerguei de verdade desde o início, por isso nunca desisti. — A sua mão pousa bem em cima do meu coração e o seu rosto se enche de pura ternura quando sente como ele bate acelerado por sua causa.

— Há alguns meses, quando tive que fazer uma escolha entre continuar me afundando na escuridão e ficar com você, eu te escolhi e faria dezenas de vezes mais se fosse preciso. Lembra o que te falei sobre escolhas?

— Sim.

— Você foi a minha melhor escolha, passarinho. Te amo mais do que pode imaginar.

— Eu também te amo e acho que você pode, sim, imaginar — brinca.

— Você é minha. Era quando nem nós conhecíamos ainda e será para sempre. Mas não é o suficiente que só nós dois saibamos disso. Eu quero que o mundo saiba que me pertence e que eu pertenço a você. Preciso que te conheçam como a senhora Ariella Cerqueira Estrada, a mãe do meu filho e de todos os demais que você quiser ter.

— Sim! Sim! — Animada, a minha namorada se joga nos meus braços e, se eu não tivesse um bom reflexo, teríamos caído sobre a terra. —

Sim, eu aceito.

— Sim?

— Você não está me pedindo em casamento? — Fica sem jeito quando deixa o meu corpo, arrumando o vestido. — Mas eu pensei...

— Eu estou te pedindo em casamento, minha maluquinha. Mas você foi apressada demais. — Feliz pela sua resposta tão entusiasmada, eu a abraço, beijo seu rosto todo e, no fim, seus lábios cheios. — Nós vamos nos casar, passarinho.

— Que dia?

— Você está com pressa? — provoco, não aguentando e agarrando a sua bunda.

— Estou sim. Vai que você mude de ideia. Melhor não arriscar.

— Isso jamais acontecerá, amor — afirmo, convicto, ao levar a mão ao bolso e tirar dele o que venho guardando desde o dia em que ela veio para cá. Quando fui à joalheria e saí com a certeza de que um dia aquilo iria acabar e eu estaria aqui, ouvindo o seu sim.

— Para você. — Entrego-lhe uma única rosa, colhida no nosso próprio campo. Com os olhos brilhando, desfaz o nosso abraço, pega a flor e o que está preso entre as suas pétalas a deixa com um sorriso perfeito no

rosto.

— Não precisava. Que coisa mais linda, meu amor. — Com cuidado, retira o solitário com uma nada discreta pedra de diamante e o observa com incredulidade.

— Você merece muito mais, Ella. — Pego o anel da sua mão, coloco-o no seu dedo e depois beijo onde está a prova do nosso compromisso. — Meu amor. Meu passarinho. Mãe do meu filho.

— Meu amor. Meu ogro. Meu leão ferido e pai do meu bebê. Te amo.

— Eu quero você — sussurro no seu ouvido depois do beijo que iniciamos.

— Mas eu já sou sua. — Banca a inocente e leva um tapa na bunda por ser tão atrevida. Para incentivar, talvez, porque é exatamente isso que ela procura quando me provoca.

— Corrigindo: quero comer a sua boceta para comemorar o nosso noivado. — Sem que estivesse esperando, giro-a dentro dos meus braços e a coloco de costas para mim. Tiro o cabelo do seu pescoço e mordo ali, ela geme e começa a esfregar a bunda no meu pau. — E estou falando desse tipo de sexo. — Chupo o local da mordida.

Sinto-me bem com a nossa preferência pelo sexo

sadomasoquista e percebi que ontem ela sentiu falta dele, assim como eu também senti. Embora fazer um amor menos intenso seja bom, o sexo duro é mais a nossa cara.

— Aí, que delícia. Cheguei a pensar que o meu leão sádico tivesse ido embora. — Continua a roçar a bunda lentamente em mim, começando a me deixar verdadeiramente excitado, logo após o pedido de casamento.

— O leão sádico jamais deixaria o passarinho masoquista e faminto dele. Jamais!

— Então vamos de uma vez! — O caminho de volta fazemos aos beijos, que seriam vistos como impróprios, se não estivéssemos sozinhos.

No nosso quarto, a pressa em ficarmos nus é tanta que só demoramos segundos para nos livrar de todas as nossas roupas. Quando conseguimos, nos atracamos com beijos esfomeados e toques que não parecem suficientes. A primeira vez é sobre foder com força, matar a saudade e dar vazão ao chamado dos nossos corpos. Quando goza ofegante e suada, mal me dá tempo de recuperar o fôlego e já parte para cima de mim novamente. O meu passarinho é muito entusiasmado e insaciável quando o assunto é sexo e eu fico doido com isso, porque, se pudesse, não sairia de cima dela.

— Está com pena? — pergunta, de quatro, na beira da nossa cama, e com o corpo escorregadio de suor. — Você não é mais o mesmo.

— Não tenho pena de você, cadelinha. Sei que aguenta isso e muito mais, porque as suas perversões estão à altura das minhas. Isso me faz amar essa face obscura que tentei rejeitar. — Os fios do meu chicote recaem nas suas costas, a minha mulher geme de dor, mas sei que também é de prazer.

Com o meu corpo todo trêmulo, o pau fica tão duro que chega a doer pela visão do seu corpo marcado. Saber que sou eu quem faz isso torna tudo muito mais gostoso, então eu fico mais à vontade para surrar, morder suas costas, lambar e chupar cada pedacinho do seu corpo. Minha Ariella, entre lágrimas de dor e tesão, suporta tudo, pois sabe que no final terá o meu pau profundamente socado na sua boceta ou no seu cuzinho, dando-nos o prazer que transcende limites, porque a cada dia que passa fica melhor.

— Porra de boceta apertada. — Invisto contra ela, que agora tem as unhas descendo pelas minhas costas e as pernas em volta da minha cintura.

— Ai! — reclama quando tiro o prendedor dos seus mamilos sensíveis e os abocanho, faminto. — Não pare, amor! Nunca! — Tenta me ajudar, mas eu prendo com firmeza o seu quadril na cama.

— Preciso que me ajude com algo. — Ainda metendo, pego o

pau de borracha e mostro-o. No primeiro segundo, parece surpresa, mas muito rápido os seus olhos ficam quentes.

— O que você quiser, leão. Sei que será bom, confio em você...

Penetrando-a mais lentamente, levo a mão até o seu ânus e toco o plug anal que é maior que o da última vez. Ela geme, pois o movimento que faço é o mesmo que o meu pau faria se já estivesse no seu cuzinho.

— Quero realizar o meu fetiche de que estou te tendo de todas as formas. Na frente e por trás, sendo completamente preenchida. Você deixa, meu passarinho? — peço com o rosto próximo ao seu, terminando com uma mordida no lábio inferior.

— Eu deixo. Sou sua, lembra?

— Todinha. — Com cuidado, afasto-me do seu corpo deitado sobre a cama, começo a enfiar o vibrador na sua boceta e a visão dela engolindo o consolo é tão excitante que me deixa a ponto de gozar.

— É bom?

— Sim, porque você está metendo-o aí, mas preferiria que fosse seu pau — fala, com o peso do tronco apoiado nos cotovelos e, assim como eu, observa a cena excitante.

Com cuidado, tiro o plug, coloco um pouco de lubrificante no

meu pênis e, olhando nos seus olhos, começo a penetrar a sua bunda.

— Tão apertado... — Centímetro por centímetro entro e, com a mão livre, mantenho o consolo dentro da sua boceta. — Está bem?

— Isso é demais para mim, amor.

— Eu posso tirar — sugiro.

— Não! — como esperado, minha safada protesta. É curiosa e aventureira demais para voltar atrás em qualquer coisa que lhe proponho.

Quando começo a entrar e sair do seu cuzinho e ela passa a ofegar e gemer de prazer, penetro a sua boceta com o pau de borracha. No início, faço lentamente para que possa se acostumar com a sensação, mas logo faço do jeito que nós dois gostamos: duro, suado e com sons de tapas e palavras chulas.

— Vai gozar para o seu homem agora? — sussurro no seu ouvido quando jogo o vibrador de lado, tiro o pau do seu ânus e enfio na sua boceta. Toco o seu clítoris e nós dois somos puxados para um orgasmo intenso e que nos deixa sem fôlego. Despejo a minha porra no seu interior, porque, para mim, existe algo de muito atraente em marcá-la dessa forma.

— Está bem, amor? — Antes de cair cansado na cama, observo o seu corpo para checar se não passei dos limites.

— Você é muito bom nisso — elogia e se ajeita de lado. Certamente a bunda e as costas estão ardidas e doloridas, a deixa de que eu preciso para levantar-me e cuidar dela.

Com levo uma Ariella cansada para o banho, com todo o cuidado lavo o seu corpo e depois cuido de cada uma de suas marcas. Ainda está no meio da manhã quando nos deitamos e ficamos conversando sobre temas importantes e nos tocando, dessa vez com um carinho que não é sexual.

— As pessoas ficarão de boca aberta quando descobrirem que iremos nos casar.

— Mas todos já não sabiam que estamos namorando, certo?

— Amor, eles sabem o que os olhos deles veem e a última coisa que viram foi a minha volta apenas com o seu filho. Por muitos meses, acreditaram que você tinha nos abandonado, por isso ficaram tão surpresos com a sua chegada repentina ontem à noite.

— Queria fazer uma surpresa, mas quem teve a surpresa fui eu quando a sua avó falou que tinha ido para Boa Ventura com o sobrinho do padre. Fiquei tão transtornado de ciúme e com medo de ter te perdido que nem pensei na saudade que estava do meu filho.

— Tadinho do meu ogro possessivo — brinca e beija o canto da

minha boca.

— Nem acredito que estou em casa, passarinho. Desejei tanto estar aqui nos últimos meses. Morar nessa casa, passear a cavalo e andar pelo roseiral. Quis fazer coisas que em algum momento do passado deixei de dar valor.

— Quando você diz que está em casa, significa que vamos morar aqui em Santa Rita? — indaga e não deixa de demonstrar que é o que deseja.

— Sim, meu amor. Nós iremos morar aqui em Santa Rita.

— Se faz isso por mim, saiba que posso ser feliz em qualquer lugar, desde que esteja com você.

— Sei que seria, Ariella, mas acredito que não existe nada como o nosso lar e aqui é o seu lugar. O nosso lar. Quero estar nessas terras tanto quanto você e acredito que o nosso filho será feliz aqui, tanto quanto nós dois somos.

— Ele ama aquele roseiral — comenta.

— Assim como você, que agora me ajudará com tudo o que diz respeito a ele.

— É para isso que estou estudando. As nossas flores continuarão a ser as melhores dessa região e dos demais Estados ao redor.

— Ainda teremos que ir algumas vezes ao Rio por causa da minha carreira como escritor.

— Irei com prazer. Assim a gente pode continuar indo ao clube de sexo, ver e fazer todas aquelas safadezas.

— Você pensa em tudo, não é mesmo? — Abraço-a apertado, sentindo todo o seu corpo nu contra o meu. — É claro que iremos ao clube quando estivermos no Rio. Tem tantas coisas que você ainda precisa experimentar.

— Já estou ansiosa — fala e puxa a minha correntinha que prende o seu anel. Ela sabe que não voltará mais para o seu dedo e que está bem comigo. O objeto foi importante para mim em tantos momentos difíceis que não posso mais me desapegar dele.

— Eu o usarei como um amuleto. Para dar sorte e me fazer lembrar de você, se porventura ficarmos separados por mais do que cinco horas — falo e beijo seus lábios repetidas vezes.

— Cinco horas é tempo demais. Seria um crime. — Minha branquinha começa a se empolgar novamente, mas eu freio os seus impulsos, pois não está em condições de fazer sexo tão cedo. — Não acha que está na hora de irmos à casa dos seus avós buscar o pequeno e dar a notícia?

— Que notícia? — provoca.

— A notícia que de você usará a minha aliança no dedo esquerdo e terá o direito de se sentar no meu pau pelo resto dos seus dias.

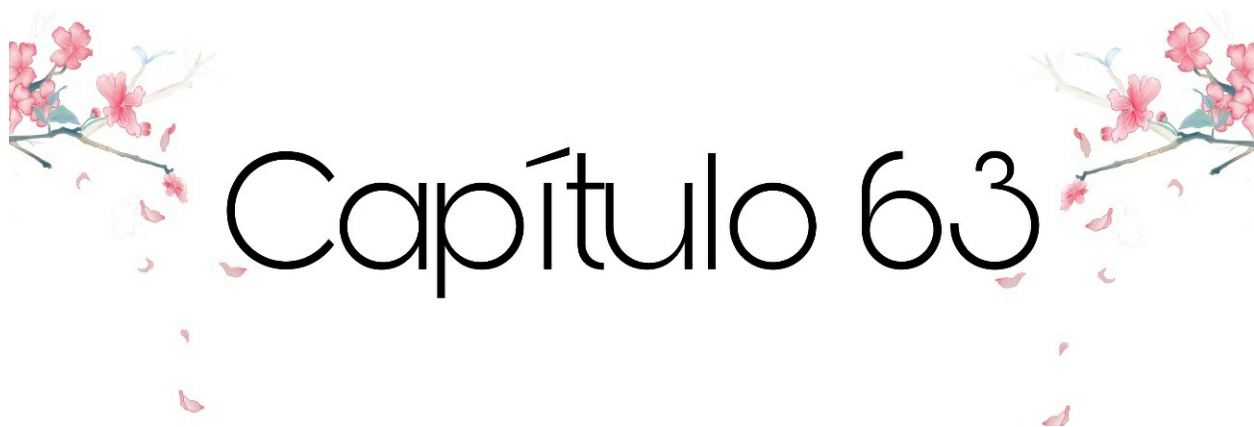
— Logo eu, que sou uma pessoa que gosta de lutar pelos meus direitos?

— Meu passarinho safado.

— Meu leão insaciável...

Nós dois terminamos a nossa conversa com um longo beijo e demora mais ou menos uma hora para levantarmos da nossa cama e irmos para a vila. Assim que chegamos, damos de cara com uma senhora e os seus filhos pequenos. Os seus olhos, que parecem treinados, vão direto para as mãos da minha garota das flores, o suficiente para que a notícia do casamento comece a se espalhar antes mesmo de contarmos para os seus avós.

Para mim não faz a menor diferença e acredito que com ela acontece o mesmo. Estamos felizes demais e só queremos que o mundo todo saiba que iremos nos casar. Meu segundo casamento, mas dessa vez será com a mulher da minha vida. Com os meus pés fincados no meu solo e a alma em processo constante de cura.



Capítulo 63



Se a vida está em constante mudança, existem certas coisas que nunca mudam e um bom exemplo disso é a essência das pessoas, mais especificamente a do meu noivo. Se antes ele era muito quieto e não se abria para as pessoas, hoje, depois de um mês da sua volta e visivelmente diferente, já ficou mais do que claro que nem tudo era uma máscara de proteção.

Diego, de fato, é uma pessoa tímida e até mesmo retraída. Passou a ser mais atencioso com as pessoas à sua volta, a se envolver mais com os assuntos da fazenda e do campo de rosas, mas ainda é uma pessoa reservada e de poucas palavras. Ele só é diferente comigo e perceber esse seu

jeito tem feito coisas interessantes com o meu corpo. Não consigo parar de achar sexy como fica sem jeito quando é o centro das atenções — o que acontece com frequência por ele ser quem é — e nem quando perde a voz diante de um elogio, principalmente quando o comparam ao seu falecido pai.

Somos tão diferentes. Ele, reservado e eu, muito comunicativa e ainda assim nos damos tão bem quanto qualquer casal apaixonado. Acredito que são as nossas diferenças que nos tornam tão únicos, porque eu duvido muito que exista outro leão e outro passarinho por aí.

Respeitando o seu pedido e por não desejar que fosse de outra forma, o nosso noivado, duas semanas atrás, foi feito da maneira mais discreta possível. Comemoramos a nossa decisão em um jantar com os meus avós, Alex, Bia, a minha amiga mais próxima e que ouviu as minhas lamentações quando ele esteve distante, e o seu amigo Tony. A noite estava linda e a alegria das pessoas que amamos só não foi maior do que a nossa no momento em que meu leão deu uma de homem antiquado e pediu a minha mão para os meus avós.

Ele tinha o nosso filho nos braços, os nossos bichinhos de estimação andando em volta e, olhando para trás, me dou conta de que até mesmo o nosso jantar de noivado teve a nossa cara.

Hoje, enquanto provo o meu vestido pela quarta vez na única

loja de vestidos de noiva de Santa Rita, ao lado da minha avó, ainda tenho dificuldade de acreditar que tudo é realidade, no caminho que Diego e eu percorremos para chegar até aqui. Eu e as minhas ilusões com um homem sem rosto, esperando que um príncipe encantado fosse aparecer em cima de um cavalo branco.

Ele não era um príncipe de conto de fadas, pelo menos, não para a maioria das pessoas e não veio montando em um cavalo branco. Era um homem sombrio e cheio de ameaças. Então eu vi o que ele queria esconder. Dava um passo para trás e eu dava outro em sua direção. Ele dizia não e eu respondia com um sim, porque era a resposta que eu via nos seus olhos.

Um dia ele me deixou entrar, livrou-se de vez das amarras do passado e hoje eu tenho a sensação de que vivo um conto de fadas, que, de uma maneira tortuosa, a nossa história tornou-se um, porque ainda não me acostumei a estar tão feliz com ele, a acreditar como duas pessoas podem se dar tão bem e se completarem em tudo da forma como acontece com a gente.

— Está linda, criança. O menino tem sorte de ter você como companheira — diz.

A dona Ester está muito feliz e a desconfiança que ela tinha quanto ao nosso relacionamento já não existe mais, o que me deixa muito feliz, pois não era nada cômodo lutar por nós quando nem a minha avó

acreditava no nosso futuro.

— Obrigada, vovó, mas acho que eu também tenho muita sorte. O meu Diego é a melhor pessoa — digo, olhando-a brevemente pelo espelho, sem conseguir tirar os meus olhos do meu reflexo de noiva.

— A minha intuição não falha nunca e ela me diz que você será muito feliz, meu amor. Eu estou muito orgulhosa da pessoa que você se tornou. Sempre foi uma menina tão bondosa. A vida está apenas te recompensando com o melhor que ela tem a oferecer: sucesso no amor e em todas as áreas.

Emocionada com a pessoa que esteve comigo sempre que precisei depois que fiquei sem os meus pais ainda não nova, dou-lhe um abraço apertado.



— Como foi lá, meu amor? Eu poderia ter te acompanhado. — Diego me puxa para os seus braços assim que chego perto o bastante para estar ao alcance das suas mãos.

— E deixar que visse o meu vestido? Nem pensar. — Recebo de bom grado os seus beijos, mas ele me freia quando tento ser mais ousada.

— Eu estou suado, passarinho.

— Eu amo esse seu cheiro de homem gostoso e suado, me lembra quando fica assim por outras razões. — Na ponta dos pés, mordo a sua orelha, ele ofega e em seguida olha de um lado para o outro, checando se não tem ninguém nos observando.

— Garota safada! — fala, mas a mão bem que está apertando a minha bunda por cima da calça jeans.

— Eu não era assim antes de um certo leão ogro entrar na minha vida.

— Mas foi você quem invadiu a minha vida, literalmente. Ou será que esqueceu que entrou no meu quarto duas vezes? O que você realmente queria, amor?

— Você — confesso, porque na época nem eu mesma entendia o que me impelia a entrar no seu quarto. Era de uma falta de noção tão grande que hoje eu me pergunto onde estava com a cabeça.

Se faria novamente? Provavelmente faria.

— Eu sempre soube — fala convencido e se curva levemente

para beijar-me no pescoço. — Amor, me diga que vai dormir aqui em casa hoje. Eu já estou morrendo de saudade — reclama e eu fico sem saber se o relembro que ficamos juntos ontem no meio da tarde, quando fui ao escritório depois que o Alex dormiu. Eu estava preocupada, porque ele passou muitas horas escrevendo.

— Eu não sei se devo — faço charme.

Apesar de ele querer muito e eu também — devo admitir —, a minha avó achou que seria melhor se não morássemos juntos antes do casamento, o que é contraditório, considerando que fizemos exatamente isso no Rio. Quanto a esse ponto, a dona Ester achou por bem me lembrar que na cidade grande não há tantas pessoas interessadas na minha vida como acontece aqui em Santa Rita.

Eu, apesar não me importar muito com essas coisas, decidi fazer as vontades dela e, no último mês, Diego e eu nos contentamos em ficar nos agarrando pelos cantos. Dormimos juntos quando, vez ou outra, ele me convence a passar a noite na fazenda.

— O que posso fazer para te convencer? — indaga ao ajeitar o chapéu na cabeça e eu me pergunto como esse homem pode ficar mais bonito a cada dia que passa. Sempre foi, mas quando se veste assim, no melhor estilo *cowboy*, para vir ao campo, fica simplesmente irresistível.

Felizmente, Diego é do tipo que não se dá conta dos olhares espichados das mulheres em sua direção e eu o poupo de demonstrações de ciúme. Sinto, e muito, mas ele não fica sabendo, não até que alguma delas chegue perto demais. Ele, por sua vez, é extremamente cuidadoso e não deixa que os peões se dirijam a mim de uma forma que ele considere desrespeitosa ou íntima demais.

— Quero que use o seu kit hoje à noite, não faz isso desde a semana passada. — Por kit, refiro-me a todos os seus brinquedinhos sexuais, cujo principal item é o chicote.

— Você está bem?

— Já tem uma semana desde a última vez. Não acho que precisamos esperar tanto. Dê-me só dois dias, no terceiro já estou pronta para outra.

— Para apanhar. Como uma flor delicada como você gosta dessas coisas? É bom demais para ser verdade. Passarão anos até que eu me acostume com tamanha sorte.

— Gosto porque é com você. Eu suporto a dor pela expectativa do que virá a seguir. Quando acontece, a sua pele quente em contato com a minha machucada e o seu pau me rasgando torna tudo tão mais gostoso que só o que eu desejo quando termina é fazer outra vez.

— Estou duro e com vontade de fazer isso. — A sua mão cai com força na minha bunda, me sobressalto pela surpresa e vem a ardência, seguida de um sorriso rasgando o meu rosto.

— É um sim?

— O que acha? — sussurra no meu ouvido. — Estamos combinados: hoje você dorme comigo e eu deixo a sua bunda vermelhinha.

— É sempre um prazer negociar com você, leão. — Beijo os seus lábios e em seguida me apresso. — Agora deixe-me ir, porque ainda tenho muitas coisas para fazer.

— Até mais tarde, minha futura senhora Estrada.

Viro-lhe as costas com o meu agora constante sorriso no rosto, pronta para as milhares de coisas que preciso resolver. Depois que Diego voltou e me pediu em casamento, muitas coisas mudaram na minha rotina.

Pela manhã, ele me pega na casa da minha avó e me leva para a universidade em Boa Ventura. Até que ele volte, deixamos a minha avó de olho no nosso filho, que geralmente não acorda antes do pai voltar. Diego o leva para a creche perto das 8h da manhã, busca-o ao meio dia e depois vai me pegar. Almoçamos juntos na fazenda e, na parte da tarde, vai cada um para um lado: ele se fecha no seu escritório para escrever o livro que não me deixa ver nem sob tortura e eu parto para os compromissos relacionados ao

casamento ou para o campo de rosas. Gosto de observar e dar opinião sobre as coisas que venho aprendendo e fico contente por meu amor ter confiança e me dar total liberdade para isso.

O nosso filho, por mais que eu tenha protestado no início e tenha sido convencida pelo Diego que é o melhor a se fazer, fica com a esposa simpática do Rico. Ela tomou o papel de sua babá, mas não em tempo integral, pois eu mesma fico com ele quando posso. Tem dias que eu o levo comigo quando vou ao campo. O pequeno falador se diverte e diverte os trabalhadores, que não são imunes à sua fofura e ao amor que demonstra pelo lugar.

A minha avó continua na cozinha — não larga nem por decreto — e agora que a mulher do Rico cuida do Alex quando precisa, contratamos mais duas outras mulheres para ajudar na limpeza da sede, que é grande demais para uma pessoa só, principalmente agora que as portas e janelas estão sempre abertas.

O meu velho avó e o Rico, que tem a personalidade tão diferente do Diego, mas ainda assim eles têm tentando retomar a amizade de outrora, deram conta do recado muito bem na administração da fazenda e por isso continuam em seus postos. Diego está bem mais envolvido nos assuntos da fazenda e do campo, mas ele ainda se dedica mais à escrita. Não poderia ser

diferente quando há tanta paixão pelo que faz como é o caso de Diego. Eu e todos os seus fãs agradecemos, porque as histórias contadas por ele são simplesmente maravilhosas.

Se pela manhã saí para fazer mais uma prova do vestido, no fim da tarde vou conversar com o padre sobre a realização do casamento. Decidimos que será na praça, assim todos os espectadores ávidos pela nossa história, amigos de toda uma vida, participarão da nossa união. A notícia animou a todos e, em uma vila tão pequena, não se fala em outra coisa que não seja o meu casamento.

— Então você vai mesmo se casar com Diego Estrada? — Sou abordada por Guilherme quando desço as escadas da paróquia. Não nos falamos desde o dia do festival e até a minha mensagem com pedido de desculpas pelo acontecido ele ignorou.

— Daqui a um mês. Espero que já tenha me desculpado por aquilo — digo, sincera. Nunca foi a minha intenção magoá-lo, embora tenha esquecido isso quando aceitei o seu convite, mesmo sabendo das suas intenções.

— Não tenho nada o que desculpar. Acho que levei um tempo para entender o que estava mais do que claro: você sempre foi apaixonada por Diego Estrada. Desconfiei desde a primeira vez em que os vi juntos. Eu

espero que seja muito feliz, Ella. Você merece.

— Desejo o mesmo a você Guilherme. Tenho certeza de que por aí tem uma boa moça que te fará tão feliz quanto eu sou — digo e ele sorri, como se não acreditasse no amor. — Você vai ficar para o casamento?

— Está me convidando?

— É claro!

— Então eu venho. Só mantenha o seu noivo longe de mim. Só aqui entre nós dois — aproxima e abaixa o tom de voz, como se fosse contar um segredo de estado —, mas eu sempre achei ele meio assustador.

Mas qual o problema com todas as pessoas desse lugar? Diego, assustador?

Mesmo no início, se eu pensei nele dessa forma, não deve ter durado mais do que cinco segundos.

— Pode deixar que dele eu cuido. — Jogo uma piscadela para a pessoa que sempre foi tão gentil comigo e sigo o meu caminho.

Aviso para o Diego que irei tomar banho e que não precisa me buscar, porque irei de bicicleta mesmo. No caminho curto da igreja para a casa, vejo um movimento estranho atrás do armarinho e, como sou curiosa demais, me aproximo para averiguar.

Fico com um “eu já sabia” na ponta da língua, quando reconheço Bia prensada na parede, as pernas em volta da cintura do *Armário* e sendo praticamente engolida por ele. Como pode? Ela, tão pequenininha, com esse poste?

Ela, com seus recém-feitos 18 anos, e ele deve estar perto dos 40. Tony, com todos os seus músculos e a pele morena, é muito bonito, mas não para a minha amiga! Olhe só para eles! Quase nem vejo a menina.

— E eu pensando que o seu único interesse aqui em Santa Rita era me vigiar para o seu amigo. — Eles se assustam com a minha voz, mas não se largam.

— Deixe de ser enxerida, amiga.

— Olhe só para o tamanho dele, Bia! — Os dois sorriem da minha genuína preocupação, então eu decido deixá-los de lado. — Tudo bem, mas nós duas vamos conversar depois, senhorita Bia. Outra coisa: prestem mais atenção aonde fazem isso, eu vi e qualquer um pode ver.

Eles nem ligam e continuam a se beijar. Não sei porque sempre fui considerada a doida da cidade quando não fazia nada além de vender as minhas rosas na praça e falar pelos cotovelos. Na verdade, a doida mesmo sempre foi a Bia.



Ao chegar à sede da fazenda, pouco depois das 7h da noite, subo direto para ver o meu pequeno. Encontro-o de banho tomado, libero a babá, fico brincando com ele por um tempo e depois o levo para jantar. Os meus pensamentos estão no meu leão, posso apostar que está no escritório escrevendo até essa hora.

— Vamos ver o papai? — falo depois que ele termina de jantar.

— Ver. Papai — repete, ainda aprendendo a formar frases.

— Oi, passarinho. — Assim que percebe a minha entrada, Diego fecha o notebook e vem em nossa direção. — Eu acho que perdi a hora.

— Por isso vim até aqui — falo, enquanto o observo beijar o rosto do filho e depois os meus lábios. Diego às vezes se perde no trabalho, mas sempre para quando me vê.

— Você está sempre me salvando, meu amor — declara. — Eu só preciso de um banho e de um prato da comida da sua avó. Já jantou?

— Não. Estava esperando por você — afirmo.

— Então a gente janta, colocamos o nosso filho para dormir e então a noite será todinha nossa.

— Você não faz ideia do quanto eu estou faminta — digo e nem um de nós pode negar o duplo sentido das minhas palavras.

Após jantarmos, o nosso pequeno não custa muito a dormir. Nós o levamos para a cama e de lá saímos aos amassos para o nosso quarto. Como nem sempre temos a oportunidade de ficar juntos quando a vontade bate, a nossa fome é maior e isso reflete no nosso sexo. Nos gritos mais altos, no som dos nossos gemidos e nas suas arremetidas mais duras. Quando começa a usar a mão e o chicote, o faz com mais força do que antes, porque agora já sabe até onde pode ir. Os outros objetos sexuais também são menos básicos e, a cada novidade apresentada, mais quentes as coisas ficam entre nós dois.

Por volta das 3h da madrugada, quando tombamos sem forças, ainda falamos sobre como os dias que faltam para o casamento parecem longos, quando tudo o que queremos é ficarmos juntos sem ter hora para acabar. Dividir o guarda-roupa, dormir e acordar todos os dias na mesma cama.

Quando ele pega no sono, pela primeira vez antes de mim, fico observando o seu rosto, em como parece sereno. Depois da sua volta, meu leão só sofreu com pesadelos duas vezes: uma eu estava do seu lado na cama

e em outra ele estava sozinho. Soube lidar bem com lembranças do passado nas duas ocasiões e as noites insones ou povoadas por sonhos ruins parecem pertencer a um passado distante.

O meu leão, não mais ferido, mudou muito desde o dia em que nos conhecemos, mas ainda assim é o mesmo, só que agora sem todos os traumas do passado cegando-o e eu mal posso esperar pelo nosso dia.

Capítulo 64



Estão todos reunidos aqui na praça, que de tão linda está irreconhecível. Pessoas que amo, pessoas que ela ama e moradores da Vila das flores, onde crescemos e vivemos a nossa história do início até o dia de hoje. Tudo começou no campo de rosas, como não podíamos nos casar lá, o trouxemos para a praça. São muitas rosas e girassóis por todos os lados. Duas fileiras de cadeiras de madeira branca e um altar com o teto de girassóis para o padre.

O nosso roseiral é o cenário da nossa união e nem sei se o meu passarinho tinha ideia de que ficaria tão perfeito quando pensou nisso. Nunca

me senti tão *eu* como acontece quando estou no roseiral, sei que com ela acontece o mesmo e deve ser por isso que o meu coração parece estar queimando de felicidade, amor e ansiedade para tocar na minha garota das flores. Colocar o meu anel no seu dedo e dizer para o mundo que ela é minha mulher em todos os sentidos. Sempre foi e será muito mais agora.

Fico emocionado quando olho para a primeira fileira de cadeiras do lado esquerdo e vejo o meu pequeno nos braços do seu avô materno.

No dia em que a Ariella sugeriu que eu enviasse o convite como forma de dar o primeiro passo e zerar de vez essa uma história, não pensei que eles fossem vir, não depois de terem ignorado a existência do neto desde a morte da filha, e foi com surpresa que os recebi há algumas horas na fazenda. Falamos sobre o passado, mas sei que ainda temos um longo caminho pela frente, se quiserem participar da vida do Alex.

Ambos adoraram o meu passarinho logo de cara e por sua causa eles se sentem bem mais à vontade na minha presença, o que é uma loucura, já que se trata da quase esposa do viúvo da filha deles. Mas são coisas que só a minha Ella consegue fazer e para as quais não existem explicações.

— Nervoso? — Tony se aproxima do meu lado no altar e questiona o que está na cara.

— Tenho a impressão de que ela está duas horas atrasada e que

não aparecerá. Também tem o medo irracional de que ela tenha mudado de ideia e caído na real de que é jovem demais para se casar. Está bom para você?

— Aquela garota te ama e ela *não vir* não é uma possibilidade. Já até me vejo com mais um sobrinho nos braços muito em breve. — Tony fala de mim, mas não lembro de tê-lo visto tão contente como agora que está de caso com a Bia, que é jovem demais para os seus 38 anos.

— Se eu estiver vivo até lá, não é mesmo? Cadê a garota que não vem? Quando eu a pegar, ficará dias sem conseguir se sentar.

— Por quê?

— Volte para o seu lugar e me deixe em paz. — Com um sorriso provocativo, ele dá só três passos para o meu lado. É o padrinho e eu não poderia ter pensado em outra pessoa que não fosse ele, que sempre esteve do meu lado como só um verdadeiro amigo faria.

Mais cinco minutos se passam até que ouço a música instrumental que anuncia a chegada do meu anjo. Com o sol refletindo nos seus cabelos, que parecem mais vermelhos quando em contato com a luz, bebo de cada detalhe da sua beleza.

Perfeita!

Minha!

Os meus pensamentos gritam a cada pequeno passo dado ao meu encontro de braços dados com o seu velho. Ariella, o meu passarinho, vem para mim, para os meus braços de onde nunca mais pretendo deixá-la sair. Ou melhor, ela não vai querer sair, porque o objetivo da minha vida será fazê-la feliz, como me mostrou que posso ser quando me salvou.



Sempre fui *ogra* demais para me imaginar como uma dessas princesas de conto de fadas, mas é exatamente como uma que eu me sinto ao fim da tarde de um dia de sábado. Caminhando em direção ao homem que sempre amei, para o resto das nossas vidas.

Os meus cabelos longos estão soltos e na minha cabeça existe uma perfeita tiara de flores naturais. Rosas brancas, a minha flor preferida. O vestido é tomara que caia, liso do busto até a cintura e com alguns drapeados pelo comprimento da saia. Como não faz o estilo do casamento e nem o meu, ele não é rodado, apenas levemente cheio. Surpreendo-me a decoração da

praça e de como ela lembra tanto o roseiral. Mas não poderia ser diferente, não quando foi lá que tudo começou.

Ele está lindo com o seu terno escuro, sua característica barba e o cabelo liso jogado para o lado. Os seus olhos não se inibem de me observar de cima a baixo e o sorriso no final diz que tudo que vivemos para chegar até aqui valeu a pena.

Eu queria correr, mas faço como o esperado e lentamente vou até o meu leão ogro. Quando o meu avô entrega a minha mão a ele, Diego diz algo no seu ouvido que preciso me lembrar de perguntar do que se trata depois. Olho para o lado e vejo o meu filho com a roupa igual à do pai, mando um beijo, ele assopra outro com a mãozinha e então tudo parece perfeito. Quando os meus olhos encontram os do Diego, sinto como se não existisse mais ninguém além de nós dois no mundo.

O padre faz o sermão que passa como um borrão e a surpresa fica para o momento das alianças. Sozinho como um homenzinho, o meu pequeno caminha com uma almofadinha nas mãos e eu começo a ter dificuldade para não borrar a maquiagem.

Quando ele chega ao nosso lado, Diego se agacha e o pega nos braços. Retira a minha aliança e então começa os seus votos.

— Eu acho que já falei e demonstrei inúmeras vezes tudo o que

você significa para mim, mas se pudesse resumir em uma única frase, diria que você é o coração que pulsa dentro do meu peito. Não existe nada mais precioso para mim do que a nossa família e meu amor por você. Eu e o nosso filho estamos felizes em ter você em nossas vidas. Eu te amo.

— Amo você... mamãe — olhando para o pai, diz as palavras que certamente foram ensaiadas.

Estendo a mão e o meu marido coloca a aliança de ouro, depositando um beijo em cima dela. Ela é todo lisa por fora e a única particularidade é o símbolo do infinito entrelaçando os nossos nomes na parte de dentro.

— Um dia eu te senti e por anos eu esperei pela sua volta. Algo em mim dizia que voltaria para mim. Tornou a minha vida mais feliz, me apresentou o significado de amar sem medidas. Eu valorizo e sempre valorizarei você e a nossa família, Diego Estrada. Eu te amo. — Coloco a aliança no seu dedo e beijo em cima dela, imitando o seu gesto.

— Eu vos declaro casados. Bom, acho que não preciso dizer que o noivo pode... — Antes que o padre conclua a frase e sob forte aplausos, meu marido enlaça a minha cintura, me beija e só terminamos quando Alex começa a protestar nos seus braços.

— Vá com a bisá Ester, meu amor. Mamãe e papai têm algumas

coisas importantes para fazer. — Ligeiro, Alex obedece e logo se vê do jeito que gosta: rodeado de pessoas que o adoram.

Enquanto passamos pelo corredor, pétalas são jogadas em cima das nossas cabeças e o perfume delas me transporta para lembranças felizes, onde tudo começou, onde fizemos amor embaixo de chuva, no mesmo lugar onde fui pedida em casamento.

Por algum tempo recebemos alguns cumprimentos, mas logo vamos para a fazenda, onde será realizada a recepção. O pátio foi preparado para receber os convidados, mas tenho para mim que o meu amor tem outros planos, depois de ter ficado míseros cinco dias sem sexo, quando o máximo que ficamos são os três dias do meu período menstrual. Ficar sem sexo foi uma ideia que eu tirei do *Google* quando estava pesquisando sobre lua de mel. Se está no Google é porque é verdade e por isso acreditei quando li que ficar separado uns dias antes da noite de núpcias ajuda a apimentar a relação.

Não que a nossa precise de tempero, mas colocar um pouquinho a mais não faz mal a ninguém.



— Eita que isso aqui está lindo, amiga. — Bia se aproxima depois de se desgrudar do *Armário*. — Todas essas flores, parece mais com o cenário de um filme. Ou melhor, um conto de fadas. — O pátio da mansão seguiu o estilo da praça e flores enfeitam até mesmo o chafariz no início de noite. Mesas e cadeiras foram colocadas por todos os lados e já começam a ser ocupadas pelos convidados que não param de chegar.

— Não posso imaginar qual seria.

— Não serei eu a contar. No dia que descobrir me diga. — Pisca para mim, mas realmente não faço ideia de qual seja.

— Vai mesmo para o Rio?

— Só passear. Gosto muito do Tony, mas o meu lugar é aqui.

— Mas acho que não será um problema, ele também parece gostar muito de Santa Rita. Já percebeu que não pode ficar por muito tempo sem aparecer?

— Ainda bem. Não posso ficar muito tempo longe do seu...

— Informação demais. — A garota abre o sorriso, beija o meu rosto e vai se atracar novamente com o homem mais velho e que parece bem mais leve ao lado da minha amiga. Na verdade, todos parecem bem com o

relacionamento que começou de maneira inusitada, até mesmo os seus pais.

Bia me disse que ele se aproximou dela nos meses em que Diego estava fora. Queria saber coisas ao meu respeito, porque sabia que se perguntasse diretamente a mim eu o colocaria para correr em dois tempos. No papo de falar de mim que logo se mostrou uma desculpa, ela acabou enrolando o homem no seu charme e hoje estão aí, juntos para qualquer um ver. Ainda não sei quão séria é a relação deles, mas torço para que dê certo, pois é nítido que combinam, apesar diferenças.

— O que passa por essa cabecinha? — Meu leão abraça-me por trás e só agora me dou conta de que senti a sua falta nos minutos em que ficamos afastados.

Bem-vinda à vida de recém-casada!

— Sentia sua falta.

— E eu sinto a sua há cinco dias. O que acha de adiantarmos esse jantar e partir logo bolo? Quem sabe assim a festa não acaba de uma vez?

— Bom plano, amor. — Viro-me em seus braços e o beijo.

Bom, a boa ideia não passa disso. Ficamos por horas comemorando o nosso casamento com os nossos amigos, quando tudo o que queremos é comemorar a nós. Entre receber mais cumprimentos e tirar fotos

— algo que ele não gosta de fazer — mal temos tempo de ficarmos por mais do que alguns segundos sozinhos. Perto das 11h, quando o último convidado vai embora, já estamos mortos de cansaço.

Eu tinha a intenção de colocar uma camisola sexy, comprada especialmente para a nossa noite de núpcias, mas que terá de ficar para amanhã, porque nós mal tomamos banho, deitamos pelados mesmo e a minha última lembrança é de adormecer com a cabeça no seu peito, após um longo beijo. Dormimos cansados, mas felizes por enfim termos nos tornado marido e mulher.



No meu sonho, eu conheci uma garota alegre e de longos cabelos vermelhos. Ficamos loucos de paixão e acabamos casados, como se algo assim fosse possível com a vida que levo e quando não se tem um coração. Então, de repente, desperto e estou deitado de costas na minha cama na fazenda. A garota está nua e tem o corpo muito bonito. Está de quatro e com a boca no meu pau.

Hum, finalmente um sonho erótico depois de tantos sonhos ruins. Porra! E que boca gostosa a minha mulher tem. Ela engole o meu pau até o fim, o chupa com avidez, como se fosse um saboroso pirulito. Quando sinto que estou prestes a gozar na boca aveludada, os meus olhos começam a se abrir e então percebo que não era um sonho.

— Acordou, amor? Estava ficando cansada de ter que fazer todo o trabalho sozinha. — Com o peso do tronco apoiado nos cotovelos, levanto-me ainda zozinho, para vê-la melhor.

De cara, além da sua boca em volta do meu cacete duro, observo

os seios por baixo do decote da camisola de seda vermelha. Uma que eu ainda não tinha visto e certamente foi comprada para a nossa noite de núpcias que não aconteceu.

— E você? Pelo visto acordou faminta — digo, puxo-a pelos braços e a jogo deitada de costas na cama. Inverto as nossas posições e assim consigo ver melhor a sua vestimenta.

Vermelha, toda trabalhada em seda e renda, o tecido mal chega ao início das suas coxas, e a safada nem mesmo usa uma calcinha. O sutiã também foi dispensado, o que me dá a deliciosa visão dos biquinhos dos seus seios excitados.

— Nada como a primeira manhã casado com uma delícia como você.

— Delícia? Que coisas mais brega, senhor Estrada.

— Coisas que só você faz comigo, senhora Ariella Estrada. — Ajeito-me sobre o seu corpo, toco no seu sexo, que está pronto para mim, e então a penetro.

— Bela forma de iniciar o dia... — fala e a respiração está incerta por sentir os movimentos circulares que faço com o cacete em seu sexo apertado.

— Não era isso que você queria quando me acordou com uma

chupada que sugava até o meu espírito? — Os movimentos começam bem lentos, como acontece quando quero fazê-la implorar para que a foda com força.

— Era — admite, tentando forçar as penetrações com as unhas cravadas na minha bunda.

— Então você terá o seu almejado sexo como dona de mim e de tudo o que me pertence, gostosa.



Até metade da manhã ficamos namorando, felizes no nosso mundo particular e sabendo que o nosso filho está bem com os seus bisavós. Embora não quiséssemos abusar, foram eles que sugeriram ficar com o pequeno depois da festa de casamento. Eles, apesar da idade, entendem do que um casal precisa quando acaba de se casar.

Quando começamos a falar sobre lua de mel, minha mulher logo se apressou em dizer que não precisava me preocupar, mas é óbvio que me preocupei. Ella merece o melhor e não seria deixando-a sem uma viagem de lua de mel que faria isso. Passamos alguns dias na cama discutindo para onde

iríamos e acabamos decidindo que a nossa primeira viagem seria para alguma região do nosso país, que tem lugares espetaculares.

Acabamos escolhendo ir para o Pernambuco, mais especificamente para Fernando de Noronha, já que ela disse que queria ir à praia. Com suas ilhas e águas límpidas, o lugar é o próprio paraíso na terra e eu mal posso esperar para ver a cara do meu passarinho quando pisar naquelas areias brancas.

Já estive em Noronha em outras ocasiões, mas com certeza não foi tão bom quanto será agora que irei com a mulher da minha vida. Também nunca foi tão enlouquecedor como será agora que terei que ver a minha mulher com biquínis pequenos. Ella foi às compras alguns dias atrás e me mostrou com empolgação os itens para a viagem. Protestei contra cada biquíni que fará os marmanjos cobiçarem o que é meu. Eu a proibi de usar, mas ela respondeu que o corpo era dela e que vestia o que quisesse, inclusive roupas de banho que me deixariam morrendo de ciúme. Safada, ela usou a crise de ciúmes como desculpa para o sexo, dizendo que ele me deixava calminho. Não que eu precise de alguma desculpa para estar o tempo todo em cima dela.

Para nós dois, ir sem o nosso filho não era uma possibilidade. Eu e ela somos muito apegados a ele para sairmos para nos divertir e deixá-lo. O

problema foi quando compartilhamos da nossa decisão com outras pessoas. Ninguém apoiou e no fim nos fizeram ver que não estávamos saindo para uma viagem qualquer, mas para a nossa lua de mal. Viagem para dois, para curtirmos os primeiros dias de casados. Planejamos ficar fora somente uma semana e o pequeno ficará com os avós e com a babá quando não estiver na creche e nos períodos em que dona Ester estiver na sede cozinhando para os trabalhadores.

Ella está tão empolgada que não há nada mais fascinante para mim atualmente do que a ver de um lado para o outro, arrumando tudo o que pretende levar.

— Vai ficar aí deitado? Amor, nós vamos perder o voo!

— Não vamos, não. Venha aqui e seja uma esposa comportada.

— Deitado na cama no meio de um monte de malas, tento puxá-la pelo braço, mas o passarinho é mais ligeiro e foge. — Só mais uma vez. Pensei que me casar com você me daria mais liberdade para te foder o tempo todo — reclamo, sem, no entanto, falar sério.

— Mais? — Arqueia a sobancelha enquanto dobra uma peça de roupa e coloca na mala. A minha eu fiz em no máximo uma hora, o que me dá tempo para atormentá-la enquanto faz a sua, que parece interminável.

— Nunca é o suficiente.

— Mas terá que ser por enquanto.

— No banheiro do avião?

— Você sempre pode tentar... — Joga um beijo e uma piscadela e eu não tenho dúvida de que a foda no banheiro do avião está garantida.



Eu a vejo saindo no mar e ajustando o biquíni pequeno e vermelho, combinando com o tom do seu cabelo liso e longo, que fica ainda mais avermelhado com a luz do sol refletindo sobre ele. A imagem por si só me deixaria duro de tesão, o problema dessa cena aqui é que junto vem a tensão do ciúme, da possessividade que faz com que eu me arrependa de não ter optado por uma praia mais vazia.

Sem perder tempo, saio pela areia para encontrá-la no meio do caminho, toda molhada e gostosa. Eu a agarro quando a alcanço e beijo sua boca até que o ar nos falte.

— Acho que tem alguém aqui morrendo de ciúme — diz e tem um sorriso sacana no rosto. Ella não dá nenhum motivo, mas ama saber que

tem esse poder sobre mim, porque se sente da mesma forma a meu respeito, embora eu não perceba toda a atenção que desperto nas mulheres, como ela diz.

— Você desperta isso em mim. Só você — revelo, pois não lembro de alguma vez ter me sentido tão possessivo.

— Porque você me ama.

— É mais do que amar. É uma necessidade básica como respirar — declaro o que uma palavra tão pequena não pode expressar. Quando os lábios se tocam mais uma vez, é como se o mundo deixasse de existir. Sem possessividade e nem ciúme, só eu e ela felizes com a nossa vida de recém-casados.

— Vamos para o quarto? — chamo quando a temperatura entre os nossos corpos fica mais quente que o sol sobre as nossas cabeças.

— Não precisa nem convidar duas vezes, meu leão.

Ella ousa morder o meu lábio inferior, dando uma dica do que quer pelo resto do dia. Para a sua sorte — e minha também — eu vim preparado para a *festa* que gostamos de fazer.

Pelos dias que se seguem minha mulher e eu aproveitamos o nosso tempo para curtirmos a vida a dois, sem nos preocuparmos com nada além da nossa própria felicidade. Acabo indo com ela para uma ilha

particular e então minha gostosinha pode usar os menores biquínis possíveis e eu estarei bem com isso, já que o espetáculo será somente para os meus olhos.

— Você está feliz de verdade? — minha esposa pergunta quando estamos deitados de mãos dadas na areia, depois de termos saindo de um banho de mar na noite sem estrelas, tendo apenas a lua como nossa companhia.

— Desde o primeiro dia em que te vi. Hoje eu mal me lembro dos longos anos em que não fui mais do que a sombra de um homem. Você me salvou de mim mesmo, amor, e eu te farei feliz pelo resto dos meus dias como forma de agradecimento e, sobretudo, porque não posso imaginar um destino melhor do que esse. Amo você, passarinho.

— Se pudesse voltar atrás, eu faria de novo, só para viver toda a nossa história muitas e muitas vezes. Me apaixonar por você todos os dias, como se fosse a primeira vez. O primeiro beijo, a primeira vez em que fizemos amor e quando ouvi a voz do nosso pequeno.

— Talvez esse seu desejo se realize mais rápido do que imagina — digo e, esperta como é, minha mulher vem, literalmente, para cima de mim cheia de perguntas curiosas.

— Explique isso melhor.

— Não sei se devo.

— Diego...

— Talvez eu diga se você chupar o meu pau e depois sentar em mim — provoco, estapeio a sua bunda e ela fica por alguns segundos longe, como se estivesse considerando a possibilidade.

Mas é claro que não está. Não seria minha Ariella se estivesse.

— Está tentando pagar por sexo?

— Sim.

— Tudo bem, já faço isso o tempo todo de graça mesmo.

Fazemos sexo na areia, mas obviamente não conto a surpresa que tenho para ela. Quero que se surpreenda de verdade e que seja inesquecível, assim como foi cada passo da nossa jornada até aqui.



Epílogo



SANTA RITA, UM ANO MAIS TARDE...

— E então, como foi que o meu amor acordou hoje? Está se sentindo bem? — Meu marido distribui beijos pelas minhas costas e as cócegas que a sua barba faz me deixam com vontade de ronronar, como faz o Ferinha quando Alex faz carinho na sua barriga.

— Estou. Eu acho.

— Como assim você acha? Amor, não é o momento de fazer brincadeiras. Mexa-se para que eu te veja. — Do seu jeito mandão de sempre, pede e eu, como não estou no melhor dos humores para provocá-lo, obedeço.

Nua sobre a nossa cama, deito-me de frente. Estou toda descabelada, usando apenas uma de suas camisas e meu leão me olha como se eu estivesse linda, arrumada para uma festa.

— Parece melhor, mas eu ainda estou preocupado, passarinho — diz.

A sua preocupação é única e exclusivamente por causa dos enjoos e crises de vômitos que tenho tido na última semana. A cada pedido seu para que eu vá a um médico, invento uma desculpa qualquer, amenizo a situação, mas agora parece que ele já não está mais tão disposto a aceitar a minha resistência.

Além de odiar hospital, também não acho que seja nada demais.

— Não vou ao médico — falo.

— Você vai sim e isso não é um pedido. — A ordem vem acompanhada de um tapinha na minha perna, que não faz nem cócegas, perto do que é capaz quando estamos nos nossos momentos de puro tesão. — Faço muitas concessões para você, mas com a sua saúde isso não irá acontecer. Não estou disposto a te perder — fala e não faz cerimônia em levantar a

camisa até a altura do meu pescoço e analisar todo o meu corpo à procura de algo diferente.

Diego me conhece tanto que é capaz de descobrir o meu problema só de olhar.

— Perder? Não seja exagerado, homem — retruco, mas meu marido tem toda a atenção no meu corpo.

Passa a mãozona pela minha barriga, mas a sua inspeção me faz sentir coisas que passam bem distantes da sua preocupação. Mas quem pode me julgar se, em um ano de casamento, ele poucas vezes deixou de me acordou com a sua fome que nunca diminui?

— Está tudo bem aqui?

— Sim — digo.

Ele está tão sério que acho até fofo a sua cara de concentração. Um ano de casados e Diego continua sendo a minha melhor escolha. Ainda é o mesmo homem que conheci e por quem me apaixonei sem perceber. Mas ele também é aquele homem que decidiu tentar, que acreditou que o nosso amor era forte demais e valia a pena.

É amoroso e atencioso comigo e o nosso filho. Sempre está presente quando precisamos e até mesmo as pessoas da vila o enxergam com o mesmo carinho que faziam com o seu pai. Claro que o meu amor não é tão

comunicativo como o pai foi, mas o cuidado que tem com os trabalhares e o valor que dá a cada um deles é constantemente reconhecido.

Ele ama tanto tudo o que diz respeito à fazenda, aos seus cavalos e à criação de gado, que eu ainda não consigo entender como ele foi para tão longe, como pôde um dia deixar para trás tudo o que o representa. No que diz respeito ao campo de flores, deixa que eu interfira em todos os processos, desde o plantio, colhimento e até mesmo a venda. Adoro estar mais perto das minhas flores e para ele é natural que eu queira sempre estar estudando para aprender mais sobre o assunto.

O emprego na floricultura não durou depois da sua volta e as vendas na praça acabaram, algo de que senti falta no início, mas logo me acostumei quando me dei conta de que estaria muito mais perto das minhas flores do que antes.

Desde antes do casamento, o meu leão tem se dedicado a um projeto secreto, tanto que não me deixa nem chegar perto do seu notebook quando está no escritório. A minha curiosidade é tanta que até as unhas estou roendo, só não está maior porque, de qualquer forma, saberei o que está aprontando quando o bendito for lançado.

— Não acredito que está querendo dormir de novo, passarinho. Você acabou de acordar, mulher! — espantado, ele afirma. — Que sono

esse?

— Eu não sei.

Diego está certo, nos últimos tempos tenho dormido mais do que o normal. Sempre fui de acordar cedo, em algumas vezes até antes dele, mas agora só faço com custo e quando o meu lenhador começa com as suas saliências, porque se o meu sono é grande, o meu tédio por ele é maior.

Sempre fui louca por Diego, mas já tem uns dias que estou olhando para o homem com se ele fosse um grande pedaço de chocolate que eu quero lambar pedacinho por pedacinho. Diego está muito satisfeito com essa nova fase do passarinho obcecado pelo leão e só falta expulsar quem aparece no nosso caminho quando estamos nos pegando pela fazenda.

— Vamos ver como estão os meus gêmeos preferidos.

— Já não era sem tempo. — Ofego quando as duas mãos se fecham nos meus seios.

— Eles parecem mais cheios, amor.

— Não estão. Não engordei.

— Acho que já olhei bastante para eles e posso dizer quando estão diferentes. — Continua a tocar e está tão gostoso...

— Ai!

— O que foi, linda? Machuquei você? — Alarmado, para e sente mais perto de mim.

— Não sei, estão sensíveis e só agora, quando tocou os mamilos, senti o quanto estão doloridos...

Mal termino de falar e ele pula longe, mas tanto que vai parar perto da janela. Assustada com a sua reação, sento-me com as costas apoiadas na cabeceira, limpo discretamente os cantos dos meus olhos e prendo o cabelo.

— Foi algo que eu falei? — indago, vendo-o mais pálido do que uma folha de papel em branco.

— Amor, você....

— Eu?

— Está...

— Estou?

— Grávida!

Quando diz a última palavra com tanta certeza, o baque é tão grande que agora sou eu quem está com o rosto sem cor.

Eu, grávida? Mas isso não é possível!

Quer dizer, é possível sim. Parei de tomar anticoncepcional no

último mês, depois que começamos a falar muito sobre termos um filho, mas antes já tínhamos nos descuidado e não tinha acontecido nada, o que nos fez pensar que talvez não fosse acontecer tão rápido.

— Mas eu... Você está bem com isso, Diego? — Mesmo sabendo da resposta, não posso evitar a insegurança.

— Não era isso que queríamos, dar um irmãozinho para o nosso Alex?

O nosso amor está tão esperto com quase 4 anos de idade, tão cheio de energia e inteligente. Somos felizes e Alex é como a cereja do bolo que completa a nossa felicidade.

— Queríamos sim...

Quando o susto passa, começo a chorar como um bebê e então o meu marido sai do seu transe e vem me abraçar. Quando se separa de mim, deita-me com cuidado de costas na cama e começa a beijar a minha barriga. Beija-me por todos os lados e termina no canto da minha boca. Olhando nos meus olhos, faz a declaração que me deixa ainda mais chorosa. O bom é que agora poderei usar a gravidez como desculpa para algumas coisas, como, por exemplo, o fato de eu ser uma chorona.

— Hoje você me faz mais uma vez o homem mais feliz do mundo. Faz isso todos os dias apenas por poder olhar para você. Saber que é

minha é tudo o que me importa nessa vida. O nosso filho será mais uma prova do nosso amor, assim como é com o Alex, que nos uniu quando tudo o eu queria era me esconder do mundo.

— Você me ama mesmo?

— Que pergunta é essa? — pergunta, tenso, com o corpo pairando o meu.

— Quero que me ame agora. Necessito de você.

— Hormônios? — Arqueia a sobrancelha quando tira a camisa. Só agora me dou conta de que estava todo vestido, enquanto eu tinha a camisa toda enrolada e nua.

— Vou amar usar essa desculpa para o fato de querer pular em cima de você sempre que estivermos no mesmo recinto.

— Mas eu sei que você é uma safada, Ella. Pensa que engana quem?

Em cima de mim, meu marido lindo se ajeita entre as minhas pernas, mas parece que o nosso filho tem um alarme para vir até nós quando o clima começa a esquentar.

— Mamãe — a voz infantil chama e, pela segunda vez em poucos minutos, sinto o corpo do meu leão me deixar.

— Oi, papai. Mamãe está doente? — questiona, em sua inocência de criança, e olho para o meu amor, desafiando-o a sair dessa. — O que foi, passarinho? — Alex aprendeu a usar o apelido que o pai me deu e fico para explodir de amor quando ele me chama assim.

— Por que acha que mamãe está doente?

— Estava assim, oh. — Sobe em cima da cama e só não pula em cima de mim porque o pai o segura a tempo e o coloca nas suas pernas.

Já sentada e com a camisa em seu devido lugar, tenho os meus dois amores ao meu lado e não sei se poderia pedir mais do que tenho agora. Acredito que agradecer todos os dias pela sorte que tenho seria o mínimo.

— Seu passarinho está bem, campeão, mas eu tenho uma coisa para te contar.

— Alex quer saber — diz, cheio de expectativa.

— O que acha de ter um irmãozinho ou irmãzinha para brincar com você? Você quer?

— Quero, papai. Você vai me dar um de presente?

— É a mamãe quem vai dar. — Feliz, meu menino bonito pula do colo do pai e vem me abraçar.

— Te amo, passarinho — fala com a sua vozinha infantil e mais

lágrimas enchem os meus olhos. Amo tanto essa criança, como se tivesse nascido de mim. Eu nem tinha pensado sobre ter filhos algum dia, quando ele me ensinou o que era o amor de mãe. — Vamos na loja pegar o meu irmão, papai?

— Você terá que esperar um pouco, meu amor. Pode fazer isso?

— Alex pode. — Ele está tão feliz que não posso deixar de imaginar a reação das outras pessoas próximas a nós.

Diego se aproxima, nos envolve em seus braços e eu me sinto bem. Não poderia estar em outro lugar que não fosse com a minha família.

Ao saberem da notícia, os meus avós ficam exultantes, porque eles eram quem mais fazia coro com o povo da vila com perguntas de quando encomendaríamos um irmão para o Alex. Além deles, tem o casal mais improvável que deu muito certo, Bia e Tony. Eles, que foram padrinhos do nosso casamento, esperam ser padrinhos do nosso filho e, para nos provocar, até os nomes já estavam escolhendo, os piores possíveis, é claro.



Não a vejo desde cedo, quando me levantei, fui ao escritório pegar a encomenda que havia acabado de chegar e a levei para o nosso quarto. Coloquei do lado onde durmo e agora, no início da noite, a minha mulher ainda não saiu do quarto. Imagino o que esteve fazendo durante todo o dia, mas já estou a ponto de ir até ela para perguntar o que achou da minha surpresa.

Foram meses e meses me dedicando a externar tudo o que sinto, o que foi e o que é o nosso amor. Enquanto o fazia, revivi cada pequena emoção e angústia. Apaixonei-me uma e outra vez pelo meu passarinho, como no nosso primeiro encontro.

— Diego. — A sua voz invade o meu escritório, porque a minha Ella foi mais corajosa do que eu e veio até mim. — Como você fez isso? Quer me matar? — Eu a olho dos pés à cabeça, sentindo-me completamente extasiado com a visão da sua barriga de cinco meses começando a despontar.

O meu passinho está tão lindo que é difícil segurar o impulso de trancá-la em casa, só para a apreciação dos meus olhos. Mas a realidade é que ela continua trabalhando no campo e eu fico me questionando se ela não percebe que não é um dos peões. Diz que não está doente para ficar só deitada como eu queria, e não faço nada além de ficar de olho para que não abuse.

— Você está linda — elogio quando fica bem perto de mim.

— Lindo foi esse livro que você escreveu, amor. Eu não consegui parar de lê-lo o dia inteiro.

— Terminou?

— Infelizmente, sim. Se possível, estou mais apaixonada por você do que estava quando acordei pela manhã.

— Foi o que senti enquanto escrevia. A cada linha, revivi as emoções e o meu amor por você só aumentou. — Tiro o livro de suas mãos e o coloco sobre a mesa. — Lembra quando disse que gostaria de reviver a nossa história na nossa lua de mel? Agora você poderá fazer isso quantas vezes quiser, sempre que a saudade bater.

— Você não existe. Duvido que algum dia eu receba um presente tão especial quanto esse, Diego. — Na ponta dos pés e com os braços em volta do meu pescoço, beija-me com carinho, sem pressa e eu posso sentir a enormidade do amor que nos une. Quando sinto o gosto salgado das suas lágrimas, com calma termino o beijo para que fale comigo. — Já disse que te amo hoje?

— Ainda não — falo ao beijar suas pálpebras.

— Eu te amo, leão.

— Mais do que tudo, minha garota das flores — completo.



*Alguns dias depois de ter sido lido pela principal inspiração do autor, o romance **As marcas que você deixou em mim** foi lançado e já se tornou mais um sucesso do já consagrado romancista Ângelo D'Ávila. Além de uma história com uma pegada mais sexy que faz as páginas do livro pegarem fogo, segundo palavras de leitores, a obra é mais do que uma história de amor. Ele fala de um homem ferido, mas que foi capaz de vencer todos os seus medos em nome da paixão por uma bela garota. Intenso e tocante, **As marcas que você deixou em mim** é um livro que merece ser lido.*

— Você merece todo esse sucesso, Diego. — Deitados na rede na varanda da nossa casa, ouço o seu elogio, mas estou mais preocupado em acariciar a sua barriga de seis meses de gravidez.

— Nós merecemos, porque fomos nós que vivemos essa história, passarinho. Não esqueça disso. Você é minha maior inspiração e não tenho dúvidas de que todos os meus livros a partir de agora serão perfeitos —

afirmo e Ariella, fogosa demais, mexe-se até ficar por cima de mim no espaço apertado da rede.

Os seus lábios tocam os meus e, outra vez, sinto que a minha vida começa e termina em seus braços. Eu a toco com carinho, cuidado e amor, da forma como fez comigo. Eu a toco para marcá-la, da mesma forma como fez comigo. Marcas profundas na alma. De cura, renascimento e que nada pode apagar, nem mesmo a morte, porque, quando acontecer, a minha alma lembrará da primeira e de todas as vezes em que foi curada por um anjo.



Quando o nosso segundo filho chegou, muito se comentou que era o bebê mais lindo que já havia nascido nas terras de Santa Rita. A Vila das Flores ficou em festa com a chegada do pequeno Luiz Estrada, nome dado em homenagem ao meu pai. Com os nossos dois filhos, não somos capazes de esconder de ninguém o quanto somos apaixonados um pelo outro. Se contos de fadas existissem, a nossa história de amor seria um exemplo perfeito de um, mas contos de fadas não existem?

Ou será que existem?

FIM



Bônus

Tony e Bia

Desde sempre, eu a vi andando de um lado para o outro com os seus cabelos escuros ao vento, agindo como se o mundo fosse dela e nada importasse. No começo, eu só a olhava e achava engraçadinha, mas logo o interesse se intensificou. Paro de vê-la como uma menina, para enxergá-la como uma mulher de corpo perfeito.

Quando a oportunidade apareceu, fugi do Rio para o lugar onde a realidade é bem diferente e era tudo do que eu estava precisando. Um pouco de paz, longe do agito da cidade e do trabalho, que basicamente consiste em limpar as merdas de riquinhos inconsequentes.

Não esperava gostar tanto de Santa Rita e foi uma surpresa perceber que tinha muitas coisas a se fazer em uma fazenda como a do meu amigo, Diego Estrada, um homem cheio de problemas, mas que tem conseguido se reerguer desde que se apaixonou por um garota que é o seu total oposto. A linda e alegre Ella era tudo do que ele precisava e eu não

poderia estar mais feliz pelo meu amigo. O homem merece um pouco de alegria e eu já não sabia como fazê-lo enxergar que não tinha a culpa que acreditava ter em todas as merdas que aconteceram na sua vida.

Não vi como um problema o pedido para que ficasse de olho na sua mulher pelo tempo que precisaria ficar fora, cuidando-se para enfim se curar de tudo que o perturbava. Ficar em Santa Rita significava que poderia ver a garota se eu quisesse. Ela havia se tornado uma obsessão para mim e usá-la para saber coisas a respeito da Ella foi apenas uma desculpa que dei a mim mesmo para conseguir chegar perto.

Nem por um segundo Beatriz foi enganada a respeito do que pensava ser as minhas intenções para me aproximar. Sabia que queria falar sobre a sua amiga e decidiu jogar comigo. E que jogo delicioso. Eu perguntava e a garota leal só dava respostas vagas e sem importância. Fingia que não sabia o que eu queria e eu fingia que só queria investigar.

A cada encontro que não tinha nada de acidental na praça, Beatriz dava um jeito ser mais provocante. Sem medo da rejeição, se insinuava e eu, sem nem um escrúpulo, não me importava de ser velho demais para ela, que tinha acabado de fazer 18 anos. Para mim bastou a informação de que não era menor de idade para seguir os meus instintos sexuais com alguém que, apesar da pouca idade, demonstrava ter bastante

experiência com homens.

Começamos com um beijo atrás da loja de carnes e continuamos assim: beijos muito quentes pelos cantos da vila. Bia não parecia se preocupar em ser surpreendida e eu menos ainda. Quando já não dava mais para segurar, acabamos transando no quarto que eu ocupava na fazenda. Quando meti pela primeira vez, não pude acreditar que estava com uma virgem. Ela era tão safada, como poderia ainda ser virgem?

Mas a verdade é que era e eu não pude me conter. Continue a trepar com a moça e bem satisfeito de ser o primeiro. Já tinha transado com mulheres de todos os tipos e idades no clube do qual sou sócio, mas com uma virgem foi uma experiência inédita e muito gostosa.

Por um tempo — bem pouco, para ser sincero — acreditei que o meu vício na sua boceta apertada era justificado pela novidade de estar com uma garota tão jovem e a quem eu poderia ensinar muitas coisas, mas estava muito enganado. Durante alguns meses ficamos juntos sem assumirmos nada. Rótulos não existiam, apenas um casal transando sempre que tinha a oportunidade.

De uma forma como nunca imaginei que fosse acontecer, me vi desejando duas coisas: ficar em Santa Rita com mais frequência e ter mais certeza do que a novinha era para mim.

Depois do casamento dos nossos amigos, em que fomos padrinhos, acabei por me dar conta de que era muito mais do que tesão, que estava muito mais apaixonado do que queria admitir. Como poderia não estar, se fiquei meses com ela, quando nunca tinha saído mais do que três vezes com a mesma mulher? Era um solteirão convicto, mas a minha morena linda e jovem me fez sentir vontade de pendurar as chuteiras e foi o que fiz.

Não sai da minha cabeça a sua reação quando a levei com os olhos vendados para a casinha que havia comprado. A minha Bia ficou feliz porque para ela significava que eu ficaria por mais tempo em Santa Rita e não precisaríamos mais ficar pulando de cama em cama para ficarmos juntos. Mas feliz e emocionada mesmo ela ficou quando disse que a casa não era só para mim. Eu a pedi em namoro, chamei para morar comigo e ela não titubeou em aceitar.

Na sua casa, ela não teve dificuldade em falar para os pais que estava indo morar com o namorado antes de se casar, eles aceitaram numa boa, tanto que eu cheguei a achar bizarro. Os seus velhos, que não são tão mais velhos do que eu, são *good vibes* demais, o que me faz ter a impressão de que estão sempre dopados. Não é à toa que a minha moreninha se tornou tão dona de si.

— Sabia que você fica ainda mais gostoso quando está assim,

com esse ar pensativo, tio?

Eu estou no nosso quarto, desfazendo uma mala, depois de uma viagem de três dias para o Rio e acredito que a viagem ao passado seja por causa da saudade pelos poucos dias distantes da minha menina. A minha empresa de segurança privada e investigação particular continua sendo no Rio de Janeiro, vez ou outra preciso ir até lá e não é sempre que minha mulher está disposta a me acompanhar.

— Tio? Essa ereção enorme te faz pensar que sou o seu tio, sua atrevida? — Eu a pego entre os meus braços, esfrego-me nela como um desesperado e o sorriso divertido logo some do seu rosto.

— Parece que alguém aqui estava morrendo de saudade — diz quando a jogo na cama e caio por cima. Faço com cuidado, porque ela é muito pequena e delicada para alguém do meu porte físico.

As suas pernas macias me envolvem e sentir o calor da sua boceta contra o tecido torna ainda maior a satisfação de estar em casa.

— Estava louco de saudade de você, moreninha.

— E eu de você, meu gigante.

Quando ela me beija, sinto como se tivesse voltado a Santa Rita só para isso. Eu era um boêmio. Tinha mulheres aos meus pés e por muitos anos vivi e busquei isso. Em algum momento a mesmice do trabalho e

mulheres indo e vindo deixaram de ser suficientes, me vi precisando de novos ares, de ver gente nova. Aqui em Santa Rita eu conheci a minha Beatriz e então não precisei conhecer mais ninguém.

Minha menina trouxe o que parecia faltar e hoje, como acontece dia após dia nos vários meses em que passamos juntos, estou apaixonado, amando e sendo amado.

— Te amo, Beatriz.

— Te amo, Antônio.

Embora o que sentimos um pelo outro esteja claro, pela primeira vez, com os nossos corpos lânguidos e suados sobre a cama, usamos essas duas palavras para nos declararmos. Sei que será a primeira vez de muitas, que, como os nossos amigos e qualquer casal normal, seguiremos o caminho natural de casamento e filhos. Eu sei que ela está bem com isso.

O nosso romance é só mais um dos que devem ter nascido sob o céu de Santa Rita, um lugar que parece especialmente propício para o amor. Talvez a magia esteja nas flores.



Outros livros da autora



vendida para
GABRIEL

ELE NÃO PEDE, TOMA PARA SI.

Autora Best seller da Amazon
JOANE SILVA

SINOPSE

De uma família feliz e bem estruturada, Luana Aguiar viu o mundo à sua volta desmoronar quando perdeu a mãe. A garota então ficou aos cuidados do pai, um homem que não soube superar a perda da esposa e acabou se entregando a vícios que seriam a sua ruína. Vícios que o levaram a colocá-la nas mãos de Gabriel Souto, um homem impiedoso e sem coração, como muitos dizem. A fama de Daniel Souto o precede e, sem que tenha escolha, a jovem se vê presa ao seu mundo sombrio, cercada de mistérios e luxúria.

Gabriel Souto não pede, ele toma para si, esse é o seu lema de vida. Não seria diferente quando o assunto é o seu desejo de arranjar uma esposa para tornar-se um homem respeitado perante a alta sociedade, que não enxerga além do que quer ver. A oportunidade surge quando o tolo Júlio Aguiar faz a pior aposta da sua vida e entrega de bandeja exatamente o que ele estava procurando, poupando-lhe o trabalho de ir à caça.

Uma relação nascida do ódio, um desejo que não pode ser reprimido e um reencontro inesperado. Será que o amor conseguirá florescer em corações tão inóspitos?



Na batalha entre obrigação e desejo,
será a razão capaz de definir o que é
certo e errado?

O TUTOR

JOANE SILVA

SINOPSE

Marina sempre viveu uma vida perfeita, cercada de luxos e mimos. Até que, aos seus 17 anos, uma tragédia muda o rumo de sua vida: a perda de seu pai, único parente vivo e pessoa que ela mais ama, deixando-a desamparada e sozinha no mundo. E, para completar o pesadelo em que passa a viver, a garota se vê obrigada a viver sob a tutela de Erick Estevan, melhor amigo de seu pai, de quem guarda antigas e profundas mágoas.

Erick vê seu mundo inteiro virar do avesso com a chegada da filha de seu falecido melhor amigo aos seus cuidados. Tendo sua vida inteira planejada, a adição inesperada não seria um problema, se não fosse o doentio desejo que sente pela garota que viu crescer.

Marina é agora uma linda e proibida mulher, que assombra seus pensamentos e desperta sentimentos que o homem tanto luta para suprimir.

Na batalha entre obrigação e desejo, será a razão capaz de definir o que é certo e errado?



NÃO RESISTO A VOCÊ

spin-off do livro Best seller da amazon O Tutor

J O A N E S I L V A

SINOPSE

Bruno Pires tinha tudo o que poderia desejar, desde uma carreira brilhante, que alcançou o seu auge quando teve para si o título de melhor advogado criminalista do país, até a bela e desejável Carolina Guimarães, atriz e também a sua noiva. Um dia, todo o seu mundo vem abaixo quando um terrível acidente lhe tira tudo o que mais preza, principalmente a independência e capacidade para fazer as coisas mais básicas, dele restando apenas a sombra triste e amargurada do homem que um dia foi.

Linda e refinada como só um membro da família Albuquerque consegue ser, Ângela não é nada mais que uma mentira. Se aos olhos do mundo ela é a herdeira perfeita, no seu íntimo esconde segredos e carrega profundas feridas que nem mesmo o tempo foi capaz de curar.

Bruno e Ângela, almas quebradas que encontram na força de uma grande e irresistível paixão, razões para voltar a acreditar.



Dono do meu
PRAZER

TRILOGIA AMORES INESPERADOS - LIVRO 1

da mesma autora do livro Best seller da Amazon O Tutor

JOANE SILVA

SINOPSE

Cedo demais, Clara vê seu mundo destruído. Após a morte trágica dos seus pais, a garota descobre que a família estava completamente falida e que tinha somente alguns dias para deixar a casa em que vivia e foi vendida sem que ela soubesse.

Desesperada e sem rumo, a jovem mergulha no desconhecido mundo de acompanhantes de luxo, mesmo ainda sendo virgem. Sem imaginar que mais surpresas a esperam pelo caminho, a garota conhece Henry, o mais bem pago garoto de programa da cidade.

No auge de seus 34 anos, Henry tem o que pode ser considerada uma vida tranquila. No entanto, vê seu mundinho sair fora dos eixos ao conhecer a espreitada Clara.

Ela quer aprender. Ele está disposto a ensinar.

Em meio à paixão que surge sem que ninguém planeje, ele está prestes a descobrir que a menina mulher veio para incendiar tanto o seu corpo quanto o seu coração.



SINOPSE

Amanda Amorim é uma jovem romântica e inocente. Obediente e cautelosa, ela nunca fez nada de errado, é o orgulho da família e sonha em ter um casamento tão harmonioso quanto a relação dos seus pais.

Mas uma noite muda tudo e Amanda acaba entregando a sua inocência e o seu coração a um cafajeste sedutor que não se importa com seus sentimentos.

Saulo Moraes está decidido a não se apaixonar outra vez, mas essa convicção muda quando conhece Amanda. A garota o enlouquece com sua beleza angelical e o intriga com seu comportamento arredo, testando todos os seus limites.

O ar crepita quando eles estão juntos — seja de ódio ou de tesão — e o clima só piora quando Saulo descobre que a mulher que povoa seus sonhos agora é sua aluna e o que antes era apenas complicado se torna proibido.

Mesmo com o tabu, Saulo a quer e fará tudo para tê-la, enquanto Amanda tenta desprezá-lo, mas não consegue resistir ao desejo. Vivendo como cão e gato, eles vão descobrir que entre o amor e ódio existe uma linha

muito tênue.



Redes sociais

Wattpad: @JoaneSilvaS

Facebook: @anne.autora

Instagram: @joane_silva_autora